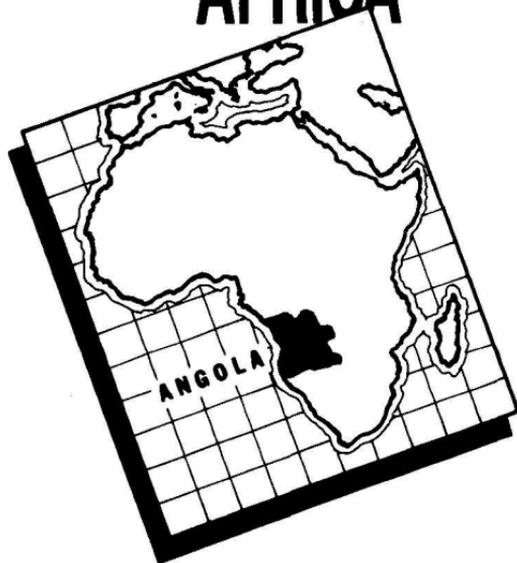


JONAS SAVIMBI

UMA CHAVE
PARA A
ÁFRICA



FRED BRIDGLAND

p&r
perspectivas & realidades

Título

Jonas Savimbi: Uma Chave para a África

Título original

Jonas Savimbi: a Key to Africa

Autor

© Fred Bridgland

Tradução

Cila Tavares da Veiga

Revisão

Lúcia Helena Reis
Higino Nunes

Capa

James Hutcheson

Edição

Perspectivas & Realidades
Rua Ruben A. Leitão, 4, 2.º, esq.º
1200 Lisboa - Telefs. 371371/2

Composição

V. J. — Fotocomposição, Lda.

Impressão e acabamento

Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Depósito legal n.º 21 903/88

DEDICATÓRIA

Para a Kathryn, que também compreendeu e sofreu, e a todo o povo de Angola.

ÍNDICE

Agradecimentos		9
Prólogo		13
Capítulo I	ORIGENS — 1934-1958	23
Capítulo II	PORTUGAL E A SUÍÇA — 1958-1961	39
Capítulo III	AS SUBLEVAÇÕES ANGOLANAS — 1961	57
Capítulo IV	SAVIMBI E O PLANO SECRETO REVOLUCIONÁRIO DE CHE GUEVARA — 1962-1964	61
Capítulo V	NASCE A UNITA — O DESASTRE ACONTECE — 1964-1967	71
Capítulo VI	EXÍLIO E REGRESSO — 1967-1968	87
Capítulo VII	SAVIMBI RECONSTRÓI A UNITA — 1968-1969	91
Capítulo VIII	OS «CHINESES NEGROS» — 1970-1974	103
Capítulo IX	O GOLPE DE ESTADO EM PORTUGAL — 1974	117
Capítulo X	ACORDO PARA A INDEPENDÊNCIA — 1974-1975	127
Capítulo XI	O MERGULHO NA CATÁSTROFE — 1974-1975	133
Capítulo XII	PRELÚDIO PARA A INDEPENDÊNCIA — 1975	147
Capítulo XIII	INDEPENDÊNCIA — 1975	153
Capítulo XIV	INVASÃO SUL-AFRICANA — 1975	157
Capítulo XV	SAVIMBI NA CORDA BAMBA — 1975	165
Capítulo XVI	CIMEIRA AFRICANA DE EMERGÊNCIA — 1975-1976	179
Capítulo XVII	A ÁFRICA DO SUL RETIRA-SE: SAVIMBI ENFRENTA O ESQUECIMENTO — 1976	187
Capítulo XVIII	MOTIM NA ZÂMBIA — 1976	213
Capítulo XIX	AJUSTE DE CONTAS HUMANO — 1976	217
Capítulo XX	A LONGA MARCHA — 1976	223
Capítulo XXI	SAVIMBI DESAPARECE — 1976	253
Capítulo XXII	CUELEI — SAVIMBI REORGANIZA A RESISTÊNCIA — 1976	263
Capítulo XXIII	A VIAGEM DE DASH — 1976-1977	271
Capítulo XXIV	O SOBA EFRAIM — 1977	285
Capítulo XXV	IV CONGRESSO DA UNITA — 1977	289
Capítulo XXVI	CONTACTO RESTABELECIDO COM O MUNDO EXTERIOR — 1977	295
Capítulo XXVII	A ARTE DE SOBREVIVER — 1978	307
Capítulo XXVIII	PARA ALÉM DA SOBREVIVÊNCIA — 1979	315
Capítulo XXIX	TRANSIÇÃO EM ANGOLA — 1979	325
Capítulo XXX	UM DIA NA VIDA DE JONAS SAVIMBI — 1979	329
Capítulo XXXI	A AMÉRICA E A EUROPA — 1979	333
Capítulo XXXII	COMEÇA A OFENSIVA NORTE — 1980	339
Capítulo XXXIII	MUDANÇA DE POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS FAVORECE SAVIMBI — 1981	351
Capítulo XXXIV	REGRESSO A ANGOLA — 1981	359
Capítulo XXXV	RUSSOS E CUBANOS — 1981	367
Capítulo XXXVI	REPOLHOS GIGANTES E SECRETÁRIAS DA MATA — 1981	373
Capítulo XXXVII	LUANDA É O NOSSO DESTINO — 1981	385
Capítulo XXXVIII	A ÁFRICA DO SUL ATACA ANGOLA — 1981	395
Capítulo XXXIX	SAVIMBI VAI A WASHINGTON — 1981-1982	401
Capítulo XL	INTENSIFICA-SE A GUERRA — 1982	409

Capítulo XLI	A CAMINHO DO CORAÇÃO DE ANGOLA — 1983	421
Capítulo XLII	A BATALHA PELA POSSE DE CANGONGA — 1983	433
Capítulo XLIII	CONSEQUÊNCIAS — 1983	443
Capítulo XLIV	SAVIMBI PREPARA-SE PARA NOVO ISOLAMENTO — 1985	453
Capítulo XLV	BRASILEIROS — 1983	461
Capítulo XLVI	IMPORTANTES PROGRESSOS DA UNITA — 1983	467
Capítulo XLVII	CANGAMBA — 1983	483
Capítulo XLVIII	A CAMINHO DAS MINAS DE DIAMANTES — 1983	487
Capítulo XLIX	«OPERAÇÃO ASKARI» — 1983-1984	501
Capítulo L	SAVIMBI INSISTE — 1984	505
Capítulo LI	O MPLA CONTRA-ATACA — 1985	519
Epílogo		531
Post scriptum — Janeiro de 1986 a Setembro de 1987		551
Notas		575
Índice remissivo		607

AGRADECIMENTOS

Ainda me parece impossível que este livro tenha sido concluído. Eu conhecia — como correspondente da Reuter na região — toda a evolução e complexidade da guerra pela independência de Angola, com o afluxo de armas àquele fascinante país e com os soldados estrangeiros a massacrá-lo.

Chegara à conclusão, com um sentimento crescente de espanto kafkaniano, de que as notícias dos jornais diários eram completamente insuficientes para transmitir duas verdades essenciais acerca da guerra que testemunhara. Em primeiro lugar, não correspondiam à profundidade e ao intrincamento de um tremendo drama humano e, ao simplificar-se demasiado os factos, criavam-se falsidades. E, em segundo lugar, não poderia encerrar a minha própria convicção de que a guerra civil estava apenas a começar, devido às excepcionais qualidades de um homem — Jonas Savimbi — que liderava uma das facções «que estava a ser vencida».

Por fim, decidi-me realmente a escrever o livro, porque, tendo partido uma perna no meu primeiro — e último — salto em pára-quedas, fiquei retido na cama durante o mês de Agosto de 1979. Desde então, muitas pessoas me deram um importante e altruísta contributo para assegurar a sua conclusão. Outras houve, nos primeiros anos, que me proporcionaram uma porção de dados e a quem pude sempre recorrer. Estou muito grato a John Riggs e a Harry Ree pelo seu encorajamento e percepção durante a minha vida de estudante. Ao Dr. Alec Dickson, fundador da V.S.O.*, por me ter ajudado a acreditar que tudo é possível; no mundo do jornalismo tenho uma dívida muito especial para com Eric Mackay, o meu editor no *The Scotsman*, que me encorajou na sua forma habitual e imprimiu episódios da recomeçada guerra civil em Angola anos antes de os outros jornais se terem apercebido de que algo de significativo estava a acontecer. Agradeço a todos os meus colegas do *The Scotsman* que tiveram a paciência de tolerar as minhas subtilezas e excen-

* V.S.O. (Voluntary Service Overseas) — trabalho voluntário no ultramar. Na Inglaterra, os jovens ofereciam-se para desempenhar diversas funções nos territórios ultramarinos. (*N. do T.*)

tricidades e, especialmente, a Jim Seaton, um dos mais perspicazes jornalistas britânicos, que inspira dedicação a todos os que com ele trabalham. Richard Harwood, do *Washington Post*, deu-me preciosas lições, enquanto permanecemos juntos em Angola. Gwynne Roberts foi um companheiro sempre bem-humorado numa das nossas expedições e concedeu-me o seu tempo com generosidade enquanto eu me preparava para as outras viagens. A BBC e o *The Sunday Times* prestaram-me um importante auxílio financeiro na preparação de algumas dessas deslocações. Tenho de agradecer à Reuter dez anos fascinantes da minha carreira, muitos dos quais despendi na Índia, no Médio Oriente e em África, em épocas conturbadas: sem a prontidão da agência noticiosa em pagar o meu sustento em países exóticos não teria descoberto Angola e o seu povo.

Ainda que tivesse tentado basear este livro, tanto quanto possível, na minha experiência pessoal, a verdade é que tive de preencher certas lacunas consultando obras de outros autores. Dois, em particular, são dignos de menção. Primeiro, o Prof. John Marcum, porque me teria sentido completamente perdido sem as suas magníficas obras sobre a história de Angola, no período de 1950 a 1976. Senti-me muito honrado quando o Prof. John Marcum, hoje vice-reitor académico da Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, acedeu generosamente a dispensar-me algum do seu tempo para ler e criticar o meu rascunho, durante o seu horário tão preenchido, embora, por vezes, discordando das minhas conclusões. Poupou-me a cometer alguns erros básicos, quanto à verdade, e orientou-me no sentido de opiniões mais moderadas acerca de pessoas que eu criticara com aspereza. Um agradecimento muito especial, também, para Leon Dash, do *Washington Post*, que fez duas digressões, extremamente corajosas, através de Angola, no princípio e fins da década de 70; sem a sua contribuição eu teria ignorado, quase por completo, alguns dos acontecimentos importantes sobre a história de Angola. Estou muito grato ao *Washington Post*, que me permitiu citar, sem restrições, o seu trabalho.

Agradeço aos meus editores, Bill Campbell e Peter Mackenzie, cuja energia, iniciativa e carinhoso encorajamento asseguraram que o meu projecto chegasse a bom termo. Devo muito aos Angolanos, que de mim cuidaram e que comigo partilharam as suas vidas, ensinando-me muitas coisas durante a minha permanência no seu país. Destaco, nestes agradecimentos, Tito Chingunji, Jimmy Muecalia, Marcus Samundo, Jaka Jamba, «António», Ben-Ben Arlindo Pena, Geraldo Nunda, John Celas e Smart Chata, mas há muitos outros que transformaram Angola, para mim, numa frutuosa e compensadora descoberta.

Há ainda muito mais gente cujo contributo foi inestimável mas cujo nome não posso aqui mencionar. Eles sabem a quem me refiro!

Finalmente, Violet Bridgland merece um agradecimento muito especial pelo seu incansável e exaustivo trabalho, ao longo de muitos anos, e por me ter transmitido a sua crença fervorosa de que as coisas poderão, de facto,

vir a ser diferentes. A meu pai, também, Fred Bridgland, todo o meu afecto e a minha gratidão. Para com Kathryn Kane tenho uma dívida que ultrapassa tudo o que as palavras possam dizer: sem ela não se teriam feito as pesquisas relativas ao livro, nem este teria sido escrito. Às minhas filhas, Annewn, Samantha e Rebecca, devo muito do tempo que lhes pertenceria, por direito, já sem mencionar que o seu amor, a sua tolerância e a sua irreverência prazenteiros me ajudaram a conservar a perspectiva das coisas.

* * *

Esforcei-me por assegurar que este livro fosse factualmente exacto, mas o problema, em relação a Angola, é que praticamente todos os pormenores estão em discussão.

Assumo toda a responsabilidade por erros factuais e omissões. E, como é evidente, a interpretação dos «factos» é só minha, porque estes são de tal modo controversos que acrescentei imensas notas; inseri-as, porém, no fim do livro para aqueles que delas se queiram socorrer, sem que por isso seja interrompida a sequência da narrativa.

* * *

Nota explicativa

Para os leitores europeus, os nomes estranhos e a grande profusão de siglas usados em Angola podem causar confusão. Por isso, optei por simplificar as coisas, esperando não causar com isso uma grande ofensa aos Angolanos e a outros africanos que, continuamente, têm de suportar os Europeus que simplificam, em demasia, as suas sociedades e culturas. A tribo Ovimbundu, por exemplo, fala o dialecto umbundum e a tribo Mbundum fala o kimbundu. Refiro-me a elas como se as tribos Ovimbundu e Kimbundu falassem ovimbundu e kimbundu: sob o ponto de vista etnolinguístico é um erro, mas penso que, no contexto, se torna tudo muito mais claro. A UNITA e o MPLA têm exércitos designados como FALA (Forças Armadas para a Libertação de Angola) e FAPLA (Forças Armadas Populares para a Libertação de Angola). Tanto quanto possível, evito FALA e FAPLA e refiro-me simplesmente ao exército da UNITA e ao exército do MPLA. Uma outra fonte de confusão é a quantidade de cidades a que foi dado novo nome após a independência; nos capítulos cuja acção decorre antes da independência uso os nomes antigos, mas, porque as alterações foram feitas, introduzo-as entre parênteses e depois utilizo os novos nomes ao longo do texto. Assim, Nova Lisboa designa-se como Nova Lisboa (rebaptizada Huambo, após a independência), depois Huambo (outroa Nova Lisboa) e, finalmente, a transformação é completada apenas com a palavra Huambo.

* * *

Quando comecei a pensar em escrever o livro resisti à sugestão de alguns editores para que me debruçasse sobre uma história geral de Angola durante os últimos dez anos. Isso, creio eu, é uma tarefa impossível quando a guerra civil ainda grassa. Por esse mesmo motivo mantive o meu plano original de contar a história de Angola tal como tinha sido vista e vivida por um dos principais actores no drama. É, por conseguinte, uma história parcial, e eu próprio não sou imparcial, se bem que tenha procurado ser intelectualmente tão rigoroso quanto possível. A minha opinião pessoal só é exposta no último capítulo do livro, mas não há dúvida que os leitores vão descobrir os meus preconceitos em passagens onde julguei estar a ser modelo de objectividade e imparcialidade.

Para salvaguardar devidamente os leitores contra os meus desvios, e os dos outros, gostaria de recordar-lhes, antes de se decidirem a penetrar nos labirintos de Angola, uma das mais esplêndidas passagens do relato de George Orwell acerca da guerra civil de Espanha, *Homage to Catalonia**:

É difícil ter-se a certeza acerca de qualquer coisa, excepto daquilo que se vê com os próprios olhos e, consciente ou inconscientemente, cada qual escreve como um guerrilheiro. No caso de não o ter dito antes, digo-o agora: acautelem-se os leitores quanto a esta minha faceta de guerrilheiro, aos meus erros quanto à verdade e à distorção, inevitáveis por ter visto apenas um dos lados da questão. E acautelem-se, exactamente da mesma forma, quando lerem qualquer outro livro sobre este período da guerra de Espanha.

O mesmo digo eu, em relação a Angola.

Bruxelas, Setembro de 1986.

* *Homenagem à Catalunha. (N. do T.)*

PRÓLOGO

OS «HOMENS DE DEUS»

1975

O povo que luta pela sua independência irá procurar ajuda onde a puder encontrar. Para conseguirmos a nossa independência aceitaremos qualquer ajuda, como costuma dizer-se, nem que seja do próprio Diabo.

Agostinho Neto, através da rádio em Agosto de 1969 ¹.

EM 20 DE AGOSTO DE 1975, um «Homem de Deus» chegava ao aeroporto da pequena cidade de Silva Porto, no Centro de Angola. Vestia-se de preto — camisa, calças —, sendo o bigode, as suíças e os grossos óculos escuros também pretos. Ao peito, trazia, pendente de um comprido fio preto, uma enorme cruz de prata, e era um importante agente da CIA.

John Stockwell, agente dos serviços secretos americanos, em Saigão, até à queda da capital do Vietname do Sul em poder do Vietcong, em Abril desse ano, tinha então sido nomeado chefe da Task Force* da CIA em Angola, onde outra guerra civil do Terceiro Mundo estava a ser arrastada para o conflito Leste-Oeste.

O «Homem de Deus» encontrava-se em Silva Porto para se avistar com Jonas Savimbi, um negro africano, licenciado pela Universidade de Lausana, líder do movimento angolano de guerrilha UNITA e amigo do falecido Che Guevara. Queria observar as forças da UNITA porque, no mês anterior, o Presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, tinha aprovado e assinado o dispêndio de 14 milhões de dólares para cobrir o fornecimento secreto de armas por parte da CIA à UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e a um outro movimento nacionalista negro, a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola).

* Task Force — unidade militar, especialmente treinada, encarregada de uma missão específica, como a incursão em instalações inimigas, por exemplo. (N. do T.)

A 29 de Julho, o primeiro carregamento aéreo de armas para Angola deixou os Estados Unidos. No dia seguinte — depois da sua retirada de Saigão, após a derrota no Vietname —, Stockwell foi escolhido para dirigir as operações em Angola².

Era o menino-prodígio de Henry Kissinger, o secretário de Estado americano, que desejava estabelecer um equilíbrio militar entre a UNITA, a FNLA e um terceiro movimento angolano, o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), um grupo marxista-leninista, cujos soldados estava a ser armados pela União Soviética e treinados por oficiais cubanos.

A independência de Angola estava prevista para 11 de Novembro de 1975, após quase cinco séculos de colonização portuguesa. Os Portugueses tinham combatido os três movimentos nacionalistas numa guerra civil um tanto ou quanto inconstante, desde o início dos anos sessenta; contudo, após a Revolução de Abril de 1974, que terminou com uma ditadura de direita que durara 48 anos, Portugal tencionava promover a realização de eleições pluripartidárias em Angola, antes de renunciar ao controlo daquela colónia. Este plano foi abandonado quando a FNLA e o MPLA iniciaram uma guerra civil que, eventualmente, envolveu a UNITA; porém, os Portugueses afirmaram que, mesmo sem eleições, deixariam Angola a 11 de Novembro.

Enquanto os movimentos combatiam entre si, o MPLA consolidou o poder na sua região natural, entre os Kimbundu, a segunda maior tribo angolana, a leste de Luanda, a capital, perto da fronteira com o Zaire.

O MPLA assumiu, também, o controlo de todas as cidades costeiras a sul de Luanda, apesar de, nas duas maiores, Benguela e o magnífico porto do Lobito, a UNITA reclamar ter o apoio da maioria dos cidadãos que eram membros da tribo Ovimbundu, o maior grupo tribal angolano. A UNITA reivindicava, de igual modo, a lealdade da maioria no Luso, uma cidade estratégica, a leste, situada já quase * no término do Caminho de Ferro de Benguela. Mas também o Luso foi tomado pelo MPLA, o qual, em Agosto de 1975, parecia apostado em assumir o controlo de todo o Centro e Sul de Angola.

Kissinger manteve em segredo, perante o povo americano, o plano destinado a evitar que o MPLA assumisse o poder em Angola, porque sabia que, logo a seguir à derrota dolorosa e humilhante no Vietname, aquele não apoiaria o envolvimento dos Estados Unidos numa outra guerra estrangeira, num país longínquo.

* * *

Antes de se avistar com Savimbi, Stockwell tinha estado com o líder da FNLA, Holden Roberto, cuja base se situava no Norte do país, entre

* Imprecisão do texto, inclusão da palavra «quase», visto que o término do Caminho de Ferro de Benguela é em Teixeira de Sousa (Luau). (N. do T.)

os Kikongo, a terceira maior tribo de Angola. Foi Roberto quem tirou mais proveito do auxílio de Kissinger, pois o líder da FNLA era abertamente anticomunista e a favor do liberalismo económico. Savimbi, muito pelo contrário, tinha feito o seu treino de guerrilha na China, era admirador de Mao Tsé-tung e considerado, por alguns jornalistas americanos, como o marxista mais radical de todos os líderes nacionalistas angolanos³. Mas se não era visto, por Washington, como um aliado de confiança, pelo menos tinha a vantagem de se opor aos homens de Moscovo, em Angola.

Viajando com Holden Roberto, Stockwell observou que a FNLA se tinha estendido para sul, a partir da sua base tribal, no Norte, até cerca de 32 quilómetros do bastião do MPLA, em Luanda⁴. Para Kissinger foi bom ter recebido notícias do avanço do seu dócil aliado militar. Contudo, Stockwell sentiu uma certa fragilidade na FNLA, em contraste com as suas primeiras impressões do movimento de Savimbi. «Ficou imediatamente claro que a UNITA era uma organização de um calibre muito diferente da FNLA.»

Quando Stockwell chegou a Silva Porto foi conduzido ao átrio de um cinema, onde Savimbi se preparava para falar aos adeptos da UNITA num congresso do partido. O «pastor» da CIA observou que a pele do líder da UNITA era muito negra, a barba cerrada e brilhante, os olhos muito grandes, salientes e flamejantes. «Assim que Savimbi começou a falar, a assembleia calou-se para ouvir um mestre na arte da oratória, estilo em tempos popular na nossa própria sociedade, mas actualmente tão raro como o riso espontâneo e fácil e o bulício de uma sala de bar.»

A voz de Savimbi era sonora e bem modulada. Voltava todo o corpo para as diferentes zonas do auditório, debruçando-se para a frente e estendendo as mãos para as pessoas, antes de as fechar contra o peito: «A reacção da multidão era espiritual, mais como se se tratasse de um encontro para rezar do que de uma reunião política⁵.»

De uma forma moderada, contida, Savimbi descreveu como o MPLA tinha sido expulso de Silva Porto, nos princípios de Agosto, quando a UNITA entrara na guerra civil. O seu relato impressionou Stockwell: «Roberto teria exagerado e tê-lo-ia considerado como uma grande vitória⁶.»

Savimbi conduziu então Stockwell, de avião e mais tarde num *Land-Rover*, mais para o interior, até cerca de um quilómetro do Luso, que estava cercado pelas tropas da UNITA, sob o comando do coronel Samuel Chiwale, o terceiro homem do movimento, que também recebera o seu treino de guerrilha na China. Durante a viagem para o Luso, bem como no regresso, Savimbi expôs a sua filosofia, e Stockwell com um ar pensativo avaliou quanto de cinismo vazio existia na missão de um agente secreto da CIA: «Savimbi estava impaciente para avançar. Durante um bocado fiquei ressentido com ele, pelos seus objectivos límpidos e consciência pura. Personalizava uma coincidência rara na história; o retorno aos grandes líderes tribais da África — Tchaka Zulu, Msiri e Jomo Kenyatta⁷ —,

um grito que o distanciava dos valores em conflito e dos objectivos americanos, e da CIA, na sua mediocridade da meia idade.»

Stockwell esteve em Angola com a UNITA apenas 24 horas, mas partiu com a convicção de que Savimbi era «um homem bom sob qualquer ponto de vista». Em conjunto com o líder da UNITA, avaliou as forças do movimento — 4000 soldados prontos a combater e mais 6000 recrutas — para ser relatado ao quartel-general da CIA, em Langley, na Virgínia. «Aqui, eu fiz mais uma descoberta significativa nesta minha viagem. Julgávamos ter percebido que a UNITA era militarmente o mais fraco dos três movimentos; na realidade, o exército de Savimbi era diversas vezes superior ao da FNLA, dirigido com maior eficiência e apoiado por uma organização política de base com alguma penetração. Esta seria uma boa notícia a dar ao quartel-general; uma inesperada vantagem na nossa guerra contra o MPLA⁸.»

Savimbi nunca mais voltou a ver o chefe da Task Force da CIA que dirigia as operações angolanas. Lidou sempre com executivos de menor importância, se bem que com alguma relutância, visto ter procurado o auxílio aberto, e não secreto, do Governo Americano: «O meu único pedido foi feito através da embaixatriz dos Estados Unidos na Zâmbia, Jean Wilkowski. Entreguei-lhe relatórios, em Lusaca, pedindo a ajuda da nação americana. Foi a América que decidiu dar-me esse auxílio, através da CIA. Se decidiram fazê-lo por essa via, eu não ia pôr-me a pedir desculpa, porque necessitava dessa ajuda na minha luta. Mas, como não me deram dinheiro a troco de informações, eu não figurava na folha de pagamentos da CIA. Dirigi-me ao Governo Americano, e a forma como este decidiu ajudar-me constitui um assunto interno desse mesmo governo⁹.»

* * *

O «Homem de Deus» da CIA já tinha regressado ao seu centro de comando quando pela primeira vez pisei o solo de Angola, em 21 de Setembro de 1975. Aterrei, também, em Silva Porto, onde os *slogans* de parede, escritos em português, diziam: «Deus no Céu; Savimbi em Angola*.»

Seria difícil julgar o que Deus preferiria para Angola, mas o que era óbvio era o controlo total que a UNITA detinha sobre aquela linda cidadezinha administrativa, junto à linha férrea, no planalto de Angola. O pequeno terminal do aeroporto estava enfeitado com cores e *slogans* da UNITA e a favor de Savimbi; em cima, destacava-se a silhueta de um soldado da UNITA, armado com um lança-foguetões ** antitanque, e

* O autor tem, em inglês, a seguir ao português: *God in Heaven; Savimbi in Angola*. (N. do T.)

** Foguetões, em gíria militar, são designados por *rockets*. (N. do T.)

de outros usando metralhadoras. Jacarandás cor de malva e a chama escarlate das árvores das matas ladeavam as ruas largas, das quais ressaltavam as vivendas em estilo mediterrânico, estucadas de branco e cor-de-rosa, construídas pelos Portugueses.

Eu passara o ano de 1975 atento aos acontecimentos conturbados da Rodésia, na minha base em Lusaca — o assassínio do líder zanu, Herber Chitepo; os massacres entre os zanus, na Zâmbia; a saída da prisão, na Rodésia, de nacionalistas negros como Joshua Nkomo, Ndabaningi Sithole e Robert Mugabe; o aperto de mão histórico entre o presidente zambiano Kenneth Kaunda e o primeiro-ministro sul-africano John Vorster, na conferência de Victoria Falls, na Rodésia, realizada em Agosto desse ano.

Prestava-se, nessa altura, muito pouca atenção a Angola. A Rodésia, as consequências do Vietname, a suspensão da democracia da senhora Indira Ghandi, na Índia, e o sempre efervescente Médio Oriente atraíam as atenções dos meios de comunicação. Existiam por essa altura em Luanda quando muito quatro correspondentes estrangeiros e, da vizinha Zâmbia, eu voltara a minha atenção para Angola apenas de passagem. Mas, quando um representante da UNITA, em Lusaca, me propôs uma viagem ao interior do país, pareceu-me ser uma variante com muito interesse em relação aos políticos nacionalistas rodesianos. Dois pilotos dinamarqueses transportaram-me a mim e a Nicholas Ashford, correspondente do *Times*, de Londres, na África Austral, num luxuoso jacto *Lear*, destinado a executivos, até ao território de Savimbi¹⁰.

Era uma maneira surrealista de me envolver numa guerra civil e o surrealismo não terminou ali. Ashford e eu ficámos alojados na sumptuosa residência oficial do antigo governador da Província do Bié, cuja capital era Silva Porto. Fomos servidos à mesa pelos antigos criados do citado potentado e comemos na sua requintada loiça de porcelana, acompanhada por baixela de prata. Dos muitos quadros da residência do governador havia um de que bem me recordo como o mais assombroso que jamais vi. Mostrava-nos um *django* africano (cubata de reuniões) aberto dos lados, numa cena nocturna, com o povo todo reunido à volta de uma fogueira crepitante, e o artista tinha retratado a cena com rara e estranha beleza, apenas em tons de negro e vermelho. Pergunto-me, muitas vezes, onde estará agora esse quadro.

No dia seguinte, Ashford e eu fomos conduzidos a uma escola secundária, onde Savimbi tinha instalado o seu quartel-general. Era como que uma cena extraída de uma novela de Graham Green: uma tabuleta de cartão, escrita a tinta encarnada, proclamava-o como sendo o «Quartel dos Dragões da Morte», enquanto uma jovem sentinela, vestida com cartucheiras para metralhadora pesada, completava uma imagem de tristeza a beirar a farsa.

Depressa fomos introduzidos no gabinete de Savimbi, que estava decorado com mapas de Angola. O acolhimento do nosso anfitrião foi calo-

roso, com um aperto de mão firme e o seu magnetismo a manifestar-se imediatamente. Tinha atitudes francas e nada agressivas, e um inglês fluente era uma interessante descoberta visto Savimbi nunca ter vivido em países onde se falasse inglês. Vestia um camuflado dos comandos, botas bem engraxadas e usava uma boina verde com as três estrelas douradas de general.

Nessa altura, a UNITA estava confinada a duas cidades importantes — Silva Porto e Nova Lisboa, a segunda localidade de Angola. O MPLA estava a infiltrar-se nas defesas da parte oeste de Nova Lisboa com carros blindados; a União Soviética tinha-lhe assegurado um fornecimento regular de armamento que duraria para mais de um ano, enquanto a UNITA recebera muito poucas armas e de uma forma bastante irregular. Foi, por isso, uma grande surpresa para nós ir encontrar Savimbi com uma disposição de espírito tão optimista. «Nós controlamos as áreas de maior densidade populacional», afirmou. «A maioria da população está no campo. É esta a razão porque nos sentimos optimistas. O movimento que tiver a capacidade de mobilizar as zonas rurais é o que está destinado a vencer, sem dúvida ¹¹.» Nessa altura, viviam nas zonas controladas pela UNITA cerca de 2,5 milhões de pessoas de um país com 6,5 milhões de habitantes.

Savimbi previa que, dentro de um mês, haveria um recrudescimento da actividade militar por parte dos três movimentos de libertação. «Cada um gostaria de chegar ao dia 11 de Novembro (Dia da Independência) numa posição de força.» O principal objectivo da UNITA era a recuperação do porto do Lobito, que estava nas mãos do MPLA; preparava-se um ataque para muito breve.

Perguntámos a Savimbi como arranjaria ele as armas necessárias para cercar Lobito. «Estamos a arranjar toda a espécie de equipamento militar», disse ele. «Encontramo-nos, de longe, muito melhor do que há três semanas atrás ¹².»

Recusou-se a especificar a proveniência das armas, mas afirmou que algumas democracias ocidentais figuravam entre os fornecedores. Ashford e eu não conseguimos descobrir nessa altura que uma ponte aérea da CIA transportava armamento para a base aérea zairense de Thysville, onde era carregado noutros aviões para ser entregue à FNLA e à UNITA. Algumas dessas armas, destinadas a Savimbi, vinham da Zâmbia — por via terrestre —, que era também parte interessada na operação da CIA ¹³. Os agentes desta, incluindo peritos em contra-informação, foram enviados para Lusaca, onde montaram uma base na Embaixada de Wilkowski ¹⁴.

Savimbi tinha afirmado repetidamente a Stockwell, durante as 24 horas de permanência do chefe da missão especial em território da UNITA, que a verdadeira e a única esperança para Angola se encontrava à mesa de conversações e não do campo de batalha ¹⁵. Savimbi estivera sempre na vanguarda para preparar as eleições multipartidárias antes de Angola ter mergulhado no caos e na guerra civil, em meados de 1975.

A UNITA continuava a preferir uma solução pacífica para os problemas políticos, afirmou-nos Savimbi. «Argumentámos que deveria haver eleições, mas não agora, visto haver um grupo que possuía mais armas, podendo, assim, impor a sua vontade. Sem este fluxo regular de armas soviéticas o MPLA não teria conseguido as suas vitórias. A situação angolana era a mesma que se vivia em Portugal, após a Revolução de 1974, em que os comunistas — através do Movimento das Forças Armadas — tentavam controlar o País, apesar de constituírem apenas uma minoria.»

Afirmou-nos não poder acreditar que o mundo assistisse impávido ao fornecimento de armas pelos Soviéticos e à tomada de Angola sem ter uma palavra a dizer. «Nós defendemos uma posição moral e democrática, e dirigimo-nos aos outros países para que nos ajudem com armas.»

Savimbi acrescentou, de forma tão casual que mal prestámos atenção, que Cuba tinha já entrado na guerra civil. Existiam comandantes cubanos junto das forças do MPLA e instrutores militares da mesma nacionalidade nos campos de treino. E, acrescentou ainda, o seu rival Agostinho Neto, líder do MPLA, «costumava dizer, frequentemente, que pretendia construir uma espécie de Cuba. Mas, penso eu, não temos nada de comum com Cuba. As nossas raízes ancestrais e culturais são bem diferentes.»

* * *

Fui depois até Nova Lisboa e assisti ali a uma das mais tristes convulsões do final dos 500 anos do império português. O império não estava a extinguir-se no meio de um cerimonial digno, mas, tão-somente, com uma corrida para os aeroportos. Após a intensificação da luta, em Julho de 1975, cerca de 400 000 portugueses, ou mais, deixaram Angola, por terra, mar e ar, num período de dois meses.

Depois de Luanda, Nova Lisboa era a principal base de fuga dos refugiados portugueses. No aeroporto, milhares de pessoas aguardavam que voos especiais de todo o mundo as evacuassem. Algumas permaneciam ali muitos dias, dormindo no chão de pedra dos hangares. As mais previdentes tinham trazido colchões ou cadeiras de lona utilizadas, outrora, nas varandas, em cálidas noites tropicais. Outros, ainda, sentavam-se em grupos familiares, abrangendo três gerações; as crianças segurando bonecas e ursinhos de pelúcia e os adultos mastigando frango frio. Os lavabos estavam inundados, desde há muito, e em condições indescritíveis. Já não existia a administração do aeroporto para pôr em prática os cuidados de manutenção necessários. Uma freira de raça negra, vestida de branco, tentava prestar uma ajuda concreta, bem como apoio moral.

Enquanto se processava a ponte aérea, chegavam cada vez mais portugueses, em carros e camiões, provenientes do Centro de Angola. À medida que abandonavam os seus veículos, os Africanos tentavam pô-los em andamento e conduzi-los dali para fora. Mas, na maior parte

dos casos, os Portugueses tinham levado consigo as chaves ou tinham-nas deitado pelo cano de esgoto abaixo.

Havia ainda soldados portugueses em Nova Lisboa, mal-humorados e desleixados, produto recente da revolução do seu país, cujo papel se limitava a proteger a saída dos refugiados, em dois ou três aviões que chegavam diariamente. Savimbi tinha ordenado a partida dos militares portugueses, assim que o último refugiado embarcasse. Os soldados da UNITA orientavam a cidade, os acessos ao aeroporto e a torre de controlo.

A abdicação dos Portugueses era quase total. As vivendas esvaziavam-se, os bancos encerravam, dúzias de fábricas cessavam a sua actividade e apenas um punhado de comerciantes, com os *stocks* das lojas a diminuir assustadoramente, permaneciam no seu posto. Em 11 de Novembro não existiria já a presença portuguesa naquela moderna e resplandecente cidade a que tinham chamado, com tanto orgulho, Nova Lisboa.

Todos os médicos dos hospitais civis de Nova Lisboa tinham já abandonado a cidade. Havia apenas 10, da Cruz Vermelha Portuguesa, tratando dos refugiados e alimentando cerca de 3000 africanos que tinham chegado à cidade para fugirem à luta que se travava no Norte, e também esses planeavam partir antes do Dia da Independência.

Por outro lado, havia apenas um clínico em todo o território controlado por Savimbi — George Burgess, um missionário canadiano da Igreja Protestante Unida em Cristo, num hospital do Dondi, onde existiam diversos institutos e missões e a escola que frequentara Savimbi no princípio dos anos cinquenta. Foi no Dondi, perto da pequena cidade da Bela Vista, entre Silva Porto e Nova Lisboa, que me encontrei de novo, alguns dias mais tarde, com Jonas Savimbi.

* * *

Vários milhares de pessoas tinham-se reunido para saudar Savimbi, numa vereda da floresta. A multidão, cantando e dançando, cobria a passagem que conduzia à plataforma dos oradores com folhas de palmeira, numa extensão de cerca de 500 metros. Savimbi chegou, vestindo uma túnica de um amarelo brilhante, e à medida que avançava, ao longo da passadeira juncada de folhagem, a multidão atirava a seus pés flores brancas com um doce odor a frangipaneiro *. A túnica que vestia era ao estilo tradicional dos chefes das tribos africanas, com um ombro nu. Era uma homenagem, possivelmente, a um herói da sua juventude, Kwame Nkrumah, o nacionalista pan-africano do Gana, que também gostava de usar aquela espécie de túnicas. Savimbi trazia, no pulso direito, uma pulseira de missangas amarelas e, no pulso esquerdo, um relógio de ouro (amarelo).

* Trata-se de um arbusto com flores cimeiras brancas ou vermelhas. Antigamente o seu suco servia para perfumar luvas. (N. do T.)

Falou primeiro em português e depois em ovimbundu, sua língua natal e do povo do Dondi. Foi quando falava nesta última língua que o seu carisma se tornou mais evidente, à medida que utilizava os provérbios, ironias e graças tradicionais para ilustrar os seus pontos de vista. «Já perdemos tudo o que havia para perder», disse ele à multidão. «Chegou a altura de o MPLA começar a perder. O MPLA controla a capital, mas em Luanda apenas se produz areia. Aqui, nós produzimos comida.

O MPLA começou a guerra 'criminosa'. Tudo o que podemos fazer é ripostar e esperar uma paz justa. O MPLA fala de paz e de democracia, quando quer significar ditadura... Assim, o MPLA tem a vantagem das armas, no momento, mas as armas não têm miolos; com o povo nós podemos ganhar.»

* * *

Fiquei em Silva Porto até 7 de Outubro, antes de me decidir a regressar a Lusaca, já que a UNITA se recusara a levar-nos para perto da frente de combate. A guerra parecia estar num impasse.

Antes de partir, fui ver, muito rapidamente, o campo de treino militar da UNITA, em Nhumba, perto de Silva Porto. Os recrutas faziam ali o seu treino básico em apenas 45 dias, em vez dos 6 meses outrora necessários para ensinar um soldado de infantaria. O capitão Armando Chau, comandante do campo — em tempos, um dos soldados africanos do exército colonial português — mantinha 700 homens em treino. A marcha, a corrida de obstáculos e a instrução militar pareceram-me bastante profissionais, mas as condições eram assaz duras — centenas de cubatas de colmo e um edifício em cimento armado, que servia de hospital, embora sem electricidade e sem qualquer médico.

No campo Nhumba estavam estacionados seis carros blindados *Panhard* e dois jipes com lança-foguetões montados, dos quais nenhum funcionava e todos enfermavam de falta de peças. Disseram-me que haviam sido abandonados pelos Portugueses, na altura da sua partida, muito embora, anos depois, Savimbi me tivesse dito que tinham sido oferecidos pelo Zaire. De qualquer forma, era muito difícil calcular como tais engenhos avariados poderiam ajudar a inverter a marcha do MPLA.

Mais útil parecia ser o velho *DC-4*, sem quaisquer marcas de identificação, que vi, várias vezes, aterrar em Silva Porto e descarregar armas ligeiras. Ninguém dizia de onde vinha o avião. O piloto e o co-piloto falavam com sotaques britânico e alemão, mas afastavam-se sempre que qualquer jornalista lhes tentava falar — com excepção do *Skip*.

O *Skip* tinha-me sido apresentado como se se tratasse de um jornalista americano. Todavia, ele costumava ficar num edifício separado dos outros — mais cinco repórteres e fotógrafos que tinham voado até lá —, e nenhum de nós conseguiu descobrir para quem trabalhava, embora ele

afirmasse ter sido, em tempos, fuzileiro no Vietname. Juntaram-se-lhe outros americanos. Um apresentou-se como mais um «Homem de Deus», um missionário a informar-se sobre a sorte dos seus paroquianos. Outro parecia saído de um pesadelo americano — de chapéu texano preto, botas de tacão alto, calças de ganga azul, enfeitadas com pregos de metal, andar arrogante e gingão, rosto rabujento, mascarando pastilha elástica, que parecia querer transmitir uma mensagem: «Olhem-me, admirem-me, mas não falem comigo.»

Embora na altura eu não o soubesse, *Skip* era o elemento de ligação fixo entre a CIA e Savimbi. O novo «Homem de Deus» e o texano eram especialistas militares. Faziam parte de uma equipa da CIA que chegara para treinar os oficiais da UNITA ¹⁶.

No dia da minha partida, quando cheguei ao aeroporto, vi camuflado um enorme avião de transporte *C-130* estacionado na pista. Estava fortemente guardado por tropas da UNITA e dele se descarregavam armas ligeiras. O *Skip* estava lá observando a operação, provavelmente sem se aperceber de que aquela guerrazinha, em que os seus «patrões» se haviam envolvido, se transformaria numa guerra importante e que, uma década mais tarde, ainda estaria a desvastar Angola e o seu povo.

* *

CAPÍTULO I

ORIGENS

1934-1958

JONAS MALHEIRO SAVIMBI nasceu, a 3 de Agosto de 1934, no Munhango, uma povoação situada ao longo do percurso do Caminho de Ferro de Benguela, com quase 3000 quilómetros de extensão. O pai, Loth Malheiro Savimbi, era um homem de espírito forte e independente, de quem Jonas Savimbi herdou a determinação e perseverança que viriam a moldar tanto o seu carácter como a influenciar definitivamente o futuro do seu país.

As qualidades especiais de Loth tiveram como resultado a sua nomeação definitiva como primeiro chefe de estação africano, no caminho-de-ferro, cujo percurso para leste, partindo do Atlântico, se estende em direcção às minas de cobre da África Central, dividindo Angola em duas nítidas metades: Norte e Sul. Quando rapaz, Loth, que nascera na viragem do século, estava resolvido a obter um grau académico que lhe permitisse escapar à opressiva Lei do Indigenato e ao trabalho forçado, que eram as principais características da «magnífica certeza da missão civilizadora de Portugal em Angola»¹.

Durante cerca de 400 anos, e até finais do século XIX, o alicerce do sistema português em Angola fundamentava-se no comércio de escravos. Cerca de 4 milhões de angolanos tinham sido enviados para as Américas; contudo, durante o mesmo período de tempo, estima-se que tivessem perecido cerca de 9 milhões de negros, durante a sua marcha forçada, em direcção à costa, e enquanto aguardavam o embarque². Portugal e a Igreja Católica Romana, que seguia, de perto, a Bandeira, argumentavam que o tráfico de escravos lhes era espiritualmente benéfico. Ambos insistiam em que fossem baptizados antes da travessia do Atlântico, presos por grilhetas. «Nos cais de Luanda, por volta de 1870, ainda podia ver-se a cadeira de mármore onde o bispo se costumava sentar e baptizar

os pobres infelizes, à medida que os barcos iam sendo carregados e eles colocados em fila no convés. O Governo recebia o seu imposto, o piedoso eclesiástico recebia a sua remuneração, e os escravos eram assim introduzidos, pela primeira vez, na religião do branco³.»

As conseqüências desse comércio foram perniciosas e perduraram pelos tempos fora. Destruíram-se comunidades africanas inteiras, e os Portugueses cada vez mais se tinham de embrenhar para o interior a fim de encontrar os «pombos» (mercados) onde os chefes africanos, ou os seus agentes, vendiam homens e mulheres, muitas das vezes capturados em guerras tribais e escravizados. Desta forma, não só se reduziu a população de uma maneira drástica como alguns dos que foram levados eram ainda muito jovens e estavam no vigor da mocidade. «Os homens mais fortes e algumas mulheres [no Brasil em cada quatro escravos um era mulher] eram retirados de uma economia que dependia, fundamentalmente, da energia física dos caçadores, guerreiros, mercadores e camponeses. Os artigos que se permutavam a troco de escravos não eram produtivos: quinquilharias, panos, tabaco, aguardente, vinho, armas de fogo, pólvora e munições... Cada artigo desse comércio ou destruía, a pouco e pouco, qualquer indústria local angolana ou introduzia comodidades destrutivas ou perturbadoras. Em consequência disso, o comércio de escravos foi duplamente prejudicial em termos económicos — desviava a energia humana dos empreendimentos produtivos e insuflava artigos não produtivos nessa mesma economia⁴.»

Após o decreto de 1899, que abolia a escravatura, ficara estatuído que os negros tinham de trabalhar para os brancos, em tarefas domésticas ou servis, que os Portugueses consideravam de nível inferior. A partir de então implantou-se um sistema de trabalho forçado ainda mais draconiano do que qualquer outro derivado dos poderes francês, britânico e até mesmo belga, em África. A qualquer momento poderiam ser recrutados, quisessem ou não, recebendo miseráveis salários, a coberto de um sistema que ainda existia na segunda metade do século XX⁵. Uma enfermeira missionária, que se aproximou da sede da administração portuguesa em Chitembo, Província do Bié, em Outubro de 1959, escreveu: «Ouvimos o barulho de pancadas e gritos. Entrámos no edifício e, através da porta entreaberta, vimos um negro, no chão, a ser espancado por um cipaio [polícia africano]. O administrador estava sentado à secretária e observava a cena.» Os espectadores explicaram-me que a razão daquele espancamento se devia ao facto de o homem, chefe de uma aldeia, não ter conseguido reunir homens em número suficiente para o «contrato»⁶.

O imposto indígena, que se applicava a todos os indivíduos do sexo masculino, fora criado para obter receitas destinadas ao Governo e obrigar os Africanos a entrarem numa economia monetária. Uma vez que tinham de pagar ao Governo Português em moeda corrente, em vez dos meios tradicionais de permuta, tais como conchas, sal ou tecidos, teriam

de adoptar uma economia de mercado para obter o dinheiro necessário. Os que não pagassem eram os mais susceptíveis de ser contratados para o trabalho forçado. Em 1928, todos os africanos do sexo masculino, no Centro de Angola, pagavam um imposto anual de 80 angolares, o que constituía o pagamento total recebido por 100 dias de trabalho contratado⁷.

Milhares de angolanos do Leste, para evitar pagar esse imposto, fugiram para o Congo Belga e para a Rodésia do Norte nas décadas de 30 e 40. A geração mais recente desses exilados viria a desempenhar um papel importante na luta de libertação para derrubar o domínio português em Angola.

Havia, contudo, uma ténue saída através da qual o nativo, realmente inteligente, poderia escapar ao imposto indígena e ao trabalho forçado.

Na Política Nativa * (conhecida como Lei do Indigenato, o que se traduz, literalmente, por «qualidade de ser nativo») os Africanos em Angola constituíam a menos importante de duas classes distintas. Os «nativos» estavam confinados a ocupações subalternas (servis). As suas vidas eram regidas, antes de mais nada, pelas leis e costumes nativos, mas também pelos decretos específicos dos Portugueses. Os Europeus desfrutavam de todos os direitos, como cidadãos portugueses, o que lhes garantia, em termos burocráticos, a educação e o comércio vedados aos Africanos.

Tal política, semelhante a um *apartheid*, baseava-se, de facto, mais num conceito de civilização do que na cor da pele. Os Europeus eram considerados os «civilizados» (o que significa, à letra, «pessoas civilizadas»), isto é, inseridos na cultura da Europa. Este facto não constituía, no entanto, qualquer barreira às ligações sexuais ou mesmo até ao casamento com negros, e os mestiços, bem como a sua descendência, eram considerados cidadãos portugueses. O número de mestiços cresceu para mais de 50 000, a maior parte dos quais concentrados em cidades do litoral: Luanda, Lobito e Benguela. Mais tarde viriam a desempenhar um papel importante, se bem que controverso, na política da Angola independente: os mestiços debateram-se com problemas de identidade (seriam, em primeiro lugar, europeus, africanos ou tão-somente uma casta à parte?) e sentiram-se atraídos, em absoluto, pelos argumentos políticos dos marxistas europeus que sublinhavam a importância da classe em oposição ao conflito social⁸.

Um dos deveres impostos pela Lei do Indigenato aos civilizados era a «elevação espiritual» dos nativos, de forma a poderem ser gradualmente integrados como cidadãos no sector europeu. Um africano completamente «elevado» era o que tinha assimilado, em todos os aspectos, os costumes e valores portugueses de uma forma tal, excepto na cor da pele, que se

* Embora seja uma forma anglo-saxónica de o autor se referir a uma instituição portuguesa, utilizar-se-á o termo traduzido para português. Em inglês é *Native Policy*. (N. do T.)

transformara num português e se tinha afastado totalmente da sua própria cultura e tradições tribais de uma maneira radical.

Todavia, os Africanos eram obrigados a passar por toda uma série de testes formais e rigorosos se se quisessem libertar das restrições impostas pela Lei do Indigenato, deitar fora a caderneta (bilhete de identidade indígena) e o salvo-conduto que os «não assimilados» tinham de trazer sempre consigo. Entre os muitos requisitos estabelecidos para essa assimilação figuravam os seguintes: o africano teria de ter, pelo menos, 18 anos, ser capaz de falar e escrever o português com fluência, possuir um registo criminal limpo, exercer uma profissão remunerada que lhe permitisse sustentar a família e «ter adquirido a sabedoria e hábitos que se pressupunha serem os dos Portugueses»⁹.

Se era deferido um requerimento para se tornar num «assimilado», fornecia-se então ao candidato bem sucedido um bilhete de identidade confirmando que se fizera a transição de indígena para «assimilado». Porém, o nível de oportunidades de educação proporcionado pelas autoridades portuguesas aos naturais constituía um imenso obstáculo para os que pretendiam escapar à servidão. Por volta de 1956, apenas 1 por cento da população africana, em idade escolar, frequentava a escola em comparação com a percentagem de 11 por cento que se verificava na vizinha Rodésia do Norte, onde os Ingleses não tentavam assimilar os Africanos¹⁰; o índice de analfabetismo entre os negros angolanos ascendia a 97 por cento, em 1958, numa estimativa feita pela UNESCO, e, por volta de 1960, apenas 38 000 negros, de uma população africana de 4 600 000 habitantes, desfrutavam do estatuto de «assimilado» — menos de 9 em cada 1000.

Os Portugueses tinham já aplicado o *Catch 22** muito antes de Joseph Heller ter elaborado o brilhante conceito num livro, com o mesmo nome, nos anos sessenta: um africano poderia ter cidadania completa se conseguisse uma certa educação, mas, ao mesmo tempo, um africano não poderia adquirir a necessária instrução porque os Portugueses não lhe proporcionavam as escolas necessárias. Havia, contudo, uma maneira de fugir ao *Catch 22*. Os missionários protestantes, principalmente da América do Norte, tinham fundado diversos centros de instrução primária, porque necessitavam de fiéis que pudessem ler a Bíblia e evangelizar as aldeias¹¹. Ofereciam certificados oficiais, e até mesmo oportunidades de formação, aos Africanos que quisessem ser professores. Um destes centros era dirigido por congregacionistas canadianos e norte-americanos, no Dondi. Loth Savimbi candidatou-se e foi admitido.

Existia, porém, ainda uma outra dificuldade. O pai de Loth e avô de

* *Catch 22* — obra escrita por Joseph Heller, que descreve o conceito de um sistema onde, em teoria, tudo é possível. Contudo, na prática, surgem obstáculos a cada passo, dificultando e quase impossibilitando a realização do que se propõe. (N. do T.)

Jonas, Sakaita Savimbi, era um chefe tradicional que tinha sido despojado dos seus poderes e de grande parte das suas terras, pelos colonizadores, em virtude de ter lutado no Levantamento do Bailundo, em 1902. Esta pequena guerra, na qual os Africanos estiveram apenas armados com canhangulos * contra a sofisticada artilharia dos Portugueses, tinha deflagrado com violência devido a dois factores. Primeiro, a queda do preço da borracha, de qualidade inferior, vendida pelo povo Ovimbundu, do Bailundo. Segundo, muitos agricultores portugueses e boers tinham começado a estabelecer-se naquela mesma região, a zona de maior densidade populacional a norte de Nova Lisboa. Os Ovimbundu indignaram-se com esta competição e com o aumento de procura de gente para trabalhar a «contrato», por parte dos brancos, em especial numa altura em que a base da sua própria prosperidade tinha sido destruída¹². Foi necessária uma guerra de «pacificação», que durou dois anos e causou cerca de 2000 vítimas, antes que a resistência dos Ovimbundu fosse quebrada e os Portugueses restabelecessem o seu domínio.

Por isso, quando Sakaita — que abrigou durante todo o resto da sua vida um ressentimento contra os Portugueses pelo tratamento que lhe tinha sido infligido — soube que Loth planeava frequentar a escola da missão, proibiu o que considerava ser uma capitulação perante os brancos e a sua religião: Sakaita era um animista, não um cristão. Não obstante, Loth persistiu na sua decisão e, por isso mesmo, foi banido por Sakaita durante vinte anos¹³.

Loth completou a instrução primária e a sua formação como professor, converteu-se ao cristianismo e casou com uma colega de escola. Henry Curtis MacDowell, um negro americano que chegara ao Dondi com a sua mulher, Ruth, e o filho, Curtis, em 1919, para iniciar uma carreira de missionário protestante em Angola, conheceu Loth. Entre ambos cresceu uma amizade profunda, que durou mais de 50 anos, até à morte de Loth, em 1973.

Em homenagem póstuma a Loth, o Dr. MacDowell afirmou, por escrito: «No seu íntimo ele era um homem livre, quaisquer que fossem as circunstâncias exteriores. Personificava a essência da luta dos Ovimbundu, procurando ser sempre um bom cristão, fossem quais fossem as vicissitudes da vida. Suportou muito mais do que a sua conta, relativamente à perseguição política, mas, apesar de tudo, a sua integridade cristã manteve-se intacta¹⁴.» Referia-se, aqui, à sentença de prisão que Loth sofreria já no fim da vida, quando o seu filho Jonas, tendo conseguido a protecção de Mao Tsé-tung e a amizade de Che Guevara, se tornou líder de guerrilha de um movimento nacionalista, operando a partir de bases situadas no Leste de Angola.

* Espécie de espingarda, de fabrico artesanal, usada pelos naturais de Angola. (N. do T.)

Depois de se terem graduado na Missão do Dondi, Loth e a mulher foram colocados como professores numa escola primária da aldeia fundada pelo Centro da Missão Protestante em Chileso, cerca de 100 quilómetros a norte de Silva Porto, onde ambos tinham nascido. Sakaita vivia também em Chileso, onde, até à sua morte, fora o *mwekalia* (procurador-geral) de um dos principais chefes ovimbundu.

Em 1922, a mulher de Loth adoeceu gravemente. Não existiam hospitais no local, portanto ele teria de pagar para que a mulher pudesse ser tratada por um curandeiro africano, utilizando a medicina tradicional. Para saldar as suas dívidas, Loth pediu um empréstimo aos missionários de Chileso. Recusaram-lho. Loth não poderia recorrer ao pai, que ainda possuía muito gado, visto Sakaita lhe ter dito: «Com os missionários ficarás sempre pobre. Apenas te vão dar o Livro Sagrado enquanto se apoderam das tuas terras. Há-de ser sempre a mesma coisa. Ou ficas aqui comigo, onde temos as nossas terras, ou te vais para sempre com essa gente. Se te fores embora, não te quero voltar a ver¹⁵.»

Crivado de dívidas, Loth decidiu-se então a pedir o estatuto de «assimilado», que lhe poderia facilitar a entrada num emprego bem pago nos caminhos-de-ferro. Todavia, a educação facultada pelos missionários era prestada sob condição de os estudantes concordarem em ficar a trabalhar, após a sua formação, como professores cristãos nas aldeias. «O senhor Loth torturou-se muito, no seu íntimo, antes de tomar uma decisão final», afirmou o Dr. MacDowell. «Sabia que, se aceitasse o emprego nos caminhos-de-ferro, os missionários considerariam a sua atitude como se tivesse abandonado o trabalho da Igreja.» Lembro-me muito bem de uma discussão que tivemos, e que durou quase toda a noite, acerca da assimilação e das suas implicações para a cultura ovimbundu e para a solidariedade tribal. A assimilação era o costume de os Africanos adoptarem, para todos os efeitos e propósitos, a cidadania portuguesa. Loth não estava totalmente convencido de que esta fosse uma boa ideia para começar.

«Contudo, expliquei-lhe que não tinha necessidade de renunciar à sua cultura e ao seu povo. Causava-lhe perplexidade a história dos negros americanos pela sua adaptação e pelo facto de terem, em muitos casos, de fazer parte de duas culturas. Da melhor forma que pude, encorajei-o a pensar em termos de dar o seu testemunho cristão todos os dias, no emprego. Logo no dia seguinte decidiu tornar-se num 'assimilado' e aceitar o emprego no caminho-de-ferro. Assinou todos os documentos indispensáveis, registou as suas propriedades e fê-lo de uma tal maneira, e com uma tal convicção, que, acontecesse o que acontecesse, esse facto não diminuiria, em nada, a devoção que tinha pelo seu povo, procurando promover o bem-estar deste, protegendo as facetas positivas da sua cultura por todos os processos ao seu alcance. Ao mesmo tempo, tentaria também, com toda a integridade e franqueza, tirar partido da oportunidade mais insignificante oferecida pela cultura portuguesa.

A sua decisão provocou quase furor na Igreja, tanto mais que, sendo um missionário jovem, me colocou numa posição bem difícil. Contudo, o senhor Loth permanecia fiel à sua religião, em todos os aspectos. Os patrões, no caminho-de-ferro, repararam na sua cortesia e modos cavaleirescos. Viram nele um autêntico cristão e em todos os locais onde trabalhou em breve surgia um movimento cristão, não só entre os Africanos mas também entre os Portugueses ¹⁶.»

O primeiro posto de Loth, na estação de caminho-de-ferro, foi o de um empregado de baixa categoria, mas apesar de o seu ordenado ser pequeno era, mesmo assim, vinte vezes superior ao que lhe pagavam os missionários. Pagou todas as dívidas e utilizou parte do dinheiro restante para construir uma pequena igreja, numa cubata de capim; esta servia de escola durante os outros dias da semana, sendo o pessoal docente constituído por um licenciado do Dondi. As reclamações contra a iniciativa protestante de Loth, feitas por padres portugueses católicos, foram a causa da sua transferência para outra estação. Não obstante, a população local continuou a manter-se fiel à primeira igreja e, no seu posto, Loth fundou mais uma igreja e uma outra escola ¹⁷.

Voltou a ser transferido. Fundou outra igreja e uma outra escola, de novo; porém, Loth também foi transferido regularmente quando era promovido em reconhecimento dos seus méritos profissionais e, vinte anos mais tarde, em 1942, foi nomeado chefe de estação o primeiro africano. Por fim existiam ao longo de todo o percurso do Caminho de Ferro de Benguela, no Centro de Angola, igrejas e escolas «Savimbi», granjeando à família de Loth uma posição importante e respeitada entre a comunidade ovimbundu. Este facto deu ao jovem Jonas a primeira lição sobre a necessidade de qualquer movimento nativo dever apoiar-se com firmeza nas suas raízes culturais e ancestrais para poder ser bem sucedido entre o homem comum.

A ânsia de progresso de Loth Savimbi raramente fora canalizada para reivindicações de ordem política. Na sua juventude e até 1961, quando se deu a primeira sublevação contemporânea contra os Portugueses, a liberdade política parecia um sonho impossível sob o rigoroso regime que o poder colonial pensava manter para sempre. O poder e a paixão de Loth orientavam-se para a religião, que prometia, aos Africanos, mais perspectivas de futuro do que as que lhes eram oferecidas pela acção política em Angola num futuro previsível.

Loth era extremamente disciplinado, uma característica que Jonas observou e cujo exemplo procurou seguir. «Se eu decidisse terminar o estudo de um livro no prazo de uma semana, fazia-o, mesmo que tivesse de passar dois dias sem dormir ¹⁸.» Loth procurou também sublimar a forma como o filho encarava as coisas. Quando Jonas afirmou que queria ser maquinista, Loth respondeu-lhe que deveria albergar o desejo de ser médico, por muito que isso pudesse parecer impossível a um africano. Ele teria,

segundo Loth, de afirmar a si próprio, todos os dias, que ia alcançar o impossível. Loth dizia também a Jonas que tinha de pensar nos Portugueses como opressores e que jamais deveria aceitar qualquer humilhação vinda destes.

Quando tinha 6 anos, em 1940, e foi para uma escola primária, pertencente a uma missão, no Lutamo, perto do Dondi, Jonas já percebera que um dia teria de combater os Portugueses¹⁹. Em 1942, mudou-se para a escola protestante em Chilesso, onde Loth decidira que a mulher deveria viver e os filhos deveriam ser educados, enquanto ia sendo transferido de estação para estação. Por essa altura já Loth se tinha reconciliado com Sakaita e, nos últimos anos da sua vida, o velho chefe pagão estabeleceu uma estreita relação de amizade com Jonas. Falando em 1980, Jonas afirmou: «O meu avô disse-me que, embora tivesse uma alma grande, sofria muito por causa da humilhação que lhe tinha sido imposta pelos Portugueses. Conservava ainda, em casa, dez canhangulos velhos, que eram o seu orgulho, bem como um barril de pólvora ainda dos tempos em que tinha pertencido a um grupo de resistência contra os Portugueses, aquando do Levantamento do Bailundo.» Costumava dizer: «Os Portugueses venceram porque a pólvora estava no fim — se hoje tivéssemos pólvora, os Portugueses já cá não estariam.» Por vezes ficava tão zangado, e sentia-se tão frustrado, por causa do que lhe tinham feito os Portugueses, que carregava os canhangulos, saía de casa e disparava-os para o ar. Ainda hoje conto, muitas vezes, esta história do meu avô sobre a pólvora que se acabou. Explico às pessoas que perdemos a guerra civil, em 1975 e 1976, porque nos faltou a pólvora. A lição que se pode extrair para os tempos actuais é a de que se conseguirmos obter material e ajuda — e, inevitavelmente, muitos dos nossos materiais terão de vir do exterior — os devemos utilizar com inteligência, de forma a que nunca mais se acabe a pólvora à UNITA²⁰.»

Um dom inestimável que Jonas herdou do velho Sakaita foi a sua capacidade para falar a forma tradicional do umbundu, que é a língua dos Ovimbundu. O umbundu clássico é uma miscelânea harmoniosa de provérbios, alegorias e lendas populares. A linguagem não é directa mas sim alusiva, exigindo, por parte dos participantes na conversa, muita paciência e atenção. *Etu tua tunga vovipembe viovopakulu* (Temos raízes nos campos dos nossos antepassados) e *O popia onganji; o malapo osoma* (O advogado fala; o rei conclui e decide). Estes são apenas dois dos provérbios ovimbundu²¹ mais curtos e directos. Como líder da guerrilha contra os Portugueses e, mais tarde, contra o governo marxista de Angola e seus aliados cubanos, Savimbi tem utilizado o seu umbundu tradicional e fluente para atrair e cativar os chefes e os anciãos.

O ano em que Sakaita morreu, 1949, foi também o ano em que Loth se reformou da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela e voltou para a sua casa, em Chilesso, tornando-se director da missão protestante.

Jonas estudou em Chilessso até 1950 e começou a entrar em desacordo com Loth. Apesar de o pai o ter encorajado a pensar nos Portugueses como opressores, recomendava-lhe, insistentemente, que se submetesse na escola, de modo a conseguir obter um bom nível de instrução, tornar-se médico e poder assim ajudar o seu povo. Jonas recorda: «Expliquei-lhe que existia uma tremenda contradição no seu conselho. Dizia-me que não devia tolerar humilhações e eu respondia-lhe que, por diversas vezes, os missionários brancos já me tinham humilhado a um ponto tal que não o conseguia aceitar. Então afirmava-me que eu tinha de ser cuidadoso, mas continuei a pôr em causa muitas outras coisas²².»

Numa ocasião, os missionários de Chilessso organizaram um desafio de futebol, que seria disputado entre os seus alunos negros e uma equipa de crianças brancas, da vizinha povoação do Andulo. A equipa do Andulo incluía o filho do administrador português local. «Trouxeram o seu próprio árbitro, um português que fazia batota. Quando marcávamos um golo, anulava-o. O meu pai tinha-me comprado uma bola de futebol — que era a única que existia na missão — por isso tivemos de jogar com ela. Quando o árbitro fez batota disse-lhe que tinha de ir arranjar a sua própria bola. Agarrei na minha e comecei a afastar-me, agarrando-a, com a minha equipa a gritar que eu não devia fazer uma coisa daquelas porque o filho do administrador estava a jogar. Respondi-lhes que o administrador fazia melhor se comprasse uma bola ao filho em vez de pensar em me prender. Continuei a afastar-me e o jogo teve de ser interrompido²³.»

* * *

Depois de seu pai se ter reformado, Jonas começou a ouvir histórias de Daniel Ekundi, um amigo de Loth, que, em 1920, tinha estado entre os primeiros negros autorizados a deixar o interior de Angola e a frequentar uma escola secundária em Luanda. Na altura não existiam escolas secundárias na citada região. Quando voltou, Ekundi começou a leccionar numa das missões antes de se decidir a partir, em 1943, para fundar uma escola primária particular, no Chiumbo, perto do Dondi, a que deu o nome de «Salvaterra». Ekundi deu aulas a estudantes mais velhos que não tinham anteriormente tido a oportunidade de estudar. A sua reputação aumentou, em especial quando deixou que crianças oriundas de famílias desfavorecidas, que não podiam pagar propinas, a frequentassem²⁴.

Ekundi foi um dos primeiros nacionalistas negros angolanos da era moderna. Era bastante esclarecido politicamente e introduziu com subtilidade, à medida que ensinava outras matérias, o estudo da História e da Constituição Portuguesa, embora a lei o proibisse. Durante vários anos, os Portugueses ignoraram, ou não entenderam bem, o alcance e as implicações que se escondiam por detrás do nome da escola de Ekundi e do

ensino camuflado que ele ministrava aos seus pupilos. «Ensinava matérias, utilizando factos, sem comentários, e deixando aos instruídos o cuidado de pensar», disse Savimbi. «Lançava a semente e deixava-a germinar, fazendo-o com sacrifício, visto as propinas que cobrava não chegarem para pagar o alvará aos Portugueses e comprar a comida para o sustento dos alunos internos.»

Por volta dos anos cinquenta, o nacionalismo de Ekundi tornou-se mais evidente, em particular quando começou a escrever cartas às Nações Unidas denunciando as condições políticas vigentes em Angola. Protestou junto das autoridades de Luanda acerca das actividades de um administrador local, João Vaz Monteiro, que confiscara terras a camponeses negros em seu próprio proveito. Por fim, quando escreveu, em 1953, ao Governo de Portugal, em Lisboa, exigindo a autonomia de Angola, foi preso e julgado por subversão. A escola «Salvaterra» foi então encerrada²⁵.

Na altura da prisão de Ekundi, Savimbi, quase com 19 anos, era estudante no Dondi. Fez-se uma colecta para contratar um advogado que defendesse Ekundi. «Compreendi, então, que aquele homem ultrapassava a missão de um simples professor. Comecei a admirá-lo. Queríamos agrupar-nos para o apoiar, porém não sabíamos como fazê-lo. Víamos nele um herói. Defendia algo que não compreendíamos em toda a sua verdadeira extensão mas, ao mesmo tempo, sentíamos e desejávamos que se materializasse.»

Ekundi esteve preso durante mais de dez anos. Primeiro, num campo de detenção, na Baía dos Tigres, uma península situada na costa azul de Angola, e depois em Luanda. Durante o tempo em que esteve na prisão continuou a dar aulas tanto a portugueses como a africanos. Tendo sido o primeiro negro da Angola Central a ser preso por crimes políticos, conquistou celebridade e prestígio local. Quando saiu da prisão, em 1964, reabriu a escola «Salvaterra» e retomou o seu passatempo predilecto como organista da igreja.

Savimbi recorda-se de ter voltado a encontrar-se com Ekundi ao fim de vinte anos, no regresso do Dondi, em Janeiro de 1975, quando terminou a guerra nacionalista contra os Portugueses. «Nunca pensei que voltaria a encontrá-lo vivo. Antes disso, quando ainda era jovem, não conversara o suficiente com ele, embora ele fosse amigo do meu pai. Quando, mais tarde, fui estudar para a Europa, limitou-se a dar-me o conselho que qualquer pessoa mais velha costuma dar: 'Anda para a frente. Dá atenção àquilo que estudas, mas procura alcançar outros objectivos também.' Por isso, quando o voltei a encontrar tivemos uma conversa muito, muito longa, de forma a que ele me pudesse contar como tudo tinha começado; isto é, como assumira uma posição tão firme no papel de pioneiro na luta contra a soberania portuguesa. Em Julho de 1977, Ekundi foi morto pelo MPLA, em virtude de ser um leal apoiante da UNITA²⁶.»

Em 1976, depois de Angola ter ascendido à independência e Savimbi e os guerrilheiros da UNITA se terem retirado para o interior das matas angolanas, Ekundi permaneceu na retaguarda, no Chiumbo, que estava então sob o controlo do MPLA. Visto já ter uma idade avançada e se encontrar reformado, nunca pensou vir a ser vitimado devido às suas tendências em favor da UNITA. No entanto, as tropas do MPLA entraram no Chiumbo, segundo relatórios dos aldeões, que estão em poder da UNITA, e exigiram que Ekundi se filiasse no MPLA. Ekundi recusou. Interrogaram-no e acusaram-no de organizar uma rede de abastecimentos na área de guerrilha da UNITA.

«Todavia, ele foi bastante firme nos seus protestos», relatou Savimbi. «Declarou-lhes: 'Quando os vossos três movimentos de libertação apareceram [saíram das matas, em 1975, antes da independência], disseram-nos que cada um era livre de escolher e de se juntar a qualquer deles. Era, portanto, uma opção tomada em liberdade. Aderi à UNITA porque conhecia os antecedentes das pessoas que constituíam o movimento e concordava com tudo quanto diziam. Fiz a minha escolha e não sou do MPLA, sou da UNITA. Porém, já sou muito velho para andar a fingir, portanto hei-de continuar a pertencer à UNITA e hei-de morrer em paz.' O MPLA respondeu-lhe que não estava a ser inteligente e que teria de se inscrever. Ekundi retorquiu-lhes que tinham idade para ser seus filhos e que não lhes assistia o direito de lhe falarem de uma maneira tão brutal.»

Ekundi, então com 73 anos, foi levado para a prisão do Huambo (outrora Nova Lisboa) com sua mulher e, sem terem sido sequer acusados ou julgados, foram ambos fuzilados pelo MPLA a 27 de Agosto de 1977.

* * *

Em 1950, Jonas mudou da escola de Chilessó para a do Dondi. Num dos estabelecimentos missionários do Dondi, o Instituto Currie, começou o seu curso secundário de quatro anos, que habilitava os que o terminavam a ser professores primários, não lhes conferindo qualificações, apesar disso, para entrarem na Universidade. Os missionários eram profundamente puritanos: baniram o tabaco, a bebida e, ainda com muito menos razões, proibiram que se dançasse à maneira europeia, coisa em que Savimbi e os amigos eram exímios. A proibição era tanto mais ridícula quanto o facto de os Portugueses terem proibido as danças tradicionais a qualquer africano que aspirasse a tornar-se «assimilado» na sociedade portuguesa. «Proibiam tudo e isso levou-me à revolta. Mesmo continuando a crer no Deus cristão, aconteciam cada vez mais coisas que eu não podia aceitar²⁷.»

Enquanto Savimbi estudava arduamente, e também com sucesso, no Instituto Currie, ia muitas vezes dançar. «Costumava dizer francamente, aos outros alunos, que deviam também dançar, porque não havia nisso

qualquer mal e não existia nenhuma razão plausível para que a dança fosse proibida.» Em 1954, porém, Savimbi foi punido pelos missionários por causa deste seu acto de rebeldia. Suspenderam-lhe a bolsa de estudos e mandaram-no regressar a Chilisso, durante um ano, para trabalhar como professor, antes de acabar os seus estudos.

Loth ficou furioso com o filho. Concordou em que não havia, de facto, nenhum mal em dançar, mas recomendou-lhe, com insistência, que dançasse apenas em casa, com as irmãs²⁸; na aparência, devia conformar-se com as ordens dos missionários, porque a bolsa de estudos oferecia a um africano que desejava ser médico o único passaporte para o sucesso. «Respondi que não podia aceitar o facto de dançar apenas com as minhas irmãs e não com as outras raparigas. O princípio devia ser um só: ou não dançar com ninguém ou ter a liberdade de dançar com toda a gente.»

A tensão cresceu gradualmente entre Loth e o filho e, por volta de 1955, Jonas resolveu não regressar mais ao Dondi. Preferiu ir para Silva Porto e pediu para ser admitido no liceu, um colégio particular subsidiado pelo Governo que até ali nunca tinha admitido negros. Se conseguisse que o aceitassem, podia fugir com muito mais facilidade ao peso da Lei do Indigenato do que se voltasse à missão do Dondi.

* * *

Foi um Savimbi muito preocupado, mas também muito determinado, que se dirigiu a Silva Porto, em meados dos anos cinquenta. Nessa época, Silva Porto era a sede de uma guarnição militar portuguesa e abrigava cerca de 12 000 civis. Cidade mercantil, ficava situada na extremidade oriental do centro económico de Angola, uma cintura agrícola muito rica, que se estendia por cerca de 400 quilómetros, até ao mar.

Savimbi foi bater à porta do director do liceu de Silva Porto, o senhor Corte Real, e pediu que lhe desse oportunidade de estudar. Corte Real mandou-o embora. O africano não possuía dinheiro para pagar as propinas, que eram elevadas; tinha-se apresentado a meio do ano escolar e, aos 20 anos, era muito mais velho do que qualquer dos outros alunos brancos. Todavia, a inteligência e ambição de Savimbi devem ter sido tão evidentes que a mulher do director suplicou ao marido que lhe desse uma oportunidade. Corte Real cedeu. Savimbi passou no teste escrito e o director concordou em que não pagasse as propinas durante um período experimental até aos exames que terminavam o ano lectivo. Para ganhar o seu sustento Savimbi foi trabalhar para a cozinha de Corte Real e dar banho ao cão deste. Partilhava com o cozinheiro o quarto de dormir.

«A mulher do director era muito simpática para comigo. Dispensava-me às vezes de trabalhar na cozinha, durante a tarde, para poder estudar. Um mês antes dos exames persuadiu o marido a dispensar-me das minhas tarefas na cozinha, à noite. Puseram um candeeiro no meu quarto,

de maneira a poder estudar com mais facilidade. Deu-me explicações de francês e matemática, visto ser também professora no liceu. No último mês ajudou-me tanto como se fosse minha mãe. Deu-me dinheiro para comprar cadernos de exercícios e, quando chegou a altura dos exames, comprou-me um fato novo para que fosse vestido como os outros alunos brancos. Prometeu também arranjar-me uma bolsa de estudos se eu passasse nos exames.»

Savimbi passou, mas aconteceu um revés. O liceu viu-se privado de fundos e foi fechado, em 1956, sendo os alunos portugueses transferidos para uma outra instituição de ensino em Nova Lisboa. Savimbi não tinha dinheiro nem protecção suficientes para que lhe acontecesse o mesmo. «A senhora Corte Real chamou-me, a chorar, e disse que quisera realmente ajudar-me. Aquela senhora não tinha filhos. Afirmou-me que ela e o marido estavam de regresso a Portugal e que não sabiam como haviam de me ajudar.»

O cozinheiro de Corte Real (que mais tarde se tornou membro da UNITA) arranjou um novo emprego no Hotel de Silva Porto e convidou Savimbi a partilhar o seu alojamento. Enquanto Savimbi esperava os acontecimentos vindouros, o secretário do colégio, que ainda permanecia em Silva Porto para terminar o fecho das contas, informou-o de que ouvira dizer que o colégio de Silva Porto ia ser entregue a missionários católicos — os Irmãos Maristas.

No fim de Janeiro de 1956, os missionários católicos chegaram e começaram a admitir alunos. Savimbi foi falar com o irmão Armando Cordeiro, um padre brasileiro que foi desempenhar o cargo de novo director, e disse-lhe que, apesar de não ter dinheiro, desejava continuar a estudar. «O irmão Cordeiro disse-me que a sua missão era apenas ensinar; não tinha vindo a Angola para fazer caridade e que, se eu quisesse ganhar dinheiro, poderia ajudá-lo a construir um campo de voleibol. Respondeu-me afirmativamente. Levámos cerca de dois meses a cavar e a arrancar pedras. Eu costumava dizer para mim mesmo que aquele homem era mais um colonialista e pronto. Tinha-lhe pedido para me ajudar, dando-me a possibilidade de estudar, e ele tinha-me posto a trabalhar daquela maneira. Todavia, olhava para ele e constatava que trabalhava tanto como eu.

Ao fim de dois meses o irmão Cordeiro disse-me que me pagava e que podia ir-me embora. Fiquei consternado e chorei. Disse-lhe que pensava que tivesse estado a experimentar-me quando me pôs a trabalhar no campo de voleibol para ver até que ponto eu estava a falar a sério ou não, de forma a poder decidir se me havia de conceder a bolsa de estudos que lhe pedira. Disse-lhe que me sentia muito chocado só pelo facto de ele pensar que eu estivera a trabalhar apenas por dinheiro. O irmão Cordeiro consolou-me e mandou-me voltar no dia seguinte.»

Quando voltou, o irmão Cordeiro informou-o de que lhe era concedida a bolsa de estudos, mas com uma condição: era evidente que Savimbi

era um bom trabalhador, era, no entanto, menos óbvio se seria um bom estudante. A bolsa ser-lhe-ia concedida apenas por seis meses. Se Savimbi tivesse bom aproveitamento, ser-lhe-ia prorrogada por mais seis meses e, se ao fim de um ano Savimbi continuasse a demonstrar ser um bom estudante, a bolsa ser-lhe-ia atribuída por mais um ano.

Savimbi provou ser um aluno brilhante, completando o curso de três anos, em Silva Porto, em apenas dois anos. Passou por novas experiências. Mudou-se para o internato do colégio onde todos os outros alunos eram brancos. Pela primeira vez na vida usou um pijama. (Nas aldeias, à noite, as pessoas embrulhavam-se apenas em peles.) Uma profunda e crescente amizade nasceu entre Savimbi e o irmão Cordeiro. «Aquele homem salvou-me a vida. Embora as minhas relações com o meu pai estivessem bastante abaladas, eu desejava, sinceramente, fazê-lo feliz, tornando-me médico. Se o irmão Cordeiro não me tivesse atribuído aquela bolsa de estudos, penso que não teria conseguido continuado a estudar. Modificou a minha vida por completo; embora as coisas que o meu pai e o meu avô me ensinaram continuassem a ser os princípios pelos quais pautava a minha vida, fez por mim algo mais do que aquilo que eles poderiam fazer. Recomendou-me sempre que me preparasse para servir o meu povo. Costumava apontar para os camiões cheios de 'contratados', a caminho do Norte e das plantações de café, e a dizer que eles eram tratados como escravos. Embora eu estivesse a ser tratado como um português, não devia esquecer que pertencia à raça negra. Explicou-me que, se me tornasse médico e não fizesse nada pelo meu povo, a minha vida redundaria em pura perda e não teria significado.»

Armando Cordeiro projectou novas dimensões no pensamento de Savimbi, negro e protestante. «Armando era branco e católico, por que razão era tão parecido com meu pai?, perguntava a mim próprio. Tenho de analisar o que meu pai e meu avô me ensinaram: todos os brancos são inimigos — não podemos confiar neles! O meu pai costumava mesmo afirmar que, quando se lidava com um branco, tinha de se estar sempre com os dois pés atrás por cada um que se avançasse. Cheguei, naquela altura, à conclusão de que nem *todos* os homens brancos são inimigos. Desde então disse: não, alguns são bons.»

Savimbi foi persuadido, pelos argumentos do irmão Cordeiro, de que deveria procurar ajudar o seu povo. Fã-lo-ia como médico. Sob a orientação de Cordeiro desenvolveu também uma nova filosofia que viria a ser-lhe muito útil no futuro: «Por vezes, fica-se muito deprimido se se aposta tudo num projecto e ele falha. Contudo, após o fracasso, há apenas que recomeçar²⁹.»

Quando Savimbi terminou os exames, em Silva Porto, o irmão Cordeiro disse-lhe que a comunidade missionária o ajudaria para poder frequentar a Universidade e matricular-se na Faculdade de Medicina, em Lisboa. Savimbi teve, porém, de frequentar primeiro, durante algum

tempo, uma escola secundária mais avançada — o Liceu Nacional de Sá da Bandeira, no Sudoeste de Angola. Em 1958, recebeu o diploma como o melhor aluno da turma e foi-lhe concedido o diploma do Curso Complementar dos Liceus, que lhe abriu as portas para novos mundos.

Em Setembro de 1958, a mãe de Savimbi, o Dr. Henry MacDowell e sua mulher, Ruth, acompanharam-no na viagem, de comboio, até ao porto do Lobito, de onde partiria, com destino a Portugal, para iniciar o seu curso de Medicina. Despediu-se do pai em Chilessó; não podiam adivinhar que nunca mais se voltariam a ver.

No cais, abraçou a mãe e os MacDowell. A bordo do navio começou a conversar sobre política, com um marinheiro negro americano, ainda antes de o barco largar. «Ele disse-me: o vosso povo tem de lutar. Kwame Nkrumah [presidente do novo Gana, antiga colónia britânica da Costa do Ouro] está interessado em ajudar qualquer povo negro a lutar pela sua independência. Disse-me para não ir para Lisboa, mas sim para o Gana. Afirmou-me ainda que no Gana estavam a apoiar um grupo de angolanos³⁰ que preparavam um levantamento em Luanda, para se livrarem dos Portugueses. Estive quase a ceder, porque me queria juntar a um movimento de libertação imediatamente. Todavia, pensei como isso iria fazer sofrer a minha mãe e o meu pai e que os missionários veriam naquilo a prova conclusiva de que eu não era uma pessoa honesta, mas apenas um agitador. Mesmo assim, o marinheiro deu-me um livro sobre o marxismo e um outro de Marcus Garvey [o primeiro líder americano da consciência negra] e, depois de os ler, fiquei realmente ansioso por me juntar a um movimento de libertação. Logo no navio me apercebi de que os meus estudos iam passar a um plano secundário na minha vida.»

Angola desvanecia-se no horizonte. Passaria quase uma década até Savimbi voltar, não abertamente, mas como líder de uma dúzia de guerrilheiros, treinados na China. Estavam armados apenas com catanas e uma pistola *Tokarev*, de fabrico soviético, oferecida a Savimbi, em Dar-es-Salaam, por Sam Nujoma, líder da SWAPO, o movimento de libertação nacionalista do território do Sudoeste Africano (Namíbia) sob o controlo da África do Sul, que faz fronteira com o Sul de Angola.

CAPÍTULO II

PORTUGAL E A SUÍÇA

1958-1961

EM OUTUBRO DE 1958, Savimbi avistou a Europa pela primeira vez quando o barco em que viajava entrou no estuário do Tejo para atracar em Lisboa, capital de um império que nada parecia poder abalar e que os Portugueses acreditavam que não acabaria nunca.

Mil novecentos e cinquenta oito fora um ano de importantes transformações na Europa. Marcou o início da Comunidade Económica Europeia, um compromisso entre as nações que tinham combatido durante a Segunda Guerra Mundial, com o objectivo de reforçarem as suas democracias no pós-guerra e a cooperação entre si. Ao mesmo tempo que ocorriam estes movimentos tendentes à unidade da Europa, desenvolvia-se o movimento para a liquidação dos seus impérios em África, como expressou, na altura, um perito em administração colonial: «O fim do poder colonial está à vista. As três maiores potências europeias em África declararam já o seu objectivo. Todas as colónias francesas, excepto a Argélia, eram livres de escolher entre a independência ou tornarem-se membros da Comunidade Francesa. O Governo Belga declarara já o seu propósito de conceder a independência ao Congo, embora, numa região tão vasta, a execução desta promessa possa vir a ser demorada. A Grã-Bretanha havia já reconhecido a independência do vasto território do Sudão e do pequeno Gana. A Nigéria conseguirá a sua independência em 1960, transformando-se no Estado africano mais densamente povoado. O Tanganica já iniciou o caminho para a independência. No Quênia, país organizado por brancos, o caminho a seguir é complicado mas as dificuldades serão certamente ultrapassadas¹.»

Em contraste com estas posições, Portugal, que não participara na Segunda Guerra Mundial, permanecia num regime de ditadura, não reconhecia qualquer dever «em conduzir os seus súbditos africanos para uma

autodeterminação, que negava ao seu próprio povo»², e não mostrava nenhum sinal de capitulação no seu império colonial, onde fora construída uma prosperidade precária. Ao ficar fora do conflito mundial de 1939-1945, Portugal beneficiou da comercialização de matérias-primas das colónias, vendidas no tempo da guerra a altos preços. Os recursos de Angola, tais como café, sisal, algodão, milho e diamantes, eram introduzidos na economia mundial e proporcionaram a Portugal a moeda estrangeira suficiente para manter estável a sua balança interna de pagamentos.

Savimbi recorda-se de uma visita que fez ao Munhango durante umas férias, no início de 1945, onde o pai era chefe de estação. Loth, que na altura tinha sob as suas ordens portugueses brancos e direito a um carro com motorista, para o levar a casa durante a sua licença anual, lamentava-se *do facto de Portugal não ter entrado na guerra*. «Porquê?», perguntou Jonas. «Porque depois eles estariam tão depauperados que não teriam mais vontade de continuar a dominar-nos», replicou Loth³.

Em Lisboa, ao desembarcar, Savimbi teve oportunidade de apreciar as pompas de um grande império: palácios, avenidas largas, arcos triunfais, estátuas e armazéns de companhias que viviam do comércio de produtos coloniais, alinhando-se ao longo do cais. Contudo, esta riqueza era o produto de trabalho e suor africano dos «contratados» em Angola e nos outros territórios sob administração portuguesa: Moçambique, Guiné-Bissau e Timor Leste. As fortunas estavam concentradas nas mãos de uma pequena *élite*; o povo de Portugal era o mais pobre da Europa. Em 1961, o rendimento médio anual dos 9 milhões de portugueses era de 270 dólares (cerca de 7800\$00), representando um quarto do rendimento médio na globalidade da Europa Ocidental⁴. Estando o ditador de Portugal, Dr. António de Oliveira Salazar, plenamente consciente da dependência económica pré-industrial do seu país em relação a territórios como Angola, havia muito poucas probabilidades de Lisboa aderir à corrente descolonizadora. Salazar continuava a declarar que Angola constituía parte inalienável da «Pátria» portuguesa e encontrou apoio noutro ditador, o generalíssimo Francisco Franco, da vizinha Espanha, que tencionava manter as suas pequenas colónias africanas: Rio Muni, Fernando Pó e o Sara Espanhol. Enquanto Salazar e Franco estivessem no poder, não haveria a perspectiva de que Lisboa renunciasse aos seus territórios ultramarinos.

Savimbi não ficou amedrontado. Começou desde logo a procurar uma maneira de combater o domínio português em Angola. Muito breve ouviu falar que um homem chamado Agostinho Neto poderia ajudá-lo naquela empresa.

Neto era de longe o mais prestigiado nacionalista negro angolano. Nascido no Catete, perto de Luanda, em 1922, filho de um pastor metodista, foi um dos poucos negros a tirar o curso da escola secundária mais importante de Luanda, o Liceu Salvador Correia de Sá. Deixara Angola em 1947, com uma bolsa de estudos das missões metodistas americanas,

para ir cursar Medicina nas Faculdades de Lisboa e Coimbra. A partir de 1952, esteve preso várias vezes por causa da sua actividade política contra o regime português e da sua radical forma de escrever, especialmente os seus poemas. Um pouco antes de chegar a Portugal escreveu um dos seus mais famosos poemas — *Adeus à Hora da Largada*:

Minha Mãe
 (todas as mães negras
 Cujos filhos partiram)
 Tu me ensinaste a esperar
 Como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
 matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
 Serei aquele por quem se espera ⁵.

Quando Savimbi chegou a Portugal, Agostinho Neto estava no fim de mais uma sentença de prisão: após onze anos de estudos interrompidos ainda não se tinha formado em Medicina. Savimbi soube, por outros estudantes das colónias, que o objectivo de Agostinho Neto era a independência de Angola. Contudo, a sua estratégia era participar no movimento contra Salazar, em Portugal, acreditando que um governo democrático em Lisboa lhe concederia a independência. Neto era, portanto, membro secreto da organização juvenil do Partido Comunista anti-Salazar, o Movimento da Unidade Democrática Juvenil (MUDJ). Mais tarde, Savimbi perguntou-lhe qual a razão porque não lutava pela independência de uma forma directa e Neto replicou que isso não poderia acontecer enquanto não houvesse mudanças políticas em Portugal ⁶. A sua profecia cumpriu-se quando, duas décadas mais tarde, ao dar-se o derrube da ditadura portuguesa pelas Forças Armadas, tal facto levou directamente à independência de Angola.

Em Lisboa, Savimbi começou a receber panfletos do Partido Comunista. Ficou impressionado, porque os comunistas pareciam ser as únicas pessoas a tentar combater a ditadura. Quando perguntou aos seus amigos oriundos das colónias portuguesas como poderia contactar o Partido, indicaram-lhe o Clube Marítimo, nas docas, que era ostensivamente uma associação para marinheiros de Angola, São Tomé e Cabo Verde. De facto, era uma célula do Partido Comunista e o seu presidente — ignoravam-no os Portugueses e, até muito mais tarde, Jonas Savimbi — era precisamente Agostinho Neto.

Savimbi fez os seus contactos e começou a distribuir os panfletos na Faculdade. A sua lealdade ficou reforçada quando o Partido Comunista denunciou de imediato o Exército Português, após este ter tomado severas medidas repressivas durante uma greve de estivadores, em Agosto

de 1958, na colónia portuguesa da Guiné-Bissau, tendo sido mortos a tiro 50 trabalhadores das docas⁷.

O jovem ovimbundu apenas falou das suas actividades políticas clandestinas a um seu camarada estudante — José Liahuka, que também tinha estudado no Instituto Currie, no Dondi, e cujo pai era amigo íntimo de Loth. Liahuka, que estava a terminar os seus estudos médicos, foi esperar Savimbi, à sua chegada de Angola, com boas notícias. Os missionários americanos da Igreja Unida em Cristo, que tinham observado Savimbi enquanto este progredia sob a direcção de Armando Cordeiro, ofereciam-lhe agora uma bolsa de estudo superior à que lhe fora concedida pelos Maristas. Savimbi aceitou.

Liahuka, cinco anos mais velho do que Savimbi, fez dois avisos ao recém-chegado. Em primeiro lugar, a medicina exigia demasiado para permitir distrações, tais como a política. Segundo, os perigos de detenção eram grandes, porque a comunidade estudantil estava infestada de informadores. Liahuka avisou Savimbi para que desistisse da política, porque o seu pai e Armando Cordeiro ficariam extremamente desiludidos se não terminasse o curso de Medicina.

Não obstante, Savimbi prosseguiu com os estudos e com a actividade política. Tudo correu bem até Abril de 1959, quando foi convocado pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a impiedosa polícia política que serviu de suporte à ditadura. Confrontaram Savimbi com uma carta, proveniente de Angola, que lhe era dirigida e pediram-lhe que a lesse. Era de um amigo de Savimbi e colega de escola do Dondi, Arao Kunga, um negro de 22 anos, finalista do Liceu de Nova Lisboa, e planeava vir estudar Direito para Portugal. A escolha do curso de Direito era suficientemente invulgar para atrair a atenção da PIDE. Vivamente interessado no que estava a acontecer em Portugal, Kunga trocava correspondência com Savimbi com certa regularidade.

Savimbi leu, em voz alta, uma das cartas interceptadas pela PIDE e conseguiu evitar que transparecesse o seu assombro com uma frase que rezava assim: «Tem cuidado, debes manter os olhos abertos e ver quem são essas pessoas. Nós vamos tratar delas⁸.»

Então quem são as pessoas de quem vocês tencionam tratar?, perguntou o interrogador da PIDE. «Disse-lhes que tínhamos estudado juntos sob a orientação dos missionários protestantes americanos, em Angola, e que as autoridades portuguesas não concordavam com muitas das actividades dos missionários⁹. Talvez Kunga estivesse a referir-se aos missionários, sugerindo que eu estivesse atento e observasse se se portavam bem em Portugal da mesma maneira que em Angola.»

O interrogador da PIDE insinuou que Kunga se devia estar a referir aos Portugueses. «Não», respondeu Savimbi, «não pode ser porque nós somos todos portugueses, a não ser que vocês pensem que por sermos africanos não somos portugueses?»

Deixaram Savimbi ir-se embora. Este escreveu imediatamente a Kunga, pedindo-lhe que não abordasse temas controversos nas suas cartas e mandou a missiva por um estudante que estava de regresso. Kunga passou à clandestinidade depois de ajudar outro estudante, Júlio Cacunda, a planejar uma insurreição no Centro de Angola, baseando-se num partido político que tinham formado com a sua própria bandeira. Kunga foi persuadido, por fim, a sair da clandestinidade, por um missionário americano, que lhe assegurou que não seria perseguido pela PIDE. Contudo, Kunga foi preso e morreu, aos 24 anos, na prisão de Mombaka, no Lobito, no dia 14 de Abril de 1961, após vários espancamentos. Cacunda também foi preso e nunca mais foi visto. Estas mortes coincidiram com relatos de missionários sobre prisões em massa feitas pelos Portugueses nas zonas a norte de Nova Lisboa e Silva Porto. «Segundo alguns africanos que estavam presentes na altura, a polícia carregou e levou para o alto mar um barco com pessoas, que se supunha estarem corrompidas por sentimentos nacionalistas, tendo sido a última vez que se ouviu falar delas. O esquadrão da cavalaria português 'Dragões de Angola', apoiado pelo Exército, perseguiu africanos instruídos, atacou aldeias e matou incontáveis centenas de suspeitos de serem simpatizantes nacionalistas¹⁰.»

Um outro correspondente de Savimbi que lhe arranjou problemas com a PIDE foi o Dr. John Mallory, antigo missionário em Angola e que tinha voltado para a Califórnia pouco tempo antes de Savimbi ter embarcado para Portugal. Mallory interrompeu a sua viagem no Gana. Teceu elogios a Nkrumah, embora ingenuamente, porque o *Redeemer* * construía já estátuas gigantescas dele próprio, que seriam destruídas quando foi derubado, em 1966, depois de ter levado à ruína o mais próspero Estado da África negra. Mallory dizia que Nkrumah tinha sido educado nos Estados Unidos mas não tinha esquecido as necessidades do seu próprio povo: os estudos de Savimbi no estrangeiro eram apenas uma preparação para ajudar a mitigar os sofrimentos dos seus compatriotas angolanos negros.

Desta vez a PIDE não aceitou as desculpas de Savimbi. Nkrumah podia ter sido investido no poder pacificamente, pelo Império Britânico, mas, em Portugal, ele era considerado como comunista. Savimbi foi preso, mas negou quaisquer contactos com grupos da oposição. De facto, embora ele tivesse andado a distribuir panfletos, pouco poderia dizer à PIDE que tivesse alguma utilidade. Conhecia o Clube Marítimo mas não sabia da sua ligação com Agostinho Neto, com quem ainda não se tinha encontrado. A PIDE soltou Savimbi, ao fim de uma semana, com a condição de ele se infiltrar nos movimentos da oposição e de os informar sobre eles. Queriam informações sobre Agostinho Neto e sobre os missionários americanos protestantes que trabalhavam em Portugal. Todavia, a primeira

* O «Redentor». (N. do T.)

tarifa de Savimbi seria a de se juntar às «subversivas» Testemunhas de Jeová e obter informações acerca delas.

Savimbi afirma ter recusado. Quando a PIDE o acusou de ser comunista, negou-o, em especial porque ele mesmo começava a pôr em causa a própria filosofia marxista, apesar do seu envolvimento «panfletista» com o Partido Comunista. A PIDE pôs em frente de Savimbi maços de notas e disse-lhe que poderia terminar os seus estudos sem problemas se colaborasse, além de que poderia ter o seu próprio carro e um apartamento. «Disse-lhes que não... mas disseram-me para me ir embora e pensar no assunto ¹¹.»

Quando Savimbi foi libertado, em Maio de 1959, Liahuka disse-lhe que a sua vida em Portugal estava arrumada: encontrava-se metido em sérios apuros com a PIDE e esta não mais o deixaria em paz. Savimbi nunca tinha mencionado que sabia da existência de Agostinho Neto, apesar de este não ser um nome desconhecido para o amigo. Neto, disse-lhe Liahuka, era um estudante de Medicina que já devia ser médico há muito tempo mas tinha-se envolvido na política e passara muito tempo na prisão. No entanto, Neto estava, então, a completar os seus estudos, pois só se tinha tornado politicamente activo no 4.º ano do curso. Savimbi nem conseguiria lá chegar. Tinha-se metido em sarilhos antes de completar o 2.º ano. Havia que tratar dos preparativos para o fazer sair clandestinamente do País, disse-lhe Liahuka.

* * *

Entretanto, em Junho de 1959, Kwame Nkrumah planeou escalar no aeroporto de Lisboa, em trânsito, na sua viagem para as Nações Unidas, em Nova Iorque. A presença iminente do homem que simbolizava a liberdade pan-africana não foi anunciada, mas mesmo assim a notícia espalhou-se entre a comunidade africana que estudava em Lisboa.

Nesse dia, Savimbi dirigiu-se, sozinho, para o aeroporto, onde centenas de africanos se tinham reunido para saudar Nkrumah. Presumia-se que a PIDE faria algumas prisões, já que teria todo o interesse em saber como se tinha espalhado a notícia acerca da passagem secreta de Nkrumah, em trânsito para Nova Iorque. Imediatamente após ter visto Nkrumah de relance, que acenava com um lenço branco em direcção aos africanos, antes de entrar para a sala dos VIP's, Savimbi apanhou um táxi para a sua casa em Lisboa. Quase todos os outros africanos permaneceram no local para tentarem encontrar-se com Nkrumah. Quando o líder ganiano partiu, foram imediatamente detidos mais de 100 estudantes ¹².

Embora notasse a sua falta no aeroporto, a PIDE apareceu, pouco depois, no quarto de Savimbi e levou-o para o quartel-general. Foi espancado e acusado de ter estado no aeroporto para saudar Nkrumah. Savimbi negou e, ao fim de três dias, foi de novo libertado.

Na opinião de Liahuka este incidente tornou ainda mais premente a necessidade de fazer Savimbi sair de Portugal. Um dos seus amigos, intelectual português que editava a revista *Seara Nova* e que já tinha sido detido várias vezes pela PIDE, vivendo no exílio durante longos períodos, garantiu que ia conseguir para o jovem angolano uma declaração da PIDE em como era livre para abandonar Portugal. Ele conseguiu o documento e um passaporte ilegal, através dos seus contactos no Porto, uma cidade no Norte de Portugal, onde era improvável a PIDE saber das suspeitas que pesavam sobre Savimbi em Lisboa.

Em Julho, como se esperava, Savimbi encontrou-se com Agostinho Neto pela primeira vez. Foi-lhe apresentado, através de um contacto, e partilhou um refeição com o misterioso nacionalista angolano, cuja coragem e poesia tinha passado a admirar. Neto referiu-se aos seus muitos períodos de detenção como tempos passados «em férias», por essa altura já terminara o curso de Medicina e estava determinado a cumprir um ano de internato, como médico estagiário, antes de regressar a Angola. Savimbi recorda-se de Neto lhe ter dito: «A maneira como tens estado a trabalhar está correcta. Lembra-te de que, depois deste encontro, não voltaremos a encontrar-nos. Se um de nós for forçado a 'ir de férias', nunca admitirá que conhece mais alguém¹³.»

Agostinho Neto mostrou-se compreensivo quando Savimbi lhe contou que os seus estudos estavam a correr mal por causa da PIDE. No entanto, Neto cometeu um erro que iria contribuir para uma desconfiança, por parte do jovem ovimbundu, que cresceu até se transformar numa inimizade épica. A crença da maior parte do povo imbundu, tal como Neto, natural de Luanda e da sua região era a de que os negros naturais do Centro e do Sul de Angola eram comparativamente mais atrasados e consideravam-nos também colaboradores dos Portugueses, porque os Ovimbundu constituíam a maioria dos «contratados» que trabalhavam nas plantações de café, no Norte. Quando Savimbi lhe disse que era natural de perto de Nova Lisboa, Agostinho Neto afirmou ser impossível que um militante tão brilhante e corajoso como ele pudesse ter surgido do Sul; de certeza que a família tinha as suas origens no Norte?

Savimbi ficou muito magoado com esta observação de Agostinho Neto, que comentou, então, as boas classificações que os estudantes do Centro e Sul de Angola estavam a obter nos seus estudos em Portugal. «Ele disse: 'Mas não se envolvem no movimento de libertação. Talvez isso seja culpa dos missionários.' Então, começou a rir-se de uma forma peculiar e acrescentou: 'Eu também estou envolvido com missionários. O meu pai também é pastor, mas esses missionários são uns mentirosos — o meu pai disse-me isso —, eles não desejam que tenhamos uma visão mais clara das coisas. E os nossos amigos no Sul nunca participarão na luta se acreditarem em tudo que os missionários lhes digam. Esta é a razão porque não acredito que alguém como tu, que tem vindo a participar na luta,

possa ser do Sul.' Assegurei-lhe, porém, que era realmente do Sul, e ele não falou mais nisso ¹⁴.»

Apesar destas observações que o magoaram, Savimbi ficou fortemente impressionado com a calma e determinação de Agostinho Neto. Aceitou-o como líder.

Um pouco antes de terminar o encontro, que durou cerca de uma hora, Neto disse a Savimbi que seria bom se ele conseguisse conciliar os seus estudos com a actividade política, mas, se fosse forçado a escolher, deveria abandonar os estudos e concentrar-se na luta. Tardiamente, Neto deve ter-se arrependido de lhe ter dado esse conselho.

* * *

A PIDE continuou a importunar Savimbi. Pediram-lhe para proferir um discurso na Sociedade de Geografia de Lisboa, no dia 15 de Agosto, um feriado nacional que assinalava a restauração do domínio português em Luanda, pela força, em 1648, após a ocupação temporária pelos Holandeses. Foi considerada como uma honra, entre os intelectuais portugueses, o ter sido convidado a falar na Sociedade. O discurso já elaborado que pediam a Savimbi para ler elogiava o regime colonial numa altura em que este era severamente criticado nas Nações Unidas ¹⁵.

Havia uma passagem que referia terem os Portugueses cortado a cauda aos Ovimbundu e terem-nos tirado do atraso em que viviam. «Quando perguntei o que queriam dizer com aquilo, disseram-me que estavam a referir-se metaforicamente à 'cauda da ignorância'. Queriam que eu dissesse que os Ovimbundu eram o povo mais atrasado de Angola, mas que a minha presença em Portugal, para estudar, era a prova de que a ignorância tinha sido vencida.»

Apesar das ameaças, Savimbi recusou-se a proferir o discurso. A fuga estava a tornar-se cada vez mais premente. Todavia, houve ainda mais uma reunião com Agostinho Neto, poucos dias antes de Savimbi partir.

Agostinho Neto estava a estudar em Oeiras, nos subúrbios de Lisboa. Os estudantes negros angolanos ouviram dizer que Agostinho Neto estava a pensar casar-se com uma portuguesa de raça branca. Segundo eles, era importante que desposasse uma africana: o povo da sua terra natal não seria capaz de compreender e aceitar tal facto. Portanto, cinco estudantes — incluindo Savimbi — dirigiram-se, separada e cuidadosamente, a casa de Agostinho Neto, apesar das proibições que havia de o contactar e do risco de serem apanhados pela PIDE. Quando a delegação chegou, a noiva de Agostinho Neto, Eugénia, estava lá. Os estudantes pediram-lhe uma chávena de chá, de modo a poderem falar, a sós, com ele. Não tinham podido reunir-se antes para discutir a estratégia a utilizar neste confronto, por isso olharam uns para os outros para ver quem deveria ser o porta-voz. Notando a hesitação deles, Agostinho Neto recordou-lhes como era

perigoso estarem ali, pelo que teriam de dizer o que queriam muito rapidamente para se irem embora, logo a seguir.

«Quando um de nós, Pinto Sobrini, que era primo de Agostinho Neto, começou a falar, Eugénia voltava a aparecer com o chá», recorda Savimbi. «Pinto calou-se, mas Agostinho Neto, apercebendo-se que a presença dela os inibia, pediu-lhe que nos deixasse sós. Em seguida, Pinto começou a falar, mas fez, na realidade, um mau discurso, disse que Neto era o nosso líder, mas que os nossos pais e os idosos de Angola poderiam não encarar com bons olhos o facto de ele regressar casado com uma mulher branca.

Neto não disse nada, enquanto Pinto falou. Quando aquele terminou, olhou-nos de frente e disse: 'Olhem, em primeiro lugar, a política não tem nada a ver com o facto de eu casar, ou não, com uma portuguesa, e têm de aprender que nem todos os portugueses estão contra nós. Alguns estão connosco na luta pela independência. Em segundo lugar, quando eu estava na prisão, ela foi a única pessoa que me ia visitar e dar-me conforto. Costumava levar a minha roupa suja e lavá-la. Eugénia é tão militante, em relação a Angola, como qualquer de vós. Portanto, não aceito o vosso conselho.' Depois calou-se e não abriu mais a boca. Nós nem sequer tínhamos bebido o chá. Agradecemos e saímos humildemente de sua casa ¹⁶.»

* * *

Nos finais de Setembro de 1959, o editor da *Seara Nova* contactou Savimbi para lhe dizer que já tinha obtido os documentos da PIDE e um passaporte falso. Assim, deveria preparar-se para partir no dia 29 de Setembro. À hora marcada, de manhã cedo, deveria dirigir-se ao Terreiro do Paço e esperar junto da estátua de D. José. Se estivesse alguém rondando o local a fuga ficaria sem efeito e Savimbi deveria voltar para casa. No caso de a zona estar livre deveria entrar no primeiro carro que passasse à sua esquerda.

No prédio de apartamentos onde Savimbi vivia moravam quatro pessoas que participavam todos os seus movimentos à PIDE. Para desviar as atenções, deu uma festa, na véspera da partida, para a qual os informadores foram convidados. Antes de a festa começar contou a Liahuka, e a mais ninguém, a sua partida iminente. O amigo fez votos para que Deus o abençoasse e recomendou-lhe que não se concentrasse apenas nas actividades políticas. «Tira um curso. Faz parte da tua luta, e é algo de que te poderás sentir sempre orgulhoso.»

A festa decorreu em bom ambiente. Todos beberam bastante e, às 3 horas e 30 minutos da madrugada, Savimbi saiu sorrateiramente, apenas com as roupas que tinha vestidas. No Terreiro do Paço o caminho estava livre: um enorme *Citroën* parou e Savimbi entrou nele. O condu-

tor era um jovem europeu, que se fazia acompanhar pela mulher e dois filhos. Nenhum deles falou durante duas horas, até que o carro se aproximou de Espanha.

Alguns quilómetros antes de chegar à fronteira, o condutor parou o carro, apresentou-se como sendo um médico holandês e perguntou-lhe se o passaporte que levava era falso. Quando recebeu uma resposta afirmativa, o médico mandou Savimbi esconder-se no porta-bagagens quando atravessassem a fronteira, no caso de os Portugueses perceberem que havia logro. «Disse-me que as autoridades da fronteira o conheciam como médico e nunca lhe tinham revistado o carro. Quando fechou o porta-bagagens o espaço tornou-se exíguo e os vapores da gasolina começaram a impregnar-se-me nas narinas. Parámos durante cerca de cinco ou dez minutos na fronteira. Não revistaram o carro, mas tive de fazer um grande esforço para não gritar — por momentos pensei que ia morrer. De tal forma o senti que pensei que era melhor gritar e poder respirar.» Mas, logo em seguida, o carro retomou a marcha e, depois de andar cerca de 5 quilómetros, e já em Espanha, o médico parou e tirou Savimbi do porta-bagagens.

Passada a fronteira de Espanha, e em direcção à fronteira francesa de Hendaia, o médico disse-lhe que ele e o editor da *Seara Nova* eram membros clandestinos do Partido Comunista, que sabia que Savimbi também era membro do Partido e essa era a razão pela qual tinha concordado em ajudá-lo a fugir¹⁷. Sugeriu que o melhor sítio para Savimbi poder prosseguir os seus estudos seria a Universidade Lumumba, uma universidade especial para estudantes do Terceiro Mundo, em Moscovo. Ele poderia conseguir-lhe lá uma bolsa de estudos, se Savimbi continuasse a viagem na sua companhia até à Holanda. Savimbi ficou com a morada do holandês, optou por ficar em Hendaia e nunca mais escreveu a pedir a bolsa para ir estudar na União Soviética.

A primeira carta que Savimbi escreveu de Hendaia foi para a PIDE, em Lisboa. Rezava assim: «Vocês não fizeram mais do que arranjar-me problemas e falhei nos meus estudos por vossa causa. Agora já estou longe e, quando voltar a encontrar-vos, será a ferro e fogo. Não vai ser de aperto de mão.»

* * *

A partir de Hendaia Savimbi foi para Toulouse, onde lhe foi dado abrigo por membros do Partido Comunista Francês profundamente envolvidos na luta da Argélia contra o domínio da minoria, apoiada pelos Franceses: um milhão de pessoas morreu na guerra, antes de o Presidente Charles de Gaulle lhes conceder a independência, em 1962¹⁸. Por uma questão de princípio, Savimbi não queria permanecer em França, dadas as ligações militares e de segurança deste país com Portugal, através do

Tratado do Atlântico Norte (NATO). Em vez disso, decidiu dirigir-se para a Suíça: a sua situação internacional de neutralidade sugeria que ficaria livre para se envolver em actividades políticas sem ser molestado pelas autoridades. Os comunistas franceses tentaram, de igual modo, persuadi-lo a ir para Moscovo, argumentando que a Suíça era um país capitalista e reaccionário, mas, quando Savimbi insistiu, deram-lhe, mesmo assim, dinheiro e roupas para poder prosseguir a sua viagem para o exílio nas montanhas suíças.

Em Zurique dirigiu-se a uma sociedade missionária protestante — o Instituto de Emmaeus — e pediu ajuda, dando como referência dois médicos suíços que tinham trabalho em Angola, como missionários. Concederam-lhe uma bolsa de estudos¹⁹ e, em Outubro de 1959, Savimbi reiniciou os seus estudos de Medicina, mas, desta vez, na Universidade de Friburgo, nos Alpes.

Uma das suas primeiras prioridades foi decidir qual o melhor caminho para atingir os seus objectivos políticos. Existiam dois movimentos de libertação constituídos por jovens inexperientes, actuando fora de Angola, no exílio — o MPLA, fundado em Dezembro de 1956, que tinha as suas raízes entre os intelectuais da cidade de Luanda e os habitantes dos muceques * e, com menor expressão, entre o povo kimbundu dos arredores da capital, mais para o interior, e a UPA (União dos Povos de Angola), a precursora da FNLA, cujas raízes provinham dos Kikongo, da zona mais a norte.

A única propaganda que Savimbi conseguiu obter foi a do MPLA. Portanto, começou a corresponder-se com os líderes do movimento sediados em Conacri, capital da Guiné, antiga colónia francesa da África Ocidental. Em 1958, a Guiné fora o primeiro território francófono a tornar-se independente — fora da comunidade francesa proposta por De Gaulle²⁰ — governado pelo líder Sekou Touré de orientação marxista, que recebera o Prémio Lenine da Paz. Touré era um forte apoiante do MPLA, cujos líderes eram Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade e Lúcio Lara, que actuavam a partir de Conacri. Todos eles eram mestiços. Viriato da Cruz era o primeiro secretário-geral do partido. Mário Pinto de Andrade licenciado em Ciências Sociais, pela Sorbonne, e poeta, contribuiu muito para promover a imagem intelectual do MPLA e tornou-se presidente do movimento durante algum tempo. Lúcio Lara era filho de um português, próspero proprietário de uma plantação de açúcar, perto do Lobito. Era membro fundador do MPLA, que tinha estreitas ligações com Moscovo, sendo também o ideólogo principal do partido até 1985. Viriato da Cruz e Mário de Andrade demitiram-se do partido, anos mais tarde, após desentendimentos com outros líderes.

* *Musseques* ou *muceques* — nome atribuído aos bairros da lata, em Angola, nos arredores das grandes cidades. (N. do T.)

A UPA era dirigida por Holden Roberto, que vivia no exílio, em Léopoldville, capital do Congo Belga. As esperanças de Holden Roberto em conseguir a independência de Angola aumentaram após a decisão do Governo Belga, em meados de 1960, de conceder a independência ao seu vasto território africano, vizinho de Angola²¹. Roberto foi exortado, pelo Dr. Theodore Tucker, um missionário que tinha conhecido Savimbi em Angola, a recrutar o jovem exilado, em Friburgo. Em Agosto de 1960, Holden Roberto apareceu, sem se fazer anunciar, em casa dos Sprenger, antigos missionários que hospedavam Savimbi.

Savimbi encontrava-se ausente em Lausana, mas a senhora Sprenger contactou-o e ele arranhou maneira de se encontrar com Roberto, ao princípio da tarde, no Hotel du Pays, perto da estação dos caminhos-de-ferro de Lausana. Conversaram até às 4 horas da madrugada.

«Muito pouco do que disse Holden Roberto me impressionou. Adaptara uma obstinada linha anticomunista, mas não conseguiu dizer-me qual a política da sua própria organização. Não tinha qualquer programa: nem sequer conseguiu dar-me um pequeno folheto ou panfleto que a descrevesse²². Quando lhe perguntei qual a forma como a UPA estava organizada, descobri que ele era a organização. Não existia um comité central. Disse-me também que o MPLA era uma organização comunista. Na altura, eu não sabia se era ou não verdade.

Já tinha decidido que não queria ser comunista: mas sabia que o programa do MPLA era um programa progressista e eu queria ser progressista. Não queria ter nada a ver com a ala direita²³.»

Roberto tentou persuadir Savimbi a alinhar com ele contra o MPLA, porque o pai era um pastor cristão. Savimbi respondeu que a questão não era o pai ser pastor, mas sim se a organização tinha maior capacidade para desencadear um combate efectivo contra os Portugueses.

Contudo, Savimbi admite ter ficado interessado pela alegação de Holden Roberto de que o MPLA era controlado por mestiços. Se Roberto estava incondicionalmente do lado dos Africanos, este facto contava a seu favor, e, se o MPLA era dominado por mestiços, Savimbi duvidava que pudesse juntar-se ao movimento. «Pode parecer racismo e não será certamente a forma como pensamos hoje, porque já aprendemos muito. Contudo, é um facto que era muito difícil, naquela altura, para os Africanos, compreender por que é que os mestiços estavam a liderar um movimento de libertação contra os Portugueses. Para nós não se tornava nada claro que os mestiços sofressem em Angola; eles eram uns privilegiados.»

Por outro lado, Savimbi descobriu que Holden Roberto dava uma fraca impressão de si próprio em comparação com Agostinho Neto. Em Outubro de 1960, Roberto deslocou-se a Nova Iorque para falar na Assembleia Geral das Nações Unidas: enquanto esteve na América disse a antigos missionários americanos de Angola que Savimbi estava envolvido com comunistas. Savimbi recebeu cartas deles exortando-o a aderir à UPA. Ignorou-as.

Savimbi queria encontrar-se com alguns dos líderes do MPLA, e ficou desapontado quando Viriato da Cruz passou por Genebra e lhe escreveu apenas para lhe comunicar que estava demasiado atarefado para o ver. Contudo, nos finais de 1960, o MPLA enviou a Savimbi um bilhete de ida para Conacri, sugerindo que lá fosse para conversações e para observar como o movimento estava organizado. Recusou porque poderiam ser-lhe postas dificuldades quando quisesse voltar, para continuar os seus estudos, à Suíça. Continuou, apesar disso, a ler as publicações do MPLA: sentia-se atraído pela sua filosofia e não via nelas nada que apoiasse a alegação de Holden Roberto de que o MPLA era comunista.

As simpatias de Savimbi iam mais para o MPLA do que para a UPA. Num primeiro passo com vista a assumir um compromisso, pensou em aderir ao braço jovem do MPLA — UGEAN (União Geral dos Estudantes Africanos Negros sob Domínio Colonial Português)²⁴. Começou por trocar correspondência com o líder da UGEAN, Luís d'Almeida, que estava a estudar em Frankfurt am Main, na Alemanha Ocidental. Luís d'Almeida, como parte da tentativa para trazer Savimbi para a organização, pediu-lhe que viajasse até ao Uganda, em Setembro de 1960, para proferir um discurso, em nome da UGEAN, numa importante reunião internacional de estudantes, organizada pela Conferência Internacional de Estudantes (COSEC) de orientação ocidental. Savimbi aceitou, e apanhou o comboio para Frankfurt com o intuito de se encontrar com Luís d'Almeida antes de apanhar o avião para o Uganda.

Nunca antes se encontrara com o líder da UGEAN e, na estação de Frankfurt, esperava encontrar um negro africano. Mas não viu nenhum. Em seguida, aproximaram-se dele dois indivíduos, um mestiço e outro branco, perguntando-lhe se era Savimbi. O mestiço era Luís d'Almeida, cujo pai, um português, era proprietário de alguns hotéis, em Luanda, e o outro era um moçambicano branco que ocupava um dos lugares cimeiros da UGEAN.

Em casa de Luís d'Almeida deram a Savimbi um discurso dactilografado para proferir na conferência da Faculdade de Makerere, em Kampala, capital do Uganda. Disseram-lhe como o deveria ler. Ele reparou numa passagem que dizia que o MPLA era o único representante do povo angolano e que a UPA era uma organização reaccionária, apoiada pela CIA. De certo modo, aquilo fez com que se recordasse da ocasião em que a PIDE lhe pedira para proferir o seu discurso na Sociedade de Geografia, em Lisboa. Savimbi disse a Luís d'Almeida que pensava que a UGEAN deveria assumir uma posição mais neutral, utilizando a influência que detinha para juntar o MPLA e a UPA e difundir, por toda a comunidade estudantil mundial, o sofrimento de todo o povo angolano. Conquanto aceitasse o amplo conhecimento de Luís d'Almeida sobre a política internacional e conferências em larga escala, Savimbi queria, no entanto, discutir o conteúdo do discurso.

«Tinha a minha própria experiência de como os Portugueses oprimiam o povo da minha zona, em Angola, e tinha também a minha própria experiência, em Portugal. Queria falar sobre estas coisas, mas Luís d'Almeida disse-me que não seriam válidas: a UGEAN tinha já explicado o sofrimento do povo angolano, e disse-me que a política que abrangia tudo aquilo ficava para além da minha compreensão. Concluí que a UGEAN estava apenas a utilizar-me como figura negra, para ser exibido em Kampala. Nessa altura, a União dos Estudantes do Gana tinha justamente rompido as suas relações com a UGEAN, porque esta era dominada por mestiços, embora a maioria do povo angolano fosse de raça negra²⁵.»

Antes de Savimbi apanhar o avião para Kampala, levou a mala contendo o seu discurso e a propaganda do MPLA para os lavabos do aeroporto de Frankfurt e deixou-a lá. Entrou a bordo do avião sem levar sequer, na bagagem, um pequeno fragmento do discurso oficial.

* * *

Savimbi voltou para África numa época turbulenta: nos dois anos que durara a sua ausência o ritmo da mudança tinha-se acelerado dramaticamente. Só no ano de 1960 surgiram dezassete Estados africanos, apesar de nada se ter modificado nos territórios sob administração portuguesa, onde o domínio de Lisboa permanecia firme.

O ano havia começado com um profético e, mais tarde, famoso discurso do primeiro-ministro britânico Harold MacMillan. Dirigindo-se ao Parlamento Sul-Africano, só para brancos, na cidade do Cabo, disse: «A mais surpreendente impressão de todas as que tive desde que saí de Londres é a desta tomada de consciência nacional africana. Toma as mais diversas formas, nos mais diferentes lugares, mas está a acontecer por todo o lado. O vento da mudança sopra neste continente.»

Na África Ocidental Britânica, para cujo coração Savimbi se dirigia, o Tanganhica caminhava serenamente para a independência; os Ingleses estavam empenhados num Uganda independente e democrático e tentavam desencorajar as tendências separatistas da poderosa tribo Baganda. Até no difícil caso do Quênia, onde a revolta dos Mau-Mau fizera 14 000 mortos, antes de ser dominada, a Grã-Bretanha convocara uma conferência constitucional, em Londres, durante a qual a poderosa minoria branca lá estabelecida fora informada de que seria inevitável um governo negro.

A conferência de Kampala viria a mostrar-se de uma enorme importância para o futuro de Savimbi. Proferiu o seu próprio discurso, em francês, que apenas apelava para a concessão de bolsas de estudos, a serem concedidas noutros países, de forma a que os estudantes angolanos que tivessem fugido de Angola, ou de Portugal, pudessem prosseguir os seus estudos. Estabeleceu contactos com alguns dos líderes africanos nacionalistas dessa altura: Ben Kiwanuka, que viria a tornar-se primeiro-ministro

do Uganda; Mwai Kibaky, na altura professor em Makerere, «a Harvard de África», mas que mais tarde viria a ser vice-presidente do Quênia; Ben Mkapa, um estudante de Makerere que no futuro viria a ocupar o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros da Tanzânia (como se chamou posteriormente a Tanganhica) e amigo muito íntimo de Savimbi.

O contacto mais importante, apesar de tudo, foi com Tom Mboya, o valoroso e esclarecido presidente do Congresso da União Comercial do Quênia, que já se tinha tornado uma personagem de renome na política africana e ocuparia mais tarde um lugar no gabinete do primeiro Governo do Quênia independente. Depois de ter proferido um dos mais importantes discursos da Conferência, Mboya convidou Savimbi a visitá-lo no hotel em que se hospedava. Exortou o angolano a aderir à UPA e convidou-o a viajar com ele para conhecer o líder nacionalista queniano (Burning Spear) * Jomo Kenyatta.

Savimbi ficou emocionado com esta oportunidade, pois Jomo Kenyatta representava uma lenda viva em África. Vivia lutando, desde 1920, por uma melhoria dos direitos para os negros do Quênia, tendo aparecido em Londres, em 1931, vestido com peles de leopardo, para expor o seu caso à imprensa, e passara alguns meses em Moscovo, em 1933, para estudar estratégia e táticas revolucionárias²⁶. Em Londres, ajudara a fundar a Federação Pan-Africana, que reivindicava direitos iguais para todos os africanos. Kenyatta voltara ao Quênia em 1952 e, acusado de ser o líder dos Mau-Mau, foi preso e condenado a sete anos de trabalhos forçados. Foi libertado em 1959, mas com residência fixa no pequeno posto fronteiriço de Lowar, no longínquo distrito de Turkana, situado a noroeste, onde vivia com a sua terceira mulher, estando autorizado a receber visitas. (Kenyatta foi libertado em 1962, tornando-se o primeiro-ministro do Quênia independente em 1963.)

Savimbi ficara impressionado com o livro que Kenyatta escrevera, *Facing Mount Kenya (Olhando a Montanha do Quênia)*, em que o autor apelava para a liberdade africana²⁷, e pela sua narração de como, quando ainda rapaz, trabalhara numa missão do Quênia, sendo uma das suas tarefas colocar toalhas lavadas nos bancos da igreja, depois de os Africanos terem assistido aos serviços religiosos, e antes de os brancos chegarem para celebrar os seus. Igualmente o impressionou a semelhança de alguns dos aforismos favoritos de Kenyatta com um do velho Sakaita, avô de Savimbi²⁸: «Quando os missionários chegaram, nós, os Africanos, possuíamos a terra e os missionários traziam a *Bíblia*. Ensinarão-nos a rezar com os olhos fechados. Quando os abrimos, eles possuíam a terra e nós a *Bíblia*.»

Entusiasmado pelos contactos que fizera em Kampala, e excitado pela perspectiva de um encontro com Kenyatta, Savimbi deve, seguramente,

* *Burning Spear* = lança ardente. (N. do T.)

ter-se sentido mais inspirado para ajudar a libertar a África quando viajava ao lado de Mboya, ao longo dos 650 quilómetros a leste do Uganda, a caminho de Nairobi, apreciando uma das mais belas paisagens do mundo. Durante a viagem, desfrutando o ar fresco dos planaltos do Quênia, por entre riachos povoados de trutas, alimentados pelas neves das montanhas e escuros pinhais, alternando com fazendas bem cuidadas ao estilo europeu, onde pastava gado bem alimentado e crescia chá, café, trigo e milho, em abundância, Mboya usou um argumento simplista para influenciar Savimbi a fazer uma escolha entre o MPLA e a UPA: «O MPLA é constituído por mestiços e comunistas, portanto não poderás lá desempenhar um papel útil; a UPA é uma organização para a população negra. É, portanto, a ela que te deves juntar»²⁹.

Enquanto esperava o encontro com Kenyatta, Savimbi acompanhou Mboya a comícios e começou a utilizar o pequeno chapéu* tribal dos Luo que se tinha tornado num dos símbolos dos nacionalistas quenianos. Savimbi encontrou-se com um outro dos líderes negros do Quênia, Oginga Odinga, um indivíduo corajoso e profundamente contra os brancos, que mantinha estreito contacto com os governos comunistas³⁰ e se transformou no principal opositor a Kenyatta, depois da independência. O conselho de Odinga foi: «Junta-te ao MPLA. Eles são bons e progressistas. Podes trabalhar com eles e lutar pelo teu país. Não te envolvas com Mboya. É um reaccionário e um agente da CIA»³¹.

As personalidades de Mboya e Odinga constituíram elementos cruciais para a escolha que Savimbi estava prestes a fazer. Desagradavam-lhe a severidade, a inflamada indignação e intensa ferocidade de Odinga; mas já era menos racional ao objectar contra o excêntrico costume de Odinga se vestir com uns calções pelos joelhos e usar um longo bastão. Em contraste, gostava da polidez de Mboya e do seu encanto discreto. «As minhas próprias inclinações iam ao seu encontro. Era jovem, mas dele emanava poder. Senti que era um homem bom.»

Quando posteriormente Savimbi e Mboya viajaram para Lodwar, com uma autorização passada pelos Ingleses, Kenyatta pediu a Savimbi que saísse enquanto Mboya o informava sobre o que se passava em Angola. Kenyatta mandou então chamar Savimbi e disse-lhe para se juntar à UPA. «Protestei, alegando que Holden Roberto não tinha qualquer programa e me parecia ser um homem bastante ignorante.» «O.K.», disse Kenyatta. «Eis uma boa razão para te juntares a ele, pois tens ideias e poderás elaborar um programa.» «Foi então que decidi juntar-me à UPA. Foi exactamente assim que aconteceu»³².

Savimbi voltou para Nairobi com Mboya, que se esperava que partisse para falar na sessão de Outubro de 1960 na Assembleia Geral das Nações Unidas. Holden Roberto também era esperado em Nova Iorque,

* Fez. (N. do T.)

e Mboya levou uma carta de Savimbi, em que este pedia para ser nomeado membro da UPA.

Em Dezembro de 1960, Holden Roberto mandou a Savimbi um bilhete de avião, para este poder ir até ao quartel-general da UPA, em Léopoldville (mais tarde rebaptizada Kinshasa). Savimbi decidiu não se dirigir logo à capital do antigo Congo Belga, que mergulhara no caos após a independência, em 30 de Junho de 1960. Em Janeiro de 1961, o líder radical congolês Patrice Lumumba foi espancado até à morte por ordem de políticos congolezes que o acusaram de manter ligações com o chefe da Divisão dos Serviços Técnicos da CIA, Sid Gottlieb³³. O conflito civil no país recém-independente tornou-se sangrento e as traições internas cada vez mais funestas. Todavia, Savimbi não podia adiar indefinidamente o seu encontro com Holden Roberto e, a 1 de Fevereiro de 1961, viagrou para Léopoldville e foi incorporado na UPA.

Savimbi não o sabia então, mas os levantamentos africanos estavam prestes a começar em Angola — numa dimensão muito maior do que a revolta dos Mau-Mau no Quênia —, o que iria fazer com que os Portugueses abandonassem a sua atitude complacente e demonstrassem, aos Africanos, toda a força do seu poder. O ano de 1961 marcaria uma cisão na história de Angola.

CAPÍTULO III

AS SUBLEVAÇÕES ANGOLANAS

1961

NO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1961, três dias após a chegada de Savimbi a Léopoldville para se juntar à UPA, houve uma sublevação em Luanda. Africanos dos *muçeques*, armados apenas com paus e catanas, atacaram as cadeias da cidade numa tentativa para libertar presos políticos. Foram mortos, pelo menos, catorze portugueses, mas a resposta das autoridades coloniais foi terrível e a uma escala que desrespeitava os escrúpulos constitucionais. A polícia ajudou patrulhas, constituídas por civis brancos, a organizarem ataques nocturnos aos *muçeques*, de onde arrastavam africanos, que se encontravam nas suas frágeis cubatas, densamente habitadas e construídas com tábuas de caixote e de chapa ondulada, matavam-nos a tiro e abandonavam-nos nas ruas. Nunca se conhecerá bem toda a extensão do massacre e das represálias, mas o certo é que se assassinaram centenas de africanos.

Também se ignora, na prática, quem organizou o levantamento. Na altura, o MPLA tinha duas organizações — uma no exterior de Angola, em Conacri, «uma cabeça sem corpo e outra no interior, um corpo sem cabeça»¹. A liderança do MPLA em Conacri considerou o ataque não só irracional como suicida, mas, depois de passado um certo tempo, o MPLA reivindicou para si o crédito total desse ataque. O hino nacional angolano, introduzido pelo MPLA após a independência em 1975, começa assim: «Oh Pátria, nunca esqueceremos os heróis do 4 de Fevereiro.» De facto, o levantamento fora mais uma expressão nacionalista não só por parte de apoiantes do MPLA mas também de pequenos grupos de simpatizantes e filiados na UPA, diversos movimentos cristãos e outras organizações, bem como de indivíduos enfurecidos pelas prisões de familiares seus, numa onda de prisões em massa que haviam sido efectuadas pela PIDE desde o início de 1959².

A primeira pergunta que Savimbi fez a Holden Roberto, logo a seguir à revolta de Luanda, dizia respeito à forma como a UPA tencionava começar a coordenar a sua própria resistência no interior de Angola. A resposta de Holden Roberto consistiu em lhe assegurar que a UPA estava a preparar «algo maior e melhor»³ e em nomear Savimbi secretário-geral do movimento, com poderes para reorganizar a sua administração.

No dia 15 de Março, a UPA desencadeou um ataque simultâneo, em vários pontos do Norte de Angola, em que fazendas europeias, estabelecimentos comerciais e postos administrativos do Governo foram destruídos. Nos primeiros dias foram mortos entre 250 e 400 civis portugueses, e cerca de 750 nos três meses seguintes. Os Africanos, que tinham aprendido desde há séculos a dizer respeitosamente, tal como lhes haviam ensinado, «Sim, senhor», voltavam agora as catanas com que trabalhavam contra patrões, capatazes e comerciantes brancos, bem como suas mulheres e filhos. Massacraram, de igual modo, mestiços e «assimilados», símbolos vivos do domínio colonial português sobre os negros, assim como muitos «contratados» ovimbundu das plantações de café.

Os líderes da UPA pareciam ter estado à espera que os Portugueses, em face da violência da revolta, fugissem imediatamente, tal como os Belgas haviam feito no ano anterior. Todavia, não contaram com a tenacidade da ditadura portuguesa, que se mostrou imune a pressões da imprensa e da opinião pública democrática e que já tinham levado a França, a Inglaterra e a Bélgica a fazer concessões às suas colónias africanas.

Em vez disso, aviões e navios transportaram soldados pára-quedistas, e outras forças especiais, de Portugal para Angola, assim como um exército de cerca de 17 000 homens, apoiado por caças-bombardeiros e milícias de fazendeiros decididos a vingarem-se, tendo lançado no Norte uma ofensiva contra os negros. As aldeias eram varridas à metralhadora e os aviões atacavam-nas com bombas incendiárias. Uma estimativa situa o número de vítimas africanas em 20 000, por volta de Outubro de 1961: nos finais do ano, cerca de 150 000 do meio milhão de negros que viviam no Norte refugiaram-se no Congo⁴.

Não fora dada a Savimbi, com antecedência, qualquer informação pormenorizada acerca do levantamento militar perpetrado pela UPA, porém aquele conformou-se com o facto de ocupar, de momento, uma posição importante num movimento de libertação, para o qual se voltavam, de súbito, as atenções internacionais e que parecia estar em melhor posição para combater os Portugueses em Angola. Não tinha havido qualquer impulso que desse sequência à revolta do 4 de Fevereiro, em Luanda, e que o MPLA tivesse reivindicado como sendo de sua iniciativa.

Holden Roberto deixou Léopoldville poucos dias antes da sublevação da UPA, para assistir a um debate do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o colonialismo português: anunciou, em Nova Iorque, a 15 de Março, que a revolta começara. Pouco tempo depois, as Nações Uni-

das organizaram uma comissão de investigação para Angola, que foi impedida de entrar naquela colónia portuguesa, mas, não obstante, prosseguiu a sua acção elaborando um relatório desfavorável aos Portugueses. Holden Roberto conseguiu também um valioso apoio público por parte da FLN (Frente de Libertação Nacional da Argélia), que travava uma guerra violenta contra a França pela independência, na qual morreu 1 milhão de pessoas, entre as quais Frantz Fanon, o filósofo em moda, partidário do anticolonialismo africano, cujos livros, *Black Skin, White Masks (Pele Negra, Máscaras Brancas)* e *The Wretched of the Earth (A Desventura da Terra)*, se transformaram em *Bíblias* dos movimentos de libertação⁵.

Savimbi sentiu-se tão satisfeito, como toda a gente, com a revolta da UPA, embora Holden Roberto não lhe tivesse sequer confiado os seus planos e apesar do assassinio cometido contra o povo ovimbundu. «Estávamos, por fim, envolvidos numa luta armada, que eu encarava como a única forma de andar para a frente e que estava a ser conduzida a partir das matas de Angola, onde tínhamos necessidade de permanecer e de nos organizarmos, de modo a podermos assegurar o apoio continuado das populações. Acreditava que os excessos eram uma atitude negativa, mas pensava que poderiam ser controlados, desde que eu tivesse tempo para melhorar a organização e tivéssemos oficiais treinados com maior capacidade⁶.»

Entre o fluxo de refugiados que se deslocava para o Congo, devido à contra-ofensiva portuguesa, Savimbi encontrou muitos homens que viriam a tornar-se seus camaradas a longo prazo na luta contra os Portugueses e mais tarde contra os Cubanos e Soviéticos. Neles se incluía Tony Fernandes, um mestiço que, vestido de padre, fugira de Cabinda — o minúsculo enclave ao Norte de Angola, rico em petróleo; Miguel N'Zau Puna, oriundo de uma das famílias reais da tribo Woyo, de Cabinda; José N'Dele e Ernesto Mulato, ambos kikongos. Todos eles se juntaram à UPA.

A revolta da UPA prolongou-se durante todo o ano de 1961, mas, em finais de Março, Savimbi teve de regressar à Suíça para preparar os seus exames. Em Julho decidiu abandonar o curso de Medicina. Era uma decisão muito difícil de tomar, porque tanto ele como a família sempre tinha sonhado que viria a ser médico, mas o trabalho prático intensivo que era exigido pelos professores de Friburgo significava que Savimbi teria de optar entre a medicina e a luta política. A medicina foi sacrificada. De qualquer modo, Savimbi estava ainda resolvido a tirar um curso: «Teria considerado um fracasso não completar o curso universitário depois de ter passado por tantas dificuldades.» Assim, em Dezembro de 1961, matriculou-se no 1.º ano do Departamento de Direito e Política Internacional da Universidade de Lausana, na Suíça.

O modo de vida de Savimbi, durante os quatro anos seguintes, iria consistir em períodos alternados de três meses na Suíça, a estudar, e em África, ou algures em qualquer outro sítio, envolvido nas suas actividades

políticas. Logo depois de se ter matriculado, por exemplo, foi com Holden Roberto assistir a um debate na Assembleia das Nações Unidas, em Nova Iorque.

Para obter sucesso nesta dupla tarefa, levada a cabo em continentes diferentes, era-lhe exigida uma enorme capacidade intelectual, autodisciplina e versatilidade — qualidades que Savimbi herdara do pai e que viriam a ser-lhe úteis no futuro difícil que se aproximava.

O seu novo director académico, Professor Henri Rieben, um perito notável no movimento para a unidade da Europa, ficou imediatamente sensibilizado pelas qualidades especiais do novo aluno, pelo carisma e inteligência, pela coragem e honestidade. Em conversa com o autor, em 1984, o Professor Henri Rieben, um perito notável no movimento para a unidade da Europa, ficou imediatamente sensibilizado pelas qualidades especiais do novo aluno, pelo carisma e inteligência, pela coragem e honestidade. Em conversa com o autor, em 1984, o Professor Rieben recordou o que lhe ocorreu quando Savimbi lhe contou, em meados de 1962, que a razão das suas frequentes ausências às aulas resultava do seu trabalho num movimento de libertação africano, mas que encarava os estudos a sério. O Professor, para quem o amadorismo é inaceitável mas demasiado comum dentro da sua área de pesquisa, acreditou que lhe estavam a dizer a verdade: «Limitei-me a pensar; bom, veremos o que saberá ele nos primeiros exames. Fiquei surpreendido e perturbado com as provas de Savimbi. Demonstrava uma visão notável e uma compreensão da cena geopolítica que, na verdade, eram muito raras⁷.»

CAPÍTULO IV

SAVIMBI E O PLANO SECRETO REVOLUCIONÁRIO DE CHE GUEVARA

1962-1964

QUANDO SAVIMBI COMEÇOU a reorganizar a UPA, descobriu que a maioria dos postos executivos estavam a ser exercidos não só por membros da própria tribo de Holden Roberto, os Kikongo, mas também por familiares seus. Para alargar a representação, Savimbi concebeu uma constituição mais ajustada ao partido, na qual o dotava de um comité central, que tinha de ser eleito de quatro em quatro anos.

Acreditava, também, que a vitória sobre os Portugueses não poderia ser conseguida apenas por meio de ataques em massa que tinham atraído a atenção mundial em 15 de Março de 1961. Havia que os intensificar através do recrutamento e de doutrinação política intensiva; da criação de condições de saúde eficientes, bem-estar social e educação dos civis, e da organização de uma campanha de luta de guerrilhas muito bem concebida e bem apoiada, menos dramática e violenta do que os ataques iniciais, porém muito mais persistente. Para ser bem sucedida, os líderes do movimento teriam de começar a entrar em Angola e a viver juntamente com os camponeses.

Savimbi fundou um novo movimento angolano de estudantes, a UNEA (União Nacional dos Estudantes de Angola), que foi apoiado pela UPA e actuava como rival da UGEAN do MPLA¹. No primeiro ano, 1962, a UNEA instituiu quinze bolsas de estudos, para jovens adeptos do partido, em Universidades da Europa Ocidental e do Norte de África². «A UNEA foi o primeiro meio de expressão intelectual que a UPA teve em relação ao mundo exterior, além de ser mais progressista do que o partido», de acordo com a opinião formulada por Savimbi. «Ficámos conhecidos como os 'Jovens Turcos' e conseguimos fazer muita propaganda à

UPA. Durante algum tempo, a UNEA tornou-se mais forte do que a UGEAN e foi reconhecida por um maior número de movimentos estudantis africanos³.»

Savimbi organizou também a juventude da UPA e as alas sindicais⁴, um serviço médico, a SARA (Assistência Médica e Social aos Refugiados Angolanos), chefiada por José Lihauka, que completara, entretanto, o seu estágio em medicina.

Em Março de 1962, Savimbi conseguiu a fusão da UPA com um grupo nacionalista mais pequeno com origem no Norte, o PDA (Partido Democrático de Angola)⁵. O movimento passou a designar-se FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola), embora apenas no nome fosse «nacional», já que os que o constituíam se encontravam na zona dos Bakongo e pertenciam igualmente a essa mesma tribo.

Uma semana depois da sua formação, a FNLA anunciou, em 5 de Abril de 1962, a criação do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), com Holden Roberto, como presidente, Emanuel Kunzika, líder do PDA, como vice-presidente, e Savimbi, como secretário para os assuntos exteriores. Savimbi lutara contra esta marcha dos acontecimentos. Pensava que o passo mais importante seria começar a luta armada e dar início à mudança dos líderes para o território de Angola, em vez de se cair nas armadilhas de um governo em território estrangeiro. Holden Roberto rodeou, com astúcia, a oposição de Savimbi, proclamando o GRAE enquanto este se encontrava na Suíça⁶. Roberto fora encorajado a tomar uma tal atitude por a FLN (Frente de Libertação Nacional), no princípio desse ano, ter conseguido um cessar-fogo que terminara com a guerra civil na Argélia: isso culminou com a independência da mesma colónia, em 1 de Julho de 1962. No decurso da guerra travada, a FLN tinha proclamado o seu próprio governo no exílio — o Governo Provisório Argelino (GPRA).

Não obstante ter perdido a contenda com Holden Roberto, Savimbi lançou-se na tarefa de conseguir o reconhecimento oficial do GRAE, por parte dos governos africanos. Com cerca de 30 países recém-independentes, na altura, nasceu a Organização da Unidade Africana (OUA), na reunião em Adis Abeba, de 22 a 25 de Maio de 1963. Savimbi assistiu, como delegado do GRAE. Conseguiu uma posição influente como presidente de um grupo de representantes de movimentos de libertação, aconselhando a formação de um comité que coordenaria a obtenção de fundos para ajudar movimentos nacionalistas dos países que estavam ainda sob domínio colonial. Entre os membros do comité de Savimbi estava Kenneth Kaunda, que procurava conseguir, dos Ingleses, a independência da Rodésia do Norte; Joshua Nkomo, líder da ZAPU, movimento da Rodésia do Sul, governada por brancos, e Luís Cabral, líder do PAIGC, movimento de libertação da Guiné-Bissau, uma colónia portuguesa. Sob recomendação destes, foi criado o Comité de Libertação da OUA, sediado em Dar-es-

-Salaam, tendo como presidente o ministro dos Negócios Estrangeiros do Tanganhica, Oscar Kambona.

O papel desempenhado por Savimbi na formação deste comité de libertação ajudou a sua batalha diplomática a favor do GRAE. O primeiro progresso espantoso surgiu quando o Governo Congolês reconheceu de jure * o GRAE, em 29 de Junho de 1963. Foi um golpe rude para o MPLA, que procurava igual liberdade de acção para se organizar em território congolês, treinar os seus guerrilheiros e transportar armamento para Angola. Todavia, o pior estava ainda para acontecer ao MPLA. Em Dacar, a 2 de Agosto de 1963, os ministros dos Estrangeiros da OUA aceitaram a recomendação do Comité de Libertação, reconhecendo oficialmente o GRAE e solicitando a todos os Estados africanos independentes que fizessem o mesmo. Os ministros dos Estrangeiros sugeriam também que o MPLA deveria ser absorvido pelo GRAE. Em breve o GRAE era reconhecido por quase todos os países independentes da África, com excepção do Gana, Guiné e Congo-Brazzaville. O Comité de Libertação fora influenciado pela confusão que reinava no seio do MPLA, em resultado de uma série de dissidências pessoais e ideológicas. Após a rebelião inicial em Luanda, a 4 de Fevereiro de 1961, não tinha havido qualquer resistência continuada por parte do MPLA.

Agostinho Neto tinha-se transformado numa lenda política, em virtude dos muitos anos passados nas prisões portuguesas. Em Julho de 1962, pôs termo ao seu último período de detenção, fugindo da prisão. Atravessou o estreito de Gibraltar, até Marrocos, e dirigiu-se a Léopoldville, pois o MPLA tinha transferido para lá o seu quartel-general, abandonando Conacri, em Outubro de 1961, com o objectivo de conseguir um acesso mais fácil à zona de rebelião no Norte de Angola.

A chegada do «Príncipe Coroado» a Léopoldville, para ser eleito presidente do MPLA, em Dezembro de 1962, coincidiu com a expulsão de Viriato da Cruz do cargo de secretário-geral. Viriato da Cruz, que tinha a fama de ser um dos marxistas mais disciplinados dentro do MPLA⁷, organizou a sua própria facção MPLA/Viriato da Cruz. Era apoiado por muitos outros elementos, incluindo Matias Miguéis, que tinha acabado de ser nomeado primeiro vice-presidente de Agostinho Neto. Os grupos rivais discutiram com violência. A política congoleza interveio na luta pelo controlo dos escritórios do MPLA, em Léopoldville, que envolveu catanas e cadeiras atiradas pelo ar, e terminou com 43 prisões e duas vítimas levadas para o hospital com ferimentos feitos à catanada⁸.

O veredicto da OUA sobre o MPLA foi bastante severo, porque não tomou em consideração que as tentativas dos movimentos para lançar a actividade de guerrilha em Angola eram impedidas pelo controlo que a FNLA/GRAE exercia na fronteira entre Angola e o Congo. As patru-

* Quer dizer «de direito», «por direito», «legalmente». (N. do T.)

lhas do MPLA que conseguiam atravessar a fronteira foram muitas vezes dizimadas por ordem de Holden Roberto. Exemplo disso foi a interceptação de soldados do MPLA, pelas forças de Holden Roberto, em 21 de Outubro de 1961, quando aqueles atravessavam o rio M'Bridge, a norte de Angola, tendo sido raptados e executados⁹.

Em Novembro de 1963, o governo de Léopoldville ordenou ao MPLA, de Agostinho Neto, que pusesse termo a todas as actividades em território congolês. Agostinho Neto conduziu para o Congo-Brazzaville o que restava dos seus apoiantes, através do rio Congo, onde o regime de esquerda do Presidente Alphonse Massamba-Debat era ideologicamente compatível com a doutrina do MPLA. Ajudou bastante a animosidade sentida por Massamba-Debat em relação ao primeiro-ministro congolês Cyrille Adoula.

Quando os homens do MPLA, abatidos e desanimados, se dispersaram por Brazzaville, o escritor e historiador britânico Basil Davidson, um ocidental simpatizante do MPLA, afirmou que a ambição de liderança de Agostinho Neto havia terminado. O seu movimento, «desmembrado, fraccionado e reduzido a zero», tinha «deixado de contar»¹⁰. Todavia, era de facto demasiado cedo ainda para alguém poder escrever sobre a morte política de Agostinho Neto.

Apesar de ter conseguido uma maior base de apoio para a FNLA/GRAE, Savimbi tinha profundas dúvidas em relação à linha de actuação adoptada para o movimento por Holden Roberto. Embora alguns jornalistas tivessem sido levados a visitar «áreas libertadas»*, no Norte de Angola, em 1961 e 1962, os Portugueses reorganizaram-se rapidamente e lançaram ofensivas contra as aldeias identificadas nos relatos da imprensa estrangeira. A FNLA/GRAE tinha já ultrapassado o seu ponto máximo, quando foi reconhecida pela OUA. A sua nova situação escondia, no entanto, problemas muito graves.

À medida que as forças da FNLA/GRAE eram rechaçadas e fragmentadas em Angola, Holden Roberto estava calmamente instalado em Léopoldville e não se mostrava receptivo a quaisquer ideias no sentido de travar o declínio. «Ministros e funcionários do GRAE consideravam-se, a si próprios, membros de um verdadeiro governo. Todos eles confundiam a forma com substância, cerimónia com função... Para agravar ainda mais esse problema, Holden Roberto aceitou, como presente de um benfeitor anónimo (suspeitava-se que seria um alemão), um Mercedes preto¹¹.» Numa total ignorância do princípio de que um líder se deve identificar com as dificuldades e necessidades do seu povo, Holden Roberto costumava conduzir, pelas ruas da capital congoleza, o seu novo e brilhante símbolo de *status*.

* Entendem-se por «áreas libertadas» as áreas ocupadas pelos guerrilheiros da FNLA/GRAE. (N. do T.)

Savimbi sabia que o fervor inicial que estivera na base dos ataques de 1961 não poderia assegurar a vitória, a não ser que o povo aprendesse algumas teorias e sofisticadas técnicas de guerrilha, a aplicar na luta armada. A Argélia, a China, o Egipto e a Indonésia tinham-se oferecido para treinar guerrilheiros — mas Holden Roberto recusou a oferta, receando que os recrutas fossem contagiados pelo «comunismo»¹².

Os apoiantes de Savimbi, na FNLA/GRAE, acabaram por formar uma facção distinta, conhecida como «Grupo da Oposição», porque desafiava Holden Roberto em muitos assuntos. Essa facção abrangia diversas tribos e opunha-se à persistente tendência de Holden Roberto para a sua própria tribo — os Bakongo.

Muitos ovimbundu tinham aderido à FNLA/GRAE, juntamente com alguns elementos das tribos Chokwes, Nganguelas e Seles, e o reconhecimento, por parte da OUA, aumentara as esperanças de que Holden Roberto procurasse estender a guerra para além da zona norte e penetrar nas suas áreas, no Centro e Sul de Angola. Quando se aperceberam de um «abrandamento da guerra» imposto por Holden Roberto¹³, 325 desses homens tentaram desertar dos treinos e campos logísticos da FNLA/GRAE, em Kinkuzu, no Congo, a sudoeste de Léopoldville, mas foram forçados a regressar pelas tropas congolezas. Uma outra força constituída por 65 desertores ovimbundu conseguiu chegar a Léopoldville e confrontou-se violentamente com Holden Roberto, tendo sido a reacção deste atirá-los para a prisão, com o auxílio das forças congolezas¹⁴.

As relações de Savimbi com Holden Roberto deterioravam-se à medida que aquele fazia pressão no sentido de se efectuarem profundas reformas. Savimbi desejava particularmente incrementar as relações de amizade da FNLA/GRAE para além do círculo restrito de contactos constituído pelos Congolezes, Tunisinos e Americanos, favorecidos por Holden Roberto. Este discordava, mas o «Grupo da Oposição» resolveu estabelecer sozinho as suas ligações com Amed Ben Bella, o primeiro Presidente da Argélia independente, e com Gamal Abdel Nasser, Presidente do Egipto.

Quando as relações de Holden Roberto e Kwame Nkrumah arrefeceram, Savimbi manteve os seus próprios contactos com o líder ganês. Estabeleceu outros com Co Liang, um dos mais importantes agentes da China em África, que trabalhava como correspondente da agência de notícias Hsin-Hua no Gana. Co Liang ofereceu a Savimbi as obras completas de Mao Tsé-tung¹⁵. Os contactos de Savimbi ficaram assim favorecidos para o momento em que viesse a necessitar de uma ligação com Pequim, no intuito de treinar os seus próprios guerrilheiros.

Savimbi afirma ter discutido com Holden Roberto sobre a oportunidade de estabelecer relações com os Chineses e de lhes pedir que treinassem os oficiais para a FNLA/GRAE. «Disse-lhe que precisávamos das técnicas deles, porque haviam sido os Chineses a desencadear a mais bem

sucedida guerra de guerrilha. Holden Roberto respondeu-me que ensinariam o comunismo ao nosso povo, que o traria para Angola¹⁶.»

O «Grupo da Oposição» estava também preocupado com o baixo nível educacional dos comandantes operacionais. Defendiam que se devia proporcionar treino militar a mais indivíduos com o curso do liceu. «Holden Roberto, pelo contrário, preferia homens com menos instrução, porque poderiam ser controlados com mais facilidade, havendo menor probabilidade de se revoltarem contra a liderança.» Sentiam a mesma preocupação em relação ao baixo nível de habilitações de Holden Roberto e ao seu escasso conhecimento de Angola. Nascido em São Salvador, ao norte de Angola, em Janeiro de 1923, Holden Roberto fora levado para o Congo Belga com 2 anos de idade e terminara a sua educação aos 17 anos, após ter frequentado uma missão baptista, em Léopoldville. Os seus amigos mais íntimos eram os políticos congolese e, mais tarde, casou-se com uma parente de Mobutu Sese Seko, que ascendeu ao poder no Congo, em 1965, em consequência de um golpe de Estado.

«No 'Grupo da Oposição' acreditávamos que tinha sido um erro elevar o princípio da resistência militar acima de todos os outros. Precisávamos de compreender que, embora fosse necessário recorrer às armas, qualquer permanência efectiva seria alcançada através da luta política. Mas não conseguíamos que Holden Roberto entendesse o nosso ponto de vista¹⁷.»

* * *

Che Guevara entrou na vida de Savimbi quando este começava a não acreditar que a FNLA/GRAE fosse o veículo para atingir os seus objectivos. O encontro, em Janeiro de 1964, com o revolucionário cubano, nascido na Argentina, foi ainda mais fecundo para Savimbi do que fora o seu encontro com Jomo Kenyatta.

Guevara e Stokely Carmichael, do Poder Negro Americano, foram convidados de honra, numa conferência dos movimentos de libertação africanos, em Dar-es-Salaam. Entre os que se faziam representar estava a FNLA/GRAE — com Savimbi como delegado —, o MPLA, a FRELIMO, a SWAPO, a ZAPU, a ZANU, o ANC e o PAC da África do Sul¹⁸, além de dois grupos congolese sediados em Dar-es-Salaam, que, pelo menos com o apoio¹⁹ nominal sino-soviético, estavam envolvidos numa insurreição prestes a eclodir no Congo Oriental.

Depois de Guevara — figura de culto internacional para os jovens esquerdistas dos anos sessenta — ter proferido o seu discurso, interrompido por aplausos frequentes, Savimbi levantou-se e disse-lhe que não concordava com os seus argumentos. Tal atitude criou um certo alvoroço e alguns delegados, em especial rebeldes congolese e da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), gritaram a Savimbi que ele não passava de um fantoche da CIA; lançaram também impropérios contra os repre-

sentantes da SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano), com os quais Savimbi tinha estabelecido amistosas relações de amizade. Che Guevara interveio, dizendo que Savimbi deveria ser ouvido.

O discurso de Guevara, segundo Savimbi, tinha frisado a necessidade de a classe trabalhadora — o proletariado da lexicografia marxista-leninista — ser a «vanguarda» em qualquer luta de libertação. Como Fidel Castro, ele não acreditava na mobilização das «massas» camponesas, a longo prazo. Guevara argumentara também que o Congo, vastíssimo e rico em minerais e potencial agrícola, era a chave para a revolução no Centro e Sul da África. Se o regime capitalista que lá vigorava pudesse ser substituído por um governo revolucionário, vibrar-se-ia um rude golpe no regime de tendências capitalistas que dominava o verdadeiro coração da África. Seria muito mais fácil penetrar em zonas mais periféricas, como Angola e Moçambique²⁰.

Num sentido tático, Guevara estava certo, na opinião de Savimbi. Seria, sem dúvida, um grande passo em frente se se pudesse subtrair o Congo ao controlo imperialista através de um esforço comum de todos os nacionalistas africanos. Contudo, em termos estratégicos, poderia transformar-se num grande erro. Se fossem todos esmagados enquanto estivessem a desenvolver um esforço conjunto no Congo, quem restaria para continuar a luta noutros lugares?

O Congo não deveria constituir a questão principal para os revolucionários africanos, explicou Savimbi. Como era independente, também era livre para se desenvolver segundo a sua própria dinâmica interna, sem se preocupar se essa dinâmica era ou não do agrado de Che Guevara. A principal prioridade para os Africanos era lutar contra o colonialismo. Se Guevara desejava promover a revolução no Congo, deveria ajudar os movimentos de libertação a intensificar as suas guerras em Angola, Moçambique ou em quaisquer outros locais. Dessa forma, o «inimigo imperialista» teria de dispersar as suas forças em vários sentidos e tornar-se-ia mais vulnerável.

Depois da sessão pública, Guevara perguntou a Savimbi se desejaria encontrar-se com ele às 8 horas da manhã seguinte. Um carro levou-o à Embaixada de Cuba, onde ele e Guevara trocaram impressões durante cinco horas. Savimbi falou durante a maior parte do tempo. Em primeiro lugar, contestou um dos princípios que Guevara tinha defendido durante a conferência — que os guerrilheiros deviam estabelecer uma base fixa, algures em qualquer lugar, como, por exemplo, uma fazenda. Este princípio afastava-se da teoria de Mao de evitar bases permanentes. Não seria preferível que os guerrilheiros se movimentassem livremente, como peixes no mar, por entre pessoas cuja confiança tivessem conquistado. Talvez uma base fixa pudesse ser aceitável num país pequeno, como Cuba, quando Guevara e Fidel Castro lutavam a partir das montanhas para derubar a ditadura de Baptista, mas, nas vastíssimas matas de Angola,

com as suas aldeias dispersas, tal não seria necessário — os guerrilheiros poderiam viver com as populações.

Para a África precisava-se de uma análise política diferente, disse Savimbi a Guevara. Em Angola, a classe trabalhadora poderia não ser a «vanguarda» de qualquer luta. A maior parte da população era constituída por camponeses; cerca de 90 por cento da população que sobrevivia através de uma agricultura de subsistência, de caça e de armadilhas. Poderiam parecer fracos e fáceis de levar por um revolucionário instruído e esperto, mas saberiam suportar um sofrimento prolongado, se pudessem ser mobilizados na defesa de uma causa. Em Angola, era da diminuta classe trabalhadora que estava a emergir uma burguesia, o estrato que tinha de ser derrubado pela classe trabalhadora, em termos marxistas-leninistas. Por conseguinte, as teorias desenvolvidas por Marx e Lenine, no século XIX, e na Europa industrial, no início do século XX, com a sua numerosa e oprimida classe trabalhadora, ficavam prejudicadas por uma contradição fundamental quando se fazia qualquer tentativa para as adaptar à realidade africana.

Savimbi disse a Che Guevara que discordava totalmente do desejo aparente do Comité de Libertação da OUA de que os líderes dos movimentos de libertação se deviam basear fora dos países onde os seus próprios guerrilheiros lutavam pela independência. «Argumentei que a liderança deve partir do interior e conviver com a população, mesmo que isso signifique arriscar a vida. Mais pessoas seriam atraídas para a causa se verificassem que os seus líderes passavam pelas mesmas provações. Seria aquela também a única forma de os líderes fazerem uma avaliação realista das forças e fraquezas do seu povo.»

Guevara necessitava também de acreditar que a África podia produzir os seus próprios revolucionários, afirmou Savimbi ao revolucionário argentino-cubano. Teria de mostrar um espírito aberto: «Se espectadores, como tu, trouxerem as suas próprias fórmulas, e no-las tentarem impor, estarão a mostrar a mesma espécie de complexo de superioridade que os colonialistas impuseram em África.» Todavia, os Angolanos eram cultural e historicamente diferentes dos Cubanos: a luta armada seria desenvolvida por uma via diferente da de Cuba.

Antes de ir à conferência em Dar-es-Salaam, Guevara passara um mês em Brazzaville, com o MPLA, mas não fora autorizado a visitar as áreas do enclave de Cabinda, em Angola, que Agostinho Neto afirmava ter libertado. Guevara disse a Savimbi que já ouvira dele o que queria ouvir sobre a necessidade de os líderes estabelecerem as suas bases junto das populações. Aliás, isso coincidia com as suas próprias ideias relativamente à «libertação» de outros países da América Latina, para além de Cuba.

Segundo Savimbi, Guevara afirmou: «Fui a Brazzaville para observar o MPLA, e nada está a acontecer. Não passam de burgueses. A partir de agora ficas meu amigo. Vou encontrar-me com Fidel Castro para lhe fazer

um relatório a teu respeito e ele há-de ajudar-te através do nosso amigo Ben Bella, da Argélia²¹.»

Em Fevereiro de 1964, Guevara e Savimbi deslocaram-se até Argel para assistir a um Seminário de Solidariedade Afro-Asiática sobre economia. Aí conversaram com Ben Bella, que ofereceu ajuda a ambos para estabelecer bases junto das populações rurais. Contudo, Ben Bella nunca se transformou num canal de fornecimento de armas cubanas para Savimbi. Em 1965, antes de Savimbi ter entrado em Angola para lançar a sua ideia de revolução, Ben Bella foi derrubado pelo coronel Houari Boumedienne, que passou a dirigir o auxílio da Argélia para o MPLA²².

Quanto a Che Guevara, morreu antes do fim da década, enquanto punha em prática as ideias que discutira com Savimbi. Escolhera a Bolívia como país sul-americano através do qual pensava lançar a sua revolução, lutando e vivendo ao lado do campesinato. As tropas bolivianas, armadas e treinadas pelos Estados Unidos, encurralaram Che Guevara numa ravina da floresta, onde foi crivado de balas e caiu morto²³.

* * *

A sublevação da FNLA/GRAE continuou a desintegrar-se sob a sua pose governamental; o movimento de Holden Roberto tinha-se transformado num fiasco organizado²⁴. Em 15 de Março de 1964, Savimbi esteve ausente nas celebrações da FNLA/GRAE, em Léopoldville, que comemoravam o terceiro aniversário do levantamento de 1961. E, a partir de Abril, Holden Roberto recebeu, no seio da FNLA/GRAE, o dissidente do MPLA Viriato da Cruz, sem sequer consultar Savimbi, deixando de existir qualquer diálogo entre ambos²⁵.

Em Maio, Savimbi decidiu que a situação era insustentável. Calmamente desapareceu de Léopoldville com rumo à Suíça, para pensar quando e como devia anunciar a decisão de se demitir. Ali conversou com Tony Fernandes — que esteve a estudar Economia, na Universidade de Friburgo, com uma bolsa de estudo da UNEA — sobre a possível concepção e política de um novo movimento de libertação. Mas não foram mais longe do que isso. «Não tinha desejo de causar mais prejuízos à luta da FNLA, porque sabia que, no início, a intenção fora boa. Sentia-me triste com as suas limitações²⁶.»

Durante os meses de Maio e Junho, Savimbi concentrou-se nos estudos em Lausana, sob a orientação de Henri Rieben. Todavia, a FNLA começou a atacá-lo. *The Banner of Socialism (A Bandeira do Socialismo)*, um jornal trotskista, publicado na Argélia, relatava, erradamente, que Savimbi fora expulso da FNLA/GRAE por causa das suas ligações com a CIA e com Israel. As publicações trotskistas em Bruxelas e Paris faziam alegações idênticas.

Ben Bella, que nessa altura ainda estavam no poder, e Gamal Abdel Nasser enviaram mensagens a Savimbi, aconselhando-o a defender-se de

tais alegações, ou elas seriam tomadas como verdadeiras. Recordaram-lhe que era ainda ministro dos negócios estrangeiros do GRAE e avisaram-no de que deveria assistir a uma cimeira dos chefes de Estado da OUA, que se realizaria no Cairo, em Julho de 1964. «Fizeram-me uma recepção oficial, como ministro dos negócios estrangeiros do GRAE. Não me dirigiram a palavra, mas também não fizeram qualquer gesto para me expulsar. Talvez pensassem ainda na possibilidade de uma reconciliação.»

Em 15 de Julho, Savimbi anunciou a sua demissão. Numa conferência de imprensa, denunciou o tribalismo da FNLA, a ineficiência da sua administração e o apoio inadequado aos guerrilheiros que operavam em Angola. Comprometendo-se a dedicar a sua vida à libertação de Angola, Savimbi afirmou: «A nossa guerra, de momento, está parada. A resistência é, agora, menor do que em qualquer outra altura, desde o início da luta armada em 1961... Longe de intensificar a acção militar e reagrupar as massas populares — única maneira de apressar a libertação de Angola — o GRAE limita-se a discursos estéreis²⁷.»

Savimbi atacou também a fraca e dissimulada liderança de Holden Roberto e o seu fracasso ao procurar uma entente* com o MPLA. Nos meses que tinham precedido a cimeira da OUA, os seguidores de Savimbi na FNLA/GRAE denunciaram o malogro de Holden Roberto em estabelecer uma nova frente militar no Centro de Angola, a partir da região do Catanga, ao sul do Congo, e acusaram-no de ter desviado fundos para as suas contas particulares em bancos estrangeiros²⁸.

Por ironia do destino, os chefes de Estado africanos — com fortes objecções por parte de Nkrumah e Massamba-Debat, do Congo-Brazzaville — escolheram a cimeira do Cairo para ratificar o reconhecimento oficial do GRAE feito pelos ministros dos Estrangeiros da OUA no mês de Agosto anterior.

No dia seguinte à sua demissão, Savimbi recebeu um telegrama de Agostinho Neto pedindo ao nacionalista recém-desempregado que o visitasse, em Brazzaville.

* Um entendimento. Em francês, no original. (N. do T.)

CAPÍTULO V

NASCE A UNITA — O DESASTRE ACONTECE

1964-1967

SAVIMBI VOOU DIRECTAMENTE da cimeira da OUA, no Cairo, para Brazzaville, a fim de falar com Agostinho Neto, que lhe ofereceu o cargo de secretário para as relações exteriores do MPLA ¹. Savimbi recusou.

Savimbi foi calorosamente recebido por Agostinho Neto, na casa que o Presidente Massamba-Debat oferecera ao líder do MPLA. Os adeptos do Dr. Agostinho Neto ajudaram também 185 dos partidários de Savimbi a atravessar o rio Congo, vindos de Léopoldville, em busca de segurança, e acolheram-nos, em Brazzaville, prestando-lhes ajuda financeira. O grupo incluía Lihauka e José Kalundungo, chefe do Estado-Maior do Exército da FNLA/GRAE ².

Savimbi desejava fazer algo mais do que falar com Agostinho Neto. Circulavam rumores acerca de uma recuperação da moral e da actividade do MPLA. Os instrutores militares cubanos, talvez em número de 1000, tinham feito a sua aparição com o intuito de treinar o Exército do Congo-Brazzaville na sua base principal, mesmo fora dos limites da capital; alguns dos cubanos treinavam também os guerrilheiros do MPLA ao mesmo tempo que os soldados regulares do Estado Congolês ³. Cuba permaneceria fiel ao MPLA ao longo das muitas dificuldades que este atravessaria durante mais de duas décadas. Simultaneamente, os Soviéticos iniciaram o fornecimento de armas ligeiras e os jovens apoiantes do MPLA começaram a ir para a Europa de Leste instruir-se e treinar-se do ponto de vista militar.

Tinha sido também concedida ao MPLA uma base própria para treinos, em Dolisie, perto do enclave de Cabinda, a única zona de Angola

com a qual o Congo-Brazzaville partilhava uma fronteira comum. Para conseguir penetrar na maior parte da zona norte de Angola, a partir de Dolisie, era necessário atravessar uma faixa de território congolês (Léopoldville) onde o Governo era hostil e as forças da FNLA/GRAE lhes impediam a passagem ⁴.

Savimbi pediu para visitar Dolisie para verificar quais as técnicas que estavam a ser ensinadas aos guerrilheiros. Se estas o impressionassem bem, disse, ele e todo o seu grupo juntar-se-iam ao MPLA. Contudo, ficou muitíssimo desapontado com o que lhe foi dado observar. «O MPLA só lá tinha 30 homens, e apenas entre 5 a 10 deles podiam ir a Cabinda de cada vez. Deviam fazer uma emboscada a um carro português e depois fugir imediatamente para Dolisie, mas nunca ficar para mobilizar a população. Embora a FNLA estivesse desorganizada e Holden Roberto fosse pouco definido do ponto de vista político, fiquei sem a menor dúvida de que a FNLA estava a progredir mais do que o MPLA.»

Quando Savimbi voltou a Brazzaville, disse a Agostinho Neto que as suas impressões eram totalmente negativas: «Não existia, de facto, qualquer luta armada e Daniel Chipenda [comandante das forças do MPLA] bebia demasiado, assim como todos os homens. Afirmei a Agostinho Neto que Chipenda lhe poderia estar a relatar a existência de uma luta armada em Cabinda, mas que a verdade era que os seus homens passavam a maior parte do tempo em território do Congo-Brazzaville ⁵.»

Agostinho Neto recordou a Savimbi as dificuldades que o MPLA enfrentara em Léopoldville: levava tempo a reorganizar-se. Savimbi reconheceu-o, mas perguntou por que é que os comunicados do MPLA não referiam a existência de problemas, em vez de reivindicarem a chacinha de centenas de portugueses. «A propaganda também é uma arma», respondeu-lhe Agostinho Neto ⁶.

Savimbi não estava isolado nas críticas que fazia. O Professor John Marcum, o homem que se interessava pelo estudo de Angola, no Ocidente, escreveu que a população rural de Cabinda resistia à mobilização política do MPLA, cujas operações «eram em escala reduzida» ⁷. Uma publicação com sede em Brazzaville, que tinha preterido os líderes da FNLA/GRAE por ineficientes, desejosos de enriquecer e corruptos, afirmava que a liderança «assimilada» do MPLA «inventava» histórias de guerra em Cabinda, ao mesmo tempo que frequentava *bistros* * e lojas de modas em Brazzaville. «Ouvimos, pela rádio, que uma parte de Cabinda foi libertada, enquanto é um escândalo público saber-se, por outro lado, que os guerrilheiros do MPLA dificilmente se atrevem a atravessar a fronteira de Cabinda ⁸.»

E, muitos anos mais tarde, relatos feitos por dois jornalistas britânicos, ambos simpatizantes do MPLA, secundavam a opinião de Savimbi

* Tabernas. Em francês, no original. (N. do T.)

acerca de Chipenda, o seu camarada ovimbundu. «Chipenda era exaltado, beberão e mulherengo; famoso, na frente de combate, pelas suas façanhas não militares», escreviam Michael Wolfens e Jane Bergerol no seu livro *Angola in the Front Line (Angola na Linha da Frente)*⁹.

* * *

Savimbi concluiu que o MPLA não estava preparado para estabelecer as suas bases em Angola. Deixou Brazzaville, onde os seus apoiantes desappareciam gradualmente no labirinto da enorme comunidade de refugiados, típica da maioria das capitais da África negra. O seu espírito voltou-se para a possibilidade de formação de um novo movimento de libertação, através do qual pudesse pôr em prática as suas ideias. Foi a Dar-es-Salaam, onde o seu velho amigo Co Liang estava então sediado. O agente chinês contactou Pequim e encetaram-se conversações que terminaram, mais tarde, com os partidários de Savimbi a frequentarem cursos de guerrilha na Academia Militar de Nanquim. De Dar-es-Salaam, Savimbi deslocou-se à Zâmbia e estabeleceu contactos com uma pequena rede de associações de angolanos no exílio, organizadas e alicerçadas numa base tribal, principalmente com fins recreativos e de apoio: quase todas elas estavam baseadas na «Cintura do Cobre», a Norte, onde os seus membros trabalhavam nas minas. Savimbi expôs as suas ideias quanto a uma nova forma de movimentos de libertação. Um grupo pequeno, liderado por Smart Chata, da Ukwashi Wa Chokwe (Associação Angolana Chokwe), concordou em começarem a organizar-se para quando Savimbi voltasse com armas, dinheiro e guerrilheiros treinados.

Tendo permanecido na Suíça por um curto espaço de tempo, Savimbi iniciou, em seguida, uma viagem pela União Soviética, Checoslováquia, Bulgária, Hungria, China, Coreia do Norte e Vietname do Norte, em busca de apoio internacional. Foi recebido com frieza na Europa de Leste. «Infelizmente, não estavam tão interessados como nós nas novas experiências em Angola; estavam somente interessados em recrutar novos membros para o MPLA¹⁰.»

Os Chineses demonstraram uma verdadeira compreensão dos nossos objectivos, mas foi-lhes difícil confiar em Savimbi, porque os relatórios de que dispunham sobre a FNLA/GRAE eram de que esta era pró-americana¹¹. Não obstante, prometeram treinar alguns homens do líder angolano e distribuir 1000 dólares, através da Embaixada da China, em Brazzaville, aos seus partidários ali baseados.

Depois do seu regresso da China, em Outubro de 1964, Savimbi dedicou-se ao estudo, mas, no Natal, ele e Tony Fernandes foram para um hotel em Champay, nos Alpes suíços. Aí concluíram o programa do novo partido, no qual tinham trabalhado desde Maio. Decidiram que era a altura de criar o partido, mas seria essencial que a inauguração oficial

se realizasse em Angola. Acordaram numa nova constituição e em que o nome do partido fosse UNITA. «Simbolizava a unidade que acreditávamos ser necessária entre todos os povos de Angola se quiséssemos ter alguma esperança de derrotar os Portugueses», revelou Savimbi.

* * *

Nas três primeiras semanas de 1965, Savimbi fez mais uma viagem à China para estabelecer as datas do início dos treinos de guerrilha para os primeiros recrutas da UNITA: os chineses deram a Savimbi 15 000 dólares — a primeira contribuição para os fundos do novo partido. Tony Fernandes viajou até à Tanzânia e à Zâmbia para comunicar as decisões tomadas em Champay e para preparar o terreno com vista à criação do movimento.

Na Tanzânia, Fernandes falou aos ministros que eram favoráveis a Savimbi e cuja ajuda seria indispensável na obtenção de homens e mantimentos para Angola, com trânsito pela Tanzânia e Zâmbia: neles se incluíam o ministro dos Negócios Estrangeiros, Oscar Kambone, o ministro do Plano, Abdulrahman Babu, que era amigo íntimo de Co Liang e Ben Mkapa, então um jovem que dirigia a prestigiosa revista *UHURU (Liberdade)*. Tony Fernandes estabeleceu ainda estreitos contactos com os líderes da SWAPO, que esperavam uma autorização para entrar na Zâmbia e estabelecer as suas bases com o objectivo de iniciarem os seus ataques de guerrilha contra a Namíbia. Assegurou também um compromisso por parte de refugiados angolanos na Zâmbia em como dispensariam onze pessoas para irem à China no final desse ano, onde receberiam treino de guerrilha.

Em Julho de 1965, Savimbi concluiu os seus exames finais em Lausana, terminando a sua licenciatura em Ciências Sociais e Políticas.

«Então disse: vou-me embora da Suíça. Para mim, a Europa acabou-se... Portanto a 22 de Julho, vim-me embora, de uma vez por todas¹².» Seguiu, então, para Nanquim a fim de frequentar um curso mais intensivo, que duraria até princípios de Novembro. Em Setembro, Savimbi, que se encontrava em Nanquim, deu as boas-vindas ao grupo de onze indivíduos escolhidos para serem os primeiros comandantes de guerrilha da UNITA. O seu treino duraria até princípios de Maio de 1966. Eram eles: José Kalundungo, antigo chefe do Estado-Maior da FNLA/GRAE, Samuel Chiwale, que, na década de 70, ascenderia ao cargo de comandante-chefe das forças da UNITA, David «Samwimbila» Chingunji, que viria a transformar-se num herói lendário da UNITA, Tiago Sachilombo, um futuro traidor, Jeremias Kussiya, Nicolau Chiyuka, Mateus Banda, Paulino Moisés, Samuel «Mwanangola» Chivala, Isaías Massumba e Jacob Inácio. Dos onze primeiros, apenas cinco fazem ainda hoje parte dos quadros da UNITA, passados vinte anos. São eles: Kalundungo, Chiwale, Kussiya,

Chiyuka e Banda. Dos outros, Samwimbila e Moisés morreram em combate contra os Portugueses, e Inácio contra o MPLA.

Três deles desertaram: Sachilombo, para o lado português, em 1969; Mwanangola, também no mesmo ano, para o lado da FNLA/GRAE, e o terceiro, Massumba, para a Zâmbia, onde ingressou na Força Aérea Zambiana¹³.

Aos «Onze» da UNITA reuniram-se, em Nanquim, em princípios de 1966, onze nacionalistas rodesianos do movimento ZANU (União Nacional Africana do Zimbabwe). Os rodesianos eram comandados por Josiah Tongoror, que, mais tarde, seria comandante das guerrilhas de Robert Mugabe, que lutava contra o regime da maioria branca liderada por Ian Smith¹⁴.

Antes de deixar a China, Savimbi escreveu aos antigos missionários americanos da Igreja Unida em Cristo, para Angola, expondo-lhes as suas ideias políticas. Considerando que tinha sido, havia pouco, submetido a um curso intensivo sobre a ideologia maoísta, este era um documento surpreendentemente moderado e liberal. Começava por enunciar a premissa fundamental de que apenas era possível aos Angolanos libertar a sua terra combatendo a partir do interior do país. Afirmava também que os exilados teriam de regressar para dar início à luta. «George Washington não teria podido libertar as colónias britânicas da América se lutasse a partir de uma base no exílio, contra um exército muito superior em número e equipamento.»

Um dos grandes problemas da luta de libertação, naquela altura, escreveu ele, era que o MPLA era um movimento tribal essencialmente kimbundu e a FNLA/GRAE era fundamentalmente bakongo, deixando de fora mais de metade da população autóctone que pertencia a grupos diversos, tais como os Ovimbundu, Chokwe, Lunda, Nganguela, Nyaneka-Humbe, Herero e Bosquímanos. O MPLA tinha-se transformado num movimento «pró-comunista», sob a protecção de Moscovo, e a FNLA/GRAE era «apoiada por forças ocidentais». Um novo movimento político seria obrigado a trabalhar para a maioria dos angolanos e pela independência total de todos, mesmo provenientes de forças políticas vindas do exterior.

Ao defender a inclusão de todos os sectores da sociedade angolana na luta pela libertação, Savimbi advertia, profeticamente, contra uma «batalha ideológica» que poderia conduzir «a uma confrontação directa ou indirecta das grandes potências». E continuava: «Esta luta não é ideológica porque não pode excluir ninguém. Tem de unir todos... É um combate democrático nacional de natureza popular. Esta luta tem de abranger todos, desde o chefe mais sincero, que detesta o odioso regime colonial português, até ao revolucionário mais esclarecido... desde o camponês isolado no vale, ou nas montanhas, e que apenas retira pobreza do seu trabalho, ao trabalhador 'contratado', que nem sequer conhece o conforto de um lar.»

Voltou a repisar um tema — a obrigação de respeitar as tradições do campesinato — que era de importância capital para a sua filosofia e que o colocou em vantagem em relação às tendências *dirigistes** e anti-religiosas existentes no seio do MPLA: «As teorias políticas e económicas que se fundamentavam em atitudes ateístas não condizem com os sentimentos da África. O africano crê num Ser superior, seja qual for o seu nome e o local onde é adorado. Existe uma força ascetral que transcende o homem.» Quem tentasse alienar o campesinato das suas convicções espirituais dividiria também as forças disponíveis para combater o domínio colonial¹⁵.

* * *

Savimbi deixou os seus recrutas na China, em Novembro de 1965, e foi para o Cairo, onde, em visitas anteriores, travara amizade com o jovem embaixador da Zâmbia no Egipto, Rupiah Banda. A Zâmbia obtivera a independência em Outubro de 1964 e, no princípio de 1965, dirigiu o seu apoio oficial para o MPLA, permitindo-lhe abrir delegações em Lusaca e preparar-se para estabelecer uma nova frente militar no Leste de Angola, onde Savimbi tencionava também iniciar a sua actividade. Apesar do apoio que Lusaca prestava ao MPLA, Banda concedeu um visto a Savimbi para entrar na Zâmbia e preparar os refugiados que lá estavam para a reunião destinada a fundar a UNITA no interior de Angola. Em anos posteriores, Banda viria a desempenhar um papel crucial no desvio das simpatias zambianas do MPLA para a UNITA e ascenderia ao cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país.

Na Zâmbia, Savimbi verificou que Smart Chata e os seus contactos no território Chokwe, no extremo leste do Planalto Central de Angola, tinham mobilizado um número significativo de chefes de aldeia (sobas) e os preparara para apoiar um novo movimento, utilizando o seu território como base para resistir aos Portugueses. A FNLA e o MPLA nunca se tinham mostrado activos naquela zona angolana.

Em princípios de 1966, Chata entrou em Angola com dois assistentes seus, Moisés Kaniumbu e Salomão Njolomba. No dia 15 de Março, na grande aldeia Chokwe do Muangai, 250 quilómetros para o interior, a partir da fronteira da Zâmbia, a UNITA nascia oficialmente, num congresso que reuniu 67 chefes e outros delegados. Elegeram um comité central provisório e adoptaram a constituição que havia sido redigida por Savimbi e Tony Fernandes, que exortava a UNITA para que inculcasse em «todos os angolanos, que viviam fora do território, a ideia de que a verdadeira independência de Angola só seria conseguida através da luta armada, empreendida contra o poder colonial português, a partir do interior de Angola». Chata permaneceu em Angola, após a proclamação, para

* Dirigistas. Em francês, no original. (N. do T.)

continuar a receber os recrutas e mantimentos e estabelecer as células do partido destinadas aos guerrilheiros — treinados pelos Chineses — que chegariam no fim desse ano.

Depois de criada a UNITA e de se começar a organizar as redes de apoio rudimentares, Savimbi começou a traçar planos para fazer os «Onze Chineses» entrarem em Angola por meios clandestinos. Sam Nujoma, presidente da SWAPO, e o seu secretário da defesa, Peter Nanyemba, oferecerem-lhe apoio. Apesar de a Zâmbia apoiar oficialmente o MPLA, Savimbi tornara-se amigo do vice-presidente, Simon Kapepwe, e de três outros ministros do Governo Zambiano, dispostos a ajudar a UNITA. O Presidente Kaunda tinha conhecimento da presença de Savimbi em Lusaca, e talvez consciente do compromisso assumido pela UNITA, no Muangai, para lutar pela «formação de uma verdadeira *Frente Unida* de todos os movimentos nacionalistas angolanos»¹⁶, convidou Holden Roberto a ir a Lusaca e fê-lo reunir-se com Savimbi no parlamento para discutirem a reunificação. Roberto estabeleceu termos muito duros: Savimbi teria de fazer publicar um pedido de desculpa pela sua saída da FNLA/GRAE, dissolver a UNITA e reintegrar todos os seus membros na FNLA/GRAE, mas com inscrições individuais — não numa base colectiva. Savimbi recusou, sem dúvida porque, em parte, continuava a acreditar que Holden Roberto mantinha um campo de prisioneiros para desertores, onde ocorriam execuções, e que um fugitivo o descrevera como sendo o Buchenwald africano¹⁷.

Em Julho e Agosto de 1966, Savimbi encontrou-se também com o representante do MPLA em Lusaca¹⁸, propondo-lhe uma *entente* * entre o MPLA e a UNITA — não uma fusão —, em que ele e os seus simpatizantes teriam «pulso livre para proceder como entendessem»¹⁹. O quartel-general do MPLA, em Brazzaville, rejeitou as propostas de Savimbi.

* * *

Os «Onze Chineses» voaram de Pequim para Dar-es-Salaam em princípios de Junho de 1966. Com a colaboração dos amigos de Savimbi no Governo Tanzaniano, foram conduzidos para um campo de guerrilha, cedido à SWAPO e situado perto de Dar-es-Salaam. O plano era introduzi-los na Zâmbia como combatentes da SWAPO. Contudo, a Zâmbia, independente ainda não havia dois anos, encontrava-se económica e geograficamente vulnerável aos governos de maioria branca do Sul da África, poderosos do ponto de vista militar. Ainda se submetia às leis do solo, pelas quais os movimentos de guerrilha para a libertação da África poderiam ter permissão para actuar a partir do seu território: os oficiais dos movimentos de libertação era bem-vindos para entrar e sair da Zâmbia, mas não os seus guerrilheiros.

* Em francês, no original. (N. do T.)

Os «Onze» ficaram retidos no campo da SWAPO durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. O que tinha os seus riscos. A SWAPO fazia parte de uma frouxa aliança de movimentos de libertação sul-africanos que recebiam ajuda da União Soviética²⁰ e, nas imediações, situavam-se outros campos de treino de guerrilha e trânsito de outros membros da aliança: o ANC, da África do Sul, a FRELIMO e o MPLA. A UNITA observou a passagem de 170 recrutas do MPLA, vindos da Zâmbia, através do campo de Dar-es-Salaam, *en route* * para a União Soviética, onde iriam receber treino militar²¹. Mais 90 passaram por Dar-es-Salaam pouco tempo depois, a caminho de Cuba, para receberem treino durante um período de sete meses²².

Em fins de Agosto, o MPLA suspeitou de que havia homens fiéis a Savimbi no campo da SWAPO e queixou-se ao Comité de Libertação da OUA, que, a partir de Março de 1965, tinha alargado o reconhecimento oficial ao MPLA e à FNLA/GRAE. O Comité de Libertação ordenou à SWAPO que entregasse os angolanos que estavam no seu campo ao MPLA. Os homens da UNITA sabiam que isso significava uma morte certa e tinham as suas razões. Os políticos exilados eram sanguinários. Nessa altura, dois apoiantes de Viriato da Cruz, que com ele se tinham demitido do MPLA, passaram por Brazzaville, a caminho de Léopoldville, no regresso de uma conferência na Indonésia. A pedido do MPLA, a polícia do Congo-Brazzaville prendeu os viajantes e transportou-os para o local onde estava instalado o quartel-general do MPLA. Os oficiais do MPLA de Neto levaram-nos então até Dolisie, onde foram executados por um pelotão de fuzilamento²³. O seu «julgamento», que durou dez minutos, foi presidido por Lúcio Lara, então secretário coordenador do MPLA²⁴.

Sam Nujoma argumentou, inteligentemente, junto do Comité de Libertação, que os «angolanos suspeitos» eram membros genuínos da SWAPO. Afirmou, dizendo a verdade, que havia uma confusão de tribos junto à fronteira entre a Namíbia e Angola. Era inevitável que alguns membros da SWAPO falassem português, porque tinham nascido, ou sido criados, no Sul de Angola.

O Comité de Libertação aceitou o argumento de Nujoma, mas tinha chegado a altura de uma manobra de emergência. Decidiu-se, então, fazer entrar clandestinamente quatro guerrilheiros da UNITA na Zâmbia e fazê-los atravessar cerca de 1500 quilómetros, através daquele país, até Angola, utilizando a rede clandestina dos exilados.

Em princípios de Setembro, Jeremias Kussiya, Nicolau Chiyuka, Isaías Massumba e Mateus Banda atravessaram a fronteira, vindos da Tanzânia. Kussiya em breve foi capturado pela polícia zambiana e condenado a nove meses de trabalhos forçados, mas os outros chegaram até junto de Savimbi, em Lusaca, que sem perda de tempo os enviou para Angola.

* *En route* = a caminho. Em francês, no original. (N. do T.)

Em 1 de Outubro de 1966, a Zâmbia levantou, finalmente, as suas restrições à actuação dos guerrilheiros dos movimentos de libertação africanos. No dia 2 de Outubro, os comandantes da SWAPO começaram a chegar de Dar-es-Salaam e os outros sete homens da UNITA apareceram mais tarde, com os oficiais e praças das guerrilhas da SWAPO. Também foram logo enviados para Angola, por ordem de Savimbi.

Depois, em 26 de Outubro, o próprio Savimbi atravessou a fronteira, pisando, pela primeira vez, a sua terra natal, após a partida para Portugal, mais de oito anos antes. Para enfrentar 50 000 soldados portugueses em Angola, Savimbi e os seus «Onze Chineses» possuíam apenas facas de mato *pangas* * e uma pistola soviética *Tokarev*, um presente pessoal de Sam Nujoma a Savimbi ²⁵.

* * *

Savimbi e o seu bando dispersaram-se em quatro direcções diferentes, no Sudoeste de Angola, penetrando na organização preparada por Smart Chata. Savimbi dirigiu-se para uma zona de matas perto de Cassamba, a cerca de 200 quilómetros da fronteira da Zâmbia. Alguns recrutas esperavam por treino, mas não havia armas. Savimbi pedira-as aos Chineses, mas estes haviam recusado devido às dificuldades em as conseguir fazer passar através da Zâmbia e da Tanzânia. «Em vez delas, deram-nos dinheiro. A teoria deles sobre a guerra de guerrilha, de qualquer modo, era a que a melhor fonte de fornecimento de armas era o próprio inimigo.» Chata foi mandado ao Congo para comprar algumas espingardas. Voltou a Angola com dez FN, modelo NATO 7,62 mm.

Os serviços secretos portugueses (PIDE) recolheram informações sobre a chegada de Savimbi e do recrutamento que fazia entre os camponeses locais. Depois de algumas escaramuças de menor importância entre patrulhas portuguesas, constituídas por dois homens, e os inexperientes recrutas de Savimbi, os Portugueses começaram a fornecer excelentes metralhadoras *Mauser* da Primeira Guerra Mundial às aldeias — quinze por cada chefe — para que se protegessem dos «fantoques»**. Dado que diversos chefes tinham sido mobilizados pela UNITA, muitas *Mauser* acabaram por cair nas mãos dos guerrilheiros ²⁶.

O primeiro grande ataque da UNITA ocorreu a 4 de Dezembro de 1966, contra Cassamba, um pequeno posto avançado de venda de madeiras, com cerca de duas centenas de soldados portugueses, uma vintena de madeireiros e suas famílias e algumas centenas de angolanos. Savimbi planeou e conduziu o ataque: «Foi um fracasso. Um autêntico desastre.»

* *Pangas* = catanas. (N. do T.)

** Aqui, no próprio original, o autor utilizou a palavra em português. (N. do T.)

Todas as teorias sobre a guerra aprendidas na China foram esquecidas assim que as balas começaram a silvar. «A guerra a sério era muito diferente. Foi uma sorte a UNITA não ter acabado nesse primeiro ataque, porque metade dos comandantes treinados na China tomara parte nele.» Primeiro, o reconhecimento fora inadequado. Savimbi confiara apenas nas informações recolhidas por africanos que viviam no Cassamba. E, todavia, tanto ele como os seus partidários tinham aprendido na China que, embora o povo pudesse estar bem mobilizado e compreendesse a política do movimento, mesmo assim, somente 10 por cento do que diziam deveria ser tomado em linha de conta. O resto não passaria de exagero. «Contudo, tínhamos aceitado 100 por cento do que nos tinham dito. A partir daí nunca mais nos esquecemos de que as informações prestadas pela população eram apenas um ponto de partida. O procedimento mais correcto seria enviar as nossas próprias tropas, clandestinamente, para confirmar as informações.»

No caso do ataque a Cassamba, que teve lugar na madrugada de uma manhã de domingo, a única informação correcta prestada à UNITA fora a de que os soldados portugueses estariam a dormir: bebiam sempre muito nos sábados à noite. O posto estava cercado por uma barreira de arame farpado com mais de dois metros de altura. As forças da UNITA chegaram por volta das 3 horas e 30 minutos da manhã. A informação que Savimbi havia recebido dizia que existia mais de uma entrada, mas, na verdade, havia só uma. David «Samwimbila» Chingunji disse a Savimbi que a informação estava errada e que, de acordo com o que haviam aprendido na China, o ataque devia ser cancelado. Afirmou que as forças atacantes apenas se poderiam salvar se matassem todos os portugueses, e apontou para o arame farpado e para a única entrada existente, dizendo que a retirada seria muito difícil se o ataque falhasse. «Depois começou a citar-me Mao Tsé-tung, sobre o assunto», disse Savimbi. «Disse-lhe para se esquecer da China. Estávamos de volta a Angola e, se ele não quisesse ir, seria eu o primeiro a entrar²⁷.»

Savimbi e os seus homens transpuseram a entrada com facilidade: os portugueses estavam todos a dormir. Lá dentro, o grupo de 60 indivíduos, em grande parte composto por camponeses insuficientemente treinados, dividiu-se em dois — um devia atacar o posto administrativo dos portugueses e o outro as duas lojas. Savimbi calcula que as suas forças tenham feito fogo durante dois minutos, antes que os portugueses, arrancados ao sono, começassem a ripostar com as metralhadoras. «Era a primeira vez que nos encontrávamos debaixo de fogo a sério e as balas tracejantes eram de várias cores: vermelhas, amarelas e azuis. A confusão era mesmo tremenda. Um dos nossos homens foi morto e tivemos de o abandonar. Dois ficaram feridos. Levámo-los connosco. Estávamos todos estendidos no chão, e tivemos de rastejar durante todo o caminho através do arame farpado.»

Savimbi tinha posto as suas esperanças em que o ataque a Cassamba fosse um sinal para o mundo exterior de que a resistência da UNITA começara, mas, quando passou em revista os acontecimentos, verificou que nenhum português fora morto.

É interessante comparar o relato de Savimbi, sobre o ataque a Cassamba, lembrado numa conversa posterior, na década de 80, com uma versão anterior que apareceu publicada, em Maio de 1967, numa revista missionária inglesa, *Africa and the World* (*Africa e o Mundo*). O reverendo Trevor Bush, um sacerdote sul-africano que abandonara a sua terra natal devido às suas simpatias para com a causa de libertação dos Africanos, citou «um dos oficiais superiores de Savimbi» como tendo afirmado: «O grupo do doutor [Savimbi] abriu imediatamente fogo sobre o inimigo, sendo o doutor apoiado por alguns dos seus comandantes mais experimentados. Houve uma certa demora provocada pelo facto de o inimigo ter utilizado metralhadoras pesadas, muito bem colocadas em pontos estratégicos, mas um ataque posterior com granadas de mão teve como resultado a captura do *boma* *. Foram mortos 40 soldados portugueses nesta acção, contra 1 morto e 2 feridos no grupo atacante.»

Esta é uma ilustração apropriada de como são grandes os riscos de fazer reportagem, ou análise, acerca de um continente tão tumultuoso e tão pobre em comunicações como é a África. A não ser que se tenha sido testemunha do que realmente aconteceu, torna-se muito difícil discernir o que é, de facto, a verdade.

* * *

O ataque a Cassamba foi um fracasso humilhante, mas um outro grupo da UNITA, comandado por dois dos «Onze Chineses», Samuel Chiwale e Samuel «Mwanangola» Chivala, estava a preparar um grande assalto a Teixeira de Sousa, uma localidade na fronteira, término do Caminho de Ferro de Benguela, onde este passa de Angola para o Zaire (anteriormente Congo-Léopoldville, tendo sido rebaptizado depois de Mobutu Sese Seko ter tomado o poder, em Novembro de 1965).

Existem diversos relatos do ataque a Teixeira de Sousa, na madrugada do dia de Natal de 1966. Por um lado, Savimbi reivindica que a UNITA conseguiu um enorme sucesso, infligindo importantes danos aos portugueses contra pequenas perdas por parte dos guerrilheiros. O comando da UNITA escolheu três alvos: as casernas dos portugueses, o aeroporto e a cadeia, onde estavam detidos políticos africanos e onde a PIDE tinha o seu quartel-general. «Conseguimos libertar todos os prisioneiros, prender o chefe local da PIDE e roubar algumas armas no aquartelamento.

* Aqui o autor utilizou uma palavra indígena e especificou que se tratava de posto (*post*, em inglês). (*N. do T.*)

Incendiámos um *Dakota*, que estava imobilizado na pista, mas não conseguimos chegar ao terminal do aeroporto nem às casernas. Contudo, foi um tremendo esforço. É possível que tenhamos perdido 25 homens, embora nenhum comandante tivesse sido abatido.»

Um dia depois do ataque, os Portugueses afirmaram, através da Emissora Oficial de Angola, em Luanda, que tinham morto 600 atacantes. Segundo Savimbi, no dia seguinte corrigiram para 100 e, no terceiro dia, voltaram a reduzir esse número²⁸. «Admitiram que algumas das pessoas que tinham sido mortas eram civis negros que viviam na localidade. A população africana não esperava o ataque e, quando este começou, correu a refugiar-se nas casernas dos portugueses. Os soldados portugueses atiraram sobre eles, já que não conseguiram diferenciá-los dos guerrilheiros²⁹.»

Outros relatos sugerem que a UNITA, tendo utilizado recrutas Chokwe mal treinados e insuficientemente armados, lançou um ataque em massa e perdeu, por isso, cerca de 300 homens contra 6 ou 7 portugueses mortos, incluindo o chefe da PIDE³⁰.

O governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz, voou imediatamente para Teixeira de Sousa, tentando levantar a moral da população branca. Chegou lá no dia 26 de Dezembro, tendo sido o primeiro governador-geral a visitar a remota localidade, situada a mais de 1000 quilómetros de Luanda. O Presidente da República Portuguesa, almirante Américo Tomás, afirmou, na sua mensagem de Ano Novo, ao povo português: «Na história mais recente da Nação existem dois dias para recordar: um é o 15 de Março de 1961 (em que começou a sublevação da UPA, no Norte) e o segundo é o dia 25 de Dezembro de 1966, que acabámos de viver.»

Pela contagem das baixas, Teixeira de Sousa foi uma derrota e uma aventura temerária para a UNITA. O ataque viera demonstrar as enormes lacunas existentes em todas as regras de Mao, nas primeiras etapas da guerra de guerrilha — conceber ataques tipo «toca e foge», a alvos vulneráveis, quando se sabe que a nossa força de assalto é superior à dos defensores, e não fazer surtidas a alvos urbanos importantes quando se tem a certeza de ir sofrer pesadas baixas. Contudo, a arremetida possuía objectivos propagandísticos, não militares. Teve um tremendo impacto psicológico nos Portugueses, que encerraram durante uma semana o Caminho de Ferro de Benguela, quanto aos carregamentos de cobre zambianos e zairenses, forçando assim o mundo a saber da entrada da UNITA na guerra de Angola. Mais tarde, esta arremetida transformar-se-ia num ponto de referência do pragmatismo da UNITA, da mesma forma que o 4 de Fevereiro de 1961 e o 15 de Março de 1961 constituíam marcos importantes para o MPLA e a FNLA/GRAE. Se Teixeira de Sousa não tivesse acontecido, teriam sido precisos outros ataques espectaculares ou temerários como pontos de referência no desenvolvimento inicial da UNITA.

* * *

Depois de Teixeira de Sousa, uma das regras fundamentais de Savimbi foi evitar assaltos inúteis a cidades bem defendidas. A UNITA concentrava-se então em operações de menor envergadura — emboscadas a patrulhas de tropas portuguesas para conseguir armas, arrancar ou dinamitar pequenas extensões da linha do Caminho de Ferro de Benguela — enquanto o seu chefe se preparava, relutantemente, para uma visita à Zâmbia. O comité central decidira, por nove votos contra o voto discordante do próprio Savimbi, que este deveria procurar obter mais publicidade e pedir, com insistência, mais apoio ao mundo exterior, a seguir ao ataque do dia de Natal.

Savimbi queria ficar em Angola pelo menos durante mais um ano, a fim de organizar a UNITA e a transformar numa força de combate eficaz. Contudo, entre aqueles que tinham enviado mensagens pedindo para o ver, encontrava-se Gamal Abdel Nasser e, no dia 27 de Março de 1967, Savimbi atravessou a fronteira para a Zâmbia. Em Lusaca foi calorosamente recebido pelo Presidente Kaunda e pelo primeiro-ministro da Zâmbia, Mainza Chona, que lhe afirmaram estarem já convencidos das intenções sérias da UNITA e desejar prestar-lhe o seu apoio... sob três condições.

A primeira era que a UNITA parasse com a sabotagem ao Caminho de Ferro de Benguela: a linha era de uma importância económica vital para as exportações do cobre da Zâmbia, depois do encerramento da rota sul-africana, em Novembro de 1965, na sequência da Declaração Unilateral da Independência da Rodésia, separada dos Ingleses. O Caminho de Ferro de Benguela era também crucial para as importações de produtos manufacturados, por parte da Zâmbia: a seguir a uma sabotagem com dinamite, à linha férrea, o equipamento italiano para o novo aeroporto internacional de Lusaca mal resistira.

A segunda condição consistiu em os Zambianos afirmarem que a UNITA poderia manter uma delegação em Lusaca, desde que o seu pessoal não fosse constituído por refugiados que tivessem trabalhado durante anos na Zâmbia. Lusaca considerava-os zambianos devido ao seu envolvimento em assuntos sindicais internos. Smart Chata pertencia a essa categoria. A terceira condição estava relacionada com a segunda. A UNITA não deveria criar comités de partido entre os próprios exilados angolanos. O UNIP (United Independent Party), partido no poder na Zâmbia, pensava recrutar, junto dos refugiados, aderentes para a sua luta pelo poder político contra o ANC zambiano (Congresso Nacional Africano) na oposição.

Savimbi concordou com todas as condições, muito embora pedisse uma prorrogação de três meses para a primeira, de modo a conceder tempo suficiente aos seus estafetas para entregar as necessárias indicações aos

comandantes. A troco disso os Zambianos deram-lhe um salvo-conduto especial para que se pudesse deslocar ao estrangeiro, em busca de ajuda³¹.

No Cairo, o Presidente Nasser deu dinheiro a Savimbi para a UNITA e disse-lhe estar também a considerar a hipótese de lhe fornecer armas, desde que o Presidente da Zâmbia autorizasse que transitassem pelo seu país.

Savimbi voou para a China em Maio de 1967. Teve um encontro em Yunnan com Mao Tsé-tung, que durou uma hora. Mao sublinhou a importância de conquistar o apoio do campesinato; encorajou Savimbi a gizar um novo plano que seria o de estabelecer uma base da UNITA numa área situada a cerca de 100 quilómetros a sul do Caminho de Ferro de Benguela, entre os picos montanhosos e as densas matas da nascente do rio Lungue-Bungu, um grande afluente do Zambeze; incitou o líder da UNITA a ser perseverante e paciente, porque ainda teria de enfrentar muitos problemas³². Os Chineses deram-lhe mais dinheiro e já estavam preparados para fazer embarcar armas destinadas à UNITA. Afirmaram conhecer o Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, que este as aceitaria, e fizeram votos para que Kaunda permitisse o seu transporte através da Zâmbia.

Savimbi voltou a Lusaca, pelo Cairo, em princípio de Julho. Aí a situação alterara-se por completo. Durante a sua ausência, os guerrilheiros tinham dinamitado por duas vezes a linha do Caminho de Ferro de Benguela, fazendo descarrilar os comboios e fechando a linha ao transporte do cobre da Zâmbia por várias semanas. O director do Caminho de Ferro de Benguela, que era propriedade dos Ingleses, senhor * Augusto Bandeira, fora até Lusaca para afirmar aos Zambianos que, se tencionavam proteger a UNITA, os Portugueses teriam de proibir o trânsito zambiano. A Zâmbia, sem porto de mar, não poderia dar-se a esse luxo.

Savimbi chegou numa sexta-feira, esperando uma calorosa recepção. Receberam-no com frieza, porém. «Telefonei a Mainza Chona e disse-lhe que gostaria de me avistar com ele. Mandou-me ir lá na segunda-feira, mas, na manhã de sábado, o Departamento de Imigração pediu-me para comparecer nos seus escritórios. Disseram-me ali que teria de abandonar a Zâmbia e voltar ao Cairo. Quando protestei e afirmei que não possuía bilhete de volta, meteram-me na prisão Kamwale [de Lusaca] durante seis dias. Alguns oficiais afirmaram que iam tratar de me entregar aos Portugueses.»

Smart Chata encontrava-se na Zâmbia, nessa altura. Avisou Tony Fernandes, que estava na Suíça, da prisão de Savimbi e contactou o presidente egípcio, no Cairo. Nasser enviou um telegrama a Kaunda pedindo-lhe que não entregasse Savimbi aos Portugueses mas o mandasse de regresso ao Cairo. O Presidente Nyerere e Oscar Kambona pediram também a libertação de Savimbi.

* Designado por engenheiro Augusto Bandeira, habitualmente. (N. do T.)

O apelo de Nasser foi atendido, mas Savimbi, antes de ser expulso para o Egípto, encontrou-se com Mainza Chona e com o chefe do CID zambiano, Vernon Mwaanga, que foi, mais tarde, ministro dos Negócios Estrangeiros da Zâmbia. Apresentaram desculpas a Savimbi e pediram-lhe que não interpretasse os acontecimentos como um acto hostil à UNITA. «Perguntaram-me, até, o que poderiam fazer pelos meus adeptos que estavam na Zâmbia. Ri-me e disse-lhes que apenas lhes desejava garantir que voltaria para Angola, dentro de um ano, e que atravessaria a Zâmbia, para lá chegar. Chona riu-se e perguntou com sarcasmo: 'Como tencionas fazer isso? A voar?' Respondi-lhe: 'Talvez, mas só te estou a explicar que tenciono voltar à minha terra, porque não sou nem zambiano nem egípcio. Tenho de viver na minha terra.' Não me acreditaram. Apertámos as mãos e fui deportado para o Cairo³³.»

Isolados do seu líder e com a UNITA marginalizada na Zâmbia, os guerrilheiros que se achavam em Angola enfrentavam uma crise. Tinham ficado privados da sua via de comunicações com o mundo exterior e interrompera-se o fornecimento de armas, medicamentos e roupas, iniciado através da Zâmbia. O próprio Savimbi, apesar da sua bravata na presença de Chona e Mwaanga, caíra em profundo desespero.

CAPÍTULO VI

EXÍLIO E REGRESSO

1967-1968

SAVIMBI VIAJOU DO Cairo para a Suíça com o intuito de falar com Tony Fernandes. Afirmou, ao seu camarada e co-fundador da UNITA, que o movimento parecia estar condenado; se não pudesse voltar rapidamente a Angola, a frágil organização desintegrar-se-ia.

Tony Fernandes prontificou-se a abandonar os seus estudos e a ir para o Cairo — onde Savimbi, por uma temporada, tencionava organizar o seu quartel-general — de forma a ajudar o líder. «Disse-lhe: não. Não temos futuro; está tudo muito sombrio», recordou Savimbi. «Tony disse que era precisamente por estar tudo sombrio e os problemas serem grandes que eu não devia fazer as coisas sozinho; teríamos de as fazer em conjunto. E afirmou que quem quisesse ajudar-nos teria de se nos juntar naquele momento e não quando as dificuldades tivessem sido vencidas¹.»

Tony Fernandes acompanhou Savimbi de regresso ao Cairo, passando pela Tunísia para falar com outro seu apoiante, dos tempos da FNLA/GRAE, N'Zau Puna, que abandonou também os seus estudos e se juntou a Savimbi no Cairo. Um terceiro angolano, Jorge Sagumba, foi ter com eles ao Egipto, depois de ter completado os estudos na Faculdade de Manhattan, em Nova Iorque.

Em Setembro de 1967, tinham-se reunido os quatro no Egipto, por altura da Guerra dos Seis Dias, contra Israel, e foi aí que criaram o que decidiram designar por Missão Externa da UNITA. Nasser concedeu-lhes o mesmo estatuto que dava aos outros movimentos de libertação representados no Cairo.

Uma das primeiras decisões tomadas pela Missão Externa foi enviar N'Zau Puna para a China, onde receberia treino de guerrilha. Este chegou à Academia Militar de Nanquim em Dezembro de 1967 e, embora anos mais tarde afirmasse ter rejeitado as tentativas dos Chineses para

o doutrinar na ideologia comunista², Puna, tal como Savimbi antes dele, assimilou os ensinamentos de Mao Tsé-tung sobre as técnicas de guerrilha e sobre a necessidade de a guerra estar aliada a claros objectivos políticos. Mao escrevera: «Sem um objectivo político a guerra de guerrilha tem, necessariamente, de falhar, assim como falhará se os objectivos políticos não coincidirem com as aspirações do povo e se a sua solidariedade, colaboração e assistência não puderem ser conquistadas³.»

Puna e Savimbi estudaram atentamente as *Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung* e ponderaram sobre a forma como aquelas lições destinadas à generalidade poderiam ser aplicadas à situação africana. Os dogmas essenciais de Mao Tsé-tung eram que as populações rurais tinham de ser conquistadas, em primeiro lugar, e, em seguida, as cidades deveriam ser cercadas a pouco e pouco; que o inimigo nunca deveria ser envolvido em batalhas convencionais ou regulares; que, em quaisquer conflitos militares, a guerrilha teria sempre de se desdobrar em forças superiores às do inimigo, do ponto de vista numérico; que o tempo está do lado dos rebeldes. Num dos seus trechos, sobre as técnicas de guerrilha, Mao Tsé-tung afirmava: «As táticas de guerrilha devem sempre iludir, engodar e confundir o inimigo. Devem levar o inimigo a acreditar que será atacado a partir de leste e norte e depois atacá-lo a partir do oeste e do sul. Devem atacar e, em seguida, dispersar de imediato. As suas deslocações devem fazer-se durante a noite⁴.»

Após um longo período de operações de pequena envergadura, durante o qual se deveria assegurar uma base de apoio rural, mobilizar a população e manter as iniciativas táticas, Mao Tsé-tung ensinava que o inimigo poderia então ser desafiado em maior escala. Finalmente — com zonas libertadas asseguradas — a guerra convencional e os ataques às cidades tornar-se-iam possíveis.

N'Zau Puna, Savimbi e os primeiros «Onze Chineses» foram treinados tanto com armas ocidentais como com armas comunistas. Instruíram-nos sobre a forma de estabelecer bases revolucionárias em áreas rurais e de preparar emboscadas. Alguns aprenderam a planear operações de sabotagem, a fabricar minas e bombas incendiárias e a utilizar explosivos contra habitações, linhas de caminho-de-ferro, pontes, tanques, camiões e locomotivas.

* * *

Enquanto Puna permanecia na China, Savimbi, Tony Fernandes e Sangumba trabalharam no sentido de expandir e reforçar os contactos da UNITA. Perto do fim do ano de 1967, Savimbi exprimiu algumas das suas ideias políticas numa entrevista que foi publicada. Fotografias do líder da UNITA, então com 33 anos, mostraram um homem de forte complexão física, embora esbelto, com «pêra» densa e crespa, cabeleira cerrada e encarapinhada, pele muito negra, nariz largo e olhos cintilantes.

Falou na necessidade de eleições em Angola, quando chegasse a hora da independência. Não pensava que os Portugueses viessem a sofrer uma derrota militar total. «Penso que chegaremos a uma situação em que os Portugueses não poderão manter a sua posição. Temos de criar uma tal pressão que os Portugueses sejam obrigados a negociar.»

Sentia que, em Angola, as lealdades tribais não eram assim tão fortes que tornassem impossível unir o povo. Pelo contrário, ele avisou que se um governo fosse constituído numa base puramente tribal, esse governo jamais conseguiria unir todo o país. Achava também que uma Angola independente deveria conseguir um equilíbrio no auxílio recebido do Leste e do Oeste.

Desenvolveu um tema que perduraria ao longo dos anos: «Angola é um país agrícola. A população precisa de comida, portanto queremos desenvolver a agricultura de forma a tornar Angola auto-suficiente.» Isso envolveria um treino profissional para a agricultura combinado com campanhas de alfabetização massificadas: por conseguinte, os Angolanos que fossem estudar para o estrangeiro deveriam ser encorajados a empreender estudos técnicos, mais do que de direito ou de ciências sociais⁵.

* * *

N'Zau Puna seguiu da China para o Cairo em Março de 1968. Chegara a altura de Savimbi tentar regressar a Angola. Iria com N'Zau Puna e permaneceriam juntos, permanentemente, no país. Tony Fernandes ficaria no exterior, como representante da UNITA, no Cairo, e Sangumba seguiria para a Grã-Bretanha, como representante em Londres.

Para lançar uma falsa pista, em relação ao seu regresso, Savimbi fez uma visita, amplamente publicitada, à Suíça, onde se avistou com velhos amigos e discutiu a possibilidade de prosseguir estudos mais avançados. Ao retirar-se, foi directamente para Dar-es-Salaam. N'Zau Puna tinha trocado, entretanto, o Cairo por Adis Abeba, onde solicitara ao Secretariado da OUA que não retirasse a ajuda à luta da UNITA, em Angola. Obteve uma audiência indiferente, mas que lhe proporcionou a cobertura de que precisava para viajar de Adis Abeba para Dar-es-Salaam e se reunir, em segredo, com Savimbi. De Dar-es-Salaam, Savimbi e N'Zau Puna foram levados, através da Tanzânia, pelos seus velhos amigos da SWAPO, penetrando na Zâmbia num ponto remoto da sua fronteira.

Por essa altura, o MPLA, que sofrera uma derrota embaraçosa em Cabinda, estava a desenvolver a sua frente no Leste de Angola e já havia perdido dois oficiais superiores em combate contra os Portugueses⁶. O quartel-general do MPLA foi transferido de Brazzaville para Lusaca e criada uma base perto de Kolombo, no Oeste da Zâmbia. Oficialmente, a base situava-se algures, em Angola. Contudo, isso não passava de um embuste diplomático para evitar embaraços por parte do Governo de Zâmbia⁷.

(Os líderes do MPLA aprisionados pela FNLA/GRAE, no Zaire, sofreram bastante, nessa altura: dois deles, Deolinda Rodrigues e João Gonçalves Benedito, foram mortos, depois de torturados.)

Embora a Zâmbia estivesse então comprometida com o MPLA, existiam ainda muito simpatizantes da UNITA entre a enorme comunidade de exilados angolanos na Zâmbia. Existiam comités da UNITA, apesar de terem sido proibidos por Lusaca. Viajando a pé, exceptuando uma curta viagem no carro de um adepto, Savimbi e N'Zau Puna foram passados através das casas de vários refugiados, ao longo do percurso. Smart Chata encontrou-se com eles, num determinado local, e Savimbi pediu-lhe que ficasse na Zâmbia como elo de ligação entre Angola, Tony Fernandes e Jorge Sangumba*.

A 28 de Julho de 1968, Savimbi e Puna pisaram, de novo, o solo angolano — um ano e quatro meses após a sua forçada partida.

* Como se disse atrás, Fernandes estava no Cairo e Sangumba na Grã-Bretanha. (N. do T.)

CAPÍTULO VII

SAVIMBI RECONSTRÓI A UNITA

1968-1969

NO REGRESSO, Savimbi veio encontrar as suas forças de guerrilha dispersas por uma vasta área. Não existia qualquer comando central e as unidades dispersas estavam completamente descoordenadas, não havendo tentativa de colaboração entre os diferentes comandantes regionais. Algumas centenas de suspeitos de serem adeptos da UNITA, nas cidades, haviam sido apanhados e aprisionados pelos Portugueses. Os homens fulcrais haviam sido mortos em ataques tanto dos Portugueses como do MPLA, então implantado no Leste de Angola e bem armado pela União Soviética. Entre os que tinham morrido contava-se Paulino Moisés, um dos «Onze Chineses» e único perito em minas explosivas que a UNITA tinha.

Savimbi passou os meses de Agosto, Setembro e Outubro de 1968 percorrendo, a pé, toda a região, para avaliar o estado moral e de organização da UNITA. Descobriu que se tinham dado vários choques de personalidade, com cada comandante a querer provar ser melhor do que os outros. Paulino Moisés fora morto quando outro comandante se recusou a ajudá-lo numa acção defensiva contra os Portugueses¹.

Para pôr fim às divergências, cada comandante foi convocado para um curso de treino político, com Savimbi, e outro de treino militar, com N'Zau Puna. Savimbi ensinou que o exército indisciplinado constituía uma ameaça para o campesinato. Sem sentido de responsabilidade e sem maturidade os soldados «não estariam a trabalhar para o povo, mas sim a trabalhar para eles. Se o homem que tem as armas na mão não compreende a razão por que as tem, abusará do povo pelo poder das armas².»

Savimbi descobriu que haviam cerca de 1500 guerrilheiros, na fase da recruta, dos quais apenas 60 estavam suficientemente treinados para andar armados. Cinco centenas deles estavam divididos em quatro

grupos, operando em diferentes troços do Caminho de Ferro de Benguela. Contudo, a unidade mais bem equipada era constituída por 1000 guerrilheiros, sob o comando de Samuel Chiwale, baseado na zona do Ninda, cerca de 500 quilómetros a sul do Caminho de Ferro de Benguela e perto da fronteira com a Zâmbia. Chiwale possuía uma reserva de 300 armas para fornecer aos guerrilheiros, assim que estes tivessem treino suficiente.

Esta foi, talvez, a etapa mais difícil na evolução da UNITA. Apenas com a força da sua personalidade, Savimbi lançou-se na tarefa de reconstituir uma organização que, virtualmente, se havia desmoronado, procurando reconquistar lealdades e restabelecer a moral para a luta contra os Portugueses. Uma vez restabelecida essa moral, ela duraria e aumentaria, possibilitando à UNITA continuar a luta, até hoje (anos oitenta), contra o último exército estrangeiro em Angola — o cubano.

Ao voltar a viver junto dos camponeses, Savimbi ganhou uma reputação que lhe seria útil nos anos vindouros. Observando os diferentes estilos de chefia dos três principais líderes dos movimentos de libertação angolanos, um historiador escreveu: «Jonas Savimbi foi o primeiro líder angolano a regressar do exílio para dirigir o seu povo no interior do país, em conformidade com a doutrina da UNITA, que criticava o excesso de confiança no exterior e sublinhava a necessidade de mobilização para uma luta popular no interior... Agostinho Neto e outros oficiais superiores do MPLA faziam viagens ocasionais ao país, mas estavam mais vezes no estrangeiro do que no seu país... Holden Roberto nunca ousou atravessar a fronteira entre o Zaire e Angola³.»

* * *

O primeiro passo para a revitalização da UNITA teve lugar na base de Chiwale, depois de Savimbi e Puna terem regressado a Angola. Os comandantes, que tinham possibilidades de acesso à base, foram convocados para uma conferência. Tendo compreendido alguns dos problemas, Savimbi promoveu Chiwale ao novo posto de comandante-chefe do exército da UNITA, que ficou a designar-se FALA (Forças Armadas para a Libertação de Angola). As funções do comandante-chefe compreendiam a coordenação de todos os guerrilheiros numa única força, comandada centralmente.

Samuel «Kafundanga» Chingunji, comandante de um grupo de guerrilha na zona do Leua, a nordeste do Luso, foi nomeado chefe do Estado-Maior. As funções que desempenhava até à sua morte, que ocorreu seis anos depois, eram de se deslocar entre Angola, Zâmbia e Zaire, procurando abastecimentos — em particular, armas e munições. Kafundanga, que havia sido treinado por Savimbi, em Angola, entre 1966 e 1967, foi substituído como comandante na zona do Leua por um dos «Onze Chineses», Samuel «Mwanangola» Chiwale. N'Zau Puna foi nomeado, simul-

taneamente, secretário-geral e comissário político geral das forças de guerrilha, efectivamente um substituto do líder, posição que ainda hoje ocupa, quase vinte anos depois.

Um dos primeiros actos de Chiwale, como comandante-chefe, foi a emissão de um comunicado militar, datado de 10 de Setembro de 1968, difundido pela delegação do Cairo. Descrevia dez recontros com as forças portuguesas em Agosto, durante os quais se tinham abatido 86 soldados inimigos, destruídos 4 camiões e apreendido numerosas espingardas, munições e granadas de mão⁴. Era pura propaganda, mas poderia confiar-se em que uma parte da imprensa internacional publicaria um ou dois parágrafos. (O exagero não se limitava à UNITA. Em 1967, o MPLA reivindicou ter destruído o porto de Benguela e, em mais cinco combates, ter abatido 280 portugueses contra apenas um ferido do MPLA. Em 1968, o MPLA disse que os seus guerrilheiros haviam abatido 2760 soldados inimigos contra apenas 80 perdas do MPLA, entre mortos e feridos⁵.)

Da base de Chiwale, Savimbi e N'Zau Puna dirigiram-se, a pé, para oeste, onde se encontraram com o grupo da UNITA que penetrara mais em Angola, na zona do rio Cuanza, 600 quilómetros para o interior. Na terceira semana de 1968, Savimbi convocou os aldeões locais para uma reunião, perto das margens de um afluente do rio Cuanza, a fim de expor os novos objectivos da UNITA e a sua organização. Os aldeões disseram que os Portugueses poderiam atacar, mas Savimbi não os levou muito a sério. De facto, os Portugueses estavam acampados na outra margem do rio e, às 6 horas da manhã de domingo, efectuaram um ataque de avião, em voo raso, apoiado por helicópteros sul-africanos, ao acampamento provisório — bivaque — dos aldeões e dos guerrilheiros de Savimbi. (A África do Sul mantinha, em operações, no Leste de Angola, uma unidade aérea composta por helicópteros *Alouette III* e aviões ligeiros *CESSNA*. Um centro de comando português e sul-africano baseava-se na cidade do Cuíto-Cuanavale, de onde partiam para operações contra os nacionalistas angolanos e os guerrilheiros da SWAPO⁶.)

Foram mortas 35 pessoas durante o ataque. A maioria eram camponeses, mas 3 guerrilheiros da UNITA pereceram igualmente — «Tentámos controlar as tropas, mas entraram no mais completo pânico e fugiram», disse Savimbi. «Demorámos dois dias a reorganizá-las. N'Zau Puna e eu dirigimos um contra-ataque, mas não tivemos grande sucesso⁷.» Savimbi e N'Zau Puna recuaram para leste e, em fins de Outubro de 1968, chegaram ao rio Lungue-Bungu, onde Savimbi dissera a Mao pensar estabelecer uma base. A população da tribo Chokwe vivia ali, subsistindo por meio da caça, pesca, agricultura «itinerante»* e colheita de mel, nas colí-

* As populações nativas cultivam, em geral, milho e massambala — sorgo — demandando o cereal dois a três meses a desenvolver-se. Depois a população mudava de local para não estar sujeita a ataques. Utilizou-se «itinerante» para resolver o problema da tradução do original. (N. do T.)

nas arborizadas. Os Portugueses não se preocuparam em ocupar a área, abrindo apenas algumas picadas através dela, para derrube de árvores com objetivos logísticos e, mais tarde, para concretizar ataques contra os guerrilheiros.

Os treinos militar e político nos dois campos fundados por Savimbi, no vale do Lungue-Bungu, duraram até Fevereiro de 1969. «O problema fundamental era que, embora os nossos homens fossem corajosos, eram também amadores. Perdemos muitos por causa disso. Tínhamos de lhes ensinar como fazer fogo contínuo, montar emboscadas, tirar vantagem do terreno.» Ao princípio, Savimbi e N'Zau Puna tentaram ser eles a treinar todos os guerrilheiros, mas chegaram à conclusão de que era impossível. Trataram então de organizar cursos para chefes, que, por sua vez, treinariam outros⁸.

Savimbi sentiu-se encorajado, nessa altura, pela perspectiva de uma mudança do regime português, quando António de Oliveira Salazar sofreu um ataque do coração em Setembro de 1968, sendo substituído — após 36 anos de ditadura — por Marcello Caetano. Todavia, o Dr. Marcello Caetano cedo mostrou que estava resolvido, na mesma, a preservar as colónias africanas como parte integrante da Pátria Portuguesa. «Portugal não pode desperdiçar valores que, à sombra da sua bandeira, transformaram regiões bárbaras em territórios promissores que caminham, em pleno, para a civilização», escreveu ele. «Não podemos cessar os nossos esforços quando confrontados com um adversário que se veio a revelar fiel às tradições africanas, por ser intolerante e implacável, que desenterrou todos os ódios raciais antigos e não hesitou em sacrificar vidas e propriedades⁹.» No que dizia respeito a Angola, Marcello Caetano afirmava: «O Portugal angolano tem um futuro brilhante à sua frente... Angola está firmemente determinada a permanecer portuguesa... O segredo do triunfo reside na força da vontade individual quando se quer conquistar¹⁰.»

Em Fevereiro de 1969, Savimbi acreditava que alguns grupos em treino estavam preparados para combater, e decidiu pô-los à prova. Enviou uma unidade de 125 guerrilheiros, sob o comando do segundo-tenente Gaio Kakoma, para a zona do Luando, 150 quilómetros a norte do Caminho de Ferro de Benguela, com instruções para montar uma emboscada a uma coluna militar portuguesa. Deveriam reunir-se perto do Luando (não Luanda) com um pequeno grupo avançado, comandado pelo segundo-tenente Kafuna, que partira à frente, para recolher informações.

Os primeiros indícios foram de que a missão falhara. A viagem de regresso do Luando para o Lungue-Bungu é de 300 quilómetros. Savimbi pensava que demoraria duas semanas. Mais de um mês passou sem quaisquer notícias. Savimbi e N'Zau Puna estavam verdadeiramente preocupados. «Tínhamos treinado toda aquela gente nas novas técnicas e, se tivessem sido mortos, perderíamos toda a credibilidade perante os soldados e a população. Estávamos muitíssimo desmoralizados e desesperados, e suspendemos o nosso programa de treino¹¹.»

Houve outros reveses maiores que minaram seriamente a moral da UNITA. Tinha havido conflitos constantes com o MPLA, desde que o movimento de Agostinho Neto penetrava no Leste de Angola, vindo da Zâmbia. «Para onde quer que fossem, encontravam populações mobilizadas pela UNITA e, ao princípio, atacavam mais os civis do que os nossos soldados, já que o seu fito era que voltassem para o MPLA», afirmou Savimbi. «Contudo, embora tivessem armas, não possuíam a técnica necessária para mobilizar o povo. A organização deles era do tipo russo; o nosso tipo de organização à chinesa conseguia mais apoio. O MPLA matou muitos chefes*, porque pensava que para organizar um movimento revolucionário tinha de se livrar dos chefes, de forma a poder transformar os jovens em revolucionários. Diziam que os chefes das aldeias gostavam do feudalismo. Mas, ao proceder assim, voltavam o povo contra eles¹².»

Os principais problemas relativamente ao MPLA surgiam na área fronteiriça mais próxima da Zâmbia, embora Savimbi afirme que o MPLA nunca penetrou tão longe quanto as bases principais da UNITA, 300 quilómetros para o interior de Angola.

Em Março de 1969, quando Savimbi esperava, ansiosamente, que o grupo de ataque ao Luando regressasse, os seus problemas complicaram-se com uma deserção em massa de guerrilheiros comandados por Samuel «Mwanangola» Chiwale, na zona do Leua. O MPLA, ao penetrar em Angola, vindo das suas bases na Zâmbia, ficou surpreendido ao encontrar a UNITA bem implantada naquela área. «Começaram a atacar as gentes da UNITA, matando-os e aniquilando todos os nossos comités locais¹³.» «Mwanangola» era um chokwe, oriundo daquela área. Sentindo-se frustrado pela falta de armas, levou para o Zaire, onde foram bem recebidos pela FNLA/GRAE, 144 dos seus seguidores, dos quais 40 estavam armados. A FNLA/GRAE mandou-os de volta para estabelecer a sua própria força de combate principal no Leste de Angola, mas esta nunca se tornou numa frente militar importante e, por fim, a UNITA forçou «Mwanangola» a regressar ao Zaire¹⁴.

A deserção de «Mwanangola» foi um golpe esmagador. Na mesma altura, Savimbi andava a receber notícias de que os apoiantes da UNITA se estavam a entregar aos Portugueses, na área de Gago Coutinho. Tais notícias revelavam que a população, membros da característica e densamente localizada tribo Mbunda — uma subtribo dos Nganguelas — estava desiludida por Savimbi não lhes ter fornecido armas para combaterem os Portugueses.

Em Abril de 1969, Savimbi enviou Tiago Sachilombo — ele próprio um mbunda e, tal como «Mwanangola», um dos «Onze Chineses» — para a região de Gago Coutinho, com o objectivo de persuadir a população a continuar a luta até chegarem as armas. «Mandei Sachilombo porque

* Chefes das aldeias. (N. do T.)

era um homem que compreendia verdadeiramente o significado da revolução. Achava que seria capaz de explicar as coisas ¹⁵.» Mas também Sachilombo se entregou com o seu pequeno bando de soldados, e respectivas armas, aparentemente desmoralizado pelas exasperantes vantagens evidenciadas pela forte presença militar portuguesa. A UNITA clama que os agentes locais da PIDE seduziram Sachilombo com a promessa de que seria eleito presidente da «República dos Bundas», e depois mataram-no ¹⁶.» Nesta altura, deram-se mais duas deserções entre os «Onze Chineses». Isafas Massumba e Mateus Banda tinham passado a maior parte da sua vida como filhos de refugiados portugueses, na Zâmbia. Desiludidos com as dificuldades do mato angolano, voltaram à Zâmbia, onde Massumba iniciou uma carreira na Força Aérea Zambiana. Banda voltou à UNITA em 1974 e, em 1986, foi novamente promovido ao posto de major, comandando um batalhão de 800 homens.

Como os Portugueses e o MPLA atacavam já a UNITA, a deserção de «Mwanangola» criou o espectro de uma UNITA a ser também atacada pela FNLA. Chiwale tinha sido mandado, numa missão clandestina, a Lusaca, para tentar obter armas da SWAPO. Aí, descobriu que a SWAPO tinha transportado todas as suas armas para o Cuando-Cubango, a província situada no extremo mais sudoeste de Angola, preparando-se para as introduzir na Namíbia. No regresso, fez um longo desvio através do Cuando-Cubango e conseguiu arranjar 26 espingardas, que levou para o Lungue-Bungu. Para aumentar o desânimo, Kakoma e Kafuna já deveriam ter chegado há muito do Luando.

Num domingo, em finais de Abril de 1969, sentinelas próximas das bases da UNITA observaram um grande grupo de soldados armados que se aproximavam. O primeiro pensamento que cruzou o espírito desanimado dos homens de Savimbi foi de que se tratariam de soldados portugueses: o exército colonial era composto — ao nível das baixas patentes — principalmente por negros. Contudo, um reconhecimento, levado a cabo por batedores, mostrou que Kakoma e Kafuna tinham regressado. Melhor ainda: haviam obtido êxito. «Tinham preparado uma emboscada a uma coluna de 5 camiões do Exército Português. Fora o primeiro ataque bem sucedido, a uma coluna militar, desde que N'Zau Puna e eu voltáramos. Tinham dado cabo de 3 camiões; os outros 2 tinham voltado para trás. Haviam apanhado 43 armas e muitas munições. Estávamos, de facto, satisfeitos, em especial com Kafuna, porque fora treinado, partindo da ignorância total, durante os poucos meses anteriores ¹⁷.»

* * *

A boa sorte da UNITA continuou a aumentar até ao fim do ano de 1969. Foram capturadas mais armas em pequenas emboscadas. Perto do fim do ano, o fluxo de armamento tornara possível a Savimbi elevar para

400 homens a força da sua guarda pessoal que, no início do ano, fora apenas de 100 homens. Escolheram-se os guarda-costas entre os mais hábeis guerrilheiros. Foram organizados de forma a que, em caso de assalto, 100 iniciariam o recontro com o inimigo, enquanto os outros 300 levariam Savimbi para fora da zona de conflito.

Em 1969, Savimbi participou, pela última vez, num combate. Foi no dia 4 de Agosto, contra uma patrulha portuguesa, perto da Chicala, não longe do Luso. «Tinha enviado um grupo com o objectivo de atacar uma composição do Caminho de Ferro de Benguela. Permaneci perto da Chicala, com apenas sete dos meus guarda-costas. Ouvimos, então, dizer que uma pequena patrulha de portugueses estava a levar pessoas da aldeia. Eu tinha lá estado precisamente no dia anterior a fazer um discurso, portanto disse que se não voltássemos para trás perderíamos toda a credibilidade e da próxima vez os aldeões não nos dariam ouvidos. Por isso, preparámos uma emboscada na zona, que demonstrou a nossa superioridade perante a patrulha, e apanhámos uma ou duas armas.» Savimbi tinha já sido pressionado, pelos seus camaradas, no sentido de desistir da participação em combates, visto que a sua morte criaria sérios problemas à UNITA. Naquela altura insistiram para que evitasse combater¹⁸.

De 24 a 30 de Agosto, a UNITA reuniu o seu segundo congresso destinado a definir uma política. 55 civis e 25 delegados militares elegeram um forte comité central constituído por 30 elementos, do qual os primeiros 12 membros formaram o *bureau* político, de nível superior, para tomar decisões. Savimbi foi confirmado no seu cargo de presidente; N'Zau Puna, como secretário-geral; Chiwale, como comandante-chefe das Forças Armadas, e Samuel «Kafundanga» Chingunji, como chefe do Estado-Maior. O congresso reafirmou a sua intenção de desenvolver uma «guerra popular prolongada até obter a libertação nacional, confiando nos seus próprios esforços». Isto afirmava o desejo da UNITA de ser independente, em relação a qualquer bloco de poder, e condenava igualmente a «continuação da agressão americana contra o povo heróico do Vietname do Sul» e a «descarada invasão da Checoslováquia pela União Soviética». Exortava à formação de uma «frente democrática unida» de todos os movimentos de libertação angolanos e solicitava à OUA que não favorecesse um movimento em detrimento de outro¹⁹.

No decurso do congresso, Savimbi — que fora cognominado de «Molowini» («Filho do Povo») — deu provas da sua crença na unidade tribal, quando aceitou casar-se com uma bonita rapariga, que lhe foi oferecida por um grupo de nativos. Vinona Savimbi, oriunda da subtribo Nkankala, dos Nganguela, ficou na mata com o marido durante todo o tempo que durou a luta contra os Portugueses e os Cubanos. Deu à luz quatro filhos de Savimbi, mas morreu tragicamente, em 1984, quando um raio incendiou um árvore, que desabou em cima da cubata onde dormia.

* * *

Em fins de 1969, Savimbi estava tão confiante na recuperação da UNITA que começou a convidar jornalistas para visitarem o que ele descrevia como a «terra livre de Angola». O jornalista britânico Mike Marshment andou a pé durante 45 dias, em Angola, e entrevistou Savimbi, depois de ter chegado às bases mais importantes da UNITA. Posteriormente, Marshment escreveu uma carta de cinco páginas ao Comité de Libertação da OUA, pedindo a nomeação de uma comissão de inquérito para visitar as zonas da UNITA e do MPLA em Angola, tendo em vista promover a criação de uma frente unida. Marshment sugeriu também o apoio e o reconhecimento da OUA para o movimento de Savimbi. «Não posso deixar de pensar que, se a UNITA chegou até aqui sem apoio, até onde poderá ir se conseguir ajuda?», escreveu ele ²⁰.

O relato mais real feito por uma testemunha ocular ²¹ foi o de Steve Valentine, um repórter australiano, baseado em Lusaca, que trabalhava para o *Times*, da Zâmbia. Valentine encontrou-se na Zâmbia, perto das margens do rio Zambeze, com Samuel «Kafundanga» Chingunji. Marcharam então para oeste, em direcção a Angola. Não existiam postos de fronteira ao longo da linha fronteiriça entre a Zâmbia e Angola. Quando caminhavam ao longo do trilho da floresta, «Kafundanga» anunciou a Valentine, inesperadamente, que já estavam em Angola. Dois quilómetros mais adiante, num trecho denso da mata, encontraram cerca de 40 soldados, comandados por Samuel Chiwale. Metade tinha espingardas FN, modelo NATO, fabricadas na Bélgica, e espingardas automáticas G-3, fabricadas em Portugal, sob patente americana — os dois modelos de armas utilizados pelo Exército Português. Valentine observou também que possuíam espingardas *Mauser* do modelo que Savimbi dissera haver sido distribuído aos chefes das aldeias, pelos Portugueses, e granadas de mão italianas, modelo-padrão do Exército Português. Comprovando os recontros da UNITA com o MPLA, existiam quatro metralhadoras de fabrico soviético. Os guerrilheiros afirmaram que as armas lhes tinham sido entregues por desertores do MPLA.

Valentine penetrou 400 quilómetros para o interior de Angola, em treze dias de marcha. Nunca se chegou a realizar o encontro que estava programado com Savimbi. Um pequeno grupo avançado, que fora enviado à base onde estava Savimbi, para lhe anunciar que Chiwale ia a caminho, acompanhando um repórter, descobriu que ele penetrara mais para o interior de Angola, em direcção ao Caminho de Ferro de Benguela. Mas, com Chiwale, Valentine teve ocasião de observar parte da organização reconstruída por Savimbi durante o ano que se seguiu ao seu regresso do exílio.

Vindos da fronteira da Zâmbia, os guerrilheiros transportavam apenas quantidades limitadas de mantimentos — peixe seco, carne de antí-

lope seca, um pouco de arroz e um saco de fuba (farinha de milho). Ao fim de poucos dias de caminhada, tiveram de começar a subsistir graças aos produtos oferecidos pela terra, comendo, quase exclusivamente, raízes de mandioca, desenterradas de esconderijos situados nas clareiras da mata, e mel silvestre. Os guerrilheiros tinham alojado alguns enxames de abelhas nas copas das árvores, em enormes troncos escavados.

Num determinado ponto, 150 quilómetros para o interior de Angola, rebentou um tiroteio e Valentine pensou que o grupo tinha deparado com portugueses, porque todos os guerrilheiros se atiraram ao chão. Na verdade, haviam abatido cinco elás — o maior antílope do mundo — e levantou-se uma grande algazarra, quando o tiroteio acabou. Incrédulo, Valentine observou: «O 'mergulho' fazia parte da técnica de guerrilha, em tais ocasiões, por a presa se encontrar entre nós e os caçadores e as balas voarem na nossa direcção.» O fogo de barragem que assustara Valentine consistira em cinco tiros, um para cada elã. Dois, mortos pelo mesmo homem, tinham sido atingidos num olho, a uma distância de mais de 100 metros. Não se andou mais nesse dia. Todos trabalharam a sério no esquiteamento dos animais. A carne foi posta a secar, por cima de fogueiras, depois de pendurada nas árvores. Mais tarde, avisou-se a população local para que viesse buscar a sua parte.

Para os guerrilheiros começou um festim pantagruélico: «Nunca vi comer tanto. Depois de terem estado durante tantos dias sem comer carne, empanturraram-se até muitos deles ficarem doentes. Na manhã seguinte a comezaina continuou, mas apenas depois de duas horas de marcha tivemos de parar e esperar que os doentes recuperassem. Disseram-me que aquilo acontecia uma vez, de quinze em quinze dias.»

Um dos segredos da sobrevivência da UNITA, no decorrer dos anos, tem sido a capacidade de os seus guerrilheiros se manterem em movimento, cobrindo grandes distâncias a pé, dia após dia. Valentine fez uma descrição muito útil dessa infundável marcha. Cada dia era igual ao anterior. Despertar às 5 horas e 30 minutos da madrugada e iniciar uma marcha de dez horas, de 50 quilómetros, às 6 horas. Almoço e descanso durante duas horas, ao meio-dia, e retomar a marcha até às 6 horas da tarde. Os guerrilheiros sentavam-se, depois, à volta das fogueiras, conversando e comendo, até às 8 horas, antes de se embrenharem no mato, dispersando-se, a um quilómetro de distância, no máximo, instalando-se nos locais onde dormiriam, designados pelos «Dragões».

Os «Dragões» constituíam a polícia militar da UNITA. A alcunha fora inventada pelos outros soldados. Tinham amplos poderes e eram tão odiados pelas tropas como a polícia militar de qualquer exército do mundo. À noite, os «Dragões» desempenhavam as funções que por direito lhes cabiam, exercendo um controlo e mantendo uma segurança totais.

Diversos guerrilheiros asseguraram a Valentine que os «Dragões», escolhidos de entre os mais duros recrutas da UNITA, atirariam a matar sobre

qualquer pessoa que se aproximasse do acampamento depois do anoitecer e cuja resposta à senha da sentinela não fosse imediata. Os guerrilheiros que estivessem afastados do destacamento principal, quando caía a noite africana — o que é muito rápido — optavam sempre por dormir no mato em vez de se sujeitarem às severas penalidades dos «Dragões».

O sistema de marcha obedecia a um modelo. Três homens, na dianteira, com armas automáticas, espalhavam-se numa extensão de um quilómetro, movimentando-se, rapidamente, de árvore em árvore. Logo a seguir, em fila indiana, seguia o destacamento principal, que incluía carregadores cozinheiros, e os combatentes, distribuídos com uniformidade, na cauda da ala. Por fim, vinham três sentinelas volantes, de novo dispersas, e, de cada lado da coluna, marchava um oficial a uma distância paralela de algumas centenas de metros.

Por toda a parte encontrámos sinais da política portuguesa tentando retirar a população das zonas rurais, de modo a recusar comida, apoio e informações aos guerrilheiros. Havia muitas aldeias abandonadas, algumas a deteriorarem-se, outras queimadas. Em algumas, todos os preciosos utensílios domésticos deixados pelos ocupantes que tinham partido permaneciam intactos. Muitos refugiaram-se na Zâmbia, outros retiraram-se para zonas remotas, na mata, fundando novas aldeias. «Vivem nas matas, quase nus, mas tencionando permanecer lá», relatou Valentine. As informações que estas pessoas forneciam aos guerrilheiros eram inestimáveis, reconheceu Valentine, numa ocasião. Poucos dias depois de terem atravessado a fronteira, os guerrilheiros acamparam a cerca de 10 quilómetros do local onde uma patrulha portuguesa, comandada por um oficial angolano, chamado Kamanga, tinha preparado uma emboscada. Contudo, muitas horas antes de o destacamento da UNITA montar o acampamento, um nativo idoso interceptara a coluna de guerrilheiros e descrevera o local exacto da emboscada.

Os guerrilheiros mais jovens queriam atacar o local da emboscada. Chiwale recusou desviar-se do seu objectivo, que era fazer entrar Valentine mais para o interior de Angola e proporcionar o encontro deste com Savimbi. Embora já estivesse atrasado em relação ao plano da viagem, Chiwale fez um desvio, que lhe custou mais um dia, para evitar a emboscada, mas estava fora de si: «Este Kamanga está a ir longe de mais. Já o avisei para não brincar desta maneira. Agora vejam o que faz. Manda esta gente ter comigo para me irritar e me tornar a vida difícil. Tenho de lhe dar uma lição. Assim que terminar esta viagem terei de voltar e tomar medidas.»

O nome de Kamanga surgiu várias vezes durante as quatro semanas que durou a viagem de Valentine com a UNITA. Ocorreu ao jornalista que a relação entre Chiwale e Kamanga era semelhante à que existira entre Robin Hood e o xerife de Nottingham, e que depois de ter partilhado muitas aventuras com o seu adversário Chiwale ficaria verdadeiramente

desgostoso se Kamanga fosse morto. Talvez Chiwale esperasse também poder aliciar Kamanga para a luta de guerrilha, um dia qualquer. Não era impensável. O guia de Valentine quando atravessaram a fronteira, Kafundanga, tinha prestado serviço, durante quatro anos, no Exército Português e fora condecorado depois de ter sido ferido, em combate, contra os guerrilheiros da UNITA.

Kafundanga, alto, esbelto e barbudo, era um «assimilado» que perdera a oportunidade de aceitar uma bolsa de estudos numa universidade de Portugal por ter sido recrutado para o Exército Português. Contou a Valentine: «Eu podia estar ainda a combater do lado contrário, suponho. Depois de ter sido ferido, os Portugueses transformaram-me numa espécie de herói; num exemplo para os outros africanos. Até gostei. Depois, contaram-me, um dia, que o meu pai (um professor) fora preso por se ter envolvido na política. Fui ter com o meu comandante. Foi muito compreensivo. Disse que tinha a certeza de que havia de poder fazer qualquer coisa, mas não pôde. De repente, compreendi que era negro. Deixei de combater com entusiasmo e, quando terminei a minha comissão, juntei-me à UNITA. O treino que já tinha ajudou-me a treinar os outros.»

O maior número de guerrilheiros que Valentine viu, em qualquer dos grupos, foi de 70 — metade tinha armas de fogo e os restantes arcos e flechas. A UNITA disse a Valentine que controlava metade do país. Esta era uma invenção da pior espécie, embora Valentine não se tivesse apercebido disso, possivelmente por causa da facilidade com que viu os guerrilheiros deambulando pela mata que os Portugueses apenas esporadicamente atacavam.

Ao longo desta viagem de ida e volta, que totalizou 800 quilómetros, disseram a Valentine que as áreas libertadas tinham sido divididas pela UNITA em zonas e subzonas, cada uma com um determinado número de indivíduos. Cada acampamento de zona tinha uma base permanentemente habitada por cerca de 50 a 100 guerrilheiros; cada subzona tinha um número de cubatas, ocupadas por um punhado de sentinelas vigilantes, e servindo de posto avançado. À volta de cada zona existiam grupos de aldeias e cada uma dessas zonas era administrada por um comité de nativos, responsáveis perante o Comité Central da UNITA. O próprio Valentine passou por uma zona e por uma subzona. No acampamento de zona encontrou 25 guerrilheiros, que lhe disseram que os outros estavam ausentes a cumprir uma missão. Apareceram 300 pessoas, pertencentes à população dessa tribo vindas da mata, para assistir a um comício político, em que cantaram durante cerca de uma hora. Chiwale disse-lhes que cultivassem alimentos para os guerrilheiros e deixassem de pagar os impostos. Em 1969, os Portugueses admitiram, num documento apresentado às Nações Unidas, que as receitas de impostos, em Angola, diminuíam à medida que aumentavam os ataques dos guerrilheiros às suas forças.

Os guerrilheiros disseram a Valentine que mais para o interior de Angola as zonas e subzonas eram maiores. Não viu razões para não acreditar neles: pediram-lhe para as visitar, e apenas a falta de tempo o impediu de o fazer. (Os relatos de Marshment sugeriram que tal crença era justificada. Marshment comunicou, ao Comité de Libertação da OUA, que multidões de mais de 1000 pessoas o saudaram na zona da base central de Savimbi.)

Embora Valentine não tivesse conseguido encontrar-se com Savimbi, observara o suficiente sobre os guerrilheiros da UNITA, seus apoiantes e métodos, para concluir: «O único fracasso de Jonas Savimbi tem sido o de convencer o mundo de que a organização que eu vi existe realmente.»

Isso continuaria a constituir um problema para Savimbi à medida que a resistência da UNITA se prolongava durante a década de 70.

CAPÍTULO VIII

OS «CHINESES NEGROS»

1970-1974

QUANDO O PRESIDENTE NIXON assumiu o poder, em 1969, iniciou uma revisão importante na política do Estados Unidos em relação à África Austral, tendo-se concluído que os movimentos resistentes eram tão ineficazes que não constituíam alternativas «realistas e suportáveis» ao domínio branco. Dessa análise, na qual o então conselheiro da Casa Branca, Henry Kissinger, desempenhou um papel preponderante, equacionou-se a «profundidade e duração de uma solução negra» e excluiu-se a hipótese de uma vitória negra «em qualquer circunstância» nas colónias portuguesas, na Rodésia ou na Namíbia, governada pela África do Sul¹. A Administração dos Estados Unidos, profundamente envolvida no Vietname, não conseguiu compreender a verdade básica de que para os resistentes vencerem apenas era necessário que os intervenientes perdessem a fé, como Washington viria a perder, no Vietname, e Portugal em Angola, em meados dos anos setenta.

Contudo, a análise dos Estados Unidos, em relação a Angola, parecia justificar-se no início da década de 70. Os Portugueses estavam a passar um mau bocado com a guerra de guerrilhas, no Leste de Angola, mas, essa área, esparsamente povoada e constituindo uma vasta reserva da natureza, era considerada de somenos importância em comparação com a cintura litoral e o Planalto Central, à volta de Nova Lisboa, áreas bem desenvolvidas e muitíssimo povoadas. Os Portugueses reconheceram o facto de jamais poderem ter esperança num patrulhamento eficaz de toda aquela área e de ser necessário tolerar uma actividade mínima de guerrilha enquanto voltavam a instalar a população em aldeias fortificadas². Em dez anos de guerra, até 1971, duvida-se que os guerrilheiros do MPLA, da FNLA e da UNITA, entre todos, tivessem infligido mais de um milhar de baixas aos Portugueses. O que, para um exército do 20 000 homens,

aumentado para 70 000 ao fim de uma década. constituía, em termos estatísticos, uma taxa insignificante³.

O MPLA, livre para fazer transitar armas soviéticas através da Zâmbia e manter aí as suas bases, atingiu o auge da sua força no Leste de Angola entre 1970 e 1971, sendo, nessa altura, o mais forte dos movimentos de libertação. O Professor John Marcum calculou que o MPLA possuía mais armas e excedia em número de efectivos a UNITA, numa proporção de, aproximadamente, 4500 para 800 homens, no Leste de Angola. Aí, «procurou, talvez com muito mais dedicação, embora sem um sucesso maior que os Portugueses, liquidar a UNITA»⁴, que se manteve firme no seu baluarte, no coração do Lungue-Bungu. O MPLA, que obtivera o reconhecimento da OUA, alcançou também uma vitória diplomática quando persuadiu aquela organização, em Julho de 1971, a retirar o seu reconhecimento ao GRAE (Governo Revolucionário no Exílio — FNLA/GRAE), embora não à FNLA propriamente dita.

Não obstante, e apesar da superioridade numérica e dos sucessos diplomáticos, o MPLA apenas teve um limitado sucesso na obtenção de apoio local. A liderança do MPLA, constituída por mestiços e «assimilados» — a maioria dos quais oriundos de Luanda —, fazia um esforço consideravelmente insignificante para obter a confiança total da população chokwe, do Leste da província. O apoio que acabou por vir a conseguir resultou, na sua maior parte, do facto de a população rural ter sido atirada para os braços do MPLA, em função da política das aldeias fortificadas e pela brutalidade do Exército Português. (Uma série de fotografias que correu mundo, em 1970, mostrava soldados portugueses, cheios de contentamento, decapitando um africano e segurando-lhe, depois, a cabeça pelas orelhas⁵.) Na inquietante aliança chokwe/MPLA, um intelectual observou que os camponeses recebiam sempre estar a ser manipulados, pelos líderes mulatos⁶, para fins que não eram propriamente os seus.

Os comunicados da UNITA, dessa altura, afirmavam que as execuções de chefes, levadas a cabo pelos líderes do MPLA, que desejavam destruir as estruturas tribais em virtude de uma grosseira interpretação do marxismo-leninismo, afastavam, inevitavelmente, o apoio da população⁷. E, embora Agostinho Neto afirmasse que o Sudeste de Angola constituía uma base sólida para o treino político e militar dos guerrilheiros do MPLA, e que os nativos que lá viviam prestavam grande apoio aos seus combatentes⁸, um notável perito em movimentos de libertação escreveu: «Isto nada tem a ver com a verdade. No final de 1970, apesar das patrulhas percorrerem grandes áreas de Angola e se manterem com firmeza nalgumas zonas perto da fronteira zambiana, o quartel-general [do MPLA] situava-se em Lusaca, e não em Angola⁹.»

Na década de 70, Savimbi efectuou diversas mudanças na UNITA. Até meados da citada década, a maior unidade operacional de guerrilha era constituída por uma companhia de 100 homens. Todavia, em cerimónia realizada em 10 de Julho, foi criado o primeiro batalhão da UNITA, composto por 300 homens. Um comunicado da UNITA refere que este estava equipado com espingardas *FN*, *G-3* e *Mauser* e com morteiros de 40 mm e 60 mm. No entanto, esse batalhão operava apenas esporadicamente contra alvos especiais e, na maior parte do tempo, os seus contingentes eram formados por diferentes companhias. Savimbi rebaptizou também uma companhia, chamando-lhe Panteras Negras, por solidariedade para com o movimento de consciência negra dos Estados Unidos com o mesmo nome (Black Panthers). Três anos mais tarde, a UNITA começou a receber dinheiro de um grupo negro americano, o Comité de Apoio à Libertação da África (African Liberation Support Comitee). Houve uma série de recontros com os Portugueses em 1970. Num deles, David Samwimbila Chingunji, um dos «Onze Chineses» e membro do *bureau* político, foi morto a tiro quando comandava uma emboscada a uma automotora a oeste do Luso, em 18 de Julho. Os Portugueses ripostaram ao fogo, abatendo ainda outros dois guerrilheiros, além de Samwimbila. Foi uma perda atroz. Samwimbila, irmão mais novo de Kafundanga, era politicamente considerado, por Savimbi, como o mais destacado oficial que a UNITA tinha tido.

Houve mais duas baixas. Collins Luciano, membro do comité central, foi preso durante uma missão clandestina à vila de Chicala, perto do Luso, e mais tarde executado. Mine Kapwepwe, um dos primeiros guerrilheiros recrutados pela UNITA em Angola, afogou-se, no decurso de uma missão militar, quando atravessava o rio.

Houve também sucessos militares. Em princípios de Agosto, os aldeões informaram a UNITA de que uma forte companhia de infantaria do Exército Português, constituída por 120 homens, vinha de General Machado, localidade que passava perto da linha do Caminho de Ferro de Benguela, para o Luando, 100 quilómetros para nordeste. Mandaram a companhia Panteras Negras interceptar os Portugueses. O ataque, a 17 de Agosto de 1970, foi efectuado depois de os Portugueses terem montado o acampamento. Mataram-se muitos inimigos e apreendeu-se-lhes armamento, tendas e fardamento militar, afirmou a UNITA quinze anos mais tarde¹⁰. Mas, mais uma vez, a versão do ataque dada pela UNITA vem provar a dificuldade de interpretação dos acontecimentos em Angola, porque, no seu comunicado da época, a UNITA declarou maiores perdas infligidas ao inimigo: atacou-se uma coluna de camiões, abateram-se 55 soldados e apreenderam-se 65 espingardas automáticas, 3000 cartuchos de guerra e 40 granadas de mão.

Havia apenas um caminho seguro para os guerrilheiros vencerem o natural cepticismo do mundo acerca das suas proezas, e esse era, muito

simplesmente, fazer prisioneiros. Em 21 de Setembro de 1970, a UNITA capturou três portugueses, no decurso de uma emboscada a quatro camiões militares, na estrada principal do Luso que se dirigia para o sul. Eram eles: um sargento do Exército Português, de 29 anos e pai de sete filhos, Francisco da Silva Maia; Maria Adelina Curval Neto, de 28 anos, cujo marido, oficial superior da Polícia, fora morto na emboscada, e Maria Luísa Alves, de apenas 7 anos de idade, filha de um polícia que também foi morto¹¹.

A senhora Curval Neto e a pequena Maria Luísa — carregada aos ombros pelos guerrilheiros — foram levadas para a Zâmbia, numa marcha que durou 45 dias. Aí, foram entregues à Cruz Vermelha Zambiana que, por sua vez, as entregou ao ICRC* (Comité Internacional da Cruz Vermelha), que as embarcou, de avião, para Lisboa, juntamente com muita publicidade. O *Guardian*¹² citou declarações do representante da UNITA, em Londres, Jorge Sangumba, segundo as quais esperava que os Portugueses extraíssem uma lição deste incidente e libertassem milhares de angolanos encarcerados em Luanda e na fortaleza-prisão da Baía dos Tigres, no extremo da costa sudoeste de Angola. O sargento Silva Maia foi mantido prisioneiro ainda por algum tempo mais, num dos acampamentos da UNITA. Foi depois libertado, também por intermédio do ICRC, depois de se distribuírem fotografias à imprensa internacional, mostrando-o com os seus captores.

O Conselho Mundial das Igrejas reconheceu então a UNITA e, em Outubro de 1970, concedeu-lhe 10 000 dólares, provenientes de um fundo especial para combater o racismo. Este organismo deu também dinheiro, desse mesmo fundo¹³, ao MPLA e à FNLA, e ao Comité de Angola sediado na Holanda, um movimento pró-MPLA que pedia aos seus apoiantes, em toda a Europa, que fornecessem informações que pudessem ser utilizadas em ataques propagandísticos contra a UNITA¹⁴.

* * *

Em 1971, um outro jornalista estrangeiro, Fritz Sitte, da Áustria, deslocou-se ao território controlado pela UNITA. Ao fim de dois meses de marcha, chegou ao quartel-general de Savimbi, no vale do Lungue-Bungu, e filmou os guerrilheiros em cima dos carris do Caminho de Ferro de Benguela. Baptizou a UNITA como os «Chineses Negros». Descrevendo o acampamento onde se encontrava o quartel-general de Savimbi, Sitte escreveu: «É uma aldeia enorme e limpa, com as cubatas muito bem alinhadas na mata, os campos de treino distintamente separados e, ainda por cima, com banheiras e lavabos nas cubatas¹⁵.»

Sitte tentou expor a filosofia política do líder da UNITA: «Savimbi não deseja uma doutrina comunista para a UNITA. Escolheu uma ten-

*A sigla corresponde a International Committee Red Cross. (N. do T.)

dência que se aproxima mais da esquerda socialista radical. Quer a independência total para Angola, mas aceitará qualquer ajuda, desde que ela não o amarre a condições políticas ou económicas. Também sabe muito bem que, se Angola for libertada, ficará dependente do exterior, no que diz respeito a apoio técnico.

Ele adoptou o mesmo método de revolução que Fidel Castro em Cuba, Mao Tsé-tung na China, e Grivas em Chipre, cujo envolvimento começou por uma longa marcha [*long march*], com um pequeno e restrito grupo de guerrilheiros e com a população civil, no longínquo coração de Angola. O pormenor mais importante neste método, que torna a UNITA diferente de todos os outros movimentos angolanos, é que os chefes de guerrilha vivem com os seus homens, na zona de combate, e participam, também com eles, na luta, contrariamente a Agostinho Neto e a Holden Roberto, que actuam e dão as suas ordens a partir de lugares seguros [fora de Angola]. O Dr. Savimbi estudou a história da revolução de um modo quase científico e tentou aplicar à UNITA mais de um método. Os seus mentores foram Fidel Castro e Che Guevara, Grivas e Mao, mas também admira Moltke¹⁶. Por ter sido este o caminho adoptado, e devido ao seu paralelismo com a revolução chinesa de Mao, é que se explica o motivo de a UNITA merecer a designação de 'Chineses Negros'; todavia, as doutrinas políticas defendidas por Mao não são as mesmas de Savimbi.»

Sitte observou que nos acampamentos da base da UNITA existiam escolas inspiradas nos princípios de internato. A agricultura estava organizada numa base semelhante à dos *kibbutz*, sendo a mandioca e o milho miúdo (painço) as principais culturas. As provisões, incluindo as reservas para os militares, estavam armazenadas em cubatas edificadas sobre estacas, nas matas cerradas. Havia uma preocupante falta de medicamentos e instrumentos cirúrgicos. As amputações sofridas pelos soldados feridos em combate, particularmente as vítimas de explosões de minas, efectuavam-se sem anestesia e «em condições lamentáveis» por enfermeiros que tinham feito a sua aprendizagem em hospitais missionários.

As zonas dos resistentes eram bombardeadas, «dia após dia», pelos Portugueses. Embora Sitte pareça não ter presenciado nenhum ataque, existem relatos coincidentes de ataques com desfolhantes feitos a campos cultivados por aviões da Força Aérea Portuguesa¹⁷. Para neutralizar os efeitos nocivos destes produtos tóxicos, Sitte disse que Savimbi e N'Zau Puna aconselharam os camponeses a cortarem a parte superior das plantas atingidas, imediatamente, de forma a evitar que os tubérculos fossem contaminados. Os camponeses que efectuaram tais operações ficaram com irritações na pele e tiveram de lavar os olhos, logo a seguir, para evitar contaminações.

O jornalista austríaco filmou a sua viagem a pé e esperava que a parte mais espectacular do seu documentário fosse a explosão de um comboio

na linha do CFB (Caminho de Ferro de Benguela). Conseguiu chegar à linha férrea, mas o seu objectivo principal não foi alcançado, e, alguns anos mais tarde, Savimbi explicava o que então tinha corrido mal: «Quando Paulino Moisés foi morto em combate, perdemos o nosso único perito em explosivos e não o conseguimos substituir. Contudo, Chiwale tinha algumas minas antitanque, dadas pela SWAPO, por isso íamos usá-las para fazer explodir um comboio, para que Sitte visse e filmasse. Preparámos a emboscada. Era entre Cangonga e Cangumbe. Quando cheguei, com Sitte, estavam todos muitos excitados. Seria a primeira vez que um jornalista estrangeiro ia presenciar um dos nossos ataques.»

A mina era uma mina de tracção, não de pressão. O que significava que o detonador tinha de ser puxado por uma corda, a certa distância. «Colocámos a mina e, um pouco mais adiante, as nossas tropas aguardavam para atacar o comboio danificado com fogo de carabinas. Tudo correu bem e Sitte estava preparado para filmar. Quando o comboio chegou, o soldado puxou a corda — e nada aconteceu! O grupo emboscado abriu fogo, mas os soldados portugueses saltaram do comboio e tivemos de bater em retirada. Quando o grupo da emboscada se nos juntou estava muito perturbado. Sitte não parava de perguntar a Chiwal como é que a mina funcionava. Não lhe dissemos porque não sabíamos, mas também, lhe não dissemos que não sabíamos. Não queríamos que regressasse e escrevesse qualquer coisa que desse a ideia de sermos parvos.

Contudo, depois de ele partir, levámos as minas para a mata — só tínhamos quatro — e praticámos, utilizando a mesma técnica que havíamos utilizado na emboscada. Atámos-lhe um detonador de granada. Nada aconteceu. Por isso desistimos de utilizar minas. Levámos mais quatro anos até arranjarmos alguém que soubesse que se não podia fazer explodir uma mina com um detonador de granadas. A força explosiva de um detonador deste tipo não chegava para fazer explodir os cinco quilos de TNT que tem uma mina. Mas nós não sabíamos isso.»

Houve outros incidentes cómicos. Um deles, porém, aliou a comicidade à tragédia. «As nossas técnicas de emboscada com espingardas, aprendidas com os Chineses, eram bastante boas, mas noutras coisas não passávamos de amadores. Capturámos um *rocket RPG-7* ao MPLA, mas só tínhamos uma catapulta de lançamento *RPG-2*. Adaptámos-lhe o *RPG-7* e demo-la a um soldado para a experimentar. 'A catapulta desintegrou-se e com ela o soldado'. Passaram-se dois anos até termos *rockets* e catapultas *RPG-7*, oferecidas pela SWAPO, e demo-nos então conta de quão loucos tínhamos sido querendo misturar *RPG-7* com *RPG-2*¹⁸.»

Apesar do sucedido na linha de comboio, Sitte fez uma boa descrição da UNITA. «Savimbi é, indubitavelmente, um dos mais notáveis líderes que já encontrei», escreveu ele. «Dentro das fronteiras da sua república estes líderes [Savimbi, N'Zau Puna e Chiwale] estão divinizados, na prá-

tica. Apesar de tudo, e ao contrário de alguns dos combatentes da liberdade, vivem, de facto, em comum com as vítimas do colonialismo, partilham as suas privações, comem da mesma comida e enfrentam os mesmos perigos. Os guerrilheiros mais afortunados têm fardas, mas a maioria vive e morre descalça e esfarrapada. Contudo, são disciplinados — muito mais do que qualquer outro grupo de guerrilha que alguma vez encontrei.»

* * *

Em 1971, a UNITA obteve um pequeno golpe de publicidade quando ofereceu 2000 quilos de milho à Zâmbia que, na altura, sofria carências de produtos alimentares, resultantes da decisão portuguesa de proibir os carregamentos de milho para a Zâmbia, através do porto moçambicano da Beira, devido ao apoio que o Presidente Kaunda dava aos resistentes da FRELIMO, em Moçambique. O milho, trazido dos armazéns de cereais da UNITA, à cabeça dos carregadores, foi entregue ao governador do distrito de Kalado, na zona oeste da Zâmbia. Embora a Zâmbia proporcionasse bases ao MPLA, estava nitidamente a mudar a sua atitude para com a UNITA, já que Samuel Chiwale foi autorizado a visitar Lusaca e a anunciar a oferta dos mantimentos. Entretanto, na capital zambiana ele convidava o Comité de Descolonização das Nações Unidas e o Comité de Libertação da OUA a visitar a UNITA, em Angola¹⁹.

Nunca lhe responderam. Chiwale lançou também um apelo para que os três movimentos de libertação se juntassem: um apelo que, aliás, se repetiu em Março do ano seguinte — 1972. Num documento enviado para Lusaca, por Savimbi, este avisou: «Não esperemos que a história nos dê uma dura lição. Tem de se encontrar uma plataforma de entendimento, que exorte os movimentos angolanos a juntarem as suas forças, para combater o colonialismo português. A UNITA está preparada e sentir-se-á orgulhosa com um tal movimento rumo à independência da nossa terra-mãe²⁰.»

E houve, na verdade, um movimento com vista à unidade, em 1972, mas entre a FNLA e o MPLA, tendo sido excluída a UNITA por não estar oficialmente reconhecida pela OUA.

Em 8 de Junho de 1972, o Presidente Mobutu, do Zaire, e o Presidente Marien Ngouabi, do Congo-Brazzaville, anunciaram a reconciliação de Holden Roberto e Agostinho Neto. O compromisso entre a FNLA e o MPLA acabou em união, a 13 de Dezembro de 1972, quando Holden Roberto e Agostinho Neto assinaram um acordo em Kinshasa (outrora Léopoldville) que reuniu os seus apoiantes num só movimento, o Conselho Supremo para a Libertação de Angola (CSLA). Foi uma estranha união, devido às orientações políticas bem diversas dos dois movimentos e à história de combaterem entre si com o mesmo vigor com que se batiam contra os Portugueses. Mas, em 1972, tanto a FNLA como o MPLA estavam demasiado fracos, e ambos acreditavam que poderiam obter grandes vanta-

gens acatando os esforços de reconciliação desenvolvidos pela OUA.

O MPLA sofreu muito com a «operação Átila», levada a cabo, em 1972, pelas forças militares portuguesas, no Leste de Angola. Os Portugueses usaram *napalm* e desfolhantes em ataques de terra queimada, contra aldeias suspeitas de abrigarem nacionalistas, e 10 000 angolanos refugiaram-se na Zâmbia. No fim de 1972, o MPLA estava acabado como força de combate efectiva no Leste de Angola²¹. Para conseguir acesso às suas zonas de apoio, à volta de Luanda, a partir das suas outras bases no Congo-Brazzaville, precisava do acesso através da faixa de intervenção no território zaireense. A fusão com a FNLA iria, em teoria, proporcionar-lhe a colaboração pretendida da parte do Governo Zaireense.

A FNLA sofreu uma série de reveses, a partir de 1969, quando os Portugueses destruíram uma das bases no Zaire. Em 1972, a sua força militar sofreu um rude golpe quando as tropas se amotinaram, no principal acampamento da FNLA, em Kinkuzu, no Zaire: 25 soldados da FNLA foram abatidos em combate, e as forças zaireenses tiveram de intervir para evitar que Holden Roberto fosse aniquilado; 13 oficiais que desafiaram a liderança foram executados. A FNLA, enfraquecida na sua posição pela retirada do apoio da OUA ao GRAE no ano anterior, estava também preparada para colaborar, de modo a assegurar o apoio futuro, não só da OUA como de outras fontes externas²².

O CSLA (Conselho Superior para a Libertação de Angola) fez poucos progressos. As negociações para firmar um acordo foram falhando continuamente. Ainda mais sérias, para o MPLA, foram as derrotas infligidas pelos Portugueses e o fracasso do CSLA, que precipitou a sua dissidência interna. Daniel Chipenda e outros líderes do MPLA na frente leste — que ficou a ser conhecida como a facção da «Revolta do Leste» — acharam que não tinham sido devidamente consultados, em relação à união com a FNLA, e atacaram a liderança de Agostinho Neto. O esforço da OUA para promover a unidade angolana redundara ainda em mais divisões. Alarmada com o crescente conflito no seio do MPLA, a União Soviética retirou o seu apoio ao movimento liderado por Agostinho Neto a partir de 1972²³.

A UNITA sofreu, de igual modo, com a «operação Átila». Muitos dos seus combatentes foram mortos e, por essa razão, Savimbi ficou encolerizado pela exclusão «discriminatória» que a UNITA sofreu por parte do CSLA. Pediu a admissão do partido, em cartas que escreveu a Holden Roberto e a Agostinho Neto, bem como aos quatro líderes da OUA, interessados em promover a fusão: Presidentes Mobutu e Ngouabi, Nyerere e Kaunda. Savimbi afirmou estar preparado para multiplicar os seus esforços a fim de conseguir a união com todos os outros movimentos. «Desejamos aderir ao CSLA, para lhe insuflar uma nova vida e fazermos parte de uma frente democrática unida», disse ele. «Esperamos encontrar-nos com os nossos irmãos dos outros movimentos. Eles sabem, os nossos opres-

sores portugueses, que, uma vez conseguida a unidade entre todos, serão derrotados. Vamos ser prudentes. Contudo, vamos abster-nos de comentários inúteis antes de se conseguirem resultados reais. Nós, africanos, falamos com demasiada frequência²⁴ antes de agir.» Estas declarações exprimiram um desdém, dificilmente reprimido, em relação a Agostinho Neto e Holden Roberto, que viviam com todo o conforto fora de Angola e que a OUA reconhecia, enquanto Savimbi lutava em Angola sem o auxílio da OUA.

* * *

Ainda sem o reconhecimento da OUA, a UNITA fez a sua entrada em 1973. Nesse ano, um repórter do *Washington Post*, Leon Dash, viajou a pé por Angola, com o intuito de assistir ao III Congresso Político destinado a definir a política da UNITA. Uma série de artigos da realidade vivida por Dash rasgou o véu de mistério que ocultava os seguidores de Savimbi²⁵. Dash e quatro representantes da UNITA de além-mar atravessaram a fronteira da Zâmbia e penetraram em Angola, nos finais de Junho, escoltados por 28 guerrilheiros. Marcharam durante cinco dias através de uma terra-de-ninguém, uma região pantanosa e deserta, matas e campos abandonados pelos aldeões, devido aos bombardeamentos levados a cabo pelos Portugueses. Cerca de 200 quilómetros para o interior de Angola, Dash entrou na «zona zero» da UNITA — o primeiro acampamento do movimento a oeste da fronteira com a Zâmbia.

Algumas semanas mais tarde, Dash chegou ao vale do Lungue-Bungu para assistir ao III Congresso Político da UNITA, que se realizou num anfiteatro, com paredes de capim, e que durou de 13 a 19 de Agosto. Tinham sido construídas cerca de 150 cubatas para alojar os delegados dos diversos grupos étnicos. Realizavam-se reuniões constantes que se prolongavam pela noite dentro, à medida que novas perspectivas se adivinhavam para as «áreas libertadas». Os delegados discutiam os antagonismos tribais existentes e as tradições ancestrais, como a limadura dos dentes e os casamentos combinados. Conviviam uns com os outros e trocavam pontos de vista, dançando e comendo em festins, onde tenras fatias de antílope assado e de frango eram engolidas acompanhadas com *ovingundo*, uma cerveja feita de milho e mel silvestre. Especulavam sobre o aumento das suas forças, acerca da estratégia militar dos Portugueses e das suas próprias relações com os outros dois grupos de guerrilha angolanos.

Savimbi falou a Dash da sua filosofia, apreendida durante a experiência na China, e que tentava transmitir aos comandantes da guerrilha. Na sua essência, dizia respeito ao recrutamento do campesinato. Tornava-se extremamente difícil convencer um camponês a participar numa guerra de guerrilha. Era necessário persuadi-lo a abandonar uma terra que podia estar na posse da sua família havia gerações. Portanto, a primeira vez que os guerrilheiros da UNITA se deslocaram a uma aldeia,

numa acção de recrutamento, procuraram camponeses que tivessem tido já contacto com os Portugueses. «Esse contacto terá sempre deixado algum ressentimento latente no seu íntimo.» Metade da população de uma certa aldeia podia não ter tido qualquer contacto com os Portugueses e, por isso mesmo, não ter qualquer razão básica para os combater. Os guerrilheiros conseguiram que os homens da aldeia que tinham sido «contratados» para as plantações de café explicassem como haviam sido tratados.

Assim que os camponeses começaram a ouvir, foi apenas preciso um pouco de paciência e tempo para que mudassem de ideias. «Gritar e barafustar com eles, dizendo-lhes que se nos deviam juntar, de nada teria servido. Nunca se deve fazê-los calar ou entrar em teorias revolucionárias de qualquer espécie acerca da forma como a sua condição pode ser modificada da noite para o dia. Devemos, sempre, falar em termos concretos e repetir, constantemente, que o caminho para o sucesso é árduo e demorado, e que, embora possam não vislumbrar o fim da luta, os filhos dos seus filhos o poderão ver. Poderemos levar meses, ou até anos, para convencer um grupo, muito particularmente nas aldeias, a juntar-se a nós. Mas o verdadeiro teste está em sabermos se dizem ou não aos Portugueses que os visitámos. Se não disserem, sabemos que nos escutaram.»

Os mestiços e «assimilados» eram ainda mais difíceis de recrutar do que os camponeses. «Os outros têm de ruminar acerca de teorias revolucionárias ou, se já experimentaram uma vida um pouco mais confortável, são mais difíceis de convencer», explicou Savimbi. «Uma vez que se tenha conseguido persuadir um camponês, ele não ficará dividido na sua lealdade. Ter-se-á escrito sobre uma folha de papel em branco.»

Durante o Congresso, chegou um correio, vindo da «zona zero», para anunciar um ataque perpetrado pelos Portugueses, no acampamento, a 23 de Agosto. Um dos representantes da UNITA, na Suíça, Francisco Talanga, tinha sido morto. Os delegados observaram um minuto de silêncio e, ao erguerem as cabeças descobertas, para elegerem um novo *bureau* político e o comité central, com 24 elementos, Savimbi disse-lhes: «Muitos cairão antes do fim desta guerra. A luta tem de prosseguir. Uma luta militar é também uma luta política.»

Mais tarde, ao abandonar Angola, Dash passou pelo local onde Talanga morrerá. As árvores de casca cinzenta estavam estilhaçadas e partidas devido ao combate e, no extremo leste do acampamento, avistava-se um montículo de madeira carbonizada e cinzas, assinalando os restos da cubata onde Talanga estava quando fora morto. Era hábito queimar a cubata dos homens que morriam.

O ataque efectuado por um comando de *élite* aerotransportado, constituído por tropas portuguesas e africanas, tivera lugar às 8 horas da manhã, quando Talanga estava sentado a ler, à porta da cubata. Os soldados africanos capturaram-no e arrastaram-no mais de quinze metros para além da cubata, enquanto os quatro guerrilheiros, que estavam de sentinela

ao acampamento, abriam fogo sobre eles, do extremo de uma clareira. Em seguida, Talanga foi atingido no flanco antes de os assaltantes retirarem para um campo, de onde foram evacuados pelos helicópteros. Os homens da UNITA tentaram estancar a hemorragia de Talanga, mas este morreu passados dez minutos, sem murmurar uma palavra sequer.

A vinte minutos de marcha do acampamento, num montículo rectangular de areia escura e cinzenta, sem pedra tumular, numa clareira fresca e sombreada, jazia Talanga. José N'Dele, o outro representante da UNITA na Suíça, parou com Dash, em frente da sepultura, e disse: «Quando regressámos juntos, Talanga disse-me que estava cansado da Europa, onde tinha vivido a maior parte da sua vida de adulto. Afirmou que, desta vez, queria ficar em Angola.»

* * *

Após o Congresso, Dash marchou com Savimbi em direcção ao Caminho de Ferro de Benguela. Escondidos no mato, observaram a passagem de uma pequena automotora verde, blindada, com seis soldados dentro. Era seguida por um comboio de carga, bimotor, com cerca de 30 vagões, incluindo 2 carruagens de passageiros. Podiam ver-se os soldados, a passear de um lado para o outro, nas carruagens destinadas a passageiros.

«Eles usam dois motores», disse Savimbi, «de forma a que os comboios possam parar completamente e voltar para trás se ouvirem barulho de tiroteio na automotora blindada. Mas, nos quatro minutos entre a passagem da automotora blindada e a do comboio, podemos cortar a linha, de modo a que a automotora não possa voltar para trás e nos atacar.» A UNITA não atacava comboios de mercadorias, disse ele, mas apenas composições com tropas que forneciam armas e munições. Eram mais difíceis de assaltar porque habitualmente estavam protegidos por automotoras blindadas, transportando doze homens, uma à frente e outra na retaguarda do comboio.

Enquanto esperávamos pelo comboio, Savimbi apontou para um pequeno bueiro, que corria por debaixo dos carris. Havia centenas deles, ao longo da linha, de modo a evitar que esta ficasse submersa durante as chuvas. Quando a UNITA rebentou com os bueiros, os Portugueses levaram uma semana a repararem apenas um deles. «O caminho-de-ferro é muito vulnerável», disse Savimbi. «Podemos estragá-lo sempre que quisermos.» Contudo, a UNITA tinha evitado danificar a linha do caminho-de-ferro, desde 1967, em virtude da forma negativa como a Zâmbia reagira. A atitude compensava, visto o Governo Zambiano ter autorizado, de novo, a gente da UNITA a passar livremente pelo seu território, para entrar ou sair de Angola.

Contudo, os soldados e camponeses da UNITA que viviam perto da linha tinham começado a argumentar que os Portugueses utilizavam as

taxas cobradas nos caminhos-de-ferro para comprar armas que matavam angolanos. Embora não destruir a linha férrea tivesse sido uma decisão política (por oposição aos comboios militares), Savimbi disse que as razões militares começavam a sobrepor-se à razão política. «A linha de caminho-de-ferro tem de ser destruída. Não vejo outra solução», disse ele a Dash.

Depois de o comboio passar, Savimbi e os seus guerrilheiros caminharam a passos largos, sobre os carris, para Dash tirar fotografias ao quilómetro 906, distância desde o término do caminho-de-ferro até ao porto atlântico do Lobito. Ao fim de dois minutos voltaram para a mata, apressadamente.

* * *

A UNITA tinha quatro hospitais e dez escolas primárias, na «terra livre de Angola», por altura da visita de Dash. O director de uma delas, capitão Rodrigues Wandalika, levou Dash a visitá-la. Estava instalada numa cubata de capim, debaixo de uma árvore. Havia cubatazinhas-dormitórios, com duas camas, dispostas em filas ordeiras. No centro dos «recreios», via-se uma sala de aula única; lá dentro existiam bancos alinhados feitos de troncos, uma secretária para o professor, constituída por estacas presas por tiras de casca de árvore (*londobes*) * e dois quadros de tábuas, pintadas de preto, colocados sobre tripés. Em cima da secretária estava um livro de textos elementares de português, intitulado *Caminhos Portugueses*.

«Nós fazemos uma nova interpretação do livro para as crianças», disse Wandalika. «Tudo o que temos de fazer é mostrar-lhes como os Africanos são retratados no livro como inferiores aos brancos — as figuras dizem o resto.» Na página 146 havia uma fotografia de um negro angolano a sorrir, usando chapéu alto e casaca, tendo o lado esquerdo do peito enfeitado com medalhas de mérito civil. O negro era Luís Gomes Sambo, um músico angolano, que vivera entre 1874 e 1946, e fora um exímio executante da música popular portuguesa. Por baixo da fotografia havia uma legenda dizendo «Um Homem Notável de Angola». Um X enorme e a palavra «não» estavam escritos, a lápis, por cima da fotografia. «Ele era o 'Pai Tomás' angolano**», disse Jorge Sangumba, que viera de Londres para assistir ao III Congresso. «Os Portugueses tentam fazer com que um africano pense que é português, e com alguns da nossa raça tiveram êxito.»

Perto da escola de Wandalika ficava um dos hospitais. Tinha quatro enfermarias grandes, feitas com cubatas de capim seco. Um rapazinho de 4 anos jazia numa cama de palha, com um enorme penso de gaze

* *Londobes* = liame vegetal. (N. do T.)

** Quando o autor, no original, se refere ao Tio Tom quer dizer um traidor à causa racial. O Tio Tom, na nossa língua «Pai Tomás», é o protagonista do célebre romance de Harriet Beecher Stowe *Uncle Tom's Cabin (A Cabana do Pai Tomás)*. (N. do T.)

a cobrir-lhe a boca. O director do hospital, Garcia Vinuko, levantou a gaze para mostrar o palato superior do rapaz, inchado e purulento, a encher-lhe a boca e empurrando os dentes para fora, horizontalmente. Estava assim havia já três meses, desde que fracturara o maxilar. Vinuko andava a tratá-lo, com a limitada reserva de medicamentos de que a UNITA dispunha, mas o inchaço não desaparecia. Alimentava o rapaz com papas de milho liquefeitas, que lhe eram introduzidas, à força, por entre as gengivas, com uma seringa. Vinuko comentou que ele teria uma morte lenta e dolorosa.

Estavam ainda no hospital quatro pessoas que tinham sofrido amputações, muito recentemente. Uma delas era uma guerrilheira, de 23 anos, Desiana Mussola, a quem fora amputado o pé esquerdo, em 1969. A mão direita estava esbranquiçada e cerrada, devido à paralisia causada por uma bala que lhe atingira um tendão do braço, no mesmo lado. Os guerrilheiros tinham demorado quatro dias para a transportar até ao hospital numa tipóia*, depois de ter sido ferida. «O pé esquerdo estava a gangrenar e conseguia tirar-se a carne aos bocados», disse Vinuko, que lhe amputara o pé e cauterizara o coto, para estancar a hemorragia. «Não gritou. Estava inconsciente. Os que estão conscientes, quando temos de lhes amputar uma perna, continuam a gritar durante cinco ou seis horas depois de a operação terminar.» Quase todas as operações eram feitas sem anestesia.

* * *

Dash observou a orientação maoísta de Savimbi no sentido de conquista das zonas rurais, convertendo o campesinato e isolando as cidades; em troca o líder da UNITA considerava paternalista o apoio que a União Soviética havia prestado a Agostinho Neto e achava que isso exigia a submissão da política do bloco do poder. Savimbi recusou-se a calcular o número de pessoas que tinha sob seu controlo, mas falou das afirmações exageradas feitas por todos os movimentos de libertação angolanos: «Se qualquer dos três movimentos proclamasse o controlo de um terço do país [como faziam], então a guerra contra os Portugueses já estaria terminada e seria travada entre nós, agora.» Em dez semanas e 1300 quilómetros de marcha, Dash contou 600 guerrilheiros e 5000 camponeses, mas observou que não estivera em todas as zonas de operações da UNITA. «Fontes bem informadas», nos Estados Unidos, haviam-lhe contado que a UNITA operava entre os Ovimbundu, porque era essa a tribo de Savimbi: todas as cúpulas da liderança era ovimbundu e, como o movimento de Savimbi era de organização tribalista, não poderia esperar apoio de outras

* Tipóia — espécie de liteira em que os africanos transportam as pessoas, nomeadamente em Angola. (*N. do T.*)

tribos. «Descobri que se tratava de um ponto de vista linear e estereotipado por meio do qual muitos 'especialistas' em assuntos africanos classificavam a África», escreveu Dash, que aceitou a afirmação de Savimbi segundo a qual a UNITA estava a trabalhar para erradicar o tribalismo. O jornalista americano relatou que as bases da UNITA não se encontravam só entre os Ovimbundu mas também entre os Nganguela, Chokwe e Lunda, no Leste de Angola. Tal como N'Zau Puna — o segundo mais importante da UNITA — é um woyo, de Cabinda, muitos outros líderes das cúpulas da UNITA não eram ovimbundu.

Quando o jornalista do *Washington Post* se preparava para deixar as bases centrais da UNITA, na sua longa caminhada de regresso à fronteira da Zâmbia, Savimbi disse-lhe: «Estamos habituados às acusações de tribalismo, mas tudo o que temos a dizer àqueles que as fazem é 'venham e vejam com os vossos próprios olhos'.»

* * *

A UNITA relatou uma série de vitórias em pequenos ataques contra postos portugueses, em princípios de 1974, mas a publicação de um livro, a 22 de Fevereiro, fez mais para prejudicar os Portugueses em Angola do que tinham conseguido os três movimentos, no seu conjunto, durante uma década de luta.

CAPÍTULO IX

O GOLPE DE ESTADO EM PORTUGAL

1974

Angola é nossa. Angola é Portugal.

Uma canção patriótica portuguesa dos tempos em que Angola era uma colónia.

O GENERAL ANTÓNIO DE SPÍNOLA era conhecido como um oficial arrogante e de linha dura no Exército Português, que usava monóculo e pingalim, durante o cumprimento do seu dever, em Angola, entre 1961 e 1964, em que dirigia as ofensivas contra a FNLA e o MPLA.

Foi, portanto, uma surpresa para os Angolanos quando Spínola, que tinha sido nomeado comandante-chefe das Forças Armadas, publicou um livro, em 22 de Fevereiro de 1974, que iria provocar uma convulsão política em Portugal e nas suas colónias. *Portugal e o Futuro* era um pequeno volume que enfureceu a ditadura de 48 anos e a hierarquia militar mais reaccionária¹. Havia dois argumentos particularmente ofensivos. Primeiro, Spínola dizia que deveria haver a possibilidade de discussão plena, em Portugal, de todos os assuntos, o que equivalia ao apelo à democracia parlamentar. Segundo, afirmava que Portugal enfrentaria uma derrota certa se tentasse vencer a guerra contra os resistentes apenas pela via militar.

Embora tivesse assumido uma posição intransigentemente dura em Angola e se tivesse tornado um herói militar, Spínola ficou condicionado pela sua reviravolta durante o período de 1968 a 1973 como comandante das Forças Armadas Portuguesas na Guiné-Bissau; confrontado ali com o mais eficiente exército anticolonial em território português — o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), de Amílcar Cabral — Spínola adoptou uma linha de actuação pouca ortodoxa e introduziu um grau de autonomia política local. Quando o seu livro foi publicado, as despesas de guerra, nas colónias, absorviam cerca de 50 por cento do Orçamento do Estado Português. Ele afirmava que a percen-

tagem continuaria a aumentar e levantaria graves problemas. «A economia portuguesa tem de se adaptar de forma a sobreviver nas condições comuns de mercado [europeu]. A sobrevivência da Nação implica também, na esfera militar, o rápido restabelecimento da paz.» A resposta do ditador, Primeiro-Ministro Marcello Caetano, foi demitir tanto Spínola como o chefe do Estado-Maior do Exército, general Francisco da Costa Gomes, que compartilhava os pontos de vista de Spínola. Contudo, isso não foi capaz de impedir uma reacção entusiástica do povo ao destruidor de mitos que era o *Portugal e o Futuro*: as duas primeiras edições, de 50 000 exemplares, foram um êxito. Todavia, a terceira edição do livro foi proibida.

As demissões de António de Spínola e Francisco da Costa Gomes fortaleceram o Movimento das Forças Armadas (MFA), um grupo clandestino de oficiais de carreira, formado em Agosto de 1973, em protesto pela diminuição dos padrões da Academia Militar em Portugal. Com a impopularidade das guerras em África, a fuga ao recrutamento militar tinha aumentado dramaticamente e, por volta de 1973, apenas 73 cadetes frequentavam a Academia Militar, que tinha vagas para 423 alunos². O MFA depressa alargou o raio de acção da sua dissidência e mergulhou na crítica à política da ditadura e à guerra nos territórios ultramarinos. «Temos de acabar, de uma vez por todas, com esta maldita guerra colonial, que tudo consome, incluindo a dignidade dos militares profissionais de uma nação civilizada», afirmavam os oficiais dissidentes³.

No dia 25 de Abril de 1974, o MFA efectuou um golpe de Estado e derrubou o Governo, apenas com a perda de cinco vidas. O Primeiro-Ministro Marcello Caetano e outros políticos, intimamente associados à ditadura, foram mandados para o exílio, primeiro para a Madeira e, mais tarde, para o Brasil. Com o fim de quase meio século de nacionalismo ao estilo fascista, os comandantes dos quartéis foram presos e ocupadas as estações de rádio e televisão estatais. Cravos vermelhos foram enfiados nos canos das espingardas dos soldados, que assim se tornaram no símbolo da revolução, enquanto os cidadãos entusiasmados ofereciam flores aos militares que patrulhavam as ruas. Spínola tornou-se o novo Presidente de Portugal, chefiando a Junta de Salvação Nacional.

O significado do golpe militar português não se mostrou imediatamente claro em Angola, que, paradoxalmente, estava no apogeu de um rápido crescimento económico. Exportaram 6,25 milhões de toneladas de minério de ferro, das minas de Cassinga, em 1973 — um recorde. As exportações de café atingiram, no mesmo ano, um novo recorde de 175 milhões de dólares, mas foram, pela primeira vez, ultrapassadas pelo petróleo dos novos campos de Cabinda, segundo os números de alguém cujo modo de vida era esse. A produção industrial aumentou 26,5 por cento nesse ano e Angola registou uma taxa de excedentes comerciais de 235 milhões de dólares em 1973. A companhia aérea de Angola, TAG — para voos

domésticos —, celebrava a sua prosperidade encomendando três *Boeing 737-200*, do último modelo. Na mesma altura em que se dava o golpe militar, a Fábrica Nacional de Cervejas de Angola — CÚCA — ganhava uma medalha de ouro na Exposição Internacional de Cervejas, em Bruxelas, e inaugurando oficialmente o novo campo do Clube de Golfe de Luanda, em Corimba-Belas, nos arredores daquela cidade⁴.

O governador-geral de Angola, Santos e Castro*, foi exonerado e o lugar ocupado, temporariamente, pelo seu substituto legal, o secretário-geral de Angola, tenente-coronel Soares Carneiro, até que foi nomeado o vice-almirante da ala esquerda, Rosa Coutinho, alguns meses mais tarde, para assumir, em regime de permanência, o cargo de alto-comissário em Angola.

Spínola não tinha defendido, no seu livro, a independência de Angola e dos outros territórios ultramarinos. Tinha imaginado uma «Federação Lusitana», unindo os territórios ultramarinos, e a antiga colónia do Brasil, ao Portugal metropolitano: cada componente federal teria a sua própria autonomia, embora ficassem a existir laços especiais que proporcionariam benefícios mútuos sob uma bandeira e língua comuns. Todavia, os oficiais mais jovens do MFA queriam conceder a independência às colónias. Reconheciam até que ponto a manutenção das guerras de Portugal em África tinha afectado o espírito do País e os seus recursos, muito em particular no que dizia respeito a Moçambique e à Guiné-Bissau. Cerca de 11 000 soldados portugueses haviam sido mortos e 30 000 ficado incapacitados, durante mais de uma década de conflitos. Economicamente debilitado pelos custos da guerra ultramarina, o minúsculo Portugal enfrentava um défice da balança comercial de 400 milhões de dólares/ano e suportava a taxa de inflação mais elevada da Europa — 23 por cento —, tendo emigrado tanta gente para o estrangeiro que a população se havia visto reduzida de mais de 10 milhões, no início dos anos sessenta, para apenas 8,5 milhões. Paris tornara-se a segunda maior cidade «portuguesa» do mundo, com mais de 600 000 emigrantes. A sabotagem, por parte de grupos que não concordavam com a guerra, no continente, havia aumentado tão significativamente que Marcello Caetano concedera poderes à polícia política para deter pessoas sem culpa formada⁵.

No princípio de Maio de 1974, o general Costa Gomes deslocou-se a Luanda e anunciou que os grupos nacionalistas angolanos seriam aceites como partidos políticos legítimos assim que suspendessem o combate. Os Portugueses afirmaram que, a 3 de Maio, a UNITA matara 34 civis africanos, em três ataques levados a cabo no distrito do Moxico, e num outro ataque, no dia 6 de Maio, havia abatido 6 soldados portugueses e ferido 14⁶.

O ponto de vista dos oficiais mais jovens, a favor da independência, sobrepusera-se, a pouco e pouco, aos sentimentos federacionistas de

* Tratava-se do engenheiro Santos e Castro. (N. do T.)

Spínola. Em Junho, o novo regime português desviou-se abruptamente para a esquerda, quando a ala radical do MFA conseguiu que o seu candidato, Vasco Gonçalves, fosse nomeado primeiro-ministro. A 27 de Julho, Spínola proclamou o direito à independência de Moçambique, Guiné-Bissau e Angola: algumas semanas mais tarde demitiu-se e foi substituído, na Presidência, pelo general Costa Gomes.

Em Angola, o verdadeiro problema consistia em saber-se como negociar uma transferência ordeira do poder para os Africanos. O caminho a seguir era bastante mais simples na Guiné-Bissau e em Moçambique, que se tornavam independentes em Setembro de 1974 e Junho de 1975, respectivamente, porque em cada um destes países existia apenas um único movimento de libertação com quem negociar. Em Angola, havia três movimentos. A 19 de Maio, o comandante português dos 50 000 soldados estacionados em Angola suspendeu todas as operações militares para permitir que os guerrilheiros aparecessem pacificamente à luz do dia, na esperança de que tal conduzisse a um acordo tendente a um cessar-fogo. Ao mesmo tempo, 200 prisioneiros políticos eram libertados da famosa colónia penal de São Nicolau, no deserto a norte de Moçâmedes.

Savimbi foi o primeiro líder de um movimento de libertação a beneficiar da suspensão das manobras ofensivas do Exército Português. Por intermédio de um padre católico, António de Araújo Oliveira, os apoiantes da UNITA que tinham sido libertados de São Nicolau restabeleceram contacto com o movimento. Em fins de Maio, o Comité Central da UNITA encontrou-se com o padre Oliveira, perto do Luso. Em consequência desse encontro, aquele sacerdote combinou uma reunião entre a UNITA e oficiais locais portugueses, que levou às tréguas de 17 de Junho⁷.

Isso fez desabar sobre Savimbi toda uma tempestade de injúrias, por parte dos outros movimentos, embora ele tivesse enviado N'Zau Puna a Lusaca para o tentar evitar. Este apelou para a FNLA e para o MPLA no sentido de formarem uma frente comum com a UNITA para pedirem aos Portugueses a realização de eleições em Angola, e disse aos correspondentes presentes na capital zambiana: «Vamos acentuar a luta contra Portugal e, após a libertação de Angola, deixar que seja o povo a escolher o programa político que prefere⁸». A necessidade de qualquer tipo de frente, entre os movimentos rivais, e da realização de eleições tornou-se, dali em diante, um dos temas constantes de Savimbi.

A FNLA afirmou que a acção prematura de Savimbi, ao suspender as hostilidades, fora um acto de alta traição: chamaram-lhe «um vil produto do colonialismo»⁹. Contudo, o ataque mais vigoroso foi lançado pelo *Afrique-Asie*, uma publicação pró-MPLA, com sede em Paris. Publicava quatro documentos reproduzindo o teor de cartas trocadas entre Savimbi e os militares portugueses, anteriores à tentativa de fusão com o MPLA e a FNLA, em Dezembro de 1972¹⁰. A *Afrique-Asie* comentava o cessar-fogo entre os Portugueses e a UNITA, a 17 de Junho, e escarnejava do

comandante-chefe do Estado-Maior do Exército, em Lisboa, que na época afirmava: «Das três forças que lutavam pela liberdade, a UNITA travou o combate mais violento no Leste», mas, dizia a *Afrique-Asie*, os documentos que tinha obtido provavam, à evidência, que Savimbi fora um agente dos Portugueses, pelo menos, desde 1972.

As cartas provando a sua traição diziam respeito aos planos conjuntos da UNITA e dos Portugueses para identificar e atacar bases do MPLA e da FNLA; pedidos de munições, por parte da UNITA, aos Portugueses e um pedido de exame médico a Savimbi, por suspeita de problemas no coração e no fígado. Os contactos entre ambos os lados eram feitos através de dois madeireiros portugueses. Numa das cartas, datada de 26 de Setembro de 1972, endereçada ao general Luz Cunha, recentemente nomeado comandante-chefe das Forças Armadas em Angola. Era suposto Savimbi haver escrito: «Peço a Vossa Excelência [a carta ia 'ao cuidado' do general Bettencourt Rodrigues, comandante militar da zona Leste] que me forneça, pelo menos, 1500 balas de calibre 7,62 mm, porque as nossas manobras contra a FNLA implicam sempre a utilização destas munições [...] Cancelo o meu pedido de granadas de mão, porque temos um número suficiente, de momento.» Savimbi solicitava camuflados de comando para N'Zau Puna e para ele próprio. Pedia, também, um livre-trânsito para as suas tropas ao longo do rio Luanguinga, no Sudeste de Angola, até à Zâmbia, onde a UNITA tinha atacado acampamentos exteriores do MPLA, em Abril e Maio de 1972.

Uma carta para Savimbi, do tenente-coronel Ramires de Oliveira, um oficial superior português que comandava a zona leste, datada de 4 de Novembro de 1972, dizia: «As autoridades nacionais concordam que, nesta contingência [chegar-se a um acordo com o MPLA e a FNLA], a actualização mais vantajosa para a UNITA é manter a região do Alto Lungue-Bungu [área-base da UNITA] livre da guerra e reforçar a sua colaboração com as nossas forças. É nossa opinião que a destruição das bases do MPLA, no exterior deste país, é de extrema importância.»

Savimbi não viu satisfeito o seu pedido de utilizar livremente o corredor do rio Luanguinga. Ramires de Oliveira escreveu: «O carácter secreto destes contactos [entre as autoridades militares portuguesas e a UNITA] acarreta, infelizmente, certos inconvenientes. Um é o da impossibilidade de conceder autorização geral para a utilização do corredor [...] De cada vez que tenha de ser usado, o comando [português] deve ser notificado, de forma a podermos mandar retirar as nossas tropas da região, sob um pretexto qualquer, durante o período de tempo necessário. Se isto não for feito, será impossível assegurar a vossa segurança enquanto utilizarem o corredor.»

A UNITA denunciou as cartas como forjadas e solicitou a formação de uma comissão de inquérito internacional, na qual estivessem representados as Nações Unidas, a OUA, o MPLA, a FNLA e o Governo Por-

tuguês, para determinar a sua origem¹¹. Nada resultou do pedido feito pela UNITA, no qual se afirmava que as falsificações personificavam um ataque contra o único movimento que tinha combatido dentro de Angola, por aqueles «que nunca tinham compreendido a possibilidade de combater no interior do território»¹². As falsificações, se o eram, deviam ter sido feitas porque as bases da UNITA bloqueavam a passagem entre a área operacional do MPLA, no Leste, cada vez mais enfraquecida, e o seu centro tradicional de resistência, a nordeste de Luanda¹³.

Savimbi comentou que antes do golpe do 25 de Abril, em Portugal, a *Afrique-Asie* e outros meios de comunicação liberais e progressistas na Europa tinham desclassificado a UNITA como um movimento insignificante, ultra-radical e maoísta. Todavia, na altura, porque essas mesmas organizações não podiam continuar a negar a base de apoio popular da UNITA, tinham-se movimentado no sentido de a rotular como «um movimento moderado ou reaccionário em possível colaboração com os Portugueses»¹⁴.

Mas a razão mais importante para aquelas falsificações, dizia Savimbi, era encobrir as dificuldades e debilidades internas do MPLA: «antagonismos tribais; divisões entre a liderança sediada no exterior e os quadros a pressionar para se mudar o quartel-general para o interior de Angola; execuções sem julgamento; a não participação real na vida da organização nas áreas libertadas; diferença de nível de vida entre os militantes, quadros e líderes». A confirmação das divisões e carácter fratricida do MPLA surgiu em Julho de 1973, quando Daniel Chipenda, comandante da frente leste do MPLA, denunciou publicamente a prática comum de execuções sem julgamento, a partir de 1967, para eliminar dissidências dentro do MPLA¹⁵.

Muitos comentadores foram incapazes de chegar a conclusões seguras acerca da verdade ou falsidade das afirmações da *Afrique-Asie*. Não se pode excluir um certo grau de colaboração entre os Portugueses e a UNITA, contra o MPLA, dada a história da rivalidade entre a UNITA e o MPLA e a raiva de Savimbi por ter sido excluído da fusão entre o MPLA e a FNLA, em 1972, no CSLA. Contudo, o próprio MPLA não era adverso à colaboração com os Portugueses. O ódio entre as forças antagónicas do MPLA e da FNLA, nas matas dos Dembos, a nordeste de Luanda, era tão intenso que os informadores do MPLA «frequentemente» revelavam as posições da FNLA e deixavam os Portugueses varrer as unidades da FNLA, segundo oficiais portugueses¹⁶. E, em 1972, observou a UNITA, com amargura, o MPLA solicitou aos Portugueses, com êxito, que a mãe de Agostinho Neto saísse de Angola, para poder visitar o filho em Itália, numa altura em que o pai de Savimbi, Loth, definhava na cadeia¹⁷.

Lúcio Lara sustenta que o MPLA possui cópias da troca de correspondência original entre Savimbi e os Portugueses, mas nunca as apresentou

publicamente. «Não as pode apresentar, porque não existem», afirma Savimbi¹⁸.

A colaboração entre os militares portugueses e a UNITA, se alguma vez existiu, só poderia ter sido limitada porque entre 1972 e a assinatura do acordo de cessar-fogo, a 14 de Junho de 1974, os comunicados da UNITA mencionavam muitos soldados e oficiais indispensáveis mortos em combate. Entre as últimas baixas da UNITA, registadas em combate contra os Portugueses, contavam-se os soldados Yeta e Kavwanda, num ataque às casernas, em Luanda, em Janeiro de 1974: a UNITA reivindicava que, no ataque, 60 soldados inimigos «tinham sido postos fora de combate»¹⁹.

Numa tragédia que não esteve directamente relacionada com a luta, Savimbi perdeu o seu notável militar, chefe do Estado-Maior, Samuel «Kafundanga» Chingunji, no início de 1974. Numa das suas viagens à Zâmbia, para comprar armas, «Kafundanga» apanhou malária cerebral e morreu lá, vitimado pela doença.

Não levando em linha de conta as alegações do MPLA acerca de uma colaboração entre Savimbi e os Portugueses, a OUA reconheceu oficialmente a UNITA, equiparando-a, aos olhos dos Africanos negros, à FNLA e ao MPLA. O maior triunfo diplomático da UNITA, até essa altura, foi alcançado durante a 11.ª Cimeira dos Chefes de Estado da OUA, que se realizou em Mogadichu, entre 12 e 15 de Junho de 1974, quando foi concedida, por aquela organização ao movimento, uma ajuda inicial no valor de 32 000 dólares, por parte da OUA.

* * *

Savimbi justificou as suas tréguas com os Portugueses alegando que a liderança da UNITA, integralmente baseada em Angola, precisava de poder iniciar o mesmo tipo de conversações preliminares que os líderes do MPLA — todos sediados fora de Angola — tinham já começado com os Portugueses na Bélgica e no Canadá²⁰. Uma declaração da UNITA dizia: «A UNITA não assinou um cessar-fogo com as Forças Armadas Portuguesas. 'As tréguas', ou, antes, a suspensão das hostilidades militares, foram assinadas, o que não impossibilitou uma penetração mais profunda no país. Os outros movimentos de libertação têm de começar a entrar em Angola, a organizar e a mobilizar o povo, na verdade, em vez de perderem tempo em países vizinhos, discutindo possíveis cargos de liderança²¹.»

Savimbi convocou o Congresso Anual da UNITA, em 1974, numa mata perto do Caminho de Ferro de Benguela, entre 16 e 19 de Julho. O Congresso apelava para a formação imediata de uma ampla frente democrática de libertação nacional, com a participação dos três movimentos, a fim de negociar a independência. Acentuando a necessidade de reconciliação entre os nacionalistas, o Congresso declarou que a UNITA não

negociaria separadamente com os Portugueses. Rejeitou também a possibilidade de fazer parte de um governo provisório angolano sem a participação do MPLA e da FNLA²².

Apesar da condenação inicial das tréguas de Savimbi com os Portugueses, tanto a FNLA como o MPLA lhe seguiram o exemplo.

Após o golpe em Lisboa, a FNLA intensificou, ao princípio, as suas actividades militares dentro de Angola. Em Junho, um grupo avançado de dez instrutores militares chineses chegou à base da FNLA, em Kinkuzu, no Zaire, para treinar um exército angolano de 15 000 homens, que ficariam às ordens de Holden Roberto²³.

A FNLA fez penetrar soldados no Norte de Angola, durante os meses de Julho e Agosto, afastando os Portugueses que estavam então confinados a um papel passivo, no meio de três forças hostis, em Angola. No fim de Setembro, a FNLA estabeleceu uma zona de ocupação no distrito do Uíge, a nordeste. Os comissários da FNLA percorriam as aldeias a recrutar homens para o treino militar, na base de Kinkuzu. Cerca de 60 000 «contratados» ovimbundu, a maioria deles simpatizantes da UNITA, foram expulsos das plantações de café, no Norte, e enviados para os seus locais de origem, em zonas do Centro de Angola. Perseguidos pela FNLA, o MPLA e a UNITA conseguiram manter as suas organizações no Norte, apenas em cidades maiores, tais como Carmona. Depois de estabelecido o controlo da sua área tribal bakongo, Holden Roberto assinou então um cessar-fogo com os Portugueses, em Kinshasa. Mandou uma delegação de 94 homens para instalar um quartel-general da FNLA em Luanda e começou uma campanha política. Aí, a FNLA podia contar com um apoio inicial, no seio da comunidade local de Bakongos — estes rondavam os 5 a 10 por cento da população africana da capital, quase 500 000 pessoas²⁴.

O MPLA não constituía problema para os Portugueses em termos militares. Destroçado por rixas e divisões internas, o movimento estava praticamente morto, como força de combate efectiva, desde 1972. Moscovo tinha-lhe retirado o seu apoio²⁵.

Segundo os serviços secretos portugueses (PIDE), o MPLA tinha apenas umas poucas dúzias de guerrilheiros em Angola na altura do golpe de Estado em Lisboa²⁶. Nos meses que se lhe seguiram, o MPLA continuou a desperdiçar todas as suas energias em quezílias internas, torturas e assassinios. Três facções contestavam o poder — o «verdadeiro» MPLA de Agostinho Neto; a «Revolta do Leste», liderada por Daniel Chipenda, e a «Revolta Activa», chefiada pelo anterior presidente Mário Pinto de Andrade e seu irmão, «presidente honorário» do MPLA, padre Joaquim Pinto de Andrade, que fora libertado pelos Portugueses em Junho de 1974, depois de passar catorze anos na prisão por se opor ao regime colonial.

Apenas dezasseis dias depois do golpe de Estado português, numa altura em que o MPLA precisava de provar a sua unidade, se tinha esperanças de vir a ascender ao poder, a «Revolta Activa» acusou Agostinho

Neto de «presidencialismo» autoritário e antidemocrático. Atribuía o declínio político e militar do MPLA a uma liderança insensível e secreta, que inspirara receio e cinismo dentro do movimento. De Brazzaville, os exilados da «Revolta Activa» pediam a realização de um congresso do partido para decidir a questão da liderança²⁷.

Sob pressão dos Presidentes Ngouabi, do Congo-Brazzaville, Kaunda, da Zâmbia, Mobutu, do Zaire, e Nyerere, da Tanzânia, as três facções acordaram na realização de um congresso do MPLA. A 12 de Agosto de 1974, reuniram-se 400 delegados numa base militar do MPLA, perto de Lusaca, para o primeiro congresso eleitoral do MPLA, em doze anos. Havia 165 delegados do «verdadeiro» MPLA, 165 da «Revolta do Leste» e 70 da «Revolta Activa».

O Congresso foi marcado por alterações amargas e, após onze dias, Agostinho Neto e os irmãos Pinto de Andrade abandonaram-no, seguidos pelos seus adeptos. Este facto deixou a «Revolta do Leste» entregue ao rescaldo de um congresso, que acabou por eleger Daniel Chipenda como presidente do MPLA. A facção de Agostinho Neto repudiou este resultado e anunciou planos para a realização do seu próprio congresso, em Angola.

Alarmados com estas decisões, Ngouabi, Kaunda, Mobutu e Nyerere convocaram os líderes das conturbadas facções do MPLA para uma cimeira, em Brazzaville, entre 31 de Agosto e 2 de Setembro. As facções assinaram um pacto reunificando oficialmente o movimento. A presidência voltou a pertencer a Agostinho Neto e Pinto de Andrade e Chipenda tornaram-se vice-presidentes, aguardando a decisão de outro congresso, que se realizaria após a independência. Mas o acordo de Brazzaville começou a deteriorar-se quase logo a seguir. Ao deixarem Brazzaville, tanto Pinto de Andrade como Chipenda repudiaram a liderança de Agostinho Neto, e Chipenda levou consigo, para o Zaire, 2000 ou 3000 guerrilheiros chokwe e mbunda que tinham estado sob o seu comando na frente leste.

De 12 a 21 de Setembro, já em Angola e perto da fronteira zambiana, Agostinho Neto presidiu a uma conferência, reunindo 250 dos seus partidários, que o elegeram presidente do MPLA, em simultâneo com um *bureau* político e um comité central de 35 membros. Tal como no passado, a liderança era constituída, principalmente, por mestiços e «assimilados» de Luanda ou originários da tribo Kimbundu²⁸.

Jonas Savimbi aceitou Agostinho Neto como líder legítimo do MPLA: «No seio da UNITA concluímos que era o mais representativo dos três MPLA's e convencemos a FNLA a aderir à nossa posição. Três MPLA's apenas iriam complicar quaisquer negociações com os Portugueses²⁹.» Portugal e a União Soviética também aceitaram Agostinho Neto como o autêntico chefe do MPLA e, a 21 de Outubro, os Portugueses assinaram um cessar-fogo com Agostinho Neto³⁰. A cerimónia teve lugar num

acampamento temporário, 70 quilómetros para o interior de Angola, a partir da fronteira zambiana, mas Savimbi não demorou a descobrir que Agostinho Neto negociara antecipadamente com os Portugueses, fora de Angola, o que indicava a falta de uma base militar interna e segura. «Agostinho Neto teve de ser transportado de helicóptero desde Lusaca, para assinar o acordo em Angola», afirmou Savimbi³¹.

* * *

Embora Agostinho Neto tivesse, na altura, firmado a sua posição de líder do MPLA, aos olhos de muitas pessoas a herança divisionista perseguiria o seu movimento no futuro. Kenneth Kaunda ficara particularmente desiludido com o MPLA. Tinha-lhe concedido acampamentos a oeste da Zâmbia e perto de Lusaca, mas, a partir do início dos anos setenta, testemunhara um rápido desmantelamento na luta contra os Portugueses e o nascimento de amargas e sangrentas disputas entre as suas facções, em solo zambiano.

Os serviços secretos da Zâmbia informaram Kaunda de que, durante o Congresso do MPLA, em Agosto, doze a quinze apoiantes de Chipenda tinham sido executados num dos acampamentos mais distantes, na Zâmbia Ocidental. Os combates e assassínios entre as facções eram vulgares e os residentes de Lusaca recordam, particularmente, um grande duelo entre a infantaria e a artilharia ligeira num dos acampamentos dos arredores de Lusaca, em 1974. Todavia, os métodos utilizados nestas execuções, em especial, preocupavam muitíssimo Kaunda. Encaixavam-se armações em madeira, pentagonais, nas cabeças das vítimas e apertavam-se, a pouco e pouco, até aos seus crânios estalarem. No seu íntimo, Kaunda fez votos para que Agostinho Neto nunca mais voltasse a pisar solo zambiano³². E, embora Kaunda fosse um dos líderes a envolver-se, quase logo a seguir, no compromisso de Brazzaville, recusou o pedido de Agostinho Neto para regressar no seu avião de Brazzaville a Lusaca³³.

Rebentara, assim, uma contenda entre o MPLA e Kaunda, que viria a mostrar-se crucial no rumo subsequente dos acontecimentos em Angola.

CAPÍTULO X

ACORDO PARA A INDEPENDÊNCIA

1974-1975

Na sequência dos ajustamentos dos problemas no seio do MPLA e da assinatura do cessar-fogo entre Portugal e o MPLA, Jonas Savimbi desencadeou uma iniciativa política de grande envergadura para se conseguir chegar a um acordo para a independência de Angola entre Lisboa e os três movimentos de libertação.

Convocou uma reunião da UNITA, entre 26 e 29 de Outubro de 1974, que sancionou a sua proposta no sentido de o movimento trabalhar para a formação de uma frente unida — embora não de um partido unificado — com o MPLA e a FNLA. Os 650 delegados reuniram-se no Cangumbe, à beira do Caminho de Ferro de Benguela; concordaram que Savimbi devia empenhar-se numa viagem diplomática pelos Estados negros africanos, a fim de se avistar com os respectivos chefes de Estado e também com Agostinho Neto e Holden Roberto, o que constituiria parte do seu esforço para fazer avançar essa frente ¹.

O alto-comissário*, vice-almirante Rosa Coutinho, pareceu apoiar a iniciativa da UNITA, quando chegou a Cangumbe, no segundo dia da conferência, para se encontrar com Savimbi pela primeira vez. Fotografias dessa época mostram Rosa Coutinho, um homem entrocado, de braços grossos e peludos, na sua farda branca, rindo e apertando as mãos a um Savimbi, com óculos e boina, usando uma bengala esculpida à mão, em ébano e marfim ².

Contudo, apesar da presença de Rosa Coutinho, a conferência rejeitou a participação da UNITA num governo de transição angolano, segundo

* O cargo de governador-geral tinha acabado de ser extinto e o que existia era, realmente, um alto-comissário. A fonte de informações do autor foi deficiente neste pormenor. (N. do T.)

os termos que Lisboa havia proposto dois meses antes. Segundo as propostas de Portugal, um governo assim deveria incluir — além da UNITA, da FNLA e do MPLA — representantes de cerca de 50 grupos políticos e étnicos que surgiram após o golpe de Lisboa, incluindo alguns representando cerca de meio milhão de pessoas que constituíam a população branca de Angola. Estas propostas, afirmaram os Portugueses, visavam preparar o terreno para a realização de eleições livres daí a dois anos³.

Ao acentuar a necessidade de uma reconciliação entre os movimentos nacionalistas, a UNITA afirmou que nem negociaria separadamente com os Portugueses nem faria parte de um governo provisório sem a participação da FNLA e do MPLA. As propostas dos Portugueses foram também rejeitadas pelo MPLA e pela FNLA. Todavia, alarmaram de tal maneira alguns «radicais», entre os brancos de Luanda, que, quando os militantes do MPLA, que viviam nos *muceques*, começaram a assaltar comerciantes brancos e assassinaram um motorista de táxi branco, as milícias brancas exerceram as suas represálias. Nos actos de pilhagem que se seguiram, foram mortas mais de 50 pessoas. Do decurso de poucas semanas morreram 40 pessoas em recontros entre o MPLA e a FNLA e, em princípios de Agosto, mais de 50 africanos abandonaram os *muceques* dada a relativa segurança em que se vivia nas zonas rurais⁴.

A uma sexta-feira, dia 15 de Novembro de 1975, Savimbi partiu para promover a sua ideia quanto à unificação dos três partidos. Voou para Lusaca, com uma delegação constituída por vinte homens, tencionando avistar-se com Kenneth Kaunda pela primeira vez depois de 1967, e foi recebido no aeroporto com saudações oficiais, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Zâmbia, Greenwood Silwizya. Savimbi afirmou, à chegada, que os Angolanos estavam cansados das pequenas diferenças que existiam entre os três movimentos de libertação: estes não tinham o direito de atrasar a independência do povo. Frisando que a FNLA, o MPLA e a UNITA tinham de trabalhar em conjunto para acelerar o processo de descolonização, disse: «Existe uma necessidade enorme e urgente de nos unirmos [...] O tempo das acusações e contra-acusações já passou⁵.»

Quando Savimbi chegava a Lusaca, rebentou, contudo, uma outra onda de violência em Luanda, provocando mais de 100 mortos. Uma patrulha da FNLA aprisionou e entregou aos militares portugueses um carpinteiro branco que se dizia ter abatido a tiro dois africanos que lhe tinham assaltado o estabelecimento. Bandos armados, usando o emblema do MPLA, atacaram posições da FNLA, expulsaram os brancos do «Bairro Catambor», nos arrabaldes, e incendiaram-lhes as casas. Lúcio Lara condenou estes ataques e procurou dissociar a liderança do partido de tais actos de violência⁶.

A 17 de Novembro, Savimbi manteve com Kaunda conversações que se prolongaram por algumas horas, numa das salas de estar privadas do Palácio do Governo, em Lusaca, que, anteriormente, fora residência dos

governadores-gerais britânicos. Nesse domingo, à noite, foi ao aeroporto despedir-se de Kenneth Kaunda, que partia para uma visita oficial à União Soviética, tendo conseguido, da parte do líder zambiano, a promessa de que este promoveria diligências para a unidade entre os movimentos de libertação, que ajudaria e asseguraria o apoio da África negra para uma rápida independência angolana e, através de canais diplomáticos, garantiria a colaboração dos Portugueses. Kenneth Kaunda parecia ter já recebido uma mensagem de Lisboa, porque, no dia seguinte, Savimbi disse que o Governo Militar de Portugal acolheria de bom grado uma coligação FNLA-MPLA-UNITA como uma evolução conveniente dos acontecimentos no sentido de proporcionar um fim pacífico da era colonial⁷.

Savimbi estava agora preparado para inserir uma das primeiras grandes peças no quebra-cabeças que, esperava ele, levaria à realização de eleições e à independência de Angola. Depois de uma reunião com oficiais da OUA, em Lusaca, viajou para o Zaire, onde teve reuniões com o Presidente Mobutu Sese Seko e com o homem com quem tinha tido desavenças e que abandonara dez anos antes, Holden Roberto. A 25 de Novembro, a UNITA e a FNLA assinaram um acordo de reconciliação: Savimbi e Holden Roberto foram fotografados caminhando de mãos dadas num dos ministérios de Kinshasa: Savimbi sorria e Holden Roberto tinha um ar impassível e ocultava-se por detrás dos seus habituais óculos escuros. Savimbi disse a Holden Roberto que tencionava tentar agora a reconciliação entre a UNITA e o MPLA e que um acordo entre a FNLA e o MPLA seria também necessário antes de se iniciar quaisquer negociações sérias com Portugal⁸.

Em seguida, Savimbi deslocou-se a Abidjan, a fim de obter o apoio do Presidente Félix Houphouët-Boigny, da Costa do Marfim. Voltou a Lusaca para assistir a uma reunião com Agostinho Neto preparada pela Zâmbia e pela Tanzânia. O facto de estes países terem persuadido Agostinho Neto a parlamentar constituiu uma notícia muito boa para o líder da UNITA. Dois meses antes, Neto recusara pensar sequer em qualquer conversação com a UNITA, apesar da pressão feita nesse sentido por parte de diversas nações africanas. No encontro planeado com o presidente do MPLA, Savimbi disse: «Como estamos condenados a trabalhar juntos para formar um novo governo em Angola, temos de parar de nos atacar mutuamente e de mobilizar o povo para a liberdade. Queremos preparar o terreno para as conversações com os Portugueses, de forma a irmo-nos encontrar com eles, não como rivais, mas como iguais.»

Julius Nyerere encontrava-se em Lusaca para conversações com Kenneth Kaunda, particularmente sobre a situação da Rodésia, a colónia britânica rebelde, e, a 7 de Dezembro, Savimbi viajou com o líder tanzaniano para Dar-es-Salaam, onde Neto tinha o seu quartel-general. No dia 8 de Dezembro, Savimbi iniciou dois dias de conversações com o seu rancoroso adversário, com que se encontrara pela última vez, em Brazzaville,

havia mais de dez anos, quando Agostinho Neto o tentara persuadir a ser o secretário dos negócios estrangeiros do MPLA após o seu abandono da FNLA⁹. Não foram revelados pormenores dessas conversações, mas Savimbi afirmou, mais tarde: «Tratou-se de um encontro verdadeiramente fraterno. O espírito das conversações foi encorajador¹⁰.»

Savimbi voltou mais uma vez a Lusaca, onde se preparou para importantes evoluções nesta situação. A 15 de Dezembro, reuniu um corpo de homens da imprensa internacional, presentes na capital zambiana, e regressou a Angola. O avião aterrou no Luso, onde Savimbi se havia tornado um herói popular, entre a população da cidade, durante os anos da sua luta na mata. Nessa altura, a polícia e os soldados portugueses permaneciam discretamente na obscuridade, à medida que Savimbi se dirigia, integrado numa caravana de automóveis, para o centro do Luso, com multidões a aplaudi-lo ao longo da estrada e ao som do buzinar dos automobilistas. Penduradas nas janelas, e sobre os carros, viam-se bandeiras da UNITA em vermelho e verde, com um galo preto e um sol nascente. Os festejos prolongaram-se pela noite dentro e, na manhã seguinte, Savimbi voou com os homens da imprensa até ao seu quartel-general, na mata, a 160 quilómetros do Luso, a bordo dos mesmos helicópteros do Exército Português que, até havia bem pouco tempo, nesse mesmo ano, tinham esquadrinhado o arvoredo à procura do líder resistente. Cerca de 6000 pessoas, incluindo 1500 soldados usando armas automáticas, aclamaram Savimbi, que lhes relatou a viagem que fizera para tentar formar um governo de transição.

A 18 de Dezembro, Agostinho Neto viajou de Lusaca até ao Luso para manter conversações com Savimbi. Logo em seguida, depois de ambos terem conversado em separado com Rosa Coutinho, abraçaram-se e assinaram um acordo que os obrigava a formar uma frente comum para negociarem com os Portugueses a formação de um governo de transição. Concordaram também ser necessário incluir a FNLA nessa mesma frente comum. No dia seguinte, Savimbi e Agostinho Neto voltaram juntos a Lusaca, num avião posto às suas ordens pelos militares portugueses, a fim de transmitirem a Kenneth Kaunda os progressos que tinham feito e para se prepararem para outro circuito diplomático, com vista à preparação do caminho rumo à independência¹¹.

No fim de 1974, Savimbi anunciou que os Portugueses tinham acordado iniciar conversações em Portugal, a partir de 10 de Janeiro de 1975, com o MPLA, a FNLA e a UNITA, para assentarem num calendário relativo à independência. «A UNITA, desde há muito ignorada e atacada pelos outros movimentos, surgia agora como um... força comprimitada na recente união nacionalista», escreveu o correspondente do *Guardian* em África. «O Dr. Savimbi, em particular, está empenhado em apagar as animosidades tribais e pessoais que tão profundamente dividiram os movimentos de libertação durante os treze anos de guerra contra os Portugueses¹²»

Choviam elogios sobre Savimbi pelo seu papel pacificador. Peter Kayser, então correspondente da Reuter, na África Central, telegrafou à sua agência: «O Dr. Savimbi tem sido um viajante incansável durante estas últimas semanas, realizando encontros com o Dr. Agostinho Neto e Holden Roberto, com vista a conseguir que os três movimentos se sentem à mesa das negociações e elaborem uma plataforma comum para as conversações com Portugal. Contudo, recusou-se hoje [29 de Dezembro de 1974] ser descrito como mediador — «Um mediador é uma parte desinteressada. Nós [UNITA] estamos interessados. Queremos a independência de Angola¹³.»

Os esforços de Savimbi ainda não tinham terminado. Havia que se chegar a uma reconciliação entre a FNLA e o MPLA. Savimbi sugeriu três locais possíveis onde poderiam encontrar-se para ultrapassar antigas divergências. Holden Roberto escolheu Mombaça, Agostinho Neto concordou e, no começo de 1975, os líderes dos três movimentos de libertação rumaram para o Quênia.

Em Mombaça, com o velho mentor de Savimbi, Presidente Jomo Kenyatta, a dirigir a reunião, Holden Roberto, Agostinho Neto e Jonas Savimbi acordaram numa posição comum nas negociações a realizar com os portugueses. No fim das conversações, de 3 a 5 de Janeiro de 1975, assinaram o acordo trilateral em busca do qual andara Savimbi desde que saíra de Angola, sete semanas antes, para a sua maratona diplomática. Os movimentos reconheceram-se uns aos outros como partidos independentes, com iguais direitos e responsabilidades. Concordaram também que não estavam preparados para assumir, imediatamente, o poder em Angola, e que era necessário um período de transição, no qual Portugal colaboraria, antes de a independência lhes ser dada¹⁴.

Savimbi recordou o que o Presidente Jomo Kenyatta dissera aos três líderes angolanos, em Mombaça: «Na tradição africana, vocês usaram espingardas e combateram contra os Portugueses, mas também se combateram uns aos outros durante muitos anos. Concordámos agora que no futuro trabalharão juntos. Portanto, de acordo com a tradição africana, vamos plantar uma árvore que simbolize a vossa amizade.» Segundo Savimbi, Agostinho Neto argumentou que o acto de plantar uma árvore não teria grande significado, visto que Kenyatta era um reaccionário. «Contudo, Kenyatta obrigou-nos a fazê-lo de qualquer maneira, e plantámos a árvore e ele disse que sempre que voltássemos a Mombaça teríamos de a regar e consolidar para sempre a nossa paz. Mas Agostinho Neto disse: 'Não tenciono voltar a Mombaça', e foi-se embora¹⁵.»

Os nacionalistas dirigiram-se então para o Hotel Penina Golf, no Alvor, na costa portuguesa do Algarve, a fim de discutir com o Governo de Lisboa o calendário para a independência. Savimbi regressava a Portugal pela primeira vez desde que fugira do País, quinze anos antes. A 15 de Janeiro, no decurso das conversações do Alvor, os Portugueses e os três

movimentos de libertação elaboraram e assinaram um acordo que marcava o dia 11 de Novembro de 1975 como data da independência, após a realização de eleições, em Outubro, para eleger a Assembleia Constituinte. Até essa data, o Poder ficaria entregue a um alto-comissário português e a um governo de transição. A FNLA, o MPLA e a UNITA ocupariam três pastas governativas cada um no Governo de Transição e cada um destes ocuparia rotativamente a pasta de primeiro-ministro. Os Portugueses ocupariam três ministérios, assim como o cargo de alto-comissário. O Acordo do Alvor exigiu também a formação de uma força conjunta de defesa angolana, constituída por 8000 combatentes de cada um dos três movimentos, FNLA, MPLA e UNITA, que se associaria, inicialmente, a uma sólida força portuguesa constituída por 24 000 homens. O número de soldados portugueses que excedesse os 24 000 seria evacuado de Angola, a partir de Abril de 1975. Por último as tropas portuguesas destinadas à força de defesa angolana seriam enviadas para Portugal. A sua evacuação teria início a 1 de Outubro de 1975, seis semanas antes do Dia da Independência, e estaria concluído em 29 de Fevereiro de 1976, onze semanas depois daquela data¹⁶.

Os Angolanos estavam eufóricos quando o Governo de Transição tomou posse, em Luanda, a 31 de Janeiro de 1975. O caminho para a independência e para a unidade dentro de um princípio de democracia multipartidária parecia não apresentar escolhos. Campanhas intensivas de mobilização para as eleições tiveram então o seu início.

Mas, mesmo ainda antes de o Acordo do Alvor estar assinado, já movimentações clandestinas eram postas em marcha, de modo a assegurar que a Angola independente nasceria por entre o sangue e o caos.

CAPÍTULO XI

O MERGULHO NA CATÁSTROFE

1974-1975

Em Junho de 1974, dois meses antes de Portugal anunciar a sua intenção de conceder a independência a Angola, começaram a chegar ao Zaire armas e instrutores chineses.

Pequim devia sentir-se seguro de que havia escolhido o vencedor. Quando o último dos seus 120 instrutores chegou, em Agosto, acompanhado de 450 toneladas de armamento — incluindo espingardas AK-47, granadas propulsionadas por bombas-foguete e morteiros¹ — o MPLA encontrava-se no meio de uma luta acesa, com três candidatos à sua própria liderança, e militarmente impotente. Em Agosto, o Presidente romeno pró-Pequim, Nicolae Ceausescu, enviou armas para a FNLA, reforçando assim o esforço chinês².

O auxílio da China constituiu uma das mais bizarras consequências da disputa sino-soviética. Moscovo sempre apoiara o MPLA, de modo que Pequim fazia agora convergir o seu apoio para a FNLA, apesar do anti-comunismo que Holden Roberto declarava com ar convicto. A iniciativa tendente ao envolvimento da China partira do Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia. Momentaneamente desiludido com a luta interna e assassina do MPLA e com o malogro do seu esforço de guerra — que tornara possível aos Portugueses desviarem tropas de Angola para combaterem em Moçambique —, pediu a Pequim para auxiliar a FNLA³.

Porém, com a promessa da independência e com os Chineses a «recuperar» a FNLA, teria sido muito pedir à União Soviética para se manter afastada da luta em Angola. Moscovo recomeçou a ajudar, com armas, o seu cliente de longa data, o MPLA, a partir de fins de Agosto, na altura exacta

em que o combate com os Portugueses terminara e se faziam preparativos para a criação de uma Angola independente e soberana. Uma estimativa, que é aceite na generalidade, refere que cerca de seis milhões de dólares em armamento soviético foram oferecidos ao MPLA nos últimos quatro meses de 1974⁴. Os primeiros carregamentos foram embarcados através de Dar-es-Salaam e, mais tarde, do Congo-Brazzaville⁵, de onde as armas eram transportadas para zonas remotas do Norte de Angola, em barcos pequenos e aviões ligeiros.

Agostinho Neto, aparecendo como líder do «verdadeiro» MPLA, não perdeu tempo a inserir o seu movimento na corrida para o prémio da independência. Tendo recuperado o apoio soviético e assinado o cessar-fogo com os Portugueses, Agostinho Neto abriu, em princípios de Novembro, uma delegação do MPLA em Luanda, centro tradicional de apoio do partido, precisamente um mês depois de a FNLA se ter mudado para a capital. Neto tinha aí um verdadeiro aliado na pessoa do alto-comissário português, nomeado após a Revolução de Abril, vice-almirante Rosa Coutinho, conhecido como o «Almirante Vermelho», em consequência das suas manifestas simpatias esquerdistas pelas «ideias progressistas de Agostinho Neto», e que fez «vista grossa» à entrega das armas soviéticas⁶.

O correspondente do *Observer*, em Luanda, escreveu: «Os oficiais portugueses aqui estacionados reconhecem que o MPLA, uma vez considerado como sendo de longe o mais importante dos movimentos de libertação, não está tão bem apoiado como pensavam. O almirante Rosa Coutinho e a maioria dos oficiais aqui presentes parecem estar ainda a apoiar o MPLA, e este facto levou a que se levantassem suspeitas, por parte dos outros dois movimentos e da maioria dos brancos de Angola, de que a Administração planeia apoiar o MPLA⁷.»

Pressagiando acontecimentos sinistros, houve alguns recontros em Novembro entre os apoiantes da FNLA e do MPLA em Luanda, augurando assassínios futuros. Contudo, apesar destes recontros, a maioria da população escondia ainda, provavelmente, as suas simpatias, como ficou evidenciado por um africano que foi visto num comício ostentando uma capa adornada com os emblemas dos três movimentos de libertação⁸.

Em Dezembro de 1974, enquanto Agostinho Neto e Jonas Savimbi se abraçavam, depois de terem assinado um acordo entre ambos, um amplo contingente de oficiais do MPLA foi enviado para a União Soviética para intensivo treino militar⁹. Segundo William Schaufele, o então subsecretário de Estado do Governo dos Estados Unidos, responsável pelos Assuntos Africanos, os embarques de armas soviéticas «continuaram durante todo o mês de Janeiro de 1975, enquanto se realizavam conversações visando a independência entre os Portugueses e os três movimentos de libertação, que culminaram com a assinatura do Acordo do Alvor». Estas acções soviéticas, disse ele, destruíram efectivamente os acordos alcançados em Alvor. E observou que, antes de os Soviéticos voltarem a fornecer armas

ao MPLA, os Estados Unidos haviam rejeitado os pedidos de apoio militar feitos pela FNLA¹⁰.

Schaufele não estava a ser rigorosamente exacto. Muito antes de Julho de 1974, a CIA havia começado a dar dinheiro à FNLA, sem conhecimento do grupo que trabalhava — conhecido como «Comité dos 40» — no Conselho de Segurança Nacional, perante quem a CIA não tinha de responder. Tinha começado também, em Washington, uma tentativa de mobilização política para apoiar a FNLA. Os donativos em dinheiro foram pequenos no início, «mas suficientes para se espalhar a notícia de que a CIA estava envolvida no assunto. Em Agosto, o Partido Comunista da União Soviética anunciou que considerava o MPLA como o verdadeiro porta-voz do povo angolano»¹¹.

Quando, ainda mal tinha secado a tinta do Acordo do Alvor, o próprio «Comité dos 40» autorizou uma doação governamental de 300 000 dólares à FNLA — enquanto, simultaneamente, rejeitava a proposta de auxílio de 100 000 dólares à UNITA, o movimento mais frequentemente citado como empenhado na realização de eleições para solucionar o problema da independência —, o Governo dos Estados Unidos juntou-se aos Chineses e Soviéticos para ajudar à destruição da democracia em Angola¹².

* * *

A cerimónia da tomada de posse do Governo de Transição, em 31 de Janeiro de 1975, foi um ponto alto a culminar os esforços de Portugal no sentido de conduzir a sua colónia no caminho para a independência e democracia. Daí em diante Angola entrou em declínio. O Governo partiu para um mau começo, porque nem Jonas Savimbi nem Agostinho Neto ou Holden Roberto optaram por integrá-lo, preferindo concentrar-se em reunir apoios e aumentar as suas forças antes das eleições.

Jonas Savimbi e Agostinho Neto partilhavam também um problema comum. A cláusula do Acordo do Alvor que exigia que cada um dos movimentos contribuísse com 8000 homens para integrar as Forças Armadas Angolanas deixou-os embaraçados perante a sua própria propaganda anterior, porque nenhum deles dispunha de tal número de guerrilheiros armados e treinados nos seus exércitos. Apenas a FNLA podia responder, embora os seus homens estivessem manifestamente mal disciplinados. Savimbi recorda que na época do Acordo do Alvor apenas dispunha de 1500 guerrilheiros treinados. «Tínhamos muita gente que veio inflacionar o nosso exército sem treino. Fornecemos-lhes armas quando as tínhamos, mas não eram verdadeiros soldados¹³.»

Para ultrapassar esta falha, Savimbi procurou ajuda noutra lado. Um homem que veio salvá-lo foi o Presidente Julius Nyerere. Aceitou 120 soldados da UNITA para um curso de treino para oficiais, com a duração de nove meses, na Tanzânia. Julius Nyerere deu também a Savimbi «100 velhas carabinas chinesas, algumas minas e uma considerável soma em

dinheiro»¹⁴. Um fornecimento maior, em armas e em dinheiro, veio do Presidente Ngouabi, do Congo-Brazzaville — uma fonte surpreendente, se tivermos em consideração que canalizava as armas provenientes da União Soviética para o MPLA. Contudo, Ngouabi executava uma manobra complexa. Dava também apoio à FLEC (Frente Nacional para a Libertação do Enclave de Cabinda) na sua tentativa para uma tomada separatista do poder deste enclave, rico em petróleo. Quando Agostinho Neto protestou, Ngouabi afirmou que o Congo-Brazzaville rejeitava o direito reclamado pelo MPLA de se impor pela força em Cabinda. «O MPLA protestou, devido aos apoios que Ngouabi estava a dar-nos», disse Savimbi. «Contudo, disse-lhes que éramos progressistas e que era uma infelicidade que eles não conseguissem entender-se com a UNITA»¹⁵.

Ao mesmo tempo que Julius Nyerere aceitava os oficiais da UNITA para treino, os Chineses comunicaram a Savimbi que iriam enviar-lhe 70 toneladas de armamento, que seria entregue através de Dar-es-Salaam.

* * *

A contribuição da CIA, no valor de 300 000 dólares, a favor da FNLA, teve dois efeitos imediatos. O primeiro foi que Holden Roberto ficou mais confiante e o segundo foi que, através das suas embaixadas em Luanda e Kinshasa, os serviços secretos soviéticos ficaram a par do comprometimento americano¹⁶.

A FNLA comprou o principal jornal diário de Luanda, A Província de Angola, e uma das estações de televisão da capital. Em seguida, Holden Roberto começou a movimentar mais tropas do Zaire para zonas do Norte de Angola que a FNLA ocupara já no mês de Setembro anterior. A 23 de Março de 1975, soldados da FNLA atacaram delegações do MPLA em Luanda, e três dias depois atacaram um campo de treino do MPLA em Caxito, a nordeste de Luanda, matando mais de 50 recrutas. No dia 30 de Março, chegaram a Luanda mais 500 soldados da FNLA, e os combates rebentaram com violência durante dias nos *muceques* de Luanda¹⁷.

Contudo, a agressão não foi unilateral. Daniel Chipenda colocou oficiais em Luanda, reclamando ainda serem eles o «verdadeiro» MPLA. A 13 de Fevereiro de 1975, foram atacados pelos apoiantes de Agostinho Neto. Quinze partidários de Chipenda foram mortos. Chipenda fugiu de Luanda e juntou-se à FNLA, levando consigo cerca de 3000 soldados¹⁸. Desordens periódicas, acompanhadas de assassínios sangrentos como represália, entre o MPLA e a FNLA transformaram Luanda num lugar aterrorizador daí em diante. Um jornalista ocidental calculou que, a partir de Junho de 1975, mais de 5000 pessoas foram mortas, muitas outras ficaram feridas e outras ainda foram desalojadas¹⁹.

A FNLA imprimiu à onda de violência um outro ritmo. A União Soviética aumentou-lhe poderosamente a cadência. O fluxo de armas soviéticas começou, aumentando em paralelo com os combates. As armas iam

para Brazzaville e eram, em seguida, transportadas para a costa, a fim de serem enviadas mais para o sul, em pequenos barcos, até Angola. Em Abril, aviões transportaram as armas directamente para Angola. Finalmente, começaram a chegar em barcos gregos, jugoslavos e soviéticos. Em Maio de 1975, o MPLA tinha morteiros e carros blindados em grande número.

O general António da Silva Cardoso, que assumiu o poder em Janeiro de 1975, das mãos do almirante Rosa Coutinho, ocupando o cargo de alto-comissário de Angola, após a assinatura do Acordo do Alvor, tentou deter o fluxo de armas soviéticas. Em Abril, ordenou às forças militares portuguesas que apresassem uma aeronave *Bristol Britannia* que chegara ao Luso, transportando 32 toneladas de armas destinadas ao MPLA²⁰, declaradas como se de medicamentos se tratasse. No decurso do mesmo mês, o cargueiro jugoslavo *Postoyna*, que transportava armas para o MPLA, foi mandado embora de Luanda pelo general Silva Cardoso. Rumou então em direcção ao norte para o porto de Ponta Negra, no Congo-Brazzaville. Descarregou, e o armamento foi enviado para Angola, em pequenos barcos²¹. Em Maio, o general Silva Cardoso afirmou a Savimbi que pretendia atacar o acampamento Massangano, do MPLA, perto de Luanda, porque instrutores militares cubanos encontravam-se ali a dar treino. «Disse-nos que tencionava bombardear esse forte, e nós concordámos e dissemos-lhe que fosse em frente.» Contudo, havia militares pró-soviéticos no Conselho Militar. Avisaram o general Silva Cardoso que, se o fizesse, eles telegrafariam para Lisboa e ele seria exonerado. No dia seguinte, fomos encontra-lo desmoralizado. Ele nada podia fazer, embora quisesse. Portugal estava dividido, e a sua vontade e a dos seus soldados em Angola tinha-se virtualmente desmoronado²².

Outros líderes africanos começaram a ficar alarmados com a escalada de entrega de armamentos e a onda de violência entre a FNLA e o MPLA. Entre eles, incluía-se Kenneth Kaunda, cujo país tem fronteira com Angola na extensão de 1300 quilómetros. A 19 e 20 de Abril, o Presidente zambiano visitou Washington e foi recebido pelo Presidente Gerald Ford. Ao mesmo tempo que a atenção pública se dirigia para um discurso proferido por Kenneth Kaunda, na Casa Branca, criticando a política americana em relação à África do Sul, Namíbia e Rodésia, este informava, em particular, Gerald Ford e Henry Kissinger das intenções soviéticas no que dizia respeito a Angola e encorajava-os a reagir eficazmente, prestando auxílio à UNITA e à FNLA²³.

Preocupada com o colapso iminente do Governo do Vietname do Sul, a administração Ford perdeu um tempo precioso. Não via a necessidade urgente de um esforço diplomático que salvasse a possibilidade passageira da realização de eleições, que, mais do que uma guerra, poderia determinar quem iria governar Angola. Não fez qualquer tentativa para influenciar, através da OUA, ou das Nações Unidas, ou até mesmo bilateralmente

com a União Soviética, o termo da corrida às armas²⁴. Na verdade, muito pelo contrário, viria a contribuir para a aceleração dessa corrida.

* * *

À medida que aumentavam a corrida às armas e o morticínio, prosseguiam também as actividades políticas. Agostinho Neto regressou à capital (Luanda) a 4 de Fevereiro de 1975, o 14.º aniversário do levantamento popular de 1961. Foi aplaudido por enormes multidões, do que era o feudo do MPLA, quando se dirigia em caravana militar, acompanhado por representantes de Cuba e da União Soviética, para um comício que iria ter lugar no Estádio de São Paulo.

Savimbi programou a sua primeira visita a Luanda para o dia 25 de Abril, aniversário da revolução portuguesa. «Tínhamos sido bem recebidos em cidades como o Luso e Nova Lisboa, mas aí já contávamos com isso. Estávamos um pouco receosos pela forma como iríamos ser recebidos em Luanda. Talvez porque fosse um baluarte do MPLA, esta cidade constituía um teste para nós, e era muito importante que tudo fosse um êxito. A propaganda feita antecipadamente revelava-nos que seríamos bem recebidos apenas pela população branca [que cada vez mais via, na moderação de Savimbi, a sua melhor esperança para uma Angola tranquila, na qual também teriam o seu lugar]. Isso não teria sido bom. Não me sentia envergonhado por ter o apoio da população branca: queria-o, mas queria também o apoio dos Africanos²⁵.»

Todavia, a tragédia abateu-se sobre Savimbi. O seu filho mais velho, Ngongoyavo, caiu gravemente doente, com febres, num dos acampamentos da UNITA. Savimbi mandou o filho para o Hospital da Missão da Chissamba, perto de Silva Porto, com Vinona. Fora na Chissamba que o pai de Savimbi, Loth, morrera em 1972. A pessoa que cuidara de Loth, nas suas horas derradeiras, era um médico missionário canadiano, o Dr. Betty Brigdman. Também agora o Dr. Brigdman viu morrer Ngongoyavo, na noite do dia 24 de Abril²⁶.

Savimbi confrontou-se com uma das mais difíceis decisões da sua vida — ou prosseguir com a entrada em Luanda, ou ir para a Chissamba enterrar o filho. «Ngongoyavo era um verdadeiro amigo. Muitas vezes, no mato, com todas as dificuldades, costumava brincar com ele. Algumas vezes, quando N'Zau Puna e eu estávamos deprimidos, ele compreendia-o e dizia: 'Vocês estão preocupados, vamos brincar.' A notícia de que ele morrera era mais terrível para mim do que posso dizer-vos, porque estava a reunir todas as minhas forças para ir a Luanda. Fiquei em estado de choque e lutei durante duas horas antes de tomar uma decisão. Depois, decidia que não ia enterrar o meu filho. Tinha de obter uma disposição tal que, quando me dirigisse ao povo, o meu semblante não demonstrasse um sofrimento profundo. Portanto, foi um dia extremamente difícil, mas fui²⁷.»

Antes de se pôr a caminho, Savimbi escreveu ao Dr. Brigdman: «O meu coração está ferido esta noite. O meu filho, apesar de tão jovem ainda, tornou-se um companheiro para mim, no mato. Sentirei muito a falta dele. Agora já assististe à partida desta vida de ambos: meu pai e meu filho. Agradeço, reconhecido, tudo o que fizeste por eles[...] Eu tenho de prosseguir. O povo espera-me em Luanda, e não posso desiludi-lo. Dediquei a minha vida à libertação do meu povo e não posso permitir que uma dor pessoal se interponha entre mim e o meu povo²⁸.»

Para além de ir tentar obter apoio para a UNITA, Savimbi queria apresentar-se em Luanda como pacificador e imprimir ao Governo de Transição alguma dinâmica, já que este poucos progressos fazia, passando a maior parte do tempo em «grandes discussões por pequenas matérias»²⁹. Na manhã do dia 25 de Abril, ele viajou para Luanda. Na mesma manhã, Ngongoyavo era sepultado, num caixão envolto numa bandeira da UNITA, junto ao avô, na sua aldeia ancestral.

Em Luanda, Savimbi teve uma recepção entusiástica, numa cidade que era considerada, pelos líderes do MPLA, como seu reduto exclusivo. Uma enorme multidão saudou-o no aeroporto. Alguns meses mais tarde, após o MPLA ter assumido completamente o poder, Betty Brigdman foi preso, em Luanda, juntamente com outros missionários. Recorda-se que alguns apoiantes do MPLA estavam entre os seus companheiros de cela, presos de delito comum, e que estes falavam sobre a visita de Savimbi à capital: «Falaram-nos de grandes multidões de populares que foram vê-lo, ouvi-lo e aplaudi-lo. E de todas as vezes que falavam nisso afirmavam que se tivesse havido eleições não restavam dúvidas de que Savimbi teria sido escolhido como Presidente de Angola, até mesmo pela população de Luanda. Discordavam em muitas coisas, mas todos concordavam com a popularidade de Savimbi³⁰.»

A tragédia continuou a abater-se sobre Savimbi, em Luanda. Na noite do dia 28 de Abril, rebentou um violento tiroteio na cidade entre a FNLA e o MPLA. Prolongou-se por três dias, matando mais de 700 pessoas e ferindo mais de 1000. O conflito armado estendeu-se às cidades do Leste e Norte de Angola. Houve um êxodo significativo de angolanos, dos *muçeques* para as suas aldeias, no mato, e os consulados estrangeiros começaram a evacuar as mulheres e crianças, pois crescia o receio de uma generalização da guerra civil³¹.

O alto-comissário, general Silva Cardoso, Agostinho Neto, Jonas Savimbi e o número dois da FNLA, Johnny Eduardo, deram juntos uma volta pelos *muçeques*, à medida que a intensidade dos combates diminuía. Os jornalistas perguntaram ao general Silva Cardoso como tinham reagido os outros: «Savimbi ficou muito chocado. Ele sente pelo povo[...] Contudo, Agostinho Neto ficou indiferente. Depois desta volta pelos *muçeques*, Savimbi voltou-se para o líder do MPLA e para o representante da FNLA e disse-lhes: 'Vocês não têm lugar em Angola'³².»

Um correspondente de uma das agências noticiosas descreveu a paz inquietante, nos *muceques*, após os combates: «Nos diferentes bairros, homens armados da FNLA e do MPLA exibiam-se todas as noites em frente às suas delegações, e as suas bandeiras esvoaçavam orgulhosamente por cima dos restos dos seus pontos fortes. Estão a ser feitas tentativas no sentido de controlar o número de homens armados nos *muceques*. Cada movimento é autorizado a ocupar quinze edifícios, não podendo estacionar mais de quinze homens armados por edifício. O restante das tropas do MPLA e da FNLA têm de permanecer nas casernas[...] As primeiras tentativas para formar um verdadeiro exército nacional estão a ser feitas. Quando saí em patrulha com um grupo misto, verifiquei que as tropas da FNLA e do MPLA nunca estão misturadas numa só patrulha, embora os soldados da UNITA estejam misturados com tropas dos outros dois movimentos. O capitão português que estava de serviço disse-me: 'Se formos investigar qualquer problema na zona do MPLA, podemos mandar soldados do MPLA e da UNITA. Se for numa zona que apoia a FNLA, apenas podemos mandar homens da FNLA e da UNITA. Não podemos mandar homens do MPLA para o terreno da FNLA'³³.»

Savimbi ficou desanimado ao descobrir que o Governo de Transição fizera muito poucos progressos, no sentido de se prepararem as eleições antes da independência. Uma constituição provisória, que, segundo o Acordo do Alvor, deveria estar concluída a 31 de Março, não estava sequer esboçada. A lei eleitoral, que era suposto estar pronta em Abril, todavia ainda não se tinha começado a trabalhar nela. O recenseamento eleitoral estava ainda muito atrasado em relação à data para que fora previsto³⁴.

Savimbi afirmou não existirem perspectivas de uma verdadeira esperança para Angola, a não ser que ela surgisse das eleições. «Precisamos de uma bandeira, de um hino nacional, de um exército», afirmou ele num discurso. «Como podem os Portugueses dar-nos a independência com três bandeiras, três hinos nacionais e três exércitos? Os movimentos de libertação que integram o governo estão ainda a funcionar como grupos independentes. Todos nós temos de fazer concessões, de modo a tornarmos a independência possível e a sociedade viável³⁵.»

Antes de deixar Luanda, Savimbi, tendo observado toda a extensão da ajuda que a China estava a prestar à FNLA, a convite de Julius Nyerere, alertou contra o facto de poder fazer-se de Angola uma arena onde as superpotências se confrontassem. Recordou um velho ditado de Jomo Kenyatta: «Quando dois elefantes lutam, é o capim que fica esmagado³⁶.»

Regressou a Nova Lisboa, e imediatamente se dirigiu a Chissamba, para prestar uma última homenagem ao seu filho ali enterrado. Recomendou, em seguida, a tarefa de tentar fazer voltar Angola ao caminho de uma transição pacífica para a independência, pela via das eleições. Apelou para a realização de uma cimeira que reunisse os líderes dos três movimentos de libertação, «antes que fosse tarde de mais»³⁷.

Todavia, apesar da diplomacia de Savimbi, os combates entre o MPLA e a FNLA intensificaram-se. O armamento soviético continuava a chegar com destino ao MPLA, que recrutou uma força mercenária constituída por 3500 *gendarmes* catangueses que tinham combatido ao lado do líder congolês anti-soviético Moisés Tshombé, durante a sua tentativa separatista, na década de 60. Apenas há alguns meses atrás os catangueses tinham combatido ao lado das forças portuguesas contra o MPLA e a UNITA.

O recrutamento destes catangueses enfureceu o patrão da FNLA, o Presidente Mobutu Sese Seko, e, em meados de Maio, 1200 soldados zai-rensens transpuseram a fronteira de Angola com carros blindados *Panhard* de origem francesa, para combater ao lado da FNLA. Dezenas de milhares de civis portugueses começaram a abandonar o país, à medida que se desencadeava a guerra civil em Angola.

* * *

Savimbi planeava voltar a reunir as partes interessadas numa conferência conciliatória fora de Angola, sob os auspícios de um líder respeitado, para reafirmar o acordo feito no Alvor. «A UNITA manteve as suas tropas quase completamente afastadas da violência», escreveu Jane Bergerol, a especialista dos assuntos de Angola no *Financial Times*. «O Dr. Savimbi é considerado, cada vez mais, como o mediador que pode reconciliar os três movimentos[...] A sua reivindicação de se notabilizar como o único líder a ter passado todo o tempo da guerra no interior de Angola foi alcançada pela sua popularidade imediata no decurso de comícios. Impressionou também os líderes africanos, por ser um homem de compromisso, liderando um partido de paz³⁸.» Até o Comité de Solidariedade com Angola (Angola Solidarity Committee), decididamente pró-MPLA, concordou que a UNITA se mantivera fora dos combates.

Ao rebentar nova onda de violência, o Hospital de São Paulo, na capital, foi abandonado depois de ter sido atingido por fogo de morteiros. Depois disso, a própria UNITA se tornou uma vítima da violência. A 4 de Junho, tropas do MPLA em Luanda mataram um grande grupo de jovens recrutas da UNITA, no que ficou conhecido, na tradição da UNITA, como o massacre do Pica-Pau. A estimativa do número de mortos rondava os 50, segundo relatos independentes, e 260, segundo Savimbi. Os corpos foram mutilados pelo MPLA em actos de «puro barbarismo», dizia um comunicado das Forças Armadas, cujos soldados ajudaram a recolher os corpos³⁹.

Os jovens tinham-se reunido na «delegação de paz», da UNITA, no bairro Pica-Pau, de onde viajariam para o Centro de Angola, como recrutas, a fim de serem treinados com vista a constituírem a contribuição da UNITA para a formação do exército nacional. Houve especulações segundo as quais radicais negros fiéis a Nito Alves, um dos mais violentos líderes do MPLA, prepararam independentemente o ataque, numa tentativa de

provocação a Savimbi⁴⁰. Savimbi recusou a intimidação e não ordenou retaliações, embora muitos dos seus partidários exigissem represálias. Contudo, o massacre do Pica-Pau destruiu qualquer esperança imediata que o MPLA tivesse de persuadir a UNITA a juntar-se-lhe e formar uma aliança conta a FNLA. Lúcio Lara estivera em Brazzaville, em missão especial, durante o mês de Maio, para se avistar com o Presidente Ngouabi: tanto Lúcio Lara como Ngouabi pediram ao primeiro-ministro do Senegal, Abdou Diouf, para persuadir a UNITA a juntar-se ao MPLA, afirmando que o movimento de Savimbi não tinha futuro se tentasse agir por conta própria.

«Nos contactos connosco, o MPLA disse-nos que éramos boa gente, e não reaccionários como a FNLA», afirmou Savimbi. A UNITA recusou o convite, porque acreditava que o MPLA apenas procurava ajuda para eliminar o que considerava constituir maior perigo — a FNLA. «Depois de conseguir isso, livrar-se-ia de nós. Toda a gente lutava pelo poder. A FNLA estava também a pensar utilizar a UNITA para destruir o MPLA, e depois disso livrar-se-ia da UNITA porque esta não era militarmente forte.

«Todavia, depois de o MPLA ter cercado os nossos jovens recrutados no Pica-Pau e massacrado 260 deles, cortando-os aos bocados, os nossos membros pediram-nos, com insistência, que atacássemos o MPLA. Defendiam a ideia de que devíamos juntar-nos à FNLA e esmagar o MPLA de uma vez por todas. Contudo, na liderança do partido sabíamos que a FNLA, apesar do número dos seus soldados, era um movimento com que se não podia contar. Politicamente eram fracos e estavam muito mal organizados. Dissemos que não podíamos formar uma aliança com eles, porque eles iam perder. Alguns dos nossos acusaram-nos de estarmos a ser covardes por recusar um confronto directo com o MPLA. Todavia, depois do massacre, aqueles que argumentavam que o MPLA tinha algo a oferecer-nos disseram que não mais seria possível pensar na formação de uma frente comum com eles⁴¹.»

A 6 de Junho — dois dias depois do massacre do Pica-Pau —, Savimbi voou para a Zâmbia com o objectivo de discutir com Kenneth Kaunda os planos para uma reunião entre os líderes angolanos. Savimbi estava com uma disposição compreensivelmente pessimista. Disse aos repórteres, em Lusaca, que parecia pouco provável que as prometidas eleições viessem a realizar-se antes do Dia da Independência. Tinham morrido milhares de pessoas durante os combates entre o MPLA e a FNLA. «A situação em Angola é muito difícil. A população não consegue compreender por que razão tem de continuar a morrer, quando a nossa independência está tão próxima.» Consequentemente, era essencial, afirmou ele, restabelecer a possibilidade de uma transição pacífica para a independência⁴².

Nakuru, situado no vale do Grande Abismo (Great Rift Valley), no Quênia, foi o local escolhido para se realizar a reunião de reconciliação. Estava previsto que se efectuasse a partir do dia 16 de Junho de 1975,

sob a presidência do Presidente Jomo Kenyatta. Antes de partirem, Savimbi e os seus colegas mais antigos admitiram para si próprios que o caos reinava em Angola, o que significava que não poderiam esperar assumir o poder logo a seguir às eleições. Portanto, modificaram as suas propostas: «Afirmámos ser absolutamente óbvio que qualquer eleição organizada em Angola seria ganha pela UNITA. Contudo, este facto representava um problema tanto para a FNLA como para o MPLA. Em face disso, afirmámos que queríamos planejar um compromisso. Digamos que, durante cinco anos, a partir de 1975, concordaríamos com um governo de coligação, de forma a que todas as animosidades pudessem atenuar-se e, em seguida — só depois desses cinco anos —, organizaríamos eleições de modo a saber-se quem governará o país, com o apoio da população⁴³.»

Após cinco dias de conversações em Nakuru, os líderes angolanos assinaram um novo acordo, renunciando à violência e reafirmando a sua adesão ao Acordo do Alvor, ao Governo de Transição e à formação de um exército unificado. Contudo, a proposta de Savimbi, segundo a qual devia existir uma coligação por um período de cinco anos, antes da realização do primeiro acto eleitoral, não obteve apoio. «Ninguém queria admitir que não detinha a maioria, portanto, tiveram de dizer que queriam eleições. Todavia, sabíamos que a partir de Nakuru, e daí em diante, ninguém queria eleições. Nem a FNLA nem o MPLA podiam competir conosco nas urnas eleitorais.»

O Acordo de Nakuru dizia: «A realização de eleições em Angola é a forma mais conveniente de garantir uma transferência pacífica de poderes, no momento da independência.» Foi elaborado um novo calendário para assegurar que as eleições precederiam a independência, agora a menos de cinco meses. A cláusula n.º 7 deste Acordo, contendo 7000 palavras, acordava no sentido de as eleições se realizarem em Outubro, e que a Assembleia Constituinte devia reunir-se no início do mês seguinte, antes do 11 de Novembro, Dia da Independência.

O Acordo foi assinado sob o olhar paternal do Presidente Jomo Kenyatta, e houve muitos sorrisos e abraços perante o operador de câmara internacional. As cláusulas n.ºs 1 e 3 apelavam para o fim dos combates entre os Angolanos, todavia tiveram pouco impacte. Nas primeiras semanas depois de Nakuru, o Governo de Transição elaborou um esboço da Constituição e formou-se a primeira companhia de 120 homens do Exército Nacional Angolano, mas a 9 de Julho rebentaram os mais violentos confrontos entre a FNLA e o MPLA, e o MPLA expulsou a FNLA de Luanda, após três semanas de morticínios. O consulado britânico encerrou em Julho, e foi enviado um avião da RAF (Royal Air Force) para evacuar os cidadãos ingleses. No meio de toda esta carnificina houve alguns intervalos bizarros de normalidade. Aos fins de semana, a população observava os tiroteios do fundo da ilha de Luanda, enquanto tomava banho

na praia e pescava. A imprensa local ficou extraordinariamente excitada com uma carta que havia sido posta no correio, em Portugal, no dia 25 de Setembro de 1961, e tinha finalmente sido entregue... na morada errada⁴⁴.

Quando rebentaram novos conflitos armados, Savimbi decidiu retirar a sua gente da capital, acreditando que a lógica do MPLA, ao pegar de novo em armas, seria a de voltar-se violentamente, de novo, contra a UNITA.

Em consequência disso, com a expulsão de Luanda da FNLA e a decisão da UNITA de se retirar, caiu o Governo de Transição. Savimbi afirmou não estar surpreendido com o fracasso do Governo. «A população estava inclinada a pensar que a UNITA era ingénua ao ponto de acreditar que se iriam efectuar de facto as eleições», afirmou ele. «Não era assim. Sabíamos que o que estava em jogo era tão importante que ninguém estava preparado para perder a batalha. A nossa filosofia fora sempre a de que, se falhássemos, pelo menos tínhamos tentado. Contudo, ao fim de oito anos de luta armada dentro de Angola, enfrentando tantas dificuldades, estávamos consternados com o fracasso⁴⁵.»

Cerca de 10 000 adeptos da UNITA preparavam-se para abandonar Luanda, em direcção às cidades do Centro de Angola, onde estava concentrada a força da UNITA. Pensavam viajar numa coluna de 180 camiões. Savimbi conseguiu obter, da parte do alto-comissário português e do MPLA, garantias escritas de salvo-conduto para esta coluna⁴⁶. O seu primeiro pensamento foi de que os oficiais superiores da UNITA deviam acompanhar a coluna para manter a moral, mas ficou desconfiado das garantias que lhe tinham sido dadas e, pensando melhor, ordenou aos líderes que viajassem de barco ou de avião.

A coluna de camiões avançava lentamente. No dia 12 de Julho, chegou ao Dondo, uma cidade perto da importante ponte sobre o rio Cuanza, 200 quilómetros a sudoeste de Luanda. A ponte estava controlada por tropas do MPLA. Segundo Savimbi, o MPLA carimbou os salvo-condutos e a atmosfera desanuviou-se. Foi pedido às pessoas que seguiam à frente do comboio que esperassem mais uns minutos enquanto se completavam outras formalidades. Fora preparada uma emboscada e, de repente, a coluna foi atacada com fogo de bazucas e espingardas automáticas. «Foi mais um massacre. Apenas doze pessoas conseguiram chegar até nós, em Nova Lisboa, para contar a história. Afirmaram ter presenciado uma cena dramática. Tinham fugido em direcção ao leste, a partir do Dondo, na margem norte do rio, até atingirem um ponto onde conseguiram atravessar⁴⁷.»

Era impossível dizer quantos morreram no Dondo. A maioria dos sobreviventes dirigiram-se directamente para as suas aldeias e vilas no Centro e Sul. Este facto veio aumentar a pressão que estava a ser exercida sobre Savimbi para que declarasse a guerra. «A população dizia que, depois

dos massacres do Pica-Pau e do Dondo, era impossível dizer que o MPLA não estava em guerra connosco. Disse-lhes para aguardarmos. Precisávamos de manter a calma porque eu estava ainda em consultas com os meus amigos de entre os chefes de Estado africanos. Estávamos também ainda à espera de armas da China e da Roménia. Não seria bom empenharmos-nos numa luta contra o MPLA, a não ser que fôssemos suficientemente fortes para os combater e mantê-los fora das nossas áreas. Contudo, depois dos acontecimentos do Dondo, a população exigia, a toda a hora, que entrássemos na guerra⁴⁸.»

Noutros locais, a FNLA eliminou todo o remanescente das representações do MPLA, nos distritos nortenhos do Uíge e do Zaire. A FNLA acusou os Portugueses de apoiarem o MPLA e lançou um ataque a Luanda, avisando as tropas de Lisboa que não interferissem. A 24 de Julho, as tropas da FNLA, comandadas por um antigo oficial superior português dos comandos, o tenente-coronel Gilberto Santos e Castro, capturaram Caxito, a cerca de 50 quilómetros da capital. Nito Alves, do MPLA, declarou: «Somos inimigos 100 por cento e nunca conseguiremos chegar a um acordo. A nossa luta deve continuar até que a FNLA seja derrotada como o foram os imperialistas americanos no Vietname⁴⁹.»

O MPLA consolidou a sua posição na região kimbundu. A 24 de Julho e a 1 de Agosto, grupos separatistas rivais declararam a independência de Cabinda, mas o MPLA assumiu o controlo, apesar dos protestos do Presidente Ngouabi, do Congo-Brazzaville.

A OUA, durante uma ridícula e caótica cimeira de chefes de Estado, em Kampala, nos fins de Julho, presidida pelo desacreditado Idi Amin, deplorou a luta angolana e pediu aos Portugueses que assumissem devida e imparcialmente as suas responsabilidades em relação ao futuro desta colónia. A OUA enviou a Angola uma comissão composta de dez membros, encarregada de estudar os factos, no período de 10 a 20 de Outubro de 1975. Esta apresentou um relatório duas semanas depois, afirmando que o apoio do público era muito maior em relação à UNITA do que ao MPLA ou à FNLA. A equipa da OUA apelou novamente para um cessar-fogo, o termo das entregas de armas estrangeiras, a cessação da interferência externa e o estabelecimento de um governo de unidade nacional. O MPLA, cuja confiança militar aumentava, rejeitou estas ideias e também uma proposta de criação de uma força pacificadora sob a égide da OUA⁵⁰.

As tropas do MPLA, da UNITA e da FNLA viviam muito dificilmente lado a lado, no Centro, enquanto no Norte se assistia a uma escalada de violência. Contudo, quando a FNLA foi expulsa do Luso, Samuel Chivale, que se encontrava estacionado no Luso, pediu autorização para se juntar à FNLA, com o objectivo de esmagar a guarnição do MPLA que se encontrava naquela pequena cidade ferroviária. Savimbi recusou tal permissão, mas, a 30 de Julho, o MPLA virou-se contra a UNITA e matou 30 dos seus soldados estacionados no Lucusse, precisamente a sudoeste

do Luso. Chiwale ordenou a evacuação da UNITA desta cidade. «A partir de então, as pessoas disseram que era o fim»⁵¹, recorda Savimbi. Viajou para Lusaca, a fim de se encontrar com Kenneth Kaunda. A 3 de Agosto, antes de deixar a Zâmbia, falou aos jornalistas na «grave e trágica» situação do seu país e apelou para a intervenção da OUA, tentando estabelecer a paz⁵².

* * *

No dia 4 de Agosto, a UNITA entrou na guerra.

Depois de ter regressado de Lusaca, Savimbi passou a primeira parte do dia em Silva Porto, a trabalhar em documentos. O seu jacto particular, cedido por um amigo íntimo de Kenneth Kaunda, Tiny Rowland, administrador da companhia de comércio britânica Lonrho, esperava por ele, na pista do aeroporto de Silva Porto. Savimbi planeara partir de novo para Lusaca, para mais um encontro com Kenneth Kaunda, às 10 horas da manhã. Por volta das 13 horas estava ainda a trabalhar. Tinha a segurança montada à volta do avião e, às 12 horas e 30 minutos, uma divisão militar viera dizer-lhe que o MPLA tinha preparado uma emboscada por detrás do mato, de um dos lados da pista. «Fiquei preocupado com os meus homens. Disse-lhes que estavam apenas a tentar arranjar problemas e tentei detê-los. Ordenei a Mateus Katalayo que fosse falar com o comandante português, em Silva Porto, de forma a este poder aconselhar o MPLA no sentido de abandonar a pista. O comandante era um bom homem e disse que falaria com eles.

O MPLA deve ter descoberto terem havido contactos entre a UNITA e os Portugueses, porque, quando Katalayo regressava à cidade para me trazer a resposta, o MPLA começou a disparar contra o avião. Ouvei o tiroteio, peguei numa arma e dirigi-me de jipe para o aeroporto. Havia tiroteio por todo o lado e fiquei preocupado com o avião, porque este me fora emprestado. Ordenei a uma divisão que empurrasse o MPLA para trás das casernas e conseguiram fazê-lo em menos de meia hora. Contudo, o MPLA tinha outros soldados na cidade e esses começaram também a atacar-nos. Comandei pessoalmente essa batalha, e por volta das 6 horas da tarde ela tinha já terminado. Enquanto esta se desenrolava, os pilotos britânicos meteram-se no avião e fugiram.

Expulsámos o MPLA da cidade e, a partir desse dia, entrámos na guerra, embora ninguém, no exterior, tivesse tomado imediatamente conhecimento desse facto⁵³.»

O jacto de Savimbi voltou mais tarde e levou Jeremias Chitunda, que havia sido ministro dos Recursos Naturais da UNITA, no Governo de Transição, a Lusaca: aí, ele acusou o MPLA de pretender declarar unilateralmente a independência, no dia 11 de Novembro, e disse que esse facto nada resolveria, a menos que tivesse o apoio da maioria dos angolanos. Chitunda acrescentou: «Estamos agora numa fase de guerra total. Toda a esperança de uma solução pacífica se esfumou⁵⁴.»

CAPÍTULO XII

PRELÚDIO PARA A INDEPENDÊNCIA

1975

*Existe uma terra turbulenta,
Uma imensidão de dor e sofrimento,
Origem desordenada de terror,
Inferno em vida.*

Poema português do século XVII sobre Angola¹

FOI QUANDO A guerra civil recrudescceu em intensidade, durante os meses de Agosto e Setembro de 1975, que visitei Angola pela primeira vez e me encontrei com Savimbi.

Durante esse período, a UNITA controlava a parte central do Caminho de Ferro de Benguela, em Angola, e o MPLA dominava os extremos leste e oeste. Este facto causou grandes problemas ao aliado de Savimbi, Kenneth Kaunda. Em 1974, o caminho-de-ferro transportara 55 por cento das exportações da Zâmbia, na sua maioria constituídas por cobre, e 45 por cento das importações². Contudo, em meados de Agosto de 1975, a Zâmbia foi forçada a declarar *force majeure* (circunstâncias imprevistas fora do controlo de alguém a impedir o cumprimento dos contratos) em relação às suas exportações de cobre, porque o tráfego do Caminho de Ferro de Benguela tinha cessado³.

Um director do Caminho de Ferro de Benguela, propriedade da companhia Tanganyka Concessions, Ltd., avistou-se tanto com o MPLA como com a UNITA, na tentativa de viabilizar a circulação dos comboios com guardas armados do MPLA, nas zonas deste, e guardas da UNITA, nas outras zonas. Savimbi excluiu esta possibilidade. «Quando estamos a combater, é muito difícil impedir os soldados de se balearem mutuamente, sempre que um grupo sai do comboio e o outro entra nele», afirmou ele,

em fins de Setembro. «Gostaríamos muito de ajudar a Zâmbia e o Zaire, mas, em termos práticos, não vejo como isso poderia ser organizado⁴. Todavia, segundo John Stockwell, chefe da nova Angola Task Force da CIA, Savimbi estava a ser submetido a tremendas pressões para fazer funcionar novamente o Caminho de Ferro de Benguela, no dia 11 de Novembro. «Se Savimbi controlasse o caminho-de-ferro no Dia da Independência, Kaunda poderia prestar-lhe apoio regular, até o reconhecer», afirmou Stockwell. «De outra forma, Kenneth Kaunda teria de negociar com o MPLA⁵.»

Houve um abrandamento nos combates durante a primeira quinzena de Outubro. Contudo, foi uma situação enganadora. Angola era um vulcão prestes a explodir, com lava derretida acumulada sob pressão interior. O alto-comissário Silva Cardoso retirou-se, desesperado, para Portugal, exausto, após os seus contínuos esforços para impedir a guerra civil, e foi substituído pelo comodoro Leonel Cardoso. Entre 25 de Setembro e 12 de Outubro, atracaram três navios no Congo-Brazzaville, transportando cerca de 1000 soldados cubanos, que imediatamente foram enviados para Angola, para lutar ao lado do MPLA⁶. Depois, a 26 de Outubro, a UNITA anunciou que a sua gente tinha tomado a cidade de Sá da Bandeira, capital de província situada no Sudoeste, cerca de 250 quilómetros a norte da fronteira com a Namíbia⁷.

Savimbi chegou a Lusaca a 30 de Outubro, para uma das suas conversas com Kenneth Kaunda, e afirmou que no dia anterior as forças da UNITA tinham assumido o controlo do porto de Moçâmedes, a sul, proporcionando à UNITA o acesso ao mar⁸. Moçâmedes era o terceiro maior porto de Angola, depois do Lobito e de Luanda, e Savimbi acentuou o significado desta conquista. «Os países amigos sabem que controlamos um porto, através do qual podemos conseguir abastecimentos... Vamos levar as coisas muito a sério, para o não perdermos.» E acrescentou que parte das tropas da UNITA tinham avançado até cerca de 40 quilómetros do Lobito. Não obstante, Savimbi continuou a lutar por conversações entre os movimentos de libertação. Com o aumento da entrega de armas para cada um dos movimentos, ele perguntava: «Onde iremos acabar? Somos os instrumentos daqueles que fabricam armas. Seria muito melhor, para nós, transformarmo-nos nos instrumentos da nossa independência e não nos instrumentos da morte do nosso próprio povo.» Continuava a insistir que o MPLA é que tinha desencadeado a guerra e afirmava que, embora fosse cristão, havia um princípio que ele não podia seguir, segundo o qual um crente que apanhasse uma bofetada deveria estender a outra face. «Se o MPLA me bater uma vez, eu bater-lhe-ei duas vezes⁹.»

No início de Novembro, voltei a Angola para tentar descobrir o que fizera com que a sorte se voltasse a favor da UNITA. Em conjunto com outros jornalistas estrangeiros, fiquei fechado num hotel fedorento, em

Nova Lisboa, que não tinha água corrente, porque a rede de abastecimento de água à cidade deixara de funcionar por falta de peças para as máquinas.

Ficámos à espera de Savimbi até ao dia 4 de Novembro, quando fomos convocados para o seu quartel-general, em Nova Lisboa, a mansão de um industrial português que tinha partido. Os relatórios dos serviços de informação da UNITA estacionados no Lobito, disse-nos Savimbi, mostravam que os líderes políticos e militares do MPLA partiam para Luanda de barco, à medida que as tropas da UNITA se movimentavam em direcção a esse grande porto do Atlântico. A UNITA poderia vir a assumir o controlo do Lobito, dentro de dois ou três dias. «Temos uma força de 5000 homens e 55 carros blindados, que avançam em três direcções.» Disse que um ataque levado a efeito por 2000 soldados da UNITA tinha também resultado na captura da cidade de Cela ao MPLA, cerca de 200 quilómetros a norte de Nova Lisboa. A ofensiva da UNITA parecia, portanto, estar a ser desferida em duas direcções — uma ao longo da linha da costa e a outra, paralela, cerca de 250 quilómetros para o interior e um pouco mais para norte.

A UNITA tinha encontrado ajuda para rivalizar com o apoio dado ao MPLA pela União Soviética. Contudo, Savimbi apontava para os perigos óbvios que seriam consequência de uma escalada de violência: «Será muito mais sério do que o Congo [guerra civil no início dos anos sessenta] se não puder ser encontrada uma solução política¹⁰.»

Não havia telefone, *telex* ou serviços comerciais de transporte no Centro de Angola e, por isso, a 5 de Novembro — seis dias antes da independência — decidi transpor, num avião da UNITA, os 2000 quilómetros que me separavam de Lusaca, para aperfeiçoar uma história acerca da iminente queda do Lobito. Quando estávamos à espera, no aeroporto, a aguardar que o avião fosse abastecido, Savimbi foi conduzido num *Range Rover* até ao terminal. Saltou da viatura, a acenar com um pedaço de papel: as forças da UNITA estavam a entrar no Lobito. A UNITA controlava agora a maior parte do Caminho de Ferro de Benguela, desde o Lobito, na costa, até ao Luso, situado no planalto leste. Savimbi disse que teria de ser delineada uma estratégia militar para expulsar o MPLA de uma faixa leste com a extensão de 300 quilómetros situada entre o Luso e Teixeira de Sousa, cidade fronteiriça onde o caminho-de-ferro atravessa para o Zaire¹¹.

Regressei de novo a Nova Lisboa no dia 7 de Novembro, onde, na praça central da cidade, a UNITA tinha derrubado a estátua de Norton de Matos, um antigo alto-comissário em Angola. Norton de Matos era lembrado mais por um decreto que emitira, em 1921, proibindo o uso dos dialectos nativos nas escolas¹².

A 9 de Novembro, voei de novo para Lusaca, para enviar um *telex* com uma notícia sobre a pré-independência. Na manhã do dia 10 de Novembro, véspera da independência, regressei a Nova Lisboa e fui con-

vidado a reunir-me a outros correspondentes, numa viagem ao recentemente capturado porto do Lobito. Voámos através das espectaculares escarpas africanas, que mergulham dramaticamente no Atlântico, num avião *Beechcraft*, uma das três aeronaves da «Força Aérea» da UNITA. (O *Beechcraft* era pilotado e pertencia a um homem de negócios português que vivia no Luso. Os outros aviões eram o jacto de Savimbi, fornecido pela Lonrho, e um avião de turismo *Fokker* das Linhas Aéreas Angolanas, que pilotos portugueses, simpatizantes da UNITA, tinham desviado para o seu lado, após a queda do Governo de Transição.) Aterrámos em Benguela, na costa mais a sul, e fomos conduzidos em mini-autocarros durante 35 quilómetros até ao Lobito, onde fomos recebidos pelo novo «governador» do Lobito, Jorge Valentim.

Valentim estudara numa universidade belga. Sendo um veterano do movimento, havia dado inestimável apoio a Savimbi nos dias difíceis da transição da FNLA para a UNITA, mas não tinha combatido no interior de Angola. Estava agora de volta à sua cidade natal, pela primeira vez em dezassete anos, e começou por nos levar a uma pequena casa de cimento, no bairro africano onde tinha crescido. Tinha sido despejada de toda a modesta mobília que tivera e nela havia *slogans* anti-UNITA e anti-Valentim grosseiramente inscritos na parede, fruto da ocupação do MPLA.

Um enorme armazém e depósito de carvão no centro do Lobito haviam sido destruídos, aquando do ataque das forças da UNITA. O depósito de carvão ainda ardia e exalava um cheiro adocicado e doentio de carne humana em putrefacção, proveniente dos destroços. À volta do campo de batalha, estavam metralhadoras ligeiras de fabrico soviético, que tinham ficado quase dobradas ao meio no inferno de fogo que consumira o armazém. Cápsulas, invólucros de foguetes e morteiros, utilizados pelo MPLA na sua defesa, estavam espalhados por todo o lado.

Uma visita ao enorme porto natural mostrou-nos a razão por que UNITA o valorizava tanto e por que motivo as grandes potências espalhavam boatos de que o cobiçavam por motivos estratégicos. Uma série de penhascos baixos formava o lado em direcção a terra. Do lado do mar, estendia-se uma longa península, formada por areia e pedras, sobre a qual os Portugueses tinham construído o maravilhoso bairro da Restinga. Apenas um navio estava fundeado a meio do porto, onde todo o trabalho paralisara. Dos cerca de 200 directores, funcionários e contramestres portugueses, que tinham assegurado o funcionamento do porto, mais de 150 tinham abandonado Angola, levando consigo a maior parte da documentação. Caixotes contendo haveres pessoais, rotulados para vários endereços, em Lisboa e no Rio de Janeiro, permaneciam no cais, no extremo sul, entre os penhascos e a península: estes haveres nunca seriam embarcados. Também ali parados, à espera que reabrisse o Caminho de Ferro de Benguela, estavam tractores para as minas de cobre zambianas e turbinas para o

importante projecto hidroeléctrico no rio Zambeze, entre a Rodésia e a Zâmbia.

As cubatas africanas, situadas nas encostas dos morros do Lobito, contrastavam fortemente com a beleza e o conforto da Restinga. Ali, as pessoas viviam em cubatas feitas de madeira e zinco. Não havia electricidade e a água tinha de ser extraída de poços. Não tinha visto esta espécie de habitações no interior. Pensei que deviam ser semelhantes às dos *muceques* de Luanda, que nunca tinha visto.

Os soldados da UNITA não eram os únicos dentro da cidade. Havia também tropas da FNLA, e muitos dos seus oficiais pareciam ser portugueses. Não estava esclarecido de onde tinham vindo, e as suas relações com a UNITA não pareciam ser muito amistosas.

Existia em Jorge Valentim uma espécie de qualidade de maníaco que se revelava francamente perturbadora. Disse-nos que tinha havido pilhagens por parte da população local, depois de a UNITA ter assumido o poder, contudo... «Convoquei ontem uma reunião com a população e disse-lhes que quem quer que fosse apanhado a roubar seria abatido no local, independentemente da sua cor.»

Voltámos a Benguela sob o efeito desta notícia e voámos de regresso a Nova Lisboa, através de nuvens de tempestade que se acumulavam como torres negras, com a forma de bigornas. A meia-noite, hora da independência, aproximava-se rapidamente.

* * *

Nesse mesmo dia, 10 de Novembro, os Portugueses puseram fim a cinco séculos de domínio colonial, de uma forma patética e lamentável. O alto-comissário, Leonel Cardoso, e o seu estado-maior fugiram apressadamente de Luanda, abandonando os seus antigos súbditos, para que estes se combatessem entre si.

Leonel Cardoso, vestido com a sua farda de gala de almirante, apareceu à imprensa, ao meio-dia, no Palácio, e leu uma breve declaração em que entregava a soberania «ao povo angolano». À cerimónia não assistiram angolanos. O alto-comissário, de partida, rejeitou qualquer responsabilidade dos Portugueses em relação à situação que se vivia no país, mas expressou pesar pelo facto de os três movimentos de libertação terem sido autorizados a armar-se na corrida para a independência. Terminou dizendo: «Viva Angola, Viva Portugal.» Não obteve qualquer resposta.

Leonel Cardoso abandonou imediatamente o Palácio com a sua comitiva e, sob forte dispositivo de segurança, dirigiu-se à Fortaleza de São Miguel para arriar a bandeira verde e rubra de Portugal. Dirigiram-se depois para uma base naval, na ilha de Luanda, e a estrada que ficava atrás deles foi encerrada pela Polícia Militar Portuguesa, enquanto um helicóptero pairava no ar, por cima das suas cabeças. Os Portugueses embarcaram, em seguida, num comboio de fragatas e navios que os esperava

e que deixou o porto ao entardecer, tendo ficado ao largo de Luanda até um pouco antes da meia-noite, levantando então âncoras e saindo das águas territoriais angolanas¹³.

«Não há desculpa para a forma como se deu a descolonização, designadamente para a completa abdicação por parte dos Portugueses», lamentou-se o editor do *Relatório Angola*. A já difícil situação que se vivia em Angola ficou condenada ao fracasso a partir do momento em que o governo provisório, sob a responsabilidade de Rosa Coutinho, permitiu que os movimentos entrassem em Luanda sem deporem as armas. Pessoas que não tinham qualquer experiência política foram autorizadas a fazer política com os dedos no gatilho das suas *Kalashnikov*¹⁴.

À medida que a frota portuguesa desaparecia no horizonte, Agostinho Neto, em Luanda, proclamava a República Popular de Angola, sendo ele próprio o seu primeiro Presidente. Um punhado de governos africanos, em conjunto com a União Soviética, Jugoslávia, Vietname do Norte e outros Estados comunistas, reconheceram a administração de Agostinho Neto como sendo o governo legítimo de Angola. Contudo, na altura da independência, o MPLA enfrentava graves problemas no seu reduto, em Luanda. A 10 de Novembro, uma força da FNLA, proveniente do Norte, tinha avançado sobre Quifandongo, a cerca de 20 quilómetros de Luanda, e preparava o ataque final à capital.

Entretanto, a coluna da UNITA, que se movimentava junto à costa, tinha avançado muito para além do Lobito e atacava o porto de Novo Redondo, 250 quilómetros a sul da capital. A coluna que avançava mais para o interior ultrapassara já a Quibala e, mais a norte, atacara Santa Comba, apenas 200 quilómetros a sul de Luanda. No extremo leste da linha do Caminho de Ferro de Benguela, as forças da UNITA cercaram o Luso.

Em Nova Lisboa rebentou um forte tiroteio nas horas que precederam a meia-noite. A maioria deste fogo fazia parte dos festejos. Até mesmo um repórter ocidental de televisão se juntou a eles, sobrepondo-se a todas as luzes da iluminação pública, na larga avenida do hotel onde se alojava a imprensa. Todavia, por entre o regozijo, deram-se também alguns combates entre a UNITA e o pequeno contingente da FNLA, estacionado na cidade. Morreu pelo menos um oficial da FNLA nestes combates.

Isto foi o suficiente para dissuadir cerca de 2000 pessoas de assistirem à cerimónia da independência, à meia-noite, que devia realizar-se no estádio de futebol de Nova Lisboa. Trinta e três minutos depois da meia-noite, um grupo de crianças africanas cantou o Hino Nacional Português, ao mesmo tempo que a bandeira portuguesa caía por terra. Não estava presente um único português. Então, a cerimónia desultória terminou, quando um oficial de baixa patente, da polícia militar da UNITA, fez continência, enquanto a bandeira da UNITA era hasteada. Nenhum dos líderes da UNITA estava presente. Ouvia-se o tiroteio por toda a cidade.

CAPÍTULO XIII

INDEPENDÊNCIA

1975

JONAS SAVIMBI iniciou o seu discurso do Dia da Independência, perante uma audiência de 20 000 pessoas, no estádio de futebol de Nova Lisboa, com um ataque violento aos seus próprios soldados. O tiroteio da noite anterior terminara apenas ao fim de doze horas.

«Escutem bem», disse ele, «se esta noite, ou em qualquer outra ocasião, a partir de agora, algum soldado da UNITA disparar um tiro sem ter recebido ordens, será o seu último tiro... se apanharmos alguém a disparar a sua arma, nem sequer terá tempo de se mexer do lugar em que estiver.

Vocês não têm vergonha. Não representam o espírito das FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola), mas o de bandidos. Não podem viver na ilusão de que uma arma é para ser usada no exercício de autoridade pessoal, roubar ou beber... Preferimos ter duas centenas de soldados que tratem bem a população do que um milhão de ladrões ou delinquentes.

Senti-me repugnado quando ouvi o tiroteio. Isto apenas fará com que os antigos colonialistas se sintam satisfeitos porque dirão que isto prova o que eles sempre disseram: que um homem negro é incapaz de ter uma arma na mão sem provocar confusões.

Sobrevivemos nas matas porque tínhamos disciplina. Não podemos perdê-la agora. Vamos reforçá-la aqui. Não permitiremos que os vossos rapazes, desordeiros, irresponsáveis e bêbedos, disparem para o ar, enquanto outros soldados estão a sofrer noutras frentes de combate e o povo está aqui para celebrar a queda do colonialismo.»

Depois de repreender os seus soldados, Savimbi voltou-se contra o MPLA, acusando-o de ter provocado a guerra civil. Afirmou estar ainda disposto a conversar com Agostinho Neto e, mais uma vez, apelou para

a realização de eleições, a fim de decidir o futuro de Angola. «No dia em que o MPLA decidir considerar os outros movimentos de libertação como patriotas, quando o MPLA chamar a si a defesa dos interesses do povo, nesse momento, diremos ao MPLA: 'Vem, irmão.' Enquanto o MPLA continuar a pensar que só com a ajuda de armas russas pode oferecer uma ideologia, nós diremos 'não' e continuaremos a lutar.»

Savimbi anunciou o novo nome da cidade de Nova Lisboa, Huambo, inspirado num chefe tribal que reinara na região, antes de os Portugueses terem estabelecido o seu controlo. Lançou, então, um ataque aos governantes portugueses que tinham partido e que navegam agora ao longo da costa ocidental africana, com destino a Lisboa: «O almirante Leonel Cardoso fugiu como uma raposa. O único responsável pela situação que hoje enfrentamos é Portugal. Se Portugal tivesse tido a coragem e firmeza de conduzir o processo, hoje não estaríamos em guerra. Mas Portugal quis descolonizar, deixando-nos aqui com o seu afilhado, António Agostinho Neto, e hoje encontramos-nos a enfrentar uma guerra civil.»

Vários actores divertiram a multidão, representando caricaturas mordazes sobre os antigos colonialistas. Dois africanos carregando um branco numa tipóia — liteira africana, construída com uma rede suspensa em dois paus — que deixavam cair constante e desastrosamente: o «senhor», um africano com o rosto pintado de branco, perdeu a paciência e espancou os seus carregadores com um enxota-moscas, à medida que os perseguia, o que causava grande hilaridade entre a multidão. Um pouco mais adiante, um indivíduo que representava os milhões de Angolanos que os Portugueses tinham enviado para a escravatura no Novo Mundo, arrastava-se à volta do estádio, com um enorme fardo à cabeça e grilhetas nos pés.

Savimbi expendeu as suas ideias sobre «o povo orientado para o socialismo» dizendo que os líderes tinham de perguntar à população o que esta queria e não impor o que esta deveria ter. «O que eles querem é viver bem. Querem empregos, escolas e saúde. Nós dependemos do povo. A partir das instituições, eles merecem respeito, amabilidade e consideração. O povo deve ser acarinhado.»

Falou de uma ideia que fora acordada no sentido de formar um governo de coligação para combater o governo proclamado pelo MPLA. Devido a «circunstâncias várias» a formação de um governo UNITA/FNLA ainda não podia ser anunciada e, para além disso, Savimbi advertiu: «Quando este governo existir, será provisório. Não pode ser definitivo. Apenas através da realização de eleições, quando a paz voltar ao país, seremos capazes de decidir definitivamente quem serão os líderes da nação. Nada mais para além disto poderemos aceitar.»

A distância entre a FNLA e a UNITA foi acentuada pelo facto de o movimento de Holden Roberto ter celebrado a independência de Angola no Ambriz, 700 quilómetros a norte de Nova Lisboa.

No final da cerimónia realizada em Nova Lisboa, a bandeira da UNITA foi hasteada de novo, em repetição do acontecimento pouco entusiástico da noite anterior. Desta vez houve aclamações ruidosas e assobios. Era tempo de começarem os festejos, mas primeiro Savimbi ordenou aos seus soldados que voltassem para as casernas... «Queremos construir uma grande família e esta noite queremos apenas civis a cantar, a comer galinha e a dançar nas ruas... não queremos um único soldado. Os soldados que forem apanhados nas ruas serão severamente castigados. Esta noite, eu próprio serei o polícia.»

No dia seguinte, quando já tinham terminado todas as celebrações, Savimbi produziu um golpe de propaganda na pessoa de um prisioneiro de guerra cubano. O cabo Samuel Ducentes Rodriguez, um rapaz magro, branco e muito assustado, de 17 anos de idade, foi apresentado à imprensa. Um jornalista do *New York Times*, que falava espanhol, serviu de intérprete. Savimbi disse a Rodriguez que não tivesse medo; não iria ser morto.

Rodriguez disse ser oriundo da província cubana de Matanza e, quando lhe perguntaram o que estava a fazer em Angola, respondeu: «Não sei. Não sei explicar isso.» Tinha sido enviado pelo seu governo? «Não.» Quem, então? «Não sei.»

Rodriguez tinha uma ferida profunda no lado esquerdo da face, a qual começava a cicatrizar. Quando lhe perguntaram como fora ferido, ele disse: «Algumas mãos fizeram-me isto, quando fui capturado. Atacaram-me com uma pedra.»

Nesta altura, Savimbi terminou a entrevista e afirmou que milhares de soldados cubanos estavam agora a chegar a Luanda, com caixotes de armas pesadas de origem soviética, para lutarem ao lado do MPLA.

Cuba não era, porém, o único exército estrangeiro apressado em entrar na guerra angolana, como eu já havia descoberto.

CAPÍTULO XIV

INVASÃO SUL-AFRICANA

1975

Se estiveres a afogar-te num rio infestado de crocodilos e tiveres ido ao fundo pela terceira vez, não perguntes quem te puxa para a margem até te sentires em segurança.

Jonas Savimbi, 14 de Novembro de 1975.

A 1 DE NOVEMBRO DE 1975, durante a minha viagem a Angola, fiquei surpreendido com o que vi quando desembarquei do jacto executivo *Hawker-Siddeley 125* de Savimbi, na pista de Silva Porto (agora rebaptizada de Bié, pela UNITA). Dois camiões atravessaram a zona de estacionamento, rebocando carros blindados novinhos em folha, cobertos com camuflagem com a palavra «UNITA» e um galo cantando, o símbolo da UNITA, grosseiramente pintado dos lados, a vermelho.

Os camiões pararam e por isso dirigi-me para um dos carros blindados. Nele estava sentado um homem branco, com menos de 20 anos, de barba castanho-clara, rala e áspera. Quase podia ser um irmão de Rodriguez.

Uma saudação em português não obteve qualquer resposta e por isso perguntei-lhe, em inglês, que língua falava. «Inglês», disse ele — todavia o seu forte sotaque gutural era um produto sul-africano, não o de qualquer condado inglês. Perguntei-lhe de onde vinha e ele replicou, de má vontade: «Vim de Inglaterra.»

Dirigi-me ao segundo carro blindado, onde outro jovem branco estava sentado no compartimento do condutor. Parecia igualmente desanimado. Contudo, quando lhe perguntei de onde vinha, respondeu-me: «Sou mercenário.» Muito bem, mas de que país? «Não posso dizer.» Contudo, o sotaque, obviamente adquirido a sul dos rios Orange e Limpopo, falava por si.

Há quanto tempo estava aqui? «Duas ou três semanas.» Já alguma vez tinha combatido como mercenário? «Sim, em vários locais.» Nas cabinas dos camiões estavam sentados mais três brancos. Um «bom dia» cortés pronunciado por um deles; um «bom dia» com forte sotaque sul-africano.

Antes de poder fazer mais perguntas, chegou um *Range Rover* castanho-claro e dele saltou *Skip* (ver o Prólogo), acompanhado por um homem alto, de cabelo louro, vestido com calções de cáqui e uma camisa azul. O recém-chegado gritou algumas ordens em português, para um par de soldados da UNITA. Em seguida, voltando ao inglês, dirigiu-se-me delicadamente, pedindo-me para subir para o *Range Rover* e fui conduzido ao luxuoso palácio do antigo governador português. O sotaque era de novo sul-africano.

No Bié, a 7 de Novembro, durante uma breve paragem a caminho do Huambo, observei novamente o homem branco de cabelo louro, com um grupo de soldados pretos e brancos reunidos à volta de um carro blindado *Panhard* colocado em cima de uma camião de transporte. Fui conduzido até à cidade e, quando de novo fui trazido para iniciar a segunda etapa do voo, o *Panhard* estava no chão e o camião transportador tinha partido.

Começava a tornar-se claro o que possibilitara os fenomenais avanços de Savimbi. Todavia, dois ou três carros blindados, cujos condutores brancos se recusaram a admitir serem soldados sul-africanos, constituíam evidência suficiente para a minha agência de notícias internacional, sobre a invasão de um outro país, pelas forças de Pretória. Por isso, esperei e prossegui contando a história da independência de Angola, vista a partir do território da UNITA. Quando voei para Lusaca, a 9 de Novembro, a bordo do jacto de Savimbi, viajava ao meu lado um jornalista da televisão britânica, Mike Nicholson, que chegara recentemente ao Huambo. Falei-lhe dos meus encontros com os brancos misteriosos e os carros blindados.

Mike era um companheiro jovial. Em Lusaca, dirigi-me para casa, enquanto Mike, longe da sua base em Londres, travou conhecimento e fez amizade com os pilotos britânicos do jacto da Lonrho, por entre bebidas e conversas, durante as escassas horas de permanência no Hotel Intercontinental.

Os pilotos animaram-no e, como resultado disso, convidaram-nos a ficar a bordo do avião, depois de este ter aterrado no Huambo, na madrugada do dia 10 de Novembro, a seguir ao nosso regresso de Lusaca. Não havia combustível para o jacto no Huambo e, como Savimbi teria de viajar nesse mesmo dia para um país vizinho, numa visita urgente, antes da independência, teriam de dirigir-se mais para sul para reabastecer o avião. Os pilotos disseram-nos estarem certos de que o que nós iríamos presenciar era de grande interesse. As condições que nos impunham eram de não fazermos reportagem directa, quer sobre o voo quer sobre o que fize-

mos, e de que não fizéssemos muitas perguntas aos pilotos. Em primeiro lugar, tínhamos de persuadir um elemento da *Newsweek*, que viajara conosco desde Lusaca, de que precisava ir até ao centro do Huambo para conseguir autorização antes de poder começar a fazer a sua reportagem. Amavelmente, dissemos-lhe aonde se devia dirigir e com quem devia falar. Em seguida, partimos.

O avião tinha já voado cerca de 650 quilómetros em direcção ao sul, sobre as imensas florestas e matas do Sul de Angola, quando começou a perder altitude. Agora, o topo das árvores era bastante menos frondoso: as copas das árvores não as cobriam totalmente, pelo contrário, estavam menos desenvolvidas e existiam extensões abertas e arenosas de solo entre cada uma delas.

Um dos pilotos chamou-me à cabina de pilotagem e apontou para um rio de prata que serpenteava entre a mata seca. O rádio crepitou e a conversa que se seguiu deu-nos a perceber que o rio que sobrevoávamos era o Cubango, demarcando a fronteira internacional entre Angola e a Namíbia, governada pela África do Sul. A voz feminina que se fazia ouvir pela rádio tinha o som sincopado do inglês sul-africano. Ela fazia o controlo em terra, no Rundu, na margem sul do rio Cubango, uma das principais bases militares da República da África do Sul para operações contra os guerrilheiros negros da SWAPO, que combatem pela independência da Namíbia.

Aterrámos numa pista ladeada de sacos de areia com ninhos para metralhadoras. Mike e eu agachámo-nos no interior do avião, porque nos tinham avisado para mantermos as cabeças baixas e ficarmos afastados das portas de saída até estarmos de novo no ar. O avião rolou na pista, através de uma entrada estreita, até uma vasta área da pista alcatroada, totalmente rodeada por um muro de sacos de areia, com uma altura de 7 metros. Foi então que vimos ali o pote de ouro no extremo do arco-íris da UNITA, a explicação da mudança dos sucessos militares de Savimbi.

Espreitando pelo canto inferior da janela, enquanto os pilotos supervisionavam o reabastecimento e falavam com oficiais sul-africanos na pista, verificámos que estávamos no centro do que poderia ser uma segura retaguarda militar entre Pretória e Angola. Alinhados ao longo da lista, estavam colunas de carros blindados *Panhard*, iguais aos que eu já tinha visto, a centenas de quilómetros, no interior de Angola: homens brancos ocupavam os lugares do condutor e do artilheiro. Os *Panhard* estavam demasiado impecáveis para terem acabado de regressar de uma patrulha no mato. O seu destino imediato era um parque de estacionamento um pouco mais distante, onde estavam estacionados, à espera, aviões de transporte *Hércules C-130*, exactamente com a mesma camuflagem verde-negro e com outras marcas de identificação apagadas — como iria ter oportunidade de ver mais tarde, nessa mesma manhã, no interior de Angola.

A próxima paragem dos aviões de transporte *C-130* e dos *Panhard* «tinha» de ser Angola.

Prontamente, estávamos de regresso ao Huambo. O avião de Savimbi tinha aterrado, de forma aparentemente rotineira, numa das mais sensíveis bases militares da África do Sul. Tinha-nos sido dada uma panorâmica do âmago da operação sul-africana. Parecia um pouco irreal: por qualquer razão, que eles muito bem conheciam, e para a qual nós nunca lhes pedimos resposta, os pilotos haviam-nos conduzido, directamente, até à prova mais evidente do envolvimento da África do Sul em Angola.

No Huambo, juntámo-nos à equipa de Mike e viajámos no *Beechcraft* até Benguela, para uma visita, em véspera da independência, ao Lobito (como descrito no capítulo XII). Deparam-se-nos três cenas interessantes, às quais deliberadamente ainda me não referi. Quando aterrámos em Benguela, vimos um punhado de soldados brancos, de cabelos louros, em tronco nu, vestindo calções de cáqui, a esgueirarem-se da nossa vista, em direcção a um grande hangar que ficava à esquerda do pequeno terminal do aeroporto.

Em seguida, quando entrávamos no terminal, aterrou um *Hércules C-130*. Tinha exactamente as mesmas marcas que aqueles que tínhamos visto, algumas horas antes, na Namíbia.

Fomos empurrados para dentro de um pequeno autocarro, mas, quando nos afastávamos, passámos por um *Panhard* que fazia guarda numa estrada estreita, nas imediações do aeroporto de Benguela. A sua pintura de camuflagem era exactamente a mesma que já víramos nos *Panhard* de manhã cedo: era também a mesma que víramos no aeroporto do Bié nos dias 1 e 7 de Novembro. O *Panhard* estacionado em Benguela estava rodeado de jovens soldados brancos, de calções, gozando ociosamente o sol africano.

A preocupação imediata de Mike era a de como obter uma prova televisiva da presença sul-africana sem chamar a atenção dos sul-africanos para o facto de estarem a ser filmados. Se o descobrissem, a consequência imediata seria a apreensão do filme — porque a invasão sul-africana constituía ainda um segredo. O MPLA fizera afirmações vagas de que as tropas sul-africanas estavam envolvidas nos combates, mas essas afirmações não tinham sido levadas a sério.

Depois da visita ao Lobito, acompanhados por Jorge Valentim, o operador de câmara de Mike preparou-se para a viagem de regresso a Benguela, de autocarro. Sentou-se à frente, ao lado do condutor, segurando casualmente a câmara junto ao ombro, com o dedo afastado do botão e o olho afastado da objectiva. Tinha apontado a câmara para um ângulo que ele pensava poder enquadrar o carro blindado. Quando o autocarro passou pelo *Panhard*, todos nós acenámos aos soldados e, casualmente, o operador premiu o botão que accionava a câmara. Quando nos aproximámos do terminal do aeroporto, avistámos, de novo, soldados brancos

que fugiam da nossa vista em direcção ao hangar — só que, desta vez, eram cerca de 30 ou 50.

Voámos para o Huambo para lá passar o Dia da Independência e, na noite seguinte, Mike e eu regressámos a Lusaca — novamente no avião de Savimbi — para telegrafarmos as nossas reportagens sobre a independência, cerca de 24 horas depois de notícias semelhantes terem sido já telegrafadas do território controlado pelo MPLA, em Luanda.

Aterrámos no aeroporto de Lusaca em plena escuridão. O voo diário para Londres, da Bristish Airways, preparava-se para descolar. Mike apenas teve tempo de correr pela pista e atirar o saco que continha o precioso filme pela porta da frente do jacto, dando instruções ao assistente de bordo para o entregar nos estúdios da Independent Television Studios. Todavia, quando o aparelho começou a rolar pela pista de descolagem, a porta da frente entreabriu-se e alguém atirou o saco para fora, presumivelmente cumprindo ordens do comandante ou do chefe dos assistentes de bordo, como medida de segurança. Mike ficou na pista, estarecido, mas, enquanto o avião se afastava, bramiu os punhos em direcção ao avião e gritou, preso de uma raiva incontida: «Espero que se espantem, bastardos.»

Pessoalmente, fiquei satisfeito por o filme de Mike se ter atrasado. Embora ele tivesse concordado em não prejudicar quaisquer detalhes da notícia que eu descobrira por mim próprio, eu tinha agora mais 24 horas para dar forma à minha reportagem antes de o filme de Mike, sobre o carro blindado, aparecer na televisão internacional.

Resolvi por isso que, antes de enviar a minha notícia para Londres, por *telex*, tinha necessidade de entrevistar Savimbi. Por tal razão, Mike e eu regressámos de novo a Angola, em 13 de Novembro, e encontrámo-nos com o presidente da UNITA, no Lobito, onde ele deveria proferir um discurso num comício. Quando descemos do avião reparei em dois soldados brancos, fardados, armados com espingardas, no balcão do terminal do aeroporto. Antes que tivesse tempo de agarrar a minha máquina, eles retiraram-se para dentro.

Ao comício de Savimbi, na praça principal, assistiram cerca de 50 000 pessoas. Ele falou de uma varanda, enquanto a população trepava aos telhados mais próximos para poder ouvi-lo. Numa conferência de imprensa, que deu a seguir num hotel, Nicholson e eu levantámos a questão de estarmos convencidos de que as tropas sul-africanas constituíam o segredo dos sucessos dos seus avanços militares. Não lhe referimos o facto de termos provas do que afirmávamos.

As respostas de Savimbi foram compreensivelmente ambíguas: «Não existem aqui tropas sul-africanas comprometidas com o Governo da África do Sul. Concorde que temos algumas tropas brancas — não soldados, mas técnicos — que trabalham para nós, fazendo aquilo que nós não sabemos fazer. Preciso de gente que saiba combater com carros blindados

que nós não sabemos como operar. O MPLA tinha os Russos com eles. Nós tivemos de nos dirigir a pessoas que pudessem fazer-lhes frente.»

Estavam presentes outros jornalistas que apanharam imediatamente o significado das nossas perguntas. Alguém perguntou a Savimbi se se tratava de mercenários. Na defensiva, mas não obstante preso de intensa emoção, Savimbi replicou: «O que vocês viram, um cubano [Rodríguez], é ou não um mercenário?»

Afirmou depois ser óbvio que o MPLA não teria alcançado por si só o que os Cubanos tinham conseguido por eles. «Portanto, em minha opinião, se tenho de ser apoiado por alguém, fá-lo-ei sem sentir a consciência pesada. Isso não levanta qualquer questão de moralidade... Faço-o para salvar o destino do meu país.»

As perguntas choviam agora de todos os lados. Quando eu disse ter razões para acreditar que havia unidades blindadas do Exército Sul-Africano como pontas de lança na marcha sobre Luanda, Savimbi replicou: «Se essas colunas blindadas estão a convergir sobre Luanda, como diz, elas não fazem parte das nossas tropas... e, se forem tropas nossas, não estão a avançar para Luanda. Nós pensamos em termos de consolidação do que já conquistámos e em limpar as zonas rurais. Necessito de homens para combater com os carros blindados que nós próprios não conseguimos operar. Talvez sejam sul-africanos, rodesianos, mas há mais franceses. Estão cá mercenários que combateram no Biafra.»

Savimbi ficou abalado com as perguntas feitas sobre a África do Sul e, mais tarde, quando regressávamos todos ao aeroporto do Lobito, agarrou pelo braço o repórter da *Newsweek* e disse-lhe, extremamente emocionado: «Vocês, os jornalistas dos países ocidentais, afirmam que querem opor-se ao comunismo, mas são justamente vocês os mesmos que ajudam o comunismo pela forma como actuam. Porquê? Estão a enfraquecer a vossa própria democracia e a dar ao Leste a possibilidade de se adiantar. Nós não poderíamos aceitar que os comunistas viessem para cá, mas sabíamos que o MPLA estava a constituir um forte exército.

Antes de Novembro de 1974, fui visitar todas as embaixadas dos países ocidentais, em Lusaca. Alertei-os para o perigo que tal representava, o perigo é este, o perigo é este... Todos me disseram: 'Nós compreendemos o que quer dizer, estamos consigo...', mas não actuaram até que o MPLA nos apanhou.»

O fracasso do Ocidente na capacidade de uma resposta à altura ao avanço soviético constituía a essência do conflito pessoal de Savimbi. Confrontado com uma escolha entre a submissão irremediável ao MPLA ou a sobrevivência para combater no dia seguinte, ele aceitara o apoio do inimigo declarado da África negra. E, nesse hotel do Lobito, sem admitir abertamente que recebia ajuda sul-africana, contou-nos uma parábola que resumia o seu terrível dilema: «Se estiveres a afogar-te num rio infes-

tado de crocodilos e tiveres ido ao fundo pela terceira vez, não perguntes quem te puxa para a margem até te sentires seguro nela.»

Em seguida, num gesto que me impressionou desde então, Savimbi pôs o seu próprio avião à nossa disposição para transpormos os 2500 quilómetros que separavam o Lobito de Lusaca, sabendo antecipadamente que as nossas notícias seriam transmitidas e que essas mesmas notícias ajudariam a destruí-lo. Estava inteiramente nas suas mãos ter-nos retido, em Angola, como «convidados» permanentes. Sem telefones nem *telex*, sem estradas independentes, sem caminho-de-ferro ou aviões, os nossos únicos meios de comunicação com o exterior dependiam do avião da UNITA.

Escrevi a minha reportagem durante o voo da UNITA para Lusaca, no dia 14 desse mês. Transmiti uma cópia no próprio dia e ela tornou-se notícia de primeira página em todo o mundo. Todavia, a Reuter estava um pouco indecisa em veicular, categoricamente, que a África do Sul invadira Angola. Por isso mesmo, a reportagem que os assinantes dessa agência internacional receberam começava assim: «Colunas de veículos blindados, manejados por pessoal branco, estão a atravessar vastas zonas de Angola, através das defesas do MPLA com orientação marxista, afirmam fontes bem informadas. A pergunta mais importante que fica sem resposta prende-se com a origem dos soldados brancos.»

Alguns dias mais tarde a notícia foi reformulada. A 22 de Novembro, consegui, finalmente, persuadir a agência a referir os sul-africanos e, no dia seguinte, a reportagem apareceu na primeira página do *Washington Post*.

Um filósofo marxista, Jean Ziegler, afirmou que o meu relato no *Washington Post* estava a servir de instrumento para persuadir o mais poderoso país da África negra a mudar de campo e apoiar o MPLA — «A 22 de Novembro de 1975, Fred Bridgland publicou uma reportagem ambígua, sobre a presença de tropas sul-africanas em território angolano. A Nigéria, líder do poder político da África negra e fornecedora de petróleo aos Estados Unidos, mudou de campo, rejeitou a UNITA e concedeu um empréstimo imediato ao governo de Agostinho Neto, no valor de 20 milhões de dólares¹.»

Subsequentemente, John Stockwell escreveu que a minha narrativa prejudicara o esforço sul-africano em Angola e iria fatalmente enfraquecer o apoio da CIA a Savimbi: «A guerra política e de propaganda estava perdida de um só golpe. Não havia nada que a delegação da CIA em Lusaca pudesse inventar que fosse tão prejudicial para o outro lado como a nossa aliança com os odiados sul-africanos o era para a nossa causa².»

CAPÍTULO XV

SAVIMBI NA CORDA BAMBA

1975

Sem serem enviados quaisquer memorandos ao quartel-general da CIA, dizendo «Vamos coordenar-nos com os Sul-Africanos», a coordenação era feita a todos os níveis da CIA e os Sul-Africanos escalonaram o seu envolvimento a par com o nosso.

John Stockwell, em *À Procura do Inimigo*
(*In Search of Enemies*).

DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA, A UNITA — ou, melhor dizendo, os Sul-Africanos — continuou a fazer progressos dramáticos dentro de Angola. A 14 de Novembro, a coluna que avançava ao longo da costa, com o nome de código «Zulu», comandada por um coronel africânder* que fora alcunhado de «Rommel» pelos seus camaradas, pela espectacular rapidez do seu avanço¹, tomou Novo Redondo, um porto situado a 275 quilómetros a sul de Luanda.

«Rommel» juntou-se então a uma coluna que avançava do interior, conhecida por «Foxbat» (raposa matreira) e, em princípios de Dezembro, tinham avançado até ao rio Queve — a sul das cidades de Porto Amboim, Gabela e Quibala, 750 quilómetros para o interior e apenas a 225 quilómetros da capital. A coluna «Foxbat» (raposa matreira) era comandada pelo misterioso indivíduo de cabelos louros que eu avistara no aeroporto de Silva Porto, um coronel pára-queda sul-africano, conhecido nos meios da UNITA por «comandante Kaas» — que, em *afrikaans*** , significa «comandante queijo» — pela cor clara do seu cabelo².

* Africânder = holandês sul-africano, designação dada a naturais da África do Sul. (N. do T.)

** *Afrikaans* = língua falada na África do Sul — mistura de inglês, holandês e alemão. (N. do T.)

Posteriormente, a 11 de Dezembro, foi tomada a cidade do Luso por uma outra coluna sul-africana, com o nome de código «X-ray» (raio X). Por instantes afigurou-se possível que a coluna pudesse avançar mais para leste até à fronteira zairense e assim franquear de novo o Caminho de Ferro de Benguela ao tráfego zairense e zambiano.

Mas o edifício militar que estava a ser construído por Savimbi era enganador. Era como fazer um pastel sem recheio. Uma vez começado a esfarelar, logo se notaria o vazio.

A directiva original, dada pelos políticos sul-africanos aos militares, era de que as colunas «Zulu», «Foxbat» e «X-ray» deviam ocupar tanto quanto possível, até 11 de Novembro, o território «tradicional» da UNITA e depois preparar a retirada³. Alguns governantes e políticos de alto nível, em Pretória, tinham sido sempre bem mais cautelosos que os seus oficiais no terreno, em Angola. Argumentavam eles que se tinha sido possível chegar a um acordo com o governo de esquerda da FRELIMO, em Moçambique, por que não aceitar a inevitabilidade da vitória do MPLA e negociar com o governo daí resultante?⁴ Outros defendiam que a África do Sul não poderia tolerar o aparecimento do MPLA, apoiado pelos Soviéticos, como vencedor, porque todos os outros países africanos poderiam concluir que qualquer grupo de interesses que recebesse auxílio soviético, em quaisquer circunstâncias, estaria destinado a triunfar: por consequência, tornava-se necessário corresponder aos apelos para corrigir o desequilíbrio militar em Angola. Estes argumentos mantiveram-se enquanto a África do Sul permaneceu em Angola e para além disso.

* * *

Depois de o jacto da Lonrho, de Savimbi, me ter transportado e ao Nicholson clandestinamente até à Namíbia, aquando da sua viagem de reabastecimento, a 10 de Novembro, transportou, nessa mesma tarde, o líder da UNITA para Pretória, onde teve lugar o seu primeiro encontro com os líderes sul-africanos, incluindo o então primeiro-ministro, John Vorster.

Savimbi pretendia que os Sul-Africanos adiassem a sua tentativa de retirada, a 11 de Novembro, até, pelo menos, ao dia 9 de Dezembro. Era essa a data em que os chefes de Estado da OUA previam encontrar-se em Adis Adeba para uma reunião de emergência sobre Angola. A razão aparente, dada por Savimbi, para a presença sul-africana em Angola tinha sido a de que tal lhe daria território com o qual ele poderia negociar a sua participação num governo de coligação: se a UNITA e a FNLA pudessem manter o controlo das maiores cidades fora de Luanda, seria possível obter uma maioria na votação da OUA favorável a tal coligação. Outros opositores à hegemonia do MPLA, incluindo os Presidentes Ford, Kaunda e Mobutu, faziam petições semelhantes a favor de Savimbi e pediam a Pretória para manter as suas forças militares em Angola⁵.

A África do Sul voltou temporariamente atrás na sua decisão de retirar, ficando dependente da votação da OUA. Todavia, Vorster tinha más notícias para Savimbi em Pretória, a 10 de Novembro: nesse mesmo dia, véspera da Independência, um esforço concertado por parte do Ocidente e da África do Sul estava a ser feito no sentido de colocar a FNLA em Luanda, no Dia da Independência.

Savimbi ficou chocado com as notícias de Vorster. Se não tivesse ido a Pretória, não teria sabido do plano, embora soubesse que a FNLA tinha avançado até cerca de 50 quilómetros de Luanda. (A viagem a Pretória foi a razão da ausência de Savimbi nas cerimónias da véspera da independência, no Huambo. E as notícias que lhe tinham dado terão sido, provavelmente, a causa do seu pouco habitual mau humor no Dia da Independência.)

Savimbi veio a saber, anos mais tarde, através dos serviços secretos de informação ocidentais, que o plano consistia em oferecer à UNITA três ou quatro pastas ministeriais de somenos importância, no caso de a FNLA assumir o poder, tais como o abastecimento de águas... «A maior parte dos 2000 homens da força sul-africana estava na nossa área e mesmo assim os Sul-Africanos e o Ocidente tinham planeado tomar Luanda e entregá-la à FNLA sem nos dizer nada. Que espécie de amizade era essa?»⁶

Os autores do relatório oficial de guerra do MPLA apoiaram a argumentação de Savimbi ao escrever: «Se os Sul-Africanos tivessem avançado mais um pouco [a partir do Sul], Angola poderia ter sido deles. Todavia, o plano ocidental tinha sido orientado no sentido da ocupação de Luanda pelas forças negras vindas do Norte»⁷.

O encerramento do Consulado-Geral dos Estados Unidos em Luanda, e a evacuação de todo o seu pessoal, em 3 de Novembro de 1975, precisamente uma semana antes da tentativa da FNLA para tomar Luanda, pode não ter sido apenas uma simples coincidência. Acresce ainda o facto de um cientista político americano, tendo observado que precisamente um pouco antes da independência um director-delegado da CIA, Vernon Walters, visitara Angola pelo menos duas vezes e também o Zaire, ter comentado: «A CIA pode ter estado ligada a uma tentativa feita pela FNLA para se apoderar do poder em Novembro de 1975»⁸.

Uma outra prova de que existia tal plano do Ocidente reside na composição da primeira coluna blindada sul-africana para avançar sobre Angola. Não havia tropas da UNITA integradas na coluna «Zulu» comandada por «Rommel», embora alguns soldados de Savimbi ocupassem as cidades depois de a coluna de lá ter expulsado os militares do MPLA. Quando «Rommel» conduziu as suas tropas desde a fronteira até ao Cuan-gar, a 14 de Outubro, estavam com ele treze outros soldados sul-africanos brancos — seis oficiais e sete oficiais sem patente (*NCO — non commissioned officer*). Tinham sob o seu comando um batalhão bosquímano constituído por 800 homens — pisteiros de primeira classe e batedores

silenciosos — e um batalhão de cerca de 1000 tropas negras da FNLA fiéis a Daniel Chipenda, que se intitulara a si próprio como «Chefe Supremo dos Exércitos», com quartel-general a sul, na cidade de Serpa Pinto, onde os seus homens recebiam treino militar de instrutores sul-africanos. No decurso de uma semana, «Rommel», que invade Angola com uma frota de transportes constituída por camiões civis, carros e *Land-Rovers*, recebeu como reforços cerca de vinte carros blindados e as suas tripulações e uma unidade de morteiros do Exército Sul-Africano⁹.

* * *

O assalto final da FNLA a Luanda — segundo o «plano ocidental» — começou duas horas após o nascer do dia 10 de Novembro de 1975. Cerca de 1500 soldados iniciaram o seu avanço numa única coluna, através do vasto vale pantanoso do rio Bengo, 30 quilómetros a norte de Luanda. As tropas da FNLA eram apoiadas por um batalhão do Exército Zaireense e 100 soldados portugueses angolanos¹⁰.

Atiradores do Exército Sul-Africano estacionados no alto de um morro a norte do rio assestaram três peças de artilharia com 17 quilómetros de alcance, para o outro lado do rio, onde cerca de 800 cubanos estavam entrincheirados, em cima dos morros, à volta da localidade de Quifandongo. Oficiais da CIA, conselheiros sul-africanos e agentes dos serviços secretos franceses e britânicos observavam, em conjunto, o começo da ofensiva dirigida a Luanda, cujos subúrbios, dominados por tanques de armazenamento de combustíveis, eram perfeitamente visíveis à distância.

Holden Roberto também estava no morro. Nunca estivera em Luanda, tendo sempre preferido permanecer em Kinshasa, mesmo durante a vigência do Governo de Transição de Angola, contrariando assim os conselhos dos seus oficiais superiores. Estes tinham insistido com ele para visitar Luanda em 15 de Março de 1975, data do aniversário da rebelião de 1961 da FNLA contra os Portugueses. Holden Roberto temera ser assassinado e mantivera-se, portanto, afastado¹¹.

Contudo, naquele momento, a capital e o poder absoluto pareciam estar ao seu alcance dentro de poucas horas.

Ao mesmo tempo que a FNLA progredia através do pântano, percorrendo uma estreita estrada de cascalho, do cimo de um dique, foi iniciada uma devastadora barragem de fogo de artilharia pelos Cubanos, alojados em Quifandongo, e tropas de apoio do MPLA. Bombas de morteiros pesados choviam sobre a coluna, assim como descargas de artilharia de *rockets* de 122 mm, disparadas de 40 canhões, conhecidos como «Órgãos Staline», silvavam no meio dos soldados. A artilharia sul-africana não podia competir com o equipamento pesado soviético, novinho em folha, que os Cubanos estavam a utilizar. E uma enorme peça de campanha zaireense, de 130 mm, proveniente da Coreia do Norte, explodiu ao ser disparada pela primeira vez, matando os seus operadores. A maior

parte dos doze carros blindados de Holden Roberto e metade dos doze jipes, equipados com *rockets* antitanque, ficaram fora de combate ao fim de uma hora. Os homens da CIA, que observavam a derrota militar de cima do morro, calcularam que cerca de 2000 *rockets* se abateram sobre as tropas da FNLA. Três aviões de combate sul-africanos, provavelmente *Mirage*, que tinham atacado as posições cubanas e do MPLA, não foram de grande ajuda para a FNLA. Dada a necessidade de secretismo, voaram tão alto que dois deles falharam os alvos e o terceiro não conseguiu lançar as suas bombas.

Os homens de Holden Roberto entraram em pânico e afundaram-se lentamente no pântano. Os Cubanos arremeteram violentamente contra eles nos seus jipes, disparando os *RPG-7* e os canhões antiaéreos ao longo do dique, por entre os soldados desmoralizados, aumentando o seu terror e aflição. Morreram centenas de zairenses e tropas da FNLA e também cinco dos portugueses. Os 26 homens do contingente sul-africano escaparam de uma praia perto do pequeno porto de Ambrizete, com um rádio e equipamento descodificador, no valor de um milhão de dólares. Reuniram-se à noite nesse local e foram evacuados, de helicóptero, para a fragata, da Marinha de Guerra Sul-Africana, *President Steyn* que os esperava, a três milhas da costa¹².

O desastre, que ficou conhecido como *Nshila wa Lufu* («estrada da morte»), liquidou a FNLA. Nunca mais recuperaram, tendo debandado, de uma forma completamente indisciplinada, de cidade em cidade, como e quando os Cubanos e o MPLA decidiam, em avanço metodicamente calculado.

* * *

Com a FNLA virtualmente fora de combate, Savimbi viu-se confrontado com um sério problema. Ao mesmo tempo que preparava a sua estratégia diplomática para a Cimeira de Emergência da OUA sobre Angola, o MPLA e os seus aliados cubanos foram obrigados a voltar todas as suas atenções para a UNITA, o inimigo do Sul.

Assim, a 5 de Novembro, uma decisão tomada em Havana, pelo Presidente de Cuba, Fidel Castro, viria aumentar os problemas de Savimbi e dos Sul-Africanos¹³. Já nessa altura deviam estar em Angola entre 1100 a 4000 cubanos para apoiar o MPLA¹⁴, e, também nessa altura, as tropas de Fidel Castro, que retiravam do Sul, tê-lo-iam informado de que estavam a enfrentar os Sul-Africanos. O líder cubano calculou evidentemente que, uma vez conhecida a presença sul-africana, esta seria internacionalmente condenada, não obstante os direitos e os erros da situação interna angolana. Supôs, também astutamente, que, a seguir à retirada do Vietname, nos princípios daquele ano e à perda de confiança nos seus líderes políticos, por causa do caso Watergate em 1984, os Americanos não estariam com disposição para novas aventuras, num país de que pouco tinham ouvido falar e que se chamava Angola.

A 7 de Novembro, dois dias depois de ter tomado a sua decisão, Fidel Castro deu início à «operação Carlota», nome inspirado numa mulher negra que chefiara uma revolta de escravos em Cuba, nos meados do século XIX. Foi uma ponte aérea que aumentou a força expedicionária cubana para 7000 homens, em Dezembro, e para 12 000, em Janeiro de 1976¹⁵. Os *Ilyushin*, de fabrico russo, e os *Britânia*, de construção inglesa, que se reabasteciam nas ilhas Barbados, nos Açores e na Guiné-Conacri, transportaram as tropas cubanas. Os Russos apoiaram os Cubanos — no que foi descrito por um jornalista como os «Gurkhas do Império Soviético»¹⁶, transportando, de avião, tanques, carros blindados, camiões, helicópteros, jactos de combate *MIG-21*, lança-foguetões e armas ligeiras. Não foi um esforço em vão para conservar a posição do seu cliente no território «tradicional». Havana e Moscovo tinham-se apercebido de que era possível ao MPLA conseguir uma vitória política e militar total e asseguraram-se de que lhe proporcionavam os meios necessários para a atingir.

O conflito civil angolano transformou-se na primeira guerra entre Cubanos e Sul-Africanos, embora nenhuma das partes tivesse ainda publicamente admitido que as suas forças estavam nela envolvidas.

Os Sul-Africanos continuavam a obter sucessos militares. Todavia, estavam a perder rapidamente a batalha política... e até na frente militar começavam a sentir problemas. Sofreram as suas primeiras pesadas baixas, a sul de Novo Redondo, a 12 de Novembro — 28 dias depois e a 700 quilómetros da entrada de «Rommel» em Angola. Ao atravessar regiões pantanosas inundadas, num troço exposto da estrada, semelhante àquele em que a FNLA fora massacrada, a coluna «Zulu» foi atingida pela artilharia pesada de morteiros. Morreu um sul-africano e ficaram feridos dezassete¹⁷.

As baixas entre os seus homens levaram «Rommel» a pedir reforços. Enviaram-lhe uma bateria de peças de campanha *Punder**, mas negaram-lhe uma companhia de pára-quedistas, que deveriam ser lançados por detrás das posições ocupadas pelo inimigo. Em consequência disso, pediu autorização para recuar para o Lobito: esta autorização foi-lhe recusada e ele foi mandado regressar à África do Sul, a 29 de Novembro, e desobrigado do seu comando¹⁸.

Do fim de Novembro em diante, os Sul-Africanos passaram a encontrar tropas cubanas em muito maior número e melhor organizadas e equipadas do que quando da chegada dos primeiros contingentes que atravessaram o Atlântico. Os Sul-Africanos, cujo número ascendia então a 2000, deram por si a confrontarem-se com tanques soviéticos *T-34* e *T-54*, tanques anfíbios ligeiros *PT-76*, helicópteros lança-mísseis e canhões antitanque de 122 mm.

* Designação em desuso que corresponde a granadas de 12,5 Kg. (*N. do T.*)

Agentes dos serviços secretos da Europa Ocidental, que operavam na África do Sul, calculam que entre Novembro de 1974 e Novembro de 1975 a União Soviética forneceu armamento ao MPLA no valor de 110 milhões de dólares — cerca do dobro do montante do equipamento enviado durante os catorze anos anteriores, quando o MPLA combatia contra os Portugueses¹⁹. Em Fevereiro de 1976, a CIA calculou que o valor do armamento enviado por Moscovo aos seus clientes do MPLA e aliados cubanos atingia os 400 milhões de dólares²⁰.

Na altura da independência, a maioria dos membros africanos da OUA apoiaram a posição da Organização, que favorecia o cessar-fogo e a criação de um governo provisório de coligação, seguido da realização de eleições livres multipartidárias. Todavia, 9²¹ dos 46 Estados membros da OUA reconheceram o MPLA como o governo legítimo de Angola, o suficiente para encorajar a União Soviética e Cuba a darem também o seu reconhecimento e a aumentarem o fornecimento de armas, mais ou menos abundantemente.

O armamento afluía de todos os lados, até mesmo da Tanzânia, que não reconhecera o MPLA, mas estava profundamente preocupada com os relatórios sobre Savimbi, cujos oficiais, em parte, tinham sido treinados pelo Exército Tanzaniano e que recebia apoio da África do Sul. Em fins de Novembro, estavam em Dar-es-Salaam 600 toneladas de equipamento militar soviético a aguardar embarque para Luanda, com destino ao MPLA. Do mesmo modo, estava no porto de Dar-es-Salaam o navio soviético *Valery Mezhlauk*, que transportava 785 toneladas de armas para a SWAPO, de acordo com o manifesto de carga. Os serviços secretos ocidentais acreditavam que essas armas se destinavam, de facto, ao MPLA²². Os Tanzanianos tinham também 100 toneladas de armas enviadas pela China, através de Dar-es-Salaam, para a UNITA; o Presidente Nyerere desviou, eventualmente, essas armas para o MPLA, causando com isso bastante mágoa à UNITA.

Apesar da superioridade em armamento, por parte do MPLA e dos Cubanos, os Sul-Africanos continuaram a obter consideráveis sucessos militares: por exemplo, na «Batalha da Ponte 14», sobre o rio Nhia, a norte de Cela, onde se desenrolou a acção de maior envergadura da guerra civil de 1975-1976, durante três dias — de 9 a 12 de Dezembro — a força sul-africana desferiu um ataque sobre Cela, partindo do norte, tendo-se movimentado previamente para leste, mais para o interior, partindo de Novo Redondo, ao longo da margem do rio Queve. Os Sul-Africanos reivindicam o facto de se terem confrontado com um batalhão inteiro de 1000 militares cubanos, matando cerca de 200, contra apenas 4 mortos sul-africanos²³. Os Cubanos admitiram ter sofrido aqui as suas mais pesadas baixas em relação a qualquer outra das batalhas em que intervieram, incluindo-se no número de mortos o comandante da sua força expedicionária, Raul Dias Arguelles²⁴.

Numa outra batalha a norte da «Ponte 14», em 14 de Dezembro, foram mortos mais 50 cubanos; os que ficaram gravemente feridos foram evacuados de avião para a Alemanha de Leste, a fim de receberem tratamento. Ainda na batalha pela posse de Cela, a 17 de Dezembro, os Sul-Africanos «efectuaram eficientes manobras ilusórias de artilharia, puseram os tanques fora de combate e mataram grande número de soldados do MPLA»²⁵.

Apesar disso, os Sul-Africanos nunca conseguiram resolver o problema da tomada de Teixeira de Sousa, no extremo leste da zona angolana do Caminho de Ferro de Benguela, o que teria permitido à UNITA o controlo de toda a linha férrea. Se Savimbi tivesse conseguido abrir o caminho-de-ferro ao tráfego internacional de e para a Zâmbia e o Zaire, a sua posição, credibilidade e possibilidades de sucesso militar e político teriam aumentado consideravelmente. Todavia, os Cubanos colocaram na cidade uma poderosa força defensiva e fizeram explodir uma ponte por onde circulava o comboio, a cerca de 20 quilómetros a oeste dali. Este facto fez com que se tornasse muito difícil atacar Teixeira de Sousa por terra, e a ponte ficou de tal modo danificada que os Sul-Africanos chegaram à conclusão de que, mesmo em tempo de paz, levaria vários meses para ser reparada.

Esta situação veio realçar um problema específico com que os Sul-Africanos se deparavam em Angola — a falta de pontes flutuantes (jangadas) e outros equipamentos de pontes. Esta deficiência tinha impedido também os Sul-Africanos de atravessarem o rio Queve, após a tomada de Novo Redondo, a 14 de Novembro, e avançar em frente, ao longo da costa, sem encontrar mais obstáculos até Luanda. No dia seguinte, os Cubanos fizeram explodir todas as pontes de acesso mais baixo e os Sul-Africanos foram obrigados a desviar-se, por terra, contra a sua própria vontade²⁶.

* * *

Um dos países-chave que os movimentos de libertação angolanos precisavam de conquistar na sua luta diplomática era a Nigéria, o mais populoso país na África negra e rico em petróleo. Precisamente três dias antes do Dia da Independência de Angola, a Nigéria condenava o apoio ao MPLA e apelava a Moscovo no sentido de travar todas as interferências futuras em Angola. «A Nigéria não compreende, ou não avalia, o apoio dado pela União Soviética a um dos movimentos de libertação para declarar unilateralmente a independência», dizia a Rádio de Lagos²⁷.

Menos de três semanas depois, a 27 de Novembro, a Nigéria inverteu a sua posição e reconheceu a legitimidade do governo do MPLA, invocando como razão para isso a intervenção da África do Sul. Este facto marcou o início da queda diplomática da UNITA. O reconhecimento do MPLA pela Nigéria foi seguido pelo da Tanzânia, cujo jornal, propriedade do Governo, *The Daily News*, publicara a minha reportagem sobre

a invasão sul-africana de Angola, sob o título «Savimbi admite traição». O Gana, Sudão e outros Estados juntaram-se aos Nigerianos e Tanzanianos e a 10 de Dezembro 14 dos 46 Estados membros da OUA tinham já reconhecido a administração de Agostinho Neto como governo legítimo.

Numa tentativa para travar a maré diplomática a favor do MPLA, a FNLA e a UNITA tinham declarado, no Dia da Independência, a sua intenção de constituir o Governo da República Democrática do Povo de Angola (RDPA), com base no Huambo, em oposição directa com a República Popular de Angola (RPA), do MPLA. A RDPA devia incluir nove ministros de cada movimento, com dois primeiros-ministros nomeados, que exerceriam as suas funções em meses alternados. Tratava-se de uma aliança completamente antinatural, exigida a parceiros relutantes, pela CIA e outros aliados estrangeiros clandestinos. Savimbi expressou, de imediato, as suas reservas em formar um governo com a FNLA, dizendo acreditar que tinha de se deixar aberta uma via para efectuar negociações com o MPLA²⁸.

Dada a hostilidade existente entre os dois movimentos, estes não foram capazes de chegar a um entendimento sobre a composição do governo até ao dia 1 de Dezembro. Nem Savimbi nem Holden Roberto exerciam funções na administração sediada no Huambo. O líder da FNLA permaneceu em Kinshasa. Ao fim de um mês de formação do seu governo de coligação, a FNLA e a UNITA estariam a lutar entre si, com a mesma intensidade com que haviam combatido o MPLA.

A RDPA não conseguiu obter o reconhecimento de quem quer que fosse, ao passo que a intervenção sul-africana tinha tido como resultado a legitimação do apoio soviético e cubano ao MPLA.

* * *

Ao mesmo tempo que a questão sobre se deveria ou não prolongar-se o envolvimento em Angola continuava a ser discutida entre os governantes da África do Sul, enquanto cada vez mais países da África negra reconheciam o MPLA, uma mudança crucial de opinião sobre o caso de Angola começou a registar-se nos Estados Unidos.

No início de Agosto de 1975, Dick Clark, um senador do Partido Democrático dos Estados Unidos, pelo Estado de Iowa, que apoiara a forma radical de liberalismo gerada pelo movimento contra a guerra do Vietname, empreendeu uma viagem demorada à África Central, na sua qualidade de presidente do importante Subcomité do Senado para as Relações Exteriores, a fim de proceder a uma averiguação dos factos. Fora anteriormente informado pelo director da CIA, William Colby, de que o Presidente Mobutu tinha enviado armas para a FNLA e para a UNITA, e, por essa razão, os Estados Unidos estavam a reabastecer os depósitos de armamento de Mobutu. Colby afirmou que nem os Americanos seriam

envolvidos no conflito angolano nem as armas americanas seriam enviadas para aquele país²⁹.

Clark era um académico de espírito enérgico e determinado, com certa dose de puritanismo. Apareceu na conferência de Victoria Falls, no princípio de Agosto, onde o Presidente Kenneth Kaunda e John Vorster efectuaram uma série de reuniões históricas e bastante amistosas, ao mesmo tempo que os governantes brancos e os nacionalistas negros que se lhes opunham se sentavam numa carruagem de comboio, estacionada a meio caminho do lado oposto da espectacular ponte sobre Victoria Falls e conversaram, com grande acrimónia, sobre o futuro do seu país. Clark fez perguntas a alguns de nós que ali estávamos como jornalistas, com muita seriedade, interesse e inteligência acerca dos acontecimentos dramáticos que estavam a registar-se na região.

Viajou até Lusaca, Dar-es-Salaam, Kinshasa, Luanda, Bié e Ambriz, tendo conversado com embaixadores americanos, chefes de Estado, jornalistas e também com Agostinho Neto, Jonas Savimbi e Holden Roberto, sobre a situação angolana. Regressou aos Estados Unidos convencido de que fora enganado pela CIA, de que os Americanos estavam envolvidos na guerra, de que Washington estava a enviar armas directamente para Angola e de que a CIA estava a cooperar directa e ilegalmente com a África do Sul.

Clark não foi capaz de exprimir a sua convicção de que a CIA estava a conduzir uma campanha enganadora. Existia um entendimento tácito de que qualquer congressista que recebesse informações da CIA sobre Angola não poderia tornar públicas essas informações³⁰.

«Serenamente, Clark continuou a acompanhar o programa de Angola, tentando descobrir a verdade por entre os nossos escudos de secretismo e falsidade», escreveu o chefe da Angola Task Force da CIA, que intervinha em Angola. No princípio de Novembro, interrogou o Departamento de Estado sobre o conflito em Angola e foi informado de que Mobutu não estava a utilizar o auxílio dos Estados Unidos para apoiar as diferentes facções em Angola. A 12 de Dezembro, Colby reafirmou, ao Comité Secreto de Informações da Câmara dos Representantes, que os Americanos não estavam envolvidos no conflito angolano³¹.

Na realidade, estavam profundamente envolvidos. Um exemplo disso era o facto de oficiais paramilitares da CIA, estacionados no Bié e no Ambriz, estarem a dar treino militar aos recrutas da FNLA e da UNITA sobre o manejo de armas de infantaria³².

Savimbi, vendo que a vitória diplomática se inclinava para o lado do MPLA, partiu, em princípios de Dezembro, para uma outra viagem à Zâmbia, para intervir na OUA, pedindo apoio para a formação de um governo de unidade nacional, em Angola, seguido de eleições. Obteve o apoio de Kenneth Kaunda, que afirmou não poder a África pretender ignorar as forças em conflito em Angola, numa clara alusão à sua con-

vicção de que a União Soviética e Cuba eram mais culpadas na questão da guerra civil angolana do que os Estados Unidos ou a África do Sul.

«Seria irrealista pensar que um partido político pode governar Angola e ao mesmo tempo manter a integridade territorial do país», afirmou Kaunda. A menos que os três movimentos encontrassem uma solução, as forças estrangeiras não sairiam de Angola e a história julgaria severamente os líderes africanos se eles se recusassem a enfrentar estes factos.

Kaunda apelou para a OUA no sentido de esta exigir um cessar-fogo imediato em Angola e trabalhar com vista a encontrar-se uma solução política que criasse condições de unidade e paz. «Condenamos vivamente a intervenção externa em Angola, venha ela de onde vier», disse ele. «Exigimos que todo o pessoal militar estrangeiro abandone o país. Acreditamos num governo de unidade nacional, como sendo ainda a melhor forma para pôr termo à guerra e garantir a integridade territorial de Angola³³.»

O próprio Savimbi encontrou-se com correspondentes estrangeiros e acusou a União Soviética, Cuba e o MPLA de terem iniciado a guerra civil. Porém, assim como a África do Sul manteve em segredo, perante o povo, o facto de que as suas tropas combatiam na guerra de Angola, assim como William Colby mentira ao Congresso acerca do envolvimento directo da América, tal como Cuba não admitia publicamente o seu envolvimento na guerra civil de Angola, até 21 de Dezembro de 1975³⁴, também Savimbi negou que a UNITA tivesse concordado em aceitar a ajuda da África do Sul. «Temos agora de levar a cabo a nossa ofensiva diplomática, porque os países africanos estão a ser incitados emocionalmente, em consequência das alegações de que a África do Sul está a combater ao nosso lado. Reiteramos aqui a nossa posição, afirmando que não estamos a ser ajudados pela África do Sul.»

E continuou, dizendo: «A guerra civil não foi iniciada pela África do Sul. As pessoas que intervieram em Angola são da União Soviética. Os primeiros veículos blindados a aparecer na guerra foram os T-54, de fabrico soviético. As primeiras tropas estrangeiras a intervir em Angola eram de Cuba. Por que é que as pessoas se recusam a ver isto?»

Este seria o ponto principal da argumentação levantada durante os meses de Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976 entre aqueles Estados africanos que apoiavam o reconhecimento total do MPLA como governo legítimo de Angola e os que defendiam a formação de um governo provisório de coligação, seguido de eleições multipartidárias. Argumentavam os primeiros que os Cubanos tinham chegado a Angola apenas depois da invasão sul-africana, enquanto os segundos afirmavam que a África do Sul se tinha envolvido no conflito em resposta à prévia intervenção da União Soviética e de Cuba para ajudar o MPLA.

Savimbi afirmou que o povo africano era muito emotivo e fora sob esta perspectiva que tinha interpretado os relatórios sobre a interferência da África do Sul em Angola: «Ninguém vai ficar tranquilamente sentado

a verificar quem chegou primeiro. A União Soviética deu início ao afluxo de armas ao território, quando o Governo de Transição estava ainda em funções, mas ninguém nos escutou. Poderíamos ter resolvido os problemas de Angola através de eleições, mas o MPLA sabe que, se se tivessem realizado eleições, a UNITA estaria agora a governar o país³⁵.»

Savimbi estava particularmente magoado com a mudança de posição da Nigéria. «Penso que estão a demonstrar ignorância ou então confiam muito nas mentiras do MPLA. Reconhecendo o MPLA, estão apenas a encorajar a continuação da nossa guerra civil. Em vez de a encorajarem, deveriam fazer tudo para lhe pôr fim, através de negociações políticas.»

Savimbi tentou jogar com os receios do que poderia eventualmente acontecer a outros Estados africanos se os Soviéticos, Cubanos ou Sul-Africanos conseguissem atingir os seus objectivos em Angola. «A OUA deve condenar todas as intervenções externas em Angola, porque, se as tropas estrangeiras forem autorizadas a intervir livremente, ninguém pode garantir que amanhã elas não intervirão num qualquer outro país independente. A face que a Rússia está a mostrar, em Angola, deveria servir de aviso a todo o continente. Ela deveria recordar-nos as intervenções soviéticas na Checoslováquia e na Hungria. Se não tivessem sido os tanques soviéticos, os sistemas democrático e liberal que os Checos e os Húngaros desejavam não teriam falhado.»

Um tema semelhante estava ser apresentado nas Nações Unidas pelos Estados Unidos, onde, a 8 de Dezembro, o seu exuberante e decidido embaixador, Daniel Patrick Moynihan, avisou a Assembleia Geral de que os Estados Unidos não podiam aceitar a «grande mentira» de que apenas um único país — a África do Sul — tinha interferido em Angola. «Neste preciso momento, com os colonizadores europeus dos séculos XVII, XVIII e XIX a abandonar o país, neste preciso momento, uma nova nação europeia colonizadora, colonialista e imperialista surge no continente africano — armada, agressiva e envolvida no assalto directo às terras e populações de África.»

«Qual das grandes potências não condenou todas as intervenções em Angola?» Sabemos muito bem qual foi. Somente a União Soviética, a potência europeia agora empenhada na sua expansão colonial no continente africano. O Governo Soviético, longe de condenar a intervenção, admitiu-a, afirmando que «está a prestar ajuda aos seus amigos em Angola e garantindo que continuará a fazê-lo[...].»

Andrew Young, o líder negro americano que seria mais tarde embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, durante a administração Carter, juntou-se-lhe na condenação da União Soviética. No decurso da inauguração da nova Livraria Martin Luther King, em Lusaca, elogiou a iniciativa do Presidente Kenneth Kaunda, ao ter tido a ousadia de se encontrar com o Presidente John Vorster, afirmando que Luther King teria feito o mesmo. Apelou também para que os Estados Unidos suspendessem

os fornecimentos de trigo à União Soviética, a menos que Moscovo pusesse termo ao fluxo de armas para Angola³⁶.

Hilgard Muller, ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, numa visita a Londres, negou a presença de tropas do seu país no interior de Angola, mas prosseguiu: «Devo dizer-lhes[...] não consigo entender por que se faz tanto barulho sobre a possibilidade de participação da África do Sul, já que não constitui segredo para ninguém que os Russos e alguns milhares de cubanos lá estão³⁷.»

Contudo, apesar deste violento ataque verbal aos Soviéticos, a corrente mudava inexoravelmente o seu rumo. A FNLA transformara-se numa «turba desmoralizada», indisciplinada e completamente fora do controlo dos seus oficiais³⁸ e precipitava-se em fuga desordenada para o Norte, ante o avanço firme dos Cubanos e do MPLA. Em meados de Dezembro, o MPLA tomou o quartel-general de Holden Roberto, no Ambriz, e a FNLA retirou para a cidade do Uíge (outrora com o nome de Carmona), no interior, e para São Salvador (agora chamada Mbanza), no extremo norte, perto da fronteira com o Zaire. Os batalhões zaienses de *élite*, do Presidente Mobutu, dispersaram e fugiram em debandada, ainda mais rapidamente do que a FNLA, saqueando aldeias à sua passagem e deixando para trás armas americanas e ocidentais que nem sequer tinham sido usadas e que constituíram uma dádiva ideal para a propaganda do MPLA.

Enquanto a FNLA se desmoronava, os Cubanos e o MPLA tiveram a possibilidade de concentrar as suas atenções cada vez mais sobre o Sul. Embora as pequenas colunas sul-africanas continuassem a fazer progressos, faziam-no muito mais lentamente e com grandes perdas.

As perdas atingiram o seu ponto mais elevado no fim da primeira semana de Dezembro. Quatro mecânicos do Exército Sul-Africano, enviados para a frente de combate com a missão de reparar um veículo, a norte de Cela, dirigiram-se acidentalmente para território inimigo e foram feitos prisioneiros. Alguns dias depois, foram exibidos perante as câmaras de televisão, em Luanda, numa considerável vitória de propaganda para o MPLA.

O objectivo global da política da África do Sul de retirar de Angola depois da cimeira especial da OUA foi sendo progressivamente adiado. Isto aconteceu porque a própria cimeira também foi adiada por duas vezes, já que os Estados membros da OUA lutavam com o objectivo de conseguir apoios que sustentassem os seus pontos de vista diferentes. Primeiro, a cimeira esteve marcada para 9 de Dezembro, depois para 18 de Dezembro e, finalmente, para 10 de Janeiro de 1976.

Apesar disso, a 5 de Dezembro, o senador Clark pôs em movimento uma acção que tornaria absolutamente inevitável a retirada da África do Sul. Recomendou ao Subcomité para as Relações Exteriores que toda a ajuda secreta dos Estados Unidos aos movimentos de libertação em Angola devia terminar. O Comité votou favoravelmente a moção.

O senador Hubert Humphrey aliou-se à tendência dominante no Senado. Tal como o primeiro-ministro britânico, nos anos trinta, se descartara da Checoslováquia, por este ser um distante e pequeno país sem interesse para os Bretões, também Humphrey explicou por que é que o seu voto iria contra o envio de mais armas para Angola: «Os Estados Unidos faziam melhor se comesçassem a tratar de assuntos que sabem como resolver. Sabemos muito pouco sobre a África e das 800 tribos que a constituem[...] Diria mesmo que se trata de um mundo diferente.» A 19 de Dezembro, o Senado votou a favor da Emenda Clark por 54 votos contra 22. Dos 31,7 milhões de dólares, inicialmente aprovados pelo «Comité dos 40», para a Angola Task Force da CIA, em Angola, apenas 9 milhões restavam para ser gastos, antes que a operação tivesse de ser suspensa. O Presidente Ford denunciou, violentamente, este impedimento como uma «abdição de responsabilidade», imprópria de uma «grande nação», a convidar a «mais crises futuras»³⁹.

Embora Kenneth Kaunda e oficiais superiores americanos continuassem a apelar para a África do Sul no sentido de esta manter o seu apoio⁴⁰, os dados estavam lançados. Os oficiais sul-africanos, em Pretória, acreditavam que a intervenção do seu país em Angola se baseava num entendimento com Washington e que os Estados Unidos iriam competir com qualquer tipo de armamento enviado pela União Soviética ou outros países para o MPLA⁴¹. O Senado traía esse entendimento e, nesse momento, seguramente que o fornecimento de armas americanas à UNITA iria cessar, assim como as tropas sul-africanas iriam retirar de Angola. Este facto iria assegurar a vitória ao MPLA e aos seus decididos aliados, os Soviéticos e os Cubanos.

Significava o desastre para Jonas Savimbi.

CAPÍTULO XVI

CIMEIRA AFRICANA DE EMERGÊNCIA

1975-1976

A REACÇÃO DE SAVIMBI à votação do Senado dos Estados Unidos, em 19 de Dezembro, impedindo a ajuda aos movimentos angolanos, foi voar, mais uma vez, até Pretória no dia 20 de Dezembro. Pediu ao primeiro-ministro John Vorster não só para manter as suas forças em Angola mas também para avançar sobre Luanda.

«Todo o mês de Dezembro fizera apenas parte de um acordo com os Sul-Africanos. Disse-lhes que se tivesse tido outra escolha não os teria escolhido a eles.

Todavia, eles tinham avançado e nós tínhamos ficado manchados. Disse-lhes que já que tínhamos má reputação, então continuaríamos, iríamos avançar sobre Luanda. Vamos em frente porque, quando se vence, um vencedor pode sempre explicar-se; um vencido não pode fazê-lo. Não pode, verdadeiramente, dizer: 'Perdi, mas sou um homem de honra. Os vencedores escrevem a história. Eles responderam-me, porém, que não iam avançar para norte de Ceta e não se moveram de lá.'¹»

Os Sul-Africanos concordaram em conservar o território que já tinham conquistado até que se realizasse a Cimeira Extraordinária da OUA, prevista para 10 e 12 de Janeiro, na esperança de que pudesse ser encontrada uma solução diplomática para a guerra civil angolana.

Os governos que tinham encorajado a aventura da África do Sul em Angola, com acenos de cabeça e um piscar de olhos, estavam agora alarmados com o alcance político e diplomático do envolvimento de Pretória. «Verificou-se alguma política agitada de bastidores, que inclui numerosas mensagens e viagens de ida e volta entre capitais africanas — principalmente Lusaca — e Pretória. Houve apelos renovados à África do Sul para manter a sua actividade militar durante mais algum tempo².»

O reduzido grupo de correspondentes estrangeiros sediados em Lusaca

mantivera-se na expectativa quanto à identidade do funcionário sul-africano de alto nível que estaria na Zâmbia para mais uma missão de contacto: se seria o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hilgard Muller, ou Brand Fourie, funcionário civil do Ministério. Entre Julho e Dezembro de 1975, Fourie fez mais de vinte viagens à Zâmbia, em segredo, para se avistar com Kenneth Kaunda³.

Por outro lado, especulava-se sobre a estada na África do Sul de Mark Chona, o brilhante e arguto conselheiro pessoal do Presidente Kaunda, que ali se encontrava em mais uma das suas missões especiais. Chona ficou a ser conhecido como o «Kissinger da Zâmbia», dado o papel maquiavélico que desempenhou na condução da política externa do seu país, semelhante ao Dr. Henry Kissinger na América. Viajou com a mesma frequência e, até finais de Dezembro e no início de 1976, visitou Washington, Paris, Londres e Pretória.

A seguir à votação do Senado Americano, solicitei um encontro com Chona, na presunção de que a Zâmbia teria os seus objectivos definidos para a Cimeira Extraordinária da OUA. Na manhã do dia 23 de Dezembro de 1975, enquanto esperava, numa das antecâmaras da *suite* oficial do Presidente, no Palácio do Governo, Jean Wilkowsky, embaixatriz dos Estados Unidos, que sempre me fazia lembrar um comandante do English Girl Guide (Guias Inglesas), movimentava-se atarefada de um lado para o outro, como se fosse dona de tudo. Sem sombra de dúvida, ela sentia-se em casa, desde há algum tempo.

Chona, um homem magro, bem parecido e de sorriso enigmático, assumiu uma posição militante anti-soviética em Angola: «A União Soviética fez com que se tornasse impossível a realização de eleições livres em Angola. Foi a primeira potência estrangeira a interferir, e estão em Angola mais tropas de Cuba do que de qualquer outra potência.

Agora que Angola é independente, por que razão é que os Russos fornecem SAM-7 para negros matarem negros, quando não lhes forneceram antes tais armas sofisticadas? As pessoas de Angola que fogem agora das suas casas bombardeadas são negras.»

Chona afirmou que, em Adis Adeba, a Zâmbia iria exigir a retirada de Angola de «todas» as tropas estrangeiras e o estabelecimento de um governo de unidade nacional. O Presidente Kenneth Kaunda acabava de regressar precisamente de uma viagem ao Quênia, onde obtivera o apoio do Presidente Jomo Kenyatta para esta linha de actuação.

A tendência Kaunda-Kenyatta foi imediatamente atacada, na Tanzânia, pelo jornal governamental *The Daily News*, que afirmava ser já o MPLA o governo legítimo de Angola: pedir-lhe que se juntasse à UNITA e à FNLA era «o mesmo que favorecer um saldo colectivo da África». Relativamente à ajuda prestada pela África do Sul à FNLA/UNITA, o jornal afirmava: «Não pode existir um governo de unidade nacional entre patriotas e traidores confessos⁴.»

A África precisava de fazer uma análise menos emotiva e mais racional do envolvimento sul-africano, afirmava Chona. A causa do conflito angolano não era a África do Sul. «A presença sul-africana é um efeito da guerra civil, não uma causa fundamental.»

A OUA, na sua anterior Cimeira em Kampala, em Julho de 1975, apelara para o estabelecimento de um governo de unidade nacional, disse ele. Até ao momento da independência, a OUA reconhecera a legitimidade de todos os três movimentos angolanos. Por isso mesmo, continuou; a Zâmbia era de opinião que a OUA e a União Soviética tinham agido erradamente ao reconhecerem o MPLA como governo legítimo.

«Os assuntos internos de Angola têm de ser resolvidos pelos Angolanos. Por tal razão, a OUA deve empreender uma acção vigorosa no sentido de persuadir a União Soviética a retirar-se de Angola juntamente com as tropas de Cuba.»

Pior do que as tragédias provocadas por Angola foi a oportunidade que esse facto forneceu aos militares sul-africanos de se infiltrarem em força na Namíbia, território que a África negra desejava ver, quanto antes, conduzido à independência; porém, do mesmo modo que a Zâmbia se opunha ao racismo praticado pela África do Sul, também se opunha ao neocolonismo praticado pela União Soviética ao apoiar o MPLA.

A Zâmbia, disse Chona, não se desculpava pela rede de contactos que tinha estabelecido com a África do Sul. Estes estavam de acordo com o Manifesto de Lusaca, sobre a África Austral, assinado pelos Estados africanos independentes, do Leste e Centro da África, em 1969, no qual se declarava: «Temos sempre preferido, e continuaremos a preferir, alcançar a liberdade sem violência. Preferiremos negociar a destruir, dialogar em vez de matar.»

Todavia, embora Chona e Kenneth Kaunda estivessem a preparar-se para iniciar uma batalha em Adis Adeba por uma Angola onde se pudessem realizar eleições livres, estavam pessimistas quanto às perspectivas para o ano de 1976. «Os anos vindouros perfiguram-se como os mais difíceis da nossa história», afirmou o conselheiro do Presidente, acrescentando com exactidão profética: «Não estamos a ver os Russos e os Cubanos a retirar. Os Sul-Africanos retirar-se-ão, mas a guerra civil continuará.»

* * *

Não poderia duvidar-se da posição assumida pela Zâmbia. Savimbi tinha conquistado a admiração e o apoio de Kenneth Kaunda, que afirmara um pouco antes da Cimeira de Adis Adeba: «A coligação UNITA/FNLA tinha o mesmo direito de pedir armas aos Estados Unidos como o MPLA tinha de receber armas da União Soviética. Se a ajuda dos Estados Unidos for solicitada por qualquer partido angolano, quem sou eu para dizer que os Estados Unidos da América não deverão aceder?... Uma vez que Portugal estava já fora de Angola, não havia nenhuma

justificação para o apoio soviético ao MPLA. Sinto que devemos falar abertamente sobre Angola. Temos de ser moral e politicamente corajosos e dizer aos Soviéticos: 'Vocês estão errados.'

Nós, em África, temos de olhar para Angola de uma forma moderada e racional e não emocional. Tanto como condenamos a presença da África do Sul em Angola, estaremos a enganar-nos a nós próprios se pensarmos que ao condenarmos a África do Sul estamos a resolver alguma coisa⁵.»

* * *

Noutro local, outros personagens no drama divulgavam as suas próprias posições.

Em Joanesburgo, Pieter Botha, ministro da Defesa da África do Sul (e futuro primeiro-ministro), responsável pela estratégia angolana — que ele não tinha ainda revelado ao seu próprio eleitorado —, me afirmou, referindo-se à votação do Senado Americano: «Se o Ocidente não deseja contribuir com a sua quota-parte para a sua própria defesa e do mundo livre, não pode esperar que a África do Sul o faça... A África do Sul não está preparada para empreender, por si só, a batalha do Ocidente contra a penetração comunista.» O correspondente principal da Reuter, em Joanesburgo, interpretou o discurso de Botha como sendo o indício de que a África do Sul se preparava para retirar as suas forças de Angola, se o apoio claro do Ocidente não surgisse num futuro mais ou menos próximo⁶.

Henry Kissinger afirmou, em Washington, que os Estados Unidos eram favoráveis à retirada de Angola das forças cubanas e sul-africanas. «A questão é saber-se se a União Soviética pode impor, a dois terços da população, a sua própria maneira de governar», afirmou o secretário de Estado americano. «Sem o apoio externo, a guerra teria acabado nas bases propostas pela OUA, através de uma qualquer espécie de coligação entre as forças locais⁷.»

A agitação diplomática pré-Adis Adeba viu também Savimbi deixar Angola a caminho de Lusaca, Kampala, Kinshasa, Yaounde, Abidjan e Dacar, a fim de coordenar, em conjunto, com os Presidentes da Zâmbia, Uganda, Zaire, Camarões, Costa do Marfim e Senegal uma estratégia para a Cimeira da OUA, que teria como objectivo condenar o envolvimento soviético, cubano e sul-africano em Angola⁸.

William Schauffele, o subsecretário de Estado americano para os Assuntos Africanos, partiu de Washington, no dia de Natal, para uma viagem de onze dias pela África, para obter apoio favorável à opinião defendida por Savimbi e Kaunda. Entretanto, Henry Kissinger partira de férias para a Jamaica⁹. Em Bruxelas, o secretário britânico para os Assuntos Exteriores, James Callaghan, quando assistia a uma reunião da NATO, recomendou, com insistência, que fosse dado apoio à formação de um governo angolano de unidade nacional¹⁰. O Presidente Ford escreveu a 32 chefes

de Estado sobre o mesmo assunto e a CIA procurava reunir todos os agentes disponíveis para os enviar para Adis Adeba, de forma a apoiar a política de bastidores dos Estados Unidos no sentido de influenciar a votação final¹¹.

Apesar deste forte ataque diplomático, a confiança de Fidel Castro aumentava. Em Havana, no Congresso Anual do Partido Comunista Cubano, a 21 de Dezembro, ele afirmou aos delegados que Cuba garantiria ao MPLA todo o apoio militar necessário — a primeira admissão pública de Cuba do seu envolvimento na guerra civil¹². Lúcio Lara, chefe ideológico do MPLA, declarou ao Congresso de Havana que o MPLA agradecia à União Soviética e a Cuba os seus «actos concretos» de ajuda, que tinham permitido ao MPLA «enfrentar os tanques franceses e americanos e os canhões utilizados pelos expansionistas sul-africanos ao invadirem Angola».

Nos finais de Dezembro de 1975, Pik Botha, embaixador sul-africano nas Nações Unidas, regressou para conversações com o primeiro-ministro e chefes da Defesa sobre as implicações da votação do Senado dos Estados Unidos. Os líderes da África do Sul ficaram desanimados com a decisão do Senado, mas também enfurecidos, e sentiram-se duplamente traídos pelo fracasso do Governo dos Estados Unidos ao se opor a uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, exigindo que a África do Sul pagasse indemnizações ao MPLA por danos de guerra¹³. Foi no decurso desta reunião, realizada num retiro em Oubosstrand, que a decisão final sobre a retirada de Angola parece ter sido tomada¹⁴.

No dia de Natal, o comandante sul-africano, major-general Van Deventer, disse a Savimbi que as suas tropas iriam retirar de vez de Cela, posição avançada sul-africana, a 200 quilómetros para norte do Huambo. A retirada iniciar-se-ia assim que a votação tivesse terminado na Cimeira de Emergência da OUA. Savimbi voou de imediato para Lusaca e combinou, por intermédio de Kaunda, uma terceira visita a território sul-africano, desta vez a Windhoek, capital da Namíbia. Aí, Savimbi apelou aos Sul-Africanos para que continuassem o combate até chegarem a Luanda. Não, disseram-lhe eles, a decisão era irrevogável¹⁵.

Quando Savimbi regressou a Angola, na véspera do Ano Novo de 1976, o Presidente Kenneth Kaunda convocou Brand Fourie, que estava na Cidade do Cabo (Cape Town), para uma reunião na sua casa ancestral, no Leste da Zâmbia. No limiar do novo ano, Kaunda disse ao chefe do Ministério dos Negócios Estrangeiros sul-africano, que aprendera a conhecer bem, que a África do Sul devia avançar a toda a força sobre Luanda ou retirar-se totalmente de Angola. Contudo, Kaunda afirmou preferir que a África do Sul avançasse. Fourie disse ao líder zambiano que era completamente impossível à África do Sul assumir tal espécie de compromisso, porque países como a França e os Estados Unidos, que tinham apoiado secretamente a África do Sul, estavam agora a «abandonar o barco».

De regresso a Angola, Savimbi assistiu à parte final da Conferência Anual da UNITA, no Bié. Na véspera de Natal, a coligação artificial entre a FNLA e a UNITA começou a desintegrar-se, quando soldados dos dois movimentos se envolveram numa violenta confrontação no Huambo. As estimativas do número de mortos oscilavam entre 28 e 200¹⁶. Nesse mesmo momento, a Conferência da UNITA ratificou uma série de resoluções reiterando todas as exigências passadas, feitas pelo partido, para a formação de um governo de coligação, seguido de eleições. Condenou também o MPLA por este ter atropelado os acordos de Mombaça, Alvor e Nakuru¹⁷.

Todavia, nesta altura dos acontecimentos, a UNITA estava já a lutar contra moinhos de vento.

A 5 de Janeiro de 1976, o quartel-general de Defesa sul-africano anunciou que mais três dos seus soldados tinham sido feitos prisioneiros pelos Cubanos/MPLA, sendo esta a segunda vez que elementos das forças de defesa sul-africanas eram capturadas, aumentando para sete o número total de prisioneiros¹⁸. Esta deve ter sido a gota que fez transbordar a taça.

Aguardava-se, agora, somente pelo *dénouement** em Adis Adeba.

* * *

Eu fora proibido, por Savimbi, de entrar em território da UNITA a seguir à minha denúncia da invasão sul-africana. Contudo, a 5 de Janeiro de 1976, a proibição foi levantada e eu consegui voltar a Angola, antes da Cimeira de Adis Adeba. Savimbi queria publicidade para os três prisioneiros cubanos que a UNITA mantinha e que ele tencionava levar à Cimeira.

Os três, com os pulsos amarrados e os pés calçados com sapatos sem atacadores, foram trazidos à presença dos correspondentes estrangeiros, vestindo fardas cinzentas da prisão, no exterior da que fora em tempos a pequena prisão portuguesa do Bié. Entre eles estava Samuel Ducendes Rodriguez, o rapaz branco de 17 anos a quem Savimbi dissera, em Novembro, que não seria abatido. Os outros eram o tenente Selso Caldez, de cor negra, e o soldado José Durundi, um mestiço.

Caldez, oriundo de La Sierrita, perto de Cochinos Bay (baía dos Porcos), tinha chegado no navio cubano *Vietname Heroica*, em Outubro de 1975. Fora abandonado no hospital do Lobito, onde estava a ser tratado de desinteria, quando os cubanos se retiraram deste porto em Novembro.

Durundi, natural de Guantanamo, perto da pequena base naval dos Estados Unidos em Cuba, chegara nos princípios de Novembro, a bordo do navio cubano *Coral*. Era mecânico e tinha sido baleado numa coxa durante o avanço sul-africano sobre o Lobito. A princípio, disse ele, tinha sido espancado pelos seus captores, mas depois fora bem tratado devido ao seu ferimento.

* *Dénouement*, no original (desfecho). (N. do T.)

Rodriguez tinha-se transformado, obviamente, na mascote dos seus guardas. Um rapazito alegre e simpático, começara a falar português e o dialecto local, o ovimbundu. Acrescentou mais um pouco à sua história inicial: ao ser capturado, fora amarrado a uma árvore durante uma noite inteira e espancado pelos soldados. Afirmou ele: «O MPLA e a UNITA parecem estar a lutar praticamente pela mesma causa. A UNITA parece ser o povo de Angola, por isso não sei qual a razão desta guerra.» Mas é evidente que o que os prisioneiros de guerra dizem na presença dos seus captos pode ser interpretado de maneiras diversas.

Antes de partir do Bié, Savimbi reafirmou as suas esperanças na Cimeira de Adis Adeba, apelou ao Senado dos Estados Unidos para que não abdicasse das «suas responsabilidades» e declarou: «A história deste século e do próximo não deverá ser feita à volta do Vietname. No Vietname, os Estados Unidos estavam do lado da minoria. Em Angola, acontece o oposto. A maioria do povo está connosco e o MPLA quer impor pela força a sua vontade à maioria.»

Savimbi afirmou que qualquer que fosse a decisão final do Congresso dos Estados Unidos, sobre a ajuda a prestar à UNITA e à FNLA, o seu movimento continuaria a lutar.

* * *

O partido de Savimbi chegou a Adis Adeba, a 9 de Janeiro, sem os prisioneiros cubanos. Fora avisado, pelas autoridades etíopes, para os não trazer por razões de segurança. Todavia, o MPLA apresentou-se com dois jovens soldados sul-africanos brancos, que se transformaram no ponto alto de propaganda na Cimeira ao serem exibidos perante a imprensa internacional.

No último dia desta Cimeira Extraordinária, 12 de Janeiro, Kenneth Kaunda proferiu um discurso corajoso, descrevendo, em linhas gerais, a visão da Zâmbia sobre a crise: «Não somos um colégio eleitoral. Não viemos aqui para confirmar qualquer partido político como governo de Angola[...] A Zâmbia deseja uma Angola progressista e não alinhada, completamente livre de pressões externas.»

Numa discreta alusão à União Soviética, afirmou: «A África tem de compreender que imperialismo é imperialismo. Este não conhece raça, cor ou ideologia. Todas as nações que procuram impor a sua vontade a outras são imperialistas. A África não deve permitir que esses cavalos de Tróia imperialistas, a coberto da capa de defensores da causa da libertação, apareçam afinal para nos dividir¹⁹.»

Mas eles lograram dividir a África: 22 contra 22, para ser exacto, com duas abstenções, em duas moções — a primeira, apresentada pelo Presidente Leopold Senghor, do Senegal, apelando para um cessar-fogo angolano, a retirada das tropas estrangeiras e a reconciliação dos três movimentos de maneira a formar um governo de unidade nacional; a segunda, apre-

sentada pelo líder militar da Nigéria, brigadeiro Murtala Muhammed, que apelou para a OUA no sentido de esta reconhecer o MPLA como o governo legítimo de Angola.

A Cimeira não apresentou uma resolução condenando a África do Sul. Muitos dos líderes negros de África, para quem o ódio aos Sul-Africanos constituía um imperativo político, demonstraram, pela forma como votaram, que a sua desconfiança em relação aos Soviéticos e Cubanos era ainda maior.

Todavia, a votação dividida foi ilusória. Os dois países que se abstiveram — a Etiópia e o Uganda — reconheceram, pouco depois, o MPLA e, em consequência disso, houve uma avalanche a favor do Movimento Popular. Ao fim de seis semanas fora já reconhecido por 41 dos 46 membros da OUA e, a 10 de Fevereiro, o governo de Agostinho Neto tornou-se o 47.º membro do grupo pan-africano.

Kenneth Kaunda regressou a Lusaca sabendo que perdera. A 16 de Janeiro, dirigindo-se ao Parlamento zambiano, na sessão de abertura, declarou: «A história julgará severamente a África se falharmos no fortalecimento da nossa unidade e entregarmos, de novo, aos antigos patrões ou a novos imperialistas o nosso continente.»

No mesmo dia, dois generais sul-africanos voaram para o Bié e daí para o norte, em direcção à frente de combate em Cela, onde as suas tropas se batiam contra os Cubanos e o MPLA. Ali, informaram Jonas Savimbi de que no prazo de seis dias as forças sul-africanas estacionadas em Angola começariam a retirar-se para nunca mais voltar²⁰.

CAPÍTULO XVII

A ÁFRICA DO SUL RETIRA-SE: SAVIMBI ENFRENTA O ESQUECIMENTO

1976

A 16 DE JANEIRO, estava também em Cela, para o encontro com os generais sul-africanos, Holden Roberto e o seu comandante semi-autónomo no Sul de Angola, Daniel Chipenda. Os Sul-Africanos estavam inflexíveis quanto à decisão de retirar¹; apesar dos protestos de Savimbi, de Holden Roberto e Chipenda de que à FNLA e à UNITA nada mais restaria do que uma má reputação pela sua associação com Pretória.

A FNLA, que enfrentava agora terríveis problemas no Norte e começara a recrutar mercenários britânicos e americanos, numa tentativa de inverter a marcha dos acontecimentos, começou a entrar em pânico. «Daniel Chipenda começou a chorar, em frente aos oficiais sul-africanos. Eu disse, não, é assim mesmo: eles vieram, agora querem ir-se embora, portanto deixá-los ir», disse Savimbi.

«Então, quando nos retirávamos, Holden Roberto perguntou-me o que me fazia estar tão confiante de que iria ter tropas que substituíssem os Sul-Africanos. Disse-lhe que não tinha, mas que não ia chorar em frente dos Sul-Africanos. Se eles querem abandonar-nos, que o façam. Se tivermos de morrer, morreremos; este é o nosso país! Que podemos fazer? Não fazíamos parte do acordo quando eles para cá vieram, por isso não temos qualquer poder para persuadi-los a ficar.

Quem os mandou para cá está agora a mandá-los regressar, por isso temos de aceitar os factos².»

Consegui avistar, por momentos, os dois generais, durante uma viagem de regresso que fiz ao território da UNITA, com outros correspondentes estrangeiros, de 13 a 19 de Janeiro. Avistei-os em frente a um *Land-Rover*, quando fugiam através do Bié. Vestiam camisas de cáqui, de manga curta. Contudo, os oficiais da UNITA não admitiram nunca que estavam presentes os dois militares brancos nem tão pouco nos diriam quem eram ou o que estavam ali a fazer. O mais próximo da verdade que consegui apurar, na altura, foi por informação de um jornalista português³ que mantinha relações estreitas com Savimbi, que me dizia tratar-se de um general sul-africano e outro americano a efectuarem uma visita militar de inspecção.

Já que os correspondentes visitantes nada sabiam sobre as notícias trazidas a Savimbi pelos generais, era de certo modo duvidosa a nossa cobertura de guerra. Contudo, esta não era a espécie usual de guerra duvidosa — a que está prestes a começar — mas antes uma que estava perto do fim.

Savimbi teve um breve encontro connosco e disse-nos, em ar de desafio: «Passei sete anos na mata. Não passei lá todos estes anos para ser dominado pelos Russos, depois da independência.» A seguir, proporcionou-nos uma viagem maravilhosa de 400 quilómetros ao longo do Caminho de Ferro de Benguela, que, na altura, nos pareceu fora da realidade e que, segundo nos apercebemos mais tarde, era na verdade irreal. Uma enorme e bonita locomotiva a vapor, construída em Glasgow, há mais de 50 anos, puxava uma composição de vagões de mercadorias, cheios de soldados da UNITA, e, na parte de trás, íamos nós, reclinados numa caruagem de passageiros, bem decorada, com uma plataforma panorâmica na retaguarda, semelhante àquelas onde lutavam, desesperadamente, os «heróis» e os «bandidos», nos filmes do Oeste.

Nós, correspondentes, ficámos na plataforma e contemplávamos, com admiração, para além do grande planalto africano, um pôr do Sol majestoso, tão incandescente na sua brilhante cor de fogo como a guerra que nenhum de nós conseguira ou iria conseguir ver de perto. Rimo-nos quando o sombrio representante do *Wall Street Journal*, recentemente chegado da sua base, em Londres, para observar o conflito angolano, ficou indiferente perante o esplendor do Sol a desaparecer. Em vez disso, lamentava-se: «Que país terrível! Sabiam que não se consegue obter uma única estatística neste local? Não existem números sobre a produção de café ou tonelagem de banana...»

Durante toda a noite voaram brasas incandescentes da fornalha da locomotiva que queimava lenha. O farol da locomotiva iluminava o mato até muitos quilómetros adiante. Em todas as estações havia soldados à volta das fogueiras, cozinhando pirão. Soavam gargalhadas e ouviam-se conversas, porque toda a gente no comboio parecia conhecer toda a gente que estava em cada uma das estações.

Chegámos ao Luso e amontoámo-nos num pequeno vagão eléctrico

de inspecção da via, para viajarmos mais de 100 quilómetros para leste, onde iríamos ver os destroços de uma ponte do caminho-de-ferro sobre o rio Lumege, destruída pelo MPLA ao retirar-se do Luso. Acabou por se transformar numa dramática viagem de inspecção mais do que qualquer de nós poderia imaginar.

Aproximámo-nos dos ferros retorcidos da ponte, ao que parece a uma velocidade exagerada. Precisávamos de gente a bordo de temperamento impulsivo, que gritasse ao jovem maquinista português para refrear a marcha. Em vez disso, o nosso grupo era constituído, na sua maioria, por ingleses fleumáticos, doutrinados sobre as virtudes de uma atitude indiferente e firme: nada dissemos. No último instante, o maquinista travou bruscamente. Era tarde de mais. O vagão descarrilou a grande velocidade e nós mergulhámos no rio, por entre os restos dos carris partidos da ponte. Fomos detidos, a meio do mergulho, por um jacente partido. Ficámos precariamente suspensos, meio fora de água, antes de nos podermos içar em silêncio para fora dos escombros e treparmos de volta ao carril suspenso, onde ficámos a salvo.

Foi o primeiro de quatro acidentes ferroviários e de viação que teríamos nas 24 horas seguintes e que nos levaram a baptizar o território da UNITA como a «Terra sem Travões» (*The Land With No Brakes*).

* * *

Na zona do Luso viajámos com Samuel Chiwale e Smart Chata.

«Em cada aldeia, as crianças das escolas, aos magotes, tinham-se agrupado para nos dizerem adeus, naquela maravilhosa cadência rítmica que faz com que os versos de propaganda se tornem descabidos», escreveu um jornalista. «Os camponeses apareciam, solenemente, para saudar o coronel Chiwale, cada um deles com o seu velho chapéu a protegê-lo do Sol, usando o soba um chapéu de marinheiro e os mais velhos colarinho e gravata, em África⁴.»

Com o seu 1,82 metros de altura, braços compridos a oscilarem próximo dos revólveres à altura das ancas, Chiwale assemelhava-se à versão negra do «tipo duro» de Hollywood, Jack Palance. Levou-nos para Sul, até Gago Coutinho, a 340 quilómetros de distância, através de longos trilhos na mata, dispersos pelos vales exuberantes e pantanosos. A UNITA apenas estabelecera o controlo desta área poucas semanas atrás, e na viagem de regresso a coluna de Chiwale apanhou treze soldados do MPLA em debandada, que vagueavam pela mata, ao acaso, ao longo da estrada.

Em Gago Coutinho, que ficara sem electricidade e água corrente no decurso da guerra, Chiwale foi recebido com uma chuva de pétalas de rosas pela população local e, à noite, numa vivenda anteriormente ocupada por Portugueses foi servida uma refeição em nossa honra, cuja ementa era arroz cozido, cabrito estufado e um vinho fermentado, feito de modo artesanal, à base de frutos locais. De uma prateleira da vivenda,

peguei numa fotografia a cores que mostrava soldados da UNITA e jovens brancos, em calções — obviamente sul-africanos —, a descarregar grades de armas pequenas e munições das traseiras de um camião, numa clareira da mata. A dedicatória, escrita no verso da fotografia, dizia: «Aos meus camaradas», e não pude deixar de me interrogar sobre até que ponto se tinham estabelecido verdadeiros laços de amizade entre alguns desses homens da terra do *apartheid* e a população negra de Angola, com a qual se tinham tão intimamente relacionado.

Passei a noite numa casa abandonada. Pensei que estava só, mas, quando tentava encontrar a casa de banho, à luz do luar, esbarrei com um africano que também ali estava a dormir. Afirmou ser um oficial da polícia zambiana «apenas fazendo uma visita amigável». Contudo, desde que nos fora dito, pelos soldados da UNITA, que alguns camiões circulavam regularmente entre Gago Coutinho e Kalabo, cidade fronteiriça da Zâmbia, e como tínhamos visto caixas de armas ligeiras e munições, no Luso, com marcas do Exército Zambiano, não era difícil adivinhar que ele desempenhava ali uma espécie de elo de ligação e também teria sabido a verdade sobre os «camaradas» brancos da UNITA.

Antes de sairmos do Luso para regressar ao Bié, Chiwale falou-nos, e, embora na altura o não tivéssemos percebido, as suas observações reflectiam os recentes e graves problemas que a UNITA enfrentava, a seguir ao encontro de Savimbi com os generais sul-africanos em Cela: «A UNITA nasceu no meio de dificuldades e atravessará, com certeza, maiores dificuldades ainda, mas o povo está connosco. Se os Cubanos nos forçarem a retirar, podemos recrutar um milhão de homens no mato, para os combater... Os Russos e os Cubanos nunca poderão vencer, a longo prazo, porque não conhecem o povo, não conhecem a mata.»

* * *

Depois dos relatos feitos por Mike Nicholson e por mim dois meses antes, mais nenhum repórter vira sul-africanos em território da UNITA. Todavia, todos os correspondentes que chegaram depois queriam fazer os seus próprios filmes e, não menos que eles, a equipa de televisão da BBC, que viajara connosco até ao Luso. Por isso, quando atravessámos uma enorme ponte de caminho-de-ferro sobre o rio Cuanza, perto de Camacupa, na nossa viagem de regresso ao Bié, e vimos que estava guardada por cerca de duas dezenas de soldados sul-africanos armados com carabinas, o realizador da BBC ficou excitadíssimo, como é natural. Infelizmente para a BBC era ainda de madrugada e o operador de câmara estava a dormir. Quando se levantou e ficou pronto para filmar, já o comboio tinha passado e os oficiais da UNITA recusaram-se a voltar para trás.

Uma vez de volta ao Bié — onde o nosso vagão chocou com a retaguarda de um comboio —, encontrámos uma equipa de televisão americana, a NBC, que estava tão intratável e moralmente ofendida, como só

uma equipa de televisão americana o poderia estar, ao ver frustrados os seus objectivos. Na tarde anterior, tinham andado a passear pelas ruas do Bié e a filmar vistas panorâmicas, quando uma coluna de tropas sul-africanas passou pelo centro da cidade. Os Sul-Africanos acenaram calorosamente para a população, que igualmente os saudou de forma amistosa. O operador de câmara misturou-se com a multidão e filmou as cenas. Ninguém o incomodou e a equipa foi deitar-se, na casa do antigo governador, inteiramente feliz com o furo jornalístico. Mas, às 4 horas e 30 minutos da manhã, um grupo de soldados da UNITA entrou-lhes pelo quarto dentro e, sob a ameaça das armas, confiscou-lhes todos os filmes.

* * *

O campo de instrução militar da UNITA, na antiga Colónia Penal do Kapolo, nas proximidades do Bié, mostrava uma outra face desta guerra irreal. Quatro companhias, de 108 homens cada uma, eram treinadas, de quinze em quinze dias, e enviadas para combate. Recebiam instrução sobre morteiros de fabrico americano de 120, 81 e 60 mm metralhadoras pesadas de 12,7 mm, canhões de recuo de 106 mm, e centenas de carabinas de calibre 30, utilizadas pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e que Savimbi diria, mais tarde, estarem de tal modo danificadas que tiveram de ser deitadas fora.

Segundo um dos comandantes do campo, a instrução estava a cargo da UNITA. Todavia e apesar de nunca termos visto um rosto branco no campo, onde existia uma boa pista de aterragem, um outro oficial da UNITA confidenciou-nos que quinze «mercenários americanos» lá estavam — o que foi confirmado, anos mais tarde, pelo chefe da Angola Task Force da CIA, em Angola, que afirmou terem sido enviados para o Bié oficiais paramilitares americanos para treinarem a UNITA.

Os americanos estiveram, pois, em Kapolo, juntamente com instrutores militares da África do Sul, porque quando o «comandante Kass» chegou ao Bié, em Setembro de 1975, organizou uma forte equipa de 18 instrutores de infantaria, na antiga prisão portuguesa. O seu número teria eventualmente aumentado para 40⁵.

* * *

Ron Gooday, da firma AERADIO, com base em Lusaca, era uma outra personagem desta guerra incaracterística. Gooday era engenheiro e estava no Bié a supervisionar a instalação de um transmissor de rádio de longo alcance, para a UNITA, fornecido pela companhia britânica de electrónica RACAL, de quem a AERADIO era agente. Transmissores semelhantes da RACAL tinham sido instalados para a UNITA em Lusaca, Huambo e Moçâmedes, e estava planeada a instalação de mais três. Gooday afirmou não saber quem iria fazê-los funcionar, mas provavelmente sabia quem teria preparado a sua entrega — o serviço secreto de informações

britânico M16, por intermédio da sua delegação em Lusaca, cujos funcionários visitavam, assiduamente, o território da UNITA. De acordo com um escritor, que tinha bons contactos na comunidade dos serviços secretos, os ingleses do M16 e os seus congéneres da América, França, Alemanha Ocidental, Itália, Espanha, África do Sul e Israel encontravam-se frequentemente — algumas vezes em pistas de aterragem longínquas, no interior de Angola — para comparar inventários de equipamento que tinham fornecido à UNITA, a fim de se assegurarem de que não estavam a duplicar os esforços de cada um deles⁶. No entanto, um oficial britânico dos serviços secretos envolvido na campanha disse-me que este relato dava a impressão de uma coordenação a alto nível que simplesmente não existia.

* * *

A 20 de Janeiro de 1976, Savimbi viajou para Lusaca a fim de falar com o Presidente Kenneth Kaunda, e partiu, nessa mesma noite, para Kinshasa, onde se avistou com o director-delegado da CIA, general Vernon Walters. Houve alguma especulação sobre a possibilidade de a Zâmbia estar a promover a conciliação entre a UNITA e o MPLA e que ambos se encontrariam brevemente no Quénia. Quando Savimbi deixou os seus escritórios em Lusaca, para viajar até Kinshasa, recusou-se a revelar qualquer pormenor das suas conversações com Kaunda, mas, quando lhe perguntaram se se iriam encontrar nos próximos dias com um representante do MPLA, replicou amargamente: «Não vou encontrar-me com o MPLA. Oxalá isso fosse possível⁷.»

Savimbi estava justificadamente amargurado, porque, nessa altura, os Americanos exerciam grande pressão sobre ele para chegar a um acordo com o MPLA. Saliu que era demasiado tarde: ele estava agora numa posição de extrema fraqueza e o MPLA tinha apenas em mente a vitória total. Imediatamente depois da Cimeira da OUA, em Adis Adeba, a 12 de Janeiro de 1976, o ministro da Informação do MPLA, João Filipe Martins, afirmou: «Sempre considerámos que a FNLA e a UNITA são nossos inimigos. Existe apenas um movimento em Angola e esse é o MPLA⁸.»

Savimbi sentiu-se particularmente desgostoso porque os Americanos tinham desencorajado uma série de tentativas de paz que ele colocara ao MPLA, entre Julho e Setembro de 1975, antes de terem começado, efectivamente, as operações de grande envergadura das tropas cubanas e sul-africanas. Entre meados de Junho e o final de Agosto de 1975, os primeiros-ministros do MPLA e da UNITA, no Governo de Transição, Lopo do Nascimento e José N'Dele, mantiveram uma série de conversações em Lisboa, sob a mediação dos Portugueses, mas combinadas pelo Congo-Brazzaville, numa tentativa para formar uma coligação com o MPLA. A CIA avisou Savimbi de que a América não queria aliados «brandos» nesta «guerra contra o MPLA». Contudo, Savimbi diz ter ignorado esta

ameaça e que a principal causa da suspensão das conversações foi a resistência dos líderes mais radicais do MPLA a qualquer compromisso com a UNITA⁹.

* * *

No dia em que Savimbi voou para Lusaca e Kinshasa, os Sul-Africanos iniciaram a sua retirada de Angola. A 23 de Janeiro, tinham-se já retirado completamente das suas posições logísticas em Cela e Novo Redondo, o porto mais a norte, no seu avanço ao longo da costa, e as forças cubanas tinham entrado nessas cidades sem travar um combate¹⁰. A 24 de Janeiro, o ministro da Defesa da África do Sul, Pieter Botha, afirmou perante o Parlamento, na Cidade do Cabo: «Verifiquei, em diversas ocasiões, que o envolvimento da África do Sul em Angola faz parte do envolvimento de todo o mundo livre, mas constatei também que a África do Sul não está preparada para lutar isolada em defesa do mundo livre. De futuro, a África do Sul defenderá, com determinação, as suas próprias fronteiras e aqueles interesses e fronteiras pelos quais se sente responsável¹¹.»

Os Sul-Africanos tinham montado fortes linhas defensivas a norte de Lobito, de modo a cobrir a sua retirada, que fora cuidadosa e ordenadamente planeada. Em princípios de Fevereiro, tinham-se retirado para o extremo sul e mantinham uma faixa de Angola, numa extensão de 80 quilómetros, no interior norte da zona fronteiriça com a Namíbia. Nesta zona-tampão estavam estacionados entre 3000 a 5000 militares.

A África do Sul, ao esperar que os Cubanos avançassem em direcção ao Sul, para ocupar o vazio deixado pela sua retirada, estava furiosa com o fracasso do Ocidente e dos secretos aliados negros africanos, ao negarem o seu apoio decisivo e aberto. Pieter Botha, John Vorster e altas personalidades sul-africanas começaram a declarar na Cidade do Cabo, a prestigiados jornalistas sul-africanos, que a África do Sul interviera no conflito de Angola a pedido dos Estados Unidos e de determinados países africanos, particularmente a Zâmbia e o Zaire. Bernard Nossiter, do *Washington Post* encontrou-se com Pieter Botha, que referiu o facto de diversos Estados negros africanos e, pelo menos, uma potência do «mundo livre» terem dado a sua bênção à aventura de Pretória, em Angola. O mais perto que Botha conseguiu chegar para identificar essa potência do «mundo livre» foi quando afirmou enigmaticamente a Nossiter: «Eu seria o último homem a destruir as nossas relações diplomáticas com os Estados Unidos¹².»

Numa entrevista da época, concedida por John Vorster ao jornalista principal da *Newsweek*, Armand Borchgrave, constava:

De Borchgrave: «Seria correcto afirmar que os Estados Unidos solicitaram a ajuda da África do Sul para virar a maré contra os Russos e Cubanos, no último Outono?»

Vorster: «Não quero fazer comentários sobre esse facto. O Governo dos Estados Unidos que fale por si. Estou certo que compreende que eu não posso violar a confidencialidade que deve presidir aos contactos entre governos. Contudo, se faz essa afirmação, eu não vou desmenti-la.»

De Borchgrave: «Seria também correcto afirmar que recebeu luz verde, de Kissinger, para uma missão militar em Angola e que, pelo menos, seis presidentes moderados de nações negras africanas lhe deram a sua anuência para essa mesma operação?»

Vorster: «Se é essa a sua opinião, não serei eu a chamar-lhe mentiroso.»¹³

O senador americano da ala de direita do Partido Republicano dos Estados Unidos, Barry Golawater, foi ainda mais contundente que Vorster. Afirmou: «A questão é que a CIA disse aos Sul-Africanos que avançassem para Angola, que nós os ajudaríamos com equipamento militar¹⁴.» E, em 1978, Pieter Botha afirmou ter visto pessoalmente como os aviões dos Estados Unidos transportavam armas, em 1975, para as forças anti-MPLA, em Angola. Estas eram descarregadas sob a vigilância de pessoal sul-africano, na presença de tropas sul-africanas, a quem foi pedida ajuda para a sua distribuição¹⁵.

Henry Kamm, do *New York Times*, relatou que a África do Sul avançara sobre Angola na presunção de que os Estados Unidos enviariam fornecimentos suficientes que tornassem possível uma resistência efectiva à tomada do poder por parte do MPLA. «Um oficial de alta patente afirmou, numa entrevista, que a esperança sul-africana, de que a superioridade em armamento das forças apoiadas pelos Soviéticos fosse equilibrada, se baseava nos contactos com oficiais americanos. Não revelou os seus nomes, ao fazer esta declaração, mas, numa outra ocasião, expressou particular desapontamento para com o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. 'Estivemos em contacto', afirmou o oficial. 'Sentimos que se lhe concedêssemos um certo lapso de tempo, eles conseguiriam encontrar os meios e os recursos... Aceitámos as declarações de Kissinger e dos outros. Estamos seguros de que ele tem o necessário empenho em avançar com as mercadorias.'¹⁶»

Na realidade, Kissinger, o arquitecto que planeou com Kaunda a estratégia dos Estados Unidos e da África do Sul, tinha conseguido esquivar-se com astúcia e ficar ilibado de um envolvimento directo. O apoio americano fora prestado por Daniel Patrick Moynihan, embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, ao seu congénere sul-africano, Pik Botha, e também pelo embaixador dos Estados Unidos na África do Sul, William Bowdler, ao primeiro-ministro John Vorster¹⁷.

A Henry Kamm, do *New York Times*, fora dito também, pelo oficial superior sul-africano, que antes e depois da Cimeira Extraordinária da

OUA, em Adis Adeba, ambos os Presidentes, Kenneth Kaunda e Mobutu Sese Seko, tinham pedido à África do Sul que reforçasse a sua presença militar em Angola e surpreenderam-se com o facto de Pretória ter sido abandonada por Washington, tendo aquele oficial respondido que isso nada era comparado com o desgosto sentido pelos líderes zambiano e zairense com a tradição americana e a sua falha de vontade.

* * *

Os golpes abatiam-se agora, impiedosos e rápidos, sobre Jonas Savimbi. A retirada sul-africana asseguraria aos Cubanos e aos seus clientes do MPLA uma rápida vitória militar e, em Washington, a 27 de Janeiro, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos confirmou, por 33 votos contra 99, a decisão do Senado de suspender a ajuda secreta à UNITA e à FNLA. O congressista democrático John Burton resumiu o sentimento da Câmara ao afirmar: «Angola nada significa para o futuro deste país¹⁸.» O Presidente Ford assinou, contrariado, a decisão legislativa, integrada no *Defense Appropriation Act* (Decreto de Dotações da Defesa) e acusou os congressistas de terem «perdido a sua virilidade»¹⁹.

O senador democrata John Tunney, da Califórnia, um dos principais obreiros da Emenda Clark, cortando o auxílio aos movimentos angolanos, ficou quase exultante com a decisão final do Congresso e com o facto de Savimbi e a UNITA terem de voltar às matas como guerrilheiros. «Savimbi não tem ilusões de que o fim se aproxima rapidamente», afirmou Tunney. «A guerra de Angola, para além de ser uma guerra de guerrilha, está quase no fim²⁰.»

No encontro que teve em 21 de Janeiro, em Kinshasa, com o general Vernon Walters, Savimbi tinha previsto a decisão produzida no Congresso. Afirmou então ao chefe da CIA: «A Emenda Clark é uma coisa má, porque a UNITA está a lutar por uma causa que é também a causa da América. Eventualmente, os Americanos chegarão à conclusão de que não ajudando a UNITA ela vai perder e os Americanos perderão também. Todavia, se um dia mudarem de opinião, vão verificar que ainda nos encontrarão a combater²¹.»

* * *

Com a partida dos Sul-Africanos, Savimbi começou a visitar as suas tropas, com o objectivo de lhes levantar a moral, nas frentes a sul das cidades de Novo Redondo e Cela e nas povoações de Mussende e do Buçaco, a norte do Luso. Os Cubanos e o MPLA penetraram para sul, muito cautelosamente, mas Savimbi, sabendo que a ofensiva inimiga atingiria o auge, disse a um grupo de 30 repórteres visitantes ter ordenado à população civil de algumas cidades situadas mais para norte e ocupadas pela UNITA que fugisse para as matas. As ordens dadas eram para

formarem grupos que não excedessem 20 pessoas — fortes e preparadas para viver assim num futuro previsível²².

Todavia, durante algum tempo, a UNITA dirigiu a sua ofensiva não contra os Cubanos/MPLA, mas contra o seu suposto «aliado» — a FNLA. Entre os dois movimentos tinha-se verificado uma série de recontros com as forças comandadas por Daniel Chipenda, desde a grande batalha do dia de Natal, no Huambo, entre os dois movimentos. As forças de Chipenda, estacionadas principalmente a sul da cidade de Serpa Pinto, tinham nas suas fileiras muitos brancos de origem portuguesa que se haviam transformado nos potenciais «senhores da guerra», assaltando bancos e saqueando lojas e vivendas em áreas onde a UNITA estava fracamente representada. Um dia, um assalto relâmpago a um banco, no Huambo, onde N'Zau Puna tinha o seu quartel-general, enfureceu a UNITA.

A 27 de Janeiro, um grupo de 30 jornalistas foi transportado de avião para fora do território da UNITA e informado de que os repórteres não seriam autorizados a voltar durante algum tempo. Quando eles partiram, rebentaram violentos combates na cidade, entre a UNITA e as últimas forças da FNLA, que aí estavam estacionadas.

A luta começou depois de cerca de 200 combatentes da FNLA, estacionados no Huambo, se terem recusado a cumprir a ordem de Puna de marcharem para o Norte e de se juntarem às forças da UNITA na frente de combate de Cela. Savimbi disse, aos repórteres, que tinha mandado avançar 400 elementos das suas tropas para Novo Redondo, depois de os soldados da FNLA terem abandonado as suas posições, debaixo de fogo de artilharia dos Cubanos. Em fins de Janeiro surgia a notícia de que Chipenda fugira para a Namíbia com muitos dos seus partidários²³.

Um dos jornalistas resumiu o completo dilema que Savimbi enfrentava: «Não subsistem quaisquer dúvidas quanto à atracção pessoal do Dr. Savimbi, o entusiasmo dos seus soldados e ao apoio geral que ele suscita... mas, se os Sul-Africanos decidirem agora que não se podem comprometer o suficiente para conter os Russos, os Cubanos e o MPLA, e se decidirem que a sua linha da frente não é a metade Norte de Angola, será o apoio da população o bastante para manter o movimento de Savimbi à superfície? O apoio político das massas não é defesa contra os tanques soviéticos²⁴.»

A 5 de Fevereiro, Jorge Sangumba transmitia, às grandes equipas de jornalistas estrangeiros reunidos em Lusaca, notícias desesperadas do avanço cubano, afirmando que os aviões de guerra do MPLA tinham entrado em acção, pela primeira vez, e bombardeado posições da linha da frente da UNITA. Mais ainda, que navios soviéticos, transportando tropas cubanas, tinham surgido a 30 e 50 quilómetros ao largo do porto do Lobito, que estava ainda em poder da UNITA.

A 7 de Fevereiro, consegui reunir-me a Jorge Sangumba, num voo que regressava a território da UNITA. Estávamos nervosos, em face das

notícias de que os aviões de combate do MPLA estavam agora em plena actividade: o desajeitado *Fokker Friendship* constituía um alvo fácil. Aterrámos no Luso, onde Savimbi, emocionado e preocupado, esperava. Podia sentir-se a tensão entre os seus oficiais superiores. Savimbi começou imediatamente a conversar com Sangumba e, em seguida, o corpulento secretário para os assuntos exteriores vacilou, levou as mãos à cabeça, dizendo: «Oh, meu país, estás em dificuldades.»

Esperámos numa das ruas do Luso, enquanto Savimbi discutia a sua estratégia, numa casa, com Chiwale. O que consegui apanhar desta conversa permitiu-me saber que se esperava que a cidade do Huambo caísse nas mãos dos Cubanos no decorrer das próximas horas. N'Zau Puna tinha dito, pela rádio, que acordara, nessa manhã, no seu quartel-general no Huambo verificando que metade da população civil tinha partido: «Colunas blindadas cubanas avançavam já em direcção ao Alto Hama, apenas 70 quilómetros a norte do Huambo. Estavam a ser hostilizadas por dois batalhões das forças da UNITA, num total de 1600 homens, que estavam a fazer saltar as pontes, a atacar veículos de transporte de tropas e camiões de abastecimento, na retaguarda da coluna cubana.»

Nesse mesmo dia, de manhã cedo, um brigadeiro sul-africano, fardado, voara até ao Luso, para se inteirar da situação militar e transmitir uma mensagem de Washington — a administração Ford continuava empenhada em ajudar a UNITA, de qualquer forma que ainda fosse possível. No entanto, não poderia haver uma ajuda clara até às eleições presidenciais, no final desse ano.

Houve declarações repassadas de ódio feitas pelos senadores Tunney e Clark. Precisamente no dia anterior, em Washington, Clark propusera que os Estados Unidos encetassem negociações com o MPLA e reconhecessem que os «ventos da história» estavam do seu lado — um veredicto particular americano que «era bastante mais confiante do que aquele que era vaticinado por muitos dos líderes de África»²⁵.

Empilhados nas ruas do Luso, permaneciam armas e material que a UNITA capturara 48 horas antes, numa batalha no Lumege, 60 quilómetros para leste. Nestas, incluíam-se duas carabinas chinesas de 75 mm sem recuo, novinhas em folha. Os oficiais da UNITA manuseavam as armas chinesas e olhavam-nas sob todos os prismas, especulando, sarcasticamente, que elas faziam parte da entrega de Pequim, enviada via Dar-es-Salaam para a UNITA, e desviada para o MPLA pelo Presidente Nyerere.

Jorge Sangumba pegou no diário de um cubano morto durante o confronto no Lumege. Metida entre as páginas do diário estava uma carta mimeografada de Fidel Castro, dizendo que ao lutarem em Angola as tropas cubanas faziam avançar a Revolução Cubana. Sangumba pegou nos escritos do jovem cubano morto e disse, para benefício dos meus ouvidos de repórter: «Ele teve uma morte gloriosa e revolucionária em África, lutando contra os negros.»

* * *

Voámos mais tarde para o interior, com destino ao Bié, de onde Savimbi partiu imediatamente com Chiwale, para fazerem um reconhecimento nocturno da situação nas frentes de combate, tanto no Huambo como no Bié. Estava a chegar ao Bié, vindo do Huambo, uma fila de refugiados, incluindo membros do frustrado governo de coligação com a FNLA.

No dia seguinte, 8 de Fevereiro, Savimbi regressou e, nos arredores do agora já familiar palácio do governador português, disse-me que as suas forças enfrentavam uma situação crítica. Tropas cubanas, cujos efectivos se estimavam em 7000 homens, estavam a movimentar-se para o Sul. Cerca de 3500 homens destas tropas avançavam em direcção ao Huambo, em três colunas. O Alto Hama caíra já em seu poder e o alto comando da UNITA estava a considerar a hipótese de dar ordens para evacuar tanto o Huambo como o Bié, respectivamente a capital administrativa da UNITA e os seus quartéis-generais. A 250 quilómetros a oeste do Huambo, as colunas cubanas estavam também a atacar o Lobito. A 550 quilómetros a leste do Huambo, as colunas cubanas movimentavam-se em direcção ao Luso, praça-forte da UNITA.

Os Cubanos, que avançavam em direcção ao Huambo, eram apoiados por jactos de combate, 30 veículos blindados, helicópteros e várias baterias de «Órgãos Staline», que tinham provocado a debandada da FNLA no Norte.

Os bombardeamentos efectuados pelos jactos e o fogo dos canhões da artilharia cubana causaram pesadas baixas entre as tropas da linha avançada de Savimbi. Todavia, ele estava particularmente desnordeado por não saber como opor-se à utilização dos helicópteros pelos Cubanos, que assim largavam grande número de tropas por detrás das posições da UNITA. Parte da estratégia defensiva da UNITA consistia em fazer ir pelos ares todas as pontes ao longo da rota da linha de avanço cubana, mas duas pontes importantes sobre o rio Queve, a norte do Huambo, foram abandonadas pela UNITA antes de poderem ser destruídas, quando os seus sapadores entraram em pânico com a chegada das tropas cubanas em helicópteros no momento em que estavam a ser colocadas as cargas explosivas.

De maneira semelhante sofriam as tropas da UNITA que defendiam o Luso. Um combate deixou Savimbi «estoicamente incrédulo ante o uso dos helicópteros pelos Cubanos», num desbordamento vertical. Durante a noite, as forças da UNITA enfrentaram algumas centenas de tropas cantanguesas e, na manhã seguinte, descobriram subitamente um batalhão completo por detrás deles, atacando pela retaguarda e cortando-lhes a retirada²⁶.

Savimbi falou, mais com desgosto do que com azedume, dos homens do Congresso Americano que se haviam oposto a ajudar a UNITA e referiu-se, particularmente, aos senadores Tunney, Clark e Humphrey e ao repre-

sentante Charles Diggs: «Deploramos que eles queiram defender a democracia e a liberdade para eles próprios, nos Estados Unidos, mas que queiram para nós a ditadura... Estão a entrar em contradição... É uma razão simples de mais para o senador Humphrey dizer que Angola fica demasiado longe... Estão a defender uma sociedade não democrática para nós. Para os Angolanos, eles desejam que os Cubanos, com os seus tanques russos e aviões, imponham um sistema.»

Afirmou que a UNITA nunca abandonaria o combate e que o MPLA nunca teria aceitação. «Se realmente tivesse o apoio do povo, não teria recorrido à luta armada em vez de utilizar a via democrática.»

A UNITA lutara contra os Portugueses pela liberdade — «Agora combatemos, de novo, pela liberdade do nosso povo. Lutaremos até ao dia em que o mundo tome consciência e compreenda que entre a justiça e a injustiça não existe escolha. Os Russos e os Cubanos estão a massacrar o nosso povo. A presença sul-africana foi apenas um pretexto para os Russos invadirem o nosso país, utilizando os Cubanos. Agora que já não há Sul-Africanos em qualquer frente de combate, por que razão continuam os Cubanos a avançar e a matar a população negra? Por que não param de fazê-lo?»

Não podia sabê-lo na altura, mas não voltaria a ver Savimbi durante muitos anos e, no dia 8 de Fevereiro, seria o meu último dia em território angolano nos cinco anos mais próximos.

Antes de partir, na minha última viagem de Angola para Lusaca, o presidente da UNITA repisou o seu velho tema, o mesmo pelo qual se havia batido com tanto empenho durante os dezoito meses que precederam a independência e que realçara quando o encontrei pela primeira vez, em Setembro de 1975: «Defendemos a realização de eleições porque pensamos que, numa situação como esta, elas constituem a única via para determinar a liderança do país, tal como acontece na Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental e na própria América. Apenas a realização de eleições livres pode vir a determinar qual dos três movimentos de libertação dispõe do apoio da maioria. Mesmo se tivermos de voltar para as matas, os quatro milhões de pessoas que nos apoiam continuarão a viver na esperança de que a UNITA voltará um dia²⁷.»

Às primeiras horas do dia 9 de Fevereiro de 1976, os tanques cubanos começaram a rodar em direcção ao Huambo. Não encontraram resistência. Cerca de 5000 combatentes da UNITA haviam já abandonado a cidade e retirado para a Vila Nova, localidade a cerca de 50 quilómetros para leste, e para outros locais alguns quilómetros ainda mais a sul.

Nenhum observador independente testemunhou a queda do Huambo. Os correspondentes que estavam em Lusaca, e transmitiram as notícias ao mundo, confiaram no relato de Jorge Sangumba, que por sua vez recebera esta informação, via rádio, proveniente do quartel-general da UNITA, no Bié. Sangumba afirmou terem entrado na cidade 6000 cubanos, embora

apenas 24 horas antes Savimbi tivesse dito que só 3500 cubanos estavam na frente de combate do Huambo.

Sangumba disse ainda que os Cubanos estavam a matar indiscriminadamente mulheres, crianças e velhos no Huambo. O MPLA, por sua vez, reclamava que a UNITA, antes de se retirar, tinha fuzilado centenas de prisioneiros do MPLA que estavam nas cadeias do Huambo²⁸.

A 10 de Fevereiro, Savimbi e mais oito líderes da UNITA assinaram uma ordem no sentido de os apoiantes do movimento abandonarem as cidades e voltarem para as matas, encetando uma nova guerra de guerrilha — desta vez, não contra os Portugueses, mas contra Cuba e a União Soviética.

O comunicado, com sete pontos, dizia que a UNITA decidira converter o seu exército numa força de guerrilha, para o salvar da aniquilação: «Nenhum exército em África, excepto o Egipto, teve de enfrentar uma máquina de guerra de tais proporções como as do exército que divide agora o nosso país.» Dizia também que aos aliados da UNITA faltara a coragem política e que as promessas não cumpridas tinham sido a causa do sacrifício de centenas dos melhores soldados do movimento. Expressava gratidão aos Estados negros africanos que tinham apoiado a formação de um governo angolano de unidade nacional, com menção especial para o Egipto, Gabão, Costa do Marfim, Marrocos, Senegal, Zaire e Zâmbia²⁹.

Savimbi escreveu também cartas a todos os chefes de Estado africanos, informando-os de que nunca partiria para o exílio³⁰.

Enquanto Savimbi conduzia as suas forças derrotadas para fora das cidades, Max Hastings, um jornalista de televisão e rádio britânicas, citava com pesar: «Em qualquer luta interna pelo poder, em África, os riscos pessoais de execução ou de exílio para os que nela se envolvem têm sido sempre muito elevados», escreveu. «Por isso, ao entrar num combate, a mensagem que Angola nos transmite é a de que compensa estar do lado dos Russos. Eles ganham. Quaisquer que sejam os segredos amigáveis que o embaixador americano possa pronunciar a ouvidos receptivos, quando chega a hora da verdade, eles não podem entregar dinheiro, votos ou armas de Washington para os apoiar... E, por isso, agora em Angola os Russos podem preparar-se com segurança para se debruçarem sobre os seus imensos proveitos, tendo apostado com sucesso na manifesta apatia do Ocidente³¹.

A 10 de Fevereiro, a derrota da UNITA ficou consumada quando as forças do MPLA retomaram as cidades do Lobito e Benguela. No dia seguinte, a OUA pregou mais um prego no caixão da UNITA, quando o seu secretariado anunciou, a partir de Adis Adeba, que a República Popular de Angola, do MPLA, fora admitida como 47.º membro de pleno direito da Organização.

A resposta da UNITA ao reconhecimento do MPLA pela OUA foi a emissão de uma declaração dizendo: «Estávamos cá antes de os Russos

e os Cubanos nos terem invadido. Estaremos cá quando tiver sido derramado, no solo de África, tanto sangue russo e cubano que os imperialistas sejam também obrigados a retirar.

Nunca aceitaremos um regime de minoria, imposto por uma potência europeia colonial e racista. Lutaremos nas matas, lutaremos nas montanhas. Infiltrar-nos-emos nas cidades. Os Russos e os seus aliados Cubanos que venham, às centenas e aos milhares, que fiquem por alguns anos. No fim, o povo de Angola vencerá³².»

* * *

A afirmação contida no comunicado de Savimbi, de 10 de Fevereiro, de que as promessas quebradas pelos aliados da UNITA tinham custado a vida a centenas de soldados era mais do que uma retórica de propaganda. Desde o final de Janeiro e princípios de Fevereiro que Jorge Sangumba vinha afirmando que a UNITA em breve poderia lançar os seus próprios ataques aéreos contra o MPLA. A 8 de Fevereiro, quando eu perguntara a Savimbi se tinha esperanças de vir a conseguir ajuda militar do exterior, ele replicou: «Não digo que não tenhamos promessas. Penso que dentro de poucos dias saberemos o que vai acontecer.»

O que levantou a questão foi algo que um dos seus oficiais me disse, quando tagarelávamos, numa das ruas do Luso, a 7 de Fevereiro, enquanto esperávamos por Savimbi. O oficial disse-me que a UNITA esperava a chegada, no dia seguinte, de aviões de transporte *C-130*, com os respectivos técnicos, equipamento de apoio e munições, o que possibilitaria a entrada em acção, a favor da UNITA, em Angola, dos quatro bombardeiros *Mirage* pilotados por israelitas, que tinham chegado ao Zaire. A UNITA receberia, em breve, mísseis terra-ar americanos *Redeye*. Jorge Sangumba seria enviado para o exterior, com o objectivo de apressar a entrega de 24 peças de campanha de 120 mm que lhes estavam prometidas.

Passaram-se anos antes que se descobrisse se existia algum fundo de verdade nesta tagarelice — e havia. Quando John Stockwell, chefe da Angola Task Force da CIA, em Angola, publicou o seu relatório sobre o envolvimento americano na guerra, revelou que a França contribuía com quatro helicópteros lança-mísseis *Alouette* para a causa da UNITA e que a Força Aérea Americana os transportou para Khinshasa, em princípios de Janeiro de 1976, em aviões *C-141*. A CIA discutia ainda se devia enviar mísseis *Redeye* e artilharia pesada, disse Stockwell, e, para além disso, negociara um acordo com a Força Aérea dos Estados Unidos para esta pintar, de novo, um dos seus aviões de transporte *C-130*, a fim de ser entregue à África do Sul, de forma a que as suas forças pudessem apoiar os helicópteros *Alouette* na frente de batalha. Quando Savimbi visitou o delegado da CIA, no Zaire, general Vernon Walters, a 21 de Janeiro, foram-lhe mostrados os helicópteros e mísseis terra-ar *HOT*, fabricados na Alemanha Ocidental³³.

«Desde o início de Janeiro a minha sensação fora de que a guerra convencional estava terminada», dissera-me Savimbi durante uma conversa em Marrocos, em 1980. «Não nos era possível continuar, porque não nos eram fornecidas as armas adequadas e, mesmo que começássemos a obtê-las, não tínhamos pessoas treinadas, em número suficiente, para as utilizarmos com eficiência.

Chamei Chiwale e Puna e disse-lhes que devíamos considerar que a guerra [convencional] estava terminada. O que estamos a fazer é loucura. Vamos dar ordens à nossa população para se dispersar pelas matas, de maneira a podermos salvar homens e armas. Depois podemos voltar a organizar-nos.

Contudo, hesitámos. Era difícil deixar para trás a população e as cidades. Tínhamos sido iludidos pelos nossos amigos, de entre os chefes de Estado africanos. Parti e disse-lhes considerar perdida a guerra convencional e que iria regressar para dar ordens ao meu povo no sentido de este se reagrupar nas matas e iniciar uma guerra de guerrilha. Então eles disseram-me: 'Não, não, não e não — numa guerra de guerrilha vocês não serão capazes de resistir mais do que seis meses. Não podem fazer isso. Temos promessas de que eles nos enviarão helicópteros com mísseis *HOT*; vocês terão isto, vocês terão aquilo.'

Nesta altura, a voz de Savimbi tornou-se mais abatida, com uma pontinha de ironia: «Disse-lhes que não conseguiram chegar a tempo para defender o Huambo e, uma vez os Cubanos entrados lá, seria demasiado tarde. Então eles afirmaram: 'Espera, os helicópteros estarão cá amanhã com os pilotos.' E os helicópteros chegaram, de facto, a Kinshasa com os mísseis *HOT*, que teriam destruído os 'Órgãos Staline' que, por sua vez, soaram como trovões e desmoralizaram o nosso povo. Vi os helicópteros e vi os mísseis, mas os pilotos não vieram. Eles [os chefes de Estado] disseram: 'Por que sente que não deve ter esperança? Os helicópteros estão lá, e agora andamos à procura de especialistas que os ponham a funcionar.'

Concordei que isso nos dava alguma esperança e, em vez de dar ordem para dispersar, disse-lhes que tentaríamos aguentar um pouco mais. Tentaríamos fazer alguma coisa, até chegarem os helicópteros e os pilotos.

Contudo, os Cubanos aproximavam-se e os pilotos não vieram, tendo resultado desse facto a morte desnecessária de 600 pessoas do nosso povo, que defendiam a estrada entre Cela e o Huambo.»

Mesmo depois da perda do Huambo, Jorge Sangumba continuou a afirmar que em breve a aviação se lançaria no combate, ao lado da UNITA. Na noite seguinte à queda do Huambo, um correspondente estrangeiro ouviu Sangumba, quando ele fazia um telefonema internacional, para alguém não identificado que estava no Hotel Intercontinental, em Lusaca: «Por favor, diga-lhes para avançarem», dizia ele. «Está em perigo a integridade da nossa pátria³⁴.»

Bastante mais tarde, já a 18 de Fevereiro, Henry Kissinger dizia ainda a Savimbi, através da Embaixada dos Estados Unidos em Kinshasa, que enquanto a UNITA demonstrasse que podia efectivamente resistir ao MPLA os Estados Unidos continuariam a prestar-lhe ajuda. Porém, o chefe da Angola Task Force da CIA, em Angola, disse: «Nessa altura, já Kissinger sabia muito bem que não poderíamos fornecer mais apoio à UNITA³⁵.»

Anos mais tarde, Savimbi contou-me um encontro que tivera, em Dezembro de 1979, com James Schlesinger, então secretário da Defesa dos Estados Unidos, o qual lhe perguntou se Kissinger era amigo da UNITA. «Sim», disse Savimbi, que recorda o resmungo sardónico com que Schlesinger lhe respondeu: «Boa sorte³⁶.»

* * *

A fuga desordenada da FNLA continuou durante todo o mês de Janeiro de 1976. Em quase todos os recontros, os seus soldados tinham fugido sem combater, desde o desastre da «estrada da morte», em 10 de Novembro de 1975. As forças do Exército Zaireense, que apoiavam a FNLA, também se retiravam rapidamente, saqueando à sua passagem zonas inteiras, levando consigo frigoríficos, mobílias e tudo o mais que encontravam de valor. Em certas ocasiões, chegaram a descarregar os seus próprios feridos dos camiões para arranjar espaço para o produto da pilhagem³⁷. E, embora instruídos para levar consigo todo o equipamento militar, apenas levaram a sua própria artilharia e deixaram para trás o armamento da FNLA, a maior parte com as marcas dos Estados Unidos.

Os correspondentes que então se encontravam ali começaram a noticiar a chegada ao Hotel Intercontinental, em Kinshasa, de jovens ingleses que «exibiam tatuagens, ostentavam um ar de afectada importância e pareciam completamente perdidos»³⁸.

A contribuição dos governos do Ocidente para o imbróglia angolano atingira a sua forma mais desagradável. Incapazes, ou não querendo comprometer-se publicamente com uma causa específica em Angola, faziam agora vista grossa a Holden Roberto, que, no seu desespero, recrutava mercenários na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Holanda, com notas novas de 100 dólares, uma gentileza da CIA, para dar força à FNLA e reorganizá-la³⁹.

A qualidade dos mercenários era excepcionalmente baixa. Não se tratava daqueles aventureiros duros, profissionais, que fizeram da palavra «mercenário branco» algo de terrível, no Congo, durante os anos sessenta. Eles eram jovens desempregados dos anos setenta e, na sua maior parte, constituíam o grupo mais mal preparado da sua geração — deficientemente educados, oriundos de famílias humildes, sendo, muitos deles, verdadeiros inocentes intelectuais, num país africano que fora despojado da sua própria inocência.

A maioria tinha muito pouca experiência de combate. Alguns não tinham sequer qualquer treino militar e dois deles eram varredores de ruas em Londres, recrutados com um salário sedutor de 300 dólares e mandados para Angola directamente dos seus empregos. «Não são o pessoal duro, resistente e experiente que era preciso para esta guerra», observou um adido militar ocidental em Kinshasa. «Alguns podem ter tido experiência na Irlanda do Norte, mas penso que muitos deles não se apercebem sequer do que vieram cá fazer⁴⁰.»

Esta era, no entanto, uma afirmação incompleta. Os inexperientes e pouco hábeis mercenários não foram capazes de travar a derrocada da FNLA e começaram a surgir relatórios das acções terríveis praticadas por um psicopata, antigo comandante britânico, Costas Georgiou, também conhecido por «coronel Callan», que fora nomeado oficial de campo de Holden Roberto, em Angola. Pior que estas, no entanto, foi a execução de catorze mercenários, na sua maioria ingleses, por outros soldados da fortuna, cumprindo ordens de Callan⁴¹. Depois de os catorze homens terem sido abatidos a tiro, Callan despojou os seus corpos de todo e qualquer vestuário, abandonando-os, sem os enterrar, para apodrecerem. A sua intenção tresloucada parecia ser a de desencorajar outros a repetirem os mesmos erros dos que foram abatidos. Numa patrulha de reconhecimento tinham atacado um dos seus próprios postos, tendo identificado um carro blindado francês como se fosse um tanque soviético e confundido os seus próprios camaradas com cubanos⁴².

Os mercenários juntavam-se agora à FNLA, em fuga para o Zaire à medida que os Cubanos limpavam o terreno perto da fronteira com o Zaire das bolsas de resistência de soldados da FNLA.

Robin Wright, uma jovem repórter, então a trabalhar para o *Christian Science Monitor*, descreveu brilhantemente o fim dramático da FNLA em Santo António do Zaire, a cidade de Angola mais a noroeste, situada na costa atlântica, na foz do rio Congo, frente a frente com o Zaire: «O assalto de surpresa teve início às 8 horas e 45 minutos da manhã, com o ruído dos tanques T-45 e o estrondo dos morteiros caindo no hospital e no campo de aviação, nos arrabaldes da cidade. Ao princípio, muita gente julgou tratar-se de trovões, prenúncio de uma tempestade, frequente na estação das chuvas, inundando esta cidadezinha, cheia de humidade, localizada apenas seis graus abaixo do equador...»

Logo a seguir, porém, a cidade mergulhou no caos. Os 350 soldados da FNLA ali destacados fugiram, simplesmente, à medida que o assalto se consumava. As pessoas e a tropa fugiam pelas ruas, em direcção ao rio, única saída da península. No porto, onde estavam atracados meia dúzia de barcos de pesca, as mulheres e crianças lutavam e empurravam-se para conseguirem um lugar.

«Os tanques do MPLA foram imediatamente apoiados por tropas fortemente armadas, que começaram a disparar à toa, para tudo quanto

avistavam. Os cinco mercenários britânicos, que tinham administrado a cidade durante as três últimas semanas, não fizeram qualquer esforço para organizar os homens e verificar a força do inimigo. Mas ficou bem claro, ao fim de alguns minutos, que nada poderiam fazer para salvar a pequena cidade, apenas com os escassos vinte minutos de poder de fogo disponíveis.

Esta repórter e um mercenário dirigiram-se ao pequeno barco motorizado, que fora preparado precisamente na noite anterior. Ao aproximarmos da embarcação — mais pequena do que um rebocador — vimos também que ela estava apinhada de gente, lutando por um lugar.

Quinze minutos depois, os restantes quatro mercenários ingleses correram, debaixo de chuva torrencial, para o barco, enquanto tropas africanas e civis, surgindo de todos os lados, eram abatidas a tiro por rajadas de metralhadora. Um tanque T-54 estava mesmo atrás deles e era tripulado por um cubano barbudo.

Pouco tempo depois de terem atingido a doca, o barco, tendo em conta a sobrecarga e sacudido pelas fortes ondas da tempestade, virou-se, atirando com a maioria dos africanos para dentro das águas revoltadas. Muitos afogaram-se, depois de terem sido atingidos pelo fogo das metralhadoras, que crepitavam por todos os lados.

O barco, depois de voltar à sua posição inicial, largou da doca e apenas dois mercenários ingleses conseguiram subir para bordo. À medida que o barco se afastava do cais, os outros dois ingleses permaneciam ali, em pé, sob o fogo inimigo.

Os cerca de vinte que partiram no barco — três mercenários, esta repórter e dezasseis africanos — rumaram para Banana, no Sul do Zaire, que ficava a uma hora de viagem. Durante a fuga e ao longo de todo o dia, em Banana, podia ouvir-se o som dos morteiros e dos tanques abatendo-se sobre a cidade indefesa⁴³.

Em Angola, Callan e doze outros mercenários foram capturados e enviados para Luanda, a fim de serem julgados pelo MPLA, por crimes de guerra. Durante meses, eles foram o foco das atenções da comunicação social internacional, distraíndo-a inevitavelmente da análise de questões muito mais profundas, que estavam em jogo no conflito angolano. Embora as forças de Savimbi não tivessem qualquer ligação com os mercenários de Holden Roberto, a verdade é que a imagem da UNITA, já manchada pelas suas ligações com os Sul-Africanos, ficou ainda mais prejudicada pelo escândalo dos mercenários.

Callan e os seus homens constituíam uma dádiva de propaganda ao MPLA. Para Savimbi, embora não tanto como para Holden Roberto, eles representavam um desastre, em termos de relações públicas. Durante muitos anos depois destes incidentes, os representantes da UNITA despenderam muito tempo tentando explicar a razão por que o seu movimento não era o que fora ajudado pelos mercenários que tinham sido julgados em Luanda.

* * *

Kenneth Kaunda, o amigo de Savimbi, também enfrentava sérias dificuldades em resultado da retirada sul-africana e pelo facto de o Presidente Ford ter assinado o *Defence Appropriation Bill* (Proposta de lei para o orçamento de Defesa). Apenas dez meses antes, em Washington, ele apelara ao Presidente Ford no sentido de este «inverter a marcha dos acontecimentos que arrastava o MPLA para uma rápida vitória»⁴⁴. Fizera uma campanha enérgica a favor do estabelecimento de um governo de unidade nacional em Angola, seguido de eleições livres, apenas para ver as suas ideias gradualmente rejeitadas pelos chefes de Estado africanos, seus companheiros. Argumentara que a intervenção soviética e cubana — e não a sul-africana — fora a causa principal da guerra civil. Ele cooperara com a CIA e os Sul-Africanos para salvar Savimbi, cuja coragem e inteligência ele aprendera a admirar, da derrota.

Agora a destruição de Savimbi parecia inevitável — e havia muito pouco que Kaunda pudesse fazer. O Presidente zambiano teria de aceitar como vizinho um governo do MPLA, necessariamente hostil, apoiado por um exultante e confiante exército cubano, cuja actuação não se podia prever e cuja capacidade de interferência na Zâmbia poderia vir a ser grande.

No seu isolamento, Kaunda conseguiu o apoio dos parlamentares zambianos, um deles, Nalumino Mundia, um futuro primeiro-ministro, disse, no Parlamento: «Não posso compreender como alguém pode questionar uma posição que foi a posição escolhida pela Zâmbia e que permite, aos naturais de Angola, decidir o seu próprio futuro recorrendo ao voto universal»⁴⁵.

Os Zambianos, como Mundia, acreditavam que a política de Kaunda, em relação ao caso de Angola, fora honrosa, corajosa e absolutamente coerente com os duplos princípios da filosofia da OUA: não intervenção de potências estrangeiras nos assuntos africanos e não ingerência, pelos membros da OUA, nos assuntos internos de outros Estados independentes⁴⁶.

Existiam, porém, na Zâmbia outras pessoas que assumiram uma posição mais hostil do que a do seu Presidente. Um foi Robinson Makayi, jornalista-chefe do *Times of Zambia*, propriedade do próprio partido de Kaunda, que estava no Governo. Makayi, o editor do jornal, viajou até Luanda e escreveu uma série de artigos complacentes em relação ao MPLA, em contradição com a orientação editorial do seu jornal. Mais tarde, Makayi foi preso e ficou detido sem julgamento.

Um outro pólo de hostilidades surgiu de um pequeno grupo de políticos congregados à volta de Reuben Kamanga, membro da linha dura do Comité Central do Partido Unido da Independência, no Governo, que defendia — à porta fechada e não publicamente — o alinhamento com

o MPLA. A Associação dos Estudantes da Universidade de Zâmbia opunha-se também fortemente à política de Kaunda sobre Angola. Os representantes da Associação acusavam o Presidente de traição num documento inflamado⁴⁷, posto a circular num dia de manifestação em que os quadros da Universidade foram pintados com *slogans* pró-MPLA. A polícia de choque, armada com carabinas, metralhadoras, bastões e escudos, cercou os campos da Universidade.

Uma declaração da Associação de Estudantes descrevia Savimbi como um «Quisling* barbudo, pseudo-revolucionário, traidor profissional e raposa matreira», cooperando com os serviços secretos de Portugal e da África do Sul. Dizia que tinham sido montados na Zâmbia acampamentos com enormes suprimentos de armas, enviadas pelos Estados Unidos para a UNITA, um movimento cuja longa traição era bem evidente. Isto obrigava-nos a acusar a clique governativa da Zâmbia, chefiada pelo Dr. Kaunda, nosso bem-amado Presidente, de traição criminoso.

Tais tiradas, produzidas pelos estudantes, se fossem feitas nos Estados Unidos da América do Norte ou na Europa Ocidental, cairiam no esquecimento. Considerando, porém, as realidades da política africana, elas explodiram como dinamite na Zâmbia e teriam de provocar uma reacção.

A reacção tardou a chegar. A manifestação tivera lugar a 15 de Janeiro e só a 25 é que Kaunda começou a tomar posição. Dirigindo-se a cerca de 800 membros da ala jovem do Partido Unido da Independência (UNIP), afirmou que um russo sediado em Lusaca dissera à Zâmbia que apenas poderia culpar-se a si própria se o governo do MPLA lhe negasse o acesso ao Caminho de Ferro de Benguela, para a punir por não ter reconhecido o governo de Luanda⁴⁸.

«Que descaramento o dos Russos», disse Kaunda. «Seria lamentável se o MPLA encerrasse esta via de comunicação. Todavia, a Zâmbia não será um fantoche nas mãos do MPLA e não se deixará intimidar, de modo a cometer erros, por causa das vias de acesso.»

Estaria muito certo para o MPLA esmagar os outros movimentos angolanos com a ajuda das forças soviéticas e cubanas — «mas será que isso faz com que o governo do Dr. Neto seja um governo legítimo?», ao que os jovens do UNIP consta terem respondido: «Não.»

A 26 de Janeiro, um dos tenentes do Comité Central do UNIP mais íntimo de Kaunda acusou professores estrangeiros que leccionavam na Universidade — «marxistas corrompidos, que estão apostados em confundir os estudantes zambianos» — de terem organizado a manifestação antigovernamental⁴⁹.

A 28 de Janeiro, depois de os Sul-Africanos terem iniciado a sua retirada de Angola e a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos ter

* Quisling — político norueguês morto em 1945. Diz-se da pessoa que coopera com as autoridades de um país inimigo que ocupa o seu próprio país. (N. do T.)

cortado qualquer ajuda posterior à UNITA e à FNLA, o Presidente zambiano foi à televisão para declarar o estado de emergência. Era necessário, disse ele, para evitar uma situação de deterioração da segurança na fronteira da Zâmbia e sustentar os indícios crescentes de subversão interna.

Numa hoje famosa alusão à intervenção soviético-cubana em Angola, o líder da Zâmbia afirmou: «Podemos observar como actua o imperialismo em todas as suas formas. A África tem lutado e expulsou os lobos vorazes do colonialismo, do racismo e do fascismo de Angola e pela porta da frente. Contudo, um tigre saqueador, com a ajuda dos seus implacáveis cubanos, entrou pela porta das traseiras. Os efeitos da intervenção estrangeira estão agora a fazer-se sentir na Zâmbia.»

Com ar austero, sentado em frente da bandeira da Zâmbia, Kaunda afirmou que o estado de emergência era declarado para defender a constituição e a nação... «Quero que o país esteja absolutamente preparado para sustentar qualquer avanço calculado com o objectivo de destruir o nosso país. Nós, como nação, temos o dever de nos prepararmos para o pior. Estamos em guerra. Não se deixem iludir.»

Em seguida, Kaunda utilizou a terminologia chinesa para acusar os Soviéticos de fomentarem incidentes na Universidade: «Algumas das nossas instituições de ensino estão infiltradas. Certos grupos de estudantes actuam como uma orquestra sob a batuta de um maestro invisível, desempenhando o papel de uma potência social-imperialista.»

No dia seguinte, seis professores marxistas estrangeiros da Universidade da Zâmbia, quatro deles do Departamento Político, foram presos pela polícia e detidos na Prisão Kabwe, a norte de Kusaka, sem julgamento ou culpa formada. Pelo menos 19, ou talvez mais de 40 estudantes, foram também aprisionados sem julgamento⁵⁰. A Associação de Estudantes convocou uma greve de protesto. Kaunda respondeu encerrando a Universidade e enviou a polícia de choque para agrupar os estudantes e metê-los em autocarros que os reconduziram a suas casas, por todo o país.

* * *

À medida que os Cubanos avançavam em direcção à fronteira de Angola com a Zâmbia, os ataques verbais zambianos à União Soviética tornavam-se mais violentos. A 6 de Fevereiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Rupiah Banda, afirmou: «Qualquer estrangeiro combatendo em Angola é um mercenário. Toda e qualquer intervenção estrangeira em Angola é condenável e mercenária.

Depois de terem morto os Sul-Africanos em Angola, os Cubanos e os Russos ficarão para lutar contra quem? A União Soviética sabe muito bem que não está em Angola por causa dos Sul-Africanos. Se era suposto estarem em Angola para nos ajudar [negros africanos] por que razão eles não vão lutar para a África do Sul e para a Namíbia? Não ouviram falar da Cidade do Cabo?»

Banda, discursando num jantar, no Clube de Imprensa de Lusaca, foi ficando cada vez mais emocionado à medida que a noite avançava. Quase no fim do jantar ele exortou claramente a UNITA a continuar a resistir. «Não se pode fazer muito contra uma potência estrangeira como a União Soviética, e o Soviéticos sabem-no. A menos que o povo de Angola se levante contra a União Soviética e a faça passar um mau bocado, tal como os Americanos passaram tempos difíceis no Vietname; só assim a União Soviética saberá que o que fez está errado⁵¹.»

* * *

Em meados de Fevereiro, os Cubanos/MPLA tinham avançado para o Sul, na esteira da retirada sul-africana, até ao porto de Moçâmedes e às cidades interiores de Sá da Bandeira e Serpa Pinto. À medida que os Sul-Africanos retiravam, iam destruindo as pontes e cortando as estradas. O avanço cubano foi cauteloso. Antes mesmo de algumas centenas de soldados serem desembarcados em Moçâmedes, de bordo de uma flotilha de sete navios, a 17 de Fevereiro, três navios de desembarque, tipo *Alligator*, tinham passado o dia anterior a disparar bombas para o porto a 12 quilómetros da praia⁵².

Embora a estratégia de Kaunda em relação a Angola fosse desordenada, ele continuou a condenar a política soviética. Permitiu também um transporte secreto de armas da CIA, através do espaço aéreo zambiano, para o reduto temporário de Savimbi, em Gago Coutinho, perto da zona fronteiriça com a Zâmbia. Savimbi tinha-se retirado de lá, via Luso, acompanhado por centenas dos seus adeptos, depois de, a 10 de Fevereiro, ter ordenado o regresso à guerra de guerrilhas. Três aviões estiveram envolvidos neste transporte aéreo — o *Fokker Friendship-27* do próprio Savimbi, um *F-27* da Zaire Airways e um *Viscount* alugado pela delegação da CIA, em Lusaca, a uma companhia sediada em Grenada, Pearl Airways, por 106 000 dólares, mais os custos de operação⁵³.

O transporte aéreo das armas para Savimbi pôde continuar, apesar da proibição do Congresso, porque não tinham sido gastos ainda os 32 milhões de dólares distribuídos à CIA para a Angola Task Force. Eram os últimos 9 milhões de dólares do programa que a CIA estava agora a utilizar para proporcionar a Savimbi a possibilidade de sobreviver⁵⁴. As remessas voaram de Kinshasa, incluindo mísseis antitanque *Law-64*, dos Estados Unidos, morteiros de 60, 82 e 120 mm, canhões antitanque de 76 mm e canhões sem recuo de 105 mm.

O ponto mais crítico das relações entre a Zâmbia e a União Soviética aconteceu a 20 de Fevereiro, quando o embaixador da Checoslováquia, Stanislav Kouhoussek, sentado ao lado do embaixador soviético, abandonou ostensivamente a sala, onde decorria uma reunião entre Kaunda, o corpo da imprensa, os representantes diplomáticos e o Comité Central do UNIP, no Governo. Kaunda acusou então a União Soviética de fomentar

os distúrbios da Universidade e recordou a condenação, pela Zâmbia, da invasão da Checoslováquia pela União Soviética, em 1968. Ao serem feitas estas observações, o embaixador soviético, Dimitri Belokolos, acenou imperceptivelmente com a cabeça, na direcção do embaixador Kouhousek, que se levantou e saiu. Este facto provocou alguma agitação no Mulungushi Hall, o grande auditório construído para a Conferência dos Não-Alinhados, realizada em Lusaca, em 1972, mas Kaunda fez um aceno de despedida na direcção do embaixador checoslovaco e disse: «Deixem-no ir, deixem-no ir⁵⁵.»

Belokolos permaneceu na sala e sentou-se em frente a Kaunda, com expressão inflexível, enquanto este dizia que o MPLA não conseguiria controlar Angola, a menos que negociasse com a FNLA e a UNITA: «A vitória militar não veio através do MPLA, mas sim por intermédio da Rússia e de Cuba. Deixem agora retirar-se todas as forças estrangeiras, de forma a que se possam efectuar negociações pacíficas.

Não estamos a ver qualquer país do mundo onde uma potência possa pisar um povo, oprimi-lo e esperar sair-se bem de tudo isso. Mais cedo ou mais tarde, o povo que está sendo oprimido terá tendência a revoltar-se.»

Dunstan Kamana, embaixador da Zâmbia junto das Nações Unidas, criticou violentamente a política pós-independência de Angola, adoptada por Moscovo, num artigo que escreveu para o *New York Times*. «A Zâmbia acredita que ajudar Angola no seu processo de independência é uma coisa, mas ajudar um qualquer grupo de angolanos a impor um governo a todo o povo de Angola é outra coisa muito diferente... Mesmo que o MPLA consiga cobrir Angola inteira, como parece agora ser o caso, e derrotar os outros partidos numa guerra convencional, este facto não constituirá prova bastante da popularidade do vencedor ou da impopularidade do vencido⁵⁶.

Todavia, a Zâmbia estava agora numa posição desfavorecida e o Governo de Luanda fez com que pagasse caro a posição crítica assumida em relação ao MPLA e a favor de Savimbi. Depois de o MPLA ter retomado o porto do Lobito, ordenou que fossem descarregadas 1200 toneladas de cobre zambiano, que estavam a bordo de um navio, precisamente antes de este se fazer ao largo. A carga fazia parte de um considerável contingente de cobre zambiano, chumbo e zinco que estava retido no porto há cerca de sete meses, juntamente com 72 000 toneladas de materiais importados pela Zâmbia, nomeadamente equipamentos para minas e geradores de electricidade, seis locomotivas diesel americanas, novas, e 800 vagões, propriedade dos Caminhos de Ferro da Zâmbia⁵⁷.

Kaunda ficou totalmente exposto quando apareceram, na imprensa britânica e sul-africana, artigos que citavam Savimbi como afirmando que, em todas as fases da sua intervenção militar em Angola, a África do Sul tinha actuado «árdua e correctamente» e com a aprovação da Zâmbia, do Zaire e da Costa do Marfim. Os artigos, que citavam testemunhas de uma

reunião entre Savimbi e Bill Coughlin, assistente do senador John Tunney, afirmavam que os Presidentes zambiano, zairense e da Costa do Marfim, Kaunda, Mobutu e Houphouët-Boigny, tinham pedido a intervenção da África do Sul para actuar contra os Cubanos e Soviéticos. Diziam também que Kaunda combinara a reunião de 20 de Dezembro de 1975 entre John Vorster e Savimbi⁵⁸.

Savimbi foi convocado por Kaunda para se deslocar a Lusaca, numa viagem de três dias. A incursão secreta à Zâmbia do líder acossado da UNITA não foi oficialmente anunciada. Todavia, posteriormente, a UNITA pagou o seu tributo, emitindo uma declaração muito pouco convincente, cujo conteúdo desmentia que Kaunda combinara a visita a Vorster: «Os propagandistas russos e cubanos cozinham uma história, afirmando que o Dr. Savimbi, da UNITA, visitara a África do Sul por sugestão da Zâmbia. Para tornar esta propaganda mais difamatória e maliciosa, os Russos e os Cubanos utilizaram o nome de Bill Coughlin, assessor do senador John Tunney, nos Estados Unidos⁵⁹.

Com uma visão tardia do que devia ter sido feito, Jorge Sangumba ia arruinando, de forma gradual, a credibilidade desta declaração, quando, ao tê-la emitido, disse aos correspondentes que as alegações diziam individualmente respeito a Kaunda, e Savimbi nunca visitara a África do Sul. Anos mais tarde, Savimbi falou mais livremente com o autor sobre as visitas que fizera à África do Sul nessa época. As coisas mudavam rapidamente agora. A 13 de Março, aviões MIG, do MPLA, bombardearam Gago Coutinho, forçando Savimbi a render-se, na última localidade que ainda estava em poder da UNITA, e a retirar-se para as matas.

A 15 de Março, o *Viscount* da Pearl Airways não conseguiu voar até Gago Coutinho, fez uma aterragem de rotina no aeroporto de Lusaca e os seus pilotos, um austríaco e outro britânico, ficaram surpreendidos quando as autoridades zambianas apresaram o avião⁶⁰.

No dia seguinte, um jacto executivo, pertencente a uma companhia registada na Suíça — e alugado, segundo oficiais zambianos, pela mesma companhia Lonrho, que anteriormente tinha fornecido a Savimbi um outro jacto para as suas viagens pela África —, voou para Lusaca, proveniente de Luanda. A bordo estava José Eduardo dos Santos, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Angola e do MPLA. A segurança foi reforçada no aeroporto de Lusaca. Não foi autorizada a presença de jornalistas nem de diplomatas, incluindo o embaixador de Cuba, na Zâmbia, Eduardo Morejon Estavez⁶¹.

Eduardo dos Santos e a sua equipa, constituída por sete membros, encontraram-se com uma delegação zambiana, chefiada não por Rupiah Banda, mas por Reuben Kamanga, o presidente pró-MPLA do subcomité para os negócios estrangeiros do Comité Central do UNIP. Não foi emitido qualquer comunicado depois destas conversações, mas fontes

oficiais do Governo Zambiano disseram, em particular, que ambas as partes tinham feito propostas para a normalização das suas relações.

Um Rupiah Banda, com ar carrancudo, esteve presente no aeroporto de Lusaca, por exigências do protocolo, em 18 de Março, para apresentar despedidas a Eduardo dos Santos. O ministro angolano dos Negócios Estrangeiros recusou-se a falar aos jornalistas e Banda, que ainda há um mês atrás encorajara os inimigos do MPLA a transformarem Angola no Vietname da Rússia, disse apenas: «Por agora prefiro nada dizer⁶².»

CAPÍTULO XVIII

MOTIM NA ZÂMBIA

1976

Existem muitas perguntas sem resposta nas questões que rodeiam a guerra de Angola. As duas principais surgem no período de Janeiro-Fevereiro de 1976.

Por que razão o Presidente Kaunda se viu, realmente, obrigado a declarar o estado total de emergência nacional, a 28 de Janeiro, aparentemente em resposta à agitação que grassava entre os cerca de 1000 estudantes da Universidade e quando os Cubanos que avançavam através de Angola estavam ainda bem longe das fronteiras com a Zâmbia?

A quem se referia o secretário da UNITA para os assuntos exteriores, Jorge Sangumba, quando disse aos jornalistas presentes em Lusaca, após ter sido declarado o estado de emergência zambiano, que aviões tinham bombardeado as forças do MPLA em Cazombo, a leste de Angola, a cerca de 150 quilómetros da fronteira com a Zâmbia? «As forças do MPLA foram definitivamente bombardeadas. Não posso dizer por quem», disse Sangumba¹.

Por si só a declaração vaga de Sangumba podia ser ignorada. Tinha, todavia, ligação com extractos de outras informações que, no seu conjunto, formavam um todo interessante. Elas constituíam, certamente, uma hipótese viável.

Jonas Savimbi, o Presidente Kaunda, o Presidente Mobutu, do Zaire, e os Sul-Africanos nem sempre partilharam os mesmos objectivos durante a guerra de Angola. Contudo, «todos» eles tinham uma coisa em comum, e essa era o desejo de afastarem o MPLA da totalidade dos 1300 quilómetros que constituíam a extensão do percurso do Caminho de Ferro de Benguela em Angola e reabrir esta linha férrea, sob controlo da UNITA, às importações e exportações zairenses e zambianas.

No que respeita a Savimbi, isto teria reforçado a sua credibilidade num mundo onde o poder económico é geralmente o imperativo-chave.

Para Mobutu e Kaunda significaria que teriam de novo acesso à sua mais barata e importante via terrestre para o mar e para a África do Sul teria significado o reforço moral e potencial dos seus três mais importantes aliados negros africanos de conveniência.

Kaunda realçou a Savimbi a importância da reabertura do Caminho de Ferro de Benguela e, com a ajuda dos Sul-Africanos, a UNITA ganhou o controlo de toda a via férrea, com excepção de um pequeno troço do extremo leste, perto da vila de Teixeira de Sousa. Os Sul-Africanos e a UNITA lutaram energicamente para tomar Teixeira de Sousa (rebaptizada como Luau após a independência), aproximando-se da vila e atravessando o território angolano a partir de oeste. Mas os Cubanos/MPLA defenderam fortemente a vila e, depois de terem feito ir pelos ares uma importante ponte nos seus acessos a oeste, os Sul-Africanos abandonaram a tentativa de se aproximarem nessa direcção.

Em vez disso, voltaram as suas atenções para um possível ataque a partir do leste e do território zaireense. A delegação da CIA em Kinshasa transmitiu ao seu quartel-general em Langley, na Virgínia, pedidos da África do Sul de combustíveis para aviões, armas mais sofisticadas, camiões e apoio aéreo — «Em seguida, transmitiu um plano sul-africano para transportar, por via aérea, uma força de intervenção para o Sul do Zaire, com a finalidade de atacar Teixeira de Sousa a partir da fronteira», escreveu John Stockwell. «A delegação de Kinshasa foi encorajada na sua política, em relação aos Sul-Africanos, por telegramas dos centros de operações da CIA em Lusaca e Pretória².»

O antigo chefe da Angola Task Force da CIA deixa os seus leitores em suspenso, de um modo tenso, com estes excertos de informações. Não diz o quê ou se alguma coisa resultou deste plano. Contudo, realça a importância de Teixeira de Sousa no conflito.

Na Zâmbia, que também queria desesperadamente que Teixeira de Sousa fosse retirada ao controlo do MPLA, correram boatos de que a Força Aérea fora instruída para atacar a vila. Um tenente-coronel do Exército Zambiano, que conheci num almoço em Lusaca com amigos estrangeiros, afirmou que fora ordenado um voo de quatro jactos-bombardeiros, de fabrico jugoslavo, em fins de Janeiro, para bombardear Teixeira de Sousa. Pode apenas especular-se sobre se este voo estava, de algum modo, relacionado com o plano sul-africano.

Os aviões zambianos, cuja rota de voo a partir de Lusaca os teria levado próximo de Cazombo, iniciaram a sua aproximação a Teixeira de Sousa quando um deles se desintegrou, aparentemente atingido por um míssil, afirmou o tenente-coronel. Os outros aviões voltaram para trás e aterram em Lusaca. Houve um telegrama da State House (Congresso Estadual), residência oficial do Presidente Kaunda, para se informar sobre o resultado da missão. Quando lhe disseram que o ataque não fora levado a cabo porque as defesas eram muito sofisticadas, da residência do Presi-

dente ordenaram à Força Aérea que voltasse ao ataque. Os pilotos recusaram-se e foram apoiados pelo comandante da Força Aérea Zambiana, comodoro aéreo Peter Zuze. Rebentou então um tiroteio na zona militarizada do aeroporto de Lusaca entre aviadores «leais» e «desleais», em que morreram sete homens. Os aviões não voltaram ao ataque.

Oficiais dos serviços secretos ocidentais confirmaram, na altura, estarem de posse de informações respeitantes a um confronto armado no aeroporto de Lusaca entre membros das forças militares zambianas, recusando-se, contudo, a revelar o que estivera por detrás desse confronto.

Uma das cartas que chegou ao meu escritório, enviada por um dos estudantes resistentes da Universidade da Zâmbia, continha algumas informações que corroboravam as provas que eu já tinha³. Dirigida à Reuter e assinada, fornecia detalhes de prisões verificadas nos campos da Universidade (campos de desporto) e sobre as actividades dos agentes dos serviços secretos zambianos. Dizia que o presidente da Associação dos Estudantes concluía, numa reunião de emergência, que a defesa por parte da Zâmbia de um governo angolano de unidade nacional era apenas um pretexto para dar o seu apoio à UNITA, e continuava: «Nesta reunião, os estudantes também forneceram provas de apoio do Governo à UNITA, as quais incluíam um pequeno motim provocado pela Força Aérea Zambiana, que se recusava a continuar a lutar em defesa da UNITA.»

As provas estão demasiado incompletas para se poder chegar a conclusões definitivas, mas se a Força Aérea Zambiana tentou, de facto, atacar Teixeira de Sousa parece possível que os seus aviões tenham também atacado muito próximo de Cazombo, como descreve Jorge Sangumba. Se os aviadores se amotinaram porque não gostavam do que lhes tinha sido ordenado que fizessem, essa parece ser uma razão plausível para ser declarado o estado total de emergência nacional, mais do que quaisquer outras razões que o Presidente Kaunda tenha apresentado a 28 de Janeiro de 1976.

Existem outras explicações possíveis para o ataque a Cazombo e o motim da Força Aérea Zambiana. O relato semioficial do MPLA sobre a guerra civil, feito por Michael Wolfers e Jane Bergerol, diz que os bombardeiros da Força Aérea Zaireense efectuaram uma incursão no território leste de Angola nos princípios de 1976 e, conseqüentemente, poderiam muito bem ter sido deles os bombardeiros a que Jorge Sangumba se referia⁴.

Alguns oficiais dos serviços secretos ocidentais acreditam que o motim foi, em parte, inspirado pelo ressentimento crescente nos meios militares zambianos, por causa da cooperação com a África do Sul. Em extensa defesa das políticas de Kaunda, durante os anos de 1975 e 1976, dois académicos canadianos escreveram que «relatos muito vagos de misteriosos voos nocturnos a partir de aeroportos longínquos situados na Província Ocidental [Zâmbia] deram corpo a alegações de que a África do Sul

concordara em ceder direitos de trânsito à Zâmbia, para ajudar a UNITA e, possivelmente, as suas próprias actividades militares em Angola»⁵. No entanto, nada tinham de vago os relatórios que os representantes das Nações Unidas em Lusaca enviavam para o seu quartel-general em Nova Iorque, confirmando terem observado movimentos de tropas sul-africanas, por terra e por ar, a partir da parte Oeste da Zâmbia, em direcção a Angola. Ainda que Kaunda possa ter tido as suas justificações, em termos de perspectivas estratégicas mais alargadas, ao colaborar militarmente com Pretória não será preciso ter muita imaginação para ver que esse facto pode ter estado na origem de um profundo ressentimento entre os jovens e idealistas oficiais das suas forças militares, de quem se esperava que colaborassem com os Sul-Africanos ou então fizessem vista grossa.

* * *

Mais tarde, em 1976, o Presidente Kaunda anunciou que a Força Aérea Zambiana fora despojada da sua autonomia e integrada sob um único comando militar zambiano. O comodoro do ar Zuze teria, doravante, de responder directamente perante o comandante do Exército.

CAPÍTULO XIX

AJUSTE DE CONTAS HUMANO

1976

*Vivas à Revolução
Troam mais canhões:
O mendigo a cavalo
Chicoteia o mendigo a pé.*

*Vivas à Revolução
Canhões troam de novo:
Mendigos mudam de cavalo
Mas o chicote não.*

W. B. Yeats

* * *

AO MESMO TEMPO que os Cubanos e o MPLA estabeleciam o seu controlo através de toda a Angola e a UNITA começou a retirar para as matas, de ambos os lados começaram a surgir declarações de atrocidades cometidas.

De acordo com oficiais da UNITA, houve um «tremendo massacre» de civis quando o MPLA e os Cubanos assumiram o controlo do Huambo: «Mulheres e crianças inocentes, velhos que não podiam fugir, morreram aos milhares¹.»

Savimbi enviou um comunicado para Lusaca, num dos voos que partiu de Gago Coutinho, em que dizia ter recebido informações de que mais de 100 simpatizantes da UNITA tinham sido executados, pelo MPLA, no Lobito, em Benguela e no Huambo. Os camponeses que estavam nas cidades a norte do Huambo — a zona onde era recrutada a mão-de-obra ovimbundu para trabalhar nas plantações de café, durante a era colonial —,

estavam a ser arrebanhados e enviados para o Norte de Angola, para reactivarem as plantações que tinham sido bastante negligenciadas durante a guerra civil². A Amnistia Internacional, organização mundial que pugna pelos direitos do homem, referiu mais tarde que guerrilheiros da UNITA e seus suspeitos apoiantes tinham sido executados pelo MPLA sem julgamento no Centro de Angola³.

Em princípios de Março de 1976, mais de 45 000 refugiados angolanos tinham fugido para a Zâmbia e continuavam a atravessar a fronteira, à razão de cerca de 500 por dia⁴.

Savimbi forneceu detalhes, no seu comunicado, do que afirmava serem os dois primeiros grandes combates com as tropas da UNITA, desde que ordenara o regresso à guerra de guerrilha. No primeiro, perto de Serpa Pinto, a 22 de Fevereiro, três carros blindados de fabrico soviético e cinco camiões tinham sido destruídos e tinham sido mortos cubanos em número indeterminado, contra a perda de dois soldados e de três feridos do lado da UNITA. No segundo, na Província do Moxico, no início de Março, foram capturados três cubanos e cinco foram mortos quando os guerrilheiros montaram uma emboscada ao seu *Land-Rover*, muitos dos quais tinham andado a «violar mulheres e a pilhar os alimentos armazenados»⁵.

O MPLA, por seu lado, alegou terem sido cometidas atrocidades no Lobito, em princípios de Fevereiro, antes de o porto ter sido evacuado. Os mortos tinham sido enterrados na encosta de um morro por detrás da cidade. Dois escritores ingleses próximos do MPLA denominaram, mais tarde, essa colina como a «Colina da Morte» (*Hill of Death*), afirmando que a UNITA começara a fazer execuções sumárias, no Lobito, durante as últimas semanas do seu domínio, sob as ordens do «governador» Jorge Valentim: «Foram mortas mais de 500 pessoas, tanto crianças como adultos, de todas as classes e cores»⁶.

Um correspondente de televisão da BBC, Martin Bell, foi um dos primeiros repórteres estrangeiros a visitar o Lobito após estas alegadas mortes e depois de o MPLA ter assumido o controlo. Levaram-no à «Colina da Morte», mas os oficiais locais do MPLA disseram-lhe que apenas 36 pessoas tinham sido executadas sob as ordens de Jorge Valentim. Na sua reportagem filmada, Bell dizia: «As histórias de atrocidades cometidas em tempo de guerra são, como é evidente, manifestamente imprecisas... No chão, onde tinham jazido os corpos, estavam alguns horríveis restos humanos, mas nada que, por si só, provasse algo, a não ser de uma forma circunstancial que algo de terrível ali se passara e não fora precisamente suicídio.

A UNITA, ao retirar, deixou atrás de si um legado, se não de atrocidades cometidas, pelo menos de histórias de atrocidades, tanto aqui como em Silva Porto [Bié] e noutros locais. Existem provas que sugerem ter existido alguma razão de ser nestas histórias. Pelo menos o MPLA acredita que todas estas histórias são verdadeiras e que, perante factos como estes, a reconciliação nacional será um pouco difícil de conseguir»⁷.

A exactidão no caso do MPLA era impossível de avaliar, face à escassez de provas em primeira mão. A dada altura, porém, em fins de 1976, Jorge Valentim foi punido pela UNITA por ter cometido delitos não especificados durante a sua permanência no Lobito, os quais tinham afastado muitos elementos da população, considerados como sendo naturalmente pró-UNITA. Valentim foi demitido do comité central e enviado para um «exílio interno» de cinco anos, como «oficial de informações», de baixa patente, operando com os guerrilheiros, nas matas da Província do Bié⁸.

No Huambo, o jornalista francês René Lefort visitou a alegada vala comum de 235 prisioneiros do MPLA, mortos pela UNITA, pouco antes de os Cubanos terem entrado na cidade, a 9 de Fevereiro⁹. De novo se torna impossível dizer se estas acusações eram verdadeiras. Contudo, a Amnistia Internacional, cuja imparcialidade e elaboração moderada dos seus relatórios sobre coisas horríveis que pessoas fazem a outras pessoas é largamente temida e respeitada pelas autoridades governamentais e rebeldes de todo o mundo, considerou ter bases suficientes para incluir estes factos num dos seus relatórios¹⁰.

Acredito que uma das pessoas que pode ter morrido no Huambo foi a senhora Fernanda Carolina Rodrigues Vargas de Freitas, uma mulher portuguesa que vivia em Angola há cerca de 25 anos, desde que ali se estabelecera quando tinha apenas cerca de 20 anos de idade. Sua filha, Maria Gonçalves de Freitas Christ, escreveu-me de sua casa em Berlim Ocidental, depois de ter lido artigos que eu publicara sobre a UNITA, pedindo-me para tentar localizar a senhora Vargas de Freitas.

Esta senhora ficou separada do marido e de três filhos adultos, durante o tumulto de 1974-1975. Trabalhava, como enfermeira, com o MPLA, mas tinha amigos da UNITA. Dela me disse sua filha: «Durante toda a vida ela gostou de ajudar as pessoas que estavam em situações difíceis. Pela mesma razão se envolveu com o MPLA, como enfermeira. Tratava dos doentes e dos feridos.

Em Outubro de 1975, ficou com as tropas do MPLA na Matala [290 quilómetros a sul do Huambo]. Um dia ouviu um homem a chorar do lado de fora de um dos blocos da enfermaria. Enquanto lhe prestava assistência [era um soldado da UNITA] apareceu, de repente, outro soldado da UNITA e capturou-a. Foi levada para o Huambo e ficou prisioneira, perto da cidade, num antigo matadouro que pertenceu à ACMOL, uma empresa privada de exploração animal¹¹.»

Maria Gonçalves de Freitas Christ tinha conseguido sair de Angola num voo de refugiados, a 7 de Setembro de 1975, levando consigo uma pequena mala com os seus haveres pessoais. Nunca mais soube nada da mãe até Março de 1976, quando uma enfermeira portuguesa, que trabalhava no Huambo com a UNITA, chegou a Portugal, onde Maria vivia, na altura, trazendo consigo um molho de cartas de sua mãe, escritas na prisão, em papel da Cruz Vermelha e papel higiénico. A enfermeira, que

tinha auxiliado a senhora Vargas de Freitas, abandonou o Huambo com a UNITA, quando os Cubanos se aproximaram.

A última carta datava de 24 de Janeiro de 1976. Nada mais soubera, desde então, da senhora Vargas de Freitas. As investigações de Maria, através do Comité Internacional da Cruz Vermelha, resultaram infrutíferas, e os representantes da UNITA, na Europa, afirmaram não possuírem registos de sua mãe ou conhecerem o seu destino.

* * *

Antes de a UNITA ter iniciado a sua retirada de Gago Coutinho, a 13 de Março de 1976, para se esconder nas matas, emitiu um comunicado dizendo que dezassete prisioneiros militares cubanos tinham sido executados por um pelotão de fuzilamento, constituído apenas por mulheres¹². No que parece ter sido um conselho de guerra sumário, cinco dos cubanos foram condenados por estupro e os restantes por assassínio.

Uma declaração, em nome de Savimbi, foi emitida juntamente com o comunicado. Dizia que milhares de pessoas estavam a fugir como refugiados, ao mesmo tempo que os Cubanos e o MPLA começavam a destruir as estruturas da UNITA e a matar e torturar os familiares dos oficiais da UNITA. «A população está a sofrer duramente. Não temos meios para tomar conta das mulheres e das crianças, mas estou certo de que a UNITA começou agora uma nova etapa, que conduzirá à verdadeira liberdade para o nosso povo.

É muito difícil para mim acreditar que o mesmo Fidel Castro que lutou contra uma invasão ao seu país [na baía dos Porcos, em 1961] esteja agora, ele próprio, a invadir um país distante. Não é com prazer que anuncio a execução dos cubanos, porque fui um dos melhores amigos de Che Guevara. Penso que, se Che Guevara estivesse hoje em Cuba, Cuba não teria invadido Angola.»

Anos mais tarde, vim a saber que entre os dezassete cubanos que tinham sido executados se encontrava Samuel Ducentes Rodriguez.

Rodriguez, o rapaz franzino, de 17 anos, que fora enviado para Angola e capturado, antes mesmo sequer de ter disparado um tiro, com raiva; aquele cuja afabilidade e esforços para aprender os dialectos locais conquistaram a amizade dos seus captores e cujos nervos foram acalmados quando Savimbi lhe assegurou que não seria morto. Agora, ele fazia parte do solo angolano, juntamente com muitas centenas de outros cubanos, muitos mercenários ingleses no Norte, cerca de 30 ou 40 sul-africanos brancos e milhares de angolanos desconhecidos e não tomados em consideração por Havana, Washington, Moscovo, Londres, Paris ou Pretória.

O conhecimento da sua morte comoveu-me e deprimiu-me imensamente. De alguma forma, cristalizava toda a futilidade e crueldade da guerra. Minha mulher ficou também profundamente perturbada. Embora não tivesse conhecido Rodriguez, eu falara-lhe dele. Ela escreveu um poema

que eu penso poder encerrar toda a pungência e simbolismo da sua morte e que espero assegure que, num qualquer lugar, todas as vítimas não cantadas ou anónimas desta guerra serão lembradas:

Rodriguez

*The green time has come
The rains
invade*

*Smitten earth yields dust
comes lush
alive*

*Streamlets form columns
surround
«high ground»*

*Earth redoubt crumbles
into
fresh moat*

The citadel's laid bare

*Ribcage whitely gleams
trough flood-force rising
a one-man Mary-Rose*

*The listing masthead
tilts and tilts again
surrend'ring eighteen years*

*Heeling beneath mud
final arms laid down
rebuke life's brevity*

*No dry dust remains
Nor sign
Nor shallow mound*

Angola's reclaimed

*Unsung
The boy from Cuba dies again¹³*

CAPÍTULO XX

A LONGA MARCHA

1976

A Longa Marcha proporcionou à República Popular da China a sua maior fonte de inspiração patriótica... Apenas 30 000 dos originais 100 000 comunistas sobreviveram à marcha de 8000 milhas, embora se lhes tivessem reunido, durante a marcha, «Exércitos de Estrada», no decurso dos doze meses seguintes. Uma vez chegados a Yen-an, foi possível estabelecer uma posição mais forte para desafiar Chiang (Kai-shek) e, de 1937 a 1945, para travar combate com os invasores japoneses¹.

* * *

TRÊS DE AGOSTO DE 1976. Jonas Savimbi, um negro angolano, em tempos estudante de Medicina na Universidade de Lisboa, licenciado pela Universidade de Lausana, líder de guerrilha, sentava-se perto da margem esquerda do rio Cuíto, no interior de Angola, cerca de 800 quilómetros a norte do local onde esse grande rio termina a sua longa viagem nos pântanos Okavango do Botswana.

Estava-se agora no solstício de Inverno, na África Austral, quando as temperaturas nocturnas descem abaixo de zero. Savimbi acalentava, nos seus braços, um guerrilheiro adolescente que delirava, morrendo de frio e exaustão, depois de ter sofrido no corpo a tortura de uma enregelante travessia do rio, que lhe tolhera os membros. Não poderia existir maneira mais deprimente de o líder dos guerrilheiros celebrar o seu 42.º aniversário. A causa pela qual combatera durante mais de uma década parecia perdida. Durante seis meses ele fora perseguido e incessantemente acosado, através das vastas matas e savanas de Angola, pelas tropas cubanas, por aviões e helicópteros: o inimigo aproximava-se ao entardecer, enquanto ele confortava o soldado moribundo. Savimbi perdera o contacto com os outros grupos do seu fragmentado exército. Os seus aliados do exterior,

na África e noutros continentes, tinham-no abandonado. Se a morte sobrevivesse agora, significaria a ignomínia: Savimbi não entraria na história senão como uma pequena nota de pé de página, retratado como um carácter *quisling* (traidor) de somenos importância, no relato tempestuoso da história do continente africano, do final do século XX.

Savimbi parou de confortar o soldado doente para verificar o estado do resto do seu exército. Uma hora depois de ele ter partido, um oficial às ordens, o capitão Pedro «Tito» Chingunji, deu-lhe a notícia de que o jovem guerrilheiro morrera.

Pouco depois morreram mais dois guerrilheiros. A travessia dos 400 metros do canal principal do rio fora má. Os hipopótamos, que reclamam mais vidas humanas do que qualquer outro animal da selva, tinham ameaçado fazer voltar a única canoa que fazia a travessia em vai-e-vem: apesar do risco de as explosões poderem ser ouvidas por patrulhas inimigas, preciosas granadas de mão tinham sido lançadas à água, no intuito de assustarem as feras que resfolegavam. Contudo, a parte mais difícil da travessia fora feita a pé, mergulhados até à altura do peito, através dos 300 metros do pântano inundado que ladeava a margem leste do rio Cuíto. As temperaturas geladas e o avanço penoso a pé esgotaram as últimas reservas de energia dos três homens.

Para os 350 homens do bando de Savimbi, apenas a morte e o esquecimento pareciam estar à sua frente. Tinham caminhado cerca de 2000 quilómetros na sua longa marcha e agora estavam encurralados no Centro de Angola — um país duas vezes maior que a França —, longe de qualquer fronteira internacional que pudesse ser atravessada, na esperança de encontrarem refúgio. Parecia que a longa caminhada a nada conduziria: nunca ninguém dela teria conhecimento; ninguém se importaria que alguma vez tivesse acontecido.

* * *

A longa marcha de Jonas Savimbi, defensor das teorias da luta armada de Mao Tsé-tung, começou a 9 de Fevereiro de 1976, no dia em que a guerra civil de Angola (ou, mais precisamente, a sua primeira fase) terminou de facto. Isto aconteceu quando as colunas blindadas de cubanos entraram no Huambo, que fora o quartel-general político da UNITA, durante os seis meses anteriores. Com a ocupação do Huambo, a vitória fora, virtualmente, completa para os Cubanos e o MPLA.

Depois de os Sul-Africanos terem iniciado a sua retirada de Angola, a UNITA tentou travar o avanço cubano sobre o Huambo, esperando vagamente que pudesse chegar ajuda dos Estados Unidos e de outras democracias ocidentais. As suas armas e morteiros ligeiros não podiam competir com os tanques cubanos, os helicópteros e os «Órgãos Staline». Cerca de 600 guerrilheiros da UNITA, incluindo dois comandantes experimentados, foram mortos durante a inútil defesa do Huambo.

Os Cubanos não encontraram resistência quando entraram no Huambo. No dia seguinte, Savimbi abandonou o seu quartel-general no Bié e voou em direcção ao Leste, para o Luso, a bordo do *Fokker Friendship*, tendo antes ordenado aos seus soldados que se dispersassem pelas velhas bases da mata e aconselhado os civis, adeptos da UNITA, a que voltassem para junto dos seus parentes, nas aldeias. Tanto quanto possível, o inimigo devia conquistar cidades desertas.

No Luso, Savimbi começou a planear a nova guerra de guerrilha contra os Cubanos e o MPLA.

* * *

No voo para o Luso, viajavam com Savimbi N'Zau Puna e Samuel Chiwale. Em conjunto, decidiram que deviam existir dois centros de resistência inicial — um nas matas, imediatamente a sul do Luso, e o outro nos arredores de Serpa Pinto, cerca de 400 quilómetros a sudoeste do Luso.

A resistência, no Luso, seria mais fácil de organizar. Cerca de 3000 guerrilheiros estavam nessa área e não tinham entrado em combates tão violentos com as forças que estavam perto do Huambo. Chiwale controlaria esta frente.

Puna deveria dirigir-se a Serpa Pinto com alguns oficiais, para coordenarem os grupos da UNITA, dispersos e desmoralizados, que se tinham movimentado para sul, da zona do Huambo para a do Bié. Ele devia também fazer um reconhecimento das matas, a nordeste de Serpa Pinto, para ver se eram apropriadas para a instalação de uma nova base central para a resistência da guerrilha.

Puna deixou o Luso na manhã de 10 de Fevereiro, dirigindo-se a Serpa Pinto. Os Cubanos encontravam-se, nesta altura, precisamente a norte da cidade. Assim que o *Fokker Friendship* descolou, apareceu no horizonte um avião ligeiro de reconhecimento do MPLA, sobrevoando o Luso e contra o qual a UNITA abriu fogo ligeiro. Antes do pôr do Sol, os Cubanos, avançando a partir do Norte, começaram a bombardear violentamente a cidade.

* * *

Ao princípio da tarde do dia 10 de Fevereiro, o capitão «Bok» Sapolalo ouviu os camiões cubanos e do MPLA que se aproximavam da última ponte a norte do Luso. Sapolalo, o perito da UNITA em explosivos, supervisionou a operação para dinamitar a ponte sobre o rio Lumege e em seguida retirou-se. Os engenheiros cubanos avançaram para colocar uma ponte provisória sobre o rio Lumege, enquanto a sua artilharia fazia fogo de *rockets* de 120 mm e *B10*, tomando como alvo a cidade do Luso.

Savimbi dormia, pela primeira vez em 70 horas, quando as primeiras bombas explodiram no Luso, às 4 horas da tarde. Foi acordado do seu sono profundo por Chiwale. A população estava em pânico. Savimbi

convocou rapidamente uma reunião para lhes dizer que a UNITA iria retirar e organizar uma nova guerra de guerrilha. Meia hora depois de terem caído os primeiros morteiros, três aviões *MIG* bombardearam violentamente a cidade. Morreram cerca de 50 pessoas.

Imediatamente após o ataque aéreo, foi ordenada a evacuação do Luso. Cerca das 5 horas e 15 minutos da tarde, os primeiros veículos da UNITA abandonavam a cidade: na coluna de carros diversos e *Land-Rover* seguiam cerca de 1000 guerrilheiros que Chiwale conseguira reunir. Alguns milhares de civis, com os seus haveres, seguiam pelas bermas da estrada. O cortejo tomou o rumo sul, em direcção a Gago Coutinho, que distava dali cerca de 350 quilómetros. Alguns guerrilheiros ficaram, com ordens para contactarem outras tropas e dizer-lhes para se reagruparem perto de Gago Coutinho.

A coluna de Savimbi parou, de noite, durante um curto espaço de tempo, na pequena povoação do Lucusse, a 135 quilómetros de distância do Luso. Como a estrada para Gago Coutinho era também a estrada para a Zâmbia, Savimbi ficou preocupado com o facto de muitas pessoas poderem pensar que estava a abandonar Angola, a caminho do exílio. «A população estava em pânico», recorda Tito Chingunji, que acompanhou Savimbi na longa marcha da UNITA. «Fiquei atónito ao verificar como o presidente lhes conseguiu transmitir a sua confiança e organizou uma evacuação calma. Disse-lhes que não ia deixar Angola e que ia para as matas continuar a combater².

Savimbi chegou a Gago Coutinho na tarde do dia 11 de Fevereiro, depois de ter atravessado cerca de doze grandes afluentes do rio Zambeze, que corria para leste.

* * *

Até ser obrigado pelos Cubanos a sair dali, um mês mais tarde, Savimbi utilizou o tempo que passou em Gago Coutinho para se reorganizar. Mandou soldados voltar para trás, na direcção do Luso, para destruírem todas as pontes de estrada, mas com ordens para deixarem cada uma delas intacta até ao último instante possível antes de os Cubanos avançarem. A população local, em fuga para o Sul, tinha de ter tempo suficiente para atravessar os rios.

Savimbi efectuou uma série de voos rápidos de Gago Coutinho para Lusaca e Kinshasa, a fim de dizer aos Presidentes Kaunda e Mobutu que tencionava continuar a lutar. Escreveu também uma carta de agradecimento e despedida a Kaunda:

A UNITA perdeu 600 homens na batalha do Huambo. A máquina de guerra que Cuba e a União Soviética montaram, em Angola, fica para além da nossa imaginação. Para impedir a destruição total das nossas forças, decidimos voltar imediatamente à

guerra de guerrilha. Os amigos (a CIA e os Estados Unidos), que prometeram ajudar-nos, não cumpriram as suas promessas e temos de enfrentar o nosso próprio destino, com coragem e determinação.

Tenho dois pedidos a fazer a Vossa Excelência:

- 1) Ninguém é responsável por este desastre senão as grandes potências. É por isso que, com o meu humilde e limitado entendimento, peço a Vossa Excelência que o que tem sido meu irmão de há muitos anos, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Rupiah Banda, seja poupado para a UNITA poder ser sacrificada [que Kaunda abandone o seu apoio à UNITA e apoie Banda, que fora um acérrimo defensor de Savimbi]. Rupiah é um grande africano, embora muito jovem;
- 2) Mando juntamente com esta carta minha mãe, que tem 71 anos de idade, de forma a que ela possa morrer na Zâmbia. A minha irmã e os seus três filhos e os meus filhos mais novos seguem com minha mãe. Em sua companhia seguem também a mulher do nosso secretário-geral, com duas crianças, e a mulher do nosso comandante-geral, com quatro crianças.

O Bureau Político do Comité Central da UNITA associa-se a mim, ao agradecer-lhe, uma vez mais, tudo o que fez por nós. Seja qual for a posição que o seu Governo venha a assumir, em relação a Angola, aceitá-la-emos com resignação. É de vital importância que a Zâmbia sobreviva e o amor e admiração que compartilhamos pela vossa liderança será suficiente para nos confortar durante os dias sombrios que o nosso país atravessa.

Gostaria de terminar pedindo a Vossa Excelência para transmitir as minhas saudações e agradecimentos a Mwalinu Julius Nyerere [o Presidente da Tanzânia]. Li a sua entrevista em que se referia a mim... É uma pena que o Presidente Nyerere não acredite em mim e não me conheça. Sempre tentei, com a melhor das minhas capacidades e coragem, servir os interesses de Angola e da África. Não sou um traidor da África e os dias difíceis que nos esperam provarão ao mundo que eu luto pelos meus princípios. Em Angola, a força transformou-se em razão, mas eu continuarei, na mata, a clamar por justiça.

Deus abençoe o seu amado País.

Deus o abençoe.

Jonas Savimbi.

A princípio, Kaunda resistiu à sugestão de Savimbi, no sentido de abandonar a UNITA, em defesa dos próprios interesses da Zâmbia. A Zâmbia manteve-se firme durante muito mais tempo do que a maioria dos

Estados africanos, mas, a 15 de Abril de 1976, o Governo de Lusaca cedeu e anunciou o reconhecimento oficial do MPLA. A 10 de Maio, Kaunda ignorou o pedido de Savimbi no sentido de poupar Rupiah Banda: o ministro dos Negócios Estrangeiros foi demitido e mandado para o estrangeiro em «viagem de estudo»³.

* * *

Em Gago Coutinho, Savimbi mandara mísseis antitanque *IWA*, de fabrico americano, para norte, com destino ao Luso, assim que chegavam das reservas da CIA em Kinshasa (ver o capítulo XVII). A intenção era atrasar o avanço dos Cubanos, danificando os seus carros blindados. Vinte mercenários franceses, contratados de comum acordo pela CIA e pelos serviços secretos franceses, os SDECE, voaram para Gago Coutinho, para instruir as tropas da UNITA no manejo destas armas⁴.

Como os guerrilheiros que tinham ficado para trás vagueavam em direcção a Gago Coutinho, Savimbi começou a reorganizá-los e redistribuí-los. O tempo passado em Gago Coutinho foi de intenso trabalho. As armas que chegavam nos voos provenientes do Zaire eram rapidamente encaminhadas para depósitos provisórios, nas matas. Na sua maior parte, eram transportadas, à cabeça, pela população das aldeias. Toda a comida, excepto para as necessidades mais prementes, foi também transportada.

Houve uma recaída psicológica, no início de Março. Embora a Lonho tivesse retirado o seu jacto executivo do serviço da UNITA, seguindo-se à decisão da África do Sul de retirar de Angola, Savimbi tinha ainda um *Fokker Friendship* e um avião *Beechcraft* à sua disposição. Certo dia, o piloto português do *Beechcraft* levantou voo da pista de Gago Coutinho, num voo de rotina, e nunca mais voltou. A UNITA veio a saber, mais tarde, que ele aterrara na Namíbia e pedira asilo político à África do Sul.

Uma questão desconcertante sobre este período se nos coloca ao perguntarmo-nos por que razão os Cubanos não bombardearam Gago Coutinho com os caças *MIG* ou por que não atacaram com o apoio de tropas helitransportadas. Os Cubanos sabiam certamente o que ali se passava, porque mandaram alguns aviões de reconhecimento sobrevoar a área.

A calma terminou, de repente e de forma decisiva.

* * *

O dia 13 de Março de 1976 marcou o décimo aniversário da fundação oficial da UNITA. A população começou a reunir-se no campo de futebol da Escola, em Gago Coutinho, para assistir a uma parada e ouvir um discurso comemorativo, proferido por Savimbi, que, ao pequeno-almoço, dissera aos seus ajudantes mais antigos que a localidade seria eventualmente bombardeada e que, em consequência disso, eles deveriam preparar-se para dar início à evacuação.

Às 10 horas da manhã desse mesmo dia, pouco tempo depois de terem terminado as celebrações do aniversário, os caças *MIG-21* atacaram. No primeiro ataque, três aviões bombardearam e metralharam a última ponte do rio que ainda estava intacta, 35 quilómetros a norte de Gago Coutinho. Alguns dos guerrilheiros que estavam de guarda à ponte sobre o rio Luanguinga foram mortos e outros ficaram feridos.

O segundo ataque dos *MIG* foi contra o campo de aviação de Gago Coutinho. Na pista estava o *Fokker Friendship* dos Transportes Aéreos Zai-rensens, que chegara pouco tempo antes de Kinshasa, com armas a bordo. Ficou destruído. Savimbi ordenou a todos os guerrilheiros que disparassem livremente sobre os atacantes. Três metralhadoras *Browning-50* vieram aumentar o fogo das *Kalashnikov* e dos *rockets*. O objectivo era obrigar os aviões *MIG* a voar mais alto e não propriamente atingi-los, mas um dos aviões foi atingido e despenhou-se na zona fronteira com a Zâmbia.

Um pouco antes do pôr do Sol, os dois aviões *MIG* sobreviventes voltaram a bombardear as casas de Gago Coutinho. Ninguém ficou ferido, mas Savimbi ordenou os preparativos para uma evacuação completa no dia seguinte, 14 de Março.

Os ataques dos aviões *MIG* fizeram os mercenários franceses pensar mais profunda e cautelosamente. O seu comandante, um coronel do Exército Francês, disse a Savimbi que tencionavam partir, pois consideravam a causa da UNITA desesperada. Afirmou que tinham comunicado, via rádio, com a África do Sul, pedindo que lhes enviassem um avião, na manhã seguinte, para uma pista situada no meio da mata, no Ninda, 75 quilómetros para sul, a fim de poderem sair de Angola. Partiram de camião, nessa mesma noite — 13 de Março —, para o local indicado. Savimbi e os que o acompanhavam estavam agora completamente sós, sem qualquer apoio externo, na resistência que planeavam oferecer ao exército de Fidel Castro, armado pelos Soviéticos.

Antes de partir, o coronel francês tentou persuadir o líder da UNITA a acompanhá-lo, dizendo-lhe: «Você não pode ficar aqui. Não tem qualquer possibilidade de sobrevivência. Se ficar, estará morto dentro de dois meses» — é como Savimbi se recorda da conversa final entre eles. «Se vier connosco, esse facto terá inestimável valor para o Ocidente. Podemos fazer com que possa permanecer num qualquer país africano, até que a situação se altere e, então, poderá voltar e começar a lutar de novo.»

«Eu respondi-lhes: 'Não, não vou! A situação não se modificará se eu esperar em qualquer outro local da África, mas poderá mudar se nós ficarmos aqui. Se eu tiver de morrer, será porque é esse o meu destino, mas não vou partir.'»

Após terem partido os mercenários franceses, mal tendo tido tempo para ganhar os 425 000 dólares que a CIA lhes pagara, Savimbi convocou os seus oficiais superiores e falou-lhes acerca do que o futuro mais próximo lhes poderia reservar. Os aviões *MIG* viriam de novo, em maior

número, e os Cubanos utilizariam também helicópteros e bombardeiros *Antonov*.

«Tentou fazer-nos um quadro da situação, mencionando a coragem e o sofrimento que envolvem toda uma guerra de guerrilha», disse Tito Chingunji. «Mas ele disse que não aceitaríamos a capitulação. Vamos começar uma nova forma de viver. Seria difícil, e era impossível prever quantas pessoas queriam ainda continuar a luta dali a seis meses.»

Ao nascer do Sol do dia 14 de Março, uma coluna da UNITA, formada por 4000 guerrilheiros e civis, iniciou a caminhada, abandonando Gago Coutinho. Embora a segurança da fronteira zambiana se situasse apenas a 70 quilómetros para leste, o povo de Savimbi tomou o rumo do oeste, em direcção ao interior de Angola.

* * *

A evacuação continuou durante todo o dia: os peritos em explosivos ficaram para trás, para dinamitar alguns edifícios-chave. Savimbi levou consigo três camiões e cinco carros. Os caças *MIG* desviavam agora a sua atenção, metralhando a coluna. Os condutores dos veículos mantinham as portas dos carros abertas, à medida que avançavam lentamente, e, sempre que ouviam o ruído dos aviões, levavam os carros para a sombra das matas que ladeavam a estrada. Depois de os *MIG* voltarem à base, os condutores voltavam à estrada, com os veículos grosseiramente camuflados com ramos de árvores, para se distanciarem suficientemente antes do próximo ataque.

Algumas pessoas ficaram terrivelmente feridas nos ataques, mas, milagrosamente, ninguém morreu. «Esse dia constituiu uma lição preciosa para todos», afirmou Tito Chingunji. «Compreenderam que os *MIG* eram apenas uma ameaça psicológica. Uma vez os camiões escondidos sob as árvores, não podíamos ser vistos.»

Nessa noite, já tarde, a coluna de Savimbi chegou ao Sessa, um pequeno centro florestal português — apenas uma estância, quatro ou cinco casas portuguesas em estuque e alguma população vivendo nas duas cubatas tradicionais. Aí, Savimbi continuou a mandar dispersar o povo, tal como já havia começado na manhã desse dia, ao enviar 150 soldados e três camiões, de Gago Coutinho para Sul, a fim de organizar um comando regional no Ninda. A partir do Sessa, Savimbi enviou 1750 soldados, a fim de se prepararem para a guerra de guerrilha dali em diante, para Norte, na direcção do Caminho de Ferro de Benguela. Disse-lhes que tentassem paralisar as estradas, armando emboscadas. Acima de tudo, porém, eles tinham de mostrar à população que a UNITA era capaz de desencadear, de novo, a guerra de guerrilha. Alguns guerrilheiros foram mandados para trás, de volta a Gago Coutinho, para mobilizar a população rural das redondezas. Um grupo de cerca de 200, sob o comando do tenente-coronel Smart Chata, foi enviado com rumo ao Sul, para o

Muíé, a 70 quilómetros de distância, a fim de explorar a possibilidade de instalação de uma base na região, em alternativa à que estava sob o comando de N'Zau Puna, nos arredores de Serpa Pinto.

Savimbi decidira que o seu próximo passo seria avançar em direcção ao Norte, para a nascente do rio Lungue Bungu, uma área vasta, de densas matas, onde a sua base central estivera implantada durante a guerra contra os Portugueses. A partir dali, ele esperava poder começar a estabelecer contactos com grupos de guerrilha que tinham ficado isolados a oeste do rio Cuanza — nas imediações do Lobito, Huambo e Bié — no decurso do avanço dos Cubanos.

A 15 de Março, Savimbi ordenou que os veículos fossem regados com gasolina e incendiados, ignorando os apelos de alguns guerrilheiros que sugeriam que fossem escondidos para uso futuro. Savimbi estava perfeitamente consciente de que, durante muito tempo ainda, o seu exército teria de confiar inteiramente nos próprios pés.

* * *

A mudança de posição dos guerrilheiros demorou dez dias. A 24 de Março, Savimbi estava pronto para partir e a sua coluna, que deixou o Sessa, a pé, era constituída por cerca de 1000 homens resistentes. Uns 600 guerrilheiros e o resto civis, incluindo mulheres e crianças, alguns pastores protestantes africanos e três padres católicos negros. Muito embora Savimbi tivesse insistido com o povo para abandonar a maioria dos seus haveres, muitos agarraram-se aos seus melhores fatos domingueiros, aos sapatos de tacão alto, tão apreciados pelos africanos, naquela época, e artigos de toda a ordem, como, por exemplo, almofadas. Os primeiros dias de marcha através de morros arborizados, aparentemente sem fim, foram extenuantes. Bem depressa alguns dos caminhantes queriam abandonar tudo e Savimbi fez-lhes uma prelecção acerca da necessidade de escolherem o essencial e conservá-lo.

Cada guerrilheiro transportava, pelo menos, duas armas e as respectivas munições, bem como o equipamento pessoal e alimentos, que incluíam fuba, feijão e algumas quantidades de carne e peixe enlatados.

Depois de duas semanas de marcha, a coluna foi localizada, quando atravessava uma estrada de terra batida, por uma patrulha de quatro homens do MPLA, que logo se retirou. Savimbi sabia, agora, que teria de forçar a marcha, porque os soldados do MPLA voltariam com reforços. Primeiro, porém, permitiu que a coluna descansasse numa aldeia abandonada, onde todos comeram mandioca que ali estava armazenada. O MPLA, porém, voltou ao fim de meia hora, com uma força de 150 homens, cortando a retaguarda à UNITA, que teve de retirar, só voltando a reunir-se a Savimbi muitas semanas depois. No momento em que o MPLA encontrou os piquetes da UNITA, Savimbi dividiu a coluna e o MPLA foi expulso da picada, após um breve tiroteio, durante o qual ninguém ficou ferido.

A coluna entrava agora na zona da tribo Chokwe, que de há muito apoiava a UNITA. Os aldeões ajudaram a transportar a bagagem, mas pediram também a Savimbi uma explicação sobre os motivos por que tinha perdido a guerra. Disseram que fora por sua culpa que os líderes do MPLA e da FNLA tinham reentrado em Angola, depois de Portugal ter reconhecido o direito à independência, em 1974, e que fora também por sua culpa que o MPLA tomara o poder. «Todavia, eles pertenciam àquela espécie de gente que não se deixa abater facilmente, uma vez afirmada a sua lealdade», contou Tito Chingunji. «Uma vez esta gente do teu lado, ela é realmente forte e de inteira confiança. Não revelarão qualquer segredo nem te trairão.»

* * *

Decorrido um mês, a coluna chegou a Sandona, uma antiga base da UNITA no vale do Lungue Bungu. Aí foram feitos preparativos para uma conferência de quatro dias, com o objectivo de avaliar a situação da UNITA e fazer planos para o futuro. N'Zau Puna foi reunir-se a Savimbi, juntamente com os soldados que o secretário-geral levava para a região de Serpa Pinto. Savimbi enviara-lhe uma ordem, no sentido de este tentar reunir-se a Smart Chata, perto do Muié, na zona da base alternativa. Puna, porém, não tinha conseguido atravessar o rio Cuíto, entre Serpa Pinto e o Muié, tendo, em vez disso, tomado o rumo do Norte para se reunir a Savimbi.

A Conferência, no seu último dia, 10 de Maio, emitiu o «Manifesto do Rio Cuanza», no qual a UNITA se comprometia a não desistir nunca de combater o MPLA, Cuba e a União Soviética. Quando o Manifesto chegou ao conhecimento do mundo exterior, via Lusaca, foi completamente ignorado pelas agências internacionais de notícias, que tinham presumido, não sem alguma razão, que a guerra civil chegara ao fim.

À luz dos acontecimentos que se seguiram, vale a pena reexaminar algumas partes do Manifesto: «Não haverá paz em Angola. Nem desenvolvimento económico», ameaçou ele. «Nem tráfego rodoviário. Nem portos a funcionar, enquanto o regime de Luanda for sustentado no poder graças aos soldados cubanos, aos blindados e aviões de combate russos.»

«Sabemos que vamos triunfar. Aqueles que duvidam das nossas possibilidades são aqueles que não acreditam nunca na capacidade criadora do homem quando inspirado por ideais mais nobres e fins colectivos justos... Aqueles que têm o povo consigo nunca são insignificantes, mesmo quando confrontados com os invasores do gigante imperialista russo. Com o povo — ganha-se sempre. Contra o povo, perde-se sempre.»

Para além da retórica sobre a guerrilha, o «Manifesto do Rio Cuanza» continha uma análise detalhada das razões por que o MPLA não poderia estabelecer o controlo sobre Angola, mesmo com o apoio cubano e soviético.

Primeiro, Angola era um território vasto, que os Portugueses nunca tinham conseguido controlar completamente, durante os 500 anos de domínio colonial. Dois terços de uma população de seis milhões eram leais à UNITA (um enorme exagero).

Uma ampla rede de estradas e caminhos-de-ferro em áreas remotas tornaria fácil a sabotagem e as emboscadas, afirmava o Manifesto. Com a economia já enfraquecida pela guerra civil, com a resistência em vias de continuar e sem reconciliação, as condições do país continuariam a deteriorar-se. O inexperiente serviço da Administração Pública que substituíra os Portugueses não seria capaz de enfrentar estas condições extremamente difíceis. Os Cubanos, se lá permanecessem, seriam, em devido tempo, olhados pelos Angolanos da mesma forma que os antigos governantes portugueses: sobre eles recairiam as culpas do aumento de desemprego e da falta crescente dos produtos essenciais.

A UNITA, por seu lado, seria capaz de se organizar, com o apoio que tinha conseguido, ao longo dos anos, nas áreas rurais, onde sempre tivera as suas bases e onde vive 90 por cento da população de Angola.

Para a UNITA, a Conferência de Sandona constituiu um verdadeiro ponto de viragem. Vieram civis oriundos das regiões situadas ao longo do Caminho de Ferro de Benguela: cerca de 2000 guerrilheiros, que tinham ficado para trás, nas zonas do Huambo e do Bié, também se puseram a caminho da Conferência. Para esta gente, o encontro com o seu líder era muito importante. Os panfletos e as emissões radiofónicas do MPLA diziam que Savimbi estava morto ou que tinha fugido para o estrangeiro com a família. Diziam que Puna fora apanhado e executado. No Lobito, outrora um centro de apoio à UNITA, realizara-se um cortejo fúnebre com três caixões, identificados como sendo os de Savimbi, Chiwale e Puna.

Muitos dos soldados que se dirigiam a Sandona estavam profundamente desmoralizados. Até então não tinham tido uma ideia concreta do que se estava a passar, mas, quando tomaram consciência de que Savimbi estava vivo, ganharam novo ânimo e determinação para lutar.

Tito Chingunji recorda-se de um aldeão, já velho, dizer na Conferência: «Apenas tenho o meu arco e o meu machado, mas eles serão suficientes para combater os Cubanos. Essa gente não é de cá. Quem plantou estas árvores sob as quais estamos a falar? Não foram os Cubanos.»

No entanto, apesar de a mata proporcionar uma boa cobertura, os Cubanos estavam prestes a localizar Savimbi e a forçá-lo a fugir para salvar a vida.

* * *

De Sandona, Savimbi ordenou a cerca de 2000 guerrilheiros que se dispersassem para oeste e nordeste, nas zonas rurais, à volta do Lobito, de Cela e da Bela Vista, a fim de dar início às operações de guerrilha. Ele próprio tencionava tomar o rumo do Sul, dirigindo-se ao Muié, com

um grupo de 900 homens, para poder operar a partir do acampamento-base que estava a ser preparado por Smart Chata. Antes de partir, porém, Savimbi queria percorrer as aldeias na região do Lungue Bungu, de modo a poder explicar à população o que estava a acontecer e exortá-la a continuar a luta.

Imediatamente após a Conferência, Savimbi e o seu grupo pessoal, formado por cerca de 1000 pessoas, avançou alguns quilómetros para norte, a fim de visitar uma aldeia chamada Samasseka. Aqui recebeu informações, através da rádio, de que os Cubanos estavam a movimentar-se com o objectivo de cercar a região do Lungue Bungu. As colunas avançavam para oeste, a partir de Gago Coutinho, e para sul, a partir do Munhango, numa operação militar de grande envergadura. À medida que estas colunas militares progrediam, iam deixando ficar patrulhas de reconhecimento em vários postos, ao longo dos 500 quilómetros de estrada de terra vermelha *, entre o Munhango e Gago Coutinho, que ladeava o sul e o oeste da área do Lungue Bungu. Para norte, as tropas cubanas e do MPLA tomaram posições ao longo da via férrea. Esta rápida distribuição de tropas foi executada em três dias.

No dia 21 de Maio, de manhã, Savimbi e os seus companheiros ouviram o barulho distante de tiroteio, a nordeste de Samasseka, onde os guerrilheiros da UNITA tinham encontrado uma patrulha do MPLA. Às 8 horas, dois *MIG-21* e três aviões pesados *Antonov-26* começaram a bombardear a mata, na zona onde se encontrava o posto de rádio de Savimbi, a cerca de meia hora de marcha, a norte de Samasseka. Um dos *Antonov* disparou as metralhadoras em leque, a partir de um alçapão no bojo do avião. Uma outra posição de rádio da UNITA, quase 100 quilómetros para sul, informou ter sido também alvejada, às 6 horas da manhã.

Não morreu ninguém durante os bombardeamentos. Savimbi, porém, chegou à conclusão, depois destes ataques às áreas específicas dos seus postos de rádio, que os Cubanos tinham controlado as mensagens transmitidas e tomado como alvo, para bombardeio de precisão, as suas posições de transmissões.

Savimbi ordenou ao seu próprio grupo que iniciasse uma marcha rápida, assim que o bombardeamento a Samasseka terminasse. O caminho mais natural a seguir seria avançar rumo ao Sul, longe da linha férrea, mas informações fornecidas pelos camponeses e pelos próprios batedores de Savimbi revelavam que as patrulhas, a pé, dos Cubanos e do MPLA eram numerosas e seguiam nessa direcção. Mais colunas de tropas mercenárias cubanas e catanguesas estavam a espalhar-se a partir do Munhango, para montar emboscadas à população que se deslocava em direcção a Oeste e ao Sul, depois da Conferência. Por isso mesmo, Savimbi tomou o rumo do Leste.

* Laterite — rocha porosa vermelha, composta de silicato de alumínio e óxido de ferro. (*N. do T.*)

À medida que a coluna de Savimbi avançava, nos dias que se seguiram, chegaram mensagens dizendo que grande parte da população da UNITA, incluindo dois comandantes superiores, tinham morrido nas emboscadas feitas pelos cubanos, catangueses e tropas do MPLA.

* * *

Nos dias subsequentes, a coluna de Savimbi não parou, de noite e de dia, a não ser para breves momentos de descanso. Os que o seguiam estavam a receber a mais espantosa lição sobre a arte de sobrevivência da guerrilha. Savimbi instruí-a-os, em cada período de descanso, e movimentava-se constantemente ao longo de toda a coluna, explicando-lhes o que deviam fazer.

Primeiro, teriam de marchar rapidamente, muito mais depressa, aliás, do que o inimigo pudesse imaginar que fosse possível.

Segundo, não deveriam deixar sequer um único rasto que pudesse ser facilmente descoberto, pelos pisteiros do MPLA. Tinham de empenhar todos os esforços no sentido de confundir os seus próprios perseguidores. Na maior parte das vezes, depois dos seus períodos de descanso, durante mais de dez ou quinze minutos, a coluna voltava para trás sobre os seus próprios passos. Quando voltava a tomar a direcção certa, toda a gente se espalhava por uma frente ampla, numa extensão de um ou dois quilómetros, antes de se reunir, outra vez, numa única coluna. Em Samasseka, juntou-se à coluna uma manada de cerca de 60 cabeças de gado, para fornecer carne fresca durante a marcha. Savimbi instruiu o condutor do gado no sentido de o utilizar para cobrir o rasto dos guerrilheiros. Avançando em círculos através das matas, a coluna da UNITA voltava a pisar os seus próprios rastos e também os dos seus perseguidores.

Terceiro, tinham de caminhar o mais silenciosamente possível. «Havia crianças na coluna», disse-me Tito Chingunji. «Quando saímos de Samasseka, elas choravam frequentemente, mas a tensão era tão grande que, passado pouco tempo, deixaram de chorar. Depois disso, o facto mais singular é que não voltaram a chorar durante a marcha.»

Quarto, tinham de se camuflar e desfazer-se, cada vez mais, dos seus haveres. Toda a gente levava uma protecção de galhos finos e folhas sobre a cabeça e pelos ombros. As mulheres que envergavam vestidos claros tiveram de os despir.

Quinto, era essencial observar uma disciplina rígida. Savimbi insistiu em que quando se desfizessem das suas coisas elas não podiam ser enterradas ao acaso. Todos fizeram os seus embrulhos e obtiveram ajuda daqueles que sabiam ler, para colocar, dentro deles, tiras de papel, com os nomes e listas do respectivo conteúdo. Em seguida, era aberto um buraco e construída uma plataforma baixa, no fundo. Eram espalhadas cinzas, nas bases dos quatro postes que sustentavam a plataforma, para afastar o salalé. O buraco era depois coberto com uma estrutura espessa, feita de troncos

e ramos entrelaçados que, por sua vez, era tapada com terra e areia. Os oficiais de logística anotavam, no diário, a sua localização.

Durante a marcha, soldados seleccionados eram directamente responsáveis por outros quatro indivíduos. Era dada a cada soldado, pelos oficiais superiores, uma folha de papel com os nomes dos que ficavam a seu cargo e, em cada paragem, ele tinha de se assegurar de que não faltava nenhum. Se alguém desaparecia, eram enviados grupos de busca para o encontrar: era essencial que ninguém fosse capturado, pois poria em risco o resto da coluna, dando informações. Como medida de segurança, para a eventualidade de alguém ser capturado, apenas quatro comandantes superiores sabiam qual o rumo que a coluna levava — Savimbi, N'Zau Puna, Chiwale e Ernesto Mulato —, o administrador civil da UNITA durante e guerra de 1975-1976.

À medida que os dias passavam, algumas pessoas começaram a ficar para trás, completamente exaustas. Deixavam pura e simplesmente de andar, porque estavam tremendamente cansadas. Outras caíam em sono profundo durante as paragens que faziam para descansar. Nas noites em que não havia luar, tinham de se manter todos muito juntos, para se não perderem. Estava tão escuro que dificilmente conseguiam ver as próprias mãos à frente dos seus rostos.

Em meados do mês de Maio, as noites, no Planalto Central de Angola, começaram a tornar-se muito frias. Tinham, por isso, de fazer fogueiras para se aquecerem, em cada paragem nocturna. Os oficiais tinham de assegurar-se de que todos os sinais de cinzas eram eliminados e que os restos de comida e papéis eram enterrados. Uma perícia que lhes pertencia era a da confecção de cobertores e cordas, feitos a partir da casca de uma árvore da floresta, a *chimwangi* *. Quando a casca era removida do tronco, a parte branca da medula que ficava exposta era besuntada com areia e cinza, para a ocultar à vista de quem olhasse de longe. Quando era usada a casca da *chimwangi* para fazerem as cordas e cobertores, eram retiradas tiras finas (*londoves*) da parte superior da árvore ou, se se utilizasse uma árvore pequena, cortava-se o tronco todo e o cepo que ficava era enterrado.

* * *

Ao fim de dois dias de marcha para leste, a partir de Samasseka, os aldeões disseram a Savimbi que helicópteros cubanos estavam a colocar tropas naquela direcção. Savimbi tomou o rumo sul, com a intenção de atravessar a estrada Gago Coutinho-Munhango, a 60 quilómetros de distância. Seria bastante arriscado, mas se ele a atravessasse teria conseguido quebrar o cordão que os Cubanos tinham colocado à volta da região

* *Chimwangi* — substância extraída de vários tipos de árvores, que depois de tratada serve para fabricar cobertores. (*N. do T.*)

do Lungue Bungu. Alguns dias mais tarde, a coluna chegou a um pequeno acampamento de guerrilheiros da UNITA, posição que os soldados disseram ter sido bombardeada precisamente dois dias antes. Savimbi concluiu que os Cubanos ignorariam a zona por alguns dias, após o ataque, e esse facto incutiu-lhe confiança para continuar a avançar para sul.

A medida que a coluna se aproximava da estrada, Savimbi decidiu atravessá-la a coberto da escuridão. Duas centenas de guerrilheiros de *élite* pertenciam à guarda pessoal de Savimbi. Eram soldados que tinham provado ser excepcionalmente corajosos e leais em combate. Cinquenta deles formavam a retaguarda, avançando espalhados durante vários quilómetros, por detrás da coluna principal. Cerca de 100 estavam com Savimbi, caminhando à frente, por detrás e aos lados. Uma vanguarda de 50 homens reconhecia o terreno por onde avançavam e forneceu a informação, para trás, de que uma grande coluna blindada e motorizada avançava ao longo da estrada. Iam armando emboscadas, mas estavam a concentrar-se numa área a leste de uma ponte de pequeno porte que atravessava as águas correntes do rio Cuando.

Savimbi sabia que, uma vez atravessada a estrada, seria muito perigoso perder tempo a apagar os rastros e, já que os pisteiros do MPLA depressa se aperceberiam de que uma importante coluna ali passara, ordenou uma caminhada, sem paragens, de modo a que o seu povo estivesse longe do cruzamento tão depressa quanto fosse possível. A única consolação era que o MPLA não tinha a certeza de que Savimbi se encontrava naquela coluna e não poderia deslocar todas as suas forças do cerco ao Lungue Bungu.

Depois de três dias e três noites de marcha contínua, Savimbi ordenou uma paragem num ponto a 60 quilómetros a sul da estrada, precisamente a norte da povoação de Chissimba. A coluna passou a noite nesse local, permitindo aos seus exaustos seguidores que dormissem um pouco. Então, Savimbi enviou as mulheres e crianças para uma aldeia «segura», vários quilómetros para sudeste de Chissimba, onde deveriam ser deixadas enquanto ele continuaria a sua marcha mais para o interior de Angola. Uma escolta de guerrilheiros, sob o comando do capitão Chivinga, que acompanhava as mulheres e crianças, recebeu ordens para recolher provisões junto dos aldeões, de modo a reabastecer as reservas da coluna. O milho começava a escassear e a manada de gado parecia ter-se perdido, pois não tinham contactos com o condutor desde há alguns dias.

Chivinga escoltou, em segurança, as mulheres e crianças, incluindo os próprios três filhos sobreviventes de Jonas e Vinona Savimbi, através da área de Chissimba, até à aldeia onde deveriam ficar. (Afinal, os dois filhos mais novos de Savimbi não tinham partido com a mãe de Savimbi para a Zâmbia.) Chivinga conseguiu um pouco de mandioca e iniciou o regresso até à posição onde Savimbi se encontrava.

Entretanto, registou-se uma diferença de opinião entre Savimbi e Vinona, que optara por acompanhar a coluna em vez de ficar com os filhos na aldeia. Algum tempo depois de as crianças partirem, ela anunciou subitamente que ia embalar as suas coisas e juntar-se a elas. Nasceu perto de Chissimba, numa aldeia de uma subtribo das Nkankala, e disse que até 1970, quando a UNITA se tornou a força dominante naquela área, muita gente da população local havia apoiado o MPLA, alguns homens mais jovens tinham-se juntado aos guerrilheiros do MPLA: «Sinto que vamos ser atacados», disse ela a Savimbi. «Se o MPLA e os Cubanos estão nesta área, os camponeses não nos vão avisar.»

A voz de Vinona não era uma voz que pudesse ignorar-se facilmente. Era uma mulher decidida, de poucas palavras, capaz de mobilizar e disciplinar outras mulheres com o seu exemplo. «Savimbi, porém, não lhe concedia privilégios especiais nem se dirigia de maneira diferente à mulher», disse Tito Chingunji. «Ela era apenas uma pessoa mais na coluna.»

Savimbi chamou N'Zau Puna e Chiwale e falou-lhes sobre o aviso que Vinona lhe fizera. Savimbi não ignorou completamente aqueles sentimentos: «É verdade, quando se está há muito tempo numa guerra de guerrilha desenvolve-se um discernimento instintivo, um sentimento de que vai ou não haver um ataque.» A verdade, porém, é que nem Chiwale nem N'Zau Puna ou mesmo o próprio Savimbi acreditaram que o MPLA pudesse estar já tão a sul.

Não obstante, Vinona insistiu em que tencionava partir e juntar-se aos filhos, enquanto os pais chegavam da sua aldeia natal para saudarem a filha e o genro. Vinona pediu a Savimbi para vir falar-lhes, antes de regressarem a casa. Savimbi mal tivera tempo de dizer adeus aos sogros, quando Chivinga voltou para trás a correr, com notícias de que tinham sofrido uma emboscada, por parte das tropas do MPLA, justamente a norte de Chissimba. Fora capturado um guerrilheiro da UNITA e era virtualmente certo admitir que Savimbi estava perto. «Difícilmente acreditei que fosse possível a presença do MPLA», afirmou Savimbi. «Todavia, a minha mulher tinha tido razão na sua insistência e, por isso, dei imediatamente ordens para partir.»

A coluna de Savimbi não podia dirigir-se para sul, na direcção do local da emboscada. Não ousavam voltar para norte e qualquer retirada em direcção a leste estava bloqueada pelo rio Quembo. Consequentemente, teriam de tomar o rumo oeste, atravessando uma vasta área de cultivo, com dois quilómetros de extensão, que fora desbastada de árvores.

Savimbi reforçou a força de Chivinga, elevando-a para cerca de 50 homens, e enviou-o, de novo, rumo ao Sul, para Chissimba, de modo a aguentar o MPLA, enquanto fosse possível. Cerca de meia hora depois de Chivinga ter partido, começou a cair o fogo de morteiros e *rockets*

no local onde Savimbi se encontrava, pelo que ele ordenou ao seu grupo que partisse também. Apenas tinham atravessado a área cultivada e atingido a mata quando, à distância, apareceram dois helicópteros. «Assumi pessoalmente o comando, porque compreendi que estávamos perante uma situação muito grave», disse ele. «Mandeí que todos se deitassem no chão. Disse que ninguém mais daria ordens, fosse em que circunstâncias fosse, nem mesmo N'Zau Puna ou Chiwale. Não queria confusões.»

Havia um posto avançado de guerrilheiros da UNITA, cerca de 20 quilómetros para norte do local onde estava escondido e aonde Savimbi queria chegar. Eram necessários bons suprimentos de comida para a fuga que ele estava agora a planear e os mensageiros tinham trazido notícias de que o posto avançado tinha reunido grandes *stocks* de carne seca de antílope.

Savimbi conduziu o seu grupo mais para o interior da mata e mandou oficiais com instruções para o comandante do posto avançado, major Samalambo. Quando descansava durante o dia, o povo de Savimbi avistou os helicópteros movimentando-se de Chissimba em direcção a Samalambo. Já perto do anoitecer, chegaram notícias alarmantes. Um mensageiro, de entre os oficiais que tinham sido enviados para contactar Samalambo, disse que um helicóptero os tinha sobrevoado, quando se deslocavam em terreno aberto: estavam certos de terem sido localizados.

Não havia tempo a perder. A estratégia de Savimbi, delineada para confundir o MPLA e os Cubanos, tinha de estar concluída ainda antes de a noite acabar. A coberto da escuridão, ele dividiu em três grupos inteiramente novos, os seus próprios seguidores, os de Samalambo e os do capitão Chimbijika, que os oficiais de Savimbi descobriram ter montado uma base da UNITA poucos quilómetros a nordeste do posto avançado de Samalambo. Com Savimbi iriam 350 pessoas, 400 com Samalambo e 100 com Chimbijika. Cada um dos grupos partiria durante a noite, em direcções diferentes. Esperavam iludir os pisteiros do MPLA, convencendo-os de que a maior coluna — a de Samalambo — era a que protegia Savimbi.

Os três grupos tomariam o rumo das matas mais densas, afastados tanto quanto possível das margens dos rios, estradas e povoações. Os oficiais de Savimbi repararam que os Cubanos patrulhavam regular e inflexivelmente ao longo do curso dos rios e das estradas, na sua busca pela UNITA. Aventuravam-se muito pouco nas zonas que se estendiam pelas matas, nas áreas rurais, com as quais, inevitavelmente, não estavam familiarizados.

Às primeiras horas da noite, homens e equipamento movimentavam-se para cá e para lá, entre os três grupos, através dos arbustos da mata. Savimbi transferiu o seu rádio e o operador para Samalambo, que poderia vir a precisar mais deles: ele devia dirigir-se a uma área sob muito maior controlo por parte do inimigo e estabelecer uma base da UNITA perto do Caminho de Ferro de Benguela.

Savimbi disse aos seus guerrilheiros que dormissem; porém, passou a noite a dar instruções aos oficiais superiores das três colunas. «Ele disse que, como homens do exército, poderiam querer desesperadamente combater o inimigo. Em vez disso, porém, deveriam motivar os seus soldados para marcharem com firmeza e depressa, afastando-se de problemas», recorda Tito Chingunji. Para conseguirem o que se propunham, teriam de conciliar a necessidade de uma rigorosa obediência por parte dos seus homens, com a capacidade de lhes demonstrar compreensão numa situação desesperada. Disse-lhes que existiam razões de sobra para ter esperança. O inimigo mostrara que a sua estratégia era fraca. Estavam a actuar como estranhos: não conheciam o terreno nem tinham o apoio da população, pois, de outra forma, nessa altura já Savimbi teria sido capturado. Estaria bem claro, agora, para os oficiais, que a população estava com a UNITA.

Chingunji continuou: «E Savimbi disse-nos: 'Se o povo não desiste, por que razão desistiria eu?' Nessa noite, deu-nos grandes lições.»

Enquanto Savimbi instruía os seus oficiais, o condutor do gado reapareceu, como por milagre, com a manada. Savimbi mandou-o imediatamente em direcção a sudoeste, caminho que ele pensava seguir com a sua própria coluna.

Quando tudo ficou pronto, Savimbi ordenou às colunas de Samalambo e Chimbijika que partissem: a primeira para nordeste e a segunda para noroeste. Cerca das 4 horas e 30 minutos da manhã, ambas as colunas e toda a gente da coluna de Savimbi, excepto o próprio Savimbi e os 50 homens que constituíam a sua retaguarda, tinham partido; a seguir, ele ordenou à retaguarda que partisse também. A coluna de Savimbi não parou de andar até às 3 horas e 30 minutos da tarde, mas pouco tempo depois do romper do dia os caminhantes ouviram explosões e tiroteio na direcção do local onde haviam descansado na mata. Os batedores disseram que os Cubanos tinham sobrevoado o local, fazendo disparos de metralhadora dos helicópteros. Decisivamente, informaram mais tarde, os Cubanos dirigiram as suas buscas em direcção às colunas de engodo.

* * *

O resultado do encontro com o MPLA e os Cubanos tinha sido desmembrar a coluna original de Savimbi em cinco grupos. As mulheres e crianças e a sua escolta de guerrilheiros permaneceram sem ser detectados ou molestados, durante várias semanas, na aldeia «segura», que nunca foi visitada por tropas inimigas. O grupo de Chivinga, formado por 50 pessoas, manteve imobilizadas as tropas do MPLA, precisamente a norte de Chissimba, durante várias horas, até Chivinga ter sido ferido numa coxa: em consequência disso, dispersaram com o comandante, mas não conseguiram reunir-se às colunas principais ou às mulheres e crianças. Só muitos meses mais tarde é que Savimbi recebeu mensagens de que as mulheres e as crianças e Chivinga e os seus homens estavam a salvo. Quanto

ao major Samalambo e ao capitão Chimbijika, estes conduziram as suas colunas, de forma segura, para longe do perigo. Em 1986, estes dois homens ainda combatiam.

* * *

Durante uma semana, a coluna de Savimbi não enfrentou problemas, excepto na travessia atribulada do rio Cuanavale: aí, eles tiveram de derrubar várias árvores para construir uma jangada que os ajudasse a atravessar o canal central de águas profundas. Isto deixou-os expostos, em campo aberto, durante algumas horas, mas o inimigo não apareceu. A tensão abrandou gradualmente. Quando a coluna se aproximou das margens do Gunde, um afluente do grande rio Cuíto, todos se sentiram mais aliviados: o MPLA e os Cubanos pareciam ter-lhes perdido o rasto e não tinham avistado aviões desde o dia da partida.

As margens do rio Gunde, tal como a maioria das margens dos rios angolanos, eram ladeadas por *anhara*s (capim de elefante) com 4 metros de altura e, nalguns locais, com 500 metros de extensão. Savimbi mandou parar a coluna na mata e enviou dez guerrilheiros, através das faixas da *anhara* e através do rio, para se assegurar que a margem ocidental era segura. N'Zau Puna levou também consigo cinco homens, através da *anhara*, para a margem oriental, a fim de encontrar o ponto de passagem mais fácil para a coluna.

Ouviu-se, então, um helicóptero que se aproximava, vindo do sul. Savimbi ordenou a todos, na coluna principal, que se espalhassem sob as árvores. O grupo de N'Zau Puna começou a recuar da margem do rio para um pequeno grupo de árvores da mata, formando como que uma pequena ilha na *anhara* circundante, a cerca de 200 metros do Gunde. Puna e dois dos seus homens conseguiram chegar às árvores antes de o helicóptero pairar por cima das suas cabeças, mas os outros três estavam ainda em campo aberto. Foram localizados e o helicóptero começou a metralhar a baixa altitude. Os três responderam com armas de fogo ligeiras e o helicóptero caiu e explodiu, a cerca de 3 quilómetros mais adiante.

Da sua posição na mata, Savimbi observou o percurso da queda do aparelho. Voou para além dos três guerrilheiros que estavam parados, pareceu mergulhar em direcção ao solo, ergueu-se de novo para, em seguida, se precipitar no chão. Savimbi calculou que o piloto tinha mantido o controlo do helicóptero até ao último instante: por consequência, teria tido tempo suficiente para transmitir para a base, via rádio, a sua posição e outros breves detalhes sobre o que tinha acontecido. Dentro de pouco tempo outros helicópteros estariam no local.

«Todos estavam confusos», recordou Savimbi anos mais tarde. «Cada um dava ordens separadas. 'Voltem para trás', dizia Chiwale. 'Vão para norte, ao longo da margem do rio', dizia N'Zau Puna. Eu disse que devíamos seguir em frente, nunca recuar, e ordenei a imediata travessia do

rio. Tínhamos esperado encontrar uma pequena ponte de madeira, para pedestres, da espécie daquelas que são construídas pelos caçadores locais. Todavia, agora não havia tempo a perder. Disse às pessoas que atravessassem em qualquer local. Mergulharam nas águas, até ao pescoço, e a minha mulher perdeu os sapatos no rio.»

Savimbi mandou uma patrulha para inspeccionar o helicóptero destruído: esta informou que os três cubanos que iam a bordo estavam mortos.

Tendo atravessado o Gunde, a coluna de Savimbi, com 350 pessoas, atingiu a mata mais densa a quilómetro e meio para além da *anhara*. Ordenou a todos que parassem um pouco, dentro dos limites da mata. «Podia ter ordenado a todos que continuassem; todavia, queria verificar se o piloto tinha conseguido enviar qualquer mensagem pela rádio», recorda ele. «Se os Cubanos não viessem, era certo que eles não sabiam onde tinha caído o helicóptero; nesse caso, estaríamos a salvo. Se eles viessem dentro de um curto espaço de tempo, então é porque sabiam onde fora abatido o helicóptero e nós saberíamos que eles estavam no nosso encalço, com todos os meios de que dispunham, já amanhã.»

Ao fim de meia hora, os helicópteros chegaram e descobriram, imediatamente, o local do desastre. Como estava a anoitecer, não se demoraram. Sabendo que os helicópteros regressariam às primeiras luzes do dia, Savimbi ordenou uma rápida marcha nocturna em direcção a oeste.

A densidade das matas dessa área dava vantagem aos guerrilheiros, mas estava tudo muito escuro porque não havia luar. Por isso, Savimbi teve de ordenar uma paragem, em virtude de ter escurecido demasiado. Ordenou a Ernesto Mulato que fosse à frente e dissesse à vanguarda das tropas para parar também e assumir posições defensivas para a eventualidade de emboscadas. A manada, cujo número baixara para 12 cabeças, de um total inicial de cerca de 60, não avançou com os guerrilheiros para não se deixar um grande rasto. O condutor recebeu instruções para espalhar o gado numa frente ampla e reunir-se, mais tarde, a Savimbi.

Após o descanso, Savimbi avançou com o grosso da coluna para se juntar à vanguarda. Mulato não estava lá e ninguém parecia tê-lo visto. Savimbi ficou seriamente preocupado. Os Cubanos podiam chegar a qualquer momento e Mulato ficaria em perigo de ser capturado. Isto era particularmente perigoso porque Savimbi tinha tomado a decisão, apenas compartilhada com N'Zau Puna, Chiwale e Mulato, de abandonar a ideia de adoptar o Muié como zona para um futuro acampamento-base e, em vez disso, estabelecê-la na área do Cuelel, a oeste de Serpa Pinto. Se Mulato fosse capturado seria torturado e pressupunha-se que, eventualmente, revelaria o segredo.

Savimbi decidiu avançar mais para oeste: não haveria alteração dos planos durante quatro dias, altura em que saberia, ao certo, se Mulato se perdera ou não. Os batedores informariam se estavam a ser largados

cubanos na retaguarda. Se assim fosse, então Savimbi teria de concluir que Mulato fora capturado, precisando de traçar planos inteiramente novos.

Mais um dia de marcha trouxe a coluna principal para a mata, podendo avistar a *anhara*, bordejando as margens do Cuíto. Savimbi enviara um grupo avançado de três homens, em marcha muito rápida, para tentarem encontrar uma canoa que servisse para a travessia do rio, com 400 metros de largura. (Os indígenas, em Angola, tinham o hábito de deixar as canoas a intervalos regulares, nas margens de juncos, ao longo dos rios, perto dos locais propícios à travessia.) Existiam problemas, informaram eles. Apenas tinham conseguido encontrar uma canoa que podia levar três pessoas: isto significava que apenas duas pessoas podiam ser transportadas de cada vez. Nas proximidades, a leste da margem do rio, existia uma área pantanosa profunda, com cerca de 300 metros de extensão. Significaria também que o gado não podia atravessar o rio: o gado nada nos rios, a partir das margens firmes, mas nos pântanos entra em pânico e fica preso. Savimbi ordenou que as doze cabeças fossem abatidas e cortadas em pedaços, de modo a que pudessem ser transportadas. Estava-se agora no princípio de Agosto e o gado fora a única fonte de alimento durante o último mês. Não havia grão, porque após o incidente em Chissimba Savimbi concluiu que a sua segurança estava mais garantida na região se evitasse os povoados.

As pessoas foram transportadas para a outra margem do rio Cuíto durante toda a noite. Porém, quando Savimbi ordenou uma paragem, cerca das 4 horas da madrugada, muita gente do grupo estava ainda na margem leste. Savimbi transmitiu ordens para que eles se escondessem na mata e a travessia reiniciar-se-ia na noite seguinte. Ele temia que os Cubanos e o MPLA estivessem na área no dia seguinte. Foram lançadas granadas para dentro do rio para afastar os hipopótamos e, provavelmente, elas teriam sido ouvidas pelas patrulhas inimigas.

Na margem ocidental, Savimbi conduziu o seu próprio grupo desmembrado, através da *anhara*, deixando atrás de si rastos bem visíveis no capim, coberto de pó e geada. Os soldados não tinham fardas para mudar as calças ensopadas em água gelada, fruto das noites frias. Os únicos cobertores que cada um levava também estavam molhados, além de serem finos e estarem rasgados.

Muitos estavam enregelados depois de terem passado o pântano com dificuldades e atravessado o rio, de tal forma que mal podiam falar. «Estavam exaustos, mal alimentados e tinham as faces encovadas», segundo Tito Chingunji. «Savimbi continuava a marchar entre a frente e a retaguarda da coluna, exortando o povo a seguir em frente, com coragem, em direcção à mata, onde tinham de chegar antes do nascer do Sol. Deu ordens à sua ordenança para dar as suas roupas de reserva aos soldados, mas os oficiais superiores esconderam dele um conjunto completo para seu próprio uso.»

Savimbi calculara que a marcha através da *anhara* demoraria cerca de meia hora. Na verdade, demorou três horas, dadas as condições de fraqueza da coluna. Cerca das 6 horas e 30 minutos da manhã, quando o Sol começou a levantar-se, estavam ainda no meio do capim e, por isso, tiveram de começar a correr. Mais tarde, nessa manhã, dois helicópteros de fabrico soviético *MI-8* chegaram ao local onde fora feita a travessia do rio. Pairaram a pouca distância do solo, e de cada um deles saltaram quinze a vinte militares cubanos. Felizmente para a gente de Savimbi, o Sol que brilhava num céu sem nuvens secara o gelo que anteriormente tornava bastante visíveis os rastos da UNITA através do capim.

«Não podíamos mover-nos. Não tínhamos escolha. As minhas tropas estavam exaustas, após a travessia, e alguns estavam já a morrer», recorda Savimbi. «A minha gente estava separada, uns na margem ocidental e outros na margem oriental, e Mulato estava perdido. Disse-lhes que devíamos adoptar posições defensivas e, se os encontrássemos no nosso caminho, lutaríamos. Quando o combate começasse poderíamos ter já reunido forças; então, a maior parte da coluna poderia fugir para a mata, enquanto os outros procurariam aguentar o inimigo.»

De novo Savimbi estava com sorte, porque os Cubanos continuavam a utilizar as tácticas que lhes eram familiares e não se afastaram do curso do rio. Durante a tarde, chegaram mais dois helicópteros e deixaram mais homens — tendo um deles aterrado a cerca de 500 metros do piquete de segurança de Savimbi, na orla da mata —, de maneira que havia, talvez, 60 a 80 soldados inimigos a patrulhar os canaviais do rio. Antes de cair a noite, os Cubanos começaram a tomar posição para emboscadas.

Savimbi decidiu que a sua gente tinha de se afastar rapidamente da zona perigosa, mas primeiro enviou uma patrulha de batedores, constituída por três homens, através da escuridão, para o local da travessia da noite anterior. Nenhuma das três emboscadas armadas pelo inimigo se situava ali, mas, apesar disso, Savimbi estava preocupado com o facto de o resto da coluna poder cumprir estritamente as ordens dadas na noite anterior, de começarem a atravessar o rio, e de que fossem descobertos. Uma patrulha de dois homens, vinda do outro lado, tinha atravessado o rio e estava à espera, um pouco mais a norte do local da travessia. Foram-lhe transmitidas novas ordens de Savimbi, no sentido de ser abandonada a ideia de atravessar em massa: a coluna oriental devia, em vez disso, tomar o rumo do Norte, ao longo do rio Cuíto, em direcção à região do Bié, reunir-se a quaisquer guerrilheiros da UNITA e espalhar a notícia, entre a população, de que Savimbi estava vivo e a organizar a resistência. Todavia, se Mulato fosse encontrado, ele devia tentar atravessar juntamente com mais vinte homens e reunir-se a Savimbi.

Mulato fora encontrado por um grupo de buscas. Perdera-se ao seguir o rasto de antílopes que ele pensava serem os do grupo de vanguarda. Mulato atravessou o rio e conseguiu juntar-se a Savimbi 24 horas depois.

«Quando Mulato se nos reuniu, levantou-nos a moral», disse Savimbi. «Ele era o nosso companheiro de armas e gostávamos muito dele. O facto de ele estar a salvo permitia-nos manter os nossos planos sem alteração.»

Savimbi precisava de algo que lhe levantasse a moral. Três homens tinham morrido, devido às intempéries e à exaustão, e a alimentação constituía agora um problema grave. A carne de apenas nove das doze cabeças abatidas fora levada para o outro lado do rio. Todos começaram a sentir-se muito fracos. Não podiam permitir-se perder tempo a colocar armadilhas, nem podiam correr o risco de ser ouvidos disparando para caçar.

O grupo era agora formado por 250 homens, na sua maioria soldados, mas também por 15 mulheres e 10 homens civis, em grande parte administradores experimentados. O tamanho reduzido da coluna do próprio Savimbi dava certas vantagens. O grupo poderia, assim, ser mais facilmente controlado, deixava rastros menos distintos e poderia efectuar manobras e movimentar-se mais habilmente para longe da zona de perigo.

Enfrentavam também problemas muito graves. O primeiro objectivo de Savimbi era atravessar a estrada principal norte-sul, que partia do Bié para Serpa Pinto, cerca de 120 quilómetros para oeste. Ele movimentava-se, porém, numa área da tribo dos Nganguela, com quem ninguém da coluna se sentia familiarizado. Sem guias locais ou mesmo uma bússola, os oficiais de Savimbi tinham de confiar inteiramente nos seus mapas, no Sol e na posição das estrelas.

A carne depressa acabou e a velocidade da marcha abrandou, transformando-se numa caminhada muito lenta. Ao fim de uma semana, estavam todos tão fracos que Savimbi teve de fazer uma paragem. Em defesa da moral dos guerrilheiros, o contacto com os camponeses teria de ser restabelecido para se conseguir comida: o contacto era também necessário por razões políticas. Foram, pois, enviadas patrulhas do local em que descansavam, na mata, para tentar estabelecer os contactos com as aldeias. Todavia, esta área era esparsamente povoada e, porque os homens estavam muito fracos, não podendo, por isso, patrulhar a zona a fundo, não conseguiram inicialmente encontrar quaisquer povoados.

Havia muito pouca caça acessível, mas os guerrilheiros da tribo Chokwe, que eram exímios caçadores há gerações, conseguiram matar um javali. A coluna, esfomeada, comeu não só a carne mas também os ossos. Os ossos foram fervidos e esta sopa rala foi bebida: em seguida, os ossos amolecidos foram esmagados e devorados.

A outra única fonte de sustento eram bagos silvestres de cor vermelha *kmussequele* (bosquímanos), que eram apanhados das árvores e cozidos; tiravam-lhes, depois, a pele e o interior venenoso era deitado fora. As peles eram fervidas de novo, com folhas de uma outra árvore. A sopa líquida que dali resultava parecia óleo vegetal e, ao fim de meia hora, deixava os convivas enfraquecidos, muito mais fracos e inchados. Era, porém, uma forma de se alimentarem.

Um dos guerrilheiros sabia como recolher mel silvestre e trouxe consigo uma pequena quantidade. Vinona Savimbi, perita em cogumelos silvestres, conseguiu apanhar alguns. Cinco soldados, porém, morreram envenenados depois de terem apanhado e comido cogumelos sem terem consultado Vinona.

Tito Chingunji, que sentia estar a morrer, contou que Savimbi fez um discurso, encorajador, exortando os soldados a não se deixarem render perante a morte, porque o povo estava à espera que combatessem. «Este foi realmente um momento chocante e assustador, porque alguns dos soldados não tinham sequer a capacidade física necessária para responder ao seu apelo, embora pudesse ver-se que o desejavam. Muitos conseguiram manter-se de pé e dizer que continuariam a combater, mas, alguns instantes mais tarde, caíram por terra.»

Apesar de tudo isto, o grupo de Savimbi foi ficando mais fraco, por falta de alimentação. Estavam deitados no chão e, ao sexto dia, a maioria era incapaz de se arrastar pelos seus próprios meios; porém, nesse mesmo dia, uma patrulha chegou com notícias animadoras. Tinham descoberto uma aldeia, a 15 quilómetros de distância, e os seus habitantes eram de há muito apoiantes da UNITA. A aldeia ficava precisamente acima de uma colina, a partir do ponto mais afastado até onde os soldados tinham patrulhado: não a tinham atravessado porque estavam muito fracos e receavam ser alvo de uma emboscada. O desespero fizera, porém, com que a atravessassem ao sexto dia.

* * *

As notícias sobre a existência da aldeia actuaram como uma injeção vivificante. Os soldados estavam ansiosos por estabelecerem, de novo, contacto com a população comum. Embora tivessem encontrado, em si mesmos, forças desconhecidas, a jornada de 15 quilómetros, que teria demorado apenas duas horas em situação normal, levou doze horas.

Os camponeses vieram ao encontro de Savimbi e ajudaram a levar a coluna para as suas cubatas. Afirmavam ter sido visitados por comandantes de guerrilha da UNITA, que os tinham informado que Savimbi estava a ser perseguido pelos Cubanos e pelo MPLA. O chefe da aldeia desenhou diagramas no pó do chão para mostrar a Savimbi como enviara patrulhas, em diversas direcções, para ajudar a encontrar a coluna do presidente. «Ele estava a portar-se como um general», afirmou Tito Chingunji. «Era típico de muitos sobas gostarem de mostrar a Savimbi que eram tão eficientes quanto os guerrilheiros a tempo inteiro.»

Os camponeses não tinham grande quantidade de alimentos armazenada, mas forneceram milho, mandioca e carne de antílope. Savimbi, valendo-se dos seus conhecimentos de medicina, adquiridos em Portugal, reuniu os oficiais e explicou-lhes os perigos que corriam ao comer alimentos sólidos depois de um tão longo período de fome. Desenhando

o aparelho digestivo no chão, explicou como os intestinos, privados de alimentos, se contraíam simplesmente e paralisavam: ingerir alimentos sólidos enquanto estivessem nesse estado provocaria espasmos nas pessoas, do que poderia resultar a morte. O milho teria, primeiro, de ser moído, para fazer uma papa leve de flocos. Este seria o único alimento a ser comido nos primeiros dois dias; depois disso, podiam então comer um pouco de carne. Mesmo a papa causaria, ao princípio, fortes câibras no estômago. Em seguida, Savimbi ordenou aos seus oficiais que repetissem o conselho à população, pela qual eram responsáveis, utilizando os mesmos diagramas.

A aldeia estava bastante isolada. Nenhuma patrulha cubana ou do MPLA tinha lá chegado ainda, mas, ao fim de cinco dias, quando a maioria das pessoas já se alimentava com comida sólida, um helicóptero cubano sobrevoou a zona. «Foi apenas pouca sorte», recorda Savimbi. «Embora os Cubanos não pudessem saber que lá estávamos, assinalaram a aldeia nos seus mapas e, eventualmente, regressariam. Em face disso, ordenei aos camponeses que se dispersassem e encontrassem um novo local para se instalarem.» A sua intuição dizia-lhe que os Cubanos e o MPLA tentariam cobrir tantas aldeias quanto fosse possível, para o forçar a confinar-se inteiramente às matas.

Mais de metade do grupo de Savimbi, agora reduzido a menos de 250, ainda sofria muito pela exaustão, envenenamento pelos cogumelos e fraqueza. Teriam de permanecer com os camponeses. Quanto aos restantes, Savimbi ordenou uma marcha rápida, em direcção à estrada do Bié para Serpa Pinto e, em seguida, ao longo dela, para a área onde planeava instalar o acampamento.

* * *

Todos deviam caminhar o mais silenciosamente possível. Tito Chin-gunji enterrou os registos que fizera, durante a longa marcha, em três blocos de notas espessos — os nomes de todos os participantes, as capacidades específicas de cada um, as suas doenças e as mortes. Bok Sapa-lalo enterrou também os seus registos: tinha-lhe sido pedido que desse contas a Savimbi, em cada paragem, de todas as armas e munições que cada um dos guerrilheiros transportava consigo.

Os aldeões cederam dois guias a Savimbi, para o conduzirem a um acampamento de guerrilheiros da UNITA, a cerca de 36 horas de marcha, através do curso de água de um afluente do rio Cuanza. O objectivo era recrutar, no acampamento, guias que ainda não estivessem cansados, para efectuarem a passagem da estrada.

A cerca de 30 minutos de marcha do acampamento, viram dois helicópteros cubanos a metralhar o local e a desembarcar tropas. Savimbi mudou imediatamente de direcção, cortando a direito para a estrada: mais tarde chegaram até ele notícias de que mais de 30 pessoas, principalmente mulheres, tinham sido mortas durante o ataque.

Um dia depois, Savimbi ordenou a cerca de vinte soldados, que tinham perdido rapidamente as forças, que voltassem para trás e se juntassem ao povo, que se ia dispersando da coluna, até convalescerem. Ao fim de mais de um dia, avistaram uma aldeia amiga, na estrada principal.

Durante a noite, o soba e os velhos trouxeram comida e reuniram-se a Savimbi na mata. O soba disse-lhe para descansar ali durante o dia e mudar-se, depois, para a aldeia, quando as condições fossem mais favoráveis.

Ali ficaram durante dois dias, sendo informados acerca de potenciais pontos de passagem ao longo da estrada fortemente patrulhada. A travessia teria de ser feita à noite: o local mais seguro poderia ser onde os Cubanos menos esperassem e onde fosse menos provável estarem os seus pisteiros e batedores em acção. Tomou-se a decisão de atravessar directamente através da berma da estrada da aldeia, com cerca de 500 habitantes, protegida por uma paliçada e um posto defendido por 10 cubanos e alguns soldados do MPLA, colocados nas imediações.

«Conseguíamos ver os Cubanos e os soldados do MPLA a movimentar-se à volta da paliçada, empunhando as suas armas», disse Savimbi. «O soba, porém, disse que eles eram tolos. Nunca se dirigiam à mata a pé e não suspeitariam de nada, desde que não fizéssemos barulho. Confiámos nele porque ele era um antigo membro do nosso partido.»

A coluna de Savimbi observava da mata os *Land-Rover* a movimentarem-se ocasionalmente vindos da base cubana, a cerca de 500 metros de distância, para oeste da aldeia, descendo uma picada em direcção à estrada principal. Entre a base e o aglomerado central das cubatas havia uma série de trincheiras cavadas pelos Cubanos, que estavam desguarnecidas.

Cerca de uma hora antes do anoitecer, no dia da travessia, 22 de Agosto, o soba regressou e disse ter organizado um espectáculo na aldeia, nessa mesma noite, para os Cubanos da guarnição e também para o professor da escola, um activista do MPLA que fora nomeado pelo Governo. Oito deles estariam a beber nas cubatas, para leste da estrada e os outros três nas cubatas situadas a oeste. Os homens de Savimbi deveriam atravessar, em grupos de quatro ou cinco, guiados por homens das milícias da aldeia, cujos piquetes dariam o alarme se os Cubanos saíssem das cubatas.

* * *

O soba, embora os Cubanos não o soubessem, era presidente do comité civil da UNITA na aldeia. A partir do centro da aldeia, as cubatas estavam dispersas e isoladas numa área de cerca de dois quilómetros, ao longo da estrada principal.

A 22 de Agosto, à coluna de Savimbi foi reunir-se um grupo de 50 soldados, comandados pelo major Bandeira, que fugira do Lobito em Feve-

reiro e tomara o rumo do vale do Lungue Bungu. Com Bandeira estava Jorge Valentim, o anterior «governador» do Lobito.

O caminho, a partir da mata, levou a coluna da UNITA através da estrada do aglomerado central das cubatas e das outras espalhadas ao longo da estrada, para norte. Se tivessem atravessado mais para o extremo norte, para além dos limites das últimas cubatas da aldeia, teriam feito com que os cães uivassem e isso teria atraído a atenção dos Cubanos; qualquer movimento na aldeia, por parte dos homens da milícia local, armados apenas com arcos e flechas, não provocaria nos cães qualquer reacção invulgar.

Uma vez do outro lado da estrada, no sentido oeste, os grupos de homens da UNITA caminharam entre o corpo principal das cubatas e as trincheiras vazias, para um ponto de encontro, na mata, a cerca de um quilómetro, para sudoeste dos limites da aldeia.

Depois de completada a travessia, um grupo de vinte aldeões — o soba, os mais velhos e as suas mulheres — reuniu-se a Savimbi na mata. A coluna e os aldeões caminharam durante mais dois ou três quilómetros para o interior, de maneira a que Savimbi pudesse discutir com os sobas e os mais velhos, explicando-lhes os seus planos para o futuro e de que forma os aldeões podiam ajudá-lo. Falou em seguida a um ajuntamento maior, incluindo alguns outros aldeões e os seus próprios oficiais. Tito Chingunji recorda assim o que se passou: «O presidente argumentou que a UNITA não teria quaisquer probabilidades de sucesso a não ser que o povo estivesse ao lado do movimento. Fizeram perguntas embaraçosas e não havia maneira de essas perguntas poderem ser evitadas. Perguntavam, por exemplo, se a guerra acabaria em breve ou se seria longa.

O presidente disse-lhes que seria longa. Não haveria nenhuma vitória rápida. Afirmou ao soba que um dia o inimigo iria descobrir que esta aldeia estava a ajudar a UNITA e, conseqüentemente, ela seria atacada. O povo devia, sem demora, começar a armazenar alimentos na mata, para quando chegasse o dia em que tivessem de fugir.

Disse que não podia esconder que todos os amigos da UNITA pensassem que nós não éramos capazes de resistir, que estávamos liquidados. O presidente disse que a UNITA já não tinha quaisquer aliados efectivos. Teríamos de confiar nos nossos próprios esforços, no apoio da população, nas armas que estavam escondidas e nas que fossem capturadas. Queria dissipar qualquer ideia de que viria ajuda do exterior, antes de o povo se ajudar a si próprio. Afirmou: 'Teremos de lutar primeiro e, só depois, vocês verão que as pessoas do exterior quererão entrar de novo em contacto connosco.'

O presidente afirmou também que os Cubanos detinham uma vantagem evidente em termos da qualidade das suas armas e da crueldade com que estavam habituados a actuar; porém, estavam em total desvantagem em termos de conhecimento do território, da população e da língua.»

Savimbi despediu-se do soba e dos velhos duas horas antes do romper do dia 23 de Agosto. Os guias da aldeia marchavam à frente e à retaguarda da coluna, comunicando entre si por meio dos seus códigos tradicionais, imitando os sons dos pássaros. Durante algum tempo ainda a coluna caminhou em direcção ao norte, através da mata que ficava paralela e à vista da estrada. Às 9 horas da manhã, um comboio de carros blindados e camiões, transportando tropas cubanas e do MPLA, começou a passar para sul, ao longo da estrada, à vista dos homens de Savimbi, que conseguiam ouvir o inimigo a cantar. Os guias da aldeia disseram à coluna que continuasse a avançar, assegurando a Savimbi que os seus homens não podiam ser vistos da estrada.

Savimbi tencionava progredir, rapidamente, em direcção à zona da nova base. Ele sabia que avançava por entre uma cadeia de camponeses pró-UNITA. Poderia ter atravessado a estrada mais longe para norte, onde o território estava despovoado, porém, a região era montanhosa e com ravinas a pique, o que teria retardado o nosso avanço, tornando-o mais lento, tendo em vista o seu urgente propósito de conseguir estabelecer uma nova base. Desejava também criar uma imagem corajosa, de modo a que se espalhasse a notícia de que ainda estava vivo.

Savimbi afirmou-se, nestas aldeias, com um perfil bastante mais elevado do que pensava. As patrulhas de guerrilheiros, oriundas da área para onde se dirigia, a cerca de 120 quilómetros para oeste da estrada principal, vinham estabelecendo contactos com a coluna e espalhando a notícia, à medida que avançavam, da sua chegada iminente. As pessoas vinham ao seu encontro, em plena luz do dia, com bandeiras, cantando e dançando.

«Estávamos preocupados, com medo de que algum helicóptero pudesse sobrevoar-nos», disse Savimbi. «Disse-lhes que esta não era maneira de conduzir uma guerra de guerrilha; não queremos riscos. O povo, porém, disse que não nos preocupássemos; que não fora ainda molestado naquele lugar.

Numa aldeia, apenas a dois dias de caminho da base, estavam milhares de pessoas a dançar e a cantar. Disseram que nos acompanhariam até à base. Respondi ao soba que isto não seria bom, que se a população se portasse assim não teríamos segurança. Um dia eles seriam descobertos e atacados pelo MPLA e pelos Cubanos.

Afirmei ao soba que não queria o povo atrás de mim. Chamá-lo-ia dentro de uma semana, para um grande comício, na base. Falhei, porém; seguiram-nos sempre, a cantar durante todo o caminho. Desisti e afirmei, vamos correr o risco. Por isso, eles vieram connosco até ao Cuelei e foi este o fim da longa marcha.»

A base do Cuelei ficava a cerca de 150 quilómetros para sudeste do Huambo. Estava sob o comando do major Katali, que reunira nesse acampamento cerca de 800 guerrilheiros e 200 mulheres e crianças.

A longa marcha terminou com a entrada de Savimbi no Cueleí, a 28 de Agosto de 1976, cerca de sete meses e 3000 quilómetros após a sua fuga do Luso, seguido por 1000 adeptos. Destes, apenas 79, incluindo 9 mulheres, estavam ainda com ele, tendo os outros morrido, sido separados, mandados para outros locais ou ficado para trás.

«A marcha foi a mais profunda experiência da minha vida», recorda Tito Chingunji, anos mais tarde. «Sentíamos que precisávamos de amar o próximo como a nós mesmos. Sozinhos não conseguiríamos sobreviver. Quando morriam os nossos companheiros, sentíamos-nos verdadeiramente diminuídos — cada um de nós, que passou pela experiência da longa marcha, acreditou, por fim, que a guerra poderia ser realmente ganha.»

Foram alguns meses trágicos; porém, contra todas as probabilidades e contra todas as expectativas dos estranhos, Jonas Savimbi sobrevivera. A guerra que muitos comentadores anunciaram ter terminado com a vitória cubana, em Fevereiro de 1976, iria continuar.

ANGOLA



CAPÍTULO XXI

SAVIMBI DESAPARECE

1976

Durante algum tempo, após os seus amigos terem desaparecido nas profundezas de Angola, Kenneth Kaunda continuou a falar sem reboços em defesa de Savimbi. A população de África começara a entender vagamente as consequências dos acontecimentos em Angola, dizia ele. «A independência é impossível com o «Big Brother»* («irmão grande») pendurado nos vossos ombros. Ele é um tirano e vai oprimir-vos. É para mim um quebra-cabeças como é que as pessoas podem falar em independência quando são incapazes de governar um país sem a ajuda dos soldados cubanos e russos¹.»

Numa reunião, ao pequeno-almoço, com correspondentes estrangeiros, no edifício do Congresso, em Lusaca, a 29 de Março de 1976, Kaunda falou na necessidade de um governo de maioria na Rodésia. Quando lhe perguntaram se o seu princípio de governo de maioria era tão importante para Angola como para a Rodésia, replicou: «Precisamente. Só assim pode haver paz. O governo de maioria aplica-se em qualquer lugar.»

Porém, embora Kaunda revelasse assim para que lado pendia o seu coração, quinze dias mais tarde, a 15 de Abril, obedeceu ao que lhe pedia a sua cabeça. A Zâmbia anunciou o reconhecimento oficial do MPLA como governo legítimo de Angola. Este veio sob a forma de declaração de uma só frase, não elaborada, proferida por um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros: «O ministro dos Negócios Estrangeiros, o senhor Rupiah Banda, anunciou hoje o reconhecimento pela Zâmbia da República Popular de Angola.» Vinte e cinco dias mais tarde, Banda, que fora um dos mais fiéis advogados da causa da UNITA, foi demitido do

* «Big Brother» — personifica o líder de um Estado ou movimento autoritários. George Orwell, na sua obra *1984*, retratou-o como a personificação do poder do Estado. (*N. do T.*)

Governo². Cessou assim a retórica anti-MPLA. O preço do princípio tornara-se muito elevado e reinava a «verdadeira política»*.

* * *

Rupiah Banda manteve-se em funções o tempo suficiente para actuar como anfitrião do Dr. Henry Kissinger, quando este chegou a Lusaca, a 27 de Abril, para a paragem mais importante de um «safari africano» destinado a estancar as feridas infligidas na sua política africana, tão maltratada.

Kissinger enfrentava uma tarefa formidável ao tentar restaurar a credibilidade americana. «Passaram já dois meses e meio desde que Henry Kissinger aprendeu, da maneira mais dolorosa, que não sabia o suficiente sobre a África — e esta é precisamente a razão pela qual ele lá está agora», escreveu o eminente colunista americano Joseph C. Harsch³.

«A facção apoiada por Moscovo, com armas e tropas cubanas, é a vencedora absoluta. Toda a Angola está agora nas suas mãos... Foi um caso típico em que o Kremlin decidira, desde há muito, apoiar uma facção, numa competição de três concorrentes, para ver quem seriam os futuros governantes de Angola. Os planeadores do Kremlin fizeram um trabalho de primeira classe. Escolheram o grupo tribal que constituía a classe dominante na capital e à sua volta e ao longo da parte central do país. Deram-lhe armas e treino militar, antes mesmo de Washington ter reconhecido que Angola estava a caminho da independência e de um governo de maioria negra. Quando os Portugueses se retiraram de Angola, tinham já a situação solidamente controlada.

Em teoria, o Dr. Henry Kissinger poderia ainda fazer frustrar o plano russo. Uma divisão de fuzileiros dos Estados Unidos poderia ter desembarcado em Luanda, ou lá perto, apoiada por toda a frota dos Estados Unidos, no Atlântico. A União Soviética não poderia ter movimentado forças suficientes em direcção ao Atlântico Sul para contrariar as forças americanas que estavam potencialmente disponíveis.

Porém, o Congresso, em Washington, e a opinião pública americana, em geral, não estavam dispostos a enveredar por mais uma aventura. Nessa altura, o país atravessava uma situação pós-Vietname — e atravessa ainda⁴. Constituíam tarefa impossível para o Dr. Kissinger enviar para Angola a força que podia ter modificado o resultado... A pura verdade era que o Congresso e o povo americano haviam tido suficientes intervenções militares em lugares longínquos que bastassem por algum tempo.

De tudo isto ressalta que o Dr. Kissinger aprendeu uma amarga lição, e da forma mais dura. Na história de Angola, ele calculou mal a prontidão dos Portugueses para partir, a determinação dos negros para assumir o poder, a firmeza do apoio soviético e — mais importante de tudo —

**Realpolitik*, no original. (N. do T.)

a determinação do Congresso de nada ter a ver com aventuras longínquas no presente. Ele cometeu, precisamente, quase todos os erros que podia... A operação conseguiu o prêmio da mais desastrada intervenção deste tipo em, pelo menos, um quarto de século.»

A questão residual estava em saber se Kissinger podia ajudar a reconstruir o prestígio do seu aliado na guerra angolana, Kaunda, expondo uma nova política americana que ajudasse a encontrar uma solução para os problemas num outro país vizinho de interesse para o líder zambiano — a colônia rebelde britânica da Rodésia.

Publicamente, Angola deixou de constituir problema. Savimbi partira. O foco das atenções dirigira-se mais para sul. O secretário de Estado descreveu em linhas gerais um programa de dez pontos que trouxesse, no prazo de dois anos, um governo de maioria negra para a Rodésia. Exigiu também um calendário definitivo para a independência da Namíbia, avisou a África do Sul de que devia terminar com as suas políticas raciais e apelou para um novo programa de ajuda por parte dos Estados Unidos para o continente⁵.

O programa de Kissinger gerou grandes expectativas, na Zâmbia e nos Estados negros vizinhos, de maiores mudanças na África Austral⁶. Nos Estados Unidos, ele foi impiedosamente criticado pela ala direita do Partido Republicano e pelo seu candidato à Presidência, Ronald Reagan, por ter ameaçado o governo rebelde de minoria branca da Rodésia e por ter oferecido ajuda a Moçambique «dominado por comunistas»⁷. (Em 1985 viria a acontecer a ironia de Reagan, como Presidente dos Estados Unidos, «apoiando» o Presidente Samora Machel do Moçambique marxista e recebendo-o na Casa Branca.)

Nem todos os líderes africanos se deixaram impressionar pelo exercício do Dr. Kissinger ao tentar remediar o mal feito. A Nigéria, que seguia uma política fortemente antiocidental, após ter decidido apoiar o MPLA, persuadiu o chefe de Estado do Gana, general Ignatius Acheampong, a cancelar a visita do secretário de Estado dos Estados Unidos, que estava programada para Acra⁸.

Ainda mais longe para norte, na costa ocidental africana, o Presidente Felix Houphouet-Boigny, da Costa do Marfim, um firme apoiante de Savimbi, sentia-se «constantemente surpreendido pela volubilidade de aproximação do Ocidente» em relação à União Soviética em África.

As antigas potências coloniais em África deviam ter agido de forma a impedir aquilo que o Presidente da Costa do Marfim descrevia como o avanço soviético: «Porém, não o fizeram. Nem sequer pensaram nisso. Será que vocês ainda existem? Ou estão agora fascinados e paralisados pela União Soviética? Os Soviéticos só avançam quando nada encontram à sua frente. Em Angola, acredite-me, tomaram as suas precauções. Hesitaram durante vários meses»⁹.

* * *

Ao mesmo tempo que Savimbi sofria muitas provações e a obscuridade, na sua longa marcha, ao mesmo tempo que Kenneth Kaunda reordenava a sua política estrangeira regional, e quando Henry Kissinger tentava reabilitar o prestígio americano na África negra, o MPLA dispôs-se a governar o vasto e rico território de Angola.

A dissidência foi rapidamente reprimida. Tendo declarado a UNITA e a FNLA como fora da lei, o MPLA prendia e detinha, sem julgamento, outros opositores, entre eles o antigo presidente honorário do MPLA e líder da facção «Revolta Activa», Joaquim Pinto de Andrade, e Gentil Viana, antigo conselheiro pessoal de Agostinho Neto. Ambos eram membros fundadores do MPLA.

O líder do Partido Socialista de Portugal, Mário Soares, enviou uma mensagem ao Presidente Neto expressando surpresa com a prisão de Andrade e Viana e de «outros camaradas na luta contra o fascismo» e pedindo a sua «rápida libertação». O apelo seguiu-se a uma série de reportagens publicadas em jornais de Lisboa, que diziam que o ministro do Interior do Governo de Angola, Nito Alves, estava a repreender e castigar os opositores, moderados e maoístas, ao Governo.

Os outros presos eram membros da insignificante Organização Comunista de Angola, de orientação maoísta, fundada em 1975, a qual no seu *Jornal Comunista* acusava o MPLA de ser um partido burguês, condenava o imperialismo da União Soviética e pedia a retirada de todas as forças cubanas¹⁰. Os representantes da UNITA, em Lusaca, alegaram que Andrade estava a ser torturado pela polícia secreta da Alemanha de Leste, que estava à frente dos serviços secretos do MPLA. A UNITA acusou também os alemães de Leste de dispararem, durante um incidente, em direcção a uma cela apinhada de prisioneiros que protestavam, matando quatro pessoas e ferindo treze¹¹.

É difícil avaliar a verdade exacta contida nesta declaração da UNITA. A Amnistia Internacional informava que, durante 1976, o MPLA manteve como prisioneiros políticos cerca de 300 pessoas, na cadeia de São Paulo, em Luanda. Porém, dizia também que o governo do MPLA não respondera a muitas perguntas acerca de detidos de há longo tempo ou desaparecidos nem respondera a «apelos contra a prática de torturas ou da pena de morte»¹². Contudo, o chefe da Polícia do MPLA, André Petroff, disse publicamente, após regressar de uma missão ao estrangeiro, que a Alemanha Oriental, a Jugoslávia e a Argélia tinham prometido «assistência técnica e ajuda no treino» para combater «a delinquência e o bandidismo»¹³.

A Amnistia Internacional referiu mais tarde, em Junho de 1976, que as tropas do MPLA tinham levado a cabo execuções extrajudiciais na Chisamba, na província central do Bié, tanto de guerrilheiros capturados como



Dr. Jonas Savimbi



Um instrutor da UNITA ensinando uma classe a manejar um míssil anti-aéreo SAM-7



Savimbi instruindo os seus oficiais de guerrilha num acampamento nas matas, em 1971, durante a guerra contra os Portugueses



Oficiais da UNITA em frente de um avião de transporte Antonov, do Governo, destruído por fogo de morteiro na pista do Munhango



Soldados da UNITA, no Norte de Angola, dançam e cantam antes de partirem para uma batalha



Uma escola primária local da UNITA, em Angola — 1970



Uma oficina de alfaiataria da UNITA, nas matas do Sudeste de Angola



Soldados governamentais do MPLA, amarrados e de olhos vendados, aguardam interrogatório por oficiais dos serviços secretos



O coronel Ben-Ben em frente das ruínas da estação de Cangonga, destruída pelas forças de guerrilha da UNITA, após a derrota da guarnição governamental do MPLA, em 11 de Fevereiro de 1983



O brigadeiro Geraldo Nunda, comandante da frente norte da UNITA, instrui algumas das suas tropas antes da batalha para a tomada do Alto Chicapa



Guerrilheiros da UNITA atravessam o rio Cuando



Um cemitério de locomotivas a vapor, no Munhango, em Angola, no Caminho de Ferro de Benguela



Soldados da UNITA preparam-se para a batalha, em Angola, com uma dança tradicional espírita

de civis suspeitos de ajudarem a UNITA. Em Julho, tiveram lugar mais execuções de guerrilheiros e apoiantes da UNITA, em Cassembe, na província do Huambo. Não se sabe quantas pessoas terão sido mortas¹⁴.

Uma vez no poder, o MPLA realizou uma espécie de eleições, mas apenas em Luanda. Houve um interesse diminuto em relação a esta votação, a 27 de Julho de 1976, para eleger os membros dos «conselhos locais populares» do partido único. Apenas cerca de 10 por cento dos residentes de Luanda votaram¹⁵.

* * *

Entretanto, a África do Sul continuava a retirar-se, lentamente, de Angola. As suas tropas abandonaram a última posição na barragem de Calueque, no projecto hidroeléctrico do rio Cunene, em fins de Março de 1976¹⁶. Calueque fora ocupada, a 9 de Agosto de 1975, pelos Sul-Africanos «com o objectivo de proteger as vidas dos trabalhadores [sul-africanos, portugueses, angolanos e namibianos] e para salvaguarda das instalações». As instalações do Calueque, no valor de 63 milhões de dólares americanos, faziam parte de uma rede de barragens que a África do Sul estava a financiar, em cooperação com os Portugueses, no rio Cunene, que forma a fronteira entre Angola e a Namíbia, ao longo dos últimos 250 quilómetros na sua viagem até ao mar.

A África do Sul também se retirou de dois acampamentos que tinha estado a dirigir nos postos fronteiriços de Calai e do Cuangar, onde estavam milhares de refugiados que haviam fugido das lutas que se tratavam no Norte.

As forças cubanas e do MPLA, que durante dois meses haviam avançado gradualmente e com lentidão suficiente para evitar o combate com os Sul-Africanos que se retiravam, atingiram, por fim, a fronteira com a Namíbia, a 1 de Abril de 1976, para impor a soberania do MPLA em toda a Angola¹⁷.

Perto do fim do mês de Maio, o primeiro-ministro de Angola, Lopo do Nascimento, iniciou uma visita de uma semana a Moscovo, onde assinou uma declaração em conjunto com o primeiro-ministro soviético, Alexei Kosygin, que virtualmente garantia a responsabilidade soviética em relação à segurança de Angola. Para reforçar as capacidades de defesa do MPLA, Kosygin e Nascimento afirmaram que especialistas soviéticos em defesa e armamentos seriam enviados para trabalhar em «gabinetes ministeriais» angolanos¹⁸.

O MPLA promoveu a sua respeitabilidade internacional ao ser admitido na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra¹⁹. Também nesta altura, Agostinho Neto foi a Brazzaville e encontrou-se com o seu azedo inimigo, o Presidente Mobutu, do Zaire, cujo país enfrentava o paroxismo do que os banqueiros designavam como falência não declarada.

Tal como Kaunda, Mobutu apoiara uma das partes vencidas em Angola e estava na posição de suplicante. Precisava de recuperar o acesso ao Caminho de Ferro de Benguela, para exportar os seus cobre e cobalto. Angola concordou em transportar as mercadorias zairenses, embora o caminho-de-ferro tivesse muito poucas probabilidades de estar pronto para recommear a operar antes do final de 1976, devido aos trabalhos de reconstrução das pontes destruídas durante a guerra.

Pelo seu lado, no acordo, Mobutu concordou em cancelar toda a ajuda à FNLA e à UNITA. As bases da FNLA no Zaire foram imediatamente encerradas após a reunião de Brazzaville, e quando Holden Roberto reagiu, fazendo uma declaração que culpava Mobutu pela sua derrota em Angola, o Presidente zairense enviou 300 polícias armados para saquearem os escritórios da FNLA, em Kinshasa, e queimarem os registos lá existentes. Holden Roberto foi autorizado a ficar em Kinshasa, mas estava politicamente liquidado²⁰.

A esperança de Mobutu era de que os 6000 *gendarmes* catangueses, que tinham efectivamente combatido ao lado do MPLA contra a UNITA, no Leste de Angola, não voltassem agora de novo para Shaba, a província mais rica e situada no extremo sul do Zaire, de onde eles tinham sido expulsos em meados dos anos sessenta, quando ela era conhecida no mundo como Catanga.

Entretanto, Kaunda tentava restabelecer as suas ligações com a União Soviética, ao aceitar como embaixador de Moscovo, em Lusaca, um proeminente africanista soviético, Vassily Solodovnikov, director do Instituto Africano em Moscovo. Solodovnikov era o autor de um texto clássico sobre a estratégia soviética em África, intitulado *Political Parties in Africa (Partidos Políticos em África)*, publicado em 1970.

Era também um diplomata experimentado, que exercera funções na sede das Nações Unidas em Nova Iorque. Esperava-se, evidentemente, que pusesse em execução os seus conhecimentos e experiência e a sua simpatia por África, de forma a permitir ao Governo Zambiano aproximar-se do MPLA com dignidade.

Savimbi compreendeu a posição de Kaunda, como demonstra a sua carta, de 12 de Fevereiro de 1976, enviada ao líder zambiano (ver o capítulo XVII). Muitos anos mais tarde, durante uma das minhas conversas com Savimbi, ele falava assim de Kaunda: «É meu amigo e respeito-o. Não acredito que Kaunda esteja ao lado do MPLA. É obrigado a fazê-lo. Não pode ajudar-me, mas acredito que o seu coração está comigo. Nunca magoarei Kaunda, porque durante o tempo em que lidei com ele, em 1975, me marcou profundamente. Ele é um bom homem. Foi ele que apoiou a UNITA, e nós perdemos, por isso ele tem de juntar-se a eles [o MPLA]²¹.»

O julgamento dos treze mercenários apanhados a combater ao lado do FNLA reforçou ainda mais a posição do MPLA no seio da comuni-

dade mundial. O MPLA sabia que estava prestes a sair vencedor de uma campanha e abriu as portas à imprensa mundial para que esta testemunhasse todo o processo, em Junho de 1976, perante o Tribunal Revolucionário Popular.

Transformou-se num acontecimento espectacular para os meios de comunicação social e, embora a sua validade legal pudesse ser profundamente questionável, a bestialidade e futilidade dos crimes dos principais réus chocou o povo e conquistou simpatias para o MPLA²². A questão fundamental das abortadas eleições angolanas e a questão de saber se o MPLA era ou não um governo legítimo foi enterrada pela rapidez e cariz dramático do julgamento. Para os repórteres presentes em Luanda, Savimbi e os seus partidários, marchando, para salvar a vida, cerca de 750 quilómetros para sudoeste, não constituíam, virtualmente, seres humanos.

O procurador do povo de Angola, Manuel Rui Monteiro, descreveu os mercenários como «assassinos profissionais a soldo do imperialismo». O Ocidente foi atacado sem tréguas, especialmente quando se tornou evidente que o governo trabalhista do Reino Unido tinha fechado os olhos ao seu recrutamento em Inglaterra e lhes tinha sido proporcionado tratamento VIP quando transitaram pelo Aeroporto de Londres sem passaportes.

«Quando se olhava para os treze homens em julgamento no tribunal, durante os dias angustiantes do testemunho, podia chegar-se à conclusão que outros deviam ter estado juntamente com eles no banco dos réus», escreveu um correspondente britânico. «A maioria dos mercenários possuía fraca educação. Muitos estavam desempregados. Provinham de sociedades onde a violência, a guerra e a ganância eram aceites e, frequentemente, encorajadas. Os 'cães de guerra' disseram ao tribunal terem sido motivados por dinheiro e pela oportunidade de uma aventura²³.»

Isto constituía publicidade de algum valor que o MPLA não poderia nunca ter feito aparecer por encanto ou ter comprado para si próprio.

Uma equipa de 48 observadores internacionais fora convidada pelo MPLA para assistir ao julgamento. Menos de metade pertenciam a democracias ocidentais e quase todos encarnavam as diversas formas de persuasão socialista, cujas simpatias se dirigiam para o MPLA — por exemplo, Wilfred Burchett, o jornalista comunista australiano, e Michael Wolfers, um marxista britânico e antigo correspondente africano do *The Times* de Londres, que aceitara um lugar no Ministério da Informação do MPLA. A sua função era emprestar um cunho de respeitabilidade internacional a um julgamento que era essencialmente político. Os veredictos estavam praticamente predestinados e, olhados do ponto de vista do MPLA, seria difícil condenar a acção dos governantes. Os mercenários, apesar de tudo, haviam sido recrutados em sofisticadas democracias ocidentais para matar camponeses negros africanos nas fileiras da soldadesca do MPLA. Alguém deveria tê-los avisado das consequências, potencialmente graves, se as coisas corresse mal.

Os réus, dez britânicos e três americanos, eram acusados de diversos crimes, incluindo o recentemente criado delito de «mercenarismo». Um jurista eminente que assistia ao julgamento — não como membro da equipa oficial de observadores — argumentou, mais tarde, que não existia tal crime na lei angolana ao tempo em que os mercenários foram capturados²⁴. Costas Georgiou, apelidado de «coronel Callan», foi acusado do assassinio de três angolanos e de ter ordenado a execução de treze dos seus camaradas britânicos.

Todos os acusados foram condenados. Três dos britânicos — Georgiou, Andy, MacKenzie e «Brummie» Barker — foram condenados à morte, em conjunto com um jovem americano, Daniel Gearhart, que foi escolhido menos por razões judiciais e mais pela necessidade que o MPLA sentia em dar um exemplo político aos Estados Unidos²⁵. No dia 10 de Julho de 1976, os quatro foram executados por um pelotão de fuzilamento na base militar do Grafanil, nos arredores de Luanda.

* * *

Embora o MPLA estivesse a conquistar a simpatia internacional, devido à questão dos mercenários, começaram a surgir problemas no seio das suas próprias fileiras. Enquanto decorria o julgamento dos mercenários, terminou uma greve de massas numa fábrica de sacos de café, quando as tropas do MPLA ocuparam o recinto. O primeiro-ministro, Lopo do Nascimento, alegou que os trabalhadores das plantações de café e açúcar, nos arredores de Carmona, no Norte, tinham estado ociosos porque pensaram que os Cubanos tinham assumido controlo. «Vocês, camaradas, sabem melhor do que nós que isto não é verdade», afirmou Nascimento num discurso proferido na plantação de açúcar «Heróis do Caxito». «A administração está nas mãos dos camaradas angolanos, com os camaradas cubanos no local para nos ajudarem e ensinarem.» Nascimento avisou que o Governo iria ter de «deter pessoas em Luanda e enviá-las para o açúcar e o café. É uma coisa quando o povo não trabalha porque não tem trabalho. Mas é outra muito diferente quando não trabalha porque não quer. Teremos de obrigar a trabalhar aqueles que não quiserem trabalhar.»²⁶

Não está claro se o primeiro-ministro Lopo do Nascimento reconhecia a ironia da semelhança entre a sua própria política e a do sistema do trabalho contratado que os Portugueses haviam imposto e que ajudara a inspirar a revolta nacionalista (ver prólogo e capítulo 1).

Os conselheiros cubanos tinham assumido lugares de importância nos serviços de administração civil angolanos, particularmente nos Ministérios do Interior e da Educação e no gabinete de apoio pessoal e político a Neto, assim como na sua segurança pessoal. Os Cubanos estavam também a supervisionar o programa de «mobilização política» do MPLA, para aliciar pessoas para apoio a um «partido de massas marxista-leninista»²⁷.

Houve também ecos de uma cisão grave, no seio do MPLA, entre «moderados» empenhados num crescimento cuidadoso e gradual, congregados à volta de Agostinho Neto e Lopo do Nascimento, e uma facção radical e extremista, liderada por Nito Alves, o ministro do Interior negro, que objectava à predominância de mestiços e brancos no Governo. «Existem tensões raciais no seio do governo do Movimento Popular de Agostinho Neto», escreveu um correspondente. «As pessoas brancas e de sangue misto desempenham um papel fortemente desproporcionado no funcionamento do Governo de uma nação predominantemente negra. Neto tem insistido que o seu novo governo seja multirracial. Porém, existem negros no seu Gabinete que sabem o poder que podem conquistar a partir de um apelo abertamente racista às massas negras. *Slogans* pintados nas paredes em Luanda exigem aos Portugueses «poder para os negros»²⁸.

Aproximava-se uma tempestade — contudo, ela não iria rebentar «já».

CAPÍTULO XXII

CUELEI — SAVIMBI REORGANIZA A RESISTÊNCIA

1976

Vocês na Europa têm a tendência para subestimar o papel desempenhado na história por grandes personalidades.

Armando Hart, líder castrista em Cuba ¹.

AO CHEGAR AO fim da sua longa marcha, a 28 de Agosto de 1976, na base do Cuelei, sob o comando do major Katali, no Centro de Angola, Savimbi lançou-se imediatamente à tarefa de reanimar e reorganizar os seus apoiantes traumatizados.

Depois da retirada sul-africana, a maioria dos seus soldados tinha regressado às aldeias, uns com as suas armas e outros sem elas, aceitando com resignação a vitória do MPLA, e os partidários leais, que continuaram a combater, faziam parte de pequenos bandos de guerrilheiros, dispersos e descoordenados, a maior parte dos quais não tinha notícias recentes do destino do seu líder.

Pelo major Katali, Savimbi ficou a saber onde estavam localizados alguns grupos da UNITA. Grupos de mensageiros e batedores foram enviados para tentar localizar outros grupos e reforçar a rede de comunicações.

A mensagem fundamental dos ensinamentos de Savimbi, nesta época, consistia na necessidade de fortalecer a vontade: «Vamos evitar envolver-nos em batalhas com o MPLA, para podermos assim evitar sermos esmagados. Vamos tentar sobreviver. E, se sobrevivermos, a situação modificar-se-á [nas áreas sob controlo do MPLA] de tal maneira, que o povo vai aperceber-se que será preciso apoiar a UNITA².»

Sobrevivência não significava passividade. Significava preparação, treino, a rejeição de gestos heróicos quixotescos. «Precisamos de empregar tácti-

cas bastante flexíveis que não provoquem, desnecessariamente, o inimigo para não sermos esmagados. Porém, teremos de lançar alguns ataques para que os nossos soldados se habituem a actuar debaixo de fogo. Teremos de ter contactos com o inimigo para possibilitar à liderança poder planear a sua estratégia e estudar o pensamento dos Cubanos e dos Russos — como eles atacam, como retiram, como cercam as nossas forças. Queremos saber como eles 'actuam'.

Quando compreendermos as táticas do MPLA, dos Cubanos e dos Russos, tentaremos, posteriormente, testar-nos a nós próprios. Teremos de confrontar-nos com eles mais vezes, em grupos maiores. O objectivo desta nova fase seria confundir o inimigo e verificar como 'reagia'. Se passássemos no teste de confundir o inimigo, então ganharíamos tempo suficiente para planear ataques e ofensivas de maior envergadura.

O que temos de conseguir em todas estas etapas de táticas militares é paralisar a economia. Nenhuma guerra pode ser bem sucedida se não for apoiada por uma economia forte, por isso temos de fazer explodir pontes, fazer emboscadas, de forma a que as estradas se tornem perigosas para os transportes e fazer parar os caminhos-de-ferro³.

A primeira observação de Savimbi mostrou que um número razoável de grupos da UNITA continuara a lutar, autonomamente, esperançados que o seu líder tivesse sobrevivido e entraria em contacto com eles, eventualmente. Tal como os 800 homens sob o comando de Katali e diversos milhares espalhados no Leste sob o comando geral de Smart Chata, um outro comandante superior, o major Arão Chingufo, estabelecera bases e organizara tropas a norte do Huambo.

Dois jovens e curiosos organizadores da resistência eram Demóstenes Chilingutila e Arlindo Pena. Chilingutila comandava um pequeno bando de guerrilheiros no difícil território aberto da província costeira de Benguela, e Pena estava à cabeça de um grupo com bases nos morros arborizados mesmo a sul do Huambo⁴.

Contrariamente a Chata e Chingufo, Chilingutila e Pena representavam uma nova tendência dentro da UNITA. Não tinham combatido com Savimbi contra os Portugueses. Tinham estudado em liceus e eram produto das oportunidades educacionais rapidamente desenvolvidas pelos Portugueses, no fim dos anos sessenta. Chilingutila e Pena tinham-se juntado ao Exército Português, tinham sido promovidos a sargentos, a mais alta patente permitida aos negros. Outros da sua geração haviam deixado o liceu ou a universidade e conseguido formação agrária ou no campo da saúde, tendo-se tornado mecânicos de automóveis, engenheiros de telefones ou técnicos agrários. Tinham aderido à UNITA durante a guerra civil de 1975-1976 e continuaram a aparecer a partir de 1977 em diante. «É este o grupo que aderiu à UNITA que está a tornar possível a criação de uma nova vida e de novas organizações», revelou Savimbi numa entrevista. «Não participaram na primeira guerra. Eram engenheiros altamente

treinados e existiam mecânicos entre eles, pessoas que faziam aquelas pequenas coisas sem importância que fazem com que uma nação avance. Começaram a treinar outras pessoas nas nossas bases.

Temos poucos materiais, mas quando os meios são limitados e temos técnicos especializados podem conseguir-se grandes coisas. Porém, quando se possuem os meios mas não o pessoal qualificado nada se pode fazer⁵.»

Um outro centro de resistência interessante era a Província do Cunene, no extremo sul de Angola, em frente à terra dos Ovambo, a região mais densamente povoada da vizinha Namíbia. O Cunene era a região da tribo dos Cuanhamas, guerreiros a cavalo violentos e orgulhosos que foram a última das tribos de Angola a ser subjugada pelos Portugueses e que ainda estava em guerra com a potência colonial tão tarde como em 1928. Os Cuanhamas pertenciam à tribo dos Ovambo, do outro lado da fronteira na Namíbia. Os laços entre ambas eram quase inextrincáveis, e eles movimentavam-se livremente para cá e para lá da fronteira entre os povoados uns dos outros.

Os Ovambos Namibianos formavam o elemento essencial da SWAPO, o movimento de libertação que procurava pôr fim ao domínio sul-africano no seu território. Quando António Vakulukutu, o líder dos Cuanhamas Angolanos, levou a sua gente para a UNITA era natural que se estreitassem os laços que uniam estes dois movimentos⁶. Vakulukutu gozava de enorme prestígio em ambos os lados da fronteira, porque era um descendente directo de uma antiga família tribal dos Ovambos.

Depois da queda do Huambo, em poder dos Cubanos, em Fevereiro de 1976, Vakulukutu dirigira-se para sul com cerca de 1000 cuanhamas, membros da UNITA, e 400 cabeças de gado. Quando chegaram à sua província natal foram saudados, com reservas, pelos sobas, que queriam saber se era verdade o que diziam os comissários locais do MPLA, que Savimbi fugira de Angola. Vakulukutu demorou várias semanas a persuadi-los de que era sua convicção que o líder da UNITA estava ainda em Angola. Depois disto, mais algumas centenas de soldados da UNITA, que tinham regressado às suas aldeias no Cunene e escondido as suas armas, vieram reunir-se a Vakulukutu. Os sobas deram-lhe mais gado, com o qual se retiraram para o mato e estabeleceram bases, a partir das quais os seus homens começaram a atacar pequenos postos do MPLA.

Combatendo ao lado das forças da UNITA, sob o comando de Vakulukutu, estavam alguns elementos da SWAPO, com os quais Vakulukutu estava intimamente aliado desde há muito. Porém — este facto constitui uma das amargas peculiaridades no todo da saga entre Angola e a Namíbia — entre os que eles combatiam estava o corpo principal do exército da SWAPO, o Exército Popular para a Libertação da Namíbia (PLAN — People's Liberation Army for Namibia).

Embora a UNITA e a SWAPO fossem, desde há anos, irmãs de sangue⁷, as consequências da guerra civil angolana tinham confrontado ambos com

cruéis dilemas na sua relação mútua de amizade e nos desejos de cada um para a liberdade do seu país. A UNITA aliara-se com o inimigo da SWAPO e, agora que a UNITA fora derrotada, o líder da SWAPO, Sam Nujoma, que dera à UNITA a sua primeira arma em 1966, aliou o seu movimento aos inimigos da UNITA.

Em meados de Junho, a SWAPO abriu o seu novo quartel-general em Luanda, tendo-lhe sido prometidas armas pela União Soviética, treino militar pelos Cubanos e solo angolano pelo MPLA, a partir do qual poderia lançar ataques contra a Namíbia⁸.

Segundo Vakulukutu, o MPLA colocou uma unidade da SWAPO, encarregada da segurança, em Calueque. Uma cadeia de outras bases da SWAPO foi estabelecida ao longo da fronteira, mesmo no interior da Namíbia. A SWAPO começou a identificar a localização das bases da UNITA, no Cunene, para o MPLA. As forças de Vakulukutu, incluindo aqueles homens da SWAPO que lhe eram leais, responderam atacando e destruindo a base da SWAPO em Calueque⁹.

A geografia, a história e a cultura tinham aproximado a UNITA e a SWAPO. Agora, o desenrolar da situação política local e internacional colocara-os em campos opostos, e a inimizade iria aumentar. Na região Ovambo/Cunene aconteceu a mais repugnante consequência do Tratado de Berlim de 1888, segundo o qual os Europeus traçaram as fronteiras coloniais de África. Os clãs tribais que tinham permanecido unidos por uma forte consanguinidade, apesar da linha recta de fronteira, traçada através do seu território tradicional, foram finalmente divididos e estavam a matar-se uns aos outros.

No final de 1976, Savimbi declarou: «Agora que a facção Nujoma da SWAPO decidiu pôr-se ao lado dos nossos implacáveis inimigos, isto é, a União Soviética, as forças cubanas em Angola e as designadas 'FAPLAS'¹⁰ do MPLA, a UNITA não tem outra alternativa senão considerar Nujoma e os seus companheiros de exílio como o quarto inimigo¹¹.»

Era inevitável que os Cubanos/MPLA contra-atacassem Vakulukutu. O MPLA lançou uma ofensiva em Agosto de 1976, durante a qual cerca de 5000 cuanhamas, principalmente mulheres, crianças e velhos, fugiram, atravessando a fronteira para a Namíbia¹². Porém, o assalto principal, com as forças conjugadas do MPLA e dos Cubanos, seguiu-se-lhe nos princípios de Novembro. Milhares de refugiados atravessaram a fronteira para a Namíbia para escapar aos combates e contaram aos repórteres que o MPLA/Cubanos estavam a utilizar as táticas da terra queimada para destruir culturas e animais domésticos por toda a vasta área de Cunene. As tropas do MPLA tentaram encerrar a fronteira para impedir o êxodo. Os refugiados afirmavam que a população estava a ser morta a tiro quando tentava atravessar a fronteira; os corpos eram enterrados em valas comuns, um ou dois quilómetros para o interior de Angola¹³. As tropas sul-africanas, na região dos Ovambo, disseram ter observado por binóculos

como as tropas cubanas/MPLA tomavam o poder nas pequenas aldeias e vilas perto da fronteira; os sons das carabinas e do fogo de artilharia eram perfeitamente audíveis¹⁴.

Os relatos dos combates travados em Novembro constituíam as provas mais claras, em meses, fornecidas ao mundo exterior de que a UNITA estava ainda intacta como força de combate. Contudo, um jornalista da Reuter, que se encontrava perto da fronteira, observou: «Não existe confirmação de que o Dr. Savimbi tenha sobrevivido à recente ofensiva governamental contra as suas forças¹⁵.»

Na verdade, Savimbi encontrava-se a cerca de 450 quilómetros para norte, na sua base no Cuelei, a planear a sua estratégia militar a longo prazo e a preparar-se também para a realização do IV Congresso da UNITA, reunião que se realizava uma vez por ano e de onde saíam as linhas mestras da política e o colégio eleitoral do movimento. Nesta altura, quando os jornalistas presentes na fronteira especulavam sobre se Savimbi estaria vivo ou não, uma jornalista francesa, Dominique De Roux, da Agência de Notícias Gamma, com sede em Paris, apareceu, vinda de Angola, exibindo fotografias de Savimbi na clareira de uma mata e com uma entrevista. As fotografias circularam pelo mundo inteiro como a primeira prova real de que Savimbi estava vivo e a combater no interior de Angola.

De Roux não identificou a região de Angola onde se tinha encontrado com Savimbi; porém, as fotografias mostravam um acampamento que consistia em algumas cubatas e uma mesa de conferências rectangular, feita de troncos cortados ao meio, numa clareira. A entrevista de De Roux não era espectacular. Ela satisfazia alguma da retórica mais verbosa do líder da UNITA; porém, no seu discurso, Savimbi voltou a frisar o tema chave da necessidade de realização de eleições e um tema secundário de como Angola não poderia desenvolver-se segundo o modelo cubano: «O nosso objectivo não é sermos vencidos. O povo quer saborear o gosto pela liberdade em paz. Para isso precisa de um governo democrático eleito e que represente os três movimentos de libertação, o MPLA, a FNLA e a UNITA. A construção do socialismo africano não pode ser a mesma que o modelo de Fidel Castro. Temos o nosso passado, os nossos costumes. Queremos que o povo deixe de nos ver, aos negros, como homens irresponsáveis¹⁶.»

Luís Rodrigues, um jornalista português que estava próximo da UNITA e trabalhava para a BBC, partiu de Lusaca, em Abril de 1976, numa viagem para o interior de Angola para se encontrar com Savimbi. Depois de ter caminhado durante sete meses e ter perdido 30 kg da sua habitual constituição física corpulenta, ele encontrou-se finalmente com Savimbi a 14 de Novembro de 1976, numa base da UNITA a 70 quilómetros a sul de Menongue (como Serpa Pinto fora agora rebaptizada pelo MPLA). Savimbi viera do Sul, da sua base central no Cuelei, para presi-

dir a um comício de apoiantes seus. «No dia em que Savimbi chegou, havia uma guarda de cerimónia que era constituída por um batalhão inteiro», escreveu Rodrigues no seu diário. «Com dez dias de antecedência fora dito às pessoas que ele viria e, em consequência disso, cerca de 340 pessoas tinham vindo de diversos locais para o ver, estando acampadas à volta da base.

Foi então que ouvimos o alarido e as canções. Eles tinham preparado um tapete de folhas verdes numa extensão de quase dois quilómetros, e as mulheres avançavam ao longo desse caminho, entoando canções de boas-vindas. Em seguida, vinha a guarda avançada e o capitão da guarda pessoal e depois vinha Savimbi, que usava um enorme chapéu de palha. Trazia à cinta um enorme revólver de seis tiros *Weston* e uma *Kalashnikov*. N'Zau Puna estava com ele. Atrás deles estavam dois burros carregados com um suprimento que tinham conseguido apanhar num depósito de armas.

Ficaram todos doidos de contentamento, mas não houve disparos para o ar. A UNITA é um grupo muito disciplinado. Quem disparar uma arma sem ser em combate apanha vinte chicotadas com uma chibata. Houve apenas muitas canções, gritaria e atiraram folhas ao ar. Savimbi quando me viu correu para me abraçar. Já não nos víamos há muitos meses.»

Savimbi, Puna e Rodrigues foram conduzidos para algumas cubatas enormes com telhados de capim, que tinham sido recentemente preparadas para o comício. Após três dias de marcha, sem parar, vindos do Norte, que implicavam a travessia da principal estrada alcatroada de Menongue para o Lubango (antiga Sá da Bandeira), os pés de Savimbi sangravam. Nas cubatas, eles engoliram 22 litros de cerveja de milho, mastigaram frango na brasa e contaram histórias sobre as respectivas caminhadas. Savimbi divertiu-se à custa de Rodrigues por causa do seu estômago, colado às costas — «Perguntou se tinha vendido o meu grande estômago ao MPLA.»

Savimbi ficou particularmente satisfeito com um ataque que as forças da UNITA tinham lançado contra uma antiga prisão da PIDE em Misombo, perto de Menongue, onde estavam detidos cerca de 100 soldados e oficiais da UNITA. O assalto fora inspirado no *raid* feito por Israel ao Aeroporto de Entebbe, no Uganda, no princípio de Julho de 1976. Depois disso, um comandante da UNITA, na área de Menongue, pedira voluntários, e num ataque à prisão, de madrugada, tinham liquidado rapidamente as tripulações dos morteiros do MPLA. O resto das tropas do MPLA fugira: os prisioneiros foram libertados e dois lança-morteiros ligeiros e cinco metralhadoras vieram juntar-se ao arsenal da UNITA.

Luís Rodrigues descreveu a Savimbi detalhes de algumas aventuras durante a sua própria marcha, particularmente dois ataques a comboios no Caminho de Ferro de Benguela, perto do Munhango, em Setembro. Num deles, o maquinista da locomotiva a lenha teve de fazer parar o

comboio porque os guerrilheiros tinham retirado os carris, mais à frente. A locomotiva foi atirada para fora dos carris por um míssil *Law*, enquanto as carruagens foram varridas por fogo de metralhadora até as pessoas começarem a aparecer com as mãos em cima da cabeça. O comboio transportava 150 activistas do MPLA para Teixeira de Sousa que iam assistir a uma programada reabertura formal da linha do Caminho de Ferro de Benguela. Foram obrigados a marchar para uma base da UNITA perto de Nharea, 100 quilómetros a norte do Bié, para trabalhar nas plantações de mandioca. Durante um par de dias após o ataque, os guerrilheiros continuaram a retirar troços dos carris e a fazer explodir os bueiros. O comboio rendeu grandes quantidades de queijo e peixe enlatados e rações de emergência da Caritas para os armazéns de alimentos da UNITA.

(Jornalistas, que estavam autorizados a operar em território do MPLA, informaram também que a UNITA tinha desferido ataques contra a linha de caminho-de-ferro. Numa reportagem feita a partir do Huambo, a 3 de Junho, Marvine Howe do *New York Times* relatava que, durante os meses de Abril e Maio, os guerrilheiros da UNITA tinham destruído três locomotivas e feito descarrilar uma outra, assim como haviam cortado a linha em diversos locais. Estes ataques teriam sido levados a cabo por grupos actuando independentemente do controlo central exercido por Savimbi, que, na altura, efectuava a sua fuga de Gago Coutinho em direcção ao vale do Lungue Bungu¹⁷.)

Luís Rodrigues ficou durante dez dias com Savimbi, antes de ter iniciado o caminho de volta para fora do país e o líder da UNITA ter tomado o rumo do Norte, em direcção ao Cueleí. «O nosso projecto, neste momento, é simplesmente proteger o povo», afirmou-lhe Savimbi. «Muitos deles esperam que chegue de novo algum apoio do estrangeiro. O que devemos ensinar-lhes é que não podem estar dependentes disso, caso contrário acabarão da mesma forma que a FNLA. Têm de estar preparados para combater, nesta guerra contra os Cubanos e Soviéticos, sem ajuda do exterior¹⁸.»

* * *

Assim que Rodrigues deixou Savimbi, um outro jornalista estrangeiro veio reunir-se ao líder da UNITA — Leon Dash, o negro americano cujas reportagens mantiveram o movimento de Savimbi intensamente activo durante a guerra contra os Portugueses. Agora Dash tinha de novo trilhado os caminhos que o conduziam desde a Zâmbia até se juntar à UNITA. A partir da base a sul de Menongue, seguiu para Norte no começo do que constitui a mais extraordinária e corajosa viagem jamais empreendida por um repórter ao lado de forças envolvidas no conflito angolano.

CAPÍTULO XXIII

A VIAGEM DE DASH

1976-1977

Não fico frustrado com os ataques que me são desferidos nem orgulhoso com a vitória. Não serve para nada sentir ódio ou ressentimento. São duas emoções nocivas que nos impedem de pensar claramente.

Jonas Savimbi¹.

QUANDO FUTUROS HISTORIADORES forem confrontados com a desanimadora tarefa de escrever a história definitiva das guerras angolanas terão de referir-se ao trabalho de Leon Dash. Sem a sua audácia e empenho não teria existido qualquer relato de confiança e independente sobre as actividades da UNITA durante os meses cruciais, após Savimbi ter concluído a sua longa marcha, e quando se preparava para mais uma guerra prolongada contra os Cubanos e o MPLA.

Dash atravessou a fronteira da Zâmbia para a Província do Moxico em Angola, a 4 de Outubro de 1976, com uma escolta de 100 guerrilheiros da UNITA. Ele apareceria, de novo, sete meses e meio mais tarde, a 22 de Maio de 1977, ao fim de caminhar 3400 quilómetros; observou as forças da UNITA entrarem em combate; caiu gravemente doente; comeu lagartas cobertas de mel; falou detalhadamente com guerrilheiros da UNITA e seus prisioneiros do MPLA; assistiu ao IV Congresso da UNITA, 750 quilómetros para o interior de Angola, como o único jornalista observador. Na altura em que Dash saiu de Angola, os seus amigos nos Estados Unidos estavam profundamente preocupados: esperavam que estivesse ausente por apenas dois ou três meses.

Para entrar em Angola, Dash fez uma travessia de duas horas nos pântanos do rio Ninda — ele e os guerrilheiros passaram com dificuldade, despidos, com as roupas à cabeça, através das raízes entrelaçadas e capim

afiado como lâminas que lhes deixou as pernas, braços e mãos cobertos com pequeninos cortes por onde escorria sangue. Do outro lado do rio, Dash foi saudado por Smart Chata, que confidenciou ao americano: «É preciso ser-se um homem muito resistente para viver nestas condições e é por isso que será difícil para o Governo derrotar-nos. Os soldados deles não gostam de vir para estas zonas.»²

Em três horas de marcha através da mata, no interior de Angola, Dash atingiu o primeiro acampamento da UNITA. «As bases dos guerrilheiros são constituídas todas da mesma maneira, com as cubatas de capim espalhadas por debaixo das árvores, para protecção. A abóbada verde protege os campos de serem localizados pelos aviões de reconhecimento de um só motor que, ocasionalmente, o Governo envia. Nos acampamentos vivem mulheres, guerrilheiros e crianças — alguns homens têm consigo a família inteira. As crianças começam o treino militar assim que podem andar.»

A 13 de Outubro, após ter atravessado em canoas vários rios cujo volume de águas aumentara, Dash chegou a uma base onde nascera um bebé quinze minutos antes. Com a forma tradicional africana de assinalar os acontecimentos, o bebé foi baptizado com o nome de Neto Dash — segundo o nome do homem do *Washington Post* e do guerrilheiro que o escoltava, capitão Neto Epalanga. Não se esperava que o bebé sobrevivesse: a mãe, subalimentada, não tinha leite e os únicos alimentos disponíveis, na região deserta e inculta do Moxico, eram o mel silvestre e a carne de antílope.

Mais no interior de Angola, a situação alimentar melhorara e, a 28 de Outubro, Dash recorda-se de uma refeição de milho assado, peixe-gato do rio, antílope, mel e larvas de abelhas cobertas de mel.

A 4 de Novembro, o grupo de Dash deparou com 23 buracos no solo, para protecção contra o fogo inimigo, escavados na margem de um rio. O local, onde estavam espalhadas, em desordem, latas vazias com rótulos de *Salva*, carne estufada russa e ervilhas sul-africanas *Koo*, fora o local de uma emboscada de soldados do MPLA, durante a longa marcha de Savimbi. «Eles sabiam que Savimbi devia passar por aqui», afirmou um oficial guerrilheiro que estivera na marcha com o presidente da UNITA; «porém, nós sabíamos que eles aqui estavam e atravessámos por um outro rio num vale a norte daqui».

A 8 de Novembro, Dash chegou a uma base de 200 guerrilheiros, onde lhe contaram que a *Voz da América* transmitira a notícia da eleição de Jimmy Carter como o próximo Presidente dos Estados Unidos. Os cortes nas pernas de Dash, infligidos pelo capim afiado do rio Ninda, recusavam-se teimosamente a sarar e alguns haviam-se transformado em enormes feridas por onde escorria o sangue. Decidiu-se que ele deveria descansar na base durante alguns dias para se poderem formar crostas e, enquanto esperava, os guerrilheiros realizaram um festival sobre a independência para celebrar o primeiro aniversário do fim do domínio português, a 11

de Novembro de 1975: «Uma enorme mesa em forma de T foi construída a partir de rebentos de árvores novas. As mulheres serviram grandes porções de carne de antílope cozinhada e montinhos de fuba, que tinha a consistência de massa de pão. Nessa noite houve uma sessão de dança debaixo das árvores, com guerrilheiras, casadas e solteiras, misturando-se com os homens na pista de dança poeirenta que era a terra. Uma bateria de camião, capturada numa emboscada contra as forças governamentais uma semana antes, fornecia energia ao fonógrafo dos guerrilheiros, que emitia música zairese e angolana, que eu considerei muito monótona. Porém, ninguém parecia partilhar deste sentimento, porque a dança continuou até de madrugada, quando foi interrompida por uma carga de água.»

Na companhia do comissário político da base, Kawendima Chipipa, Dash ouviu a transmissão directa da cerimónia de celebração da independência pelo MPLA em Luanda, durante a qual o Presidente Agostinho Neto louvou os Cubanos por terem combatido ao lado do MPLA contra a UNITA e a FNLA. O discurso de Agostinho Neto foi aclamado, com ruidosos aplausos, pelas multidões presentes em Luanda. «Já lutámos contra muitos inimigos», riu-se Chipipa. «Primeiro foram os Portugueses e agora o Movimento Popular e os Cubanos. Não sei quando terminará a luta.»

Ao fim de 800 quilómetros de marcha, Dash encontrou-se finalmente com Savimbi e Luís Rodrigues, no comício a sul de Menongue — «Bem-vindo, bem-vindo», saudou-me Savimbi, com o tradicional abraço apertado angolano. «Há muito para veres. Está a desenrolar-se um violento combate em Angola.»

* * *

De Menongue, Dash partiu para norte com Savimbi, em direcção à base Cuelei, onde Savimbi afirmou estar, uma vez mais, em Novembro de 1976, a aplicar os princípios maoístas de tática de guerrilha que lhe haviam sido ensinados e aos primeiros onze guerrilheiros da UNITA, quando se treinaram em Nanquim, em 1965:

Entrar em combate com tropas governamentais apenas quando o número dos nossos soldados for, pelo menos, duas vezes superior, matar tantos quanto possível e desmoralizar o exército, não lhes concedendo nunca uma vitória;

Destruir todos os meios de comunicação, tornar inseguras as estradas para transporte, armando emboscadas e destruindo todas as linhas de caminho-de-ferro;

Sabotar a economia e criar a instabilidade psicológica no seio da população civil que apoia o governo, por meio de actos de terrorismo urbano;

Dispersar, quando atacados por forças governamentais numerosas,

procurando que os soldados governamentais fiquem frustrados e exerçam retaliações contra a população civil e, desse modo, cimentar os laços entre apoiantes camponeses e a guerrilha.

Savimbi falou também sobre quatro diferentes ofensivas dos Cubanos/MPLA contra a UNITA, que haviam sido identificadas pelos seus oficiais, desde Maio de 1976.

Primeiro, falou na «operação Tigre» no Leste de Angola, desencadeada enquanto a UNITA realizava a Conferência de Sandona, em Maio de 1976. Depois, vinha a «operação Cacuenha», no sudoeste, e, finalmente, a «operação Huambo», no Centro de Angola, e a «operação Vakulukutu», na Província do Cunene, que estava prestes a terminar.

«Bombardearam-nos e metralharam-nos com os seus caças *MIG*», afirmou Savimbi, «porém, nós limitámo-nos a dispersar ou mudar as nossas bases para outra zona da mata. Adoro esta mata. Sem ela as coisas seriam muito difíceis para nós.

Os Cubanos e os Russos não sabem como combater uma guerra de guerrilhas. Quanto maior é a máquina militar, mais fácil se torna escapar-lhe. Eles deviam utilizar grupos mais pequenos, porém, não têm a disposição moral para isso. Os Cubanos não aceitarão que vinte dos seus homens sejam lançados aqui no mato [numa missão de busca e destruição]. Os soldados [do MPLA] estão fracamente treinados para o fazer.

Quando eles aparecem com tanques (*T-34* e *T-54* soviéticos), é verdade que nós fugimos, mas voltaremos depois de eles terem passado. Eles apenas gastaram combustível.»

Não existiam linhas de batalha convencionais nesta guerra, observou Dash. Os guerrilheiros atacavam onde quer que as tropas governamentais estivessem concentradas. Quando os guerrilheiros eram atacados nas suas bases das matas, fugiam rapidamente para o mato e reagrupavam-se mais tarde para construir uma outra base.

Existia também uma escassa informação, embora preciosa, sobre a guerra de Angola. A partir de Julho de 1976 — após ter terminado o julgamento dos mercenários — o MPLA fechou as portas de Angola aos jornalistas ocidentais. Tais notícias eram difundidas pela Agência Nacional de Notícias de Angola (ANGOP), propriedade do Estado, pela Rádio de Luanda, também propriedade do Estado, e por dois jornalistas independentes, residentes em Luanda, que estavam politicamente «comprometidos» com o MPLA. Frustrado com o desaparecimento dos problemas de Angola das páginas da imprensa estrangeira e de além-mar, Savimbi enviou uma declaração para o mundo exterior na qual dizia: «Não é do interesse deles [MPLA/Cubanos/Soviéticos] dar publicidade à continuação da guerra que eles pensam ter vencido³.»

* * *

Imediatamente a seguir à «operação Vakulukutu» do Governo, em Novembro de 1976, a UNITA noticiou que os Cubanos estavam a retirar-se das zonas rurais para as cidades maiores e vilas do Sul e Centro de Angola — Huambo, Bié, Luena (anteriormente Luso), Menongue e Lubango. «Estavam a morrer muitos deles», contou Samuel Chiwale a Dash.

A retirada dos Cubanos para as suas casernas na cidade resultou em medidas de retaliação mais cruéis contra os apoiantes civis da UNITA, pelas tropas do MPLA e seus aliados da SWAPO. «Existe uma diferença entre os Cubanos, os soldados do Governo e a SWAPO», revelou Savimbi a Dash. «Os Cubanos não são tão selvagens e, habitualmente, não matam os nossos adeptos. Os soldados governamentais são mais selvagens e os da SWAPO são ainda piores. Agora, nunca mais os deixaremos operar contra os Sul-Africanos na Namíbia. Nunca! Não, a não ser que sejamos derrotados.»

A observação que Savimbi fez na altura, sobre a forma de tratamento dos Cubanos em relação à população civil, equipara-se à que ele fez ao autor, alguns anos mais tarde, acerca da sua tentativa de campanha para conquista da população: «Em 1976-1977, os Cubanos eram um pouco mais brandos para com a população. Quando capturavam pessoas e as acusavam de ser da UNITA ou estar contra o Governo, não as maltratavam, nem sequer as aprisionavam. Queriam conquistar as pessoas, particularmente nas zonas tradicionais da UNITA, à volta do Huambo, Bié e Luena⁴.»

O MPLA, porém, matava aldeões suspeitos de darem comida à UNITA e fornecerem aos guerrilheiros informações sobre os movimentos das tropas governamentais, contaram a Dash. A 14 de Dezembro, o homem do *Washington Post* chegou à aldeia do Kavango, na província ocidental da Huíla, e aí... «O mau cheiro da morte asfixiou-me quando o vento, de repente, soprou na minha direcção, trazendo o cheiro de gado morto para o extremo leste da aldeia queimada e deserta. O soba, Jacinto Seven, guiou-me e a uma escolta de 50 guerrilheiros para fora da vista das 45 vacas mortas.»

Um pouco mais adiante, o soba Seven apontou para os ossos espalhados de um leproso, que sobressaíam da lama vermelha — símbolos da guerra civil selvagem e fraticida. «Ele e os outros leprosos estavam muito fracos para conseguirem fugir quando os soldados do Governo lá chegaram», disse Seven, soba da agora deserta aldeia de 300 pessoas. «Os soldados queimaram-no vivo a ele e aos outros leprosos», prosseguiu Seven friamente, enquanto apontava para o maxilar do homem morto, um fémur e um antebraço que jaziam entre as ervas daninhas, que cresciam rapidamente em frente da casa do homem morto, enegrecida pelo fogo.

«Os soldados atiraram um outro homem para dentro de um poço e abateram a tiro outros nove. Era a quinta vez que vinham aqui, mas foi a primeira vez que fizeram isto. Estavam furiosos por ajudarmos os guerrilheiros.»

Kavango fora o local onde se situava uma pequena Missão Baptista Americana, que fundara a pequena colônia de leprosos e construíra um hospital, uma igreja e uma escola primária. As casas de tijolos vermelhos, pequenas, dos leprosos e as cubatas de adobe com telhados de capim dos aldeões na aldeia principal tinham sido todas consumidas pelo fogo. O hospital estava enegrecido pelo fumo e em completa desordem, com os restos carbonizados de textos médicos sobre o tratamento da lepra e outras doenças tropicais. As residências do anterior missionário americano e de um médico, também americano, tinham sido saqueadas.

O soba Seven assinalou a data do início da deterioração das relações de amizade dos seus aldeões com o MPLA a partir do momento em que se realizou um comício do Governo em Kavango, em Maio de 1976: «Disserem-nos que a UNITA estava liquidada e Savimbi morto, com as pernas cortadas. Não acreditámos neles porque estavam guerrilheiros da UNITA, no meio da multidão, a ouvi-los.» Enquanto os aldeões ouviam os discursos, disse Seven, os soldados do MPLA entravam nas casas deles, tirando cobertores, rádios, sal e dinheiro. «Eles afirmavam que o seu era o único verdadeiro movimento de libertação; contudo, eram ladrões.»

Em Junho, os soldados voltaram, uma vez mais, e levaram todos os cobertores que existiam no hospital. Imediatamente a seguir, os aldeões mudaram-se para a mata, porque ouviram rumores de que o MPLA estava a abater pessoas a tiro num povoado vizinho. A 22 de Outubro de 1976, no decurso da «operação Huambo», os soldados do MPLA vieram outra vez a Kavango, desta vez sem os Cubanos. «Eles voltaram à aldeia para morder o meu milho», afirmou o soba Seven. «Era cerca do meio-dia e ouvi o som do tiroteio começar, para os lados do hospital. Voltei, a correr, para a mata.»

Estavam no hospital oito guerrilheiros em convalescença, quando os soldados do MPLA atacaram. Um enfermeiro contou a Dash: «Todos eles conseguiram fugir porque as tropas começaram a disparar e a fazer muito barulho antes de chegarem ao hospital. Apenas os leprosos foram apanhados. Estavam demasiado debilitados para correr.»

Angola havia agora entrado, definitivamente, nesse ciclo de violência horrorosa que grassa durante uma guerra civil, porque os guerrilheiros admitiram também terem morto civis desarmados, muitas vezes acidentalmente, mas outras vezes com desumana premeditação.

O tenente-coronel Mário Chilulu Cheya era um líder da UNITA, cuja base ficava próximo da localidade de Chitembo, ocupada pelas forças do Governo, na província do Bié. Encontrou-se com Dash, em Dezembro de 1976, e disse-lhe: «Tive de atacar o Chitembo algumas vezes, antes

de os aldeões abandonarem a cidade. Contudo, alguns deles voltaram.» E assim, quando eles saíam da cidade para irem para os seus campos cultivar milho, «nós atacávamo-los e matávamos alguns». O objectivo, disse Cheya, era impedir que levassem comida para os soldados do MPLA, em Chitembo.

Finalmente, após a «operação Huambo», Cheya afirmou ter conseguido reunir uma considerável força de guerrilheiros de algumas bases e ter atacado Chitembo pela sétima vez, matando todas as pessoas apanhadas na linha de fogo, tanto civis como soldados. «O povo abandonou então Chitembo, porque já não se sentia seguro», acrescentou Cheya. «Vieram para a mata connosco.»

* * *

A natureza do combate olho por olho, dente por dente, foi de novo noticiada por Dash, quando este atravessou, no Planalto Central, a vila de Ringoma, apenas 30 quilómetros a sul do Caminho de Ferro de Benguela, a 13 de Janeiro de 1977, um mês após uma força de 300 guerrilheiros da UNITA a terem atacado. Centenas de cartuchos usados, a sua coloração bronze transformada em cinzento, estavam dispersos no centro da vila, ao lado de caixas verdes vazias, com rótulos russos que haviam contido cápsulas de morteiros de 82 mm. Os telhados, com telhas vermelhas, de todas as casas de cimento, das lojas e da igreja tinham sido quebrados pelos guerrilheiros com as coronhas das espingardas. A intenção era torná-las inabitáveis durante a longa estação chuvosa e assim persuadir os soldados do MPLA a não voltarem.

A luta pela vila começara a 22 de Novembro de 1976, quando o major da UNITA José Kanjundo fizera uma emboscada a cinco camiões que transportavam soldados do MPLA da vila de Camacupa, perto do Caminho de Ferro de Benguela (chamada General Machado antes da independência), para Ringoma. Os guerrilheiros de Kanjundo colocaram-se ao ar livre em posições de emboscada, doze homens para cada camião, e mataram 30 soldados do MPLA, afirmou o major: «Como retaliação, os soldados governamentais atacaram, no dia seguinte, uma das aldeias e mataram 40 aldeões.»

Para vingar a chacina dos camponeses e tentar afastar as tropas governamentais desta área, Kanjundo atacou Ringoma, na madrugada do dia 13 de Dezembro de 1976: «Quería também dar uma lição ao soba de Ringoma. Ele fora um partidário da UNITA, mas mudara de partido quando as tropas governamentais chegaram a Ringoma em Outubro, durante a ofensiva.»

Os 300 homens de Kanjundo atacaram os 90 soldados do MPLA e 120 cadetes que estavam em instrução vindos do Leste e do Sul. Os primeiros a abrir fogo foram os guerrilheiros, no flanco sul. Ao fim de duas horas, quando os guerrilheiros começaram a ficar sem munições, as

forças governamentais começaram a avançar sobre eles. Logo de seguida, a onda leste de guerrilheiros dispersou-se e a vila ficou para trás. Kanjundo reivindicou um cálculo de 51 soldados do MPLA e 30 civis mortos, um soldado da UNITA morto e dois feridos, e 26 civis levados para uma «área libertada» da UNITA.

O soba fugiu com as tropas do MPLA para a guarnição do MPLA em Camacupa. «A população agora está muito zangada com o soba», afirmou o major Kanjundo. «Antes do ataque, dissemos-lhe que seria perigoso permanecer aqui com os soldados. Agora, eles acreditam em nós.»

Um dos oficiais de Kanjundo apontou para umas botas de combate soviéticas castanhas, novinhas em folha, que ele próprio usava, e disse a Dash que as tirara de um soldado morto do MPLA. «Tiramos tudo o que possa ser-nos útil. Somos guerrilheiros.»

* * *

De Ringoma, Dash atravessou o Caminho de Ferro de Benguela e caminhou cerca de 100 quilómetros até uma base de guerrilha perto de Andulo, a norte do Bié. Aí, tencionava reunir-se ao comandante dos guerrilheiros locais, o tenente-coronel Sabino Sandele, para observar um ataque ao Andulo, planeado para o dia 27 de Janeiro de 1977. Porém, quando os guerrilheiros se escaparam da base de Sandele para o ataque, Dash estava preso no leito com febres altas e não pôde acompanhá-los: «Às 5 horas e 10 minutos da madrugada do dia 27 de Janeiro, porém, fui acordado, em sobressalto, pelo barulho de explosões e fogo de armas ligeiras. Estava também alagado em transpiração. A febre cedera.»

Um Sandele exultante informou ter demorado apenas 20 minutos para expulsar o batalhão do MPLA de 500 homens que defendia Andulo. Reivindicou que os seus homens tinham contado 97 mortos — soldados do MPLA, civis e o único cubano na cidade, um jornalista apanhado em fogo cruzado, quando corria em direcção ao carro.

Sandele recusou-se a dizer quantos homens enviara para o ataque, porém, Dash contou 1110 guerrilheiros, que regressaram à base, em pequenos grupos, no dia seguinte. Estes contaram que dois dos seus homens haviam sido mortos e estavam enterrados fora da vila. Três guerrilheiros feridos foram transportados de volta à base em liteiras feitas com cobertores.

Dos três prisioneiros que haviam feito, apenas dois, uma mulher civil e um soldado, foram trazidos para a base. «O outro soldado tentou fugir durante a caminhada para aqui, foi recapturado e executado», disse Sandele.

Dash reparou, durante a sua viagem épica, que se tornara política da UNITA executar todos os oficiais do MPLA capturados. Foi-lhe dito por um oficial da UNITA: «Conservamos alguns dos soldados [por exemplo, soldados rasos] para reeducação — não foram doutrinados pelo Governo na linha marxista. Os comandantes são marxistas da linha dura — não há mais nada a fazer senão matá-los.»

De toda essa gente do MPLA que fora feita prisioneira, a maioria sentia-se intimidada em presença dos seus captores e estava ansiosa por cair nas boas graças da UNITA, contou Dash, que conduziu longas entrevistas com dez prisioneiros, em diferentes alturas e locais diversos.

Celeste Cango Antunes, de 19 anos, foi a primeira de dois prisioneiros sobreviventes da batalha de Andulo a ser levada para o campo dos guerrilheiros. Com os olhos vendados e aparentemente tranquila, os únicos indícios do seu julgamento aterrador eram a face esquerda inchada e gotas de sangue seco na camisola amarela com riscas verdes.

Um jovem soldado arrancou a toalha que estava atada à volta dos seus olhos. Ela piscou-os e olhou lentamente à volta, em direcção às faces zombeteiras e barbudas dos guerrilheiros. «O medo substituiu, gradualmente, o seu olhar perdido, as pernas começaram a tremer e a urina escorreu-lhe até aos tornozelos atingindo os sapatos de ténis brancos que estavam sujos. Os guerrilheiros riram-se ruidosamente.»

Quando ela levantou o punho da mão esquerda, parcialmente fechado, e clamou debilmente «viva a UNITA», os guerrilheiros gritaram: «O braço direito, o braço direito.»

Ela levantou rapidamente o braço direito e murmurou uma outra tentativa deste *slogan*. Quando os guerrilheiros gritaram: «Não, está muito mal. Muito fraco», ela desistiu do seu débil esforço e começou a passar a mão sobre a crosta da ferida na face esquerda, onde fora atingida pela coronha da espingarda de um guerrilheiro na manhã anterior, o que a atirara ao chão.

Celeste Antunes casara com o seu namorado de infância apenas um mês antes, na sua vila natal, Mussende, a nordeste de Andulo: «Os soldados do MPLA chegaram à nossa vila em Janeiro e levaram-nos e a três dos meus irmãos para Andulo. Obrigaram-nos a juntar ao exército. Foi-lhes dada instrução, mas não lhes deram armas.»

Ela, o marido e uma outra rapariga foram colocados numa casa, perto da igreja local. «Costumávamos comer arroz mal cozido, um prato pequeno para cada um, duas vezes por dia. Mais nada.»

No dia do ataque, Celeste e o marido estavam em Andulo, há cerca de duas semanas. «Quando começou o ataque, o meu marido fugiu e deixou-me. Corri para fora de casa, em direcção aos homens da UNITA, e gritei: 'Irmãos, não me matem', com as mãos para cima.» Então, um guerrilheiro correu para ela e atirou-a para o chão.

* * *

Maravilha Mbaka era uma outra prisioneira do MPLA, capturada pela UNITA. Quando Dash a conheceu, em Janeiro de 1977, ela estava cativa num campo de guerrilha, numa zona isolada da província do Bié, desde há seis meses, com as filhas pequenas — Elsa Maria, com cinco anos e

meio, e Augusta Luzia, com dois anos e meio — e outras 34 mulheres prisioneiras.

A digna Mbaka, descrita por Dash como uma «viúva alegre de 22 anos», contou ter-se sentido amedrontada durante os primeiros dias passados na mata, mas tinha-se adaptado desde então e até gostava da companhia das outras mulheres. Em seguida, olhou fixamente, com um olhar de poucos amigos, em direcção ao comandante da base, major Eugénio Ngolo, e disse: «O meu maior problema aqui é a comida. Todos os dias vou ao armazém e nalguns dias nem sequer há comida. Isso é um problema para as minhas filhas.»

Dash contou que o «normalmente imperturbável» Ngolo engoliu em seco, virou-se para o repórter americano e respondeu, na defensiva, à questão posta por esta mulher orgulhosa: «Tem havido problemas com a comida nesta área, desde a ofensiva. A ofensiva deu cabo das plantações.»

Mbaka interrompeu Ngolo e apontou para as chagas abertas provocadas pela desnutrição que cobriam os braços e pernas das filhas: «Tenho medo por elas, mas que posso eu fazer? Não há remédios. Todos os dias rezo a Deus para me dar força e me ajudar.»

* * *

Abel Ngere, de 23 anos, e Luciano Sangungo, também de 23 anos, eram dois soldados do MPLA que Dash veio encontrar no local onde estavam presos, um armazém de betão vazio, 20 quilómetros a sul da vila de Nova Sintra, no Caminho de Ferro de Benguela. Tinham as mãos e os pés amarrados com cordas grosseiras feitas à mão e tinham as faces inchadas e com equimoses provocadas pelos espancamentos.

Ambos haviam sido capturados numa emboscada perto de Nova Sintra. Ao longo das suas entrevistas, de duas horas, com Dash, eles ajoelharam-se à sua frente com um guerrilheiro armado, em pé, por detrás deles.

Um capitão da UNITA, que escoltara Dash à cadeia improvisada, de um comício civil realizado nas imediações, inclinou-se para a frente, olhou para os dois homens nos olhos e disse em voz baixa: «Vou poupar-lhes a vida e ver se podem ser reeducados.» Em seguida, pronunciando com lentidão cada palavra e, propositadamente, acrescentou: «Se eu pensar que não posso confiar em vocês ou sentir que são demasiado estúpidos para aprender, então eu pessoalmente vos mato com um tiro na cabeça de cada um.» Ngere e Sangungo aplaudiram, sentindo-se apreensivos com estas palavras e, batendo ruidosamente com as mãos, agradeceram-lhe a oportunidade de serem reeducados. Dash observou com frieza: «Asseguraram-lhe que seriam estudantes zelosos.»

Dash sentiu-se, obviamente, repugnado com tudo o que testemunhara, e à medida que caminhava de volta os cinco quilómetros até ao comício, por entre uma chuva fininha, em companhia do capitão, o guerrilheiro protestou ao ouvir a descrença irreverente expressada pelo americano sobre

a «reeducação». «Não, não, ela funciona», disse ele. «Deixo-os apodrecer na prisão durante um mês ou dois. Deixo-os pensar um pouco.»

Eram-lhes dadas lições sobre a história angolana — como, porquê e quando chegaram os Portugueses; a resistência angolana ao domínio português. «Eles nunca ouviram falar disto antes», afirmou o guerrilheiro. «Os Portugueses nunca ensinaram nada disto.» Em seguida, ele examinava, em conjunto com eles, o que haviam visto quando foram mandados das suas casas no Sul de Angola para treino militar em Luanda — administradores civis portugueses, soldados cubanos e conselheiros soviéticos, todos apoiando o governo do MPLA.

«E daí, se for tendencioso, se tiver em consideração só um dos lados? Eu estou apenas de um lado», disse ele ao irónico Dash. «Quando eu tiver acabado, eles terão recebido informações de que nunca antes ouviram falar, em que nunca pensaram, e terei dois novos guerrilheiros.»

* * *

Dash conseguiu, finalmente, observar a UNITA entrar em combate, a 9 de Fevereiro de 1977. Mais de 100 quilómetros a norte do Caminho de Ferro de Benguela, na província do Huambo, o ataque à pequena vila do Mungo começou às primeiras luzes da aurora de uma manhã cinzenta e enevoada.

Estavam cerca de 100 tropas do MPLA na vila. A UNITA atacou com uma força de 250 homens. Primeiro, às 5 horas e 40 minutos da manhã, 25 guerrilheiros abriram fogo, a partir da direcção norte, com espingardas automáticas e morteiros, matando imediatamente duas sentinelas que haviam estado a fumar cigarros quando patrulhavam as ruas do extremo norte da vila.

Os defensores foram acordados. Precipitaram-se para fora das casas e dirigiram o fogo das armas em direcção aos clarões das posições ocupadas pelos guerrilheiros. Em seguida, 125 guerrilheiros começaram a disparar, a partir do sul, para a retaguarda dos soldados do MPLA. Quando metade dos defensores se voltaram para enfrentar o inesperado ataque, desferido do sul, os primeiros 25 atacantes suspenderam o tiroteio para se juntarem a outros 100 guerrilheiros que estavam, silenciosamente, agachados no capim, na zona leste da vila. Levantando-se ao mesmo tempo, infiltraram-se, sem fazer ruído, na vila, para fecharem a armadilha. Quando eles começaram a formar um anel em *L*, com os seus camaradas que avançavam vindos da zona sul, abriram fogo também e as tropas do Governo foram apanhadas num círculo de fogo cruzado.

Observando a cena da encosta de uma montanha, a cerca de um quilómetro da vila, Dash calculou que os guerrilheiros levaram apenas quatro minutos para apanhar o MPLA numa cilada. Com a armadilha fechada, Dash desceu a montanha com dois majores e mais 50 guerrilheiros, para observar o tiroteio mais de perto. Observou o armamento dos guerrilhei-

ros — morteiros americanos, pistolas automáticas belgas, lança-granadas americanas *M-79* e carabinas da Segunda Guerra Mundial, fornecidas pela CIA em 1975-1976. Os guerrilheiros também possuíam *Kalashnikov*.

Após ter atravessado uma pequena ponte construída com troncos de árvores, sobre um rio para sul da vila, Dash ouviu o tossir profundo das metralhadoras americanas *Browning* dos guerrilheiros — capturadas à FNLA durante um dos confrontos que haviam assinalado o fim da então chamada coligação. «Subitamente, na obscuridade, avistámos um grupo de camponeses que corriam da parte sul da vila — civis que haviam sido acusados pelo Governo de apoiarem a UNITA e estavam presos aguardando a execução. Os guerrilheiros tinham-nos libertado.»

Ao lado de Dash estava o major David Wende Catata, que apontou na direcção dos camponeses em fuga e disse: «Não sei se todos eles eram nossos partidários, mas agora são-no de certeza.» Catata, Dash e o seu grupo de guerrilheiros atingiram a orla da mata e preparavam-se para atravessar o campo aberto, em direcção aos edifícios da vila pintados de branco e com telhados de telhas cor de laranja, quando apareceram dois guerrilheiros que transportavam um camarada ferido e gritaram: «Recuem, recuem.» Alguns minutos antes haviam entrado na cidade reforços do Governo, vindos do nordeste, e os guerrilheiros estavam a retirar.

Num impulso de excesso de confiança, os comandantes da UNITA tinham ignorado uma das regras fundamentais de combate do seu próprio movimento — não tinham armado emboscadas nas estradas de acesso à vila e os reforços governamentais conseguiram entrar no Mungo sem encontrar resistência.

Os guerrilheiros afirmavam ter conseguido os seus objectivos principais ao infligirem pesadas baixas que enfraquecessem a moral do MPLA ao terem destruído a vila, impedindo que fosse usada no futuro por forças governamentais, ao terem libertado apoiantes da UNITA das prisões, ao terem capturado camponeses para os transportarem para as suas bases. O major Catata estava satisfeito com o balanço das vítimas: 3 feridos para a UNITA contra a morte reivindicada de 50 inimigos, incluindo 7 mulheres de homens do MPLA, que morreram quando um morteiro atingiu a casa onde se escondiam.

Porém, o descuido no caso das emboscadas custara aos guerrilheiros o seu objectivo secundário: a captura de armas e munições. Deixara também os atacantes da UNITA terrivelmente expostos. Dash contou que apenas a exibição da baixa moral dos soldados do MPLA salvara a UNITA de cair numa armadilha. Fora-lhe recomendado, por um comandante dos guerrilheiros, para retirar, andando normalmente, não correr; os soldados governamentais não iriam sair da vila: «A sua convicção provou ser justificada. Após uma caminhada de quinze minutos, estávamos de volta à planície inundada, banhada pela luz do Sol da manhã e avistando toda a vila. Atravessando de novo o rio, prosseguimos num andamento lento e regular durante meia hora. As tropas não nos perseguiram.»

Rota seguida por Leon Dash em 1977

ANGOLA



CAPÍTULO XXIV

O SOBA EFRAIM

1977

Se não conheceres as lendas, não conseguirás aproximar-te dos camponeses.

Gina Chinosole, uma comissária política da UNITA.

CHEGARA A ALTURA de Dash regressar ao Sul, através do Caminho de Ferro de Benguela, para assistir ao Congresso; porém, passou primeiro algum tempo com um soba tradicional que era partidário da UNITA.

A aldeia do soba Carvalho Efraim situava-se perto do Bailundo, 60 quilómetros a norte do Huambo. Dash chegou lá acompanhado do major Arão Chingufo para ser saudado por alguns milhares de camponeses que dançavam atrás deles, à medida que se aproximavam da aldeia, a cantar com alegria e a bater palmas ritmicamente. Os homens da aldeia, alguns soprando em compridas flautas com tubos de ferro que brilhavam como minúsculos espelhos à luz do Sol, estavam afastados das mulheres para desempenharem os seus deveres tradicionais de saudação aos visitantes. Chingufo e Efraim abraçaram-se, numa saudação calorosa e as danças e os cantares pararam, por momentos, quando Dash foi apresentado ao soba. Em seguida, os cantares recomeçaram e ouviu-se o rufar de tambores quando as mulheres escovaram os ombros de Dash e Chingufo com ramos de folhas largas, numa outra saudação tradicional.

Observando o soba e o oficial da UNITA, que caminhavam no meio da multidão, Dash ficou impressionado com o contraste que se lhe oferecia observar do soba costumeiro e do guerrilheiro do século XX que, de alguma maneira, se tinham unido: «O soba, de 50 anos, com a cabeça cheia de cabelos brancos, acentuando o seu comportamento régio, acei-

taria de forma reservada as saudações da multidão e comentários exclamados, com um leve aceno de cabeça. Sendo um camponês analfabeto, a sua mente estava povoada com a tradição oral da história dos Ovimbundu, incluindo lendas, espíritos, feitiçaria, direitos de propriedade e lei criminal. Era ele o último mediador em qualquer disputa.

O guerrilheiro, de 28 anos, exuberante e sem cerimónias, mergulharia no seio da multidão excitada para apertar as mãos a um amigo que não via há muito, brincar com uma rapariga bonita e ajustar continuamente a espingarda *Kalashnikov* de 5 kg, capturada, e que lhe pendia do ombro esquerdo. Era um diplomado no liceu, numa terra onde 90 por cento da população era analfabeta, com a cabeça cheia de pensamentos nacionalistas, anticomunismo, guerra e necessidade política de conservar o apoio dos camponeses. Ele personificava o guerreiro contemporâneo.»

Seguiu-se um comício que durou quatro horas, durante o qual os oficiais de guerrilha e os líderes civis fizeram discursos, abrangendo os 500 anos de história de domínio dos Portugueses, o seu fim vergonhoso, a guerra civil em 1975-1976 e o recente conflito contra os Cubanos e o MPLA.

No fim do comício, o soba Efraim disse a Dash: «Falamos muito, porque é essa a nossa maneira de ser. É desta forma que passamos a informação de pai para filho e para neto, mais tarde. Foi sempre assim para os Ovimbundu.»

A esmagadora maioria das sociedades africanas não possuía línguas escritas até ter sido colonizada pelos Europeus. A UNITA compreendeu a importância da tradição oral, observou Dash. Utilizavam-na e procuravam seguir os costumes tribais, enquanto faziam prosélitos entre os muitos grupos étnicos de Angola, dos quais os Ovimbundu, com um número ascendendo a 2 milhões, é o maior.

Savimbi dissera a Dash que quando tentava converter uma nova tribo à sua causa enviava para lá os seus companheiros dessa tribo que já estavam com a UNITA. «Estes homens já conhecem os seus costumes, como eles encaram o mundo exterior à sua tribo, e sabem como aproximar-se dos sobas e dos idosos. Quando não se observa este procedimento, cometem-se erros que custam caro», afirmou Savimbi, reforçando o seu ponto de vista com um exemplo. Em 1950, a administração colonial portuguesa ordenou ao ativo povo dos Cuanhamas, que habitavam o Cunene, que cortassem os pesados cornos ao gado para incrementar a produção de carne. «O que os Portugueses não compreenderam», afirmou Savimbi, «é que os Cuanhamas medem o valor de cada cabeça de gado pelo comprimento dos cornos.

Os Cuanhamas pensaram que os Portugueses queriam roubar-lhes o valor do gado, cortando-lhe os cornos. Revoltaram-se. Morreram muitas pessoas de ambos os lados e só depois os Portugueses descobriram a razão por que eles se tinham revoltado.

Nós não cometemos erros dessa natureza.»

Após termos conquistado as boas novas de uma tribo, inicia-se o processo de tentar persuadi-los a compreender os acontecimentos, em termos nacionais. «Isto requer muita paciência e muitas horas, dias, semanas, meses de discussões infundáveis e reuniões. Estarmos a tentar que um homem deixe de pensar em si, como um cuanhama, para pensar que, antes de tudo, é um angolano, é muito complicado.»

* * *

Na aldeia do soba Efraim, a comissária política da UNITA Gina Chinosole, de 20 anos, estava preocupada com o apoio repartido, nas aldeias, entre a UNITA e o MPLA. Numa aldeia das redondezas, um informador causara recentemente a morte de muitas pessoas por ter contado aos soldados do Governo que a UNITA havia realizado lá um comício. Ela disse aos aldeões do soba Efraim: «E, nesta aldeia [do soba Efraim], eu sei que existem informadores e que do seu trabalho resulta em virem cá os soldados e matarem o povo, quer sejam informadores ou não.»

Em seguida, contou à multidão uma parábola sobre um coelho que queria casar com a filha de um urso. O urso contou ao coelho que a única criatura com quem a sua filha seria autorizada a casar seria a que conseguisse construir uma casa num dia. O coelho então apelou para os seus parentes que se pareciam com ele — tendo tomado cuidado para que o urso apenas visse um de cada vez — e que rapidamente ajudaram o pretendente a construir a casa. O urso deu a sua filha em casamento ao coelho.

No fim da história, os aldeões aplaudiram. «Quando trabalhamos juntos», disse-lhes Chinosole, «as coisas que parecem impossíveis tornam-se possíveis. Devemos lembrar-nos disto e aplicar este princípio concretamente.»

As fábulas, contou ela mais tarde a Dash, são os instrumentos mais seguros para conquistar a atenção dos camponeses. «Da infância em diante», disse ela, «tudo é ensinado, tradicionalmente, através de histórias. Cada animal possui uma característica. O coelho é sempre ajuizado e o urso de compreensão lenta. Se não souberes as fábulas, não poderás aproximar-te dos camponeses.»

CAPÍTULO XXV

IV CONGRESSO DA UNITA

1977

NO DIA 24 DE MARÇO de 1977, Fidel Castro, Presidente de Cuba, chegou a Luanda e colocou coroas de flores nas campas dos soldados cubanos e do MPLA que tinham morrido nos combates em Angola durante os dois anos anteriores. Fidel Castro foi recebido e saudado, na sua visita de Estado à República Popular de Angola, por Agostinho Neto.

A cerca de 700 quilómetros para sul, num local da mata à distância de 80 quilómetros da segunda cidade de Angola, Huambo, Samuel Chivale dizia aos delegados presentes no IV Congresso da UNITA: «Agostinho Neto tem de morrer... Hoje, todos quantos estão nas matas, soldados e civis, combatem os amigos de Agostinho Neto, os Cubanos, de maneira a que tudo possa ser melhor para os angolanos negros.»

A 27 de Março, Dash e o seu intérprete, o major Mateus Katalayo, ouviram um discurso de Fidel Castro, transmitido em directo pela Rádio Luanda, no qual este criticava a FNLA e a UNITA por terem utilizado «mercenários brancos» durante a guerra civil.

«Quem é ele para falar de mercenários brancos?», replicou furiosamente Katalayo. «Ele é um mercenário branco. Devia levar os seus soldados para fora daqui.»

* * *

No dia da abertura do Congresso, Savimbi fez o seu discurso de orientação geral. O tema versava à volta do facto de que Angola, tendo-se libertado por si própria dos Portugueses, estava agora sob o jugo dos novos padrões coloniais soviéticos: «Não podemos ser colonizados de novo. Os Portugueses, que conheciam a maneira de ser do nosso povo, foram-se embora, e pensam vocês que Agostinho Neto, que também é português,

pode ganhar esta guerra? Os Russos estão a servir-se de Neto e dos Cubanos para governar Angola. Têm de ser derrotados.

O país vive um momento de decisão, e é por isso que vocês estão aqui. Para tomarem decisões que libertem o nosso país do imperialismo soviético.»

A este ponto, relatou Dash, os delegados levantaram-se e ovacionaram-no, ruidosamente, durante cinco minutos. Ele observou como Savimbi, vestido com uma farda de camuflado imaculadamente passada a ferro, com botas encarnadas muito engraxadas, gravata de seda verde e bóina encarnada posta de ângulo elegante, esperava com modos solenes e imperiosos que a ovação terminasse: «Aparentemente, não importava muito o que ele dizia, desde que Savimbi falasse — dizendo-lhes o que fazer, como fazê-lo e quanto tempo levariam a fazê-lo. Eles segui-lo iam.»

Savimbi apelava para uma filosofia de auto-suficiência, que dificilmente poderia falhar se fosse reforçada pelas realidades duras do isolamento total da UNITA: «Algumas pessoas diziam: 'Por que razão não vêm os Sul-Africanos e lutam por nós, de forma a podermos pagar-lhes mais tarde?' Isso é errado. Se eles lutarem por vocês, vocês serão colonizados outra vez. Têm de lutar com os vossos próprios meios.»

O seu discurso foi interrompido por orações conduzidas por um ministro protestante e um padre católico, ambos angolanos, que sancionaram a guerra contra o MPLA «em nome de Deus». Em seguida, cantou-se um hino antes de Savimbi resumir o seu discurso de abertura e ter repreendido os delegados, dos quais cerca de dois terços eram civis, por timidez em criticarem os guerrilheiros. Tal acanhamento, dizia ele, enfraquecia o resultado final dos esforços dos guerrilheiros: «Vocês do povo, quando vêem que algo está errado da parte dos soldados, têm medo de ir ter com o comandante dos guerrilheiros e contar-lhe o que está mal, porque pensam que ele os vai matar e lançá-los ao rio. Ele não vos matará. Não devem ter medo de falar aos comandantes e contar-lhes que estão enganados.

Ao Congresso assistiram 1600 delegados camponeses e suas famílias e guerrilheiros que tinham viajado a pé, vindos de todo o Centro e Sul de Angola. Muitos deles tinham andado centenas de quilómetros, atravessado rios que tinham transbordado com as chuvas de Março. Alguns sentiam-se doentes e exaustos, à chegada, e passaram todo o Congresso em recuperação. Mais alguns milhares de pessoas ouviram que o Congresso se estava a realizar e apareceram sem terem sido convidadas. Foram mandadas embora, apesar de terem passado semanas a viajar, porque o local estava já superlotado e estavam a criar-se problemas sanitários.

As veredas foram agitadas, transformando-se num pântano lamacento, logo no primeiro dia, e ao fim do terceiro dia os limites do acampamento constituíam um obstáculo por causa dos excrementos, os quais exalavam um mau cheiro sobre todo o local, assim que o Sol se levantava. «Muitos dos nossos soldados e a maioria dos nossos camponeses nada sabem de

higiene», queixou-se Katalayo a Dash. «Esta é uma das áreas onde há muito a fazer.»

* * *

O Congresso dividiu-se em quatro comités de estudo: estratégia e táticas, as massas, a administração e conflitos. Dash foi autorizado a ouvir as deliberações de três deles. A excepção foi «estratégia e táticas».

Savimbi, que presidiu ao comité proibido, respondeu com um sorriso, mas negativamente, ao apelo de Dash para levantar a proibição: «Estamos a discutir os princípios essenciais da UNITA, as nossas táticas futuras como movimento de guerrilha. Os oficiais sentir-se-iam intimidados se você assistisse e não querem que assista.»

Consequentemente, Dash dirigiu-se para o comité maior, a reunião das massas, com cerca de 200 delegados. Quando Dash e Katalayo entraram, o presidente, Chiwale, perguntou a Katalayo o que estava Dash ali a fazer. «Este 'espião' foi autorizado a assistir», disse Katalayo, em português, com expressão sincera. Chiwale riu-se ruidosamente e indicou-lhes um banco de madeira onde deviam sentar-se.

Os trabalhos eram cuidadosamente traduzidos para quatro línguas — o português, o chokwe, o ovimbundu e o cuanhama. Um delegado civil criticou os comissários políticos — ou organizadores políticos — que preferiam desenvolver a sua actividade na área das suas tribos. Contudo, disse também que em algumas áreas as assembleias civis da UNITA, compreendendo usualmente quatro aldeias, não queriam comissários políticos oriundos de outras tribos.

Chiwale respondeu, zangado: «Isto não será tolerado. Isso é tribalismo e não o desejamos. O problema principal entre o comissário político e as massas é que quando este chega a uma aldeia age como se fosse o deus, o rei.» Esta afirmação foi acolhida com ruidosos aplausos. «A população ressentente-se disto e este facto transforma-se em tribalismo, se ele for oriundo de uma tribo diferente. Existe um erro de ambos os lados.» Os aplausos morreram.

Dash e Katalayo foram, em seguida, para o comité dos conflitos, que provou ser o mais activo dos três a que o americano fora autorizado a assistir.

Um presidente civil da assembleia levantou-se e queixou-se que na sua área demasiados guerrilheiros estavam bêbados durante a maior parte do tempo: «Eles utilizam o milho e as batatas doces que lhes damos para clandestinamente fabricar bebidas alcoólicas, quando outras bases militares poderiam utilizá-los como alimento. Para além de ser um desperdício, também é perigoso.»

Um soldado raso, guerrilheiro, afirmou estar a tentar casar-se há mais de um ano: «Desejamos a liberdade de casamento, mas que tipo de liberdade é esta quando um oficial casa com quatro ou cinco mulheres ao mesmo tempo e toda a gente se cala?»

«E alguns oficiais», acrescentou um outro soldado, «andam a sabotar os esforços dos soldados. Quando vêem que um soldado tem uma rapariga bonita, transferem-no, de forma a poderem roubar-lhe a rapariga.»

Um camponês idoso gritou: «E as raparigas só querem casar com oficiais.» Porém, uma guerrilheira saltou do lugar e disse: «Esperem aí um minuto. Nem toda a culpa está do lado das raparigas. Por vezes, um comandante fala connosco e, quando o rejeitamos porque não gostamos dele, acusa-nos de tribalismo ou indisciplina e manda açoitá-los ou perseguir-nos.»

Uma delegada camponesa acrescentou: «Existe também um problema de classes. As raparigas só querem rapazes que tenham instrução. Os guerrilheiros engravidam as raparigas sem instrução e depois deixam-nas. Este não é amor verdadeiro.»

O presidente do comité, o tenente-coronel Antunes Cahale, estremeceu, no decurso dos trabalhos, à medida que observava Dash a tirar notas. Várias vezes perguntou a Katalayo se este tinha a certeza que Savimbi concedera autorização ao americano para assistir. Então, Cahale virou-se para Katalayo e perguntou: «Ele já não ouviu o suficiente?» Quando mais guerrilheiros e camponeses se levantaram para fazer valer os seus pontos de vista nas relações entre os sexos, Katalayo respondeu ao presidente que Dash não tinha ainda ouvido o suficiente, e a discussão prosseguiu.

Quatro secretários que estavam à esquerda de Cahale anotavam todos os pontos a serem apresentados no debate do plenário de encerramento do Congresso.

Quando Dash finalmente saiu, Katalayo disse-lhe: «Cahale não está habituado a que autorizem jornalistas a verem lavar a nossa roupa suja. Ele pertence à velha escola. O que acontece nas reuniões dos comités não é assim tão secreto. É apenas humano.»

Ao mesmo tempo, o secretário do comité de administração — general N'Zau Puna — estava a conduzir uma discussão, de longe mais calma, sobre o estabelecimento de escolas nas matas, para crianças e adultos. «Podemos ter de permanecer nas matas durante muito tempo ainda e precisaremos destas escolas», disse Puna aos cerca de 100 membros do comité, um quarto deles sacerdotes cristãos.

Teria de efectuar-se um censo, disse ele, «de forma a que durante uma ofensiva do Governo pudéssemos vir a saber quantas pessoas foram capturadas, mortas ou desaparecidas. Será também uma forma de apreciarmos o nosso sucesso para sabermos o número de novas pessoas que abandonam as cidades e vêm para as matas viver nas aldeias controladas pela UNITA.»

Puna exortou também os guerrilheiros e adeptos da UNITA a recolherem a nova moeda de Angola, chamada kwanza, que o MPLA começara a emitir em Janeiro de 1977, e enviá-la para as bases centrais da UNITA.

Depois do Congresso, N'Zau Puna mostrou a Dash uma enorme pilha de kwanzas que haviam sido recolhidos em pouco menos de três meses. «Isto equivale a 5 milhões de kwanzas», disse ele. «Recolhê-mo-los para criar falta de moeda em papel, forçar o Governo a imprimir mais e, em seguida, voltar a pôr em circulação o que recolhemos. A inflação seguir-se-á a um processo como este.»

* * *

No último dia do Congresso, os delegados, reunidos em sessão plenária, aprovaram uma extensa lista de resoluções. Estas incluíam:

Os guerrilheiros e civis que demonstrassem atitudes tribalistas seriam transferidos das regiões de onde eram oriundos para outras zonas tribais;

Os soldados e civis que fossem apanhados bêbados seriam encarcerados e ou açoitados severamente;

Comissões de inquérito, constituídas por soldados e camponeses, seriam estabelecidas com o objectivo de resolver conflitos sociais em acampamentos militares.

Uma resolução que propunha uma nova coligação com a FNLA foi derrotada por esmagadora maioria, no meio de aplausos.

A mais importante recomendação que surgiu do comité de estratégia e táticas de Savimbi foi a formação de um exército semi-regular. «A partir de hoje, 70 por cento do nosso tempo será passado a estruturar este exército», afirmou Savimbi no seu discurso final. «Temos de ter um exército convencional para combater os Cubanos. Têm de estar politizado, disciplinado e bem estruturado para conseguir derrotar o inimigo cubano.»

Mais tarde, Savimbi disse a Dash, em particular: «Até agora estou satisfeito com as operações dos nossos guerrilheiros, mas o preço tem sido alto de mais. Têm sido mortos demasiados homens e oficiais quando atacamos as cidades e vilas. Muitos dos nossos guerrilheiros apenas se reúnem, momentaneamente, para atacar um cidade ou uma vila e este facto gera descoordenação e muita indisciplina.

Um exército de guerrilha, por si só, não pode derrotar um exército regular. O Governo é um fantoche da União Soviética e dos Cubanos, mas é um governo angolano. Eles não desistirão como os Portugueses.

Os Cubanos não partirão daqui por causa de pressões exercidas por americanos ou outros quaisquer. Eles partirão daqui porque Agostinho Neto lhes mentiu e lhes disse ser ele o mais popular. Os Cubanos estão a morrer, por isso agora sabem que aquilo não é verdade. Se Fidel Castro os deixar aqui demasiado tempo, tornar-se-ão contra-revolucionários quando voltarem para Cuba. Os Russos têm em vista interesses comerciais em Angola, assim como nós. Os Cubanos são apenas os lacaios dos Russos.

Os Russos estão convencidos de que vão expandir-se através de todo o subcontinente sul-africano, mas ninguém no Ocidente sacrificará a África do Sul. Nem a França, nem a Inglaterra, nem os republicanos americanos, nem mesmo os democratas americanos.

Nenhum deles sacrificará a África do Sul. A geopolítica obrigá-los-á a voltarem-se de novo para mim.»

* * *

Durante o Congresso, as tropas da UNITA atacaram a pequena vila de Mbunjie, situada um pouco a sul do local da conferência. Três soldados ali capturados foram exibidos no último dia do Congresso. Porém, este facto teve consequências adversas. Houve diversos ataques a aldeias controladas pela UNITA, depois do Congresso, e foram mortos civis por tropas do MPLA².

Apesar deste revés, Savimbi considera que o Congresso constituiu um marco importante para a recuperação da UNITA: «A partir de então a população e os soldados começaram de novo a ter fé na UNITA e os líderes sentiram que o povo estava de novo moralizado para a luta.

Durante este tempo havíamos estado completamente sozinhos, em termos de ajuda do exterior. Ninguém estava preparado para nos ajudar, nem mesmo os Sul-Africanos que apoiavam alguns pequenos grupos da FNLA, a sul de Menongue, que, por sua vez, eram hostis à UNITA³.»

* * *

Porém, nesse mesmo mês ocorreu um acontecimento no exterior que iria modificar a sorte da UNITA. Os *gendarmes* catangueses, que tinham estado ao serviço dos Portugueses e mais tarde do MPLA e dos Cubanos, contra a UNITA no Leste de Angola, invadiram a sua província natal no Sul do Zaire, Shaba, e as tropas zaienses fugiram à sua frente. Era esta a primeira advertência violenta do aviso de Kaunda: «As consequências dos acontecimentos ocorridos em Angola ainda mal começaram a ser compreendidas em África⁴.»

CAPÍTULO XXVI

CONTACTO RESTABELECIDO COM O MUNDO EXTERIOR

1977

A INVASÃO da Província de Shaba, no Zaire, a partir de Angola, começou a 8 de Março de 1977. Alguns milhares de gendarmes catangueses e outros exilados, também catangueses, atravessaram a fronteira e avançaram em força em direcção a Kolwezi, uma grande cidade mineira, rica em cobre, cerca de 350 quilómetros para o interior do Zaire.

O exército do Presidente Mobutu, numericamente superior, fugiu, mas os pára-quedistas marroquinos, comandados por instrutores militares franceses, aerotransportados pela Força Aérea Francesa e equipados com armamento americano, conseguiram inverter as posições, após doze semanas de combates. Mobutu acusou o MPLA de ter instigado o ataque, e o Presidente Agostinho Neto respondeu violentamente, acusando Mobutu de continuar a abrigar os guerrilheiros da FNLA e da FLEC (Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda) e de estar a prepará-los para repetidos ataques contra Angola¹.

Savimbi identificou a invasão de Shaba como mais um importante ponto de viragem na boa sorte da UNITA: «Desde Fevereiro de 1976 até Março de 1977, os chefes de Estado africanos não desejavam avistar-se connosco, ignoravam-nos totalmente. Porém, imediatamente após Shaba ter sido invadida pelos Catangueses, organizados e armados pelos Cubanos, os Estados africanos e Mobutu começaram a compreender que os Cubanos não constituíam uma ameaça apenas para nós [UNITA], mas constituíam antes uma ameaça para toda aquela área.

Foi então que recebi um convite dos Estados africanos que desejavam avistar-se comigo. Nada tinham querido saber acerca da resistência da UNITA, porém, após a invasão de Shaba, ficaram interessados. O problema estava em como chegar ao Zaire².»

Savimbi enviou um mensageiro à Namíbia para pedir aos Sul-Africanos a concessão de uma passagem, em condições de segurança, através daquele país, para chegar à África negra. Isto constituía uma aventura perigosa na altura, porque os Sul-Africanos tinham dirigido o seu apoio para elementos sobreviventes da facção de Daniel Chipenda, da FNLA. Grupos de combatentes de Chipenda estavam a ser treinados em campos situados em regiões remotas do Sul de Angola: tinham-se confrontado diversas vezes com guerrilheiros da UNITA, dos quais resultaram mortes de ambos os lados. «Enfrentámos os Cubanos e o MPLA e na nossa retaguarda tínhamos a FNLA», revelou Savimbi³.

De entre os adeptos de Chipenda, da FNLA, os Sul-Africanos haviam tentado criar o que eles baptizaram como o «Partido Anticomunista do Sul de Angola», sob a liderança de um seguidor de Chipenda, Vita Kambuta. Kambuta estivera com Chipenda no MPLA e depois, quando este aderiu à FNLA, seguiu-o. Em 1979, os Sul-Africanos mandaram Kambuta para Kinshasa, numa tentativa para fazer reviver a facção de Holden Roberto dentro da FNLA. Porém, Kambuta depressa renunciou ao que ele considerou ser uma luta inglória e desertou para o MPLA em Luanda.

Os Sul-Africanos concordaram com o pedido de Savimbi e, em Setembro de 1977, ele voou da base da Força de Defesa Sul-Africana em Rundu, na Namíbia, para Kinshasa. Durante dois meses ele utilizou a capital zairense como base, sempre que fazia viagens clandestinas, através de África, para se avistar com muitos dos chefes de Estado que tinham votado contra o MPLA na votação 22-22 da Cimeira da OUA sobre Angola, em Janeiro de 1976.

«A primeira pergunta que Mobutu me fez dizia respeito ao que estava a acontecer com os Catangueses em Angola. Consequentemente, demos-lhe todas as informações que possuíamos e dissemos-lhe ter sido muito mau que não tivéssemos tido qualquer contacto antes, porque poderíamos ter-lhe contado tudo sobre os preparativos para invadir o Zaire. Dissemos-lhe: 'Podíamos ter-vos alertado. Mesmo agora podemos ser de utilidade para vós, porque podemos fornecer-vos informações acerca das movimentações dos Catangueses e, se necessário for, podemos armar-lhes emboscadas e cortar-lhes o acesso às suas bases em Angola.'

Disse-lhe que nós entendíamos que a presença dos Cubanos em Angola constituía não só uma ameaça para a nossa independência mas também para ele. Por isso, ele compreendeu e disse estar preparado para ajudar, porém, não podia dar-nos armas ou dinheiro. Apenas podia pôr-nos em contacto com outros que o poderiam fazer⁴.»

A partir de Kinshasa, uma das primeiras viagens de Savimbi foi a Dacar, para se avistar com o Presidente Leopold Senghor, do Senegal, que dera apoio aberto à UNITA em 1975-1976. Ele disse agora a Savimbi que seriam fornecidos aos representantes da UNITA passaportes senegaleses e bilhetes de identidade, de forma a poderem viajar livremente por

todo o mundo. Contactou também com o rei Hassan de Marrocos e pediu-lhe para receber Savimbi.

Savimbi partiu para Marrocos em Outubro de 1977: «Penso que o encontro entre mim e o rei Hassan alterou completamente a situação da UNITA, porque o rei Hassan tem conduzido a nossa luta diplomática. A partir daí a UNITA não mais ficou isolada. O rei fez com que os seus amigos se tornassem nossos amigos também⁵.»

Os pormenores exactos do acordo proposto a Savimbi pelo rei Hassan poderão nunca vir a ser conhecidos. Nem talvez a natureza exacta da coligação internacional que encorajou, persuadiu e apoiou o rei marroquino no seu apoio à UNITA. Contudo, uma série de factos emergiu no decurso das minhas conversas com Savimbi.

Primeiro, a UNITA conseguiu instalar um quartel-general seguro no exterior, em Rabat, a capital marroquina, a partir do qual podia conduzir as suas actividades diplomáticas. A UNITA estava instalada numa grande casa da época colonial, num subúrbio de Rabat, com homens da segurança marroquina guardando as entradas. Os visitantes que chegavam para se avistar com os oficiais da UNITA passavam rapidamente pelas salas VIP, nos aeroportos de Rabat e Casablanca.

Segundo, Marrocos ofereceu a Savimbi facilidades de treino militar em Benguerir, perto de Marraquexe, para um número de até 500 homens de cada vez. Foi proposto um amplo programa de instrução militar, desde técnicas básicas de infantaria, especialidades em rádio e explosivos, até às táticas de pára-quedismo. Savimbi aceitou a oferta, e durante vários anos os seus homens passaram por Marrocos.

Terceiro, Marrocos forneceu-lhe armas e outro equipamento. Por exemplo, 10 000 fardas foram enviadas para Angola, provenientes de Marrocos, em 1978, para o recentemente criado exército semi-regular da UNITA.

Quarto, Marrocos era o ponto de contacto ideal em relação aos governos ocidentais e do Médio Oriente, que não só desejavam ajudar a UNITA como também recolher informações sobre a situação em Angola⁶. Entre 1977 e 1979, Savimbi admite ter recebido cerca de 10 milhões de dólares em dinheiro de contribuições para a UNITA, provenientes de países que não citou⁷.

* * *

A ligação de Marrocos com Angola é uma ligação complexa; porém, as suas raízes provêm da própria guerra do rei Hassan com a Frente Polisário. A Frente, um movimento guerrilheiro de libertação, que tem estado em luta com Marrocos desde o princípio de 1976, por causa do antigo território espanhol do Sara Ocidental. O rei Hassan anexou o Sara Ocidental a Marrocos após a retirada de Espanha, não obstante uma resolução da missão das Nações Unidas, segundo a qual a maioria dos sarauis queriam a independência total e apoiavam a Frente Polisário, e de uma

opinião consultiva, emitida pelo Tribunal Internacional de Haia, que recomendava a autodeterminação para o Sara Ocidental. A Frente Polisário, com o apoio da Argélia, que forneceu aos Sarauis uma base segura e um refúgio em Tindouf, no Oeste da Argélia, levava a efeito um combate sem tréguas⁸.

A Argélia era, por seu turno, um líder africano da OUA que apoiava o MPLA em Angola e tinha boas relações com a União Soviética, a qual forneceu cerca de 600 conselheiros militares ao Exército Argelino, entre 1970 e 1975, e armamento no valor de 90 milhões de dólares. A União Soviética prestara também, durante o mesmo período, mais ajuda económica à Argélia do que qualquer outro país africano, à excepção do Egipto⁹. O armamento da Frente Polisário era soviético. Assim, o rei Hassan encarava os Soviéticos, através da Frente Polisário e da Argélia, como a maior ameaça aos seus interesses. Os Soviéticos e os seus mais próximos aliados, os Cubanos, deviam, portanto, ser combatidos em todos os pontos possíveis da sua intervenção em África. Deste modo, Marrocos enviara tropas para ajudar a combater a invasão catanguesa do Zaire e começava agora a treinar oficiais da UNITA.

Os oficiais da UNITA, com quem falei ao longo dos anos, contaram-me terem sido treinados tanto por oficiais franceses como por marroquinos, perto de Marraquexe. Os Franceses têm sido um dos maiores fornecedores de armas de Marrocos, e os caças de ataque ao solo *Jaguar*, da Força Aérea Francesa, efectuaram ataques conjuntos a posições da Polisário no Sara Ocidental¹⁰.

A outra fonte importante de armamento para Marrocos tem sido os Estados Unidos. O fluxo, de e para fora de Marrocos, de oficiais das Forças Armadas Americanas e funcionários do Departamento de Defesa, como foi referido pelas agências noticiosas internacionais, atingiu um volume considerável nos finais dos anos setenta e ao longo dos anos oitenta. Ao ajudar o aliado da América, o Zaire, a enfrentar os Catangueses e ao apoiar um movimento anti-MPLA em Angola, diversos cronistas observaram que Marrocos fizera tudo aquilo que lhe poderia ter sido pedido se quisesse receber uma torrente de armamento sofisticado para combater a Frente Polisário¹¹. Essas armas — aviões de combate *F-5*, caças contra-ofensivos *Bronco*, tanques *M-60*, mísseis terra-ar *Maverick*, equipamento de radar e detecção electrónica, helicópteros *Bell*, bombas de feixe — começaram a chegar e, em 1982, uma comissão militar conjunta dos Estados Unidos e Marrocos foi colocada em Rabat pelo secretário de Estado dos Estados Unidos, general Alexander Haig, para ajudar o Exército Real Marroquino a derrotar a Polisário. Em 1984, Marrocos — equipado também com jactos *Mirage-1* fornecidos pela França, helicópteros *Puma* e *Gazelle* e veículos blindados — avançara com 100 000 militares para zonas do Sara Ocidental que durante mais de uma década tinham sido livremente percorridas pelos guerrilheiros.

Também em 1984, uma revista publicou um relatório que dizia: «Estão 'peritos' americanos a treinar rebeldes da UNITA, na base de Benguerir, perto de Marraquexe¹².»

* * *

Após ter obtido uma promessa de ajuda por parte do rei Hassan, Savimbi precisava agora de um canal por onde fazer chegar as armas de Marrocos até à UNITA e de uma saída para o exterior de Angola até Marraquexe, destino dos oficiais escolhidos para receber instrução militar nas bases marroquinas. Os Sul-Africanos concordaram em que a Namíbia fosse utilizada como estrada de tráfego entre a UNITA e os seus «amigos» do exterior¹³. Na mesma altura, os Sul-Africanos nomearam um jovem oficial dos serviços de informação militar de Natal, tenente-coronel Philip du Preez, para o cargo de oficial de ligação, a tempo inteiro, com a UNITA.

Savimbi nega ter-lhe sido oferecida qualquer outra ajuda, para além das facilidades de trânsito, nesta altura, pelos Sul-Africanos. O *Daily Telegraph*, contudo, informava que, em Julho de 1977, a UNITA tinha três bases no Nordeste da Namíbia, de onde os guerrilheiros se podiam movimentar livremente e atravessar a fronteira¹⁴. O Professor John Marcum afirmava que a África do Sul estava a ajudar a treinar as tropas da UNITA na sua base gigante de Grootfoutein, situada na Namíbia¹⁵.

A partir de Julho de 1977, tornou-se patente um novo padrão de escaramuças, ao longo da fronteira, entre o MPLA e a UNITA. A 27 de Julho, as forças da UNITA atacaram a pequena vila fronteiriça do Cuangar, nas margens do rio Cubango. Os relatos da sua captura são vagos e inteiramente facciosos. A UNITA reivindica ter danificado um avião de transporte *Antonov-26*, do MPLA, de fabrico soviético, quando este se preparava para descolar; ter capturado quatro canhões sem recuo soviéticos *B-10* de 75 mm e mais de 200 espingardas *Kalashnikov AK-47*, e ter destruído as infra-estruturas da vila¹⁶. O MPLA regressou em força com tropas cubanas a 9 de Outubro de 1977 e recapturou a vila¹⁷.

Porém, pouco depois de a UNITA ter perdido de novo Cuangar, as suas forças capturaram um pequeno posto de comércio fronteiriço, Mucusso, nas margens do Cubango, junto à fronteira de Caprivi Strip, na Namíbia, ao qual o MPLA não mais voltaria e se tornou no principal ponto de contacto com as autoridades militares da África do Sul¹⁸. O MPLA nunca admitiu publicamente que a UNITA tivesse capturado Mucusso e, mais tarde, as forças locais do MPLA comunicaram falsamente para Luanda que Mucusso havia sido recapturado¹⁹. Este era um modelo de actuação do MPLA que viria a repetir-se, no futuro, à medida que a UNITA tomava mais cidades e guarnições: os oficiais de informação da UNITA observaram este facto como indicativo da baixa moral e disciplina do MPLA.

Não só Savimbi começou a mandar soldados para treino militar em

Marrocos (e provavelmente para a Namíbia), em 1977, fazendo parte da sua estratégia militar a longo prazo, como também mandou para Paris uma elegante rapariga, Anna Kulipossa, e outras jovens mulheres da UNITA frequentarem cursos de secretariado e línguas. A UNITA que ele estava a construir viria a precisar de muitas mais secretárias e tradutoras do que o punhado das que se tinham treinado, no Senegal e na Costa do Marfim, em 1975-1976. Enviou também um número determinado de graduados em Ciências nos liceus portugueses de Angola para escolas médicas em França, Suíça e Portugal e para universidades agrícolas nos Estados Unidos. Isto representava um pensamento em termos de longo prazo, porque eles apenas começavam a regressar ao território da UNITA, como médicos e técnicos agrícolas, a partir do fim do ano de 1984 em diante.

Entretanto, deu-se um influxo, em meados do ano de 1977, de enfermeiros altamente qualificados, oriundos das áreas controladas pelo MPLA, no Centro de Angola, com destino aos campos da UNITA. Eles ajudaram a suprir a total falta de médicos para os guerrilheiros.

O influxo foi largamente inspirado por uma série de castigos que o MPLA começou a aplicar aos missionários estrangeiros. Após um período de ausência, durante o auge dos combates, em 1975-1976, o missionário canadiano Dr. George Burgess (ver o prólogo) regressara ao Instituto do Dondi, no Centro de Angola, em Novembro de 1976, para continuar a desenvolver a sua actividade médica sob o domínio do MPLA. O complexo do Dondi era o mais grandioso de entre todas as instituições da Igreja Unida em Cristo, em todo o Centro de Angola, e seria talvez o maior em toda a África. Situado entre o Huambo e o Bié, perto do Caminho de Ferro de Benguela, abrangia uma área de cerca de 32 quilómetros quadrados. Havia uma escola primária, uma escola secundária, os escritórios da principal igreja protestante no Centro de Angola, uma escola nacional de investigação científica, um sanatório para leprosos, uma tipografia, um seminário para instrução de pastores da igreja, uma escola de enfermagem e um hospital, com 35 camas, dirigido pelo Dr. Burgess.

O Dr. Burgess deve ter-se apercebido que estava a correr riscos, porque foi o último missionário protestante branco a operar no Centro de Angola — e estava estabelecido no Dondi, onde tantos líderes da UNITA haviam recebido parte da sua educação. Pouco antes de ele regressar, os dois missionários protestantes que ainda se encontravam no Centro de Angola, o Dr. Betty Bridgman e a enfermeira Edith Radley, foram presos na noite de 19 de Outubro de 1976, no hospital onde se encontravam, na Chissamba, a cerca de 120 quilómetros do Dondi. Tinham sido submetidos a interrogatórios constantes e buscas, desde que o MPLA assumira o poder. Numa ocasião, alguns membros da população local, incluindo pessoal do hospital, tinham sido cercados, apanhados e executados perto do hospital, sob o pretexto de continuarem ainda a apoiar a UNITA²⁰. Imediatamente após as detenções do Dr. Bridgman e da enfer-

meira Radley, os cerca de 30 enfermeiros africanos que se encontravam na Chissamba fugiram com as suas famílias, para se reunirem a grupos da UNITA, na mata. O Dr. Bridgman e a enfermeira Radley estiveram detidos, sem julgamento, na prisão de Luanda, durante três meses, e foram espoliados de todos os seus haveres antes de serem expulsos para o Canadá, onde lhes foram concedidas condecorações pelo Governo, por coragem e prestação de serviços à humanidade.

Uma campanha anti-Igreja, reflectindo os sentimentos marxistas e anti-religiosos de facções poderosas no seio do MPLA, estava a ser promovida, nesta altura, por Ambrosio Lukoki, o secretário do partido para os assuntos ideológicos. A campanha subestimava a importância das igrejas protestantes fundadas por missionários no desenvolvimento de todas as correntes do nacionalismo angolano. Lukoki foi demitido em Dezembro de 1982, mas, no final de 1984, Lúcio Lara, o chefe ideológico do MPLA, afirmou que nenhum cidadão angolano podia ser ao mesmo tempo membro do partido e membro de uma igreja: um candidato a membro do MPLA podia ser um praticante religioso, mas quando se chegava à decisão final para se tornar membro efectivo do MPLA ele ou ela tinham de abandonar a Igreja ou desistir da candidatura²¹.

Quando o Dr. Burgess foi chamado a Luanda, em Maio de 1977, ostensivamente, para renovar o passaporte, suspeitou que não seria autorizado a regressar e que o MPLA iria molestar o seu pessoal. Avisou o enfermeiro-chefe, Dachala Morais, para este partir e juntar-se à UNITA na mata, levando consigo outros enfermeiros e tanto equipamento quanto fosse possível²².

O MPLA atacou o hospital na noite em que o Dr. Burgess partiu. «Morais não conseguiu salvar nada», recorda Savimbi. «Apenas teve tempo de fugir com os outros. O MPLA saqueou o Dondi, levando todo o equipamento. Em seguida, ocupou-o e transformou-o num campo de instrução militar.» Havia tristeza na sua voz à medida que prosseguia: «Eles querem transformá-lo num centro de treino militar, para que as pessoas se esqueçam dos valores que o Dondi representa. Os missionários do Dondi construíram uma obra grande. Os Portugueses não gostavam dele e o MPLA também não, ele constituía o centro dos intelectuais, na região centro e sul. Sempre que pensamos no Dondi, ele é um ponto de reunião. Muitos de nós foram lá educados até certa altura. E, desde que ele representa um ponto de reunião, o MPLA quer que o povo se esqueça que o Dondi existe.»

Do ponto de vista do MPLA, não constituía surpresa (embora fosse imperdoável) que houvesse uma perseguição a centros como o Dondi, Chissamba e outros, que eram centros de apoio da UNITA, ainda por reconstruir na altura. O MPLA não podia estar seguro de que os guerrilheiros da UNITA não estivessem lá abrigados.

Morais e os outros enfermeiros, que com ele fugiram para a mata, tinham assistido a muitas operações cirúrgicas efectuadas no Dondi, ao

longo de muitos anos. O mesmo acontecia com Manazes Kawanga, enfermeiro-chefe na Chissamba. Nas matas, com a UNITA, eles reuniram-se a camaradas de outros centros missionários saqueados e decidiram instalar hospitais onde eles próprios efectuavam operações, principalmente amputações e remoção de apêndices, sem a supervisão de médicos. Começaram também a treinar paramédicos. «No decurso da primeira guerra [contra os Portugueses] não tínhamos connosco nenhum destes enfermeiros oriundos de missões, altamente treinados», afirmou Savimbi. «Até eles se juntarem a nós, em 1977, tínhamos muito poucos bons enfermeiros. As pessoas morriam apenas porque tinham apendicite, mas agora já não morrem²³.»

Também com os enfermeiros, fugiram os líderes do Conselho da Igreja Evangélica para o Centro de Angola, cujo quartel-general estava instalado no Dondi, e que, por sua vez, fundaram igrejas na mata, no território controlado pela UNITA.

O Dr. Burgess foi expulso assim que chegou a Luanda. Regressou ao Canadá e aceitou um lugar no centro médico da Igreja, na Terra Nova. Em seu devido tempo, ele veio a saber que o MPLA ocupara o Dondi e que a sua própria casa fora saqueada. Sobre Savimbi, Burgess pensou estar em segurança para escrever: «Ele tem um espírito brilhante; é um líder de projecção; é um homem com um grande coração. Os meus camaradas africanos sentiam poder contar com a veracidade da sua palavra e que ele era um homem de integridade... Tenho a certeza de que as suas motivações são justas e nobres e de que ele devia ser encorajado e apoiado para levar a cabo a difícil tarefa de procurar a verdadeira independência e justiça para Angola²⁴.»

Assim como Savimbi reconhecera a dívida de gratidão da liderança da UNITA para com o trabalho conjugado da Igreja, efectuado nas escolas e hospitais rurais, talvez também o Dr. Burgess se identificasse, de alguma maneira, com a essência da UNITA, quando escreveu: «A Igreja trabalhou como uma organização democrática e é esta a razão pela qual o povo ovimbundu está melhor orientado para a realização de eleições, decisões de maioria, debates, etc., do que outros grupos étnicos. Este facto surge, de forma inequívoca, nas tentativas da UNITA para conseguir a paz, pela discussão e votação, nos dias de transição²⁵.»

* * *

O saque ao Dondi marcou o princípio de uma nova tendência na luta entre a UNITA e o MPLA. Ao longo de todo o ano de 1976 e parte de 1977, os Cubanos e o MPLA haviam tentado conduzir uma campanha de mentalização para conquistar a população. «Não os maltrataram nem os aprisionaram», afirmou Savimbi. «Tentaram dar uma espécie de liberdade religiosa, de forma a não antagonizarem toda a gente. Em 1976, o MPLA conseguiu mobilizar os seus simpatizantes contra nós, à volta

do *slogan* 'combatendo os Sul-Africanos'. E, durante algum tempo, funcionou. Porém, mais tarde, até os seguidores do MPLA se deram conta de que os Sul-Africanos haviam partido e os estrangeiros que tinham ficado eram os Cubanos. Viram os Cubanos começarem a trazer as suas famílias, e, mesmo aquelas pessoas que no princípio simpatizavam com o MPLA, começaram a encarar este facto como neocolonialismo.

No decurso de 1977 e 1978, quando o MPLA chegou à conclusão que aquelas pessoas que tinham apoiado a UNITA eram incuráveis, que não queriam mudar, que queriam ficar ao lado da UNITA, começou a exercer repressão e a massacrar o povo.

Em vez de intimidar o povo, esse facto alarmou-o. Viram que o Governo, não era o seu governo²⁶.»

Para além dos enfermeiros e dos pastores, também os professores e administradores fugiram para as matas quando outros centros missionários, tais como Elende, Chilesso e Camundongo, foram saqueados e encerrados pelo MPLA. No final de 1977, apenas a missão do Bailundo, a norte do Huambo, e a leprosaria do Dondi continuavam a funcionar, entre cerca de 25 centros missionários protestantes, activos, no Centro de Angola, até e após a independência²⁷.

No final de 1977, o director da Agricultura do MPLA para a Província do Huambo, Daniel Catata, irmão de um comandante da UNITA (ver capítulo XXIII), desertou a favor da UNITA e tornou-se o director da agricultura dos resistentes. Trouxe com ele cada um dos peritos em agricultura do seu departamento, e o êxodo foi seguido por engenheiros eléctricos, de telefones e hidráulicos, oriundos da Administração do Centro de Angola, que começaram a trabalhar, instalando geradores eléctricos, água encaçada e por bombas, e sistemas internos de comunicações por telefone, nos acampamentos de base da UNITA. Os administradores da linha do Caminho de Ferro de Benguela vieram juntar-se aos guerrilheiros e foram absorvidos pelo serviço administrativo da UNITA, agora em desenvolvimento²⁸.

Enquanto a política do MPLA se transformava de persuasão em opressão, Daniel Ekundi, o «pai», de 73 anos, do nacionalismo negro, no Centro de Angola, e sua mulher foram executados na cadeia do Huambo a 27 de Agosto de 1977, sem terem sido acusados ou sequer julgados. Os Ekundi eram adeptos da UNITA, mas estavam demasiado debilitados para poderem juntar-se ao movimento, na mata. Parece terem sido mortos por se recusarem a renunciar à sua lealdade à UNITA (ver capítulo I).

* * *

Um dos elementos chave da filosofia de Savimbi era que, se a UNITA conseguisse sobreviver, os acontecimentos à sua volta, em Angola e na cena internacional, alterar-se-iam eventualmente, concedendo-lhe vantagens. Agora, havia notícias encorajantes para a UNITA, provenientes das próprias fileiras do MPLA.

A 27 de Maio de 1977, uma facção radical do MPLA, aparentemente orientada para as zonas rurais mais do que para Luanda e ressentida com a predominância dos mestiços sobre os negros no governo de Agostinho Neto, tentou tomar o poder através de um golpe.

Este foi liderado por Nito Alves, que lutara ao lado do MPLA desde 1961, após a primeira sublevação do movimento ter falhado. Quando se deu o golpe militar em Portugal, em 1974, ele era o líder militar e político do MPLA, na difícil e densamente arborizada região dos Dembos, a nordeste da capital, isolada, e, em consequência, consideravelmente independente de outros líderes, com as suas bases instaladas em refúgios fora do país. Durante o período do Governo de Transição, transformou-se no líder dos militantes do MPLA nos *muceques* de Luanda, onde organizou os comités denominados «Poder Popular», que lutaram primeiro contra os portugueses brancos, antes de se voltarem contra a FNLA e expulsá-la da cidade²⁹.

Ele era considerado por alguns como o segundo homem do poder, a seguir a Agostinho Neto, e fora nomeado ministro do Interior, quando o MPLA formou o primeiro Governo de Angola. Porém, o descontentamento de Nito Alves com a alegada orientação de Agostinho Neto a favor dos intelectuais urbanos mestiços, tais como Lúcio Lara, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge, e o ministro da Defesa, «Iko» Carreira, constituiu foco de divisão no seio do Governo e, em Outubro de 1976, Nito Alves foi condenado por faccionismo e expulso do seu ministério.

Nito Alves conservou o seu lugar no Comité Político Central, mas espalharam-se rumores de que, juntamente com outros «nitistas», como chamavam aos adeptos, conspirava contra o Governo. Apareceram panfletos clandestinos em que atacavam, em termos racistas, os portugueses brancos que trabalhavam como cooperantes para o Governo Angolano. Foi criada uma comissão de inquérito para investigar as alegações segundo as quais Nito Alves e um outro membro do comité central, José Van Dunem, comissário político das Forças Armadas Angolanas no Sul de Angola, e outros nitistas no seio do MPLA teriam, deliberadamente, engendrado carências alimentares, de forma a gerar o descontentamento. O Comité Central reuniu-se a 20 e 21 de Maio de 1977 e expulsou Nito Alves e José Van Dunem. Seis dias mais tarde, tiveram início as tentativas de golpe de Estado, quando as tropas nitistas atacaram a prisão de São Paulo, em Luanda, e outros pontos chave com morteiros e espingardas automáticas. Foram mortos dez líderes superiores do Governo e militares, incluindo três membros do Comité Central, e o ministro das Finanças, Saydi Mingas. Os Cubanos não se mantiveram neutrais. Aliaram-se ao Presidente Agostinho Neto e, por volta do meio-dia, a estação de rádio que os nitistas tinham ocupado e a partir da qual lançavam apelos para manifestações de massas no exterior do palácio presidencial foi retomada e os resistentes fugiram para os *muceques*, com alguns reféns.

Com o poder governamental precariamente restabelecido em Luanda, foi imposto um recolher obrigatório desde o nascer ao pôr do Sol, com barragens de rua por toda a cidade. Cubanos, em tanques e carros blindados, guardavam os edifícios públicos. A 31 de Maio, Agostinho Neto proferiu um emotivo discurso, durante o qual afirmou que os resistentes tinham adeptos em algumas províncias e em organizações de massas, tais como a Juventude do MPLA, a Organização da Mulher Angolana (OMA), a Divisão Militar das Mulheres e a Polícia Militar.

Embora Agostinho Neto inicialmente mostrasse que alguma clemência seria adoptada em relação aos golpistas, preparava-se para breve uma repressão massiva. Os comissários do MPLA e comités directivos em oito províncias, que tinham sido nomeados por Nito Alves, foram afastados. Foram presas milhares de pessoas e milhares de nitistas foram demitidos dos seus empregos.

Inicialmente os líderes do golpe escaparam; contudo, José Van Dunem foi capturado em Junho. Nito Alves foi capturado em Julho, quando Agostinho Neto anunciou, em público, a formação de um tribunal militar especial para julgar os que fossem presos por cumplicidade na tentativa do golpe. A investigação oficial sobre o golpe referia-se ao sucesso de Nito Alves, um campeão na defesa de laços mais estreitos com Moscovo e visitante assíduo da Embaixada Soviética, na forma de iludir Estados «amigos». Os Soviéticos falharam por não terem avisado com antecedência Agostinho Neto das intenções de Nito Alves e o embaixador soviético foi, em consequência, obrigado a partir discretamente³⁰.

Os trabalhos do Tribunal Militar Especial foram levados a efeito em segredo e os veredictos e sentenças nunca foram anunciados oficialmente. Não se sabe quantos mais casos foram apresentados ao Tribunal e quantos sumariamente foram tratados pela polícia de segurança.

A 1 de Agosto de 1977, Agostinho Neto revelou que alguns líderes do golpe haviam sido fuzilados, quando afirmou, com veemência, durante uma cerimónia pública: «Uma vez iniciados os assassínios, particularmente aqui em Luanda, de camaradas que foram mortos por motivos táticos concretos, esses indivíduos também já foram mortos.» Em 1978, o escritor comunista australiano Wilfred Burchett confirmou que Nito Alves fora executado por um pelotão de fuzilamento³¹. Acredita-se que outros que foram executados incluíam José Van Dunem, o ministro do Comércio Interno, David Aires Machado, Sitta Valles (a mulher de José Van Dunem), dois comandantes superiores do exército do MPLA, Jacob João Caetano (popularmente conhecido como «Monstro Imortal») e Ernesto Eduardo Gomes da Silva «Bakaloff» (um dos juizes no julgamento dos mercenários britânicos), assim como outros líderes importantes do MPLA.

* * *

A revolta nitista reduziu o Comité Central do MPLA a um terço —

três assassinados na tentativa de golpe, cinco conspiradores executados, posteriormente, e dois suspensos por não terem revelado o seu conhecimento prévio das intenções dos golpistas³². Este facto levou a que Agostinho Neto passasse a exercer um controlo mais severo no seio do partido. Quando o MPLA levou a efeito o seu congresso, de 4 a 11 de Dezembro de 1977, Lúcio Lara anunciou planos para o substituir por um novo «partido de vanguarda das classes trabalhadoras», o MPLA-Partido do Trabalho. Isto, afirmou Neto, faria com que Angola se aproximasse cada vez mais de um governo marxista. O partido devia fortalecer a participação dos trabalhadores e exercer controlo absoluto sobre todas as instituições estatais, segundo a doutrina clássica leninista³³.

CAPÍTULO XXVII

A ARTE DE SOBREVIVER

1978

Se sobrevivermos, então as coisas alterar-se-ão à nossa volta.

Jonas Savimbi¹.

O ANO DE 1978 foi um ano difícil para Jonas Savimbi, embora tivesse começado de maneira satisfatória.

No final de 1977, o esquadrão «Chipenda» da FNLA fora virtualmente expulso das bases que ainda mantinha em Angola, entre Menongue e a fronteira angolana, pelo MPLA/Cubanos. Os homens de Chipenda infiltraram-se através da fronteira, acompanhados dos seus líderes, e procuraram refúgio na Namíbia. Aí, alguns deles foram de novo sujeitos a treino intensivo, com o objectivo de se transformarem no núcleo do Batalhão n.º 32 da Força de Defesa Sul-Africana (Batalhão Búfalo), a operar sob o comando de oficiais sul-africanos na fronteira entre a Namíbia e Angola.

«Foi quando, finalmente, os Sul-Africanos chegaram à conclusão de que a FNLA era uma carta a não ser jogada, porque não conseguia organizar o que quer que fosse. Portanto, começaram a adoptar em relação a nós uma posição mais tolerante», afirmou Savimbi. «A FNLA tinha consigo, em Angola, muitos instrutores e conselheiros sul-africanos, mas, quando se deu o grande ataque cubano e do MPLA contra as posições da FNLA (em finais de 1977), não houve praticamente resistência por parte da FNLA. Foram completamente derrotados. Não ficou nenhum deles, e o MPLA conseguiu capturar um oficial sul-africano que trabalhava para a FNLA².»

Segundo Savimbi, a primeira ajuda que a África do Sul prestou foi médica, tendo levado para tratamento em hospitais militares da

SADF*, na Namíbia, os soldados da UNITA que estavam gravemente feridos. Em devido tempo, a UNITA construiu um hospital de campanha, numa ilha do rio Cubango, entre o Mucusso e a margem da Namíbia. O hospital não podia ficar situado no próprio Mucusso porque a UNITA tinha colocado na povoação enorme quantidade de minas terrestres e anti-pessoais antes de o ter recapturado ao MPLA, e, assim, este povoado transformou-se numa terra-de-ninguém.

«Não obstante», argumentou Savimbi, «a verdade é que os Sul-Africanos queriam a FNLA aqui no Sul de Angola como uma força que pudessem controlar. Os Sul-Africanos não abandonaram nunca a ideia da reconstrução da FNLA. Nós sabemos isso, embora eles tenham tentado escondê-lo de nós³.»

É muito difícil ser preciso acerca da natureza das relações existentes entre a UNITA e a África do Sul no princípio de 1978; porém, eram suficientemente moderadas para permitirem a Mike Nicholson, na altura repórter da I.T.N.**, instalado em Joanesburgo, obter autorização da SADF (Força de Defesa Sul-Africana) para atravessar a fronteira namibiana, nos princípios de Março, em busca de Savimbi.

Sem conhecimento de Nicholson, Agostinho Neto tinha-se encontrado, regularmente, com oficiais superiores sul-africanos, desde Fevereiro, na presença de representantes da administração do Presidente Carter, na ilha do Sal, em Cabo Verde, ao largo da costa ocidental da África. Estavam a tentar chegar a um acordo para conseguir a independência da Namíbia, que de facto levaria à suspensão dos ataques da SWAPO à Namíbia, a partir de bases instaladas no Sul de Angola, onde os guerrilheiros da SWAPO estavam a ser treinados por tropas cubanas e onde lhes eram fornecidas armas soviéticas⁴.

O primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, anunciou aceitar as propostas feitas, sobre a Namíbia, por cinco países ocidentais: Grã-Bretanha, Canadá, França, Alemanha Ocidental e Estados Unidos, que formavam o então denominado Grupo de Contacto, em 25 de Abril de 1978. O acordo preconizava a retirada da Namíbia de quase 1500 militares sul-africanos no prazo de doze semanas a partir da chegada, para administrar o território, do Grupo de Assistência para a Transição das Nações Unidas (UNTAG). Segundo o acordo, as forças da SWAPO ficariam confinadas às suas bases em Angola. A UNTAG controlaria a observância do cessar-fogo por ambas as partes, os Sul-Africanos e a SWAPO, e organizaria a eleição de uma assembleia constituinte namibiana, com o objectivo de preparar uma constituição de independência.

Savimbi considerou a colaboração de Agostinho Neto com o Grupo de Contacto como parte da nova política geral do líder do MPLA, na

* South African Defence Force — Força de Defesa Sul-Africana. (N. do T.)

** I.T.N. — Independent Television News. (N. do T.)

procura de cooperação com o Ocidente, numa tentativa para incrementar a economia angolana: «As nossas informações e análise puseram em evidência as diferenças que começavam a aprofundar-se entre Neto e os Cubanos e os Russos em 1978. Ele era um homem de inteligência invulgar e sabia que, ao mesmo tempo que combatia os guerrilheiros com soldados, tinha também de combatê-los em terreno económico e social. Agostinho Neto sabia ser essa a maneira de fazer com que o povo saísse das matas para apoiar o Governo. Ele queria tirar a economia do abismo e poder dizer ao povo: 'Olhem, não têm necessidade de seguir a UNITA porque vocês têm isto e aquilo.' É minha convicção que, por volta de 1978, ele já se dera conta de que os Cubanos não eram capazes de fazer isto por ele⁵.» Em parte, o desencanto de Agostinho Neto com a União Soviética provavelmente remontava também à altura da tentativa de golpe de Nito Alves⁶.

Em meados de 1978, o MPLA teve aberturas em relação a Portugal, à França, aos Estados Unidos e aos países escandinavos, que resultaram em mais comércio e ajuda tecnológica e prepararam o caminho para o retorno gradual de técnicos portugueses, que vinham trabalhar por contrato, em quase todos os sectores da economia⁷.

Savimbi disse que, em 1978, a UNITA fez propaganda vantajosa, para o seu lado, das deficiências económicas dos Cubanos: «Existira, por exemplo, um colonato português agrícola, de pequena escala, instalado perto de Cela, antes da independência. O MPLA enviou cubanos, com as suas famílias, para pôr o projecto de novo a funcionar, em 1978. Estes desistiram, por causa da hostilidade total demonstrada pela população local, que via os cubanos como uma nova espécie de portugueses. Para além disso, esses cubanos não sabiam como operar as máquinas existentes nessa área. Quando o projecto começou, os nossos comissários disseram aos aldeões: 'Reparem, os cubanos estão aqui para sempre.'⁸

Pouco depois de Nicholson ter atravessado a fronteira em direcção a Angola, o seu camião foi alvo de uma emboscada pelas forças do MPLA. Fugiu a pé com soldados da UNITA para as matas. Ao mesmo tempo, os oficiais militares sul-africanos de ligação contactaram a UNITA para contar a Savimbi as consequências do seu entendimento da ilha do Sal com Agostinho Neto: «Disseram-nos que daí em diante não poderíamos mandar ninguém através da Namíbia ou receber materiais por essa via, porque iriam entregar a Namíbia às Nações Unidas e eles [Sul-Africanos] partiriam. Dissemos que tínhamos amigos no golfo [Pérsico] e em África que tinham materiais que queriam que chegassem até nós, mas eles responderam: 'Não, é demasiado tarde.' Por isso, ripostámos: 'Está bem, já nos habituámos a ter amigos que nos abandonam. Vocês, Sul-Africanos, têm de olhar pelos vossos próprios interesses; o MPLA tem de olhar pelos seus interesses; cada um de nós trava a sua própria luta. Apesar disso,

nós iremos continuar. Não desistiremos por causa das dificuldades, por causa da deserção dos amigos.⁹»

Logo a seguir ao encerramento da fronteira, Nicholson ficou retido dentro de Angola, vagueando centenas de quilómetros, na mata, com os guerrilheiros, a tentar evitar ser capturado numa ofensiva do MPLA. Isto sucedeu quatro meses antes de a África do Sul concordar, sob pressão por parte dos patrões de Nicholson, em Londres, em enviar patrulhas para entrarem em contacto com a UNITA e conseguir que o repórter da TV e a sua equipa fossem recolhidos por um pequeno avião, de uma pista de aviação isolada na mata, no Sudeste de Angola.

À ofensiva de Março-Abril do MPLA seguiu-se uma outra, em Agosto, que forçou a UNITA a render-se nos pequenos postos fronteiriços do Calai e de Dirico, no Sudeste, os quais tinham sido tomados pelos soldados de Savimbi, ao mesmo tempo que asseguravam, em finais de 1977, a posse de Mucusso.

Savimbi também ficou preocupado com o número de soldados da UNITA que estavam a ser mortos em ataques a objectivos predeterminados do MPLA: «Capitães de companhias de 200 homens, no seu entusiasmo, estavam a atacar postos do MPLA e a fazer com que 20 ou mais dos nossos homens fossem mortos, sem, contudo, capturarem os postos. Por isso, emiti uma ordem dizendo que nenhum comandante local poderia atacar um posto sem me consultar pela rádio. Em seguida, antes que eu dissesse que sim ou que não, examinaria com o chefe do estado-maior qual a força humana e potência de fogo que tinha cada grupo e qual a supremacia em técnicas militares. Acções de menor envergadura, tais como emboscadas e colocação de minas, eles poderiam continuar a levar a efeito sem pedir licença a ninguém¹⁰.»

Apesar destas dificuldades, especialmente perto das áreas fronteiriças com a Namíbia, a UNITA continuava a hostilizar o MPLA, bem no interior de Angola. Gerald Buthaud, um fotógrafo, regressou em Setembro de 1978 de uma visita de dois meses a Angola com a UNITA e descreveu a emboscada a um camião do MPLA que havia fotografado na estrada entre Menongue e Longa, a cerca de 300 quilómetros para norte da fronteira com a Namíbia:

Chegámos ao local da emboscada às 4 horas e 30 minutos da tarde de sexta-feira e escondemo-nos ao longo da estrada, onde se encontravam 70 soldados da UNITA e 5 carregadores. Tinham espingardas automáticas, bazucas e lança-granadas.

Ouvimos um camião que se arrastava pesadamente, ao longo da estrada, às seis menos um quarto. Era um *Mercedes*. Trazia a bordo um major que vinha de Longa e 19 soldados para o protegerem. Mais o condutor. E, estranhamente, uma mulher e uma criança.

O tiroteio começou quando faltavam cinco para as seis. Houve

21 mortos — dois soldados fugiram para a mata. No fim, estava um sujeito debaixo do camião com uma metralhadora ligeira russa. Todos pensaram que estivesse morto, mas ele abriu fogo e provocou-nos algumas baixas — um homem com o maxilar arrancado, um outro atingido numa perna e outro com um ombro arranhado... mas conseguimos capturar a metralhadora.

A UNITA estava eufórica com o armamento apreendido. Conseguiram capturar uma série de espingardas portuguesas *G-3* e *A-47*, a metralhadora russa, uma bazuca e uma quantidade de munições. Despojaram todos os corpos dos sapatos e fardas. A maioria da gente da UNITA anda descalça; o seu vestuário está em farrapos.

Os guerrilheiros não permaneceram ali muito tempo para festejar.

Estávamos com medo da aviação e dos helicópteros. Não existia defesa contra qualquer ataque vindo do ar. A tática consiste em caminhar. Assim fizemos, sem parar, durante 34 horas. Sem dormir, comendo apenas um pouco de carne seca e mandioca. Depois, chegámos a um acampamento escondido, e aí fomo-nos abaixo.

Gerald Buthaud revelou que, nesta altura, a UNITA estabeleceu uma ligação aérea com o mundo exterior. Ele chegou a uma pista de aviação na mata, no interior de Angola, a bordo de uma aeronave *DC-4*, com motor a hélice, no que descreveu como uma incursão regular da UNITA, presumivelmente, com origem em Kinshasa. Observou que a UNITA conduzia uma série de pequenos camiões *Unimog Mercedes* muito populares na SADF (Força de Defesa da África do Sul) e informou ter estado em dez grandes acampamentos diferentes, alguns albergando mais de 2000 pessoas. Visitou também quinze acampamentos mais pequenos, bases para patrulhas regulares e meia dúzia de pequenos acampamentos de caça¹¹.

Um periódico especializado em questões da África observou que, a 31 de Outubro de 1978, uma importante ponte do Caminho de Ferro de Benguela fora pelos ares em resultado de uma acção da UNITA, reduzindo ainda mais a possibilidade de reabertura do tráfego para o Zaire e a Zâmbia, e que no mesmo mês um búlgaro, que viajava ao longo de uma estrada a 11 quilómetros do Huambo, fora morto pelos guerrilheiros¹². As Concessões do Tanganyika, a companhia inglesa a quem pertencia também a linha de caminho-de-ferro, em conjunto com o Governo Angolano, confirmou relatórios reservados, segundo os quais em 1978 aconteciam, em média, três incidentes com os guerrilheiros em cada semana ao longo da linha.

Em 1978, a UNITA deu-se conta também da retirada dos Cubanos da linha da frente de combate. «Até 1978, a maioria dos combates era travada pelos Cubanos e não pelo MPLA», afirmou Savimbi. «Treinaram muitos soldados do MPLA e começaram a dedicar-se eles próprios, prin-

principalmente, à logística, serviços de informação, protecção aos comboios do MPLA e a pilotar os helicópteros e caças MIG¹³».

* * *

A iniciativa de paz entre o MPLA e os Sul-Africanos não correu calmamente. A SWAPO objectou as diversas cláusulas do plano do Grupo de Contacto e demorou a dar uma resposta formal. A 4 de Maio, a Força Aérea Sul-Africana e alguns pára-quedaistas efectuaram um ataque devastador a uma base da SWAPO, em Cassinga, 250 quilómetros para o interior de Angola, e mataram cerca de 600 namibianos. Muitos deles eram guerrilheiros, mas havia também um grande número de mulheres e crianças entre os mortos. A África do Sul justificou o ataque, a primeira incursão de grande envergadura levada a cabo em Angola desde o envolvimento da África do Sul na guerra civil de 1975-1976, alegando que a SWAPO tinha intensificado os seus raptos e assassínios a civis dentro da Namíbia, precisamente numa altura em que estavam a decorrer negociações delicadas que diziam respeito à independência da Namíbia¹⁴.

A instabilidade da região acentuou-se poucos dias após o ataque a Cassinga, quando, a 11 de Maio de 1978, os Catangueses atacaram de novo a Província do Shaba, no Zaire, atravessando a fronteira angolana. Desta vez, vários milhares de catangueses conseguiram chegar ao centro mineiro de Kolwezi. A decadência do regime de Mobutu ficou em foco quando uma unidade de elite do Exército Zairese, que protegia a cidade vencida, permitiu que a força catanguesa capturasse Kolwezi apenas ao fim de poucas horas de combate. Perto de uma centena de técnicos mineiros europeus e membros das suas famílias — cerca de 2000 exilados brancos instalados na cidade — foram mortos, bem como algumas centenas de africanos. Os Catangueses conservaram o domínio de Kolwezi durante uma semana, antes de serem expulsos por 2500 pára-quedaistas franceses e belgas, aerotransportados da Europa, apoiados por tropas senegalesas, marroquinas e egípcias¹⁵. O Presidente Mobutu acusou o MPLA, os Cubanos e os Soviéticos de envolvimento na invasão catanguesa, e a sua denúncia foi secundada pelo Presidente Carter, cujo embaixador nas Nações Unidas, Andrew Young, tinha afirmado pouco antes na televisão dos Estados Unidos que as tropas cubanas tinham, num certo sentido, trazido «uma determinada estabilidade e ordem» a Angola¹⁶.

Instado pela administração Carter, Mobutu recebeu Agostinho Neto em Kinshasa, em Setembro de 1978, onde ambos assinaram um tratado de paz, pondo fim ao apoio dos opositores de cada regime¹⁷. A FNLA ficou fortemente reduzida, mas não acabou totalmente as suas actividades, com a expulsão de Holden Roberto para França, e dos seus adjuntos e lugar-tenentes para os Estados Unidos¹⁸. Agostinho Neto, pelo seu lado, instalou os 250 000 refugiados catangueses em Angola, bastante longe da fronteira zairese; prometeu impedir quaisquer ofensivas futuras dos

Catangueses ao Shaba, e mais nenhuma ocorreu desde 1978. Contudo, por causa da intensificação das actividades da UNITA, Agostinho Neto não conseguiu cumprir a promessa feita a Mobutu de reabrir o Caminho de Ferro de Benguela, e Mobutu não tinha verdadeira intenção de impedir a actividade dos guerrilheiros contra Angola, a longo prazo. Embora se tivesse iniciado um serviço de transporte aéreo regular entre Angola e o Zaire, como resultado do acordo de paz, este serviço tinha muito de farsa: os Transportes Aéreos de Angola voavam de Luanda e, muitas vezes, aterravam no Aeroporto de Ndjili, em Khinshasa, imediatamente antes ou depois de o avião da UNITA aterrar, vindo das zonas rebeldes de Angola. Os passageiros desembarcavam a uma distância de 50 metros uns dos outros, no pátio de manobra da pista do aeroporto em frente do terminal internacional, sendo a saída dos passageiros de Luanda feita através dos canais oficiais de imigração e o pessoal da UNITA por um portão lateral, sob a supervisão de oficiais dos serviços secretos zaienses.

«Sei que Mobutu fez esse acordo contra a sua vontade», disse Savimbi. «Carter estava preocupado com o facto de que se Agostinho Neto continuasse a apoiar, reequipar e treinar os Catangueses, o resultado seria a perda do Zaire também para os Cubanos e para os Russos. E os Americanos não eram os únicos. Alguns dos nossos amigos, em África, diziam que Mobutu seria forçado a fazer todas as concessões possíveis a Luanda, de forma a que os Catangueses não fossem, de novo, enviados para o atacar. Alguns deles pensaram também em abandonar-nos. Argumentaram: 'Agostinho Neto está a ser sensato, está a tornar-se um bom homem. O melhor caminho a seguir é conseguir um acordo que controle a UNITA e os Catangueses. Agostinho Neto precisa de paz no seu país para construir a economia com a ajuda do Ocidente. Mobutu é demasiado frágil para se confrontar com os Cubanos e os Russos, por isso é melhor que tenhamos a esperança que Neto se modifique, já que ele está a abrir-se em direcção ao Ocidente.'

Porém, outros amigos avisaram-nos que estava a ser considerada uma orientação política que iria sacrificar a UNITA. Disseram-nos para estarmos atentos a ela. Eles não concordavam com ela e iriam combatê-la¹⁹.»

* * *

As negociações entre a África do Sul e o MPLA romperam-se finalmente em Setembro de 1978, e Pretória abriu de novo a fronteira namibiana à UNITA. N'Zau Puna e o chefe de logística, tenente-coronel Samuel Epalanga, estabeleceram contactos de alto nível, uma vez mais, com a SADF (Força de Defesa Sul-Africana), através do posto fronteiriço de Mucusso. Foram entregues novos camiões *Mercedes* à UNITA e gásóleo, munições e comida enlatada para os guerrilheiros que começavam a movimentar-se, uma vez mais, através da fronteira.

Ao longo de todo o ano de 1978, a Amnistia Internacional informou que o MPLA continuava a levar a cabo execuções extrajudiciais de apoiantes da UNITA e dissidentes do MPLA. Outras pessoas presas por razões políticas simplesmente «desapareciam» sob custódia.

No último mês do ano, o MPLA lançou uma nova política de repressão — execuções em público. A 13 de Dezembro, cinco homens suspeitos de apoiarem e ajudarem a UNITA — Artur Albino, Armando Kapitiya, Noé Kessongo, Eliseu Martinho e Alberto Salomão — foram exibidos perante uma multidão, que a UNITA afirmava ter sido reunida à força, no estádio do Lobito. Não foram julgados; porém, tinham sido denunciados por alguém que afirmara que eram activistas da UNITA e foram fuzilados à frente da multidão, como exemplo do que poderia acontecer a outros²⁰.

«No final de 1978», afirmou Savimbi, «o povo começara a compreender que enfrentávamos uma longa luta²¹.»

CAPÍTULO XXVIII

PARA ALÉM DA SOBREVIVÊNCIA

1979

O ANO DE 1979 começou mal para Savimbi. A 4 de Fevereiro, seis activistas da UNITA foram executados em público, sem acusação ou julgamento, no estádio de Cacilhas, no Huambo¹, onde Savimbi havia proferido o seu discurso do Dia da Independência, em 1975, e repreendido as suas tropas por dispararem indisciplinadamente as armas.

Todavia, também no início de 1979, a China começara a entregar 550 a 600 toneladas de armas a Savimbi, para utilização dos seus novos batalhões, que seriam treinados sob o comando de oficiais da UNITA que regressavam dos cursos em Marrocos.

A transacção chinesa está rodeada de considerável mistério. Não está claro como e quando foi concluída, mas o que parece ser certo é que as armas foram transferidas para a UNITA através da Namíbia e com a cooperação da África do Sul. É inconcebível que uma tão grande quantidade de armas pudesse ter sido aerotransportada pela ligação aérea de Savimbi com o Zaire, então frágil, irregular e incerta, em aviões não maiores do que *Fokker Friendships* e *DC-4*. Um jornalista francês, Edward Girardet, que seguiu de perto os progressos da UNITA, escreveu, categoricamente, acerca das armas chinesas, que «elas foram canalizadas para Angola, via Namíbia»².

O próprio Savimbi acentuou a rapidez com que as armas — espingardas, morteiros de 82 mm, canhões de 70 mm e canhões antiaéreos de 12,7 mm — foram transportadas para os seus refúgios, no Sudeste de Angola: «O material chinês foi decisivo para o nosso combate. Se tivéssemos conseguido tantas armas durante o ano de 1975, poderíamos ter oferecido mais resistência do que a que oferecemos na altura.

Em 1979, decidimos que tínhamos de transferir as armas chinesas para o interior de Angola, tão rápida e eficientemente quanto possível, de forma

a que se existisse um novo acordo entre o MPLA e os países vizinhos, privando a UNITA de acesso a eles, nós pudéssemos continuar a lutar até um dia a situação estar criada, em que eles [os países vizinhos] precisassem uma vez mais de nós³.» Numa outra ocasião, Savimbi disse: «Se eu conseguir 100 toneladas de equipamento, não preciso de ir à África do Sul, transporto-as directamente para as minhas áreas. Porém, se eu conseguir 1000 toneladas, não posso transportá-las, por isso terei de lhes pedir [aos Sul-Africanos] para as fazer passar através da África do Sul. É esta a situação⁴.»

O provável instigador da transacção de armas chinesas foi o Dr. Zbigniew Brzezinski, o aguerrido conselheiro para a Segurança Nacional do Presidente Carter. Ao escrever um perfil de Brzezinski no *New Yorker*, após ter entrevistado uma vintena de oficiais, Nancy Drew revelou que o conselheiro para a Defesa Nacional tinha, ocasionalmente, sugerido que os Estados Unidos deveriam causar problemas ao MPLA, apoiando Savimbi⁵.

Quando Brzezinski visitou a China, em Maio de 1978 — o mesmo mês em que os Catangueses armados pelos Soviéticos atacaram, a partir da fronteira de Angola para o Zaire —, pediu aos Chineses que fornecessem armas e equipamento para a luta de Savimbi contra o MPLA/Cubanos, de acordo com os dados obtidos pela imprensa de Washington. Durante a visita à Grande Muralha da China, os repórteres que seguiam com Brzezinski ouviram-no gracejar com os Chineses sobre se seria ele ou eles os primeiros a afastarem os Russos de zonas da África.

As informações obtidas pela imprensa relacionavam-se com conversações mantidas entre um oficial superior do Conselho de Segurança Nacional, Michael Oksenberg, e John Carbaugh, um adjunto do senador republicano conservador Jesse Helms, acerca das discussões de política do Dr. Brzezinski em Pequim. As informações revelavam ainda que o Dr. Brzezinski conversara com os seus anfitriões chineses acerca do número de caminhos a adoptar para contrariar as actividades soviéticas em África. O Conselho de Segurança Nacional não negou que as conversações mencionadas no memorando tivessem tido lugar, embora afirmasse que relatos das conversações confidenciais pareciam estar «um tanto deturpados»⁶.

Teria sido uma solução lógica para a administração Carter, preocupada com os acontecimentos em Angola e no Zaire, ter iludido a Emenda Clark, de Dezembro de 1975, que proibía toda a ajuda militar futura dos Estados Unidos aos movimentos em Angola. Na Primavera de 1978, Dick Clark, autor da Emenda e presidente do Subcomité dos Estados Unidos para os Assuntos Africanos, acusou ele próprio a administração Carter de ter considerado enviar fornecimentos secretos a Savimbi.

Se esta conexão entre Brzezinski, a China e a África do Sul aconteceu e o fornecimento de armas a Savimbi foi levado a efeito, é especialmente interessante notar que os Estados Unidos, nessa altura, estavam comprometidos com uma política, pelo menos em público, que envolvia a reti-

rada da África do Sul da Namíbia; que nada dizia sobre uma retirada recíproca das tropas cubanas de Angola; que nada dizia acerca de um possível papel de Savimbi no futuro de Angola; que estava comprometida com a paz entre o Zaire e Angola, e que estava amarrada pela proibição do Congresso de fornecimento de armas.

* * *

Nenhum jornalista penetrou no território de Savimbi durante o ano de 1979. Durante a maior parte do ano, a UNITA dificilmente garantiu uma menção nos jornais internacionais, embora aqui e ali, em obscuros cantos e publicações especializadas, aparecessem pormenores sobre a resistência da UNITA. Assim, em Janeiro, uma informação interna do quartel-general das Concessões Tanganyka afirmava que parte da estação do Huambo tinha explodido durante um ataque à bomba da UNITA. Mais tarde, as Concessões Tanganyka observaram que o número de ataques de sabotagem, ao longo da linha de caminho-de-ferro com 1100 quilómetros de extensão, aumentara para a média de um por dia em 1979, em comparação com uma média de três incidentes por semana em 1978.

Apesar disso, em Março e Abril de 1979, os primeiros comboios a circular, desde 1975, conseguiram viajar em toda a extensão da linha, em Angola, do Zaire até ao Lobito. Seis comboios transportando minério completaram a viagem numa base completamente antieconómica. Sob maciça protecção militar, movimentavam-se lentamente, de um ponto fortemente guardado até ao próximo ponto. Porém, um outro comboio de minério foi destruído a oeste de Luena, no dia 2 de Abril, e no princípio de Maio foi também destruído um comboio, por controlo remoto, a cerca de 80 quilómetros de Benguela.

Embora unidades especiais do exército guardassem as pontes, helicópteros equipados com *rockets* patrulhassem a linha e fossem introduzidas técnicas avançadas para a substituição rápida de carris danificados ou levantados, a linha estava, efectivamente, paralisada. Em Março de 1979, as 24 locomotivas, a diesel, do caminho-de-ferro tinham sido reduzidas a duas, em resultado das actividades da guerrilha. De Maio de 1979 até Fevereiro de 1980, apenas 133 vagões carregados completaram a viagem do Zaire para o Lobito: em condições normais, 40 vagões constituíam um comboio de carga completo⁷. Em desespero de causa, o director-geral do Caminho de Ferro de Benguela, nomeado pelo MPLA, propôs que os Ovimbundu fossem dispersados, pois eram considerados como pólo poderoso dos serviços de informação da UNITA, a partir de áreas ao longo da linha, e traziam outros grupos tribais para trabalhar na linha. Os Cubanos recusaram a proposta, como completamente impraticável.

Em Agosto de 1979, a UNITA fez ir pelos ares a ponte do Luavava, com 60 metros de comprimento, na linha de caminho-de-ferro, perto de Cuemba. Savimbi utilizou um dos novos batalhões semi-regulares, de

500 homens, para fazerem este trabalho. Descreveu o plano que tencionava seguir para efectuar o ataque: «Queríamos destruir a ponte de forma a podermos esquecer-nos do caminho-de-ferro durante algum tempo e concentrar-nos noutros assuntos. Porém, essa ponte estava fortemente guardada pelos Cubanos e pelo MPLA. Reunimos informações durante muito tempo e sabíamos que as relações entre os Cubanos e o MPLA, na ponte, estavam muito mal. O MPLA guardava o extremo leste e uma companhia cubana o oeste.

Em seguida, os Cubanos receberam ordens de Luanda para partirem para novas obrigações no Lobito. E aqui sublinho que não existia um sistema de comando unificado — os Cubanos recebiam as suas ordens de Cubanos e os Angolanos recebiam as suas ordens de Angolanos, mesmo quando estavam de guarda à mesma ponte. Aconteceu que nessa ponte apenas os Cubanos possuíam bazucas e canhões sem recuo; o MPLA não tinha armas de apoio, apenas armas individuais.

Quando a companhia cubana recebeu ordens para partir, o MPLA pediu-lhes para deixarem as suas armas de apoio. Os Cubanos recusaram e, assim que recebemos informação que os Cubanos deixavam o MPLA sem quaisquer armas de apoio, então dissemos: 'Vamos fazer um esforço.'

Agrupámos as nossas forças. O MPLA não resistiu cinco minutos sequer, e nós fizemos explodir a ponte. Levaram cerca de seis meses para a reconstruir⁸.»

Desta forma, a maré que estivera contra Savimbi desde 1975, apenas imperceptivelmente, começara a virar-se a seu favor, neste ano de 1979. Ao longo de 1976, 1977 e 1978, ele pensara puramente em termos de sobrevivência. Agora, começava a pensar em termos de vencer.

* * *

Durante o ano de 1979, cerca de 500 soldados do curso de oficiais de Savimbi partiram para Marrocos para se treinarem como pára-quedistas, especialistas antitanques, administradores, peritos em logística, pessoal de informação, especialistas em comunicações e comandos de reconhecimento. Houve progressos qualitativos não só em remessas de armas mas também em apoio diplomático e financeiro. O Senegal proporcionou apoio manifesto na África negra, liderando uma pequena união de outras nações africanas negras, tais como o Zaire, que deu encorajamento aberto.

Para além de conservar o quartel-general da UNITA no exterior, em Marrocos, Savimbi desfrutou do apoio de outros países árabes, incluindo o Egipto, a Arábia Saudita, os Estados do golfo, o Sudão e a Tunísia. O apoio financeiro por parte da Arábia Saudita e dos Estados do golfo foi particularmente importante.

Perto do fim do ano, o apoio da África do Sul a Savimbi, que desde o princípio de 1976 tinha variado entre a não existência e o imprevisível,

transformara-se num compromisso substancial. Apesar dos desmentidos de Savimbi e da incapacidade dos seus inimigos para fornecerem testemunhos consistentes que provassem o contrário, é impossível acreditar que a SADF (Força de Defesa Sul-Africana) não estivesse envolvida na instrução de oficiais da UNITA em técnicas militares especiais, quer na Namíbia quer nas bases da UNITA no Sudeste de Angola.

Foi estabelecida uma conexão em três vias entre Marrocos, a África do Sul e a UNITA (que também incluía os Estados Unidos, a França, a Arábia Saudita e um número de outros Estados). Em Maio de 1979, o primeiro-ministro Pieter Botha efectuou uma visita secreta a Marrocos, a convite do rei Hassan. Estava acompanhado pelo seu ministro da Defesa, general Magnus Malan, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, e pelo comandante Piet Marais, chefe do ARMSCOR, a empresa sul-africana de manufatura de armas em expansão⁹. No princípio dos anos oitenta, armas sul-africanas estavam a ser entregues a Marrocos.

* * *

Uma colunista do *New York Times* percebeu que Savimbi podia ter começado o processo de empurrar o MPLA para um beco sem saída. Na sua coluna, escrita em Paris, a 19 de Setembro de 1979, Flora Lewis escreveu: «O Sr. Savimbi é abastecido e fortalecido pela África do Sul, que se sabe ter enviado uma unidade do seu próprio exército, constituída por negros, sendo essa a razão por que se acredita no argumento da UNITA, segundo o qual o empate militar se prolongará indefinidamente e apenas uma solução política poderá pôr-lhe fim. É difícil compreender como um colapso económico [em Angola] poderá ser reversível enquanto continuar a guerra civil¹⁰.»

A UNITA iniciou também, em 1979, um programa de sabotagens nas principais cidades, incluindo a própria cidade de Luanda. Foram postas bombas na capital, na Embaixada da Alemanha de Leste, nos escritórios da companhia aérea soviética Aeroflot, no Ministério do Trabalho e no terminal de Luanda do Caminho de Ferro Luanda-Malange. Foram, eventualmente, executados muitos membros de células clandestinas da UNITA em Luanda por causa destes actos de terrorismo urbano¹¹.

Foram constituídas células noutras cidades: no Lobito, os tanques de armazenamento de petróleo foram pelos ares e, no aeroporto do Huambo, a torre de controlo foi destruída por uma bomba. A UNITA conseguiu também penetrar no sistema administrativo e, a 20 de Abril, Agostinho Neto anunciou o despedimento de Garcia Vasco Contreiras, o comissário provincial de Benguela, por suposta colaboração com a UNITA.

À medida que a campanha da UNITA se intensificava, os Cubanos começaram a agrupar a população em aldeias estratégicas. Estas consistiam em fileiras de cubatas nativas, próximas das casernas militares e dos blocos administrativos nas cidades. Aos aldeões, nestes povoados estraté-

gicos, eram dados bocados de terra, a curta distância, a pé, das cidades, de forma que a UNITA ficasse privada das suas fontes de abastecimento e apoio¹².

«Posteriormente, o MPLA cavou trincheiras à volta das cidades e das aldeias estratégicas», segundo um dos adjuntos superiores de Savimbi¹³. «Porém, pouco tempo depois, os Cubanos verificaram que este sistema não funcionava, porque as pessoas continuavam a fugir para a mata. Por isso, os Cubanos começaram a concentrar-se na instrução de um enorme exército do MPLA.»

Savimbi calcula que, no princípio de 1978, existiam cerca de 30 000 soldados do MPLA, mas, em resultado dos programas de treino intensivo dos Cubanos, o seu número aumentara para 80 000 no final de 1979. Este processo continuou, simultaneamente, com a retirada gradual dos Cubanos do envolvimento em massa na linha da frente de combate, de forma tal que, no início de 1980, os oficiais dos serviços secretos da UNITA calculavam que 70 por cento dos combates eram travados pelo MPLA¹⁴.

O baixo perfil dos Cubanos tinha muito mais a ver com a sua própria relutância em ficarem cada vez mais profundamente envolvidos no conflito civil do que com a sua confiança nas capacidades do MPLA para enfrentar a insurreição. Os serviços secretos ocidentais obtiveram um relatório que foi apresentado ao Secretariado do Estado de Angola para a Cooperação, a 20 de Agosto de 1979, o qual continha as actas de uma reunião feita entre oficiais angolanos e uma equipa de conselheiros económicos cubanos. Dizia que 337 técnicos cubanos tinham sido obrigados a retirar-se de 30 pequenos municípios em Angola, porque — segundo opiniões dos próprios cubanos — a sua segurança nessas áreas não poderia ser garantida por mais tempo.

As ordens de batalha de Savimbi tinham a intenção de tirar partido das diferenças entre os Cubanos e o MPLA. Por exemplo, durante grande parte do ano de 1979, os guerrilheiros da UNITA, que montavam emboscadas a comboios que circulavam nas estradas, tinham ordens para se fixarem nos Cubanos e disparar apenas contra eles, com o objectivo de exacerbar as tensões existentes entre eles e o MPLA¹⁵.

A falta de entusiasmo por parte dos Cubanos em relação ao MPLA significava que a UNITA começara a capturar mais armas inimigas, porque o MPLA era, simplesmente, menos eficiente. «Onde o MPLA se encontrava, faziam barulho durante a noite, faziam fogueiras», contou Savimbi. «Havia muita confusão; podíamos mesmo ouvi-los disparar as suas armas. Porém, quando estavam os Cubanos, havia disciplina. Por vezes, quando eles criavam um novo posto, lançávamo-nos sobre eles [de surpresa], porque eram muito calmos e disciplinados. Também era muito difícil obter informações acerca dos Cubanos. Utilizavam transmissões de rádio diferentes das do MPLA e um outro código, que era muito difícil de decifrar. E, se os Cubanos se encontravam em postos rurais, não se misturavam

muito com a população local, porque suspeitavam de que fossem agentes da UNITA. Porém, o MPLA misturava-se com o povo. Iam beber com eles e tinham namoradas, por isso conseguíamos obter mais informações. Os códigos do MPLA eram fáceis de decifrar, e, quando combatíamos o MPLA, gerava-se a confusão entre eles¹⁶.»

O aumento rápido do número de recrutas do MPLA trazia os seus problemas específicos. O corpo de oficiais não se desenvolvia proporcionalmente, de forma que as equipas de informação da UNITA se dessem conta de que existiam problemas de controlo, especialmente em alguns postos do MPLA, no coração de zonas controladas pela UNITA, onde as linhas logísticas inimigas tinham uma longa extensão de 300 a 500 quilómetros. A escassez de alimentos, a falta de fardas e botas e as lentas entregas dos salários minavam a moral dos recrutas do MPLA.

«Concluimos que quantos mais eles recrutassem mais problemas teriam, e, no final de 1979, houve um evidente aumento no número de deserções do MPLA em favor da UNITA», afirmou Savimbi.

Um outro factor que minava a moral inimiga, e fora observado pelos serviços de informação da UNITA, era a falta de tratamento médico adequado para os feridos do MPLA. Savimbi dizia que os guerrilheiros resistentes conseguiam aguentar esta espécie de dificuldades mais facilmente, porque compreendiam a espécie de combate que travavam e haviam de forma clara optado por ele. Contudo, as tropas que combatiam a favor do Governo tinham expectativas mais elevadas de apoio em material do que os guerrilheiros a que se opunham e, se este faltava, os seus espíritos ficavam desproporcionadamente deprimidos.

Savimbi reclamava também que o aumento da pressão sobre as milícias civis do MPLA, conhecidas como ODP (Organização de Defesa do Povo), causava a discórdia. Ao princípio, os jovens das aldeias que recebiam armas pensavam que os seus deveres na ODP seriam ligeiros: «Porém, a pouco e pouco, eram completamente mobilizados para apoiar o exército. Não tinham tempo para exercer as suas próprias profissões. Enquanto os combates cresciam de intensidade, eles eram submetidos a maiores pressões para se envolverem cada vez mais nos combates. Porém, nem todos estavam treinados e, quando começavam a sofrer baixas durante os confrontos connosco, começavam a denunciar o MPLA, para sua própria protecção.»

Houve também consequências adversas para a UNITA, por causa do aumento de pressões a que estava submetido o MPLA. A 10 de Agosto, quinze membros de uma célula clandestina da UNITA, em Menongue, foram fuzilados publicamente, sem acusação ou julgamento, em frente da Câmara Municipal. Foram denunciados por um outro activista da UNITA, em cuja casa fora encontrada, por um grupo de buscas do MPLA, uma mina que lhe tinham dado para colocar¹⁷.

Savimbi afirma que uma série de massacres em aldeias foram levados a cabo pelo MPLA em 1979. Um dos piores envolveu o assassinio, em

Setembro, de mais de 800 camponeses num grupo de três aldeias na área do Sambo, a cerca de 70 quilómetros para sudeste do Huambo. As aldeias — Savitanganyala, Sakachokwe e Samboto — encontravam-se na rota de comunicações e penetração da UNITA, através do Caminho de Ferro de Benguela.

«Os massacres de Sambo foram ordenados pelo novo governador da Província do Huambo, o tenente-coronel Santana Petroff. Ocupara o posto apenas dois meses antes. Ouvimos dizer mais tarde que muitos dos comandantes superiores cubanos haviam discordado dos massacres de Sambo. Não por razões humanitárias, mas por razões políticas, porque tinham compreendido que as notícias do que acontecera iriam pôr ainda mais gente do nosso lado.»

A chegada de Petroff foi, em parte, inspirada por uma revolta local no Bailundo, a norte do Huambo, onde, a 6 de Julho, homens das milícias da ODP atacaram uma unidade do MPLA. Mais de uma centena de homens do MPLA e da ODP morreram antes de a revolta ser dominada. Porém, houve agitação em todas as províncias do Centro e Sul de Angola e, no fim de Julho — quando o tenente-coronel Petroff assumiu o comando do seu posto —, os governadores provinciais civis estavam também a ser substituídos nas províncias, dilaceradas pela guerra, do Moxico, Bié, Benguela, Cuanza Sul, Cunene e Cuando-Cubango.

«Até 1979, o MPLA podia considerar-nos apenas como um elemento irritante», afirmou Savimbi. «Mas, durante a segunda metade desse ano, compreenderam que nós nos tornáramos numa força com a qual era preciso contar. Conservávamos refúgios libertados no Sudoeste e eles haviam falhado nos seus esforços para os recuperar.»

A 3 de Outubro, a UNITA agrupou dois dos seus três batalhões de novatos para a maior operação militar levada a efeito até então — um ataque a Mavinga, uma pequena e airosa vila comercial e administrativa, 250 quilómetros a norte da fronteira com a Namíbia, na província do Cuando-Cubango. O ataque, desferido por 1200 homens da UNITA, começou à meia-noite. A UNITA calculara que existiam na vila dois batalhões do MPLA, com 300 homens cada um¹⁸.

«O combate continuou até às 4 horas da madrugada do dia 4 de Outubro», contou Savimbi, que comandou o assalto. «Às cinco da manhã, quando o Sol começava a levantar-se, o nosso comandante de campo suspendeu o ataque, embora controlasse já metade da vila. Tínhamos ouvido o MPLA pedir helicópteros russos *MI-8*, estacionados no Cuíto-Cuanavale [a uma distância de 150 quilómetros]. Aceitámos que o ataque falhara.

Porém, em seguida, compreendemos, a partir das intercepções feitas pelos nossos rádios, que os Cubanos lhes diziam que não, que não podiam enviar-lhes os helicópteros. Por isso, reagrupámo-nos e atacámos de novo, às cinco da tarde. O ataque demorou apenas 20 minutos e capturámos a vila¹⁹.»

Mavinga ficou apenas temporariamente ocupada. A vila foi despojada de todo o equipamento útil e, em seguida, abandonada. Mais tarde, o MPLA voltou a ocupá-la.

* * *

Agostinho Neto começou a ficar cada vez mais preocupado com a recuperação da UNITA, e este facto deve ter constituído parte da inspiração que esteve por detrás da assinatura do Tratado de Amizade por vinte anos, com a União Soviética, em 1979. Ao mesmo tempo, contactou o Presidente Leopold Senghor, do Senegal, para ver se seria possível encetar conversações com a UNITA, tendo em vista um possível entendimento. Savimbi acreditava que Neto estava profundamente desiludido com a incapacidade dos Cubanos para acabar com a resistência da UNITA ou fazer qualquer coisa pela economia desmoronada. A abertura de Agostinho Neto em relação ao Ocidente — que era menos paradoxal do que sugere o seu tratado com Moscovo — dependia, até determinado ponto, da sua capacidade de demonstrar que a situação militar era estável e que existia uma possibilidade de retirada dos soldados cubanos, que, em 1979, estavam a começar a atrair a espécie de ressentimento que qualquer exército estrangeiro estacionado num outro país inevitavelmente tem de suportar.

Contudo, Agostinho Neto não teve tempo para desenvolver as suas novas políticas. No fim do Verão, visitou a União Soviética e, a 10 de Setembro, foi anunciada a morte inesperada do líder angolano, apenas com 56 anos de idade.

O mais famoso líder de libertação de Angola, o Presidente homem-forte do país, e rival implacável de Savimbi, desaparecera subitamente. Este facto constituía mais uma prova para os partidários de Savimbi do ditado do seu líder de que se eles conservassem a vontade de sobreviver as coisas mudariam à sua volta.

CAPÍTULO XXIX

TRANSIÇÃO EM ANGOLA

1979

ANTES DE AGOSTINHO NETO MORRER, acredita Savimbi, o Presidente angolano estava a ter de se medir com brechas na orientação política do *bureau* político e Comité Central do MPLA. Estas resultaram da sua «abertura ao Ocidente», do desejo de se afastar de uma guerra, assentando num desenvolvimento económico pacífico, e uma aceitação relutante da necessidade de compromisso com Savimbi.

«Agostinho Neto era feito de aço, frio mas sólido», afirmou Savimbi. «Frio, mas aço sólido. Ele não era fácil de dobrar. Era meu adversário — prefiro não lhe chamar um inimigo — mas era um homem de inteligência notável e eu respeitava-o.»

A partir de 1978, Agostinho Neto não teve o apoio de todo o Comité Central. Porém, a sua personalidade era tão forte que nenhum deles se atreveria a contestá-lo abertamente perante as massas. Contudo, no interior do partido discordavam dele quando procurou *rapprochement** com Mobutu e o Ocidente. Neto sabia que os Cubanos não podiam ser o motor para o desenvolvimento económico de Angola. Para isso ele precisava de fazer um acordo com o Ocidente. Para obter a cooperação do Ocidente precisava de conseguir a paz, e isso envolvia fazer a paz com os seus vizinhos e no seu próprio país¹.»

Savimbi deu como exemplo do temperamento obstinado de Agostinho Neto as suas relações com o Presidente Nyerere, da Tanzânia, no agrupamento dos chamados «Estados da linha da frente» — Angola, Tanzânia, Botswana e Moçambique —, que se reuniam, regularmente, para estudar os problemas da Rodésia, Namíbia e África do Sul, governadas por brancos.

* No original — aproximação. (N. do T.)

«Neto era um homem de carácter invulgar e não aceitava humilhações. Nyerere tinha a ideia de que era um professor² e gostava de ter um clube de chefes de Estado a quem ensinar política... Assim, as relações entre Neto e Nyerere foram bastante más durante os últimos meses de vida de Agostinho Neto. Obtive as minhas informações de uma fonte bastante fidedigna, que afirma que algumas vezes Neto fora convidado para uma reunião dos Estados da linha da frente e se recusara a ir porque não queria escutar as lições de Nyerere.»

Para vir ao encontro das aspirações do seu povo, para se afastar dos Cubanos e dos Russos a favor do Ocidente, numa tentativa para fazer recuperar a economia, Agostinho Neto afirmou ao Presidente Leopold Senghor durante a Cimeira da OUA, em Julho de 1979, em Monróvia, na Libéria, que estava disposto a encontrar-se com Savimbi para discutir uma possível conciliação com os resistentes. Senghor enviou mensagens a Savimbi dizendo que Neto queria encontrar-se com eles em Setembro, em Dacar, a capital senegalesa de Senghor. Não poderia haver publicidade.

Agostinho Neto nada poderia prometer adiantadamente, mas viria com um espírito tolerante³.

Porém, apenas seis semanas após a Cimeira de Monróvia, Neto foi à União Soviética em busca de conselho médico, por causa de algumas queixas internas, mais tarde descritas como cancro. «À chegada a Moscovo, foi separado do seu médico pessoal [a mulher não o acompanhara] e levado para o hospital para observação», escreveu o antigo ministro do Gabinete Britânico, Lord Chalfont, no *The Times*, de Londres. «Quando, dois dias mais tarde, o seu médico o viu, já estava morto⁴.»

Oficiais dos serviços secretos ocidentais fizeram vir a público o seu cepticismo acerca das circunstâncias que rodearam a morte de Agostinho Neto. Sugeriram que Neto fora assassinado durante uma operação deliberadamente mal feita, de forma a que um homem mais maleável, menos propenso a namorar o Ocidente, pudesse ser instalado em Luanda⁵.

O próprio Savimbi especulou que Agostinho Neto fora morto na mesa de operações, embora admitisse não possuir testemunhas que o provassem. Afirmava que até o MPLA considerava todo o episódio como suficientemente inquietante ao criar uma comissão de inquérito⁶.

Certamente que a morte de Agostinho Neto terminara com qualquer possibilidade de conversações entre a liderança do MPLA e Savimbi. Um novo líder angolano, a tentar impor-se por si próprio, não podia permitir-se ser visto a conferenciar com resistentes, imediatamente após ter assumido o poder.

Trouxe também um fim às conversações entre a Administração dos Estados Unidos, do Presidente Carter, e o MPLA. Richard Moose, o assistente de Carter, na Secretaria de Estado para os Assuntos Africanos, e Don McHenry, o embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, propuseram a Luanda uma conciliação, a qual implicaria o reconhecimento

do governo do MPLA pelos Estados Unidos e a retirada de parte das tropas cubanas estacionadas em Angola⁷.

Agostinho Neto e Jonas Savimbi tinham chegado a conhecer-se bem, após vinte anos de mútuas armadilhas, ambos contra os Portugueses e também entre os seus movimentos. O carácter de aço de Neto, mais velho, e a força de vontade e carisma do seu jovem rival haviam constituído parte integrante da luta angolana pela independência. Agora, um homem mais jovem que Savimbi, José Eduardo dos Santos, nascido em 1942 e formado em Engenharia de Petróleos e Comunicações Militares na União Soviética, tornara-se o Presidente de Angola.

Savimbi nunca se encontrara com José Eduardo dos Santos e sabia muito pouco acerca dele. Apreciações antecipadamente emitidas nas capitais do Ocidente eram de que ele poderia inverter a aproximação comparativamente conciliatória adoptada por Neto nos últimos tempos em relação à política internacional e seguir uma linha ideologicamente mais comprometida com os seus benfeitores soviéticos.

Receios ocidentais desta natureza devem ter contribuído para a próxima penetração de Savimbi nas linhas de defesa inimigas.

CAPÍTULO XXX

UM DIA NA VIDA DE JONAS SAVIMBI

1979

APÓS SAVIMBI ter instalado a nova base central da UNITA no Cuelei, em Agosto de 1976, esta tinha de mudar de local de tempos a tempos, por razões de segurança. Enquanto as bases estavam a ser transferidas, Savimbi partiu em duas longas viagens através do Centro de Angola, para mobilizar apoio e mostrar-se ao povo. A UNITA finalmente instalou um campo-base central permanente na Jamba, perto do rio Luiana, no Sudeste de Angola, em Dezembro de 1979. Permanece lá até aos dias de hoje.

Durante uma das nossas conversas, Savimbi descreveu-me um dia típico da sua vida, em 1979, antes de ter sido instalado um acampamento-base permanente: «Durmo em cima de capim de elefante, colocado numa cama feita com cordas. A primeira regra de uma guerra de guerrilhas é não ser apanhado na cama. Este é um hábito que foi reforçado, em 1976, quando estávamos expostos a ser atacados, em qualquer local, pelos Cubanos e pelo MPLA. Eles assumiam as posições de combate entre as quatro e as seis da madrugada, por isso tínhamos de evitar ser apanhados a dormir.

Imediatamente a seguir, vou avistar-me com os 500 soldados no meu acampamento-base e, por vezes, vejo também os 700 num dos nossos campos de treino das redondezas. Isto serve para lhes elevar a moral, para conversar com os doentes e os feridos. Em seguida, partem os grupos de reconhecimento e os que vão buscar lenha.

Às 5 horas e 30 minutos da manhã, tem início a reunião diária do meu gabinete no edifício geral — uma enorme cubata de capim, aberta dos lados, por debaixo das árvores. Estudamos as mensagens urgentes recebidas durante a noite pelo nosso chefe de comunicações, tenente-coronel Andrade Chassungu. Passamos em revista o programa do dia anterior, para avaliarmos até que ponto ele foi cumprido. Em seguida, planea-

mos o trabalho do dia seguinte, assim como os planos estratégicos semanais e trimestrais.

Cerca das 9 horas e 30 minutos regressavam as patrulhas e os postos avançados haviam já sido contactados pela rádio. Se não houvesse qualquer emergência, em seguida, cerca das 10 horas, começava a ditar memorandos e cartas à minha secretária, Ana. Nunca demoro menos de três horas a fazer isto. O trabalho mais intenso dirige-se no sentido do lado político — a mobilização do povo e a procura de apoio diplomático e material no estrangeiro. Estamos a receber muitas armas da China, temos o apoio de alguns Estados árabes e africanos negros. Deixo a parte militar a cargo do meu chefe do exército, o brigadeiro Chiwale, mas, quando há uma operação de grande envergadura, sou eu que dou a palavra final.

Em 1978, tivemos demasiados exemplos de ter perdido homens para nada, em ataques inúteis a postos inimigos. Agora, quando atacamos posições determinadas, fazemo-lo com a força de um batalhão (mais de 500 homens) e o planeamento vem de cima.

Também dirijo todas as operações ao longo do Caminho de Ferro de Benguela, porque esse é um alvo importante. Temo-lo mantido encerrado e paralisado desde que Fidel Castro impôs o MPLA no nosso país. Também mantenho ligação estreita com o tenente-coronel Bok Sapalalo, que está encarregado de reunir informações e preparar sabotagens nas cidades. Bok perdeu o braço esquerdo numa explosão em 1978; porém, o seu departamento tem sido tão bem sucedido que, até agora, já penetramos tão longe como Luanda.

Ninguém come de manhã. Ao meio-dia, se a área é segura e podemos fazer fogueiras, comemos mandioca com carne de antílope e, por vezes, couve ou tomates de uma das nossas quintas. Existem muitos animais nas nossas áreas. Exportamos marfim, cornos de rinoceronte e peles de leopardo e antílope para ajudar a pagar a nossa guerra, mas designamos algumas zonas de conservação onde a caça aos elefantes, girafas e antílope negro está proibida. O antílope negro é uma espécie rara e é um símbolo da UNITA, presente no nosso escudo de armas. Eu mesmo nunca como até à tarde, quando o meu enfermeiro pessoal, em geral, insiste.

Ao longo da tarde oiço requerentes durante três horas. Eles trazem muitos problemas. Por exemplo, um líder de uma aldeia viaja centenas de quilómetros para dizer que o comandante militar local da UNITA não está a respeitar a propriedade local. Então, tenho de descobrir o que se passa e agir em conformidade, porque uma luta como a nossa não pode ser bem sucedida a menos que o povo esteja do nosso lado.

Às 5 da tarde, desloco-me às aldeias perto do acampamento-base, para conversar com o povo. Às 6 horas, sem falta, oiço as notícias da BBC e Focus on Africa, para me manter a par dos acontecimentos no exterior. Também oiço a rádio francesa e a Voz da América. Porém, a BBC é a

melhor. Geralmente não faz propaganda, embora fiquemos bastante aborrecidos com a correspondente de Luanda, porque, na maioria das vezes, ela deturpa as informações sobre a UNITA.

Às 7 horas e 30 minutos, volto para a minha cubata. Dou uma vista de olhos às mensagens que chegaram durante o dia, provenientes das nossas 22 regiões militares. Em seguida, vejo a minha mulher e os meus quatro filhos durante meia hora, quando eles estão no mesmo acampamento. O meu filho mais novo, Chofeka, é um verdadeiro diabrete. Tem 4 anos e foge muitas vezes de ao pé da mãe e começa a rasgar-me os papéis, mas eu não fico aborrecido porque apenas posso dedicar-lhe um pouco do meu tempo.

Sento-me numa cadeira, feita pelo nosso povo com peles de animais, para escrever planos para a próxima semana ou mês. Escrevo à luz das fogueiras ou de velas, feitas pelos nossos soldados com cera silvestre de abelhas.

Os oficiais da UNITA estão a regressar do treino em Marrocos e estão lá muitos outros agora: alguns ainda estão num país negro africano e num outro país árabe. Eles trouxeram progresso ao nosso desempenho militar: alguns estão especializados em técnicas antitanque e outros frequentaram cursos de comando, por isso utilizamo-los para dirigir missões na retaguarda e por entre as linhas cubanas e do MPLA.

Trabalho bastante porque sinto que se a UNITA não conseguir forçar o MPLA a negociar até 1990 não conseguirá fazê-lo nunca.

Faço uma pausa cerca de uma ou duas da madrugada e, quando vou para a cama, estou tão cansado que não preciso de uma almofada para dormir. Ao fim de algumas semanas estou exausto. Então, gosto de ir à caça durante dois dias. Se matar um elefante fora de uma dessas zonas de conservação, temos carne para 500 pessoas durante uma semana. Secámo-la ao sol ou com fogueiras. As caçadas são a minha única descontracção e o único tempo de que disponho para ler os meus livros. Aca-bei justamente de ler a autobiografia do marechal de campo Montgomery. Ele dizia que a liderança tem a ver com ter capacidade e vontade de congregar homens para uma causa comum. Gosto muito disso.

Porém, no resto do tempo, um dia típico é administração, administração, administração. Temos muitos ficheiros, máquinas de escrever e secretárias. Temos uma escola de secretariado. Constatamos que não podemos funcionar sem papel, embora procuremos tê-lo em pequenas quantidades, porque temos de nos mudar de tantos em tantos meses. Quando nos mudamos, colocamos os papéis em arcas de metal e enterramo-las. Quando temos a certeza que a nova base é segura mandamos alguns soldados voltarem atrás para recolher as arcas.

Também consigo ter tempo para frequentar as nossas igrejas protestantes e católicas nas matas. Temos connosco muitos ministros da Igreja e padres, todos eles angolanos negros. A religião faz parte da minha vida.

É algo que faz parte da minha educação, por isso é uma coisa que não posso pôr de lado: o meu pai era um pastor protestante. Em alturas de depressão e dificuldades, a religião incute-me uma esperança nova, uma força que vem do interior. Se eu morrer, a luta que tenho travado nesta vida não terá sido em vão: existem outras coisas porque esperar.

Percorremos um longo caminho desde que iniciámos o combate contra os Portugueses, em 1966, com aquela pistola que Sam Nujoma me ofereceu. Já sofremos muito; porém, estamos determinados a continuar este combate até à morte. Este é o nosso país e não desistimos. O MPLA, eventualmente, terá de negociar connosco porque a economia angolana caminha para a ruína a passos largos. Contudo, o nosso preço para uma reconciliação política será pago pelo regresso dos Cubanos ao outro lado do Atlântico.»

CAPÍTULO XXXI

A AMÉRICA E A EUROPA

1979

EM FINS DE OUTUBRO DE 1979, foi organizada uma viagem de Savimbi ao exterior de Angola com o objectivo de se avistar com apoiantes clandestinos, conversar com simpatizantes potenciais e ver os seus oficiais em treino em Marrocos.

Só depois de Savimbi ter embarcado no seu avião *DC-4*, na pista de aviação de uma mata angolana chamada *Point Delta*, lhe foi dito pelo seu secretário dos negócios estrangeiros, colocado em Washington, Jeremias Chitunda, que estava tudo combinado para ele passar onze dias nos Estados Unidos¹.

Savimbi fez escala em Marrocos, para preparar a visita aos Estados Unidos: apenas algumas semanas antes, Zbigniew Brzezinsky tinha conseguido aprovação contra a oposição de outros membros da administração Carter, tais como Andrew Young, Richard Moose e Don McHenry, para iniciar um fornecimento maciço de armas com destino ao rei Hassan, de Marrocos, para este combater a Frente Polisário. A atitude de Brzezinsky, em conjunto com uma declaração de Washington de que os Estados Unidos não mais tencionavam iniciar relações diplomáticas com o governo do MPLA enquanto as tropas cubanas se mantivessem em Angola, representava um claro reforço da política dos Estados Unidos em relação ao desafio soviético-cubano em África².

Savimbi afirmou a um correspondente da *Newsweek*, que com ele viajara no voo para o exterior de Angola, que pensava apelar para a administração Carter no sentido de esta emitir um sinal que encorajasse os Estados negros da África, já simpatizantes da UNITA, a começarem a dar ao movimento um maior apoio³.

Savimbi esteve nos Estados Unidos de 3 a 14 de Novembro de 1979, como convidado da Freedom House (Casa da Liberdade), uma organi-

zação, com sede em Nova Iorque, que controla a liberdade política em todo o mundo. Embora não tivesse sido convidado para falar com os oficiais superiores da administração Carter, Savimbi considerou a viagem como tendo sido proveitosa. Teve 80 horas de compromissos de conversação e concedeu 23 entrevistas a correspondentes de jornais, de televisão e de rádio. Avistou-se com James Schlessinger, antigo secretário da Defesa na administração Ford durante a guerra angolana de 1975-1976, com Henry Kissinger, com os senadores Henry Jackson, Charles Diggs, Sam Nunn e Daniel Patrick Moynihan, com Lane Kirkland, o recentemente nomeado patrão da grande central sindical AFL-CIO, ferozmente anticomunista, e com Alexander Haig, com esperanças à Presidência, e futuro secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Avistei-me com Savimbi, no quartel-general da UNITA no exterior, em Rabat, cerca de dois meses depois do termo da sua visita aos Estados Unidos. Foi o meu primeiro contacto com ele em quatro anos, desde que o vira no Bié, precisamente antes de ele ter ordenado a evacuação da cidade, no início da longa marcha. Da sua viagem à América, ele contou: «Considero que foi um sucesso, no sentido de que a maioria dos americanos têm agora uma imagem diferente da UNITA, do que nós defendemos, por que combatemos. A posição anterior era a de que nós éramos 'fantoques' da África do Sul e que não detínhamos qualquer força de combate efectiva no interior de Angola. A única informação que eles conseguiam obter era sob o prisma do MPLA. A questão sensível na América, com a Administração e especialmente com os americanos negros, era a da África do Sul, e penso que em grande parte tivemos êxito quando explicámos que não éramos agentes da África do Sul.»

Savimbi esperava também que a sua mensagem tivesse ficado reforçada aos olhos dos Americanos ao dar-se o grande acontecimento do mês seguinte, a invasão soviética do Afeganistão, que começou a 27 de Dezembro de 1979. Savimbi argumentou que a fraqueza da resposta dos Estados Unidos, em Angola, em 1975, à «tomada do poder» cubano-soviética, encorajara a subseqüente ousadia cubano-soviética na Etiópia, a confiança vietnamita ao invadir o Cambodja e, agora, a certeza soviética de que o seu avanço no Afeganistão não encontraria oposição.

«Penso que o drama na América é que os tecnocratas que tomam as decisões são, na sua maior parte, liberais que estão inconscientemente a trair os seus próprios princípios, de forma a evitar uma confrontação com os Russos», afirmou Savimbi. «A melhor coisa que um general pode fazer é ganhar uma guerra sem fazer essa guerra. Quando se destrói a vontade de lutar de um adversário, esse é um óptimo caminho para conquistar território estratégico, palmo a palmo, melhor do que a confrontação física.

Não acredito que a Rússia renuncie ao Afeganistão. O Ocidente terá de combater esta espécie de avanço estratégico russo por meios não convencionais, e nós somos um povo que pode fazê-lo. Sabemos como o fazer,

estamos já a fazê-lo. O Ocidente tem de pensar como poderá dar-nos mais apoio, não só através de armamento mas também enquadrando a nossa luta na sua luta, em toda a parte, contra os Russos⁴.»

Savimbi conseguiu muita da sua publicidade nesta viagem com a afirmação de que 1300 crianças angolanas em idade escolar tinham sido enviadas para Cuba sem a aprovação dos pais, para o que ele descreveu como uma forma de «escravatura neocolonial». Estavam a ser feitos preparativos para mandar mais 5000 crianças para a Escola Especial Cubana Internacional, na ilha dos Pinheiros. «Porém, os pais estão a oferecer resistência», disse Savimbi. «Estão a pedir aos guerrilheiros da UNITA para se oporem a esta atrocidade... A escola é para doutrinação.» Descreveu estas crianças como «vítimas de um imperialismo cultural dos nossos tempos extremamente odioso»⁵.

William Safire, o colunista da ala direita do *New York Times*, apoiou Savimbi no seu protesto sobre a ilha dos Pinheiros e acrescentou: «Depois das aulas, nesta antiga colónia penal a sudoeste de Cuba, diz-se que as crianças vão trabalhar para os campos de cana-de-açúcar. Alguém se importa? Esta movimentação forçada, em larga escala, merece seguramente ser investigada pelos protectores de crianças nas Nações Unidas, pelas fundações privadas e por jornalistas que consideram o senhor Castro uma figura tão cativante»⁶.

Todavia, John Stockwell, na altura um cidadão comum em Austin, no Texas, escreveu uma carta ao *New York Times* considerando as afirmações de Savimbi acerca do envio forçado das crianças para a ilha dos Pinheiros — rebaptizada para «ilha da Juventude» por Fidel Castro — como «absurdas».

Stockwell continuava: «Em Abril de 1979, acompanhado por um respeitável produtor de televisão e um cidadão particular, visitei o complexo das escolas angolanas, na maravilhosa ilha da Juventude, em Cuba — 'antiga colónia penal' de Safire. Ficámos impressionados com a moral e o entusiasmo dos estudantes... Muitas mães congoleesas⁷ e angolanas não podem ensinar aos filhos as primeiras letras, porque elas próprias são analfabetas, e os Cubanos estão orgulhosos do seu sistema escolar internacional. Sugiro ao Sr. Safire que vá até Cuba e veja com os seus olhos. Se nos escandaliza que os Cubanos estejam a instruir africanos, poderíamos tentar competir e construir escolas semelhantes nos Estados Unidos para jovens angolanos, congolese e outros.»

Stockwell descreveu também o líder da UNITA como um «perdedor perpétuo» e acrescentou: «Savimbi não tem ideologia. Não acredita em nada para além das suas próprias ambições egoístas, e a luta tornou-se o seu modo de vida»⁸.

Durante a sua visita aos Estados Unidos, na mais extensa e profunda das entrevistas que concedeu, Savimbi respondeu à acusação de Stockwell: «Já ouvi pessoas no Ocidente dizerem: 'É verdade, o MPLA é

marxista-leninista, mas pelo menos eles têm uma doutrina política, e isso é mais do que os seus opositores têm.'

Esta é uma declaração insensata, por duas razões. Primeiro, parte-se do princípio que o marxismo-leninismo é a única ideologia respeitável e efectiva no mundo — e isso, simplesmente, não é verdade. Segundo, parte-se também do princípio que o marxismo-leninismo é igualmente relevante em todas as épocas e em todas as situações — e isso uma vez mais não é verdade.

A nossa meta é a libertação do nosso povo, a nossa primeira e principal prioridade tem de ser a construção de uma doutrina política que seja inspirada nos valores desse mesmo povo. Não podemos ser bem sucedidos na nossa luta a menos que os nossos objectivos, a nossa linguagem e as nossas ideias sejam partilhadas pela população comum.

Nenhum escritor pode escapar ao facto de ser uma criatura do seu tempo e lugar. Quando Marx escreveu, falava como um homem de origem alemã, numa era dominada pela filosofia francesa, vivendo na Inglaterra e lidando com os problemas económicos da Inglaterra desse tempo.

A minha própria doutrina é esta: por que não voltamos às nossas próprias raízes africanas e as analisamos? É verdade que temos de trabalhar para o progresso, e nos tempos modernos não podemos pôr em prática todas as nossas tradições sem as modificarmos ou ajustarmos; porém, temos de conservar a essência dos nossos valores, de forma a continuarmos a ser um povo com uma identidade. Se não conseguirmos fazer isto, enquanto partido político, vamos falar uma linguagem que o nosso povo nunca entenderá.

Nenhum sistema ideológico existe no vácuo. E não se pode apressar o povo ao longo de uma estrada que ele não possa seguir. É por isso que uma revolução genuinamente africana requer uma disposição para aprender com os camponeses e também muita paciência, porque — como posso explicar? — os camponeses são naturalmente relutantes. Quando lhes trazemos uma ideia nova, eles ficam relutantes em a aceitar. Dizem que a vida que estão a viver, bem, ela não é muito boa, não é muito agradável, mas eles têm medo de mudar, porque dizem que o futuro representa o desconhecido. Portanto, se quisermos transformar a sua letargia em acção, temos de compreender as suas aspirações.

Não podemos impor um programa político que ninguém compreenda. O camponês angolano não é uma estatística num livro qualquer de teorias económicas — não é uma máquina. E, se tentarmos tratá-lo assim, ele rejeitar-nos-á.»

Dos efeitos da guerra na gente nova, Savimbi afirmou: «Quando os vemos brincar com armas, não é isso que queremos. Queremos que eles cresçam num mundo em que a sua educação seja política e não militar, porque um espírito militarizado é um espírito limitado.

A distinção entre um soldado e um activista político que apenas ocasionalmente recorre à luta armada para atingir objectivos políticos é muito difícil de fazer para uma criança. Contudo, é uma distinção crítica. A guerra terminará um dia, e quando terminar não poderemos continuar a ser um povo militarizado e ser livres ao mesmo tempo.»

Savimbi disse também pensar que a fé religiosa do povo angolano fora um elemento que lhes possibilitara resistir aos Cubanos. Quanto à sua continuada cristandade professada, ele disse: «A minha resposta é: a política é demasiado difícil para dela se sobreviver durante todo o tempo — demasiado dolorosa. Tem de existir mais qualquer coisa.»

* * *

Savimbi passou mais de dois meses no exterior de Angola depois de terminar a sua visita aos Estados Unidos. Os seus movimentos estavam cuidadosamente envolvidos em segredo; porém, por detrás das paredes da sua casa de Rabat, ele recebia um fluxo constante de visitantes de África, da Europa e do Médio Oriente. Durante todo este tempo, Savimbi passou também cinco dias, clandestinamente, na Alemanha Ocidental, encontrando-se com uma quantidade de políticos. Limitou-se a falar da natureza «positiva» da viagem à Alemanha, a que se seguiu a nomeação de um representante permanente da UNITA, Carlos Kandanda, na Alemanha¹⁰.

Savimbi teve em Rabat uma série de reuniões com representantes dos Estados, principalmente árabes, que lhe tinham fornecido fundos no valor de 10 milhões de dólares entre 1976 e 1979. Estes afirmaram sentirem-se satisfeitos em continuar a fornecer fundos para ajudar Savimbi a sobreviver, mas prefeririam dar-lhe mais apoio que lhe proporcionasse vencer. Porém, não estavam dispostos a fornecer largas somas, a menos que Savimbi pudesse demonstrar que tinha o apoio dos Estados Unidos ou de potências chave da Europa Ocidental.

«Disseram-me: 'Darmos-lhe 250 000 dólares de uma só vez, como temos vindo a fazer, de maneira a que possa sobreviver, não nos interessa muito. Temos dinheiro e pensamos em termos comerciais. Ficaremos satisfeitos em lhe darmos 45 a 50 milhões de dólares se for para ganhar, de forma a que amanhã possa ser nosso aliado. Contudo, se continuarmos a dar 250 000 dólares de cada vez, só para poder sobreviver, então talvez estejamos apenas a encorajar que viva com uma ilusão, sendo neste caso talvez melhor que morra.'

Era claro que, se outras potências comesçassem a dar sinais de que decidiam apoiar-nos, então o dinheiro começaria de novo a fluir dos nossos doadores árabes¹¹».

Savimbi concluiu a sua estada no exterior de Angola com uma visita não publicitada a Londres, em Fevereiro de 1980, para informar políticos

simpatizantes e homens de negócios sobre os acontecimentos em Angola e sobre o resultado da sua visita aos Estados Unidos. Deu também conhecimento aos directores das Concessões Tanganyka, que tinham estado sempre em estreito contacto com Savimbi, do que tencionava fazer em relação à linha de caminho-de-ferro deles.

CAPÍTULO XXXII

COMEÇA A OFENSIVA NORTE

1980

O ÚLTIMO GRUPO DE RECRUTAS militares da UNITA, que estava a ser treinado em Marrocos, era muitíssimo necessário. Em Dezembro de 1979, enquanto Savimbi se encontrava em Rabat, um ataque da UNITA a uma ponte do Caminho de Ferro de Benguela, sobre um rio chamado Cuiva, correrá muito mal. Foram mortos 35 soldados da UNITA e o MPLA manteve o controlo da ponte com um mínimo de baixas¹.

Novos grupos de artilharia em instrução em Marrocos permitiriam um fogo de morteiros mais preciso, a ser utilizado em apoio da infantaria, durante os ataques. «No passado, aconteceu que os nossos morteiros caíam em cima da nossa infantaria por causa da falta de coordenação entre a infantaria e a artilharia», disse Savimbi².

Um exército mais profissional tornara-se uma necessidade porque, no princípio de 1980, estavam mais soldados cubanos — possivelmente 19 000 — no país do que na altura da independência para combaterem a UNITA. Também tinham chegado a Angola militares da Alemanha Oriental³. Alguns estavam a ajudar a formar a força aérea do MPLA e uma unidade do Regimento de Pára-Quedistas Felix Dzherzhinsky⁴, baptizada com o nome do fundador da polícia soviética de segurança do Estado e composto por tropas de segurança interna da Alemanha Oriental, estava a treinar uma nova divisão de pára-quedistas do MPLA, ao mesmo tempo que os pára-quedistas de Savimbi praticavam mais a norte, sobre as montanhas do Atlas, em Marrocos.

O envolvimento crescente de Cuba e da Alemanha Oriental coincidiu com o regresso de Eduardo dos Santos da sua primeira viagem a Moscovo como Presidente de Angola. Marcou também um endurecimento da atitude do partido para com os dissidentes no seio do MPLA. Ao anunciar uma violenta limpeza dentro do partido, o comissário para o distrito

provincial de Luanda, Mendes de Carvalho, afirmou que o objectivo era «eliminar todos os elementos que discordassem da linha marxista do partido». Fez esta declaração em meados de Janeiro de 1980, ao mesmo tempo que uma missão militar soviética chegava à capital angolana⁵.

A guerra estava agora mais violenta e sórdida do que nunca. A Amnistia Internacional relatou mais execuções extrajudiciais de apoiantes da UNITA e tortura de prisioneiros da UNITA. Deu como exemplo, segundo relatórios de «fontes independentes» — quase de certeza o Comité Internacional da Cruz Vermelha, que era nessa altura a única organização internacional independente autorizada a operar no Centro de Angola —, que 27 homens e rapazes da aldeia de Chitiquenque, perto do Chipapa, a norte do Huambo, foram fuzilados a 27 de Fevereiro de 1980, após terem sido cercados por soldados do MPLA⁶.

A própria UNITA reclamava que, em Fevereiro, após um soldado cubano ter sido encontrado assassinado no subúrbio de São Pedro, no Huambo, mais de 30 civis, incluindo mulheres e crianças, foram imediatamente cercados e executados sem julgamento. No mesmo mês, 37 soldados do MPLA, oriundos de uma companhia que se revoltou contra os seus instrutores cubanos no Alto Hama, 60 quilómetros para norte do Huambo, foram executados⁷.

A UNITA respondeu com uma onda de mais de 20 atentados bombistas urbanos, em Fevereiro e Março de 1980, nos quais reclamava terem morrido mais de 40 pessoas, incluindo um conselheiro militar soviético, em Moçâmedes, chamado André Chevchenko e o chefe de estação do Caminho de Ferro de Benguela no Bié⁸.

* * *

Savimbi estava agora preparado para avançar em direcção ao Norte. Até final de 1979, sempre que a UNITA devastava pequenas cidades ocupadas pelo MPLA a sua política era destruir as infra-estruturas antes de as entregar de novo ao inimigo. Contudo, a decisão tomada no Congresso de 1977, no sentido de se criarem batalhões semi-regulares, continha o propósito de permitir à UNITA defender e conservar território conquistado ao MPLA. O avanço para norte, a partir dos refúgios na mata, a sudeste, exigiria necessariamente não só a conquista de pequenos povoados mas também não permitir que o MPLA lá voltasse a entrar.

A estratégia teve o seu início, efectivamente, com a captura, a 14 de Abril de 1980, de Cuangar, que já mudara de mão quatro vezes durante os quatro anos anteriores. A batalha foi observada por oficiais sul-africanos, estacionados na outra margem do rio Cubango, em Kurin Kuru, na Namíbia. Eles contaram que a UNITA atacou a cidade com *rockets* antes de mandar avançar as tropas. A cidade caiu em seu poder após mais de uma hora de combate⁹.

Savimbi considerou Cuangar como um marco. Após a guarnição de 900 homens do MPLA se ter desintegrado e ter retirado, transformou-se na primeira cidade (ao contrário de pequenos povoados) a cair sob controlo permanente da UNITA. O MPLA não mais lá voltou. A UNITA capturou os seus primeiros mísseis terra-ar SAM-7 na batalha por Cuangar, juntamente com seis canhões antiaéreos soviéticos de 14,5 mm e centenas de milhares de munições para espingardas¹⁰.

A UNITA estava agora preparada para expulsar as forças do MPLA e apoderar-se de outras pequenas cidades do Sudeste. Os seus peritos, treinados em Marrocos, foram programados para entrar em acção, pela primeira vez, na batalha pelo Luengue, e um grupo de oito correspondentes estrangeiros foi transportado de avião do Zaire para Angola, em princípios de Maio, para observar a operação da UNITA.

O Luengue era uma antiga e extensa reserva de caça dos Portugueses, 135 quilómetros a norte da fronteira com a Namíbia, e tinha uma grande e bem preparada pista de aterragem que podia comportar aviões de transporte de médio porte. Os jornalistas encontraram-se com Savimbi no campo Likua, um acampamento disperso de cubatas, com telhados de capim, agrupadas debaixo das árvores, escondidas dos aviões espões cubanos, cerca de 30 quilómetros a oeste de Luengue¹¹.

O melhor relato do que se transformou para muitos jornalistas numa visita experimental foi feito por Jack Foisie, do *Los Angeles Times*.

O domínio da língua inglesa por parte de Savimbi e a sua predisposição para responder à maioria das controversas perguntas impressionou Foisie. Quando o homem do *Los Angeles Times* perguntou se a associação do líder da UNITA com a África do Sul enfraquecia a sua posição no resto da África, Savimbi replicou: «Não. Repare nos Moçambicanos, que se supõe serem marxistas. Eles são as pessoas que estão a lidar com os Sul-Africanos em grande escala. Samora Machel não viveria um mês sequer sem o comércio sul-africano.

Claro que um homem negro, como eu, não dirá que o *apartheid* é uma boa coisa. Como iremos ver-nos livres dos maus tratos infligidos aos negros na África do Sul? Não sei, porque estou demasiado ocupado com os meus próprios problemas.»

Como se sentia agora em relação aos Estados Unidos? «Vocês, americanos, abandonaram-nos em 1975. Deixaram-nos desamparados quando os Russos enviaram os Cubanos. É contraditório, quase como um insulto, condenar a invasão russa ao Afeganistão, criticar delicadamente a interferência russa no Corno de África e ainda manter um completo silêncio sobre a ocupação soviética e cubana de Angola.»

Foisie também mencionou a motivação diplomática e política por detrás do impulso de Savimbi para capturar e conservar uma quantidade de cidades e vilas no Sudeste de Angola. (A seguir à captura de Cuangar, a UNITA havia também capturado pequenas vilas, tais como Savate,

Rito, Chirundo e Dirico.) As propostas das Nações Unidas — apoiadas pelos cinco membros ocidentais do Grupo de Contacto (ver capítulo XXVII) — que levassem à independência e à constituição de um governo democrático na Namíbia incluíam o estabelecimento de uma zona desmilitarizada (DMZ) ao longo da fronteira entre Angola e a Namíbia, com a extensão de 1200 quilómetros. Seria também de 80 quilómetros para o interior, de cada lado, com vista a impedir a infiltração, na Namíbia, de guerrilheiros da SWAPO e incursões de tropas sul-africanas na direcção oposta.

Savimbi afirmou favorecer a ideia de uma zona desmilitarizada; porém, já que ele controlava uma vasta parte do território onde ela seria estabelecida, o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, teria de o consultar. Este facto, sem dúvida, iria implicar que as Nações Unidas implicitamente reconhecessem Savimbi, em termos internacionais, e isso constituía uma impossibilidade diplomática. Apesar disso, Savimbi convidou Kurt Waldheim para visitar o território da UNITA, mas avisou que qualquer força internacional que tentasse estabelecer a zona desmilitarizada sem a aprovação da UNITA seria tratada como uma força hostil¹². Savimbi sentia-se capaz de reivindicar os seus direitos na zona da UNITA, com o conhecimento seguro de que estava a iniciar-se um verdadeiro despertar diplomático sobre a questão de Angola. O Ocidente, preocupado com a invasão soviética do Afeganistão, começou a dar-se conta de que talvez Angola tivesse sido um anterior Afeganistão, que poderia ter sido evitado através de uma posição aberta diplomática e militar a favor de eleições livres. Dirigindo-se à Assembleia da Europa Ocidental, em Paris, a 3 de Junho de 1980, o senhor Douglas Hurd, ministro de Estado no Ministério Britânico dos Negócios Estrangeiros, afirmou: «Acreditamos que se o Ocidente tivesse reagido mais vigorosamente em Angola ou quando do avanço militar cubano na Etiópia, com o apoio soviético — se tivesse existido uma resposta mais firme —, a União Soviética teria pensado mais cuidadosamente antes de invadir o Afeganistão.» Savimbi conquistou simpatizantes em França, Portugal e Alemanha Ocidental, onde o chanceler Helmut Schmidt era particularmente entusiasta em relação ao líder da UNITA. E, nos Estados Unidos, o candidato republicano à Presidência, Ronald Reagan, afirmou que se fosse eleito, em Novembro de 1980, retomaria a ajuda dos Estados Unidos a Savimbi.

Para passar o tempo, enquanto esperava que a batalha do Luengue começasse, Foisie e os seus colegas fizeram uma viagem de reconhecimento, ao longo de 400 quilómetros, para ver o recentemente capturado Cuan-gar. Savimbi dissera que a viagem podia ser feita em dois dias e meio. Levou dez dias: «Os veículos avariavam-se com frequência, aqueciam de mais ou tinham furos quando se debatiam no terreno arenoso ou mergulhavam em arbustos frondosos para se esconderem quando ouviam o zumbido da aviação», escreveu Foisie. «O tempo que passámos com os

guerrilheiros mostrou-nos, à evidência, a sua notável resistência, paciência, autoconfiança, humor, dedicação, disciplina e capacidade para improvisar.

Durante uma paragem de dez horas, devido a uma avaria no motor, o condutor e o cozinheiro cortaram a parte superior de um tambor vazio de cerca de 200 litros e trabalharam o metal, transformando-o numa ventoinha de radiador para substituir a que se tinha partido. Quando se escangalhavam as correias das ventoinhas, os soldados da UNITA punham-se em fila e o que tivesse o cinto mais estreito sacrificava-o para substituir a correia.»

Foisie e os outros jornalistas começaram a ficar impacientes, à espera da batalha do Luengue, e saíram do território de Savimbi no fim de Maio.

Esta aconteceu a 8 de Junho, e, pela primeira vez, os comandos de reconhecimento e peritos em artilharia treinados em Marrocos entraram na batalha.

«Antes de tomarmos o Luengue, os nossos comandos tinham entrado nos acampamentos do MPLA por diversas vezes, para ver exactamente onde eles tinham as trincheiras; onde tinham os canhões», contou Savimbi. «Queríamos capturar o Luengue, porque isso abriria a nossa rota logística para norte em direcção a Mavinga. Tínhamos dois batalhões [em conjunto, totalizavam 1000 homens] treinados para combaterem até cinco dias. Havíamos preparado novas técnicas para utilizar durante um longo período de batalha. Porém, infelizmente — ou felizmente — a batalha durou apenas trinta minutos, de modo que alguns dos grupos que nos seguiam de perto não foram testados.

Os grupos de artilharia coordenaram o seu fogo com o avanço da infantaria pela rádio. Quando a infantaria precisava de eliminar uma bolsa de resistência do MPLA, eles podiam suspender o fogo de morteiros. O fogo era certo, porque a infantaria podia fazer pontaria. Portanto, tecnicamente, ficámos a saber que dali em diante podíamos coordenar o avanço da infantaria com o apoio da artilharia. Antes, havia um bombardeamento de artilharia e, em seguida, avançava a infantaria, que teria de combater sem o apoio da artilharia¹³.»

* * *

Em Julho de 1980, Savimbi partiu novamente de Angola. O seu destino era Londres, onde ele e a sua delegação ficaram instalados, sob rigorosas medidas de segurança, num dos andares superiores de um hotel da Road Edgware, propriedade da grande companhia multinacional Lonrho, que oferecera a Savimbi o seu jacto executivo para uso pessoal durante a guerra de 1975-1976. Aí, Savimbi preparou o discurso que fora convidado a proferir no influente Instituto Internacional para Estudos Estratégicos, sobre o tema «Perspectivas de segurança na África Austral».

Cerca de 50 manifestantes do Movimento Anti-Apartheid e do Comité

de Informação de Moçambique, de Angola e da Guiné (MAGIC), financiado por esses três governos, estavam à espera de Savimbi no exterior do Instituto, e duas pessoas irromperam na reunião e gritaram «assassino» e «traidor», dirigindo-se ao líder da UNITA, antes de serem levados para fora¹⁴.

Savimbi disse no Instituto que o Ocidente precisava de criar e implementar uma estratégia para a defesa dos seus interesses económicos e políticos em África. Em parte, isso envolveria fazerem o maior esforço possível para persuadir a África do Sul a modificar a sua política interna. «A política do *apartheid* apenas torna mais fácil a penetração soviética em África», disse ele. «Acelera a tensão e as confrontações raciais, que podem prontamente ser exploradas pela União Soviética. Assim, todos os países que mantenham relações de amizade com a África do Sul deviam ajudar a persuadir o regime sul-africano a acelerar as mudanças, de forma a evitar consequências catastróficas causadas por tensões raciais. É importante, contudo, acentuar que tal acção devia ser conduzida de tal forma que não levasse ao isolamento e não eficiência por parte da África do Sul. A situação na África do Sul é infinitamente delicada e requer uma aproximação muito inteligente e cuidadosa por parte dos estrategos ocidentais.»

Savimbi defendeu que os problemas da Namíbia e de Angola tinham de ser resolvidos, em conjunto, dentro de uma óptica regional. A Cimeira Extraordinária da OUA sobre Angola, em Janeiro de 1976, demonstrara que não era muito válido esperar que os problemas africanos pudessem ser resolvidos num contexto estritamente africano e apenas por africanos. Em 1976, a OUA decidira que todas as forças estrangeiras deveriam abandonar Angola: «Encorajada pelo Ocidente, a África do Sul retirara imediatamente; porém, os Cubanos ficaram e em quatro anos triplicaram as suas forças. Fosse a África capaz de lidar com o seu problema sozinha, e a força expedicionária cubana teria sido compelida a conformar-se com o édito da OUA.

O problema do expansionismo soviético transcende as fronteiras africanas e, em consequência, tem de ser tratado com um esforço da comunidade internacional... O maior perigo da *détente** é que a busca da paz, a qualquer preço, pelo Ocidente está a permitir aos Soviéticos conquistar cada vez mais posições estratégicas sem confrontação.

As lições de Munique estão ainda vivas na memória do Ocidente. Muitas vezes procurar a paz a qualquer preço é facilitar a eclosão da guerra. Quando a União Soviética invade a frágil Angola; quando encoraja as aventuras cubanas na Etiópia; quando induz o Vietname a derrubar o regime no Cambodja; quando os regimentos russos marcham sobre Cabul para derrubar três regimes consecutivos no Afeganistão, e o Ocidente está constantemente a fazer concessões à União Soviética, tudo isto nos faz recordar as infundáveis concessões do Ocidente perante Hitler¹⁵.»

* No original. (N. do T.)

Savimbi teve também reuniões no Carlton Club e no Reform Club, locais frequentados por políticos eminentes, funcionários públicos e oficiais dos serviços secretos. Os encontros foram presididos pelo senhor Edward Du Cann, MP (membro do Parlamento), um director da Lonrho e presidente do poderoso Comité 1922 do Partido Conservador no poder. Estiveram presentes influentes homens de negócios e um periódico de Londres revelou que um importante canal de apoio a Savimbi, com origem na Europa Ocidental, fizera a ligação com um consórcio de homens de negócios, com sede em Paris¹⁶.

Muitos problemas esperavam Savimbi em casa; porém, antes de partir, o *The Times*, de Londres — o jornal preferido pelas instituições britânicas —, publicou um artigo de Lorde Chalfout apelando ao Ocidente no sentido de apoiar a UNITA. «O mínimo que os Estados Unidos e seus aliados do Ocidente podem agora fazer é tornar inequivocamente claro o seu apoio moral e político à causa do Dr. Savimbi», escreveu Chalfout. «O melhor que poderiam fazer seria proporcionar-lhe alguns dos recursos de que ele necessita para vencer a guerra. A experiência do Afeganistão afastou, ainda que com algum atraso, quaisquer inibições por parte do Ocidente quanto a armar e apoiar aqueles que em qualquer parte do mundo estão a combater aquelas que são, em última análise, as nossas batalhas¹⁷.»

* * *

Enquanto Savimbi esteve ausente, a África do Sul lançou uma série de ataques maciços, no Sudoeste de Angola, contra bases da SWAPO; começaram a surgir relatórios sobre a fome que grassava entre a população camponesa do Centro de Angola e estavam em curso julgamentos que poderiam resultar em execuções pelo MPLA de muitos apoiantes da UNITA.

Os ataques sul-africanos foram levados a cabo ao longo dos meses de Junho e Julho de 1980, penetrando para o interior da Província do Cunene até 80 quilómetros. Um relatório emitido pelo MPLA estimava que 3000 soldados sul-africanos estavam envolvidos nas operações¹⁸. Para além do desejo dos sul-africanos de matarem quantos guerrilheiros da SWAPO fosse possível, os ataques pareciam destinados a destruir a iniciativa de paz das Nações Unidas para a Namíbia, a qual, se bem sucedida, quase ninguém acreditava que terminasse com a SWAPO no poder, através de eleições. Os Sul-Africanos tinham agora adoptado uma nova estratégia, de sua própria iniciativa, na Namíbia, instalando no poder em Windhoek, sob a égide de um administrador-geral sul-africano, um governo namibiano denominado «Aliança Democrática Turnhalle», composto por representantes da maior parte dos partidos da minoria e de todos os grupos tribais.

Lúcio Lara alegou que era objectivo de Pretória instalar a UNITA na proposta zona desmilitarizada, como meio de enfraquecer insidiosamente

a iniciativa das Nações Unidas¹⁹, um tema que Paulo Jorge, ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, chamara a si: «Estas agressões sul-africanas têm como objectivo desencorajar o povo angolano, o partido e o Governo, dissuadindo-os de prestar apoio à SWAPO. Pensamos também que estes ataques, e particularmente a invasão de Junho-Julho, tinham como objectivo tentar estabelecer uma zona, no Sul, onde a UNITA pudesse ficar instalada. A ideia é que, após Pretória aceitar a proposta da criação da zona desmilitarizada, eles colocarão lá os seus 'fantoques' para forçar as Nações Unidas a considerar a presença da UNITA e até mesmo incluir a UNITA nas negociações. Este facto não é aceite pelo Governo Angolano, porque a UNITA não representa ninguém²⁰.»

O comandante do MPLA na região militar do Cunene reclamava que os ataques diários de Junho e Julho apenas faziam parte da amostra de incursões constantes da África do Sul, durante todo o primeiro semestre de 1980. Aconteceram dois ataques terrestres, em larga escala, e quatro lançamentos, em pára-quedas, de comandos especiais; 34 bombardeamentos aéreos ou ataques de canhões e 476 voos de reconhecimento, e dois violentos ataques de artilharia de longo alcance. As tropas sul-africanas tinham estado fortemente concentradas em treze pontos, ao longo da fronteira, e mesmo após ter sido anunciada uma retirada, no fim de Julho, nem todas as forças de facto abandonaram Angola²¹.

Os Cubanos não haviam participado nos combates contra os Sul-Africanos, escreveu Daniel Coetzee, um jornalista que trabalhava para a revista pró-MPLA *New African*. Porém, a presença cubana nas principais cidades era notória: «Eles podem ser vistos como assistentes médicos, conduzido camiões da Cruz Vermelha, ou no Planalto Central, em casernas convertidas a partir de fábricas abandonadas, perdendo tempo à toa, durante tardes inteiras, jogando basebol. Em frente das casernas principais, na cidade do Huambo, estava exposto um enorme *slogan*, com uma afirmação de Fidel Castro: 'Defenderemos Angola, assim como toda a África.'²²»

* * *

Os primeiros indícios de fome no Planalto Central surgiram quando o Comité Internacional da Cruz Vermelha (ICRC) anunciou, em Julho de 1980, que 50 000 camponeses, principalmente mulheres e crianças, deslocados pela guerra que se intensificava de dia para dia, estavam bastante debilitados por grave subnutrição²³. Surpreendentemente, esta região, que outrora fora uma zona de abundância de cereais e frutos tropicais e mediterrânicos de todas as espécies, que antes da independência produzia mais géneros alimentícios do que podia consumir, tornara-se agora um centro de distribuição de alimentos por causa da fome.

O MPLA autorizou jornalistas simpatizantes do regime a visitar o Planalto Central, onde o ICRC dispunha de um orçamento inicial de três

milhões de dólares para alimentar a população, com ajuda adicional da Comunidade Económica Europeia.

Conduzindo uma viatura entre o Huambo e o Bié, o jornalista Paul Fauvert observou aldeias anormalmente vastas, estendendo-se por centenas de metros ao longo da berma das estradas. Nas cidades, havia muita gente subalimentada, vestida com farrapos, cozinhando em bocados de terra inculta e vivendo em edifícios abandonados ou inacabados. Os comissários do MPLA nas províncias do Huambo e do Bié, Santana Petroff e Jamba ya Mina, reclamavam que os camponeses estavam a fugir de áreas onde a UNITA havia «recorrido ao terror para manter o controlo sobre dezenas de milhares de camponeses desiludidos»²⁴.

O problema da fome era um dos que viria a aumentar ao longo dos anos oitenta, e tanto Petroff como Jamba ya Mina criticavam a máquina central do Estado do MPLA por ter falhado ao não tomar acções decisivas que assegurassem o fornecimento de víveres ao Planalto Central. «A inércia do aparelho burocrático sobressai relevantemente», escreveu David Coetzee. «A não ser que o Governo possa fornecer os artigos de consumo e ferramentas nos locais em que os camponeses deles necessitam, em troca das suas colheitas excedentes, eles não terão nunca a iniciativa para produzir esse excedente, o que é extremamente necessário. E, se não resolverem este problema em breve, então a UNITA poderá, uma vez mais, ficar em vantagem»²⁵.

* * *

Estavam em curso julgamentos de activistas da UNITA suspeitos de haverem tomado parte em ataques bombistas, no ano anterior, em Luanda e no Huambo. Entre os incidentes citados no julgamento de Luanda, perante um tribunal revolucionário, contava-se um ataque à bomba a um recinto de uma feira, no qual morreram dez pessoas, e um ataque a um comboio suburbano, no qual dezassete pessoas²⁶ morreram. Entre os incidentes citados no Tribunal Revolucionário do Huambo figurava um incidente bombista, ocorrido num mercado, no qual morreram mais de 150 pessoas²⁷.

A 29 de Julho de 1980, foram condenados à morte dezasseis membros de células de sabotagem da UNITA em Luanda. A UNITA respondeu emitindo uma declaração dizendo que, se os «dezasseis de Luanda» morressem, 50 dos seus prisioneiros do MPLA seriam imediatamente «eliminados»²⁸. E, num outro comunicado do *bureau* político, a UNITA dizia: «Estas sentenças de pena capital são para ser acrescentadas à longa lista de execuções, prisões arbitrárias, intimidações e outros métodos de repressão utilizados pelo MPLA para impor a lei a um povo despojado dos seus direitos humanos mais elementares»²⁹.

Citando a Carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o acordo assinado no Alvor em 1975, a UNITA apelou para as Nações

Unidas, a OUA e a Amnistia Internacional para intervirem na «salvaguarda das liberdades democráticas» e para salvar as vidas dos homens condenados³⁰.

A 5 de Agosto, o MPLA anunciou que os «dezasseis de Luanda» tinham sido executados. A UNITA suspendeu a sua ameaça de execução imediata, como represália, dos prisioneiros do MPLA «à luz de mensagens de simpatia e pedidos de clemência de organizações humanitárias internacionais e países amigáveis». O movimento encetou um período de luto de 90 dias, mas avisou que durante este período quaisquer soldados inimigos que fossem feitos prisioneiros seriam sumariamente executados³¹.

Foi lançada uma ofensiva militar em memória dos mortos. Começou com um ataque maciço ao principal armazém de combustível do Lobito, que a UNITA afirmou ter sido «totalmente destruído por engenhos explosivos e outras acções militares» na noite de 10 de Agosto³². Admitindo que pelo menos dois enormes tanques de gasóleo tenham sido destruídos durante o ataque, o MPLA revelou que se tinham perdido mais de 10 000 metros cúbicos de gasolina, de uma capacidade total, nas instalações do Lobito, de 22 500 metros cúbicos³³.

A UNITA fez explodir as instalações da central eléctrica do Huambo, a 18 de Agosto, e privou a cidade de electricidade durante três dias. Seis dias mais tarde, nove dos membros das células da UNITA julgados no Huambo foram executados por um pelotão de fuzilamento³⁴. No mesmo dia, a UNITA ordenou a morte imediata por pelotão de fuzilamento de quinze oficiais do MPLA, cujas patentes iam de sargento a tenente, por «atrocidades contra civis indefesos»³⁵.

As execuções tiveram o efeito de uma bomba-relógio, aumentando o nível de violência em Angola para níveis nunca antes atingidos. Os líderes do governo do MPLA afirmaram que já não existia qualquer probabilidade de o Caminho de Ferro de Benguela funcionar normalmente enquanto não houvesse uma solução para o problema da Namíbia, e o comissário Petroff admitiu que os 25 vagões a gasóleo que operavam na linha haviam sido reduzidos para cinco devido a sabotagens³⁶.

* * *

A UNITA preparou-se para uma grande ofensiva em direcção ao norte, a partir do Luengue. Primeiro, as forças da UNITA capturaram a vila do Rivungo, na fronteira zambiana, e, a 20 de Agosto, uma tentativa para recapturar a vila de Savate foi repelida por uma brigada motorizada do MPLA, constituída por quase 1000 homens. A UNITA reivindica ter morto 120 soldados inimigos em Savate e ter executado sumariamente dez soldados, incluindo o comissário político da brigada, de acordo com a sua decisão acerca do período de luto³⁷.

A 11 de Setembro, as forças da UNITA retomaram Mavinga. Desta vez, a intenção era conservar a vila permanentemente — e seis anos

mais tarde, em 1986, as forças do MPLA ainda não conseguiram lá voltar.

A 19 de Outubro, um avião *Antonov-26* tentou bombardear a pista de aterragem da UNITA, no Luengue, que na altura estava a ser utilizada como principal pista de aterragem para fornecimentos à UNITA. O avião foi atingido por um dos mísseis terra-ar das baterias *SAM-7* que protegiam a pista. O avião atingido despenhou-se a alguns quilómetros do Luengue, tendo morrido toda a tripulação.

A 22 de Novembro, um outro avião *Antonov-26* foi atingido por mísseis *SAM-7* pouco depois de descolar de Mpupa, um posto do MPLA que estava cercado, a oeste do Luengue. Aterrou violentamente e as forças da UNITA tomaram como prisioneiros os seus atordoados piloto e engenheiro-chefe. Eram ambos russos, e a UNITA afirma que eram membros da Força Aérea Soviética.

Uma declaração da UNITA dizia que os cativos capturados demonstravam que o papel soviético em Angola não se limitava a aconselhar e a treinar o MPLA. Estes também participavam em missões de combate³⁸.

* * *

Em Novembro de 1980, Jimmy Carter foi derrotado pelo seu adversário republicano, Ronald Reagan, na eleição para a Presidência da América. Este facto viria alterar o destino de Jonas Savimbi, uma vez mais, para melhor.

CAPÍTULO XXXIII

MUDANÇA DE POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS FAVORECE SAVIMBI

1981

«AS MELHORES NOTÍCIAS desde o princípio da guerra de libertação, há já cinco anos [contra os Cubanos/MPLA]», afirmou Savimbi acerca da cerimónia inaugural de tomada de posse, nos princípios de Janeiro de 1981, de Ronald Reagan como Presidente dos Estados Unidos. «A eleição de Reagan é a nossa esperança... porque ele significa um rude golpe contra o expansionismo soviético e a favor da partida dos Cubanos¹.»

Reagan havia prometido durante a sua campanha eleitoral que tentaria persuadir o Congresso a revogar a Emenda Clark, de forma a que pudesse recommençar a ajuda dos Estados Unidos à UNITA.

A autoridade de Savimbi ficou também reforçada, em Janeiro de 1981, pelo colapso das conversações sobre o futuro da Namíbia, apadrinhadas pelas Nações Unidas, que haviam estado a decorrer, em Genebra, desde Novembro do ano anterior. Nas conversações de Genebra estiveram presentes a África do Sul, a SWAPO, as Nações Unidas, o Grupo de Contacto, os intermediários ocidentais, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Canadá, a França e a Alemanha Ocidental, dois dos cinco principais partidos anti-SWAPO da Namíbia, a Zâmbia e outros Estados negros africanos da «linha da frente».

A África do Sul precipitou o malogro da conferência ao argumentar que as Nações Unidas não estavam a comportar-se de forma imparcial, entre ela e a SWAPO. Porém, nesta altura, Pretória detinha evidente superioridade militar sobre a SWAPO: com as Nações Unidas parcialmente decompostas, a África do Sul simplesmente não via necessidade de nestas circunstâncias considerar a hipótese de conceder a independência à Namíbia, enquanto podia pressionar, na frente diplomática, por uma

retirada das tropas cubanas de Angola, como o preço da sua própria retirada da Namíbia. Com nenhum acordo para este problema à vista, foi assegurado a Savimbi o apoio continuado sul-africano, à medida que consolidava as suas forças.

Um correspondente do *Financial Times* que visitou o quartel-general da SADF (Força de Defesa Sul-Africana) na faixa central de Kavango, situada na fronteira Namíbia-Angola, em Rundu, concluiu que a própria SADF não estava a considerar qualquer solução prematura para o problema da Namíbia. Os comandantes militares estacionados em Rundu consideraram o plano das Nações Unidas para a criação de uma zona de fronteira desmilitarizada como impraticável. «Nós podemos ganhar esta guerra», afirmou ao homem do *Financial Times* o coronel Leon Martins, comandante da secção da fronteira de Kavango. «Porém, se permitirmos aos terroristas que entrem na nossa área, levaremos 30 a 80 anos. Se os combatermos onde estão — em Angola —, levaremos 10 a 15 anos².»

De volta a Windhoek, a capital da Namíbia, o major-general Charles Lloyd, o comandante da SADF para a Namíbia, disse ao mesmo repórter que os ataques a Angola, perpetrados pelas suas forças, haviam enfraquecido a SWAPO em 1980, infligindo-lhe a morte de 15 000 guerrilheiros, contra 72 baixas por parte da SADF. Ao calcular a força remanescente da SWAPO entre 7000 a 8000 elementos, ele revelou: «O nosso objectivo é destruir a força militar da SWAPO e a sua vontade de lutar.»

* * *

Em Fevereiro de 1981, os autores de um artigo sobre Savimbi intitulado «O aliado de Reagan», publicado na revista *The New Republic*, argumentavam que «uma vitória da UNITA em Angola estava claramente dentro do domínio das possibilidades». E prosseguia: «Iria ainda servir de advertência para outros países de que o vento poderia finalmente começar a soprar do Ocidente³.»

O novo secretário de Estado dos Estados Unidos, Alexander Haig, revelou logo desde o princípio da Presidência de Reagan que a política dos Estados Unidos, já com cinco anos, de recusar o reconhecimento diplomático do Governo de Angola, não seria modificada enquanto as tropas cubanas permanecerem em Angola. Em meados de Janeiro de 1981, Alexander Haig afirmou ao Subcomité do Senado para as Relações Exteriores que se opunha ao reconhecimento do Governo de Luanda «enquanto estiverem vinte mercenários dentro das suas fronteiras⁴».

No fim de Março, Reagan anunciou que iria levar avante a sua promessa pré-eleitoral de persuadir o Congresso a revogar a Emenda Clark. Nesta altura, Savimbi encontrava-se de novo em Marrocos, onde se avisou com um oficial superior do Departamento de Estado dos Estados Unidos — provavelmente o deputado assistente do secretário de Estado Lannon Walker — para discutir um plano de evolução para a Namíbia e Angola⁵.

Um pouco antes de se realizar o encontro entre Walker e Savimbi, um comunicado emitido pela SWAPO dizia que uma delegação de seis oficiais da UNITA se avistara com Alexander Haig, aparentemente, nos Estados Unidos. Haig fizera à delegação a promessa de que os Estados Unidos iriam ajudar a UNITA; porém, iriam actuar com cautela, para minimizar a possibilidade de uma reacção hostil nos Estados Unidos. O comunicado acrescentava que diversas personalidades dos Estados Unidos iriam visitar o território da UNITA para avaliarem as necessidades do movimento⁶. A 29 de Março, o *Sunday Telegraph*, de Londres, citando fontes diplomáticas em Pretória, dizia que três ou quatro «peritos militares americanos tinham efectuado visitas clandestinas a bases de guerrilha [da UNITA]». Simultaneamente, os chefes dos serviços de informação militares sul-africanos faziam uma visita sem precedentes a Washington, onde foram recebidos por oficiais superiores, incluindo o embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, a senhora Jeane Kiakpatrick⁷.

Em breve começaram a vir a público pormenores sobre o plano de Reagan para a região, relacionando a independência da Namíbia com uma retirada cubana de Angola. Funcionários da Administração acreditaram que os países-chave africanos não teriam outra escolha senão aceitar o plano, afirmava em reportagem o *New York Times*, num artigo com honras de primeira página, com origem em Washington. O jornal afirmava ter obtido acesso a um memorando confidencial da Administração que dizia: «Os líderes africanos não têm bases para recusar uma articulação entre a Namíbia e Angola, uma vez que lhes façam compreender que apenas podem conseguir um acordo na Namíbia através de nós, e que nós falamos a sério quanto a chegar-se a um tal acordo⁸.»

O ponto de partida do pensamento da Administração dos Estados Unidos era que a África do Sul tinha de ser persuadida a cooperar. As sanções impostas pelas Nações Unidas, que estavam a ser solicitadas pela maioria dos Estados negros africanos, não iriam pressionar a África do Sul a aceder às exigências para conceder à Namíbia a sua independência, pois o argumento mantinha-se: teriam o efeito oposto e fariam com que a África do Sul se tornasse mais intransigente.

Para os Estados Unidos isto significava, na prática, o fortalecimento de laços com a África do Sul, através de símbolos como visitas oficiais, que poriam um fim ao estatuto de pária da África do Sul, oferecendo à África do Sul termos mais conciliatórios — e, conseqüentemente, mais exequíveis na prática — para esta sair da Namíbia, utilizando a perspectiva de uma retirada militar da África do Sul da Namíbia como alavanca para uma retirada cubana de Angola, a ser seguida por um acordo de partilha de poder entre o MPLA e a UNITA. Finalmente, a cooperação dos Estados negros africanos com toda esta situação devia ficar assegurada com uma promessa de eleições abertas na Namíbia.

As novas propostas americanas exigiam um acordo sobre uma constituição para a Namíbia, antes de se realizarem as eleições, sob supervisão internacional, com vista a abrir o caminho para a independência. O plano anterior, apresentado pelas Nações Unidas, perspectivava uma eleição para uma assembleia constituinte, que só então iria elaborar uma constituição — os vencidos nesta eleição, sob este sistema, teriam assim perdido também a oportunidade de assegurarem que os seus direitos ficassem constitucionalmente protegidos.

A política dos Estados Unidos foi baptizada como «compromisso construtivo», porque envolvia a África do Sul como um participante reconhecido e legítimo num processo geral de mudança no Sul e Centro da região africana, em vez de a considerar como o acusado no banco dos réus.

O autor do memorando obtido pelo *New York Times* era Chester Crocker, o professor de Estudos Africanos da Universidade de Georgetown, em Washington, que fora nomeado por Reagan como subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos. Crocker era considerado um homem inteligente, porém, conservador pelos democratas de inclinação liberal Carter/Kennedy. Todavia, era também considerado como um liberal perigoso pela ala direita do Partido Republicano no Congresso, que reteve a confirmação para a sua nomeação durante alguns meses.

Crocker era provavelmente demasiado cerebral para muitos dos congressistas da direita, e se eles tivessem lido com atenção o que ele escrevera sobre a África Austral, na altura, teriam sido capazes de entender que as suas propostas para a região não eram de forma nenhuma convencionalmente liberais. No caso particular de Angola, elas significavam problemas para o MPLA/Cubanos nos anos que estavam para vir.

Num artigo, em particular, ele expunha com bastante clareza a filosofia que serviria de orientação à política da administração Reagan em relação a Angola e à Namíbia, ao longo dos anos que se seguiram⁹. Com o benefício da compreensão do que devia ter sido feito, o artigo de Crocker devia ter constituído leitura obrigatória para qualquer pessoa interessada no problema de Angola e da Namíbia.

Sobre o problema de conflitos tão estreitamente interligados, Crocker observava que, de acordo com uma escola de pensamento, a Namíbia estava no topo do calendário ocidental, enquanto a guerra angolana dificilmente lá figurava. Por qualquer razão, a presença soviético-cubana estava legitimada ou justificada até estar solucionada a questão da Namíbia e a UNITA estar derrotada. Porém, Crocker argumentava de forma diferente, apresentando-a menos como o seu próprio ponto de vista do que o defendido por muitos centristas e conservadores na América e na Europa, assim como pelo Governo da China e pelos Estados árabes mais moderados e conservadores.

«Angola é o ponto lógico fulcral para a política», disse ele. «Afinal, é

em Angola que as forças anticomunistas estão efectivamente empenhadas em libertar o seu país do novo imperialismo de Moscovo e seus aliados.

Este processo devia ser encorajado com o objectivo de expulsar os Cubanos, de forma a poder acontecer uma verdadeira reconciliação política. Quanto à Namíbia, embora seja importante a realização de um acordo aí, ele não terminará, por si só, com a contenda em Angola, porque, de forma nenhuma, Savimbi é um instrumento da África do Sul. Ele continuaria a operar com o apoio activo de outros Estados africanos e governos de outras paragens. Consequentemente, o Ocidente devia apoiar a UNITA até uma altura determinada em que o MPLA esteja preparado para negociar e para expulsar as forças comunistas de Angola. A Namíbia, tendo em atenção este argumento, é uma questão separada e de menos importância.»

Crocker, contudo, avisou Washington acerca dos perigos de ser visto a apoiar abertamente a UNITA. Este facto poderia ocasionar uma escalada no conflito e excluir a possibilidade de responder às frequentes promessas do MPLA de desejar reduzir drasticamente os seus laços soviético-cubanos.

Argumentou: «Os Estados Unidos estariam a servir os seus melhores interesses ao admitirem publicamente a legitimidade da luta da UNITA e ao manterem as pressões para a partida das forças de combate comunistas... Devíamos identificar-nos com o desejo dos próprios Angolanos de libertarem a sua terra de tropas estrangeiras e também com a luta que eles representam.»

Deste modo, Crocker defendia que poderia ser contraproducente ser visto a apoiar abertamente a UNITA. Nada referiu sobre o corolário de que poderia haver vantagens em encorajar, persuadir ou mesmo pagar a outros para apoiarem a revolta angolana. Não fez comentários acerca dos prós e dos contras de canalizar ajuda americana através de terceiros partidos.

Porém, uma coisa era certa, um homem extremamente hábil, com um perfil moderado, estava a beber o cálice envenenado da África Austral pela administração Reagan. Era ainda um homem com respeito pelo continente africano como um todo, que não encarava as coisas sob um prisma negro ou branco completo e que reconhecia que a África Central e do Sul eram imensamente ricas e complexas, para além da imaginação de muitos europeus e norte-americanos que apenas viam a verdade mais simples. «A região será moldada por forças mais substanciais e concretas do que as convenções jornalísticas, tais como 'regimes racistas' ou 'guerrilheiros marxistas'», escreveu Crocker.

* * *

Reagan e Crocker significavam boas notícias para Savimbi; porém, também havia más notícias. Os membros das células urbanas da UNITA con-

tinuavam a pagar o mais elevado preço se eram apanhados, como quando dezoito deles foram sentenciados à morte em Março de 1981 por colocarem uma bomba num comboio suburbano em Luanda¹⁰.

Começaram a ser feitas afirmações sobre a cooperação militar directa entre a UNITA e certos batalhões da SADF (Força de Defesa Sul-Africana) estacionados na fronteira entre a Namíbia e Angola, e em particular o 32.º ou Batalhão Búfalo. A força de 1200 homens do Batalhão Búfalo era comandada por 25 oficiais brancos da SADF, incluindo, a determinada altura, o coronel Carpenter, que, alegava o MPLA, comandara as forças sul-africanas durante a invasão de Angola de 1975-1976¹¹. Todos os oficiais eram sul-africanos, excepto um, o capitão Christopher Clay, um veterano da guerra do Vietname¹². O que ele estava a fazer na Namíbia nunca ficou esclarecido, segundo relatos de jornalistas que com ele se encontraram.

Os oficiais sem patente do Batalhão Búfalo eram, na sua maioria, mercenários brancos de origem rodesiana, francesa, britânica, portuguesa e americana. Contudo, os soldados comuns eram angolanos negros que anteriormente haviam pertencido à FNLA e haviam procurado refúgio na Namíbia após uma série de derrotas infligidas ao seu movimento entre 1975 e 1978.

Em 1980, dois membros do Batalhão Búfalo desertaram, um mercenário britânico NCO (oficial sem patente) e um negro angolano de infantaria. Ambos alegaram que existia colaboração militar entre a SADF e a UNITA.

O britânico, Trevor Edwards, tomara-se soldado mercenário ao serviço das Forças Armadas Rodesianas em 1978 e, em seguida, assinara um contrato de um ano com a SADF, em Março de 1980. Edwards afirmara, em Janeiro de 1981, a um jornal britânico, ter sido membro de uma força de 300 homens do Batalhão Búfalo que tinha avançado 75 quilómetros para o interior de Angola, no mês de Maio anterior, e parara ao pé de Savate¹³. A 21 de Maio de 1980, os oficiais brancos pintaram as suas caras de preto e comandaram as antigas forças da FNLA num ataque ao batalhão do MPLA aí estacionado. O Batalhão Búfalo tomou a vila após ter perdido dez soldados da FNLA e seis tropas brancos. «Não estavam guerrilheiros da SWAPO em Savate», afirmou Edwards. «Era uma base para soldados angolanos e ficámos a saber isso assim que lá entrámos.»

Durante a batalha por Savate, estavam no quartel-general tático das companhias do Batalhão Búfalo dois representantes da UNITA, alegou Edwards. Quando a batalha terminou, entraram na cidade e reclamaram a sua posse para a UNITA.

Edwards afirmou que frequentemente o Batalhão Búfalo se conduzia com brutalidade sanguinária, matando por vezes civis após estes terem sido interrogados e levando soldados angolanos de volta para a sua base na Namíbia, no extremo ocidental de Caprivi Strip, para interrogatórios:

«Por vezes, temos de o fazer às crianças para fazer falar os adultos. Havia um rapaz de 12 anos. Nós queríamos saber o que se estava a passar. Queríamos que a mãe dele falasse, por isso amarrámo-lo como a um frango com os pulsos atrás das costas, atados aos tornozelos. Em seguida, jogámos pólo aquático com ele, pusemo-lo numa espécie de dique e ora o puxávamos para cima ou o deixávamos ir ao fundo. De vez em quando, tirávamo-lo de lá. Não chorou nem gritou. Apenas se urinou. A mãe não nos disse nada. No fim, limitámo-nos a largá-lo dentro de água e afogou-se. Acontece que não gosto deste género de coisas.»

O soldado José Ricardo Belmundo, o desertor da FNLA, prestou o seu testemunho sobre o Batalhão Búfalo, em Luanda, à Comissão Internacional do Inquérito aos Crimes Racistas e do *Apartheid* da África Austral. A Comissão era constituída por simpatizantes do MPLA da Alemanha de Leste, Chile, França, Bélgica e dos Estados Unidos¹⁴.

Belmundo, que se juntara à FNLA em 1973, afirmou ter desertado do Batalhão Búfalo em Janeiro de 1980, após ter atravessado a fronteira angolana e ter-se rendido às tropas do MPLA, em Calai. Revelou que a principal zona de operações do Batalhão era a Província do Cunene, contra alvos da SWAPO e do MPLA. Porém, acrescentou: «Sempre que a UNITA tinha dificuldades operacionais, contactava a segurança militar sul-africana. Os oficiais da segurança sul-africana — por exemplo, o coronel Du Plessis — chamavam o 32.º Batalhão para organizar uma força, para avançar e tirar a UNITA de problemas. Avançámos e operámos a favor da UNITA nas regiões da UNITA (na Província do Cuando Cubango).»

Belmundo disse também que os oficiais do Batalhão Búfalo viajavam em voos nocturnos da Força Aérea Sul-Africana para supervisionar a decida em pára-quadras de alimentos, armas e outros abastecimentos para a UNITA. Também havia oficiais a dar instrução nos acampamentos da UNITA dentro de Angola, particularmente em Mucusso, apenas a uns poucos quilómetros para nordeste da base central do Batalhão Búfalo, em Bagani, no extremo ocidental de Caprivi Strip, na Namíbia.

Savimbi negou as afirmações feitas por Belmundo e Edwards. Da afirmação do inglês de que dois soldados da UNITA se haviam levantado para reivindicar Savate em nome da UNITA, após o ataque do 32.º Batalhão, disse: «É demasiado fantástico para ser verdade, porque se nós quiséssemos assumir o poder numa cidade, depois de os Sul-Africanos a terem atacado, não iríamos mandar apenas duas pessoas.»

Nem as afirmações de Edwards nem as de Belmundo podiam ser dignas de crédito, afirmou Savimbi. Recordando a deserção dos mercenários franceses quando o combate se tornou demasiado violento, em Março de 1976 (ver capítulo XX), Savimbi referiu: «Tornou-se um dos princípios da nossa organização que os mercenários podem vir a ser inúteis. Qualquer que queira que lhe ponham dinheiro na sua conta do banco, antes de ser levado para uma guerra, não pode permitir-se morrer, porque tem de voltar e

usufruir do dinheiro que já lhe pusemos na conta. A sua preferência será sempre retirar-se e evitar um combate a sério.

Não acredito nas histórias contadas por Edwards e Belmundo, porque um desertor é sempre um homem perigoso. Ele exagera por motivos mercenários e para granjear simpatias para si próprio¹⁵.»

Longe da cena de operações, é difícil para qualquer compreender as afirmações e contra-afirmações no conflito. Portanto, em Junho de 1981, quando recebi um convite de Savimbi para visitar o seu território no Sudeste de Angola, aceitei. Já era tempo de parar de analisar minuciosamente por meio de palavras e voltar para ver por mim próprio pelo menos uma parte da verdade.

CAPÍTULO XXXIV

REGRESSO A ANGOLA

1981

O ZAMBEZE FORA atravessado. Milhares de metros abaixo estendiam-se infundáveis extensões de mata, marmoreadas por densos veios de capim de savana. Estávamos no coração de Angola e algures, mais adiante, escondia-se um exército negro de guerrilha.

Uma figura oblonga, fina, cor de azeitona, apareceu na mata mais abaixo. À medida que descíamos e rodeávamos o local, pudemos observar dançarinas vestidas de vermelho-vivo e verde, soldados e uma coluna de camiões.

Pisámos o solo numa faixa de terreno arenosa e coberta de capim, ao som da música. As dançarinas ondulavam os corpos, cantando as ricas melodias e harmonias do povo Bantu da África Central e do Sul: o espírito da música fazia-nos vibrar. As palavras, a letra, eram de propaganda, em grande parte, em louvor do homem alto e barbudo, com três estrelas douradas de general, na sua boina verde, e que estava de pé, a cerca de 100 metros de distância, rodeado por ajudantes-de-ordens.

Savimbi estava à nossa espera, ostentando um bastão de ébano com a extremidade superior em prata e vestindo um colete de comando verde-escuro e calças verdes enfiadas dentro de botas de combate, bem engraçadas.

O meu companheiro jornalista era Dick Harwood, director e administrador do *Washington Post*, um veterano de Iwojime, já com o cabelo grisalho, do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, e um repórter experimentadíssimo que fizera a cobertura da campanha de Kennedy e da guerra do Vietname. Para além destes, o avião trouxera diversos representantes da UNITA no estrangeiro, incluindo Tito Chingunji, colocado em Londres, e o Dr. Jeremias Chitunda, colocado em Washington. Enquanto decorriam reencontros emotivos — muitos abraços e beijos em

ambas as faces — estive a observar algumas tropas da UNITA. Estavam muito mais bem equipadas do que quando eu estivera pela última vez em Angola, em 1976. Traziam espingardas soviéticas *Kalashnikov AK-47*, a arma ligeira clássica dos guerrilheiros, e lança-mísseis soviéticos *RPG-7*. Havia também canhões anti-aéreos chineses de 12,7 mm ao longo do caminho e, mais interessante que tudo isto, havia mísseis terra-ar *SAM-7*. A reivindicação da UNITA da posse destas armas, simples mas mortíferas, fora recebida com cepticismo no mundo exterior. Eu e Harwood fomos os primeiros repórteres a vê-las.

A coluna de camiões — *Star*, polacos, *Zil*, soviéticos, e *Wolkswagen Unimog* — estivera a descarregar do avião equipamento médico e medicamentos no valor de 40 000 dólares americanos. Savimbi saltou para o seu *Land-Rover* pessoal, acompanhado da sua guarda pessoal, e a nós foram-nos destinados os *Star*, veículos robustos e funcionais, entregues pela Polónia ao MPLA e posteriormente capturados pela UNITA.

Frequentemente embatíamos com violência devido a sulcos profundos nas picadas, os motores rangendo. À luz do último brilho do dia, cor de fogo, difuso, pude avistar à distância antílopes. De repente, escureceu e acenderam-se os faróis. Se existia alguma possibilidade de ataque por parte dos Cubanos ou das tropas governamentais, os guerrilheiros pareciam não se preocupar com isso. Os cantores continuavam a cantar alegre e ruidosamente, na parte posterior dos camiões.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, avistámos a fogueira de um acampamento. Atravessado na picada estava um poste tipo fronteira: guardas armados identificaram Savimbi, saudaram-no e levantaram a cancela. Entrámos numa área onde cintilavam fogueiras de 100 em 100 metros, em todas as direcções. Era difícil ver o povo, mas, definitivamente, estava lá, porque Dick e eu podíamos ouvir mais cantares e risos. Era evidente que o acampamento era extenso, porque o percorremos durante mais de dez minutos antes de pararmos.

Fomos conduzidos às nossas cubatas. A minha era grande e rectangular, uma armação de estacas de árvores cobertas com capim de elefante e construída por baixo de ramos de árvores que a sobranceavam. Estava dividida em dois compartimentos. Num deles estava uma cama de folhas e no outro uma cadeira de capim, uma cadeira de braços e uma escrivaninha feita de ramos novos entrançados. Uma fogueira crepitava, no chão arenoso da cubata, e havia um candeeiro com pavio de parafina. Lá fora, à luz da sua própria fogueira, estavam dois guerrilheiros sentados, um deles a limpar uma *Kalashnikov*.

Chegou água quente para o banho, seguindo-se o jantar, trazido por duas guerrilheiras atraentes e bem constituídas. A ementa: arroz abundante e saboroso, batatas, sopa de tomates e cebolas, sumo de laranja, compota de morangos com bolachas de proteínas e café.

Um momento que eu temera chegou — uma visita a uma casa de

banho da guerrilha. Tive visões de instalações sanitárias abomináveis. Um guarda guerrilheiro guiou-me através de sombria vegetação rasteira da mata, e lá estava um esplêndido recinto de latrina — escavado fundo, coberto por uma camada densa de ramos, galhos pequenos e areia com um pequeno buraco central, rodeado por uma sebe de capim. A UNITA tinha com certeza nas suas fileiras peritos eficientes em saúde pública.

Mais tarde, sentei-me durante um bocado junto da fogueira das minhas sentinelas. A noite irradiava magia. Por cima da minha cabeça pairava um imenso dossel de jóias cintilantes; estrelas faiscantes proporcionavam um espectáculo celestial quase de fogo-de-artifício. A lua surgiu — um enorme disco vermelho e intenso, como se tivesse absorvido todo o derramamento de sangue ocorrido nesta trágica terra. Sorvendo uísque, o velho Dick, que dificilmente se deixava entusiasmar, traiu mais tarde o seu lado sentimental quando a descreveu como «uma beleza de fazer partir o coração».

Observei os meus guardas a prepararem o seu jantar. Era bastante frugal: papas de milho, alguns quadrados de carne cozida, cortados de um grande pedaço de carne de antílope seca, que transportavam na própria mochila. Era emborcada com longos tragos de água de um cantil preso à cinta. Ocasionalmente, diziam, variavam a dieta com comida frita e coberta com mel silvestre.

Os guerrilheiros dormiam sob o céu estrelado, junto da fogueira. Estendiam as esteiras e escavavam uma pequena vala à volta para desviar algumas das pequenas criaturas rastejantes de Angola. (Uma manhã, encontrei dentro de uma das minhas botas um pequeno escorpião branco.) Cada homem se enrola debaixo do único cobertor que possui. A arma e a mochila, juntamente com uma esteira enrolada e um cobertor por cima, constituem todo o material que cada guerrilheiro possui no mundo.

A UNITA era um exército de voluntários não remunerados, que apenas oferecia comida, camaradagem e uma oportunidade para morrer em defesa de uma visão individual de Angola. Savimbi revelou, durante a nossa visita, ter mais de 20 000 homens sob o seu comando. Num documentário para a televisão britânica, exibido nos princípios de 1981, John Stockwell repetira a sua afirmação de que não existiam mais de 300 guerrilheiros da UNITA e mesmo esses pobremente armados.

Teríamos de ver.

* * *

Na manhã seguinte, a 26 de Junho, o dia estava magnífico: o ar estava límpido como cristal, o céu brilhante, azul e sem nuvens. O primeiro acontecimento foi uma reunião com Savimbi, numa cubata circular de conferências. Da sua enorme cadeira de capim, ele resumiu-nos o que pensava da situação política e militar. Estávamos apenas a uns poucos quilómetros de Luengue, capturada às forças governamentais em Junho de

1980, desde que a UNITA avançara bastante mais para norte. O combate mais amplamente publicitado em Angola, nessa época, entre as forças sul-africanas e a SWAPO, tivera lugar a cerca de 1000 quilómetros dali, no Sudoeste, afirmou Savimbi.

O presidente da UNITA perguntou-nos o que queríamos ver. A UNITA reclamava o controlo absoluto de um território com o tamanho da Inglaterra, 350 quilómetros para o interior de Angola, por isso pedíamos que nos levasse a Mavinga, 250 quilómetros para o interior de Angola, uma área que tanto as forças governamentais como a UNITA reclamavam controlar. Também queríamos ver o maior número de tropas possível; as presas maciças, reclamadas pela UNITA, de armas capturadas; os prisioneiros do movimento: soviéticos, cubanos, portugueses e do MPLA; as escolas; as igrejas na mata; os hospitais e as quintas colectivas.

Tudo isso se faria, disse Savimbi. Portanto, começámos.

* * *

Quarenta e oito horas depois estávamos em Mavinga. Havíamos inspeccionado um batalhão de 700 homens, recentemente treinados, *en route**, visto os destroços de um bombardeiro *Antonov-26*, abatido por um dos mísseis *SAM-7* da UNITA, e havíamos-nos mantido em movimento todo o dia e toda a noite. Os guerrilheiros haviam avançado, penosamente, ao longo de um trilho sinuoso e tortuoso para norte, ao longo de cordilheiras de mata, através da savana, em vales com rios, atravessando-os a vau. O «trilho de Savimbi», o equivalente da UNITA ao «trilho de Ho Chi Minh», ao longo do qual os Vietcong transportavam os abastecimentos para o Vietname do Sul, penetrava mais de 300 quilómetros para norte, no interior de Angola, a partir da fronteira namibiana.

Dick e eu viajámos nas cabinas dos camiões *Star*. Embora raramente excedêssemos os 25 quilómetros por hora, era como se cavalgássemos potros selvagens, sempre a empinar-se, pois amiúde resvalávamos para sulcos do trilho e embatíamos em árvores. Deve ter sido o inferno, em particular à noite, para os guerrilheiros insuficientemente vestidos e apinhados com desconforto na parte posterior dos camiões. Estávamos no Inverno da África Austral, quando as temperaturas nocturnas descem abaixo de zero.

Tivemos uma série de percalços. A transmissão rebentou num dos camiões e num outro partiu-se a correia da ventoinha. Quando os faróis se estilhaçavam contra os troncos de árvore, aproveitavam-se as luzes das cabinas para iluminar vagamente o caminho.

Começámos a conhecer melhor os guerrilheiros. Jardo, um jovem e brilhante linguista, era o nosso tradutor. Tal como o seu dialecto tribal e o português, falava fluentemente inglês e francês e um pouco de russo e espanhol — e, contudo, nunca estivera fora de Angola. Honório e

* No original — em movimento. (*N. do T.*)

Chimoko constituíam a minha guarda pessoal. Anabela, Linette e Elizet eram as raparigas que nos lavavam as peúgas e cozinhavam.

Estavam cerca de 60 guerrilheiros na coluna. Provinham do batalhão de *élite* de guarda-costas de Savimbi, constituído por 500 homens. «Eles seriam impiedosos para quem tentasse matar o presidente Savimbi», afirmou Jimmy. «Foram treinados de tal forma que prefeririam morrer eles próprios a deixar que o presidente fosse morto.» Pareciam eficientes. A cada paragem, rápida mas calmamente, formavam perímetros de linhas de atiradores com metralhadoras *Kalashnikov*, morteiros e lança-granadas. A maioria dificilmente ultrapassava os 20 anos, por isso deduzi que haviam sido recrutados desde a guerra civil de 1975-1976.

Dick descobriu que muitos dos guerrilheiros tinham interessantes nomes de guerra — Lonely (solitário), Gringo, Red Sun (sol vermelho), Angola, Big Rat (ratazana), Long Journey (longa viagem). Gringo era um nome popular, porque em todos os filmes que haviam visto os gringos venciam os tiroteios.

A nossa entrada em Mavinga foi quase como uma cena de *High Noon**. Ninguém se mexeu... porque não estava lá ninguém. Para a UNITA ela era uma jóia preciosa, um símbolo tangível da sua capacidade de atacar e derrotar em terreno aberto um exército moderno de tropas angolanas, apoiado por soldados cubanos e apoio logístico soviético. Mais tarde, Savimbi prestou-se a dar-nos a sua versão dos detalhes das batalhas pela posse de Mavinga.

Eventualmente, o pó do chão agitou-se no extremo da rua principal. O major Wenda Catata aproximou-se. Comandava o Batalhão 327 da UNITA, que estava de guarda à cidade. Convidou-nos a inspeccionar as suas tropas profundamente entrincheiradas mais adiante, mas não no interior da cidade.

Mavinga possuía uma pista de aviação satisfatória. Num dos extremos da pista encontravam-se as campas dos soldados do MPLA que o major Catata afirmara terem morrido durante os combates pela cidade. O chão estava juncado de munições já utilizadas e havia um camião *Star*, enterado numa cratera provocada pela explosão de um mina, sobre a qual passara.

Fotografámos as tropas, os edifícios bombardeados e a tabuleta que indicava a cidade de Mavinga. Em seguida, foi o regresso aos nossos camiões *Star*, para mais uma viagem que nos iria provocar contusões em todo o corpo, durante a noite e todo o dia.

Posteriormente, chegámos a uma mata chamada Uantomba: as tropas alinharam-se ao longo da picada, durante um par de quilómetros, dançando, cantando e brandindo metralhadoras *Kalashnikov* e assinalando

* Este filme foi exibido em Portugal sob o título *O Comboio Apitou Três Vezes*. Era um filme de cowboys, em que Gary Cooper desempenhava o principal papel. (N. do T.)

o caminho com tochas de madeira, no ar. Eu estava quase inconsciente. Já tinham passado três noites e quatro dias desde que eu estivera na cama pela última vez. Fui conduzido a uma cubata construída como abrigo subterrâneo — uma cova profunda coberta por um cone de capim. Compreendi, por causa do abrigo subterrâneo, que devíamos estar numa zona de combate; em seguida, caí no sono mais profundo da minha vida.

* * *

Acordei na manhã seguinte ao som da música e ruído de pés. Esquadrões e pelotões estavam a iniciar a sua rotina diária, marchando e cantando à medida que avançavam. Os soldados estavam em boa forma. Dois meses antes tinham estado envolvidos na maior das batalhas, pela posse de Mavinga: Savimbi afirmou que eles tinham liquidado 500 militares do MPLA.

Fora preparada uma grande parada para este dia — estávamos a 29 de Junho —, envolvendo 1400 homens dos Batalhões 210 e 275. Seriam proferidos discursos por N'Zau Puna e pelo tenente-coronel Demóstenes Chilingutilla, o comandante-chefe de operações da UNITA. Chilingutilla adquirira a sua experiência servindo como oficial no Exército Português, combatendo, entre outros, contra a UNITA.

A marcha, o manejo das armas, os cantares e as danças revelaram-se espectaculares. Porém, o acontecimento mais importante foi uma peça de drama popular. No enorme recinto aberto onde se realizara a parada, Leonid Brejnev, Fidel Castro e Agostinho Neto cumprimentaram-se, com efusões exageradas, tratando-se como *companeros* (irmãos), antes de congeminares um pacto do diabo. Brejnev e Castro iriam enviar armas para Angola para expulsar os «fantoques» da UNITA. Neto, em troca, dar-lhes-ia os diamantes, petróleo, café e peixe do país como pagamento. No acto seguinte, chegaram os soldados cubanos e começaram a matar camponeses angolanos — dando aos soldados toda a oportunidade de mostrarem os seus talentos artísticos — enquanto na mata a UNITA recrutava e treinava guerrilheiros. Finalmente, a UNITA atacava e Brejnev e Castro eram expulsos de Angola.

Uma cena simplista, porém fez com que as tropas aplaudissem e rissem em delírio.

Estava na altura de partirmos de novo. Podíamos fazer rumo ao Sul e ver as quintas de Savimbi, as escolas, as oficinas, as igrejas, os prisioneiros soviéticos, os desertores cubanos e as armas capturadas, ou poderíamos seguir rumo ao Norte com as companhias de guerrilheiros, penetrando, a pé, por detrás das linhas cubanas e do MPLA, dormindo em aldeias nominalmente sob o domínio do MPLA. «Os aldeões recebem o MPLA com canções durante o dia; porém, à noite, dão informações à UNITA», revelou o tenente-coronel Chilingutilla. «Dizemos à

população local para receber o MPLA, para lhe dizer que estão do seu lado e que já nada têm a ver com a UNITA.»

O único jornalista ocidental a ter anteriormente feito a opção norte foi o corajoso Leon Dash do *Washington Post*, na sua épica viagem de 1977.

Nós fizemos a opção sul.

À minha frente estavam ainda muitas experiências surpreendentes; contudo, eu começara a ter resposta à pergunta que ali me trouxera. Aprendera já o suficiente sobre Jonas Savimbi ao longo dos anos para saber que ele nunca renunciaria à sua luta. Porém, teria ele alguma verdadeira possibilidade de vencer contra vantagens aparentemente desanimadoras?

Apenas a meio caminho da minha viagem, eu estava já estupefacto com as provas da organização que ele construía. Durante todos os longos anos de luta pela ZANU de Robert Mugabe, o movimento nunca conseguira fazer aterrar aviões na Rodésia ou deslocar-se nos seus camiões, como a UNITA faz em Angola. Mugabe nunca comandou a ZANU a partir de bases na Rodésia, como faz Savimbi a partir de bases em Angola. Das qualidades de Savimbi estava eu já consciente, mas também começara a admirar grandemente as qualidades pessoais dos africanos com quem convivera durante estes poucos dias — a sua notável firmeza, paciência, humor, dedicação, disciplina, autoconfiança e jovialidade transparente e espontânea.

Tínhamos já visto 3000 combatentes bem armados. Não sabia se a UNITA tinha alguma esperança de vencer por completo a guerra. Todavia, vira o suficiente para ter a certeza de que os Cubanos, os Russos e o MPLA também não poderiam vencê-la. E, de acordo com os manuais das técnicas de guerra de guerrilha, isto é equivalente a uma derrota para o lado do Governo.

CAPÍTULO XXXV

RUSSOS E CUBANOS

1981

DE UANTOMBA ENVEREDÁMOS para sudeste em direcção ao quartel-general de Savimbi chamado Jamba, perto de Bambangando, a cerca de 80 quilómetros para norte da fronteira namibiana e a 50 quilómetros da Zâmbia. A viagem, através de extensões de matas imensas e de savana, parecia não ter fim. Os Portugueses chamavam a esta região «As Terras do Fim do Mundo», tratando-a como uma enorme reserva de caça. Existiam manadas de elefantes, zebras e gnus. Os avestruzes correram ao nosso lado, durante quilómetros, com as suas crias do tamanho de gansos correndo atrás. Os guerrilheiros abateram algumas galinhas-d'Ângola e um par de pequenos antílopes para a panela.

Passou-se um bom par de dias antes de avistarmos outros seres humanos. Primeiro, um tanque a gasolina de fabrico soviético, com um condutor da UNITA, passou na direcção oposta. Em seguida, à distância, do outro lado da savana, observámos um tractor vermelho a lavar. Jimmy Muecalia disse-nos que estávamos a passar ao longo dos limites de uma das quintas colectivas da UNITA. O tractor estava a preparar o solo para a próxima colheita de milho. Porém, não parámos. Tínhamos um encontro urgente com os prisioneiros soviéticos em poder da UNITA.

Parámos, já quase de noite, numa clareira sombria da mata, onde existiam cubatas dispersas. Os dois soviéticos, de grandes barbas, chegaram um pouco antes do crepúsculo — num camião *Star*, claro, um dentro da cabina e o outro na parte de trás, aberta. Era evidente que não se viam há bastante tempo porque trocaram palmadas amistosas e conversaram apressadamente assim que saltaram do camião, rodeado por guardas armados com *Kalashnikov*. Apertámos as mãos aos dois soviéticos e, após uma rápida sessão de fotografias, entrámos com eles numa das cubatas para uma entrevista.

Mollaeb Kolya, então com 39 anos, contou que a 22 de Novembro de 1980 estava aos comandos de um avião de transporte *Antonov-26*, de fabrico soviético, da companhia de aviação civil angolana TAAG, quando este descolou de Mpupa, 40 quilómetros a norte da fronteira namibiana. Na época, Mpupa era uma base do MPLA e Kolya estivera a transportar tropas entre este e outros postos avançados do MPLA. (Posteriormente, Mpupa caíra nas mãos da UNITA.) Após ter descolado, subindo, tomou o rumo do Norte. Quando o avião atingiu os 3000 metros de altitude «alguma coisa» — um míssil SAM-7, disse a UNITA — atingiu o seu rector direito e parte da asa desintegrou-se.

Jimmy Muecalia fazia a tradução. Aprendera russo enquanto convivera com os soviéticos, ao longo dos primeiros sete meses de cativo. Kolya disse: «Calculei que ainda percorremos dez quilómetros antes de o avião atingir o solo. Passei por algumas árvores e fi-lo aterrar no capim alto entre o rio Cuíto e a mata.» Ferira as costas na violenta aterragem; porém, temendo uma explosão, conseguiu correr e fugir para longe dos destroços, em chamas. Jazera atordoado durante algum tempo, mas recuperara a consciência e dirigira-se ao rio para lavar a cara. Ouviu tiroteio e, quando viu soldados que se aproximavam, levantou as mãos.

Ivan Chernietsky, um engenheiro aeronáutico de Kiev, com 47 anos, afirmou ter ficado estendido, sem sentidos, durante cerca de quatro horas, antes de recuperar a consciência e ouvir um grupo de africanos a disparar com armas automáticas. Fizeram-no prisioneiro e, em companhia de Kolya, caminhou com os guerrilheiros da UNITA, para de seguida viajarem de camiãõ antes de chegarem ao primeiro local do seu cativo. Chernietsky afirmou que ele e Kolya eram empregados da companhia de aviação estatal soviética, Aeroflot, a trabalhar, a contrato, para a TAAG. Quando o avião se despenhou, transportava dezanove soldados do MPLA, de licença, oriundos de Mpupa. Os soldados pareciam ter sobrevivido ao acidente e escaparam de ser capturados.

Kolya afirmou estar confiante de que fora através de um contrato civil que viera para Angola. «Na União Soviética, eu não sabia que a guerra continuava, por isso, quando ouvi as pessoas em Luanda falarem da guerra, pensei que era quase inexistente.» Esta afirmação despertou uma explosão de raiva por parte de N'Zau Puna: «Estão a ver como ele é mentiroso.» Puna parecia determinado a convencer-nos da sua crença de que ambos eram militares bem treinados na arte da desinformação. Não fomos capazes de chegar a quaisquer conclusões sobre eles, embora a Aeroflot seja considerada na URSS como um braço da Força Aérea. Ambos lidaram com as nossas perguntas mais pertinentes com dignidade e apurmo. Entrevistámos cada um dos aviadores separadamente. Porém, quando lhes pedíamos a opinião sobre, por exemplo, a moral dos Cubanos ou os seus sentimentos pessoais sobre Angola, eles encolhiam os ombros laconica-

mente e diziam que estas eram perguntas a que apenas «especialistas» podiam responder.

Dentro dos limites das condições da mata, onde os Soviéticos estavam a viver em cubatas de capim, Kolya afirmou estar a ser bem tratado. Tinha saudades da sua mulher e dos dois filhos que ficaram em Moscovo — embora fosse oriundo do Turquestão — e sentia falta de poder trocar ideias com amigos, ouvir rádio e ler jornais e livros. Não possuía material para escrever. Chernietyky, o mais calmo dos dois, afirmou ter vivido em Luanda durante dois anos antes do acidente. Não fizera amigos entre os Cubanos por causa da diferença de línguas. No cativeiro, ele passava o tempo caminhando três quilómetros duas vezes por dia, da sua cubata para um rio das redondezas, e jogando cartas com os seus guardas. Comia arroz, macarrão, papas de milho, peixe e carne de antílope. Kolya disse acreditar que a União Soviética iniciaria acções para assegurar a sua libertação. Brotaram lágrimas dos seus olhos quando disse: «Se tiver de aqui ficar por muitos anos, morro com certeza.» Quando lhe perguntaram do que sentia mais falta, riu-se e disse: «Liberdade.»

As probabilidades de libertação para Kolya e Chernietyky pareciam escassas. Mais tarde, Savimbi disse que eles seriam libertados apenas se a União Soviética fizesse um pedido oficial e manifesto à UNITA, reconhecendo que os aviadores haviam sido feitos prisioneiros durante uma acção militar em território angolano.

* * *

Na manhã seguinte, dois jovens soldados cubanos foram trazidos à clareira. Eram desertores, disse-nos a UNITA. Nenhum de nós gostou do excesso de intimidade existente entre um dos cubanos e os seus guardas: parecia mesmo uma tentativa para agradar à UNITA; ficámos bastante desconfiados do que poderiam ter sido os seus relatos verdadeiros dos massacres feitos pelos Cubanos em aldeias.

Os soldados Miguel Edade, de 21 anos, e Angel Paulo Mojena, de 19 anos, contaram ter abandonado a sua base na Matala, o local de uma grande barragem hidroeléctrica, 500 quilómetros para norte da fronteira namibiana, à meia-noite do dia 22 de Novembro de 1980, para um encontro pré-combinado com uma mulher local, que os conduziu à base mais próxima da UNITA. Afirmaram ter desertado porque os soldados cubanos, em zonas mais avançadas, sofriam racionamento de comida e roupas. «Na Matala, não tínhamos botas», afirmou Edade, o mais solícito, acenando com a cabeça em direcção aos seus guardas da UNITA, em busca de aprovação.

Edade e Mojena disseram existir diferenças acentuadas entre os oficiais cubanos e as outras patentes. Afirmaram que a sua comissão de serviço de 24 meses havia sido prolongada arbitrária e indefinidamente: estavam no país há 26 meses quando desertaram. Os oficiais, afirmou

Edade, faziam comissões de 13 a 14 meses e eram mandados a casa todos os seis meses, para uma licença de um mês. Ambos confirmaram que as unidades do Exército Cubano em Angola se haviam retirado da frente de combate desde o princípio de 1980, e actualmente apenas davam apoio logístico e de comando.

Mojena afirmou que, em 1980, as tropas do MPLA fugiram das batalhas por Cuangar e Savate, as pequenas vilas perto da fronteira com a Namíbia que a UNITA reclama terem sido as suas primeiras vitórias na campanha para estabelecer controlo no Sudeste de Angola. Mojena revelou que as retiradas do MPLA foram, na verdade, tentativas para forçar os Cubanos a entrar na batalha contra a UNITA. Os Cubanos recusaram o desafio.

Edade, natural de Bajo Largo Las Mercedes, Província de Granma (anteriormente, Oriente), em Cuba, e Mojena, natural de Bartolomez Maso, Província de Granma, juntaram-se ambos ao Exército Cubano no mesmo dia, 14 de Agosto de 1978. Após apenas dezanove dias, doze dos quais passados em treino militar, tinham embarcado para Angola no navio para transporte de tropas *13 de Março*.

Mojena, um estudante de 16 anos quando se alistou, afirmou que um cunhado da Comissão Militar lhes assegurara que o seu papel no Exército seria o de um professor numa «missão internacionalista». Quando chegou a Angola, foi enviado para mais um mês de treino de infantaria: nunca mais ouviu falar dos seus deveres como professor.

Ambos ficaram instalados em Menongue, com o Regimento n.º 6259 de Cuba, de Outubro de 1978 a Abril de 1980. Nesse período, Edade calcula que as perdas dos Cubanos, nessa área, foram de 37, enquanto Mojena as coloca nos 32, principalmente em emboscadas a colunas, no exterior da vila. Houvera muitas «baixas» do MPLA e os helicópteros deixavam muitas vezes Menongue para recuperar os mortos e feridos dos locais das emboscadas. Afirmaram ambos ter-lhes sido dito que iriam combater contra os Sul-Africanos em Angola. Não tinham presenciado acções contra soldados brancos, mas bastantes contra africanos.

Edade contou que, antes de ser decidido retirar os Cubanos da frente de combate, ele havia participado em ataques para destruir aldeias e lavras e que camponeses locais, incluindo mulheres e crianças, haviam sido mortos. «Após um ataque», disse ele, «o MPLA anunciava que tinha capturado 300 pessoas da UNITA, mas eram apenas mulheres, crianças e velhos. A moral do MPLA está muito em baixo, porque muitos dos soldados compreendem que não é correcto estarem a matar angolanos. As patrulhas do MPLA avançam, bombardeiam com artilharia e informam, sem provas, que destruíram bases da UNITA.»

Edade afirma que, numa ocasião, civis da UNITA foram içados para um helicóptero cubano e lançados de lá para fora por soldados do MPLA. Dick recorda-se que esta era uma das histórias de horror favoritas conta-

das acerca dos americanos no Vietname, quando ele era lá correspondente. Diz que era duvidosa, então, quanto à sua autenticidade, e ele supunha que a história de Edade, agora, era também forjada.

Ambos os homens afirmaram terem começado a odiar Fidel Castro. Queriam ficar com a UNITA: não queriam procurar asilo em nenhum país ocidental¹. Tirámos algumas fotografias, posando ao lado de tropas da UNITA, de Anabela, Elizete, Linette e mais algumas mulheres. Quando partimos eles ficaram a rir e a contar piadas em companhia dos seus protectores angolanos.

CAPÍTULO XXXVI

REPOZINHOS GIGANTES E SECRETÁRIAS DA MATA

1981

Depois de um mês AGORA, só fiquei geral de "serviço". Agora, de volta ao trabalho, havia muitas perguntas que queriam saber: "Mas quem é que os financiava a sua operação? E, ainda mais importante: "Mas quem eram os sul-Africanos? Fazem em a quando exactamente que os políticos ocidentais, os grupos de interesse e os editores dos jornais estavam preocupados. Os assuntos internos de Angola e o desmoronamento para estar de muito menor interesse para eles do que os de uma sociedade de outras nações negras africanas que o Ocidente considerava condonadas a interminável agitação destrutiva e má administração".

Depois de um mês AGORA, só fiquei geral de "serviço". Agora, de volta ao trabalho, havia ainda coisas que...

Depois de um mês AGORA, só fiquei geral de "serviço". Agora, de volta ao trabalho, havia ainda coisas que...

Depois de um mês AGORA, só fiquei geral de "serviço". Agora, de volta ao trabalho, havia ainda coisas que...

¹ Na foto: de cima para baixo - a primeira (L) de T2

CAPÍTULO XXXVI

REPOLHOS GIGANTES E SECRETÁRIAS DA MATA

1981

APROXIMÁVAMO-NOS AGORA do quartel-general de Savimbi. Depois de tudo o que víramos, havia muitas perguntas que queríamos fazer-lhe. Tais como é que ele financiava a sua operação? E, ainda mais importante, onde se encaixavam os Sul-Africanos? Esta era a questão essencial, já que os políticos ocidentais, os grupos de interesse e os editores dos jornais estavam preocupados. Os assuntos internos de Angola e o destino do seu povo eram de muito menor interesse para eles do que os de uma multidão de outras nações negras africanas que o Ocidente considera como condenadas a interminável agitação destrutiva e má administração.

Porém, antes de nos encontrarmos com ele, havia ainda coisas que tínhamos de ver.

* * *

*En route**, parámos na fazenda agrícola colectiva «Resistência». Passámos pelo portão principal, sobre um tapete de jasmim e pétalas de rosa: as mulheres alinhavam-se ao longo da picada, agitando folhas de palmeira e ondulando suavemente os seus corpos, ao mesmo tempo que cantavam canções de boas-vindas. Este é um costume que eu acho encantador, e fiquei tão comovido com ele em 1981 como da primeira vez que o presenciei em Angola, em 1975.

O capitão Dario Catata saudou-nos. Ele era «director do plano nacional da agricultura», com instruções para tornar a UNITA auto-suficiente

* Em francês, no original — a caminho. (N. do T.)

em alimentos. Nos seus primeiros três anos e meio, Catata montara uma rede de fazendas colectivas e experimentais, escolas agrícolas e serviços consultivos para agricultores-camponeses tradicionais. Na fazenda colectiva «Resistência», Catata mostrou-nos as hastes da cultura do milho, recentemente ceifado, que estavam amontoadas nos grandes campos entre o rio Luengue e a orla da mata. Havia rastos de leopardo e pegadas de hipopótamo na lama dos campos. Cerca de seis acres estavam destinados a tomates, pimentos, cebolas, feijão e tabaco. Catata cortou uma couve gigante para nós comermos a acompanhar a próxima refeição. Mostrou-nos as covas onde estava, em maturação, adubo feito de excrementos de elefante e de búfalo, folhas e cinzas de lenha. Aí existiam canteiros de sementes colocados acima do nível do solo, em plataformas feitas de troncos, para reduzir ao mínimo os ataques de roedores e insectos nocivos.

Catata disse que a fazenda colectiva «Resistência» — uma das oito implementadas até essa data — havia colhido 150 toneladas de milho nesse ano, numa área de 54 hectares. A meta para a próxima estação eram 350 toneladas, utilizando sementes altamente produtivas, numa área expandida para 100 hectares. A fazenda era propriedade conjunta dos aldeões locais e militares da UNITA. Os aldeões davam uma manhã de trabalho, todas as semanas, em troca do tempo de utilização nas suas hortas privadas do tractor colectivo. Duas aldeias, com cerca de 200 pessoas cada uma, trabalhavam em cooperação com a fazenda «Resistência».

O chefe de uma das aldeias, Kavanga Linguembe, um nganguela, afirmou ter trazido o povo da sua zona tribal, 400 quilómetros mais para norte, em Maio de 1980, após o MPLA ter começado a confiscar gado e a levar o povo para as cidades.

Junto à fazenda colectiva situava-se uma escola agrícola dirigida pelo director técnico da «Resistência», Gusmão Chicosse, um antigo funcionário dos Serviços de Agricultura, no tempo dos Portugueses. Tinha sob a sua alçada dezanove estudantes que haviam completado os cursos secundários de Ciências, no tempo dos Portugueses e do MPLA. Estes treinavam-se durante três meses antes de partirem para instalar novas fazendas e centros de serviços. Catata afirmou existirem mais quatro escolas semelhantes noutras grandes fazendas colectivas. As fazendas colectivas e centros de serviços forneciam sementes, conselhos técnicos e, quando deles dispunham, fertilizantes aos camponeses para as suas hortas privadas. Conselhos e sementes, disse Catata, eram também dados aos camponeses e guerrilheiros em zonas para além daquelas que estavam totalmente controladas pela UNITA.

Catata afirmou que a UNITA se tornaria totalmente auto-suficiente em comida no final de 1981. Entretanto, a comida suplementar vinha das vizinhas Namíbia e Zâmbia. Embora impressionados com as tentativas da UNITA, que se dirigiam no sentido de desenvolver terras ante-

riormente por cultivar, víramos muito pouco para podermos avaliar quão realista seria a previsão do capitão Catata.

* * *

Antes de nos irmos embora da fazenda «Resistência», encontrámos sete homens portugueses com enormes barbas e longos cabelos que eram prisioneiros da UNITA há já quatro anos. No cativeiro, com eles, encontravam-se onze mulheres e crianças da sua família. Estes Rip Van Winkles* lusitanos tinham sido capturados em vários locais, de áreas administradas pelo MPLA, no Centro de Angola. O senhor Jorge de Freitas, um proprietário de uma loja, com 27 anos, afirmou que a base da UNITA para onde fora levado, após a sua captura, ficava apenas a 15 quilómetros da vila onde habitava Que-Chikomba. «Nunca suspeitámos que pudesse lá existir», disse ele. «Estou certo de que a população local tinha estado em contacto com a UNITA durante todo o tempo, pois de outra forma os guerrilheiros não poderiam ter sobrevivido.» Depois do ataque, ele e a família haviam caminhado 1000 quilómetros até ao presente local de detenção. Jorge estava bastante preocupado com a filha de 4 anos, Iola Ximene, que precisava de ser operada a uma hérnia. Também estava preocupado com a sua educação futura. «Estão quatro crianças no acampamento. Não estamos a ensinar-lhes nada. Somos pessoas com muito pouca instrução; não estamos preparados para isso.» Disse que ele e a mulher tinham pensado ir para Portugal depois de Angola se tornar independente, mas o sogro estava em Angola já há 34 anos e não queria partir. «E, de qualquer forma, o que me levaria a ir para Portugal? Eu tinha uma filha, e em Portugal nada tinha para lhe dar. Por isso ficámos, porque o pouco que tínhamos no mundo estava aqui em Angola.»

N'Zau Puna, presente ao longo de toda a entrevista com os portugueses, afirmou poderem eles partir em liberdade amanhã, se o Governo Português ou o Comité Internacional da Cruz Vermelha (ICRC) fizessem um pedido oficial para a sua libertação e fornecessem um avião que os levasse para casa. Os Portugueses eram peões num jogo que a UNITA estava a jogar, com implacável determinação, para o reconhecimento da sua causa. Com Portugal tomando firmemente o partido do MPLA, precisavam de ser feitas coisas que semeassem a dúvida no espírito dos anteriores governantes coloniais acerca da sabedoria do seu julgamento. O senhor António Nunes Neves, de 57 anos, que vivia em Angola há 40 anos, afirmou que o grupo se sentia angustiado porque Portugal parecia pouco estar a fazer para assegurar a sua libertação. E prosseguiu: «Quando a Frente Polisário capturou quinze pescadores portugueses ao largo da costa do

* Rip Van Winkle — personagem de uma história de Washington Irving, do seu *Sketch Book*, que dormiu durante vinte anos, ou seja, a personificação da figura de um inútil. Quando acorda, encontra tudo modificado. (N. do T.)

Sara Ocidental (nos princípios de 1981), Portugal fez por eles o seu melhor e assegurou a sua libertação em 45 dias — estamos aqui há 16 meses, 28 meses, 4 meses, e por nós Portugal nada faz.»

Já quase no fim da entrevista, um dos portugueses pediu a N'Zau Puna se poderia ter um rádio. Estavam desesperados para saber notícias de desporto, e em especial os resultados do futebol, de Portugal. Dick deu-lhe o último dos seus cigarros e prometeu mandar-lhes um rádio, quando voltasse para Washington. Apertámos as mãos e partimos.

* * *

Eram 10 horas da noite quando chegámos aos limites do acampamento de Savimbi, uma espécie de cidade espalhada na mata, com centros estratégicos separados uns dos outros por alguns quilómetros. Passámos por portões e por homens, mulheres e crianças que estavam ao longo da picada, cantando e segurando, acima das suas cabeças, archotes acesos, na escuridão. A passagem da nossa coluna, cerravam fileiras e corriam atrás de nós até se ter agrupado uma enorme massa compacta de gente fechando a retaguarda. Num dos portões, em cujo arco um enorme dístico em inglês proclamava «Entering Free Angola» («Entrando na Angola Livre»), aconteceu um ritual que aborreceu Dick. Um dos guardas pediu que mostrássemos os nossos passaportes. Dick conjecturou o facto de ser aposto no passaporte um timbre da UNITA, o qual poderia complicar as suas viagens futuras. O guarda, após alguma persuasão por parte de N'Zau Puna, concordou em não tocar nos nossos passaportes.

Caminhámos o último quilómetro com a população que cantava, amontoando-se à nossa volta. Enquanto nos lavávamos e comíamos, os cantares e danças continuaram em redor das nossas últimas cubatas de capim de elefante. Mais tarde, saímos para nos reunirmos à multidão e, quando às primeiras horas da manhã nos enfiámos nos nossos sacos-camas, a festa ainda estava animada.

* * *

Na manhã seguinte, o nosso primeiro encontro foi com a menina Anna Kulipossa, de 25 anos. Fora enviada para Paris pela UNITA, de 1977 a 1979, para treino avançado em secretariado. O Estado de guerrilha de Savimbi tem administradores, e os administradores precisam de secretárias que dactilografem relatórios oficiais manuscritos e para manter registos. Constituía dever revolucionário da menina Kulipossa, produzir estas secretárias.

Fomos encontrá-la na grande cubata de capim que era a sua escola. Vestia um fato parisiense, modesto mas elegante e moderno, e sapatos de salto alto. Sob o seu olhar atento, vinte raparigas africanas estavam a aprender dactilografia em filas de máquinas de escrever e, num compartimento da cubata separado deste, mais quatro estavam a tentar des-

lindar os mistérios de uma duplicadora *Roneo*. Durante os seis meses que duravam os cursos, as raparigas da menina Kulipossa estudavam também estenografia, português e inglês.

* * *

Passámos rapidamente por uma classe de alfabetização para adultos e escola primária ao ar livre, antes de sermos conduzidos ao complexo hospitalar da UNITA. Pediram-nos que cobríssemos os nossos imundos fatos de mato com batas brancas cirúrgicas, imaculadas. Fomos introduzidos numa cubata de adobe. Lá dentro, numa mesa de operações, jazia um homem coberto com um lençol, iluminado por lâmpadas eléctricas alimentadas com energia fornecida por um gerador móvel de origem soviética. O cirurgião, vestido de branco e usando luvas cirúrgicas de borracha fina, fazia sinal ao anestesista para injectar o paciente. Um de sete outros assistentes caminhou em direcção a um esterilizador e retirou uma toalha, ainda exalando vapor, de cima dos instrumentos cirúrgicos.

Noventa minutos mais tarde, o cirurgião removeu o apêndice do paciente, acenou agradecimentos ao anestesista e ao resto da equipa e começou a suturar a incisão.

De notar que nenhum dos membros da equipa cirúrgica era médico qualificado. O cirurgião Martins Kayotela, de 50 anos, adquirira a sua experiência como enfermeiro assistente, durante vinte anos, num hospital de uma missão protestante no Centro de Angola. Estivera com Savimbi durante parte da longa marcha de 1976. O director do hospital, Paulino Dúngue, enfermeiro, afirmou que a UNITA tinha 21 outros hospitais nas matas, onde eram feitas operações por cirurgiões com qualificações semelhantes às de Kayotela. Dúngue apresentou-me ao único médico qualificado da UNITA, o Dr. Adelino Manassas, um clínico geral, que fora raptado da cidade do Huambo, em poder do MPLA, em 1979. O Dr. Manassas, de 30 anos, detinha uma posição de privilégio. Embora tivesse estado a trabalhar com o inimigo, as suas aptidões eram muitíssimo necessárias à UNITA. E, embora fosse efectivamente um prisioneiro, ele gozava de verdadeiros privilégios no hospital. Parecia não manter boas relações com os seus colegas captos. Afirmou ter muitas saudades da sua mulher e dos dois filhos, com os quais pudera trocar duas cartas, através do Comité Internacional da Cruz Vermelha (ICRC).

* * *

O nosso próximo encontro foi com os «onze de Menongue». Ocupavam lugar de destaque no panteão de heróis da UNITA. Sentenciados por um tribunal do MPLA, em Menongue, a 17 de Março de 1981, a serem fuzilados no prazo de 48 horas por actividades terroristas, escaparam quando companheiros de prisão — activistas da UNITA cumprindo sentenças de prisão perpétua — conseguiram fazer-lhes chegar às mãos

algumas colheres, que lhes permitiram escavar através das paredes de tijolo e argamassa das casas de banho, adjacentes às suas celas. Conseguiram numa noite atravessar as paredes e chegar a um recinto não iluminado. Eles muito simplesmente puxaram os fios mais baixos da cerca de arame circundante e dirigiram-se a uma casa segura da UNITA, de onde foram conduzidos para um dos acampamentos de guerrilha, na mata, fora da vila.

Os «onze» contaram que enquanto trabalhavam para o Governo como professores, enfermeiros e funcionários públicos haviam reunido informações secretas, distribuído panfletos da UNITA, colocado minas em picadas utilizadas pelos veículos do MPLA e dos Cubanos e plantado bombas na padaria militar local, na central eléctrica e na estação de rádio local. Todos os «onze» eram membros da tribo Nganguela. O seu porta-voz, Jorge Cambinda, um professor de instrução primária, com 34 anos de idade, afirmou que poucos dos «onze» se tinham conhecido uns aos outros como simpatizantes da UNITA antes de terem sido presos. Havia operado em células pequenas e estanques, dirigidas por postos militares avançados da UNITA. Cambinda afirmou não ser mais possível, em Menongue, dizer quem eram os verdadeiros simpatizantes do MPLA. Os activistas da UNITA estavam instruídos para dar a aparência de lealdade ao Governo, e os soldados do MPLA tinham, em várias ocasiões, ajudado os clandestinos da UNITA a colocar explosivos. Havia um profundo sentimento de frustração em toda a população de 25 000 pessoas por causa do racionamento de comida, das longas bichas à porta dos armazéns quase vazios e da deficiente assistência médica prestada por médicos cubanos, segundo se afirma, incompetentes. Ocasionalmente, eram encontrados assassinados, nos passeios, alguns cubanos, afirmou Cambinda.

Um outro dos «onze», um funcionário público que tinha trabalhado lado a lado com os Cubanos, afirmou que alguns indivíduos lhe tinham afirmado sentirem-se frustrados com o seu papel em Angola. Tinham vindo contra a sua vontade para o país e a missão de que estavam incumbidos não era a que lhes fora descrita em Havana — uma guerra contra os soldados brancos sul-africanos.

* * *

A próxima paragem foi no santuário da UNITA — o quartel-general fortemente fortificado de Savimbi, no centro da base. Para entrar no quartel-general passámos por um portão grande, para o qual os guardas dirigiam constantemente a sua atenção. Antes de sermos autorizados a prosseguir, houve troca de telefonemas entre o posto da guarda e algum posto interno de controlo dentro do quartel-general. O equipamento telefónico era russo, capturado, afirmou a UNITA, de uma das cidades do MPLA que eles haviam tomado. Mostraram-nos, mais tarde, o centro telefónico colocado numa cubata de capim, dirigido por um engenheiro de telefones que antes estava com o MPLA no departamento telegráfico em Huambo.

O quartel-general consistia num número considerável de cubatas gigantes, separadas umas das outras numa área de centenas de metros, debaixo da protecção das árvores. Estavam ligadas por veredas feitas de cascalho e pranchas, abastecidas de electricidade por um gerador capturado aos Soviéticos e tinham água que era trazida, por um cano, de um poço até um reservatório situado no alto. A primeira cubata onde fomos conduzidos albergava um dos centros nevrálgicos das operações militares de Savimbi. Jovens operadores de rádio da UNITA estavam sentados em frente de mesas de equipamento electrónico complicado — a maioria de fabrico soviético — controlando todas as comunicações via rádio e telégrafo trocadas entre os mais importantes centros militares inimigos. Os operadores tomavam, apressadamente, nota das mensagens codificadas e estas eram enviadas para uma outra cubata onde especialistas em códigos as descodificavam, trabalhando, até certo ponto, a partir de livros de código capturados ao inimigo. Secretárias, formadas na escola da menina Kulipossa, dactilogravavam as mensagens descodificadas. Savimbi partilhava rapidamente de muitos dos segredos mais íntimos dos seus inimigos. Os seus ajudantes traziam-lhe resumos de intercepções significativas, ao longo do dia de trabalho e também durante a noite se fossem suficientemente importantes. Estas, ele rubricava-as antes de serem levadas para serem lidas e rubricadas por outros membros do alto comando.

Entre as linhas de comunicação do inimigo que eu observei serem escutadas encontravam-se as efectuadas entre Luena e Luanda, Cunene e Lubango e Huambo e Luanda. Numa outra cubata, cerca de 25 angolanos estavam a receber instrução sobre intercepção telegráfica. Tal como muitos dos sectores de esforço da UNITA, a operação de escuta de rádio constituía uma preocupação crescente.

Fomos, em seguida, apresentados ao tenente-coronel Renato Mateus, chefe do serviço de informações militares e postos de observação da UNITA, que nos guiou até à sua sala de operações, um barracão gigante verde. Aqui, estavam oficiais dos serviços de informação, estudando documentos capturados ao inimigo. O major Feliciano Huambo, fluente em português, umbundu, inglês e francês, estava a avaliar documentos encontrados num helicóptero, abatido a 15 de Maio de 1981, em Via Vissati, a 10 quilómetros de Menongue. O bilhete de identidade encontrado no corpo do piloto mostrava que ele era membro da Força Aérea do Congo-Brazzaville, e estava sob empréstimo ao serviço do MPLA.

O pessoal de Mateus mantinha arquivos meticulosos, cartas e mapas de acções da UNITA e do inimigo. Diariamente, de quinze em quinze dias e mensalmente, eram compilados e dispostos em quadros os sucessos e fracassos de que obtinham informações. Alguns relatórios chegavam via rádio no próprio dia em que tinha lugar a acção: outros, transmitidos por vastas unidades de guerrilha, levavam semanas ou meses a chegar. Existia um sistema de identificação para confirmar a exactidão

dos relatórios. Mateus contou que a sua equipa elaborava relatórios periódicos das razões para os sucessos e fracassos da UNITA. Os seus homens estavam a fazer estudos minuciosos do terreno angolano a partir de fotografias, esboços e relatórios dos guerrilheiros. Desenhadores estavam a elaborar esboços precisos dos aviões inimigos e das armas capturadas para possibilitar às tropas e guerrilheiros da UNITA reconhecê-las. Os livros de consulta, nas prateleiras da biblioteca, incluíam *KGB*, de John Barron.

* * *

Na manhã seguinte, fomos de novo cumprimentados pelo coronel Mateus. Ele reunira uma enorme colecção de veículos e armas, referidos como tendo sido capturados nas batalhas por Mavinga, para nós inspecionarmos. Ali estavam 30 camiões — *Star*, polacos, *Zil* e *Ural*, soviéticos, e *Ifa*, da Alemanha de Leste, na sua maior parte —, mas também uma oficina móvel instalada numa *Berliet* francesa, equipada com uma quantidade espantosa de equipamento mecânico e electrónico. Havia um carro blindado soviético *BTR-152 V*, oito canhões de campanha de artilharia soviéticos de 76 mm, um monstruoso morteiro soviético de 122 mm, dois *SAM-7*, quinze canhões sem recuo soviéticos de 75 mm, oito *rockets* soviéticos de 122 mm, catorze canhões antiaéreos soviéticos de 14,5 mm, mais de 300 minas antipessoais, equipamento para comunicações via rádio, alguns milhares de munições completas de diversos calibres, mais de 300 armas pequenas, diversos documentos, grande quantidade de dinheiro do Governo Angolano, alimentos e vestuário.

O coronel Mateus afirmou que 120 camiões estavam em bom estado para serem utilizados, mas existia o tremendo problema da manutenção. Na maior parte dos dias, estavam 30 em movimento e 90 em reparação ou à espera de serem reparados. Havia uma grande falta de peças sobressalentes, especialmente peças de transmissão, bombas de injeção e carburadores. A substituição de faróis partidos constituía um problema, como tínhamos verificado na nossa viagem até Mavinga. Alguns camiões apenas podiam ser utilizados durante o dia. Não havia falta de mecânicos competentes; porém, Mateus disse precisar pelo menos de 500 camiões para conseguir levar a efeito os ambiciosos planos de Savimbi para uma ofensiva em direcção ao coração de Angola.

* * *

O major Fonseca Santos, de 41 anos, anteriormente técnico no Exército Português, deu-nos as boas-vindas na sua oficina e escola de manutenção de armas. Cinquenta técnicos estavam a reparar armas danificadas, na sua maioria armas pequenas, para ficarem em condições de funcionamento. A maior parte dos técnicos-soldados tinham dois anos de frequência da escola secundária: estavam a ser treinados pelo major e três outros instrutores, durante cinco meses, antes de serem designados como espe-

cialistas em logística, para unidades regulares e de guerrilha. O major Fonseca tinha uma forja, uma oficina de carpintaria e uma oficina de metalúrgica. Aguardava a entrega, por via aérea, de um torno, no valor de 20 000 dólares, o que permitiria à sua equipa rectificar canos de canhões usados ou danificados. A forja produzia também catanas, enxadas, foices grandes e facas para as fazendas colectivas e para os agricultores camponeses.

O major supervisionava a construção de uma oficina subterrânea que seria praticamente invulnerável a um ataque aéreo. Mostrou, com orgulho, o primeiro *rocket* da UNITA. Adaptado a partir de uma bomba de 76 mm, tinham-lhe sido acrescentadas alhetas de bomba e o nariz fora pintado de encarnado. Era apenas uma actividade extramural para os estagiários; porém, o major Fonseca estava imensamente satisfeito com o facto de que, após ter sido disparado de uma rampa num raio de acção de cerca de 15 quilómetros, aterrara apenas a 10 metros do alvo.

* * *

Para o nosso bem-estar espiritual fomos em seguida levados para assistir a serviços religiosos protestantes e católicos, em enormes igrejas feitas de madeira e capim de elefante.

A cerimónia protestante, a que assistiram 300 pessoas, com fiéis a transbordar para fora do recinto, foi conduzida pelo reverendo Sangendo Marcelino, um homem melancólico vestido com uma batina preta e colarinho branco. Registei o seu sermão proferido em umbundu e mais tarde mandei-o traduzir por canadianos que tinham aprendido o dialecto quando estavam como missionários em Angola. Versava sobre a política de Savimbi assim como sobre o Evangelho e, por vezes, os dois eram apresentados como sinónimos.

«Tomás afirmou que não acreditaria que Jesus se levantava dos mortos, até pôr as suas mãos nas feridas», dizia o reverendo Marcelino. «Jesus ressuscitado apareceu de novo por causa das dúvidas de Tomás. Ah! Arnigos [Dick e eu], antes de verem as obras da UNITA, de facto, vocês eram como Tomás. Apenas tinham ouvido falar do trabalho da UNITA, mas hoje já o viram com os vossos próprios olhos e tocaram nos nossos corpos e no nosso líder, o presidente Savimbi.»

O tema do reverendo Marcelino era a paz; porém, ele tinha uma definição invulgar para o termo. «É uma palavra sobre a qual o nosso líder já falou muitas vezes», disse ele. «A paz vem com aqueles que são capazes de combater. O nosso líder trabalhou muito arduamente para conseguir que todos os movimentos políticos trabalhassem em conjunto e construíssem o nosso país e termos paz. Porém, demonstrou-se ser impossível actuar dessa forma. O poder do demónio invadiu-os. Desta maneira, foi necessário que o povo e as crianças fossem para as matas e aprendessem a missão de disparar, porque a paz vem com aqueles que são capazes de combater.»

Recordou-se de uma ocasião, antes de ter ido para a mata com a UNITA, quando ainda dirigia a sua igreja em Camundongo, perto do Bié, que estava sob controlo do MPLA. «Estávamos a realizar um serviço de baptismo», disse ele. «Enquanto o serviço se realizava aproximou-se algum gado, e por detrás dele estavam algumas tropas da UNITA. Alguns fiéis tiveram de ficar fora da igreja — tantos quantos ficaram hoje lá fora — e, quando viram o gado e as tropas por detrás, pensaram que era o inimigo [o MPLA] que se aproximava com cavalos. Entraram em pânico, e os que estavam dentro da igreja entraram também em pânico e fugiram, alguns saltando pelas janelas. Deixaram-me com o bebé que estava a baptizar nos braços.

A partir de então pensou-se que seria melhor que sempre que assistíssemos a um serviço religioso alguém deveria ficar lá fora com armas. Quando fizemos isso, aqueles fiéis que estavam dentro da igreja tinham paz porque os que estavam lá fora eram os que sabiam como disparar. E por essa razão que acreditamos nas palavras do nosso presidente quando diz: 'A paz vem com aqueles que sabem combater.'

Um pequeno milagre era que os textos do reverendo Marcelino eram de São Mateus 10:34 e São João 16:33. O primeiro dizia: «Não pensem que eu vim trazer a paz à Terra; não vim trazer a paz, mas sim uma espada.» E São João: «Tenho de dizer-vos isto, que em mim vocês poderão encontrar a paz. No mundo vocês encontram tribulações; porém, coragem, eu saí vitorioso do mundo.»

Lá fora, os soldados armados com *Kalashnikov* juntaram-se às orações e cânticos, embora tenham achado as adaptações dos hinos europeus bastante melancólicas e uma coisa enfadonha em comparação com a vibração e alegria dos próprios cânticos africanos da UNITA.

A missa católica romana era ainda mais triste do que o serviço protestante. Embora conduzida por um padre e catequistas negros, toda a tradição autoritária da Igreja Católica, em Portugal, havia permanecido intacta. Os responsos ao padre eram feitos em latim e apenas pelos catequistas, cujos cânticos estavam imbuídos de sinceridade e beleza. Contudo, a congregação de 200 pessoas era convidada a dizer apenas o ocasional ámen: todas aquelas vozes maravilhosamente rítmicas e melódicas estavam silenciosas, com perda para o seu Deus.

Exactamente quão profunda fora a divisão na Angola portuguesa entre a religião católica do Estado e as crenças protestantes não oficializadas trazidas pelos Norte-Americanos ficou ilustrada quando um dos líderes da UNITA, educado pelos protestantes, se inclinou um pouco para a frente e me disse: «Sabe, esta é a primeira vez na minha vida que entro numa igreja católica.»

* * *

Estava a chegar a altura em que poderíamos discutir com Savimbi as implicações de tudo quanto víramos. Porém, antes disso fora convocado

um comício de massas, no estádio de futebol, uma área situada numa clareira entre a mata e o rio. Assistiram vários milhares de pessoas, orientadas pela força da polícia civil inexperiente da UNITA, vestida com camisas de sarja verde-garrafa, de tamanhos enormes, dando-lhes um aspecto bastante cómico, e bonés do modelo utilizado pelos carregadores dos Caminhos de Ferro Britânicos há meio século.

Fomos obsequiados com um desfile de tropas de primeira classe, pelo recentemente treinado Batalhão 360, com o rufar de tambores em ritmo de *jazz* pela sua banda, uma exibição espectacular pelo tambor-mor, fazendo rodopiar um bastão, exibições de karaté e ginástica, mais cânticos e danças e um exercício militar enérgico pelos *alvorada* (rapazes escoteiros).

Em seguida, Savimbi levantou-se para falar.

CAPÍTULO XXXVII

LUANDA É O NOSSO DESTINO

1981

VESTIDO COM UMA FARDA DE COMBATE, com o brilho das três estrelas de general na boina e nos ombros, Savimbi caminhou majestosamente à volta do terreno da parada, falando rápida e energicamente, com o tipo de voz retumbante que os políticos ocidentais devem ter precisado antes da invenção do microfone. Gesticulava muito, dando ênfase aos seus pontos de vista com a bengala de ébano. O seu comando da assistência era absoluto. Quando acenava com a cabeça, a multidão concordava: as perguntas retóricas traziam resposta, em uníssono; as suas piadas acerca do MPLA e dos Cubanos provocavam assobios e aclamações. Fazendo-nos recordar os discursos de muitas horas do seu inimigo Fidel Castro, aos seus fiéis em Havana, Savimbi falou sem parar durante três horas, alternando entre três línguas — o português, o ovimbundu e o chokwe — e, no fim, estava banhado em suor. O discurso fora breve, em comparação com alguns que ele fizera — eles podem durar até sete horas!

A predilecção de Savimbi pelos gestos dramáticos revelou-se quando ele mergulhou para o meio de um pelotão e reapareceu com o braço à volta do ombro de um recruta que não devia ter ainda 16 anos. «Este jovem está longe da sua mãe e do seu pai pela primeira vez na vida», anunciou. «Não recebe qualquer pagamento no nosso exército — apenas o sustento, a farda, a espingarda e a possibilidade de lutar pela liberdade de Angola. Vocês oficiais não devem, por essa razão, negligenciar as suas necessidades. Vocês são agora a sua mãe e o seu pai. Se vocês oficiais não sentirem compaixão pelos vossos homens — e têm conhecimento de alguns oficiais a quem baixei de patente —, este exército poderá desintegrar-se, como têm visto acontecer do lado do MPLA.»

A ideia central do discurso de Savimbi era que o exército da UNITA ia chegar a Luanda e conseguir a vitória final: «Menongue é o nosso

ponto de partida. Luanda é o nosso destino. Vamos transformar o ano de 1981 num ano de intensificação da guerra.» Avisou que quando chegassem a Luanda seriam julgados pela aparência que oferecessem ao mundo exterior: «Têm de lembrar-se de três princípios — unidade, compaixão e eficiência. Insistimos que a vossa autoridade tem origem na vossa compaixão e nos vossos esforços para a unidade. A diferença entre nós e o MPLA não deve estar em símbolos, mas sim no nosso comportamento e nas nossas existências.»

Disse ao novo Batalhão 360, alinhado por companhias, em três lados do terreno da parada: «Entre os nossos camaradas e compatriotas estão brancos e mestiços e alguns são membros da UNITA. A nossa unidade, compaixão e amor têm de estar para além das diferenças raciais.» Referindo-se às afirmações do MPLA de que a UNITA era um movimento negro racista, ele disse: «Enquanto mantivermos as nossas atitudes presentes e padrões de comportamento, não interessa o que se diz no exterior. No fim, a verdade triunfará.» Porém, acrescentou umas poucas palavras de encorajamento para o Batalhão 360, que era constituído por negros, até ao último homem: «Muitos brancos acreditam na inferioridade dos negros. Vocês têm de trabalhar e provar ser capazes de realizar qualquer missão. Observando o que vocês conseguiram nos meses de instrução, estou satisfeito e orgulhoso que a UNITA seja uma fonte de jovens líderes: ela estará sempre cheia.»

* * *

Nessa noite, tivemos duas entrevistas com Savimbi, que se prolongaram até de manhã, à volta de uma fogueira de troncos gigantes, na presença de todos os oficiais superiores disponíveis. Foi com a percepção tardia de um facto que verifiquei que em todas as entrevistas que havia tido com Savimbi (excepto a primeira vez, no Bié, em Setembro de 1975) pelo menos um dos seus colegas mais antigos estivera sempre presente.

Quando nos preparávamos para começar, Dick teve uma escaramuça com uma lagarta angolana. Ao enfiar um blusão para se proteger do frio cortante da noite, Dick começou a praguejar e a gritar. Uma enorme lagarta com pele venenosa havia-se introduzido na sua manga e picou-o com gravidade. Ele tirou rapidamente o blusão e quase todo o seu braço estava coberto por uma erupção de pele. Uma enfermeira esfregou-lhe o braço com álcool e deu a Dick um comprimido qualquer.

Podíamos agora avançar para um assunto ainda mais constrangedor e delicado — o albatroz político de Savimbi, as suas relações com a África do Sul ou, mais especificamente, com os militares sul-africanos.

* * *

O que se segue é um resumo que ele nos fez do caso.

Savimbi, não para surpresa nossa, negou qualquer cooperação militar

com a África do Sul. A guerra que a África do Sul estava a travar, no Sudoeste de Angola, à volta de N'Giva (Pereira de Eça), contra a SWAPO, era uma questão distinta do conflito em escalada, no Sudeste de Angola, entre a UNITA e o MPLA. Se tropas sul-africanas estiverem militarmente envolvidas com a UNITA, «começarão a ser capturadas, de certeza, e o MPLA poderá apresentá-las ao mundo como prisioneiros».

Todavia, a UNITA gozava de relações cordiais com a África do Sul, ao longo dos 650 quilómetros, mais ou menos, de fronteira comum que o movimento partilhava com a Namíbia: «Não podemos combater inimigos em duas frentes. Não temos qualquer interesse em que os Sul-Africanos venham bombardear as nossas áreas: enquanto eles estiverem na Namíbia, tencionamos tentar manter boas relações com eles.» A UNITA obtinha gasóleo e outros abastecimentos não militares da Namíbia, em troca de diamantes e outros produtos, tais como o marfim. Estes contactos e comércio não eram nada que a UNITA tivesse de desculpar. «Homens negros com o nariz achatado dificilmente podem concordar com uma constituição baseada na discriminação racial, e afirmaremos sempre o mesmo. Porém, os países de toda esta região mantêm contactos com a África do Sul — Zâmbia, Zaire, Moçambique, Malawi, Botswana e até mesmo o MPLA em Angola. Estes países estabelecem contactos durante o dia; outros fazem-no de noite, contudo existem contactos. Nós sentimos e esperamos que a África do Sul modifique as suas políticas internas, mas entretanto os contactos prosseguirão.»

Disse que os dois locais por onde a UNITA mantinha trocas comerciais através da fronteira eram postos militares — Mucusso e Dirico, supinho.

Existiam também relações práticas de terreno para a manutenção, no mínimo, de relações cordiais com os Sul-Africanos. No passado, homens da tribo do Mkussu, do lado da fronteira da Namíbia, perdiam o seu gado e acusavam a UNITA de o roubar. Por vezes, os homens da tribo Mkussu, do lado angolano, queixavam-se à UNITA de que o seu gado tinha sido roubado e levado para a Namíbia. «Era mesmo necessário manter essas relações, de forma a podermos conversar sobre este tipo de problemas.»

As relações da África do Sul com a UNITA não eram tão estreitas como imaginava o mundo exterior, disse Savimbi. «Nós somos absolutamente independentes, e eles não confiam em nós: temos a certeza disso.» A partir de 1976, a África do Sul estava ainda decidida a pôr a FNLA no poder em Angola e apenas voltara as suas atenções para a UNITA a partir do final de 1978 em diante, após a FNLA ter sido completamente afastada do Sul de Angola pelo MPLA e pelos Cubanos. «A verdade é que», disseram, «os Sul-Africanos nunca abandonaram a ideia de reactivar a FNLA: temos muitas informações precisas sobre esta sua intenção, embora eles tentem escondê-la de nós.»

Os SAM-7 da UNITA eram uma fonte de atrito com os Sul-Africanos, que queriam saber onde estavam localizados os mísseis, porque a aviação de Pretória operava frequentemente numa linha que passava por Menongue, quando atacava as bases da SWAPO em Angola. Os Sul-Africanos sabiam, através das suas próprias fontes de informação, que um avião de transporte C-130 do MPLA fora abatido por um míssil SAM-7 da UNITA perto de Menongue, a 16 de Maio de 1981. «Imediatamente nos contactaram e perguntaram onde estavam situados os nossos mísseis SAM-7; porém, não lho dissemos.»

Contudo, pusemos essa questão a Savimbi, ninguém no mundo exterior acreditaria que a UNITA tivesse capturado e mantivesse o controlo de Mavinga sem a ajuda das forças sul-africanas. Ele concordou que a UNITA se debatia com um problema de credibilidade e acrescentou: «Porém, eu penso que é importante ser conciso.» O que se segue é o seu relato do que foram as batalhas pela posse de Mavinga, concentrando-se particularmente no que, nessa época, foi a maior vitória da UNITA no rio Lomba, em Maio de 1981.

* * *

«Tomámos Mavinga no passado dia 19 de Setembro [1980]. Uma brigada de 200 homens do MPLA guardava a cidade. Avançámos com quatro batalhões, totalizando cerca de 2500 homens. Atacámos, em primeiro lugar, a posição de comando cerca de um quilómetro a norte da cidade e, em seguida, a posição perto da pista de aviação. Ao fim de quatro horas, o MPLA foi desbaratado. Tiveram pesadas baixas e fugiram para norte. Tínhamos colocado em posição uma companhia de 200 homens, a cerca de 20 quilómetros para norte, e esta hostilizava o inimigo à medida que este retirava. Capturámos um número razoável de canhões antiaéreos de 12,7 mm, alguns *rockets* de 122 mm, cerca de 300 *Kalashnikov* e muitos camiões, incluindo ambulâncias e um camião-cisterna.

Eles não tentaram um contra-ataque até Março [de 1981]. Conseguimos repelir o assalto, mas o grande esforço ofensivo do MPLA veio em Maio. Sabíamos que ia acontecer a partir das nossas intercepções de comunicações via rádio e relatórios de informações do interior do MPLA. Então, a 16 de Maio, precisamente quando estava para começar a ofensiva, os nossos guerrilheiros abateram um avião de transporte C-130 do MPLA, quando este se preparava para aterrar a 5 quilómetros de Menongue. Morreram vários cubanos. Os Cubanos ficaram furiosos com o MPLA por este ter falhado em relação à segurança do perímetro da cidade e retiraram-se do comando da 'operação Mavinga'.

Ficámos satisfeitos quando as nossas intercepções de rádio nos fizeram saber que o comando passara para o tenente-coronel do MPLA Mundo Rial. O meu alto comando estudara cuidadosamente os estilos tácticos de todos os comandantes inimigos — dos Cubanos, dos Soviéticos e do

MPLA. Existem pelo menos dois comandantes do MPLA, e um, em particular, que são na verdade brilhantes e que eu respeito. Porém, este Mundo Rial é mesmo um tolo. Raramente dispõe de reforços adequados, e nós sabemos que, se conseguirmos encurralá-lo numa posição determinada durante cinco dias, ele está perdido.

A força atacante de duas brigadas do MPLA [2500 homens] partiu do Cuíto-Cuanavale [cerca de 150 quilómetros a noroeste de Mavinga] depois do dia 16 de Maio, numa enorme coluna de camiões, com cerca de cinco carros blindados. A 21 de Maio, Chilingutilla ordenou a uma companhia de 200 homens que pusesse à prova a força da coluna do MPLA, hostilizando os seus flancos e infligindo-lhe algumas baixas. Os oficiais do MPLA enviaram mensagens via rádio a Mundo Rial, que estava a comandar a operação a partir de Menongue [cerca de 400 quilómetros a noroeste de Mavinga], pedindo helicópteros para evacuar os feridos. Mundo Rial respondeu que iria enviar helicópteros no dia seguinte, mas nós interceptámos as suas comunicações com Luanda: ele pediu helicópteros e recusaram-lhos. Portanto, sabíamos que aquele homem preferia contar mentiras aos seus soldados em vez de lhes contar a verdade. Os homens feridos morreram no local onde tinham caído.

A 25 de Maio, um dos nossos batalhões [de 700 homens] atacou as duas brigadas do MPLA, no rio Lomba [cerca de 25 quilómetros a noroeste de Mavinga]. Chilingutilla queria provocar-lhes algumas baixas, avaliar a moral do MPLA, encurralar a coluna numa posição e ganhar tempo para fazer chegar mais outros quatro dos nossos batalhões [2800 homens].

No decurso do combate do dia 25 de Maio, Mundo Rial cometeu mais um erro fundamental. Enviou uma ordem aberta, não codificada, ao seu comandante de campanha, para este combater segundo uma tática militar soviética, conhecida como '135'. Isto impossibilitou-nos de localizar, com precisão, o posto de comando e a artilharia de suporte. Durante a batalha desse dia, as forças do MPLA capturaram um segundo-tenente da UNITA que lhes disse que nós estávamos a enviar para o local pelo menos mais três batalhões de tropas regulares e diversas companhias de guerrilheiros [o segundo-tenente foi posteriormente libertado pela UNITA]. O comandante do MPLA, sabendo que não dispunha de reforços imediatos nem cobertura aérea, pediu autorização para retirar para uma posição mais segura, até poderem enviar-lhe reforços. Nesta altura, eu viera já do norte para dirigir a nossa operação, e o raciocínio do comandante do MPLA pareceu-me correcto. Porém, Mundo Rial ordenou ao seu comandante de campanha que avançasse: mas, de facto, o comandante não avançou.

Nós sabíamos que a presença dos feridos no terreno, de 21 a 25 de Maio, sem evacuação, iria desgastar a moral. Quando o seu comandante não mexeu um dedo e reuniu todas as suas forças, dentro de um perímetro de 5 quilómetros, compreendemos que a moral deles estava muito

em baixo e que estavam com medo. Se estivessem a planear alguma ofensiva, teriam enviado patrulhas que cobrissem um raio de 15 quilómetros; contudo, nada fizeram. Eu disse: 'Agora vamos nós esperar durante 48 horas. Se este homem não avançar nem retirar, então é porque não tem apoio à retaguarda e basta-nos apenas ir lá buscá-lo.' Esperámos. As forças do MPLA não se mexeram e, a 28 de Maio, os nossos cinco batalhões, apoiados por guerrilheiros, lançaram um ataque. Quase não encontraram resistência. Apenas numa ocasião, quando um dos nossos obuses de canhão atingiu um camião carregado com *rockets* de 122 mm, as nossas forças acreditaram que o inimigo estava a começar a oferecer séria resistência. As tropas abrigaram-se em baixo da barragem de fogos, mas depressa se aperceberam que as bombas subiam no ar e em todas as direcções.

Daí em diante, foi apenas uma questão de perseguição; não encontramos qualquer resistência. Eles viraram-nos as costas e começaram a fugir. Eram presa fácil para a nossa infantaria; era como atirar em passarinhos. Interceptámos uma mensagem de rádio para Mundo Rial, no dia a seguir à batalha, na qual o comandante de companhia se queixava de que os soldados até haviam abandonado as suas armas pessoais. Dos três batalhões dianteiros, o comandante disse que um não respondera sequer ao fogo e o outro se deixara ficar quieto e disparara durante apenas dez minutos.

Os nossos batalhões semi-regulares perseguiram o MPLA à medida que eles retiravam, enquanto os guerrilheiros hostilizavam os flancos, com ordens para matar aqueles que resistissem e fazer prisioneiros os que dessem as armas.

O primeiro grupo de soldados do MPLA a regressar ao Cuíto-Cuanavale era constituído apenas por 130 homens, da força inicial de 2500. Outros andaram perdidos durante mais de duas semanas, segundo as nossas interceptações de rádio. Foi um enorme êxito para nós; porém, se se cometerem erros, tais como os de Mundo Rial, pode ficar liquidada uma brigada inteira. Eu digo sempre que é mais difícil aprender uma lição a partir de uma vitória do que a partir de uma derrota, por isso temos efectuado reuniões desde então para analisar as batalhas. Acreditamos que cometemos erros. Eles estavam verdadeiramente desorientados e, com um pouco mais de audácia e organização, nós poderíamos ter avançado em frente e tomado o Cuíto-Cuanavale.

Não obstante, foi a nossa maior vitória num só assalto, pela quantidade e tipo de equipamento capturado e pelo número de inimigos mortos. Eles deixaram-nos o equipamento de rádio e abandonaram, mesmo, os códigos no chão. No mínimo, esperávamos que eles tivessem destruído os códigos.»

* * *

Alguma corroboração do relato de Savimbi veio da parte de um par de prisioneiros de guerra do MPLA, que nós entrevistámos num acam-

pamento perto do quartel-general da UNITA. Eram um grupo de olhar melancólico, descalços e vestidos com calças cinzento-escuras. Dos cerca de 200 prisioneiros de guerra do MPLA que a UNITA afirmava ter nas mãos, 30 foram exibidos à nossa frente. Dick escolheu dois ao acaso para uma entrevista.

O soldado Celestino Segunda, de 23 anos, um condutor-mecânico na 38.^a Brigada do MPLA, escapou após a batalha do rio Lomba, no dia 28 de Maio. Vagueou sozinho, sem uma arma, na mata circundante, até ser capturado por guerreiros da UNITA. Através de um intérprete da UNITA, Segunda afirmou ter havido uma violenta batalha, na qual o MPLA havia sofrido pesadas baixas, e que a coluna fora atacada por diversas vezes, em emboscadas, antes do dia 28 de Maio. «Mesmo antes de sairmos de Cuíto-Cuanavale, estávamos já muitos desmoralizados», disse ele. «Não podíamos sair do acampamento e ninguém nos dizia quando ou onde iríamos entrar em combate. Quando chegou a ordem para voltarmos para Mavinga, houve um sentimento geral de frustração — ninguém tinha, na verdade, vontade de combater.»

O soldado Samuel Mário, de 24 anos, um artilheiro na 18.^a Brigada do MPLA, fora capturado no primeiro contra-ataque a Mavinga, em Março, antes de ter disparado um único tiro na verdadeira batalha. Ele disse terem havido «muitas, muitas baixas». Havia sempre muito pouca comida. «A moral estava muito em baixo porque não nos diziam nunca a verdade. Havia imensos movimentos de tropas e diziam-nos que nos iam mandar para Luanda. Ninguém nos disse que íamos ser enviados para Mavinga.»

* * *

A importância que a UNITA atribuía às batalhas pela posse de Mavinga é difícil de exagerar. Dick Harwood resumiu-a desta maneira: «Eles provaram às tropas e aos seus comandantes que podiam actuar como um exército convencional, não meramente como guerrilheiros que atacam e fogem, combatendo à base de emboscadas. Provaram que tinham uma estrutura de comando, a logística, as comunicações e as técnicas tácticas para derrotar forças com equipamento superior e apoio aéreo... As batalhas provaram também que a UNITA podia não só tomar mas também conservar uma posição exposta numa área com fortes concentrações de tropas do MPLA¹.» Da mesma forma, era significativo que a base essencial de Mavinga proporcionava a intensificação da ofensiva para norte pelas forças de Savimbi. A partir de Mavinga, o *Savimbi trail* («trilho de Savimbi») estendia-se mais de 130 quilómetros para nordeste. Savimbi afirmou existirem dois pequenos postos militares avançados do MPLA bloqueando essa extensão. Acreditava que poderiam em breve ser vencidos e, em seguindo o «trilho» e a sua rede de ramificações, poderia expandir-se à razão de 80 quilómetros por semana, através da esparsa vegetação rasteira da mata, com um mínimo absoluto de árvores deitadas abaixo, de forma a existir o máximo de protecção.

A extensão do «trilho de Savimbi» era importante se os batalhões regulares tivessem de movimentar-se em direcção ao Norte para consolidar a posição da UNITA em áreas onde esta tivesse expulsado as tropas do MPLA. «Com camiões, podemos transportar os batalhões semi-regulares até cerca de 50 quilómetros de objectivo. Não podíamos enviá-los 300 quilómetros a pé, sem abastecimentos de comida e outros apoios logísticos, pois de outra forma eles desintegrar-se-iam completamente.»

Savimbi salientou que o seu objectivo imediato era expandir o «trilho de Savimbi» tão longe quanto o Caminho de Ferro de Benguela, 800 quilómetros para o interior de Angola, e, em seguida, fazer avançar os batalhões, também até à linha do caminho-de-ferro. Durante o percurso, ele tencionava ignorar vilas como Menongue, Cuíto-Cuanavale e Gago Coutinho. «Existem vastos espaços em branco que podemos atravessar e, uma vez ultrapassados, as forças deles estarão tão esparsamente espalhadas numa área extensa que iremos criar a devastação.»

* * *

Não podíamos ficar à espera para ver se a ofensiva de Savimbi seria bem sucedida. Era tempo de partirmos. Despedimo-nos, saltámos para os nossos *Star* e tomámos o rumo da pista de aviação, no Luengue. Chegámos lá na noite do dia 2 de Julho e, antes da primeira luz da manhã, caminhámos através do mato até ao avião. Era um *Fokker Friendship* com aspecto aerodinâmico. O velho *Viscount* que nos trouxera fez a sua última viagem quando partiu de Angola. Dois dos seus quatro motores griparam durante o voo de regresso e o avião ficou reduzido a sobressalentes e ferro-velho, após ter aterrado. Dick estava satisfeito com o *Fokker*. Ele calculara que conseguiria chegar a casa a tempo de festejar o 4 de Julho, e poder ir para a sua casa da praia no Delaware, onde toda a família — a mulher, os filhos, as filhas e os netos — se reuniria, pela primeira vez em anos, para celebrar o Dia da Independência da América.

Não iria ser possível.

* * *

Não havia luar nem luzes na pista de aviação, apenas meia dúzia de lâmpadas de parafina, na escuridão da mata, assinalando vagamente o ponto onde terminava. Não seria uma descolagem agradável.

Dick e eu reivindicámos dois da meia dúzia de lugares existentes. Algueres, as pessoas sentavam-se no chão e duas delas, gravemente doentes, foram trazidas para bordo em macas. Os pilotos puseram os motores a trabalhar com a máxima potência. A aeronave forçou ao máximo os trabalhos e, em seguida, quando estes foram libertados e se iniciou a descolagem, o trem de aterragem deu de si. O nariz, a hélice do motor direito e a sua asa direita sulcaram a terra da pista, mas o avião não se des-

pistou. Não houve incêndio, embora o combustível escorresse do motor direito. Mais uns 100 metros e teria sido muito perigoso.

Savimbi enviou-nos uma mensagem via rádio, assegurando-nos de que tentaria obter um outro avião para nos levar, o mais depressa possível. Porém, a 4 de Julho, quando Dick tencionava estar a beber a longos tragos cerveja gelada na praia de Delaware, no seio da família, estava a vagabundear à volta da sua cubata na selva, concebendo o tema dos seus artigos sobre Angola para o *Washington Post*. Depois do jantar, Ernesto Mulato convidou Dick e a minha pessoa para uma festa. Tropas do batalhão local haviam-se reunido à volta de uma magnífica fogueira, numa clareira da mata. Os cantares, as danças e os recitais de poesia começaram e, então, Mulato avançou um pouco em frente e leu uma proclamação em inglês. Dizia respeito ao 4 de Julho e ao que esta data significava para a América e para o mundo:

«Lamentamos as circunstâncias nas quais você, senhor Richard Harwood, está a celebrar este vosso dia festivo, tão longe de todos os que ama. Porém, os valores e ideais que transformaram o seu país na maior potência mundial são os mesmos valores e ideais que nos ligam — a luta pela libertação e pela liberdade. Estamos, por conseguinte, aqui reunidos esta noite, à volta desta fogueira de acampamento, para partilhar consigo alguns momentos de reflexão e alegria no seu feriado nacional...»

Foi um gesto extraordinário e pleno de significado, por parte da gente da UNITA, não de todo sentimental, mas que fez brotar lágrimas nos olhos de Dick. No seu discurso de agradecimento, Dick agradeceu-me também, como inglês, por ter tornado possível o 4 de Julho da América. Mais tarde, ele escreveu que eu não parecera ficar muito divertido com a observação, mas eu estava a desfrutar imensamente toda a música e sentimento e tinha há muito perdoado aos Americanos por se terem libertado dos laços da velha Mãe-Inglaterra. Um pensamento cruzou o meu espírito, como acontecera antes em relação a Angola — uma reflexão de que se os Polacos estavam no seu direito ao lutar pela libertação de um regime totalitário, como na altura estavam confiadamente a fazer, quem poderia na verdade acusar a UNITA de combater contra um governo angolano criado à imagem e semelhança da mesma ideologia que o seu congénere de Varsóvia? E, no entanto, as pessoas liberais no Ocidente, que simpatizavam com os Polacos, tinham pouca simpatia pela resistência angolana, quase como se a verdadeira independência, a verdadeira liberdade, fossem ideais a que os Africanos não deveriam aspirar, porque eram ainda demasiado imaturos. Constituíam um interessante paradoxo para um inglês reflectir sobre o Dia da Independência da América, algures, nos confins da mata angolana.

Savimbi demorou nove dias para nos encontrar um outro avião. Numa tarde chegou um *DC-4* manchado de óleo, demasiado estafado, que Dick proclamou como sendo a máquina mais encantadora que alguma vez vira. O boato que corria era que a companhia italiana, cujo avião passava a maior parte do seu tempo de voo transportando para cá e para lá marfim e diamantes, oriundos de partes remotas das matas africanas, cobrara à UNITA a bonita soma de 60 000 dólares — duas vezes a tarifa normal — pelo nosso salvamento.

Às 3 horas da madrugada, demos uma guinada, batemos com força na pista de aviação escura como breu e, em seguida, estávamos no ar a sobrevoar as árvores. Quase nos saía o coração pela boca, e, mais tarde, sobrevoámos o rio Zambeze, quando o Sol começava a nascer, tendo tomado o rumo do norte, em direcção ao equador.

Algures para trás ficara Jonas Savimbi, planeando os próximos movimentos.

CAPÍTULO XXXVIII

A ÁFRICA DO SUL ATACA ANGOLA

1981

EM MEADOS DE 1981, os oficiais em serviço nas Nações Unidas acreditavam ainda poder ser convocados para vir a estabelecer ao longo da fronteira entre Angola e a Namíbia uma força internacional de 7500 elementos, quando a África do Sul concordasse com os planos do Grupo de Contacto, com vista a uma transição para a independência da Namíbia, supervisionada pelas Nações Unidas¹.

A liderança do MPLA necessitava desesperadamente de uma solução para a Namíbia porque afirmava que Angola estava a ser submetida a uma agressão regular por parte da África do Sul e uns inúteis 50 por cento do orçamento nacional eram destinados à defesa. «Centenas de camiões que deveriam ser utilizados em favor da saúde, agricultura e educação estão a ser desviados para o esforço de guerra e o melhor da nossa juventude está a ser recrutado para combater», afirmou Lúcio Lara².

Todavia, não existiram tréguas para o MPLA.

* * *

A 23 de Agosto de 1981, a SADF (Força de Defesa Sul-Africana) lançou a «operação Protea», um ataque relâmpago à Província do Cunene, em Angola, que ultrapassou em intensidade o ataque sul-africano de Junho-Julho de 1980 e a invasão de Outubro de 1975.

A Força Aérea Sul-Africana atacou e destruiu estações de radar e posições de mísseis soviéticos SAM-3 e SAM-6, que haviam sido recentemente instalados na Província do Cunene. Em seguida, três destacamentos especiais, transportados em pesados carros blindados *Eland*, de fabrico sul-africano, transportadores de pessoal blindados *Ratel* e transportadores de tropas à prova de minas *Buffel* atravessaram a fronteira para desferir um ataque aos acampamentos da SWAPO, concentrados na Província

do Cunene. Em doze dias de combates intensos, os Sul-Africanos penetraram mais de 150 quilómetros para o interior de território de Angola; capturaram as vilas de N'Giva (Pereira de Eça, como era conhecida antes da independência) e Xangongo (anteriormente, Roçadas); mataram cerca de 1000 guerrilheiros da SWAPO e tropas governamentais do MPLA; capturaram um sargento-major soviético, mataram dois oficiais superiores do Exército Soviético e apoderaram-se de quase 4000 toneladas de equipamento militar e armas.

Correspondentes estrangeiros, conduzidos à base militar Oshakati, em Ovamboland, na Namíbia, onde se amontoara a presa resultante da «operação Protea», informaram ter visto 13 tanques soviéticos e 160 veículos militares, incluindo transportadores de pessoal blindados, oficinas móveis, lança-minas, camiões-cisterna e «Órgãos Staline», lançadores de *rockets* múltiplos, milhões de cartuchos, munições, grades de armas automáticas, algumas ainda por utilizar e embaladas em lubrificante, morteiros pesados, canhões sem recuo, mísseis antiaéreos portáteis SAM-7, minas e explosivos³. Uma testemunha ocular informou ter visto 280 camiões soviéticos, novinhos em folha, que estavam a ser levados, após a operação pela SADF (Força de Defesa Sul-Africana) para Windhoek⁴.

Os Sul-Africanos sofreram dez baixas durante a «operação Protea» incluindo dois homens da Força Aérea, cujo helicóptero *Alouette* fora abatido. Para entrarem em Xangongo, afirmou o brigadeiro do Exército Sul-Africano Jannie Geldenhuis, a Força Sul-Africana destruiu um tanque soviético T-34 e desalojou tropas angolanas de uma intrincada rede de abrigos para bombas e trincheiras, projectada e construída sob a supervisão de conselheiros soviéticos.

Mais adiante, para leste, quando as unidades sul-africanas entraram em N'Giva, um comboio de 25 veículos, transportando conselheiros soviéticos e oficiais da SWAPO e do MPLA, abandonou a vila em direcção ao nordeste. O comboio foi atacado primeiro por caças de combate sul-africanos e depois por tropas terrestres. Apenas dois veículos escaparam, e um oficial soviético graduado, major-sargento Nikolai Pestretsov, foi feito prisioneiro. A seu lado, quando se rendeu, jazia o corpo da mulher, mais uma mulher russa fardada, e de dois tenentes-coronéis soviéticos. Pestretsov foi levado para o cativeiro na África do Sul.

Geldenhuis afirmou que as suas forças descobriram que os prisioneiros políticos da prisão de N'Giva haviam sido abatidos pelas tropas do MPLA quando a vila começou a ser atacada. Um africano mais idoso foi trazido à presença dos repórteres em Oshakati e disse-lhes que os soldados do MPLA tinham irrompido pela prisão, após ter começado o ataque e varrido a sua cela com fogo de metralhadora. Os seus companheiros de cela haviam sido mortos e ele fora dado como morto, com ferimentos na cabeça e no estômago⁵.

O general revelou que a «operação Protea» destruíra o sistema logís-

tico da SWAPO: ele esperava que a UNITA tirasse partido da situação e estendesse a sua zona «tampão» desde o Cuando-Cubango até ao Cunene:

Savimbi respondeu declarando que a UNITA era a favor da independência para a Namíbia: «É um direito fundamental e inalienável. Também é reforçado pela garantia de eleições livres, controladas internacionalmente. É esta a questão que tem mantido em campos opostos o povo da Namíbia e as Nações Unidas e a África do Sul uma contra a outra. Ao reconhecer que o território angolano é utilizado como terreno para combates entre a África do Sul e a SWAPO, a situação reinante no Sudoeste do nosso país preocupa-nos profundamente, na medida em que angolanos inocentes são vítimas destes confrontos, nos quais não estamos envolvidos⁶.»

O MPLA, disse ele, estava a utilizar a Namíbia para mascarar o facto de não ter sido eleito e de ter de contar com as tropas cubanas e soviéticas, mais para esmagar a resistência oferecida pelos angolanos do que para contra-atacar a África do Sul.

* * *

Os Cubanos não estiveram envolvidos nos combates durante a «operação Protea»; porém, tinham terminado a sua retirada para as cidades maiores, com vista a participarem numa grande ofensiva contra a UNITA no Centro de Angola. A UNITA ficara a saber disto através de documentos recuperados de um helicóptero soviético *MI-8*, abatido a 10 quilómetros do Huambo, em 17 de Julho. Entre os nove cubanos encontrados mortos nos destroços estava um general, Tomaz Felichi⁷.

A UNITA respondeu com uma maior ofensiva do seu lado. Após ter repellido uma coluna motorizada cubana/MPLA para norte de Rito, uma pequena vila que a UNITA mantinha em seu poder na Província do Cuando Cubango, os batalhões semi-regulares de Savimbi, apoiados por companhias de guerrilheiros, avançaram para norte em direcção à Província do Moxico e capturaram Lupire (19 de Setembro), Cassamba (16 de Novembro), Cangombe (21 de Dezembro) e Ninda (27 de Dezembro)⁸.

Estas vilas situavam-se todas a mais de 350 quilómetros para o interior de Angola e Cassamba ficava 650 quilómetros para nordeste da Província do Cunene, o foco dos combates entre o MPLA e os Sul-Africanos. A queda de Cassamba veio demonstrar existirem duas guerras diferentes que estavam a ser travadas em Angola, em diferentes áreas. Cassamba encerrava ainda um outro significado — fora o palco da incursão desastrosa da guerrilha da UNITA contra os Portugueses em 1966 e agora, quinze anos depois, caíra finalmente na mão das forças da UNITA.

Embora Savimbi tentasse distanciar-se da guerra de Pretória no Cunene, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, estava evidentemente satisfeito com o avanço da UNITA. Afirmou, de

forma indelicada, que não havia esperança de que o plano para a Namíbia fosse posto em prática enquanto os Cubanos permanecessem em Angola. «Enquanto eles [Cubanos] ali estiverem, o senhor Savimbi combatê-los-á», afirmou ele aos correspondentes estrangeiros presentes em Joanesburgo. «Existirá turbulência e ausência de paz e estabilidade e, enquanto esta existir, não importa que plano se elabore [para a independência da Namíbia], ninguém vai conseguir pô-lo em prática⁹.»

* * *

Os avanços da UNITA em direcção ao Norte atraíram pouca ou nenhuma atenção; contudo, o ataque da África do Sul ao Cunene atraiu ampla condenação internacional. No princípio de Setembro, uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, condenando a incursão, foi vetada pelos Estados Unidos, que ponderaram seriamente nas provas apresentadas por Pretória de pessoal do Exército Soviético presente em áreas militares da frente de combate em Angola. A África do Sul foi expulsa do debate sobre a Namíbia, na Assembleia Geral, por uma votação de 117 contra 22¹⁰.

Na véspera da reunião do Conselho de Segurança, Chester Crocker uma vez mais exprimiu a determinação da administração Reagan de que a retirada sul-africana da Namíbia apenas teria lugar se fosse acompanhada de uma retirada cubana de Angola. «Acreditamos que uma evolução na Namíbia poderá reforçar uma evolução no sentido de uma retirada cubana de Angola — e vice-versa», afirmou ele. «Para além disso, estamos convencidos de que um resultado satisfatório apenas poderá basear-se em acções paralelas levadas a cabo em ambas as áreas¹¹.» No Conselho de Segurança, o veto dos Estados Unidos revelou uma séria cisão no seio do Grupo de Contacto Ocidental para a Namíbia. Dos outros quatro parceiros no grupo, a Grã-Bretanha absteve-se e a França, a Alemanha Federal e o Canadá votaram com a maioria para condenar a África do Sul.

O semanário britânico de esquerda *New Statesman* observou, com inteligência, que Pretória havia atingido uma vitória diplomática que teria mais importância e provavelmente sobreviveria a quaisquer progressos militares que havia conseguido contra a SWAPO: «Longe de provocar a condenação conjunta das cinco potências ocidentais envolvidas na procura de uma solução negociada mais do que numa solução militar na Namíbia, Pretória tem conduzido uma hábil política de insinuação declarada em relação a elas e assegurou da parte dos Americanos aquilo que se aproxima muito de uma expressão pública de simpatia pelo seu ponto de vista¹².» O voto de Minerva*, do veto de Washington, constituiu notícia de primeira página na África do Sul, com um matutino de Joanesburgo

* Voto de qualidade ou de desempate. (N. do T.)

divulgando o cabeçalho triunfante: «Angola: Protecção dos Estados Unidos à África do Sul.»

Oficialmente, a SADF (Força de Defesa Sul-Africana) partiu do Cunene no final da «operação Protea», a 4 de Setembro de 1981. Porém, no fim do ano, os Sul-Africanos não tinham ainda retirado completamente. O MPLA perdera o controlo de cerca de 35 000 quilómetros quadrados de território angolano no Sul, entre o rio Cunene e a fronteira com a Namíbia. O correspondente da Reuter em Lisboa, Richard Wallis, ao visitar Luanda em Dezembro, citou uma «fonte fidedigna com experiência de primeira linha» no Cunene [possivelmente o ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha), a única organização internacional capaz de se movimentar nas áreas da SADF (Força de Defesa Sul-Africana) e do MPLA], afirmando que a região se transformara «numa gigantesca terra-de-ninguém, na qual apenas permaneciam uns poucos habitantes em cidades em ruínas e onde a administração civil se havia desintegrado completamente. A fonte dizia também que os únicos indícios da presença sul-africana que ele presenciara eram patrulhas ocasionais feitas por helicópteros. Os Angolanos afirmaram repetidamente que as suas tropas não podiam penetrar nessa área sem serem bombardeadas pela força aérea de Pretória¹³.»

A África do Sul não dividiu apenas o Grupo de Contacto Ocidental. Wallis observou que se tinha criado um mal-estar entre o MPLA e a SWAPO, que surgiu do ressentimento do MPLA por ter sido abandonado à sua sorte para enfrentar o embate total da incursão sul-africana, enquanto os guerrilheiros da SWAPO se retiravam precipitadamente para longe do alcance dos invasores. A seguir à invasão, um jornal português¹⁴ noticiava uma série de «graves incidentes», quando as tropas cubanas dispersavam manifestações de rua em Luanda contra a presença da SWAPO. O aumento da tensão fora causado pelo facto de que a SWAPO, assim como os líderes dos Cubanos e do MPLA, tinha acesso a abastecimentos alimentares de privilégio (e a frotas de camiões Volvo para os transportar), numa altura de carências crónicas na capital angolana. Quentin Peel, o correspondente para a África Austral do *Financial Times*, informou, de Luanda, que o sistema convencional de distribuição de alimentos se havia simplesmente deteriorado e os preços nada tinham a ver com a realidade, com um peixe a custar 4000 kwanzas (cerca de 100 dólares americanos), o equivalente a um salário médio mensal: «A maioria das pessoas consegue obter o que quer; porém, apenas por meio de intermináveis bichas ou procuras incessantes, ou ainda com os contactos certos¹⁵.»

A invasão sul-africana trouxe outras consequências. O número de tropas cubanas em Angola estava reduzido a cerca de 10 000 em Setembro de 1981, de acordo com a CIA, mas elevou-se novamente no final do ano para 12 000 a 15 000¹⁶. Além disso, o número de conselheiros militares

da Alemanha de Leste a trabalhar para o MPLA, principalmente nos campos de segurança e dos serviços secretos, aumentou para 5000¹⁷.

* * *

Já quase no final do ano, Savimbi recebeu mais um convite para visitar os Estados Unidos, onde um porta-voz do Governo lhe afirmou que seria recebido no Departamento de Estado¹⁸. Savimbi chegou aos Estados Unidos a 28 de Novembro. No dia seguinte, a agência noticiosa angolana ANGOP informava que a única refinaria de petróleo de Angola, em Luanda, irrompera em chamas. A UNITA reivindicou a responsabilidade pelo ataque, enquanto o MPLA acusava a África do Sul. A Petrofina, a companhia belga com interesses de controlo na refinaria, afirmou que esta ficaria inoperacional durante dois meses, e este facto viria provocar uma grave carência dos produtos refinados¹⁹.

CAPÍTULO XXXIX

SAVIMBI VAI A WASHINGTON

1981-1982

A VISITA DE SAVIMBI a Washington em Dezembro de 1981 foi o sucesso diplomático mais notável da sua carreira como líder de guerrilha, até essa altura. O general Alexander Haig, secretário de Estado, assegurou-lhe que seriam encontrados os caminhos e formas de contornar a Emenda Clark e ajudá-lo, canalizando fundos através de um terceiro país¹.

Após a sua visita à América, visitei Savimbi no seu quartel-general, em Rabat. Ali, num escritório com buganvília cor-de-rosa, oscilando com a brisa fria de Janeiro, ele concedeu ao meu jornal uma história exclusiva acerca do plano de paz de Washington para Angola, o qual — com a iniciativa paralela para a Namíbia — iria dominar as notícias sobre a África Austral ao longo de todo o ano de 1982. Era evidente que em Washington Savimbi fora também recebido por Chester Crocker, o arquitecto da política da administração Reagan para a África Austral.

O primeiro passo no plano de paz americano exigia que Savimbi libertasse os dois aviadores soviéticos que tinha em seu poder em troca de três americanos em poder do MPLA, incluindo dois dos mercenários sentenciados a longas penas de prisão em 1976, após terem sido apanhados a combater ao lado da FNLA. A troca de prisioneiros devia ser acompanhada por uma teia de complexas iniciativas diplomáticas para pôr termo aos combates, tanto na Namíbia como em Angola. Negociações envolvendo altos oficiais de diversas nações teriam lugar em cidades tais como a cidade do México, Washington, Londres, Bruxelas, Paris, Zurique, Lisboa, Rabat, Pretória, Dacar, Kinshasa e Brazzaville.

«Compreendemos o que os Estados Unidos queriam fazer, e que se mantivessem firmes nessa resolução», afirmou Savimbi. «Eles queriam uma solução para a independência da Namíbia e também uma retirada dos

Cubanos de Angola.» Como parte da equação, o governo do MPLA fez a sua primeira proposta de negociações à UNITA nos seis anos em que os dois movimentos vinham combatendo entre si desde a independência. Como prova de boas intenções, Savimbi afirmou querer pôr termo aos ataques da UNITA ao Caminho de Ferro de Benguela — nesta época, à média de um por dia e que causavam um descarrilamento grave todas as semanas — e tencionar permitir que este operasse, ininterruptamente, durante seis meses².

A mensagem para Savimbi foi entregue em Lisboa a 14 de Janeiro de 1982, pelo ministro do Interior, Alexandre Rodrigues Quito, o negociador mais importante do MPLA na questão da Namíbia. A partir de Lisboa, a mensagem foi levada para Savimbi, em Rabat, pelo Dr. Leonardo Mathias, secretário de Estado de Portugal para os Negócios Estrangeiros. Esta não sugeria onde, quando ou a que nível as negociações deveriam iniciar-se; porém, pedia a Savimbi uma clarificação sobre o número de questões que ele desejava considerar passíveis de negociação.

Savimbi afirmou que os contactos entre o MPLA e a UNITA seriam feitos através de intermediários de uma terceira parte, durante os dois meses seguintes, e ele iria enviar o seu secretário para os assuntos exteriores, Jeremias Chitunda, para Washington, para os coordenar, em conjunto com o MPLA. O próprio Savimbi atrasaria o seu regresso a Angola, até meados de Fevereiro, no caso de virem a acontecer progressos diplomáticos posteriores. A sua esperança era que as delegações da UNITA e do MPLA, a nível intermédio, iniciariam contactos frente a frente em Abril de 1982. Se conseguissem mutuamente concordar numa plataforma de negociação — uma tarefa por si só formidável — as conversações poderiam então progredir até um nível mais elevado.

O MPLA disse a Savimbi que uma das condições para as conversações seria a de que a UNITA pusesse termo às suas relações com a África do Sul. Na sua resposta, através dos Portugueses, Savimbi procurou uma clarificação. «Eles não estão a ser realistas», disse-me ele, na altura. «Eles próprios estão a comprar alimentos à África do Sul e têm 30 técnicos sul-africanos a organizar as minas de diamantes³.» Ele, na sua carta, disse ao MPLA que o principal obstáculo para a reconciliação era a presença cubana em Angola.

A prometida libertação dos soviéticos pela UNITA, em troca dos americanos, representava uma importante concessão a Washington, já que se esperava que Savimbi fosse utilizar Kolya e Chernietsky para negociar a libertação de alguns dos seus partidários aprisionados pelo MPLA. Nos seus encontros com Alexander Haig e Chester Crocker, e também com o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, William Clark, e o subsecretário de Estado para os Assuntos Políticos, Walter Stoessel⁴, Savimbi foi persuadido de que teria de ceder como parte do preço pelo apoio de Washington a uma retirada cubana. Em troca das garantias

americanas da intenção de assegurar uma retirada cubana, Savimbi fez a promessa de não obstruir os planos paralelos de Washington para conduzir a Namíbia à independência.

O MPLA, pelo seu lado, procurava o reconhecimento diplomático por parte de Washington, em troca da sua própria cooperação, ao ajudar a pôr em execução a transição para a independência da Namíbia. O MPLA reconheceu que a paz, assim como a ajuda económica por parte dos Estados Unidos, ajudaria a salvar a economia angolana do estado desastroso em que caíra desde a independência. Mais de metade das suas divisas estrangeiras estavam a ser absorvidas pela defesa, incluindo o pagamento dos armamentos e ao pessoal cubano, soviético e da Alemanha de Leste. Angola, que outrora fora uma nação que exportava alimentos, importava-os agora. Longas bichas à porta das lojas de alimentos era espectáculo comum, e no mercado negro a taxa de divisas em relação ao kwanza era treze vezes superior à obtida oficialmente. Estava a ser gasto tanto dinheiro em armas que o país não tinha recursos para comprar sobressalentes para consertar os milhares de camiões parados, a enferrujar. O fornecimento de água às cidades era esporádico por causa dos canos avariados. Poucos elevadores trabalhavam, mesmo nos mais importantes prédios de escritórios em Luanda. No Centro de Angola, o ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha) informava que a fome estava a espalhar-se. Começavam a existir indícios de descontentamento popular, porque a *élite* da sociedade angolana, ou seja, os governantes do MPLA, tinha acesso a lojas especiais, cuja entrada estava vedada a trabalhadores e camponeses⁵.

A proposta de retirada dos Cubanos representava um problema de difícil solução para o MPLA. Mesmo que os Sul-Africanos retirassem simultaneamente das fronteiras de Angola, eles enfrentavam ainda o problema de como se defenderem, eles próprios, de Savimbi. Num sentido, o MPLA precisava da ameaça sul-africana: ela fornecia um motivo válido para a manutenção das tropas cubanas, que por sua vez eram ainda da maior importância para conter a insurreição interna.

Apesar disso, a 4 de Fevereiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Paulo Jorge, e o seu congénere cubano, Idinedoro Malmierca, fizeram uma declaração em Luanda que foi interpretada em Washington como um sinal do que o MPLA estava pronto a aprovar a retirada dos Cubanos. Havana e Luanda «analisarão o relançamento do programa de retirada das forças cubanas, assim que a Namíbia se torne independente e que as forças sul-africanas se retirem, o que diminuirá consideravelmente os perigos de agressão contra Angola», dizia a declaração. Havana «seguiria sem hesitação qualquer decisão» tomada por Luanda com respeito às forças expedicionárias cubanas⁶.

A declaração não reconhecia o «paralelismo» que os Estados Unidos procuravam estabelecer e no qual a UNITA e os Sul-Africanos insistiam, mas proporcionava claramente uma base real para negociação.

* * *

As idas e vindas de cada uma das partes interessadas, nesta época, serão um dia analisadas ao mais ínfimo detalhe por especialistas. Para já, para ilustrar a intensidade do esforço diplomático, vale a pena fazer uma lista dos encontros, de que se tem conhecimento, entre os intervenientes-chave neste drama entre Dezembro de 1981 e o início de Fevereiro de 1982⁷:

- Fim de Novembro de 1981 — Eduardo dos Santos, Presidente de Angola, avistou-se com Abdou Diouf, Presidente da Senegâmbia, em Cabo Verde, e afirmou estar disposto a discutir as bases de um acordo com a UNITA;
- Princípio de Dezembro de 1981 — Alexander Haig avistou-se com o vice-presidente de Cuba, Raul Castro, na cidade do México, e, em seguida, manteve conversações com Savimbi, em Washington;
- 12 de Dezembro de 1981 — o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira, sugeriu que uma possível retirada cubana de Angola poderia ser incluída nas conversações com o MPLA sobre o futuro da Namíbia. Ao mesmo tempo, o Presidente Eduardo dos Santos propôs uma normalização das relações de Angola com os Estados Unidos;
- 16 de Dezembro de 1981 — o embaixador de Angola em Portugal, Adriano Sebastião, afirmou que o seu país encetaria conversações com Savimbi se este rompesse as ligações que mantinha com a África do Sul;
- 1 de Janeiro de 1982 — o ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Paulo Jorge, encontrou-se com o Presidente Abdou Diouf e repetiu a afirmação de Eduardo dos Santos de que o MPLA estava a considerar uma proposta de negociações com a UNITA;
- 5 de Janeiro de 1982 — Savimbi visitou Diouf em Dacar e foi-lhe feito um relato das intenções do MPLA;
- 12 de Janeiro de 1982 — em Londres, Chester Crocker avistou-se com Brand Fourie, o funcionário superior mais influente no Ministério dos Negócios Estrangeiros Sul-Africano;
- 14 e 15 de Janeiro de 1982 — Crocker avistou-se com Paulo Jorge para conversações secretas em Paris e de novo, uma semana mais tarde, em Kinshasa;
- 14 de Janeiro de 1982 — o ministro do Interior angolano, Alexandre Rodrigues Quito, chegou a Lisboa com uma mensagem para Portugal fazer chegar às mão de Savimbi;
- 17 de Janeiro de 1982 — o antigo funcionário público do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal Dr. Leonardo Mathias levou a mensagem de Quito para Savimbi, até Rabat, onde este se encontrava;

15 de Janeiro de 1982 — o ministro da Defesa de Angola, Pedro Maria Tonha Pedale, avistou-se com generais sul-africanos em Brazzaville, no Congo. Os sul-africanos incluíam o tenente-coronel Pieter van der Westhuizen, que após Pieter Botha ter sucedido no poder a John Vorster, como primeiro-ministro, em 1978, se tornara na autoridade suprema dos serviços secretos do país, ao assumir a chefia dos Serviços Secretos Militares (MI)⁸. O MPLA pediu aos Sul-Africanos que aliviassem a tensão militar em áreas do Sudoeste de Angola, onde estes vinham atacando a SWAPO. Os Sul-Africanos, por sua vez, pediram ao MPLA que pressionasse a SWAPO no sentido de esta manter uma atitude que não chamasse a atenção enquanto prosseguisse a diplomacia entre Angola e a Namíbia;

27 de Janeiro de 1982 — a Reuter e a «Reportagem do Estrangeiro» do *The Economist* mencionaram que os visitantes dos Estados Unidos, presentes em Rabat — a base de Savimbi durante a sua incursão ao exterior de Angola — entre Novembro de 1981 e Janeiro de 1982, eram: o adjunto de Weinberger para os Assuntos de Segurança Internacional, Francis West; o representante da Secretaria de Estado da Defesa, Frank Carlucci; o director da CIA, almirante Bobby Ray Inman; o enviado especial do Presidente Reagan, ou «safa enrascadas», antigo director da CIA, o general Vernon Walters, e James Williams, director da Agência de Serviços Secretos da Defesa (DIA);

4 de Fevereiro de 1982 — Paulo Jorge e o ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Ididoro Malmierca, fizeram uma declaração conjunta em Luanda, afirmando que iriam «analisar o relançamento do programa da retirada das forças cubanas»;

10 de Fevereiro de 1982 — Alexander Haig visitou Lisboa, enquanto o tenente-coronel Vítor Alves, porta-voz do Conselho do Estado Português, mantinha conversações com o MPLA, em Luanda.

* * *

No nosso encontro em Rabat, em Janeiro, Savimbi relatou a versão da UNITA do ataque à refinaria de petróleo em Luanda, a 29 de Novembro de 1981. Este fora programado para coincidir com a chegada de Savimbi aos Estados Unidos. A equipa de sabotagem compunha-se de três elementos: um empregado de refinaria, que era membro secreto da UNITA; um comandante de um pelotão militar do MPLA, que estava de guarda à refinaria e que era também um elemento secreto da UNITA, e membros clandestinos da UNITA, que ocupavam empregos vulgares na capital. Seis *rockets* de fabrico soviético de plano vertical fixo haviam sido enviados por correios («mensageiros especiais») das bases da UNITA, no

Centro de Angola, para as suas células em Luanda. Os membros das células da UNITA foram conduzidos para o interior do complexo da Petrofina, à noite, pelo empregado da refinaria. O oficial do MPLA forneceu quatro das suas próprias rampas de lançamento para RPG-7 e o trabalhador da refinaria indicou quais os alvos mais vulneráveis.

«Depois da primeira explosão, as tropas do MPLA começaram a fugir da refinaria, em vez de a cercarem», contou Savimbi. «A nossa gente conseguiu escapar-se facilmente por causa da confusão. O trabalhador da refinaria e o comandante do MPLA saíram imediatamente de Luanda. Chegaram em segurança às nossas bases no Sudeste de Angola em Março.» O ataque teve lugar à 1 hora da madrugada: as tropas cubanas chegaram às 3 horas, isolaram a área e começaram a prender transeuntes. O Presidente Eduardo dos Santos chegou ao local às 4 horas e o ministro da Segurança, Kundi Paiama, às 7 horas da manhã. O MPLA anunciou, pouco depois, que Paiama, considerado como uma estrela em ascensão pelos diplomatas presentes em Luanda, fora demitido por causa deste fracasso na segurança. O MPLA emitiu também uma declaração dizendo que mercenários brancos treinados pelos Sul-Africanos haviam destruído a refinaria e que existia uma «possibilidade não confirmada de os mercenários terem vindo de submarino». Como prova do envolvimento de Pretória, os jornais diários de Luanda publicaram fotografias de um pé decepado e de um tufo do couro cabeludo de um homem branco que diziam ter sido morto durante o ataque⁹.

As duas versões, em contraste, do ataque uma vez mais ilustram as dificuldades de estabelecer com precisão a verdade acerca dos acontecimentos em Angola. Nenhum repórter dos que acompanharam a UNITA se tinha aventurado para além das áreas seguras da implantação do movimento no Sudeste e nenhum jornalista ocidental independente, do lado do MPLA, fora autorizado a viajar para fora de Luanda sem escolta.

Em nenhum local as reportagens eram tão insuficientes como quando transmitiam acontecimentos do Planalto Central de Angola. Xan Smiley, do *The Times*, de Londres, queixava-se: «Nenhum observador ocidental — diplomata, jornalista ou homem de negócios — faz a mais pequena ideia do que está a acontecer na mais importante região de Angola... Nenhum jornalista, desde a independência em 1975, pôde viajar livremente através do Planalto Central, nos arredores das cidades do Huambo e do Bié, a região mais povoada e outrora a mais produtiva em termos agrícolas. Ela representa a chave para todo o país e o coração da maior das tribos, os Ovimbundu¹⁰.»

O que ressaltava muito claro era que a vida no Planalto Central estava reduzida ao caos e à anarquia. Outrora o celeiro do país, produzindo enormes excedentes de milho, trigo e produtos hortícolas, a sua população sofria, agora, com a má nutrição e não existiam excedentes para o resto de Angola. Em Janeiro de 1982, o ministro do Planeamento,

Lopo do Nascimento, afirmou que iria haver grave racionamento de alimentos até ao fim do ano. A produção interna de alimentos caíra mais de um quarto em 1981, afirmou ele, e as importações seriam restringidas em virtude de uma carência aguda de divisas estrangeiras.

Em virtude de a região estar vedada à maioria dos forasteiros, as razões exactas para a desintegração da mais importante região de Angola constituíam assunto de especulação e controvérsia. As razões apresentadas pelo MPLA¹¹ diziam que os guerrilheiros da UNITA andavam a aterrorizar os camponeses, a confiscar-lhes as colheitas e a forçá-los a retirar dos seus campos para as cidades ou para as matas, onde se acoitavam. O MPLA tinha, por diversas vezes, enumerado estes refugiados do Planalto Central entre 300 000 a 800 000. (A população do Planalto Central é de cerca de 3,5 milhões, de uma população angolana total de aproximadamente 6,5 milhões.)

Embora o MPLA argumentasse que a UNITA tinha responsabilidade na grave desarticulação da economia, simultaneamente negava que a UNITA tivesse qualquer apoio significativo. Não era mais do que um «punhado de bandidos», «fantoques» dos Sul-Africanos. Os ataques diários ao Caminho de Ferro de Benguela não eram considerados como qualquer prova de apoio para a UNITA: o MPLA dizia que grandes extensões do caminho-de-ferro corriam ao longo de regiões esparsamente habitadas, o que as tornava vulneráveis ao ataque por pequenos grupos — e, de qualquer modo, muitos dos ataques eram levados a cabo, não pela UNITA, mas sim por comandos sul-africanos.

A versão da UNITA era uma imagem reflectida. Ao longo de 1979 e até 1981, os Cubanos/MPLA concluíram, com relutância, que não conseguiriam nunca dissuadir a população de alimentar e proteger os soldados da UNITA que operavam no Planalto Central. O MPLA/Cubanos haviam destruído colheitas e aldeias na tentativa de induzir a população a ir para as vilas, numa espécie de estratégia de povoados fortificados: esta envolvia que os camponeses vivessem em cubatas agrupadas perto das casernas militares e trabalhassem em pedaços de terra próximos das cidades ou vilas, privando assim os resistentes de comida e informações.

O único organismo independente com alguma importância que tentava proteger os camponeses no Planalto Central era o ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha), o qual, em Dezembro de 1981, dirigia centros de nutrição para 60 000 pessoas. Porém, os jovens suíços que trabalhavam nos centros corriam perigo constante porque os comboios militares em que viajavam eram atacados quase diariamente. Em Janeiro de 1982, uma delegação de alto nível do ICRC voou de Genebra até Rabat para perguntar a Savimbi se poderia chegar-se a um acordo secreto, no sentido de conceder imunidade aos seus veículos em relação aos ataques dos guerrilheiros.

Savimbi disse-lhes que o problema estava no facto de que a Cruz Vermelha Angolana e a Cruz Vermelha Escandinava utilizarem os mesmos símbolos que o ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha) — e dado que estas organizações se encontravam integradas no esforço político do MPLA estavam sujeitas a ser atacadas. «Contudo, concordámos em dar ao ICRC o máximo possível de liberdade de movimentos», disse Savimbi. «Garantimos a total segurança dos aviões do ICRC. Eles concordaram que os camiões do ICRC não viajariam integrados em comboios militares e nós concordámos que quando eles se movimentassem pelos seus próprios meios não seriam atacados. Contudo, não podíamos dar uma garantia total aos camiões; as minas não discriminam nem escolhem as suas vítimas.»

Savimbi conseguiu estabelecer laços estreitos com o ICRC, porque o seu velho professor na Universidade de Lausanne, Henri Rieben, ensinara também alguns estudantes que se tinham tornado funcionários superiores do ICRC. Porém, uma ligação estreita não constituía garantia de harmonia e, ao longo de todo o ano de 1982, as relações do líder da UNITA com o ICRC deterioraram-se constantemente. De igual modo se deterioriam as perspectivas de paz para a Namíbia e para Angola.

CAPÍTULO XL

INTENSIFICA-SE A GUERRA

1982

O PRIMEIRO GOLPE VIOLENTO desferido no processo de paz aconteceu em Março, quando a África do Sul lançou a «operação Super», um ataque conduzido de helicóptero, através da fronteira angolana, contra uma nova base que a SWAPO instalara no vale de Cambeno, na Província do Cunene. Em menos de um dia, 201 dos cerca de 250 jovens guerrilheiros perderam a vida, contra três sul-africanos mortos. Cinquenta toneladas de armamento capturado foram trazidas de volta para a Namíbia, onde foi dito aos jornalistas que a operação fora como uma «caçada ao peru»¹.

Apesar disso, até meados desse ano prosseguia o impulso para uma solução do caso Angola-Namíbia. Foi aceite pelo Grupo de Contacto um plano dos países ocidentais, que propuseram uma transição em três fases para a independência da Namíbia, sob supervisão das Nações Unidas. Este propunha:

Acordo entre as Nações Unidas, a África do Sul e a SWAPO sobre um processo eleitoral;

Acordo sobre os efectivos e composição da força das Nações Unidas a ser colocada na Namíbia e na fronteira entre Angola e a Namíbia após o cessar-fogo e durante a transição para as eleições;

Um período de transição de sete meses, a partir da altura do cessar-fogo, envolvendo a retirada das forças sul-africanas e da SWAPO para bases designadas até à realização de eleições supervisionadas pelas Nações Unidas, às quais se seguiria a independência.

A África do Sul e a SWAPO chegaram a acordo sobre a primeira fase, excepto no que dizia respeito a uma objecção da SWAPO, que ficou acordado poder ser resolvida mais tarde.

Em Junho, Pretória estava preparada para aceitar a segunda fase e avançar para a fase final, eleições/independência, desde que simultaneamente os Cubanos retirassem de Angola: «Este é o ponto mais importante de todo o acordo», afirmou o primeiro-ministro sul-africano². Era também o ponto mais difícil. Na verdade, ele era intransponível, embora jornais de prestígio tivessem conseguido sugerir que o sucesso estava apenas a um passo. Por exemplo, o *The Economist* dizia: «Resolveram-se uma série de problemas. Apenas existe ainda desacordo num único ponto importante: deve um acordo estar ligado à retirada das tropas cubanas de Angola? 'Sim', dizem os Sul-Africanos. 'Em circunstância alguma', respondem a SWAPO, Angola e o Estados negros vizinhos. 'De acordo, interligada não, mas e então se for paralela?', dizem os Americanos.

Na verdade, o desacordo não é tão grave como parece. Quase todos, incluindo os Angolanos, concordam ser desejável que os Cubanos partam. O truque reside no prazo a acordar³.

O que o *The Economist* não explicou foi como resolver o dilema fundamental do MPLA: Jonas Savimbi. Teoricamente, assim que os Sul-Africanos retirassem 1300 quilómetros para sul da fronteira entre Angola e a Namíbia, para a fronteira entre a Namíbia e a África do Sul, deixaria de existir qualquer motivo externo para o Exército Cubano permanecer em Angola. Porém, Savimbi iria ficar combatendo, mesmo assim, e insistindo inexoravelmente em que, se o MPLA exigia eleições para o povo da Namíbia, seria portanto ilógico negar eleições ao povo de Angola. Os Cubanos eram necessários para conter os opositores do MPLA; porém, como poderia o MPLA encontrar uma fórmula de linguagem diplomática para convencer a comunidade internacional que os Cubanos tinham um fundamento na justiça, quando a ameaça sul-africana tivesse desaparecido?

O que é surpreendente, com compreensão tardia do facto, é como durante tanto tempo se manteve optimismo, ao longo de 1982, acerca de uma solução para a Namíbia, dado que as declarações e acções do primeiro-ministro Botha exigiam ao MPLA uma concessão que este não podia fazer... a não ser, claro, que Savimbi e a UNITA pudessem ser eliminados de qualquer maneira.

Botha aproveitou todas as oportunidades para dizer que os Cubanos deviam partir. Quando Botha, acompanhado pelo chefe dos seus serviços secretos, general Van der Westhuzen, se reuniu numa cimeira com Kenneth Kaunda, a 30 de Abril de 1982, repetiu a mensagem ao velho amigo de Savimbi e introduziu uma nova exigência: o MPLA tem de negociar com Savimbi e incluir a UNITA num governo de reconciliação nacional. Este não era um pedido a que Kaunda pudesse dificilmente fazer objecções: era esta a posição que tinha assumido em 1975-1976, no que ele descrevera como o mais elevado dos princípios. E Botha pôde dizer a Kaunda que a sua estratégia tinha o apoio total por parte de Wash-

ington, a quem Kaunda pedira que interviesse em Angola em Abril de 1975.

Ao mesmo tempo que exercia pressão diplomática sobre o MPLA, Botha mantinha a pressão militar. Com frequentes especulações na imprensa sul-africana e internacional de que um cessar-fogo entre a SWAPO e a África do Sul seria assinado a 15 de Agosto de 1982, a SADF (Força de Defesa Sul-Africana) lançou ainda mais ataques, nos princípios desse mês, no interior da Namíbia, no decurso dos quais Pretória anunciou terem sido mortos 314 guerrilheiros da SWAPO. O novo ataque surpreendeu os próprios sul-africanos, por que o seu governo inicialmente desmentiu como se fossem «propaganda espalhafatosa» as acusações de Angola a uma incursão de maior envergadura no Cunene. O que forçou a admissão de culpas por parte de Pretória foram as mortes de 12 soldados da SADF, nenhum deles com mais de 22 anos, e 3 aviadores, quando o helicóptero que os transportava para tomarem parte na batalha foi abatido por um míssil SAM-7. Este foi o mais alto tributo em vítimas que a África do Sul sofreu num só incidente em mais de dezasseis anos de combates na Namíbia e em Angola⁴.

Mais tarde, precisamente quando o incrível optimismo recuperou a sua dinâmica acerca de um possível cessar-fogo a 15 de Setembro, o primeiro-ministro Botha fez um discurso acentuando particularmente uma linha dura, no Congresso do Ramo do Transvaal do Partido Nacional, no poder. Falando no coração político do partido e olhando por cima do ombro para o político do Transvaal de extrema-direita Dr. Andries Treurnicht, que se demitira do partido no Governo no princípio desse ano, o senhor Botha afirmou: «O Governo não está preparado, *nem virá nunca a estar no futuro*, para executar qualquer plano de acordo para o Sudoeste de África (Namíbia), a não ser que um acordo anterior seja conseguido, nos termos do qual as forças cubanas sejam obrigadas a retirar de Angola. Se esta posição do Governo entrar em conflito com a posição assumida pelas Nações Unidas ou a comunidade internacional no geral, então aceitaremos as consequências de tal conflito. A nossa posição é que a presença de tropas cubanas em qualquer país da África Austral constituirá uma ameaça aos interesses deste país, e desejo que fique muito claro que não encorajaremos tal presença⁵.»

Foi neste congresso que Botha conquistou o apoio dos membros do Transvaal — o maior agrupamento provincial do Partido Nacional — para as suas propostas com vista a uma partilha limitada do poder com não brancos de raça mista ou descendentes de asiáticos, excluindo contudo os negros. A linha dura contra os Cubanos em Angola foi reforçada pela necessidade de converter a maioria do seu partido, muito conservador, aos planos de reforma, que eram revolucionários em termos africanos.

Um pouco antes, em Agosto, o Presidente Reagan escrevera ao Presidente Nyerere, o decano dos líderes dos Estados africanos negros da linha

da frente, dizendo que um acordo para a independência da Namíbia estava condicionado à saída dos Cubanos de Angola, ao mesmo tempo que os Sul-Africanos partissem da Namíbia. Sem este movimento paralelo, uma «oportunidade histórica, frágil, estará perdida», dizia o líder americano⁶. O apelo do Presidente dos Estados Unidos falhou ao não conseguir convencer os líderes dos Estados da linha da frente. Quando estes se reuniram, a 4 de Setembro, recusaram a conexão entre a retirada cubana de Angola e a independência para a Namíbia, e afirmaram que a presença de cubanos, em Angola, constituía uma questão bilateral entre dois Estados independentes⁷.

Este facto pôs efectivamente fim às tentativas para se conseguir uma solução do problema Namíbia/Angola, sob os auspícios das Nações Unidas. Um agente imobiliário, em Windhoek, foi informado de que a sua incumbência de encontrar 50 casas para pessoal superior das Nações Unidas havia sido anulada. O espaço reservado em navios de carga para transportar muitas toneladas de equipamento das Nações Unidas para a Namíbia foi cancelado. Brian Urquhart, o subsecretário-geral das Nações Unidas, deixou de levar jornalistas para a sua sala de mapas, num arranha-céus de Nova Iorque, onde lhes mostrava os seus planos para a instalação de uma força multinacional na Namíbia⁸.

No final do ano, Fidel Castro reforçou o impasse com um discurso, implacável, aos seus milicianos, em Havana, no qual denunciava a política exterior dos Estados Unidos como sendo fascista e afirmava que as tropas cubanas permaneceriam em Angola enquanto o MPLA quisesse. Apenas quatro dias antes, a CIA afirmara que os Cubanos haviam aumentado o seu número de tropas em Angola de cerca de 20 000, no princípio do ano, para cerca de 30 000, em Dezembro de 1982. Falando aos seus soldados milicianos acerca das afirmações da CIA, Castro afirmou: «Não vamos dizer se o relatório fala verdade ou mentira. Porém, se o tivéssemos feito, estaríamos a cumprir o nosso dever, em face das ameaças imperialistas⁹.»

* * *

Foi em face deste cenário, de preparação aparente para a paz, de constantes investidas militares dos Sul-Africanos contra a SWAPO em Angola, e incremento das forças cubanas em Angola, que Jonas Savimbi prosseguiu a sua própria guerra e o seu povo sofreu as suas próprias provações.

Em Maio, mais doze membros de células clandestinas da UNITA foram condenados à morte pelos tribunais revolucionários populares e executados em Luanda e no Lobito. Numa declaração, Savimbi afirmou: «A UNITA protesta veementemente contra as execuções indiscriminadas dos seus membros pelo regime minoritário do MPLA. Em consequência do silêncio condescendente das organizações internacionais de defesa dos direitos humanos, tais como a Amnistia Internacional, a UNITA não tem outra

alternativa senão intensificar a luta de legítima defesa e para proteger os seus membros até à vitória final¹⁰.»

Este não foi um ataque justo para a Amnistia, que fizera mais do que qualquer outra organização para desmascarar e publicitar as sentenças de morte impostas aos dissidentes em Angola, assim como em relação aos opositores dos regimes implantados na Namíbia e na África do Sul. Sem a Amnistia não teria existido uma confirmação independente das graves acções do MPLA contra os dissidentes do seu próprio partido, tais como Nito Alves, e contra a UNITA. Confidencialmente, a secretária de pesquisas da África Central, no quartel-general de Londres da Amnistia, afirmou que a UNITA fora informada dos esforços da Amnistia para evitar que as sentenças de morte em Angola fossem executadas; porém, a UNITA parecia «pouco disposta ou incapaz de adoptar um atitude mais positiva em relação a nós e tem falhado constantemente em responder aos nossos pedidos de mais informações acerca dos nomes dos membros da UNITA presos ou capturados pelas autoridades angolanas¹¹.»

As execuções precederam a reunião, em Mavinga, do V Congresso Político da UNITA. Cerca de 1500 delegados viajaram através de Angola para aprovar mais uma ofensiva de envergadura, em direcção ao Norte, a começar em Setembro. Os batalhões semi-regulares abandonariam Mavinga e poriam cerco a cidades como Gago Coutinho, que a UNITA perdera em 1976, no início da longa marcha. Grupos de guerrilha e comissários políticos iriam começar a expandir a actividade militar em direcção a três províncias, na metade Norte do País — Malanje, Lunda e Cuanza Sul.

A instalação de bases permanentes no Norte foi conjugada com um apelo aos membros das tribos mais a norte — tais como os Kikongo, Kimbundu e Seles — para se «juntarem à UNITA no combate contra o domínio soviético-cubano»¹². O Congresso, realizado entre 26 e 31 de Julho, terminou com a publicação de um manifesto, a Declaração de Mavinga, que apoiava «todas as medidas conducentes à independência da Namíbia». Contudo, apelava à comunidade internacional para traçar uma distinção entre o «combate da UNITA contra a ocupação de Angola pelo imperialismo soviético e seus substitutos e o conflito entre os patriotas namibianos e a potência descolonizadora que é a República da África do Sul»¹³.

A Declaração de Mavinga veio reforçar a linha de actuação da África do Sul e dos Estados Unidos de que uma solução para a Namíbia apenas poderia ser conseguida se acontecesse uma partida dos Cubanos de Angola, «conduzindo a uma solução pacífica do conflito angolano». Dizia que a iniciativa do Grupo de Contacto das Nações Unidas não tinha conduzido a quaisquer concessões por parte do MPLA em Angola. Em vez disso, a campanha do Governo contra os seus opositores intensificara-se: a Declaração de Mavinga observou que os Cubanos haviam começado uma ofensiva, a 2 de Julho de 1982, contra posições da UNITA, «utilizando meios

poderosos e mortíferos, tais como *napalm* e outras substâncias, contra populações civis indefesas».

Os Cubanos/MPLA invadiram vilas em poder da UNITA, no Baixo Longa e em Vila Nova da Armada, a sul do Cuíto-Cuanavale, e a uma distância surpreendente de baluartes estratégicos da UNITA, tais como Mavinga e Luengue.

«Por causa das conversações que decorriam [acerca do futuro da Namíbia] o inimigo aumentou a pressão sobre as nossas forças. Até ao fim de Setembro, a situação foi bastante difícil», afirmou Savimbi a um jornalista¹⁴.

Não existem relatos independentes da ofensiva; porém, esta parece ter-se arrastado por mais de três meses e, de acordo com alguns comunicados da UNITA, estiveram envolvidos 5000 soldados cubanos e 12 000 do MPLA, apoiados por aproximadamente 40 tanques *T-34* e *T-66*, 7 caças *MIG-21*, 6 bombardeiros *Antonov-26*, e 15 helicópteros *MI-8* e 7 *Alouette*. Entre os baluartes da UNITA que foram bombardeados contam-se Mavinga, Luengue, Ninda e Muie¹⁵. A UNITA revelou que em 8 de Outubro teriam já morrido na ofensiva 400 dos seus soldados¹⁶.

A contra-ofensiva da UNITA aconteceu nas frentes de propaganda e militar. A primeira envolveu a libertação, em meados de Setembro, de quinze estrangeiros em poder do movimento e, posteriormente, em meados de Novembro, a libertação dos dois prisioneiros soviéticos em poder da UNITA, Chernietyky e Kolya, numa das mais complicadas trocas de prisioneiros da história. O primeiro grupo libertado compunha-se de seis portugueses, três brasileiros, quatro espanhóis, um argentino e um suíço. A maioria eram missionários, padres, enfermeiros e médicos que trabalhavam em postos avançados, controlados pela UNITA, em diversos locais do Centro e do Sul de Angola. Alguns haviam sido forçados a caminhar centenas de quilómetros e haviam estado presos em bases da mata durante quase seis meses, excepto um português que estava no cativeiro desde Julho de 1979. Havia também dois bebés do sexo masculino entre os prisioneiros¹⁷.

Jornalistas atravessaram o rio Cubango, da Namíbia para Angola, para observarem a cerimónia oficial da libertação. O local situava-se a 15 quilómetros para norte do Mucusso, o pequeno posto fronteiriço com a Namíbia que a UNITA mantinha em seu poder desde 1977. Uma das suas revelações mais interessantes foi que o local era uma base de treino e apoio da UNITA, obviamente bem conhecida dos Sul-Africanos, que autorizaram o presidente da Cruz Vermelha Sul-Africana, Dr. Pieter Smit, a atravessar o rio e acompanhar os prisioneiros na sua viagem, primeiro para Joanesburgo e depois, daí em diante, para as suas casas na Europa e América do Sul. O coronel Bok Sapalalo afirmou aos correspondentes que os prisioneiros tinham sido levados para evitar que prestassem serviços médicos e outros quaisquer ao MPLA — «Não tínhamos intenções de fazer reféns.

Queremos apenas privar o inimigo dos seus serviços e, mais tarde, permitir-lhes regressar aos seus países para junto dos familiares.» Esta actuação estava coerente com um tema que fora desenvolvido na Declaração de Mavinga, exortando os trabalhadores estrangeiros a abandonarem Angola, porque a sua segurança não podia ser garantida, já que os combates continuavam a propagar-se e a intensificar-se.

As cerimónias de despedida foram emotivas, segundo um dos correspondentes: «A julgar pelos abraços tristes aos seus anteriores captos, era evidente que os quinze não tinham sido meramente diplomáticos ao insistirem que haviam sido bem tratados. Alguns até anunciaram em voz alta: 'Voltaremos', à medida que as lanchas se afastavam em direcção à margem do Sudoeste Africano¹⁸.»

Entre os quinze, estava uma enfermeira do ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha), uma rapariga suíça, de 26 anos, Mary-Josée Burnier, que fora capturada durante um ataque da UNITA a um comboio de auxílio de alimentos, perto do Huambo, a 25 de Maio de 1982¹⁹. A menina Burnier caminhara mais de 1000 quilómetros com a UNITA, durante 35 dias consecutivos; porém, não se fartava de elogiar os seus captos: «Eles foram amáveis e compreensivos. Não poderiam ter sido mais respeitadores.» Contudo, apesar dos aplausos da rapariga suíça, as relações entre o ICRC e a UNITA deterioraram-se ao ponto de, em Outubro, o ICRC suspender as operações no Centro de Angola por causa dos riscos para o seu pessoal²⁰.

Assim como a captura da menina Burnier, as colunas de auxílio do ICRC foram atingidas por explosões de minas e ataques à bomba em Março e Julho, no seu centro ortopédico, em Bomba Alta, nos subúrbios do Huambo, onde às pessoas que tinham perdido membros durante a guerra eram ajustadas pernas artificiais²¹. Não houve vítimas nos ataques a Bomba Alta, mas o ICRC ficou sem qualquer dúvida acerca da hostilidade da UNITA quando um comunicado acusou o pessoal do ICRC da recolha de informações para o MPLA. Savimbi afirmou estar profundamente indignado com o «silêncio conivente» do ICRC no que respeitava à transformação operada pelo MPLA das missões protestantes e católicas de Chissamba, Camundongo, Chilessó, Dondi, Bunjei, Elende, Chinhama e Trapa em bases militares. «Assim sendo, decidimos fazer cessar todos os contactos com o ICRC e não nos consideramos responsáveis pelo que quer que possa vir a acontecer ao seu pessoal e às instalações, porque esta organização mantém a sua presença obstinada em zonas de guerra da UNITA²².»

Nesta altura, o ICRC decidiu finalmente pôr termo às suas actividades, não obstante o facto de o número de pessoas no Planalto Central dele dependente para o sustento diário ascender agora a 120 000²³.

* * *

A libertação dos dois aviadores soviéticos envolvera negociações entre sete partes diferentes. Tal como a UNITA, representantes da União Soviética

tica, dos Estados Unidos, da Zâmbia, de Cuba, do MPLA e da África do Sul tinham vindo a encontrar-se em três continentes, durante mais de dezoito meses, para combinar uma troca que envolvia também 3 americanos aprisionados pelo MPLA, 1 soldado russo, 1 soldado cubano e 94 soldados do MPLA, em poder da África do Sul, e a entrega de 3 corpos de soldados sul-africanos mortos pelo MPLA/Cubanos em Angola, em troca dos corpos de 4 russos e 1 cubano, mortos pelos Sul-Africanos em Angola.

A troca de prisioneiros teve início em Jamba, onde Chernietyky e Kolya foram tratados como hóspedes de honra no jantar de despedida, com guiado de impala, antes de serem transportados de avião para a África do Sul pela SADF (Força de Defesa Sul-Africana). Foram fotografados por jornalistas debaixo de bandeiras gigantes, representando cenas da guerra da UNITA contra os Cubanos e que ostentavam o *slogan*: «Vamos pôr fim aos sonhos loucos dos Soviéticos²⁴.»

No dia seguinte, após ter sido completada a troca de prisioneiros e de corpos, o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, em visita oficial a sete nações da África negra, afirmou: «A retirada das forças cubanas de Angola, num enquadramento paralelo com a partida dos Sul-Africanos da Namíbia, é a solução para o acordo que todos nós desejamos. Em última análise, é também o meio mais seguro de garantir a Angola segurança e independência a longo prazo. Os Estados Unidos querem pôr fim à ocupação da Namíbia pela África do Sul. Simultaneamente, os Estados Unidos desejam pôr fim ao sofrimento de Angola e ao perigoso ciclo de violência na região. O meu governo não se envergonha de reafirmar o interesse dos Estados Unidos em procurar pôr fim à presença das forças cubanas em Angola. A sua entrada há sete anos precipitou a criação de reservas recíprocas entre os Estados Unidos e a União Soviética no mundo desenvolvido²⁵.»

A Zâmbia desempenhou um papel chave nesta troca complexa, que teve lugar no Aeroporto de Lusaca, a 16 de Novembro, e foi supervisionada nos seus passos finais pelo ICRC. Primeiro, um avião bimotor da Cruz Vermelha chegou de Luanda e dele saltaram três americanos que haviam sido aprisionados pelo MPLA, os mercenários Gustavo Grillo e Gary Acker, e um piloto civil, Geoffrey Tyler. Grillo e Acker tinham sido condenados a 30 e 16 anos de prisão, respectivamente, em 1976, nos julgamentos públicos dos mercenários brancos apanhados a combater ao lado da FNLA. Tyler tinha sido detido e aprisionado em Fevereiro de 1980, após o avião em que viajava, de Abidjan, na Costa do Marfim, para a Cidade do Cabo, ter aterrado numa estrada no Sudoeste de Angola, depois de ter tido alguns problemas de motor ao sobrevoar o Atlântico.

Um segundo avião da Cruz Vermelha trouxe os corpos dos sul-africanos para Lusaca, provenientes de Luanda. Os americanos, libertados, esperaram, em companhia de funcionários da Embaixada dos Estados Unidos, no terminal do aeroporto internacional até à chegada, algumas horas mais

tarde, dos prisioneiros soviéticos, cubanos e angolanos e dos corpos transportados num avião de transporte C-130 da SADF (Força de Defesa Sul-Africana).²⁶ Os três americanos partiram então num voo com destino a Paris *en route** para Washington e o avião C-130 transportou os corpos dos três sul-africanos de volta, para sepulturas definitivas na sua pátria. Oficiais soviéticos assumiram a custódia de Kolya e Chernietsky, assim como de um outro sargento-major russo, Nikolai Pestretsov, feito prisioneiro pela SADF, quando voava de N'Giva, em Agosto de 1981. Os oficiais soviéticos receberam também os quatro corpos dos russos mortos na mesma altura em que Pestretsov foi capturado — incluindo a mulher do sargento-major.

A troca foi, acima de tudo, uma forma de salvar o prestígio dos Estados Unidos e da União Soviética. Os Americanos, embaraçados com o aprisionamento dos mercenários em Luanda, procuravam há muito a sua libertação. De igual modo, a União Soviética sentia-se humilhada por ter os seus militares nas mãos de rebeldes negros africanos e do Governo Sul-Africano. O que a Zâmbia ganhou ao desempenhar o papel de intermediário honesto é difícil de dizer; porém, dois dias após a troca, George Bush chegou a Lusaca numa escala da sua viagem por países africanos, considerada como de interesse vital para os Estados Unidos: os outros países eram o Senegal, a Nigéria, Cabo Verde, o Quênia, o Zimbabwe e o Zaire. A Zâmbia tinha a sua história no capítulo de cooperação com Washington no caso de Angola e uma compreensão mais precisa dos problemas contínuos, já que grande parte da sua fronteira com Angola, com a extensão de 1300 quilómetros, era agora controlada pela UNITA. Membros do Parlamento da parte ocidental do país haviam dito ao Parlamento zambiano que os seus eleitores tinham de obter passes emitidos pelos escritórios de fronteira da UNITA de forma a poderem entrar em Angola para comercializar peixe e outros artigos. Interpelaram o Governo no sentido de este explicar quem considerava o poder legítimo em Angola. «Os Zambianos deviam ser informados da nossa posição», afirmou o senhor John Kalenge, membro do Parlamento para Mwinilunga Oeste. «Quem tem autoridade em Angola? É a UNITA? Se Savimbi nos pode ser útil, então vamos aceitá-lo. Parece existirem lá dois governos — na verdade, três, porque os Cubanos também constituem um governo²⁶.»

À libertação dos prisioneiros soviéticos seguiu-se, um dia mais tarde, a libertação, através da Namíbia, do arcebispo católico romano de Angola no Lubango, monsenhor Alexandre do Nascimento. Ele fora capturado por soldados da UNITA um mês antes, quando visitava uma missão em Mongua, na Província do Cunene. Libertados ao mesmo tempo que o arcebispo foram também uma freira francesa, um padre católico holandês e três funcionários angolanos da Cruz Vermelha Angolana, que

* Em francês, no original — a caminho. (N. do T.)

também haviam sido capturados em Mongua. Quatro outros trabalhadores da Cruz Vermelha Angolana lá capturados escolheram ficar com a UNITA.

* * *

Exactamente na mesma altura em que Savimbi libertava os seus prisioneiros, num gesto aparente de conciliação, teve início de forma espectacular a contra-ofensiva militar da UNITA. Na sua maior vitória até essa data, as forças da UNITA assaltaram Gago Coutinho (rebaptizada Lum-bala após a independência) a 10 de Novembro, mais de seis anos depois de Savimbi ter sido forçado a abandonar a cidade no decurso da longa marcha. A UNITA afirmou terem morrido 112 soldados do MPLA e 10 cubanos em Gago Coutinho e ter capturado 225 inimigos, juntamente com 43 veículos inimigos e mais de 300 armas. Dois soldados resistentes morreram e seis ficaram feridos, afirmou também a UNITA²⁷.

Gago Coutinho ficava 450 quilómetros para norte da fronteira com a Namíbia. Porém, num outro ataque, três dias antes, a UNITA atacara a vila de Calulo, na Província do Cuanza Sul, 850 quilómetros para norte da fronteira e apenas 220 quilómetros a sul de Luanda. Em Calulo, a UNITA capturou dois técnicos agrícolas brasileiros, os senhores Alberto Gentil Pimenta e Álvaro da Cunha Oliveira²⁸.

O MPLA nada disse sobre Gago Coutinho e Calulo. Porém, rompeu o silêncio quando a UNITA reivindicou ter feito explodir a ponte do caminho-de-ferro, com 350 metros de extensão, sobre o rio Giraul, perto de Moçâmedes, uma das três linhas de caminhos-de-ferro de Angola situada mais a sul, a linha Moçâmedes-Menongue. A UNITA disse que uma brigada especializada em acções de sabotagem havia também destruído a estrada de uma ponte com a extensão de 400 metros sobre o rio e abatido 57 militares do MPLA que guardavam as pontes²⁹. O MPLA admitiu a destruição parcial das pontes; contudo, alegou que o ataque havia sido levado a efeito por fuzileiros sul-africanos, que haviam sido desembarcados ao largo por uma unidade da Marinha Sul-Africana e que tinham avançado um quilómetro rio acima em lanchas de fibra de vidro³⁰.

A 8 de Novembro, a UNITA reivindicou que uma das suas equipas clandestinas tinha feito ir pelos ares a principal sala de reuniões do MPLA, no Huambo; a 23 de Novembro, reclamou ter capturado Cangombe, perto de Gago Coutinho, quando o MPLA de lá saiu após um cerco de quatro meses; a 24 de Dezembro, as forças da UNITA introduziram-se no subúrbio industrial de Cuca, no Huambo, fizeram explodir dois tanques de gás-óleo, destruíram três máquinas de costura gigantes numa fábrica de vestuário e levaram mais de 3000 fardos de tecido, e, a 24 de Dezembro, as tropas resistentes abateram um avião de transporte *Antonov-26*, que tentava aterrar em Lupire, perto da maior guarnição cubana, em Cuíto-Cuanavale³¹.

Também a 24 de Dezembro, a UNITA afirmou ter aniquilado a 16.^a Brigada Motorizada do MPLA, quando esta recuava os 120 quilómetros do Lupire até ao Cuíto-Cuanavale, tendo abatido 263 soldados do MPLA e 32 cubanos. Nesse ataque e noutros, entre 20 e 26 de Dezembro, a UNITA reivindicou ter morto um total de 404 soldados do MPLA e 70 cubanos e ter avançado, pela primeira vez, em direcção à província nortenha do Uíge, onde se cultivava café³².

O único relato independente da maior ofensiva da UNITA, em direcção ao Norte, veio de um jovem correspondente da AFP (Agência France Press), Jean-Luc Porte, que persuadiu o MPLA a deixá-lo visitar o Huambo numa altura em que o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, e o ministro do Desenvolvimento, Jean-Pierre Cot, tiveram alguns gestos de simpatia em relação ao MPLA³³.

Porte escreveu: «Os líderes do MPLA reconheceram aqui, confidencialmente, que a situação nunca fora tão crítica. As emboscadas multiplicaram-se com a chegada da estação chuvosa e os 'bandos' da UNITA, que antes eram constituídos por 10 homens, transformaram-se agora em unidades com 100 homens. A moral do MPLA está ainda abalada por causa de rumores de que a UNITA se tem infiltrado em diversos organismos governamentais. As comodidades básicas estão agora a tornar-se raras na região do Huambo, outrora considerado como o celeiro de Angola. A população local queixa-se do crescente racionamento de comida e formam-se longas filas em frente das bombas de gasolina. Os cortes de energia e abastecimento de água — que está poluída — são frequentes. «Diz-se que a UNITA está a tentar estrangular economicamente o Huambo porque não consegue tomar a cidade por meios militares. A cidade está fortemente defendida e foi-me afirmado que 'milhares' de cubanos estão acampados nos arrabaldes da cidade³⁴.»

Um oficial do MPLA disse a Porte que, em fins de Novembro, na área do Huambo, a UNITA atacou um comboio de abastecimento em Águas Quentes e destruiu 21 camiões; lançou um ataque com *rockets* a uma coluna de camiões-cisterna, perto de Vila Franca, e matou 30 pessoas; matou 10 soldados do MPLA numa emboscada, em Chipiba; matou 7 cubanos num comboio, perto do Cuma, e destruiu 3 locomotivas do Caminho de Ferro de Benguela. Num dos ataques ao caminho-de-ferro, entre o Lobito e o Huambo, os guerrilheiros da UNITA mataram 5 pessoas, roubaram os mantimentos que estavam a ser transportados e lançaram fogo à locomotiva.

O avanço para norte ganhou claramente um grande impulso e, quando a UNITA me ofereceu a possibilidade de ser o primeiro jornalista ocidental a testemunhar uma grande batalha em Angola, em mais de vinte anos de combates, aceitei com entusiasmo. Iria também tornar-me no primeiro jornalista a aproximar-se do Caminho de Ferro de Benguela com a UNITA desde a guerra civil de 1975-1976. Queria uma teste-

munha para a realidade, por isso, convidei um outro jornalista para me acompanhar. Gwynne Roberts, um repórter/operador de câmara, havia realizado filmes notáveis no interior do território rebelde do Curdistão e na Eritreia. Em Angola, ele iria filmar a nossa viagem para o programa de assuntos correntes *Panorama*, da BBC.

CAPÍTULO XLI

A CAMINHO DO CORAÇÃO DE ANGOLA

1983

O PILOTO ANGOLANO BRANCO do velho e diligente *Viscount* procurou nas matas e savanas abaixo, tentando localizar os pontos de referência que o conduziriam à pista de aterragem de Savimbi, no Luengue. O objectivo, fino como uma agulha, apareceu subitamente, num terreno ligeiramente elevado, ao lado de um luxuriante e verde vale de um rio — porque estávamos em princípios de Janeiro, no meio da estação das chuvas — e em breve aterrávamos. Ao princípio, o denso mato que ladeava a pista arenosa parecia deserto; porém, pouco depois, começaram a surgir figuras indistintas, armadas com *Kalashnikov* e lança-rockets *RPG-7*.

O *Viscount* correu pela pista até se imobilizar e, quando se abriram as portas, fomos surpreendidos por uma explosão de sons: três coros africanos, um grupo *pop* e um grupo de dança competiam entre si. Gwynne ficou assombrado com todo este colorido. Os cantores e dançarinos estavam rodeados por pelotões de tropas, em firme posição de sentido. Grandes camiões — *Ural* soviéticos e *Star* polacos — começaram a movimentar-se para descarregar várias toneladas de medicamentos e combustível para a aviação, que nós tínhamos transportado desde o ponto de partida, uma capital negra africana onde a UNITA mantinha uma missão diplomática e logística. Ao fundo da pista estava Savimbi, rodeado por uma falange de coronéis e majores da UNITA.

O nosso primeiro encontro com Savimbi foi breve. Teria sido muito mais proveitoso falar com ele depois de ter regressado da batalha na linha de caminho-de-ferro. Contudo, ele estava com uma disposição especialmente exuberante. Afirmou que as suas forças tinham avançado de forma

espectacular durante os seis meses anteriores: iríamos ver os resultados. Ele estava confiante de que conseguiria muito mais vitórias.

O objectivo da visita era simples. A UNITA queria provar que as grandes vitórias conseguidas eram verdadeiras, não apenas propaganda em papel, e que exercia completo controlo sobre vastas áreas do país. Eu procurava material, em primeira mão, para o meu jornal e para o meu livro.

Com a UNITA penetraríamos 800 quilómetros em direcção ao Centro do país, onde iríamos testemunhar uma acção no Caminho de Ferro de Benguela, num local ainda a ser revelado. A viagem para lá e de volta estaria terminada num mês, disse Savimbi. Levou dois meses e, ao fim desse tempo, tínhamos coberto cerca de 3200 quilómetros, mais de 500 dos quais a pé.

* * *

Da pista de avião, fomos conduzidos às nossas cubatas na base, onde eu esperara em companhia de Dick Harwood durante nove dias, após o nosso avião ter tido um acidente em 1981. Desde a minha última visita, tinha sido instalada energia eléctrica, fornecida por um pequeno gerador a *diesel*, que roncou durante toda a noite. Iríamos ver a luz eléctrica em diversas bases: em 1981, a electricidade estava limitada ao quartel-general de Savimbi, em Jamba, no meio da espectacular reserva de caça a sudeste do Luengue.

A minha experiência dizia-me que em Angola encontrávamos gente invulgar. Esta ocasião não constituiu excepção, e eu queria falar com um deles — um comerciante de diamantes inglês, que viera comigo e com Gwynne, juntamente com meia dúzia de representantes da UNITA, no estrangeiro. O comerciante de diamantes viera para comprar os diamantes da UNITA, alguns garimpados em rios e outros saídos clandestinamente de minas no Nordeste, administradas em conjunto pelo Governo Angolano e pela Companhia Anglo-Americana de África do Sul. Viera também para dizer a Savimbi que obtivera compromissos, da parte de um grupo de homens de negócios ocidentais, de investimentos no valor de milhões de dólares, se a UNITA alguma vez chegasse ao poder. O dinheiro estava imediatamente disponível para a luta de Savimbi, em quantidades que orçavam os 20 000 e os 100 000 dólares por companhia — financiamentos indirectos fáceis de canalizar pelas «raposas matreiras» europeias, tendo em vista possíveis partilhas futuras na riqueza imensa e potencial de Angola.

A última vez que vimos o negociante de diamantes foi quando este mudou de roupa na sua cubata, despindo uma camisa de mato suada e calças largas e vestindo um fato às riscas, colete, gravata e colarinho branco engomado, para a sua reunião no mato com Savimbi. Partiu de novo na manhã seguinte, ao fim de apenas doze horas em Angola.

O nosso trabalho começou nessa mesma manhã, com uma série de instruções resumidas, fornecidas pelo chefe do estado-maior da UNITA, Demóstenes Chilingutula, promovido a brigadeiro desde a minha última visita, e o chefe dos serviços de logística, coronel Bok Sapalalo, um dos sobreviventes da longa marcha. Chilingutula, então com 35 anos, e Sapalalo, com 28, representavam diferentes tendências de recrutamento na UNITA.

Chilingutula, um homem entroncado e musculoso, estivera antes no Exército Português em Angola e ascendeu à mais alta patente aberta aos negros: segundo-sargento. Sendo um especialista em artilharia, foi, em determinada época, colocado no Leste de Angola a operar contra a UNITA. Chilingutula juntou-se à UNITA depois da revolução portuguesa de 25 de Abril de 1974. Foi nomeado chefe do estado-maior em Abril de 1980, em substituição do brigadeiro Samuel Chiwale, um fundador veterano do movimento desde o tempo em que Chilingutula estava ainda do lado do inimigo.

Sapalalo era um brilhante graduado pelo liceu que, no princípio dos anos setenta, «antes» da revolução portuguesa decidira juntar-se à UNITA nas matas, em vez de ir para a universidade. Tal como muitos dos seus companheiros de escola, ele falava inglês quase fluentemente, embora não tivesse nunca vivido num país de língua inglesa. O braço esquerdo de Sapalalo fora decepado abaixo do cotovelo, arrancado quando uma mina antipessoal defeituosa, a que ele estava a tirar o detonador, explodiu. Nessa época, Sapalalo estivera encarregado do treino em operações de sabotagem.

O ponto essencial das instruções dadas por Chilingutula e Sapalalo foi o seguinte: durante os seis meses anteriores, desde Agosto de 1982, a UNITA duplicara a área de Angola sob seu controlo total numa série de violentas batalhas contra o MPLA e os Cubanos, que se haviam desenrolado quase inteiramente sem ser anunciadas e levadas em consideração pela imprensa mundial. A área, aproximadamente equivalente em tamanho ao Reino Unido, estendia-se quase ao longo de todo o Caminho de Ferro de Benguela. Iríamos viajar através dessa área. A UNITA iria mostrar-nos locais de batalha e levar-nos a vilas capturadas ao MPLA que o Governo em Luanda nunca admitira publicamente ter perdido. Da última vez que eu visitara Angola, a base operacional de Chilingutula situava-se 200 quilómetros para o interior de Angola; desta vez, iria encontrá-la a 500 quilómetros da fronteira sul de Angola.

Para além da «área de controlo» da UNITA, e para além do que Chilingutula e Sapalalo descreviam como a sua «área de influência», onde existia uma enorme intensificação de actividades, os guerrilheiros estavam a efectuar uma ofensiva para além desses limites rumo ao Norte para uma «área de expansão».

Dentro da «área de influência», onde o movimento reclamava ter o controlo das zonas rurais e da maioria das aldeias, a UNITA estava a

concentrar ataques a alvos económicos. Alguns dos objectivos específicos eram o Caminho de Ferro de Moçâmedes e o único troço que permanecia regularmente operacional do Caminho de Ferro de Benguela, entre o Lobito e o Huambo. Apenas um comboio cada três meses, protegido com forte escolta militar, conseguia chegar a Menongue, no termo da linha de Moçâmedes, a 600 quilómetros da costa. O último comboio na linha de Benguela a chegar ao Huambo, proveniente do Lobito, chegou em Setembro de 1982, com uma escolta de 1200 soldados do MPLA; porém, metade do carregamento de mercadorias fora destruído *en route** pelo Batalhão 517, um dos dois batalhões de tropas semi-regulares instalado permanentemente a norte do Caminho de Ferro de Benguela.

A UNITA tinha agora diversos grupos de guerrilha bem instalados (bastante diferentes dos soldados semi-regulares) a operar nas províncias do Cuanza Norte, Malanje e a sul de Luanda — isto é, 400 quilómetros para norte do Caminho de Ferro de Benguela e a cerca de 250 quilómetros de Luanda. Muitos membros das tribos Kimbundu, Seles e Songo, apoiantes tradicionais do MPLA no período da pré-independência, estavam agora a aderir à UNITA como guerrilheiros, por causa do estado catastrófico da economia angolana.

A UNITA estendera a sua «área de expansão», nos finais de 1982, até à longínqua província nortenha do Uíge, terra natal dos Kikongo, da praticamente moribunda FNLA. Os comissários políticos da UNITA tinham chegado à província em Novembro de 1982 para iniciar um apoio de recrutamento. Os grupos de guerrilha da UNITA, reforçados com homens da tribo Kikongo, tinham-se já movimentado para o Uíge, prontos para lançar o combate na nova frente.

A guerra tornara-se de tal forma séria que os Cubanos, que na sua grande maioria se mantinham fora de combate desde 1980, actuando apenas como conselheiros militares e organizadores de logística e na defesa das grandes cidades, tinham reentrado no conflito, em grande escala, em Julho de 1982.

Além das forças semi-regulares da UNITA, organizadas em batalhões com 500 a 1000 homens, e dos seus guerrilheiros, a operar em grupos de 15 a 30 ou em companhias de 20 homens, um novo tipo de unidade entrara em acção em 1982. Estes eram as «Forças Especiais», mais ou menos equivalentes às SAS (Special Air Service)** britânicas. Estas eram unidades firmemente consolidadas, com 45 homens, soldados que haviam dado boas provas, treinados em conjunto, intensivamente, durante nove meses, em sabotagem, combate corpo a corpo e outras «artes» militares. Estavam estritamente dependentes de si próprios e estavam sujeitos a uma disciplina de ferro. Gwynne pensou que eles pareciam mesmo ser muito duros.

* Em francês, no original — a caminho. (*N. do T.*)

** Serviço Aéreo Especial, ou seja, uma unidade das Forças Armadas para missões especiais. (*N. do T.*)

Foi-nos concedida uma dessas unidades como guarda-costas para a viagem — a Força Especial Gamboa, baptizada com o nome de um herói da UNITA que morrera a lutar contra os Portugueses. O tenente Bonaventura estaria no comando. Além deles, foi destacada para junto de nós uma equipa de logística, constituída por 50 pessoas, sob o comando do capitão John Celas, um kikongo que também já viajara comigo em 1981. O brigadeiro Chilingutula devia avançar à frente e apanhá-lo-íamos no seu quartel-general de campo, mais longe, para norte.

Entretanto, quando nos preparávamos para a partida, perguntei se poderiam emprestar-me uma pequena mochila, de forma a poder levar comigo as minhas câmaras. Quando esta chegou, reparei que estava algo escrito a esferográfica na lona de cáqui. Dizia: «Comando do Natal — Lance Corporal Kuhn.» Não foi uma grande surpresa, embora fosse uma lembrança oportuna de um dos polegares estranhos envolvidos no conflito angolano. E não pude deixar de me interrogar como conseguiria explicar a mochila se, por azar, fosse alguma vez apanhado por uma patrulha do MPLA.

* * *

Partimos do Luengue em dois camiões gigantes *Ural*. Estava programado viajarmos ao longo do «trilho de Savimbi» até onde este terminava, 150 quilómetros a sul do Caminho de Ferro de Benguela. Sentarmo-nos à frente nos camiões *Ural* era infernal, embora não tão mau como fora nos *Star* polacos em 1981, porque agora as chuvas periódicas não deixavam que o pó se levantasse. Na verdade, criei uma certa afeição por estes monstros soviéticos. Saltavam poderosamente, abriam caminho a custo de forma inexorável através do terreno mais acidentado, atravessando vaus e pontes grosseiras e subindo ladeiras incriveis.

Ao fim de dois dias passávamos por Mavinga, 250 quilómetros para o interior de Angola, onde Dick e eu tínhamos apanhado laranjas em 1981. Nessa época, fora o ponto mais distante da nossa viagem pelo interior de Angola. Agora, assinalava o seu virtual ponto de partida.

Ao cabo de seis dias, chegámos a um largo e bonito canal, bordejado de cada lado por lagoas mágicas, algumas muito pequenas e outras quase como lagos gigantes, cada uma delas rodeada por juncos de papiro, altos e oscilando ao sabor do vento. Este constituía um ponto crucial na rota logística militar da UNITA. Ao contrário dos rios mais pequenos situados a sul, o Cuando não podia ser passado a vau ou transposto. Para levar camiões para a zona de guerra a norte do rio Cuando, o chefe de transportes havia instalado uma base na margem sul, infestada de mosquitos, onde veículos eram completamente desmantelados, de forma a permitir que as suas partes pudessem ser postas a bordo de pequenos barcos metálicos da tropa, movidos com um motor de fora de borda, e levadas para uma base na margem norte, alguns quilómetros acima, para remontagem.

O chefe de transportes, um angolano branco de 34 anos, Matos Leilinho, afirmou que eram precisos oito dias para levar um camião *Ural* para o outro lado do rio, a partir do momento em que os seus homens começavam a desmantelá-lo até ser finalmente remontado na outra margem. Um camião *Star* demorava três dias e um *Land-Rover* britânico 24 horas. O problema com os *Ural* era o seu complicado sistema eléctrico. No ponto de travessia do rio Cuando estava também um outro angolano branco, o major Victor, que estava encarregado da defesa antiaérea da UNITA. A sua missão consistia em distribuir mísseis soviéticos *SAM-7**, canhões antiaéreos soviéticos de 14,5 mm e canhões antiaéreos chineses, para unidades ao longo de todo o país. Para conseguir que eles chegassem a regiões tais como o Planalto Central e mais para norte, os canhões eram desmantelados e transportados às costas e à cabeça dos guerrilheiros e carregadores. O major Victor tinha também de assegurar-se de que as guarnições dos canhões e dos mísseis estavam treinadas e de que as suas armas estavam adequadamente conservadas. Ele estava a efectuar uma visita de inspecção ao ponto de travessia do Cuando, porque esta era uma ligação muito vulnerável na linha de logística. Havia sido regularmente bombardeado, e o major afirmava que, desde Julho de 1982, as defesas antiaéreas no ponto de travessia haviam abatido dois aviões *Antonov-26* do MPLA, dois helicópteros de ataque *MI-8* e um helicóptero de reconhecimento *Alouette*.

Atravessámos o rio num barco de borracha *Zephyr*, passando pela barca em metal que vinha do outro lado do rio, transportando os *châssis* e rodas traseiras de um camião *Ifa* da Alemanha Oriental, capturado num combate a norte do Cuando. À medida que nos aproximávamos da base logística, na margem norte, avistámos uma armação gigante em madeira, que fora levada para o leito do rio, perto da margem. Sobre ela assentava uma enorme corrente de ferro e uma roldana para içar as partes dos camiões colocadas ao longo da barca de metal de transporte com 7 metros de comprimento. Havia um armazém, metade enterrado no solo e coberto de capim, do qual os homens estavam a trazer sacos de milho e tambores de combustível para carregar um camião soviético gigantesco *Kpaz*, para serem transportados para norte. Os camiões *Kpaz*, *Ural* e *Star* que estavam nesta base estavam crivados de buracos de balas. Tinham sido capturados a norte do Cuando quando a UNITA invadiu as praças fortes do MPLA no Muie (Maio de 1982) e Gago Coutinho (Novembro de 1982). Foi num destes *Ural aertex*** que rumámos em definitivo para norte, em direcção ao acampamento-base de operações de Chilingutila, em Kandende, numa densa mata perto da vila do Muie.

* Míssil terra-ar *SAM* — *surface to air missile*. (N. do T.)

** Palavra inglesa que para o leitor português não tem significado especial. Pode traduzir-se por «cheio de buracos como um passador». (N. do T.)

Kandende era extraordinária: havia electricidade por toda a parte, as nossas cubatas tinham sido recentemente construídas com capim verde perfumado e as camas estavam feitas com lençóis engomados e maravilhosamente bordados. A arte de entrançar estava presente no estilo sofisticado da tribo Chokwe, em cujo território nós havíamos acabado de entrar. Havia pequenos floreios artísticos no telhado de capim e nas traseiras da minha cubata havia uma área de chuveiros, onde troncos habilmente polidos tinham sido colocados de forma compacta sobre um pequeno buraco no chão, de forma a que os nossos pés se mantivessem limpos, enquanto a água se escoava, depois de um banho. Por toda a base, que se estendia por vasta extensão, desmultiplicavam-se veredas em linha recta, como setas, ladeadas por sebes feitas com troncos de árvores a que fora tirada a casca para expor a medula cor-de-rosa. A precisão e disciplina fez-me recordar a decoração bem equilibrada dos postos militares indianos, que contrastam completamente com o desalinho civil e a confusão à sua volta.

Kandende apenas nos concedeu descanso temporário da punição que fora a viagem com a UNITA. Em breve tomávamos o rumo do Leste, ao longo de um ramo particularmente hostil do «trilho de Savimbi», para uma das possessões da UNITA tomadas ao inimigo, Gago Coutinho. O «trilho» fora aberto através de uma mata tão densa de árvores novas que, às vezes, passávamos através de um túnel de folhagem e sobre uma superfície quase inteiramente constituída por sistemas de raízes entrelaçadas que eram um duro teste para a resistência de qualquer homem ou veículo. Avistámos apenas uns poucos antílopes e francolins* correndo pelo trilho, mas sempre que surgíamos de um dos túneis havia grandes águias cruzando o céu em busca de uma presa.

Cento e vinte quilómetros haviam sido percorridos em dez horas, e já a noite caíra quando avistámos, sob os feixes de luz dos nossos faróis, uma estrada em relevo, de alcatrão. Estávamos a entrar na estrada principal que se estende por centenas de quilómetros ao longo da fronteira leste de Angola com a Zâmbia. Tínhamo-la atingido num ponto cerca de 10 quilómetros a sul de Gago Coutinho. Comecei a suar com o susto: um pouco antes, os oficiais da UNITA haviam dito que evitavam as estradas regulares em áreas anteriormente controladas pelo MPLA, porque tinham sido, como era compreensível, minadas por guerrilheiros da UNITA. Ainda mais assustadoras foram as travessias de dois rios através de pontes de madeira improvisadas, que eram ligeiramente mais largas que os camiões *Ural*.

Ao atravessar Gago Coutinho, vimos, à luz dos faróis, uma série de casas em estilo português e edifícios danificados por bombas e morteiros. A vila estava lugubrememente deserta e nós dormimos numa base da mata, a 5 quilómetros de distância.

* Perdiz africana. (N. do T.)

No dia seguinte, teve início um grande comício político. Uma companhia de tropas semi-regulares executou alguns exercícios militares vigorosos, incluindo uma simpática paródia do estilo de marchar, com as costas rígidas, dos Britain's Coldstream Guards*. Em seguida, Chilingutilla levantou-se para falar à população local. «A diferença fundamental entre nós e o MPLA», disse ele em português, «é que nós não queremos que venham estrangeiros para governar o país. E, como vocês bem sabem, o MPLA trouxe os Cubanos.» Prometeu que em breve na área seriam instaladas escolas, hospitais e centros de conselho para os agricultores. O seu discurso foi traduzido para mbunda, o dialecto da pequena tribo com esse nome, na região de Gago Coutinho, pelo coronel Vicente Vihema, o comissário político local, ele próprio um mbunda.

Chilingutilla disse que a UNITA queria que a população abandonasse os povoados fortificados controlados pelo MPLA à volta da vila. «Vimos para ficar e não voltaremos a partir. As nossas forças estão a avançar em direcção ao Norte. Venham e discutam connosco sobre aquilo que quiserem. Temos de nos compreender. E, se os vossos jovens quiserem juntar-se às FALA (Forças Armadas para a Libertação de Angola), serão bem-vindos.» Os mais idosos e os aldeões haviam sido bem mobilizados pelos organizadores políticos da UNITA, pelos vivos aos líderes e peritos em coros. Houve muitas danças e cânticos e toda a gente agitava bandeiras de papel da UNITA. Muitos pareciam estar a divertir-se; outros deixavam-se ir ao sabor da corrente, como provavelmente tinham feito sob o poder do MPLA. Os mais idosos da aldeia apresentavam semblantes impassíveis e resignados, que pareciam conter muito da sua sabedoria ancestral não partilhada de ânimo leve. Vestiam uma espantosa colecção de velhas roupas e chapéus para o sol, e um deles usava um *smoking*, cujas lapelas de seda tinham desbotado com o passar dos anos. Chilingutilla, que media o alcance de cada palavra e em cuja face austera bailava ocasionalmente um sorriso caloroso, provocou um rumor de aprovação por parte dos mais idosos quando disse tencionar efectuar, mais tarde, uma reunião reservada aos mais idosos da aldeia. E prosseguiu: «O MPLA tem ensinado as crianças a não respeitar os seus pais [mais murmúrios de apoio]. Não devem ser postas armas nas mãos de crianças como o MPLA está a fazer com os 'Jovens Pioneiros'¹. Elas deviam ir para a escola.»

A importância de Gago Coutinho provinha do facto de que a vila controlava uma das três estradas de acesso através da fronteira leste de Angola com a Zâmbia, que se estendia por cerca de 1000 quilómetros. As duas outras estradas situavam-se a nordeste, no ângulo saliente de Cazombo, em Angola, sobressaindo para leste, entre o Zaire e a Zâm-

* Britain's Coldstream Guards — regimento britânico de guardas de infantaria considerado como o mais antigo do Exército Inglês. O seu quartel situa-se em Buckingham Gate, em Londres. O seu lema é *Nulli Secundus*.

bia. «Kaunda sabe que esta fronteira está desobstruída», afirmou Chilingutula à assistência. «Kaunda está consciente de que a UNITA está a limpar toda a fronteira leste e que não lhe resta outra alternativa senão negociar connosco. Ser-vos-ão fornecidos passaportes da UNITA de maneira a poderem ir negociar à Zâmbia.»

Tinham sido capturados dois importantes líderes do MPLA, em Gago Coutinho, disse Chilingutula — José Chipoiã, o líder local do partido, e Queen Lipito, um membro da família real dos Mbunda, que se tornara deputado em Luanda, no Congresso do MPLA. Chipoiã e Lipito estavam «a trocar pontos de vista com a UNITA», disse Chilingutula, e mais tarde seriam libertados.

Percorremos a vila destruída. Havia pessoas com trouxas à cabeça, pequenos artigos e peças recolhidas das suas casas nas povoações estratégicas do MPLA — filas de cubatas de barro por detrás das antigas vivendas e lojas portuguesas — para os levar de volta às suas aldeias tradicionais. Tinham um ar perdido, e um oficial superior da UNITA admitiu que 30 por cento dos angolanos não tinha qualquer compromisso particular para com esta guerra — seguirão qualquer dos lados que esteja a vencer, agitarão a bandeira apropriada e, se necessário, até farão o pino para o último grupo que apareça ostentando os canhões. Dito isso, parecia não existir qualquer dúvida acerca do entusiasmo com que um outro grupo de idosos acolheu Chilingutula, Gwynne e eu próprio.

Chilingutula descreveu como a UNITA capturara Gago Coutinho, dez semanas antes. Estivera guardada por uma brigada de 1200 soldados do MPLA e uma companhia de 90 cubanos. Com alguns meses de antecedência, unidades dos serviços secretos da UNITA recolheram informações, entrando na vila vestidos como camponeses e falando com apoiantes clandestinos da UNITA, enquanto grupos de guerrilheiros, variando no número, entre 120 e 600, hostilizavam os acessos à vila. Na noite de 7 de Novembro de 1982, cinco batalhões de tropas semi-regulars, totalizando 3000 homens, puseram-se em posição de ataque: às primeiras luzes da manhã, atacaram os defensores nas casernas e trincheiras do aeroporto e noutras posições, a 2 quilómetros de distância, do outro lado de um vale pouco profundo, em redor da igreja protestante, caiada de branco. A batalha terminou ao fim de duas horas. Mais de 200 mortos ficaram no terreno, incluindo 16 cubanos. Mais outros 200, na sua maior parte homens da milícia da ODP (Organização de Defesa Popular), renderam-se. O resto do inimigo fugiu, em direcção ao Norte. A UNITA admitiu terem morrido apenas 12 dos seus homens. Foram capturados 43 camiões, na sua maior parte *Ural* e *Star*, junto com mais de 300 armas ligeiras e pesadas, incluindo canhões antiaéreos de 14,5 mm.

As casernas e os hangares do aeroporto ficaram cheios de buracos feitos pelos morteiros e pelas bombas dos canhões: alguns edifícios tinham ruído completamente. Os destroços do *Fokker Friendship* abatido pelos

caças *MIG* do MPLA, um pouco antes de Savimbi ter abandonado a vila, quase sete anos antes, jaziam ainda na pista, enferrujando lentamente.

De uma das casernas tirei um livro do MPLA com caricaturas de Savimbi que, tanto quanto pudemos apurar, fora impresso na União Soviética, tal como a maior parte de outra literatura sobre ideologia política que ficara para trás, juncando o chão. Uma das caricaturas mostrava Savimbi parecendo um demónio, com sangue gotejando de uns dentes caninos, exagerados, quando trincava um bebé negro. Quando mostrei as caricaturas a Gwynne, estendeu-se uma mão que as tirou para fora do meu alcance. A mão pertencia a Jorge Valentim, o antigo «governador» do Lobito que fora mandado para cinco anos de exílio no interior, pela má condução dos assuntos da cidade. A tradição africana reza que um homem merece uma oportunidade para demonstrar que se modificou e, assim, Valentim fora recentemente reempossado numa posição de responsabilidade, como secretário de informação da UNITA. Para minha consternação, ele fora designado para nos acompanhar nas nossas viagens e tinha já provado ser um propagandista rude, obstrutivo e pouco merecedor de confiança. Pedi que me devolvesse as caricaturas e Valentim replicou: «Não posso consentir que o meu presidente seja visto em tal situação. Sei como são os jornalistas ocidentais.» Da parte de um homem que continuamente acusava o MPLA de espalhar a desinformação, isto era oportuno.

A conversa inflamou-se quando nós salientámos que a propaganda do MPLA era ridiculamente grosseira e absurda e que, de qualquer modo, Savimbi concordara em que não haveria restrições à nossa cobertura dos acontecimentos. Disse a Valentim que me asseguraria de que o incidente seria largamente divulgado e que a ele me referiria ao mais alto nível. «A quem se está a referir?», perguntou ele. «Ao vosso presidente», vocifrei, orgulhosamente.

Chilingutilla parecia estar pouco à vontade quando Valentim e eu nos enfrentámos como galos de luta no seu despertar, mas, com o seu limitado domínio da língua inglesa, provavelmente não compreendeu o que estava a suceder. O incidente da caricatura não ficaria ainda por aqui.

Regressámos à base de Chilingutilla, em Kandende, percorremos as trincheiras defensivas à volta do seu perímetro, avistámos pilhas de comida enlatada (principalmente holandesa, brasileira e portuguesa), fósforos soviéticos, camisolas do MPLA fabricadas em Cuba e armamento capturado em Gago Coutinho. Visitámos o hospital da base, onde homens ligeiramente feridos em combate recuperavam. Os feridos mais graves tinham sido mandados para o Sul para tratamento. Na noite anterior à nossa partida, fomos hóspedes de honra com Chilingutilla, num surpreendente concerto realizado num anfiteatro de capim, iluminado por holofotes, com lugares em fila para as tropas. Era um espectáculo que teria estado meses em cartaz se alguma vez chegasse à Broadway ou ao West End de Lon-

dres. Havia um bailado africano moderno; uma farsa hilariante sobre os idosos e suas mulheres num baile da aldeia, com soldados pulando em ritmo lento e outros com enormes casacos e botas diversos números acima do seu tamanho; uma exibição de karaté por uma equipa vestindo bandanas brancas e calções verde-esmeralda. Uma dança tradicional, espantosamente sensual, executada por uma rapariguinha, fez grande sucesso entre os soldados, estes assobiavam e aplaudiam à medida que o seu umbigo vibrava e ela deslizou em direcção a Chilingutila, inclinandolhe o seu chapéu como se fosse uma Marlène Dietrich africana, antes de lhe voltar as costas, que estremeciam, com desdém. As tropas presentes, do Batalhão 333, cantaram nas magníficas harmonias e melodias da África Bantu e «Mariko»; um Sinatra angolano, com uma túnica verde vestida, cantarolou em inglês: «O povo de Angola tem sido vendido como escravo aos Russos, Cubanos e ao Leste. Quando a nossa esperança se apagou, o doutor Savimbi mostrou-nos o caminho. O caminho levava às matas, para organizar a luta.» O mais espectacular de todos, porém, foi o engolefogo, em cuja boca as brasas ficavam vermelhas enquanto ele cantava, dançava e brincava com os soldados. Meses mais tarde, perguntei a Tito Chingungi como fazia ele esse truque sem queimar a língua ou a delicada superfície da boca. «Magia africana», riu-se Tito.

* * *

Atravessámos de novo o Cuando e passámos uma noite na margem sul antes de os nossos camiões *Ural* rumarem para Noroeste, ao longo do «trilho de Savimbi» central, para o Lupire, local de uma outra grande batalha na véspera de Natal de 1982. Na base do Cuando, a 20 de Janeiro, aplausos e gritos de *Good News* (boas notícias) (inadequadamente em inglês, mas pronunciado *Good-ah News*) espalharam-se por todo o acampamento durante a noite. Tinham sido recebidas precisamente nessa altura notícias via rádio, transmitidas a partir de Jamba, de que, a 18 de Janeiro, o Batalhão 517 da UNITA fizera explodir a segunda maior barragem em Angola, o Lomaoum, a oeste do Huambo. Fora cortada a energia para a cidade. Trinta e três soldados do MPLA e doze cubanos tinham sido mortos e dois técnicos portugueses tinham sido capturados e marchavam agora em direcção a Jamba.

A partir do Lupire, o «trilho de Savimbi» passava entre os postos do Cuíto-Cuanavale e Cangamba, em poder do MPLA/Cubanos. Subia depois até às quedas de água entre os rios Cuanavale e Quembo, em direcção ao Planalto Central, a mais de 1700 metros de altitude, e terminava numa base chamada Kweta. Começámos a caminhar através dos vales profundos e encostas íngremes e arborizantes do planalto.

* * *

Savimbi dissera que a caminhada a partir do «trilho de Savimbi» até à linha do caminho-de-ferro demoraria dois ou três dias. Porém, já cami-

nhávamos há sete dias quando chegámos a Sandona — a base de Savimbi durante a luta contra os Portugueses, e agora um centro de produção agrícola — para sermos cumprimentados por um dos mais jovens e brilhantes oficiais da UNITA, o coronel Ben-Ben Arlindo Pena. Caminhámos em sua companhia durante mais dois dias antes de chegarmos ao quartel-general da região militar 57 da UNITA, na mata. Agora, disse Ben, estávamos a 48 horas do alvo de ataque ao Caminho de Ferro de Benguela. O plano visava que o batalhão semi-regular conseguisse expulsar a guarnição do Governo e reduzir a vila a pó. A guerra quase intangível de Angola, travada longe da vista dos repórteres ocidentais, estava prestes a tornar-se muito real.

CAPÍTULO XLII

A BATALHA PELA POSSE DE CANGONGA

1983

NO QUARTEL-GENERAL da região 57, situado numa densa mata, apenas 60 quilómetros a sul do Caminho de Ferro de Benguela, o coronel Ben-Ben Arlindo Pena apresentou-nos ao batalhão da UNITA que iríamos acompanhar durante o ataque à guarnição do MPLA.

A propaganda no ponto de reunião era poderosa. Rapariguinhas apresentaram gentilmente Ben, Gwynne e a mim próprio com ramos de flores silvestres, enquanto um coro de 50 mulheres cantava uma suave canção de embalar africana. Em seguida, o Batalhão 17, com a adrenalina em ebulição, na perspectiva da batalha, entregou-se a uma habitual mas frenética sessão de cantares e danças.

«Cubanos, se ouvirem um pequeno ruído, já sabem que a UNITA chegou. Se ouvirem um segundo, estão mortos», dizia uma das canções.

«Santos [Presidente de Angola], pensaste que Angola era fácil de controlar, mas agora estás a aprender a verdade», dizia uma outra. «Em 1976 nós retirámos, mas Savimbi sabia para onde íamos e agora chegou a vez de o MPLA partir.»

Os soldados rebolaram-se no chão durante um refrão particularmente alegre, enquanto cantavam: «Chegará o dia em que poderemos voltar para as nossas mães e pais, e seremos todos muito felizes.»

Estávamos a 8 de Fevereiro, o aniversário do dia em que sete anos antes, em 1976, Savimbi ordenara às suas forças que abandonassem as cidades e vilas e se retirassem para as matas, em face do avanço lento mas implacável dos Cubanos através de Angola. «Esses foram dias negros», disse Ben no seu discurso. «Hoje já avistámos uma luz. Ao fim de sete anos, passámos por uma escola muito dura. Temos estado a correr numa maratona,

mas a partir de agora começamos a correr a toda a velocidade para cobrir pequena distância. Em 1983, muitas coisas começarão a mudar. As nossas forças que cruzam o Caminho de Ferro de Benguela têm força para esmagar a arrogância do MPLA, que afirma que são os Sul-Africanos que estão a combater. Nós sabemos e vocês também sabem que é o povo angolano que está a combater. Aprendemos a enfrentar os aviões e carros blindados dos Cubanos e do MPLA. Que mais podemos temer?»

A 9 de Fevereiro, a força de ataque avançou — 520 soldados semi-regulares do Batalhão 017 armados com canhões *B-10* de 75 mm, morteiros de 81 mm, *rockets* antitanque *RPG-7* e *Kalashnikov*; os 45 soldados da Força Especial Gamboa; a equipa de logística de 50 homens que viajara connosco desde o Luengue; uma unidade especial de peritos em explosivos instalada no local; uma extensa rede de jovens e mulheres, algumas com crianças às costas, transportando espingardas, minas, bombas de morteiro e *rockets* antitanque à cabeça, e algumas centenas de guerrilheiros instalados no local, que se juntaram a nós, aqui e ali, depois de termos saltado dos camiões e termos iniciado a marcha.

Eu estava fascinado com os guerrilheiros. Pertenciam a uma casta diferente de homens militares. As suas roupas estavam esfarrapadas e não uniformes, parecendo uma extensão das suas peles. Caminhavam isolados, e não nas filas ordenadas do batalhão. Nas mochilas, e atada a elas, transportavam toda a riqueza que possuíam no mundo, incluindo os cobertores feitos de casca de árvore batida — já que o génio do guerrilheiro ditava que ele tinha de viver no mato e não confiar nos abastecimentos das bases logísticas. Tal como transportavam as suas *Kalashnikov*, todos eles tinham catanas e machados fabricados nas aldeias. Quando passámos pelo tronco de uma árvore que recolhera água da chuva, verde, com aspecto desagradável, um dos guerrilheiros chocou o batalhão de soldados quando tirou um fino tubo de madeira da sua carapinha emaranhada e bebeu do reservatório com ar fétido. Explicou mais tarde que a água no fundo de tais reservatórios era doce e que todos os guerrilheiros traziam consigo tubos para beber. O líder dos guerrilheiros, tenente-coronel Veríssimo, era um homem enorme, com um sorriso brilhante. Fora um dos primeiros guerrilheiros de Savimbi em 1966 e recusara todas as propostas para viver uma vida «agradável» com os semi-regulares. Pensei compreender porquê. Em dezassete anos como guerrilheiro atingira um tal estado de simbiose com a mata que, se tivesse de ficar caído, ficaria indistinguível de um tronco de árvore tombado.

Avançámos até uma pequena base de trânsito a 45 quilómetros da linha de caminho-de-ferro e aí Ben disse-nos que o alvo era Cangonga, uma pequena vila de guarnição, 130 quilómetros a oeste de Luena. Uma maquete, quase com o tamanho de um campo de *badminton*, fora preparada pelo tenente-coronel Antonino Filipe, um especialista em reconhecimento. Este chegara à base de trânsito cerca de duas semanas antes

para confrontar informações recolhidas pelas suas unidades ao longo de vários meses. A maquete utilizava areia de várias cores, cinza, casca de árvore, musgo e raminhos para realçar os edifícios, estradas de acesso e picadas, montes circundantes e cursos de água. Havia várias fileiras de casernas em betão, a estação de caminho-de-ferro e um poste de rádio a norte da linha de caminho-de-ferro; imediatamente para sul da linha férrea ficavam as casas, lojas e uma igreja católica e mais adiante, ainda para sul, ficava uma pista de aterragem, em cascalho vermelho. Inseridos entre a guarnição para norte e para sul estavam povoados civis estratégicos, constituídos por cubatas, de capim e adobe, estreitamente agrupadas. Ben caminhou a passos largos para cá e para lá da maquete, indicando sistemas de trincheiras, em zig-zague, à volta das casernas e em cada extremidade da pista de aviação. O seu plano era este: quando surgisse a primeira luz da manhã para leste, 100 homens de infantaria lançariam um ataque simulado a partir do sul, atraindo a guarnição de 300 homens do MPLA na sua direcção. Seguir-se-ia o ataque principal, por 300 soldados da UNITA, vindo a coberto da escuridão, para oeste. Os outros 120 militares do Batalhão 017 ficariam de reserva. Uma companhia de mais de 100 guerrilheiros tomaria posições a oeste de Cangonga e uma outra companhia para leste, no caso de o MPLA tentar enviar reforços ou tentar alvejar soldados inimigos que retirassem da guarnição sitiada.

Mas, então, e os aviões *MIG* e os helicópteros *MI-8* estacionados em Luena? Iriam seguramente sobrevoar Cangonga, após alguns minutos de terem tido conhecimento do ataque? «Não virão», afirmou Ben com confiança. «Eles sabem que são abatidos pelas nossas baterias antiaéreas. Existe uma unidade da Força Especial, perto de Luena, com mísseis *SAM-7*. Mas com certeza alguns reforços poderão ser enviados quando a guarnição do MPLA comunicar pela rádio que começou um ataque? «Não existe lá rádio. Um comboio militar movimentando-se para leste em direcção a Cangonga levou-o emprestado há algumas semanas atrás. Nós atacámos o comboio e capturámos o rádio. Este não foi substituído, segundo as últimas informações que obtivemos. Eles comunicam por telefone, mas os nossos guerrilheiros vão cortar os fios, um pouco antes do ataque.»

Perguntámos o que aconteceria aos civis na vila, e Ben respondeu na sua forma habitual e directa: «Não será possível evitar algumas mortes de entre eles; contudo instruí as minhas tropas no sentido de fazerem o melhor possível para que as vítimas entre os civis sejam poucas.»

A 10 de Fevereiro, às 5 horas e 30 minutos da manhã, iniciámos o último dia de marcha, em direcção a Cangonga. Era uma visão impressionante à medida que as três linhas de tropas afluíam através dos vales, dos rios e em direcção às matas, por detrás das encostas. Parámos ao fim de três horas, para um pequeno-almoço de arroz frio e galinha. A tensão cresceu subitamente quando uma série de tiros eclodiu nas redondezas. Ben quase não levantou os olhos do osso da galinha que estava a

roer, quando disse com ar calmo: «É, provavelmente, uma patrulha do MPLA a caçar.» A que distância? «Talvez a um quilómetro.»

Enquanto Ben continuava a comer, o tenente-coronel Filipe e um major no comando das operações na região 77 formaram, rapidamente, 30 guerrilheiros para seguir de perto a patrulha e, se necessário, a aniquilar. Batedores movimentaram-se de lá para cá, fornecendo informações a Ben, enquanto este, sentado em cima de uma árvore caída, terminava o seu pequeno-almoço. A patrulha do MPLA movimentava-se em direcção a um vale, para longe do nosso local de descanso.

Ficámos quietos durante quatro horas, enquanto os guerrilheiros continuavam a vigiar a patrulha, que verificaram ser constituída por entre cinco a dez homens. Continuaram a caminhar, lentamente, em direcção ao vale, inconscientes da presença de mais de 1000 dos seus inimigos. Ben deu, em seguida, instruções no sentido de que lhes deveria ser permitido afastarem-se do perigo: não queria atacá-los e correr o risco de alguns escaparem e levantarem o alarme antes da batalha que se aproximava.

Inadvertidamente, o MPLA ganhara a primeira partida na batalha pela posse de Cangonga. Começou a chover torrencialmente, e a demora forçada significava termos de avançar em direcção à nossa posição final, perto da cidade, na mais completa escuridão. Sem a luz do luar, nem Gwynne nem eu conseguíamos ver o que quer que fosse. Archotes e fósforos estavam proibidos. Os soldados deram-nos as mãos e guiaram-nos, enquanto caminhávamos, às cegas, através da vegetação rasteira da mata, esfolávamos as canelas em árvores caídas, escorregávamos em poças lamacentas e íngremes e andávamos com dificuldade dentro de água até à cintura, em cursos de água rápidos. Parámos às 10 horas da noite e, completamente encharcados, metemo-nos todos vestidos em sacos-camas também encharcados, amontoando-nos para conservar o calor. Foi uma noite desagradável, passada em claro, mas, enquanto nós jazíamos imóveis, o batalhão estava a ser levado para a sua posição de ataque por guerrilheiros das patrulhas de reconhecimento. Como eles encontraram o caminho através da completa escuridão chuvosa nunca poderei compreender.

* * *

A 11 de Fevereiro, às 3 horas da madrugada, um único tiro de espingarda avisou Ben de que todas as suas forças estavam em posição. Princípios a nossa pequena caminhada final em direcção a Cangonga. A chuva parara. Um pouco depois das 5 horas da manhã, Ben deu ordens pela rádio aos oficiais dos grupos de combate do batalhão para estes iniciarem o ataque. Estávamos a cerca de 3 quilómetros para sudoeste da vila quando começou o fogo de canhões e morteiros. Chamas gigantescas irromperam à distância, iluminando edifícios. Depois, começámos a ouvir o troar de centenas de *Kalashnikov*.

Caminhando numa única e apertada coluna ao longo de uma vereda indicada no mapa por guerrilheiros da patrulha de reconhecimento, através de um campo de minas antipessoais, chegámos por fim à linha do Caminho de Ferro de Benguela, atravessámo-la em direcção ao norte e começámos a rodear a vila a partir do oeste. A adrenalina começou a subir-nos no sangue, enquanto caminhávamos ao longo da linha, em direcção a Cangonga, e avistámos o reservatório de água assente em altos suportes de aço. Então, à medida que o troar cadenciado das *Kalashnikov* se tornava mais persistente e aumentava de intensidade, fomos conduzidos para um outro caminho livre de minas, através do mato de arbustos rasteiros, e entrámos finalmente em Cangonga, pela extremidade ocidental da pista de aviação. À nossa direita, cubatas rodeadas por girassóis gigantes estavam em chamas. À esquerda, um edifício, que fora com certeza o arsenal do MPLA, ardia e explodia periodicamente com grande violência, impelindo-nos a deitarmo-nos no chão, para o caso de fragmentos de metal lançados pelo incêndio não nos atingirem.

Enquanto caminhávamos ao longo da pista, oficiais da UNITA incitaram-nos a continuar a andar, não parar de filmar e tirar fotografias. O centro da vila estava sob controlo da UNITA; porém, focos de incêndio continuavam em todas as direcções, no meio de explosões de granadas e estrondos de morteiros e *rockets*. Parámos na extremidade leste da pista, enquanto Ben falava pela rádio com os seus oficiais de campo. Então, aconteceu o inferno. Rebentou intenso tiroteio de umas cubatas cerca de 300 metros à nossa direita. Alguns dos soldados da UNITA tinham-se reagrupado e desencadeado um contra-ataque directo contra o grupo de comando. Gwynne continuou a filmar na direcção do tiroteio, antes de ser atirado ao chão por um grupo de oficiais da UNITA, tal como numa jogada de rãguebi. Praguejou contra eles, enquanto o imobilizavam contra o solo. Ben, entretanto, tinha-me conduzido rapidamente para um capinzal para além da extremidade da pista. Não precisei da sua ordem para me deitar no chão: estava já a tentar esconder-me no solo, como uma avestruz demente, enquanto as balas sibilavam sobre as nossas cabeças e o arsenal explodia com fúria crescente.

Ignorando o perigo, Ben caminhou a passos largos, empertigado, no meio do contra-ataque, gritando ordens, enquanto um grupo de combate da nossa guarda pessoal, a Força Especial Gamboa, saiu da formação para se ocupar dos soldados do MPLA, que eram invisíveis para mim. O tiroteio intensificou-se à medida que Ben me conduziu, a rastejar, para umas trincheiras perto da igreja católica, caiada de branco. Deixei-me cair, agradecido, numa das trincheiras e movimenteimei-me, correndo, por entre grades de cápsulas de morteiros soviéticos, recentemente abertas, com violência, pelos defensores. Então, rodeando uma curva, avistei um soldado do MPLA morto. Estava estatelado de costas na terra vermelha rasa, com um ar quase tranquilo, um simples buraco de bala na testa. Enquanto

muitos dos seus camaradas pareciam ter fugido, ele pagara um preço mais elevado pela sua coragem ao ter ficado e combatido. Tudo parecia demasiado real a Gwynne, quando focou o cadáver do soldado do MPLA na sua objectiva; mais tarde, ele recordou no seu diário: «A morte chegou instantaneamente... É-me difícil pensar que este soldado estivera a comer, a dormir, a conversar ou a gracejar, enfim, todas as coisas que se fazem na vida, apenas uma hora antes, inconsciente de que a morte espreitava à sua volta.»

A partir das trincheiras, avançámos para a igreja que fora despojada dos bancos e do altar e estava a ser utilizada como caserna militar. As tropas haviam estado a dormir no soalho. Arrancados ao sono, quando começou o ataque da UNITA, os soldados em pânico tinham abandonado os seus cobertores e haveres pessoais na precipitada fuga. Jorge Valentim arengou propaganda fastidiosa acerca do facto de sermos os primeiros jornalistas ocidentais a ver como o MPLA profanava a santidade das igrejas. Não possuía conhecimento, em primeira mão, sobre as práticas do MPLA relativamente à religião, mas, neste caso, o secretário de informações da UNITA estava a dizer disparates. Nas guerras, as igrejas têm sido utilizadas frequentemente como abrigo para as tropas. De qualquer modo, era pouco provável que tivesse estado algum padre em Cangonga nos anos mais recentes: quando Portugal fugiu de Angola em 1975, a maioria dos padres portugueses fugira também, deixando os seus rebanhos negros entregues a destinos desconhecidos. E, embora a constituição do MPLA contenha cláusulas anti-religiosas, existiam diversas bíblias em dialectos tribais entre os haveres abandonados dos soldados «marxistas».

Este facto era como uma advertência do perigo de comprar «pacotes políticos» acerca de qualquer grupo em África: nada nesse continente é tão simples visto de perto como parece de longe.

Movimentámo-nos através do centro da vila, onde a Força Especial tomou posse de um morteiro de 81 mm abandonado pelo MPLA. Então, logo a seguir ao moderno edifício da escola, que estava vazio de mobiliário e livros, aconteceram momentos de horror.

Apareceram três soldados da UNITA arrastando um corpo com o respeito que normalmente se concede a um porco sangrado. O corpo movia-se e emitia um gemido de agonia: o soldado do MPLA, um rapaz que mal teria 18 anos, tinha uma ferida aberta na cabeça, que parecia fatal. Gritei aos soldados para porem o rapaz no chão: ele estava a morrer. Embora não percebessem inglês, responderam pondo-o de cara para baixo, no pó. Se é verdade que a morte de qualquer homem nos diminui, então ser testemunha de tratamento desumano para com seres humanos da mesma condição, gravemente feridos, faz-nos sentir imorais. Como jornalistas, podemos sustentar que apenas estamos ali para observar; porém, isso nem sempre pode ser desculpa para a inacção, para decidir sem humanidade. Quando surgiu a oportunidade, perguntámos a Ben qual era a sua polí-

tica em relação a inimigos feridos. Os que tinham ferimentos ligeiros eram tratados e feitos prisioneiros, disse ele. Os que estavam gravemente feridos eram abandonados para morrer. O que iria acontecer ao rapaz ferido? «Vamos abandoná-lo.»

Gwynne e eu decidimos que tínhamos de fazer alguma coisa pelo soldado. Roberts perguntou a Ben se a ferida do soldado podia ser tratada, utilizando o subterfúgio justificado de que seria boa propaganda para a UNITA ser vista cuidando do inimigo. Um par de horas mais tarde, quando a luta era menos violenta, três enfermeiros foram tratar da ferida na cabeça em frente das câmaras. Um olhar mais de perto mostrou que embora o ferimento fosse grave poderia não ser fatal. Tentámos descobrir o nome do rapaz. Ele respondeu levantando a cabeça momentaneamente e deixando-a cair outra vez com um horrível gemido — estava abalado e assustado, quase a perder a consciência. Ben deu-nos a sua garantia de que ele seria tratado e transportado para um campo de prisioneiros; contudo, apesar de algumas investigações, não recebemos mais quaisquer notícias sobre o seu destino.

O diário pessoal de Gwynne captou as emoções intensas que dele se apoderaram após ter visto o rapaz a ser arrastado pelo cangote e pelas calças, que lhe tinham sido puxadas até aos joelhos: «Quando avistei a sua face e cabeça cobertas de sangue que saía de uma ferida branca sobre a sua pele castanha, invadiu-me uma onda de piedade e quase cheguei às lágrimas enquanto filmava. Esta pobre criatura estava em desespero profundo e dominada pelo terror. Gemeu e, quando me viu a filmar, deixou pender a cabeça e os braços de humilhação. Que teria feito um rapaz tão jovem para merecer isto — forçado, possivelmente pela miséria, a juntar-se ao exército? Senti-me angustiado, meio desgostoso comigo mesmo por lá estar para filmar isto, mas também odiando tudo e todos por reduzirem um ser humano a tal miséria. E não é só a UNITA a parte culpada. A América, a Rússia, a França, a Alemanha Oriental, a Arábia Saudita, Cuba, o Zaire, a África do Sul, a Zâmbia — a lista é interminável e inclui a Grã-Bretanha e a Alemanha Ocidental — todos partilham a responsabilidade. Os seus interesses pouco têm a ver com o bem do povo angolano.»

* * *

Entretanto, o combate em Cangonga continuava. No escritório do chefe da estação, o telefone estava fora do descanso; presumivelmente, um oficial do MPLA fizera um esforço inútil para pedir socorro.

Os soldados da UNITA revistaram a vila à procura de todos os artigos com possível utilidade. A presa estava amontoada em pilhas, em pátios próximos da linha do caminho-de-ferro — cobertores, pequenos geradores japoneses, rádios, baldes de plástico, máquinas de costura, garrafas, fardas, botas, chapéus de Carnaval cubanos, painéis, malas. Quando um

dos soldados posou para uma fotografia com um enorme chapéu azul de Carnaval, Ben ordenou-lhe abruptamente que o tirasse e substituísse pelo seu próprio boné militar. Até os telhados de ferro ondulado das casernas foram retirados para serem levados.

Os sabotadores da UNITA começaram a demolir a vila. O reservatório de água, em ferro maciço, que havia alimentado as enormes locomotivas a vapor, tinha explodido. A casa de madeira do chefe da estação desapareceu com uma explosão formidável. Um camião-cisterna, carregado, explodiu como uma bomba gigante, fazendo-nos ir de novo parar ao chão, enquanto enormes fragmentos de metal assobiavam sobre as nossas cabeças. Começou a trabalhar-se na destruição da linha férrea. O Caminho de Ferro de Benguela é de via única, mas os desvios que existiam em Cangonga permitiam que os comboios passassem em direcções opostas. Explosivos de plástico torceram-nos, transformando-os em bocados de metal com formas grotescas, assegurando que os comboios não voltariam a circular por eles. Os sabotadores ignoraram dois compridos comboios com bons vagões: estavam vazios e enferrujados e de certeza que não circulavam há muitos meses.

Houve apenas alguns breves momentos para falarmos com alguns dos civis aturdidos, que haviam sido reunidos para serem levados para aldeias controladas pela UNITA. Uma visita às fileiras de casernas, caiadas de branco, mostrou que as tropas do MPLA tinham vivido em condições espartanas. Cada bloco de casernas individuais era de betão simples no interior, sem qualquer mobiliário. As camas eram cobertores postos em cima de colchões de palha. Os candeeiros eram semelhantes aos dos soldados da UNITA — candeeiros de petróleo adaptados de latas de carne vazias e tiras de tecido. Numa das casernas estava uma tigela de grãos de milho que um soldado estivera a escolher e uma espécie de cogumelos comestíveis espalhados para secar em cima de um pano cinzento. Um dos soldados havia ilustrado as paredes tristes com desenhos de flores a lápis coloridos, e no meio deles estava uma fotografia do falecido Presidente Agostinho Neto, por cima de uma legenda elogiando a solidariedade com os Cubanos.

Lá fora, no capim, estava uma mochila de plástico repleta de haveres pessoais — pente, espelho, escova para carapinha (com dentes de metal, para escovar a carapinha espessa e muito frisada), pasta para os dentes, livros de aritmética e conhecimentos gerais, publicados pelo Ministério da Educação em Luanda, e livros de exercícios. O capim à volta estava pisado, no sítio onde o «camarada» se havia agachado, antes de fugir sem a mochila.

No soalho de betão imundo, do desolado edifício da escola, estavam dois soldados da UNITA gravemente feridos. Uma perna de um dos homens fora metida entre talas após ter sido despedaçada por estilhaços de morteiro. Um outro, imóvel e quase inteiramente coberto com uma

capa para a chuva, estava a morrer: um enfermeiro disse que um estilhaço de morteiro lhe havia penetrado a caixa torácica. Mais adiante, um outro soldado da UNITA morrerá após ter sido atingido no estômago.

Ao fim de seis horas em Cangonga, partimos com o coronel Ben, um pelotão do Batalhão 017, os nossos homens da logística e os soldados da Força Especial Gamboa. Passámos por entre cubatas em chamas, enquanto os tiroteios entre soldados do MPLA e os seus perseguidores da UNITA prosseguiam um pouco mais longe no mato. Muitos soldados da nossa coluna levavam cabras e outros tinham patos e galinhas vivos atados às mochilas. Outros soldados ficariam na cidade durante dois ou três dias para concluir a operação de limpeza da cidade e para a reduzir a escombros.

Fora um dia estimulante em termos profissionais e, filosoficamente, bastante sério. Tinha de ser feita uma análise final da batalha; porém, invadira-nos um tremendo cansaço. Tornou-se quase impossível pôr um pé à frente do outro: não conseguíamos lembrar-nos da última vez que tínhamos dormido ou comido. Para já, apenas duas coisas tinham importância — tínhamos sobrevivido e queríamos-nos deitar. Ben fez uma pausa na caminhada para sul ao fim de três horas, e caímos imediatamente num sono profundo no chão da mata.

CAPÍTULO XLIII

CONSEQUÊNCIAS

1983

DEPOIS DE CANGONGA, enfrentámos uma viagem de regresso de mais de 200 quilómetros de camião, ao longo do «trilho de Savimbi». Havia muito tempo para meditarmos sobre Cangonga e sobre o significado das coisas que havíamos presenciado em cinco semanas de viagem.

Primeiro, as consequências da batalha: o coronel Ben-Ben Arlindo Pena disse que estava confirmado terem morrido 35 soldados do MPLA e 7 haverem sido feitos prisioneiros. Dois soldados da UNITA tinham morrido e seis tinham ficado feridos. Os números pareciam plausíveis. O ataque fora clínico na sua eficiência. A UNITA havia reunido uma força que superava de longe o inimigo e atacara de surpresa a partir das matas. Ben afirmou ter deixado vários caminhos de fuga para o MPLA: «É sempre assim nos nossos ataques. Se o inimigo se sente encurralado, resiste violentamente e as nossas baixas aumentam. Neste tipo de guerra temos de manter elevada a moral das nossas tropas, por isso é mais importante manter ligeiras as nossas baixas do que infligir pesadas baixas ao inimigo.»

Haviam sido reunidos na vila e trazidos para as bases na mata perto de 600 civis, incluindo 200 crianças. Seriam distribuídas duas ou três famílias por aldeia, na «área de controlo» da UNITA. Os comissários políticos mantê-las-iam sob vigilância até estarem completamente integradas, ou «educadas». Falámos com os civis. Porém, embora muitos deles nos dissessem que eram apoiantes da UNITA, levados para Cangonga contra a sua vontade, as nossas conversas, através de um intérprete da UNITA, podem não ter tido grande significado. Um homem mostrou-nos prestimosamente uma pequena fotografia que afirmou ter utilizado no seu cartão de membro da UNITA. Um outro exprimiu repetidas queixas em como era má a escola da MPLA, em Cangonga, para os quatro filhos — e não há dúvida que nós próprios observámos que a referida escola não tinha

qualquer mobiliário nem livros e que todos os lavatórios estavam partidos e sujos. Uma mulher afirmou ter pertencido em tempos à LIMA*, o movimento das mulheres da UNITA. Contudo, como podem os jornalistas europeus, em visitas de fugida, avaliar o verdadeiro sentir do povo camponês, apanhado numa guerra terrível, cuja língua, cultura e perspectivas são tão diferentes? Se alguns dos civis se sentiam infelizes por terem sido arrastados para uma nova vida, na mata, mantinham-se calados sobre este assunto. E por que não? Na sua situação, eu agitaria a bandeira e entoaria o hino de qualquer dos movimentos que detivesse o controlo, ainda que momentaneamente.

Todavia, nós obtivemos um quadro aproximado essencial. Os civis pareciam mais perdidos do que libertados por acaso. E não admira. O MPLA arrebanha-os do campo e concentra-os em vilas onde podem cultivar as terras em redor para alimentar a guarnição. A UNITA tira-os de lá e espalha-os pelas suas áreas, onde aprendem uma nova orientação por meio de *slogans* políticos. Certamente é muito fácil e moralmente confortável sentarmo-nos no muro e afirmar que cada lado é tão mau como o outro, e eu sei onde acredito que reside a esperança melhor para o campesinato angolano. Porém, na fase de guerra que eu tenho vindo a descrever nas linhas anteriores, os camponeses estão tão indefesos como farelo ao vento.

* * *

Um resultado feliz era que, apesar do prognóstico de Ben, não tinha havido vítimas civis. «Fiquei surpreendido», disse ele. «Em geral, a população vai para o centro da cidade ou da vila e deita-se no chão, mas aqui fugiram rapidamente e encontrámo-los lá fora.» A guarnição do MPLA era mais pequena do que esperávamos — 150 soldados em comparação com os 300 fornecidos pelas estimativas dos órgãos de informações. Prisioneiros submetidos a interrogatório afirmaram que uma companhia partiria de Cangonga para Luena mais ou menos um dia antes do ataque. Não havia cubanos na guarnição. Uma coluna de 180 carregadores partiria para Cangonga para trazer os diversos despojos, mas, entre aquilo tudo, havia apenas cerca de 30 armas pertencentes ao inimigo. O grande fracasso do ataque fora a destruição do arsenal do MPLA. «O MPLA organizou alguma resistência a partir desse armazém e as minhas tropas afirmam terem sido obrigadas a atingi-lo com um *RPG-7*», afirmou Ben. «Estou bastante zangado, porque precisávamos desse material para as nossas reservas.»

O significado da queda de Cangonga, afirmou Ben, era que iria permitir à UNITA conduzir uma linha de logística por meio de um batalhão semi-regular e várias companhias de guerrilheiros que já se tinham

* LIMA — sigla para a Liga de Mulher Angolana. (N. do T.)

infiltrado 300 quilómetros para norte do Caminho de Ferro de Benguela, a partir da área de Cangonga. Um dos principais objectivos militares que Savimbi havia traçado para o ano de 1983 era fazer avançar um corredor, mesmo até ao Centro do país, até onde um ângulo saliente do Zaire sobressai em direcção ao Centro-Norte de Angola. A destruição de Cangonga tornou ainda mais distante o sonho efémero do MPLA de reabertura do Caminho de Ferro de Benguela ao tráfego internacional. Cangonga teve também grande valor como arma de propaganda para Savimbi. Ele queria que alguns forasteiros vissem e informassem que os seus soldados estavam treinados e altamente motivados e que estavam a atacar com êxito alvos do MPLA situados mesmo no coração de Angola. Como corolário, ele queria demonstrar que uma guerra de grande importância estava em curso «entre angolanos» pelo futuro do seu país. Ele queria rebater as alegações do MPLA de que todos os ataques contra postos dos Cubanos/MPLA eram desferidos por forças sul-africanas e que a UNITA não era mais do que um punhado de «fantoques».

* * *

Do meu ponto de vista aprendera outras lições mais pessoais e esotéricas, obtivera respostas, durante a viagem para Cangonga e respectivo regresso, que pouco tinham a ver com as questões gigantescas de estratégia militar ou económica que preocupam os homens de poder no Ocidente e no Leste. Aprendera a gostar e admirar (com algumas excepções) os angolanos com quem travara conhecimento na UNITA — e este facto tem necessariamente algo a ver com a qualidade de calor humano e vivacidade dos Angolanos em geral, porque as pessoas que chegaram a conhecer Angola, a partir de uma perspectiva diferente, a do MPLA, por exemplo, transmitem reacções pessoais semelhantes deste país e do seu povo.

A vida na mata e nas aldeias deu origem a experiências e relações de amizade completamente novas. Aconteceu a redescoberta de que a existência na mata podia ser agradável e não algo para temer. A melhor parte do dia, em geral, acontecia um pouco antes do pôr do Sol, quando se fazia uma pausa na marcha de 40 quilómetros. Enquanto eu caía, num estado de imobilidade exausta, observei António, o guerrilheiro da UNITA que me fora destinado como ordenança, armar o meu bivaque aberto dos lados, numa exibição de velocidade e perícia do mato que teria deixado Baden-Powel* ofegante. Com o seu machado feito na aldeia, preparou a cama — uma mesa de terra baixa rodeada por um canal pouco profundo para desviar a água da chuva — e cortou rapidamente árvores novas para fazer uma estrutura para o bivaque. António, que talvez tivesse 18

* Lorde Baden-Powel, general britânico (1857-1941), de nome Robert Stephenson Smyth, fundador dos Escoteiros (*Boy Scouts*) em 1908. (*N. do T.*)

ou 19 anos, arrancou, em seguida, finas tiras de casca da árvore *chimwanji*, utilizando-as para amarrar pedaços de lonas sobre a estrutura. A cama ficou feita com um «colchão» de folhas, lonas e cobertores. Tudo estava pronto para nos instalarmos para passar a noite, e li pela primeira vez o *Heart of Darkness*, de Conrad, à luz da fogueira que os guerrilheiros tinham preparado e conservado acesa para nós ao lado do acampamento: «O silêncio da terra tocou-nos no próprio coração — o seu mistério, a sua magnitude, a espantosa realidade da sua existência oculta.»

Por silêncio, em África, Conrad deve ter querido significar a ausência do barulho das cidades europeias. Noitibós e cigarras chamavam e trinaavam desde o crepúsculo até de madrugada e, perto dos rios, os sapos produziam música como se de milhares de campainhas tibetanas se tratassem. Para além dos limites do acampamento, as fogueiras dos guerrilheiros brilhavam em todas as direcções e ouviam-se risos e conversas. Em noites límpidas, o firmamento tropical estava semeado de diamantes cintilantes de outros mundos, uma tapeçaria reverente e despretensiosa que, de alguma forma, nunca temos tempo de contemplar na Europa. Noutras noites, haveria fortes chuvadas, jactos de água atravessando a abertura do acampamento e sibilando para dentro da fogueira.

Embora António e eu pudéssemos apenas conversar em português corrompido (jargão) e três ou quatro palavras de quimbundu, conseguíamos comunicar, razoável e efectivamente, através de sinais. Assim como captos e reféns muitas vezes ficam ligados, também os jornalistas e guerrilheiros que vivem juntos durante algum tempo desenvolvem uma estreita identidade de interesses. Eu estava totalmente dependente de António, e de outros membros do grupo de logística da UNITA, com respeito a comida, abrigo e à própria vida. No fim, eu considerava-o como um verdadeiro irmão e dei-lhe o único presente que podia ofertar-lhe, o meu canivete suíço com todos os seus dispositivos.

António era surpreendente. Sempre que eu começava a abrandar o passo, sofrendo com a cadência da marcha, ele lá estava à espera, esforçando-se ao máximo com uma carga de 20 quilos sobre as suas costas e cabeça. Enquanto eu me deixava cair ao fim do dia, completamente exaurido de energia, António largava a sua carga e a *Kalashnikov* e começava de imediato a preparar o acampamento e a acender a fogueira. Em breve aparecia água quente para mergulhar os pés esfolados. Era servido café a esquentar, embora não muito apetitoso. Nada era incómodo de mais para ele, e a lembrança da sua amabilidade e preocupação está indelevelmente gravada e influenciará sempre o meu pensamento sobre a África.

* * *

Era prodigalizada muita afeição às crianças nas aldeias. Elas eram brandamente impelidas para a frente para nos apertarem as mãos. Na nossa coluna havia mulheres com bombas de morteiro, minas antitanque e espin-

gardas à cabeça, e transportando ainda os bebês num pano de algodão pendurados às costas. Durante as paragens para descanso, estes bebês vinham inevitavelmente para os nossos braços, no meio de muitas risadas das mulheres.

A determinada altura tivemos de caminhar para tão longe e tão depressa que foi acrescentado ao equipamento da coluna uma tipóia, para o caso de sucumbirmos e termos de ser transportados. Apesar da tentação, mantive-me fora dela, lembrando-me claramente de quanto nos divertíamos no Dia da Independência, em 1975, durante a cena satírica da tipóia com o patrão português.

Foi uma sorte termos um homem do calibre de Ben no comando geral da operação. Atencioso nas suas relações pessoais, inteligente, decidido e corajoso em combate, Ben não tinha necessidade de exigir respeito: tributavam-lho pela força da sua personalidade. Tornou-se num bom amigo.

Duas recordações de Ben sobressaem das outras. A primeira é a da sua figura caminhando a passos largos, empertigado, dirigindo propositadamente o contra-ataque, quando ficámos debaixo de fogo do MPLA na pista de aviação de Cangonga. A segunda aconteceu uma noite quando girávamos o botão em torno de várias estações de rádio — a BBC, VOA*, Rádio Luanda. O botão conseguiu captar a Rádio África do Sul e um locutor estava a dizer que o ministro dos Negócios Estrangeiros Pik Botha afirmara que a África do Sul estava disposta a «considerar» prestar ajuda a qualquer movimento de libertação anti-soviético na África negra que o pedisse. A declaração estava carregada de ironia, porque o Governo da África do Sul, sem informar o seu próprio Parlamento, estava «já» a ajudar pelo menos três movimentos, incluindo a UNITA. Ben caiu numa gargalhada, pelo absurdo e duplicidade da observação de Botha, e disse: «Nem sequer tivemos de lhes 'pedir'»

Também beneficiámos do plano de assistência médica de Savimbi. Estão incorporados enfermeiros em todas as unidades militares da UNITA e Gwynne e eu tínhamos o nosso enfermeiro pessoal, um homem amável chamado Jacko. Cuidou das minhas feridas com pomadas e ligaduras quando uma árvore, derrubada pelo nosso camião avançado, me atingiu e arrancou dois sulcos profundos de carne do meu braço. Jacko extraiu parasitas bitacaia das solas dos nossos pés, com uma agulha hipodérmica. O insecto da bitacaia, vulgar onde quer que haja lixo amontoado nas cidades, esconde-se, sem darmos conta, nos nossos pés e põe lá os ovos. Aí, as larvas crescem e damos por elas, ao princípio, porque se transformam em feridas dolorosas. A menos que as larvas brancas de cabeça preta sejam extraídas, os nossos pés começam a apodrecer. Os guerrilheiros aperceberam-se de que nós tínhamos apanhado bitacaias, em Cangonga,

* Voice of America — Voz da América. (N. do T.)

onde o sistema de água canalizada estava danificado e os porcos chafurdavam por entre lixo em putrefacção. Jacko distribuiu a pouco e pouco vitaminas e comprimidos antidiarreia e massajou-nos as barrigas das pernas com linimento, quando pensávamos que dificilmente poderíamos dar mais um passo.

A parte as bitacaias e ocasionais acessos de diarreia, a higiene pessoal não constituía grande problema. Centenas de pequenos cursos de água e rios correm velozmente desde o planalto angolano para se juntarem a vários extensos sistemas de rios africanos. Límpidos, frescos, com o leito em areia e livres do debilitante parasita *bilharziasis*, vulgar noutras partes de África, eles são uma boa fonte de água potável e dão excelentes piscinas para tomar banho. Entre os melhores momentos da nossa viagem contam-se os passados a nadar com os líderes de guerrilha, enquanto nuvens de borboletas amarelas, azuis, verdes e cor de laranja esvoaçavam sobre as margens do rio.

Enquanto caminhávamos com a UNITA podíamos observar como a vasta área de Angola e as matas esparsamente habitadas haviam podido ajudar os resistentes a frustrar os planos dos Cubanos e dos Soviéticos. Fiquei um dia a saber quão facilmente os soldados podiam desaparecer no mato, quando me dirigi ao rio para tomar banho. Pensei que estava sozinho, mas, quando iniciei o caminho de regresso, depois de me ter vestido, cerca de doze soldados ergueram-se do capim a uma distância de poucos metros de mim, carregando espingardas e armas antitanque. Os membros da Força Especial Gamboa, designados para me proteger, tinham avançado sem que os visse ou ouvisse, ocupando posições com a dissimulação de um leopardo.

Uma noite, quando estávamos sentados a comer, o tenente Bonaventura, comandante da Força Especial Gamboa, demonstrou a diferença que pode existir entre as percepções europeias e as africanas. Bonaventura disse algo que fez com que Ben, muito culto e viajado, desatasse a rir. «O tenente quer saber com que facilidade o seu pelotão poderia infiltrar-se na Grã-Bretanha», disse Ben. «Tentei explicar-lhe o que sei sobre direitos alfandegários, funcionários de imigração, patrulhas costeiras, polícia, e que não existem matas.» Um pouco antes, no campo de batalha, os homens de Bonaventura tinham actuado sem consideração pelas suas próprias vidas para protegerem as nossas. Agora, ele granjeara ainda mais a minha estima. Aprendi também a apreciar mais plenamente os surpreendentes cantares e danças das aldeias de Angola e a compreender como Savimbi os utilizava para motivar os que o seguiam. Gerara-se em mim um verdadeiro respeito pelos valores culturais dos negros africanos. Os ritmos, melodias e harmonias fizeram com que me sentisse — eu, um ignorante em música — culturalmente em decadência. As danças conseguiam ser sensuais, sem serem lúbricas: a consumada vocação artística das mulheres era alcançada com a ajuda dos músculos das nádegas, que provavelmente estão atrofiados nos Europeus.

Era facilmente compreensível que antes do fim da viagem, aconteça o que acontecer a Savimbi e à UNITA no futuro, eu guardaria para sempre carinhosas recordações de um povo que desafiava os preconceitos do mundo exterior.

* * *

Era evidente que a UNITA estava a alcançar outros progressos militares de importância. Tínhamos visitado o local onde se travara a batalha de Gago Coutinho, que dera a Savimbi o controlo da maior parte da fronteira com a Zâmbia, e que o MPLA fora desde então incapaz de reconquistar. Tivéssemos nós tido mais tempo e poderíamos ter visitado uma linha de pequenas vilas que a UNITA capturara durante os últimos nove meses, a norte de Gago Coutinho, até um ponto cerca de 30 quilómetros a sul de Luena.

Havíamos presenciado a vitória em Cangonga e tínhamos também visitado o Lupire, local de uma batalha de envergadura, na véspera do Natal de 1982. O Lupire fora capturado ao MPLA em Janeiro de 1982. Era pouco mais que um posto de comércio no cimo de um morro. Porém, tinha um valor estratégico que excedia o seu tamanho, porque possuía uma pista de aviação, dominava um campo de visão em todas as direcções, através do mato circundante, e era a cavalo uma das principais rotas para o Norte, desde Mavinga até ao Caminho de Ferro de Benguela.

A 6 de Novembro de 1982, o MPLA lançou uma ofensiva contra o Lupire, a partir do Cuíto-Cuanavale, 75 quilómetros para sudoeste do cimo do morro, desferida pela 16.^a Brigada Motorizada de Infantaria, com 1800 homens. Os camiões da brigada vinham acompanhados por quatro carros blindados, tripulados por cubanos. Confrontadas com uma força inimiga esmagadora, as tropas da UNITA, comandadas pelo coronel Ben-Ben, fizeram uma retirada táctica do Lupire. Porém, depois de o MPLA ter chegado e se ter entrincheirado no topo do morro, a UNITA armou emboscadas ao longo da estrada de lama para o Cuíto-Cuanavale e cercou o Lupire com 1800 soldados semi-regulares e 200 guerrilheiros. A UNITA lançou para o Lupire uma chuva constante de bombas de morteiro de 60 mm. A força do MPLA, isolada por terra, teve de ser inteiramente abastecida por ar. Foram utilizados pelo MPLA aviões ligeiros *Antonov-2*, porque os mísseis *SAM-7* da UNITA não conseguiam atingir os seus pequenos motores. A 20 de Dezembro, a 16.^a Brigada começou inesperadamente a retirar numa formação rectangular com 40 quilómetros quadrados. A UNITA desferiu uma série de ataques de flanco contra as forças em retirada entre 20 e 24 de Dezembro. Reclamou ter maltratado com gravidade a 16.^a Brigada, matando 187 soldados e destruindo 17 camiões e um veículo blindado de fabrico soviético *BRDM-2*, ao mesmo tempo que admitia ter sofrido 26 mortos e 87 feridos.

Enquanto estávamos em Angola, uma declaração do Ministério da Defesa do MPLA afirmara que mais de 300 soldados da UNITA haviam sido mortos na batalha pelo Lupire, que ficara sob o controlo do MPLA. Entre os mortos contava-se um major da UNITA, com um documento secreto importante na boca... «Havia tentado mastigá-lo, mas morrera antes de conseguir fazê-lo.» O comunicado do MPLA prosseguia: «Ao confrontar-se com uma poderosa força contra-revolucionária, a 16.^a Brigada inscreveu a letras de ouro mais um capítulo heróico na história das Forças Armadas Populares para a Libertação de Angola — a campanha do Lupire. Houve ataques contra os bandidos uns a seguir aos outros. Os poucos sobreviventes fugiram em debandada, de volta aos chefes que os tinham abandonado ao seu destino. Os destacamentos da 16.^a Brigada tinham posto fora de combate a contra-revolução armada na Província do Cuando Cubango, colocara-se em sérias dificuldades nos tempos mais próximos e seria difícil para a África do Sul [*sic*] montar mais uma destas operações no Cuando Cubango no futuro mais próximo.»

Apesar de o MPLA reclamar controlá-la, estivemos numa base da UNITA no morro do Lupire, no dia 24 de Janeiro, e filmámos o batalhão da UNITA que estava de guarda aos seus flancos ocidentais arborizados. Estava ainda em poder da UNITA quando regressámos, a 20 de Fevereiro, depois da batalha de Cangonga. Inspeccionámos um dos campos de batalha do Lupire. Notas de banco angolanas kwanza estavam espalhadas por toda a planície coberta de capim, e próximo de um denso grupo de árvores estava um veículo blindado soviético *BRDM-2* destruído, que fora atingido por dois *rockets RPG-7* da UNITA. Dele exalava ainda o odor adocicado e horrendo da morte, e através dos buracos abertos pelas bombas vimos os restos horríveis de três soldados que, segundo a UNITA, haviam sido identificados, por prisioneiros do MPLA, como os restos dos cubanos conhecidos como capitão Aguiar Gonzalez, «Vladimir» e Idale. Os cadáveres assombraram-me e, algumas noites depois, sonhei que um dos cubanos, quase irreconhecível como ser humano, mostrara sinais de vida. E, lá por entre a multidão de cadáveres, estava a minha mulher pegando-lhe suavemente na cabeça com as mãos, olhando-o nos olhos e esfregando o nariz no dele, querendo que voltasse à vida.

* * *

Mais para o interior do país — na «área de influência» da UNITA — travaram-se outras batalhas durante o tempo que passámos com os resistentes. A 17 de Janeiro, quando tomávamos o rumo do Norte, ao longo do «trilho de Savimbi», a UNITA anunciou ter feito explodir a segunda maior barragem em Angola, a Lomaoum, no rio Catumbela, entre as segunda e terceira maiores cidades do país, Huambo e Lobito. Alguns dias mais tarde, o MPLA confirmou, através da Rádio Luanda, que a barragem, que fornecia electricidade ao Huambo e ao Lobito, fora destruída

por «mercenários brancos que falavam português». A versão da UNITA era que um dos seus batalhões semi-regulares, o 517, baseado nos morros a nordeste do Huambo, atacara a barragem com o apoio de uma companhia de 200 guerrilheiros e um pelotão das Forças Especiais constituído por 45 homens. As Forças Especiais chegaram à área uma semana antes do ataque para recolher informações em aldeias simpatizantes da UNITA. Quando o ataque começou, às 4 horas da madrugada do dia 17 de Janeiro, as Forças Especiais dirigiram-se logo à casa do engenheiro-chefe, um português, e disseram-lhe que 2500 quilos de explosivos haviam sido trazidos para lá para destruir a barragem: ele viveria se lhes mostrasse onde deveriam colocar as cargas e se, subsequentemente, as comportas ruíssem e as turbinas ficassem destruídas. Ele anuiu, e foi obrigado a marchar com a mulher, a filha e quatro outros engenheiros portugueses até Jamba, de onde foram mandados regressar a Portugal sob os auspícios do ICRC.

* * *

Tornara-se evidente para mim que o MPLA enfrentava uma missão quase impossível nas suas tentativas para reocupar a «área de controlo» da UNITA. Não só a zona era vasta como também os resistentes estavam altamente motivados e haviam construído uma infra-estrutura sofisticada. Existia uma rede de fazendas do partido. Especialistas em agricultura forneciam sementes aos camponeses e aconselhavam-nos sobre técnicas agrícolas. Os oficiais comerciantes da UNITA permutavam vestuário e sal, em troca dos excedentes alimentares dos camponeses, marfim e pele de animais. Numa base a sul do Lupire, presenciámos uma sessão de comércio entre os agentes económicos da UNITA e cerca de 40 representantes do partido, oriundos de aldeias até 300 quilómetros de distância. Transportavam malas feitas de peles e machados grosseiros feitos nas aldeias. Descalços e vestidos de farrapos, tinham trazido presas de elefante e javali africano, bolas de cera de abelhas silvestres e peles de jibóia, onça e crocodilo, que eram trocadas por calças, camisas, blusas e *soutiens*, que eram postos dentro de grandes sacos pretos de plástico para serem levados de volta para as aldeias. Oficiais da UNITA afirmaram que estes artigos haviam deixado de estar à venda desde que o MPLA estabelecera um sistema centralizado de comércio, controlado pelo Estado, e que os camponeses não queriam comercializar a sua produção a troco de kwanzas, por que estes tinham baixo poder de compra. O índice de trocas comerciais, na base da UNITA, era de sete peças de vestuário por uma presa de elefante e seis por uma pele de onça. O agente económico afirmou que a UNITA tinha trabalhadores a tempo inteiro na área do Lupire a peneirar rios à procura de diamantes. Num mês lucrativo, eles encontravam por vezes 1800 diamantes com qualidade industrial.

Visto que a estratégia da UNITA era não ocupar as vilas que capturava, mas apenas negá-las ao MPLA, colocando forças defensivas para além

dos seus perímetros, este facto transformava-a num inimigo bastante esquivo. Sentia-me intrigado em descobrir por que é que o MPLA não contra-atacava com tácticas flexíveis, em estilo de guerrilha, em vez de enormes colunas motorizadas, que ficavam irremediavelmente atoladas assim que as linhas logísticas se estendiam e que a UNITA recusava envolver-se em combates frontais. Nos 3200 quilómetros que percorri não existiu qualquer prova de tentativas, por parte das tropas governamentais, para hostilizar as linhas de abastecimento dos resistentes. Seria por que o MPLA confiava demais nos Cubanos, que não podiam «nadar como peixes» no mar negro de Angola, e por que estava certo da espécie de apoio, por parte do campesinato, que é vital em qualquer guerra contra resistentes?

Esta era uma pergunta que não poderia ser satisfatoriamente respondida do lado da UNITA. Esperávamos, contudo, que existissem outras perguntas que «pudessem» ter resposta, assim que voltássemos para Jamba — tais como se existia alguma esperança de reconciliação entre as facções que se guerreavam em Angola e, se não, quais seriam as consequências para Angola?

Porém, antes de fazermos estas perguntas, descansámos durante dois dias. Dormimos em Jamba, entre lençóis engomados de modo encrespado, em cubatas gigantes com luz eléctrica. Comemos em porcelana inglesa num refeitório, onde os criados serviam ovo e batatas fritas, as toalhas de mesa eram de azul-celeste e o café vinha em bules de prata. E havia ainda a benvinda cerveja gelada em latas impressas com a exortação «Mantenha limpa a África do Sul».

Visitámos a nova e enorme sala subterrânea de operações da UNITA, onde um jovem e impecável coronel dos serviços secretos nos deu mais algumas explicações militares. Observámos os duros programas de instrução para as últimas levas de recrutas com destino aos batalhões semi-regulares. Descontraímo-nos uma noite num espectáculo de variedades realizado numa arena profusamente iluminada. Multidões observavam 50 mulheres, vestidas com fatos azul-celeste e lenços encarnados, executar um bailado moderno africano e cantar uma balada belíssima que convidava a todos a «Avançar com o Jaguar». Porém onde estava Savimbi, o «jaguar» a quem se referiam? Ele dissera que se encontraria connosco no quartel-general no termo da nossa viagem, para conversarmos acerca da guerra que ele estava a travar.

Tornou-se evidente que ele não se encontrava ali.

CAPÍTULO XLIV

SAVIMBI PREPARA-SE PARA NOVO ISOLAMENTO

1983

MUITO CEDO, numa manhã em fins de Fevereiro, fomos acordados por oficiais da UNITA com notícias de que teríamos de abandonar os confortos de Jamba. Encontrámos Savimbi, no final de uma viagem de seis horas de camião que nos deixou todos pisados, numa base miserável, infestada de mosquitos e situada bem no coração da mata, habitada apenas por animais selvagens. Savimbi estava com uma disposição sombria.

Procurara a solidão, longe do seu quartel-general, de forma a poder trabalhar ininterruptamente numa nova estratégia militar. Durante os poucos dias anteriores, disse, recebera cópias, enviadas por fontes da UNITA dentro do Ministério dos Negócios Estrangeiros angolano, em Luanda, de dois documentos que constituíam um acordo entre o MPLA e a África do Sul, que iriam impedir no futuro as campanhas resistentes tanto da UNITA como da SWAPO.

O primeiro documento era um protocolo de acordo, fornecendo pormenores de como deviam ser conduzidas as conversações entre o MPLA e a África do Sul. O segundo era um acordo provisório sobre retiradas de tropas em Angola, assinado em 8 de Dezembro de 1982, por oficiais superiores angolanos e sul-africanos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, depois de um encontro na ilha do Sal, em Cabo Verde. Às conversações assistiram o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, o ministro da Defesa, Magnus Malan, e Hans van Dalsen, director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Angola fez-se representar pelo ministro do Interior, Alexandre «Quito» Rodrigues, o ministro-adjunto da Defesa, António dos Santos «Nдалu» França, e o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, Venâncio de Moura. O ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Brand Fourie, Rodrigues e Moura

voaram de novo para a ilha do Sal, a 23 de Fevereiro de 1983, para o que o MPLA descreveu como «um encontro cordial para troca de ideias»¹.

Como foi acentuado por Savimbi, o proposto acordo angolano-sul-africano mais parecia um pacto com o diabo. Previa um acordo entre as tropas sul-africanas e do MPLA, na Província do Cunene, e a retirada dos sul-africanos do Sudoeste de Angola para a Namíbia. O MPLA seria autorizado a reocupar os seus anteriores postos militares abandonados pela SADF. Porém, ao mesmo tempo, as forças cubanas, aliadas ao MPLA, teriam de retirar até uma linha 320 quilómetros a norte da fronteira com a Namíbia e a SWAPO teria de retirar as suas bases para além de uma linha 480 quilómetros a norte da fronteira. Comissões conjuntas do MPLA-SADF controlariam o cessar-fogo.

Savimbi recusou-se a mostrar-nos as cópias dos documentos. Afirmou existirem cláusulas que, se publicitadas, iriam pôr em perigo a flexibilidade da resposta da UNITA. Porém, afirmou estar implícito no acordo que o apoio logístico da África do Sul à UNITA seria cortado. O cessar-fogo sul-africano-angolano iria também libertar três brigadas motorizadas de infantaria do MPLA, estacionadas perto do Cunene, de funções defensivas contra os Sul-Africanos. «Os nossos amigos [os Sul-Africanos] nada nos dizem sobre o que está a acontecer entre eles e o MPLA», afirmou Savimbi. «Porém, os documentos que possuímos, os comentários na imprensa e na rádio e as atitudes dos oficiais do MPLA que capturamos — que afirmam que se houver um cessar-fogo o MPLA fará uma grande ofensiva contra a UNITA — dão-me a impressão de que existe algo para que temos de nos preparar. Seria uma atitude insensata da nossa parte sentarmo-nos e pensarmos que não haverá qualquer cessar-fogo entre o MPLA e os Sul-Africanos»².

Savimbi avaliou as probabilidades de implementação do acordo provisório entre o MPLA e a África do Sul em 50-50. «Temos de estar preparados para o caso de o cessar-fogo ser implementado», afirmou ele. «Se fizermos uma análise correcta, podemos atacar onde quisermos e o cessar-fogo terá um efeito mínimo sobre nós. Temos armas suficientes e munições armazenadas para combater durante anos. Os nossos camiões pararão porque os abastecimentos de combustível serão cortados. Mas, à parte disso, nada mais será afectado, absolutamente nada.»

A questão crucial consistia em estar preparado para o que desse e viesse. A UNITA já antes fora desamparada pelos Sul-Africanos: «O facto é que a nossa amizade é algo de que os Sul-Africanos podem desfazer-se numa noite. É por isso que precisamos de delinear uma estratégia que assegure que nós não podemos tornar-nos material à disposição. Se pudermos dar um sinal de que podemos ganhar, não tentarão desfazer-se de nós. Se não conseguirmos dar esse sinal, desfazer-se-ão de nós. Todavia, não será fácil liquidar a UNITA, porque existem muitos elementos nesta situação que não são controláveis, quer pela África do Sul quer pelo MPLA.

Em 1976, tivemos de dispersar e aceitar que podíamos morrer. Mas, em 1983, a situação é diferente. Não temos forças suficientes para fazer confrontações directas, em toda a parte, com os Cubanos e o MPLA: se o fizéssemos, destruíamos as nossas forças. Estamos a ser confrontados com 40 000 cubanos³, mas se evitarmos que eles se mantenham em posições fixas, se as nossas actividades os forçarem a espalhar-se por todo o país, eles serão um obstáculo que nós conseguiremos ultrapassar.»

Savimbi disse-nos que após ter arquitectado a nova estratégia ela seria apresentada ao Comité Central da UNITA para aprovação. «Já atravessamos problemas mais sérios que os de hoje», afirmou ele. «Hoje abrem-se-nos outras possibilidades, mas este é um problema que me preocupa muito. É por isso que temos de encontrar uma resposta antes que haja um cessar-fogo entre o MPLA e os Sul-Africanos.» Parte da estratégia da UNITA seria uma imediata intensificação das actividades militares para minar o acordo entre Luanda e Pretória. Numa rara mas notavelmente ordenada convergência de interesses com a UNITA, Savimbi disse-nos que a SWAPO lançara uma ofensiva contra a Namíbia, numa tentativa própria para arruinar o acordo. A 16 de Fevereiro, uma coluna de 1500 guerrilheiros da SWAPO atravessou a fronteira de Angola para a Namíbia, a oeste do rio Cubango, disse ele. Em breve, Willie van Niekerk, administrador-geral da Namíbia, anunciava que a SADF havia neutralizado a maior ofensiva da SWAPO em dezasseis anos. Colocou a força de ataque, constituída por cerca de 700 homens, repartida em 14 grupos de 50 homens cada um⁴. Em meados de Março, mais de 200 deles haviam sido mortos.

* * *

A relação entre a SWAPO e a UNITA precisa que um grande romancista lhe faça justiça, que decifre todas as vicissitudes, os progressos regionais e internacionais que os transformou de irmãos de sangue na luta contra o domínio colonial em adversários do outro lado de uma «guerra fria» de origem europeia. A linha de Savimbi, nos meus anteriores encontros com ele, era que a UNITA não tinha qualquer contenda com a SWAPO. Apoiava o desejo da SWAPO de libertar a Namíbia, mas não à custa da UNITA e da negação continuada de eleições aos Angolanos. A UNITA não atacaria nunca a SWAPO, porém defender-se-ia se fosse atacada.

Savimbi nunca admitira anteriormente que a UNITA matara guerrilheiros da SWAPO. Desta vez, no decurso da nossa conversa acerca do enigma da SWAPO, ele fê-lo. Contudo, começou pela sua explicação do dilema fundamental: «A SWAPO tem as suas razões. Querem libertar o país deles, assim como nós queremos libertar o nosso. Querem que sejam realizadas eleições na Namíbia, assim como nós queremos a realização de eleições em Angola. Acreditam que iriam ganhar essas eleições, assim como nós acreditamos que iríamos vencer as eleições em Angola.

Compartilhamos o desejo da SWAPO de libertar o seu país. O problema é que eles estão a combater a partir do nosso país, não do deles. Se combatemos a partir do país de outros, temos limitações. Tivemos muito boas relações com a SWAPO e ajudámo-nos bastante, mutuamente, até 1975. A partir de então separámo-nos. Não lhes atribuo culpas. Como o MPLA estava no poder em Luanda, a SWAPO tinha de cooperar com eles. Contudo, criticamos a SWAPO por se ter tornado hostil à UNITA. Demos-lhes os campos no Sul de Angola, em 1975, portanto, eles não deviam ter cedido aos pedidos do MPLA para nos atacarem. Porém, atacaram-nos, raptaram o nosso povo, mataram o gado, ficaram com os nossos haveres. Se eles ignorarem as posições da UNITA, não há problema. Mas agora eles sabem que se nos atacarem nós imediatamente responderemos.»

Um destes confrontos tivera lugar em Março de 1982: «Três batalhões da UNITA, no Cunene, foram atacados por 1000 guerrilheiros da SWAPO. A batalha durou seis horas. A SWAPO teve mais de 400 mortos e desde então não tentaram atacar-nos de novo.» A probabilidade deve ser que, desde a data dessa entrevista com Savimbi (25 de Fevereiro de 1983), devem ter-se dado muitos outros confrontos que não foram referidos entre a UNITA e a SWAPO, à medida que a guerra tem progredido e que as suas estratégias militares se têm inevitavelmente tornado cada vez mais coordenadas com as dos seus respectivos benfeitores.

* * *

Como sempre, a conversação derivou eventualmente para os laços da UNITA com a África do Sul. Abordei o assunto com um certo enfado, visto que já passara pelo ritual muitas vezes no passado. Esperava sempre que Savimbi suspirasse, igualmente enfadado, mas ele nunca o fazia. Desta vez, pôs-se numa posição mais confortável, como se para proferir um longo discurso e disse: «Vamos a isto. Não é um problema que tenhamos medo de abordar.»

Portanto, como justificava ele a aliança?

Ele aceitava ajuda porque existia uma coincidência de interesses. Nada disso era novo em política internacional, afirmou ele. A aliança de Estaline com Hitler, no início da Segunda Guerra Mundial, não significava que o líder soviético queria abraçar o nazismo, e a subsequente aliança de Churchill com Estaline certamente não significava que o povo britânico aprovava o comunismo. Era uma questão de sobrevivência, e a UNITA tencionava fazer precisamente isso contra um regime imposto por Moscovo.

«Não sinto quaisquer remorsos por termos de lidar com a África do Sul», afirmou ele. «Eles são a única verdadeira potência militar e económica nesta região, e todos os Estados africanos negros têm relações comerciais com eles, incluindo o MPLA. E será que essas pessoas que nos

criticam vão dizer que o MPLA cometeu também um erro moral se agora conseguir chegar a acordo com a África do Sul?»

Ele não esperava que os críticos de gabinete, no Ocidente, compreendessem a política da UNITA em relação à África do Sul. «Mas acreditam eles que os homens negros como nós aprovam o *apartheid*? Será que eles pensam que queremos importá-lo para Angola? É impensável. Contra quem o iríamos aplicar? Contra nós próprios?

Os meus críticos no Ocidente são hipócritas. Eles afirmam que nós não deveríamos aceitar a ajuda da África do Sul para a nossa luta. Contudo, eles próprios nunca nos darão ajuda. Parece estarem a pedir-nos que nos suicidemos, que aceitemos ser esmagados por Cubanos e Russos no nosso próprio país. Não faremos isso. Para o evitar temos de aceitar ajuda de onde quer que ela nos seja oferecida.»

* * *

Savimbi disse-me ter sido rejeitado um convite que ele enviara ao MPLA, em Dezembro de 1982, para a realização de conversações⁵. Porém, ele acreditava que os dois lados teriam eventualmente de acordar numa qualquer forma de governo de coligação, a ser seguido de eleições ao fim de três ou quatro anos. Uma coligação, admitia ele, seria difícil porque a filosofia política da UNITA diferia fundamentalmente da ideologia do MPLA, ao estilo de Moscovo. «As políticas para este país precisam ter as suas raízes na nossa própria cultura», disse ele. «Queremos que os nossos dialectos, costumes e tradições sejam ensinados e acarinhados, e não esmagados ou oprimidos. A nossa identidade provém de valores profundos desenvolvidos na sociedade da aldeia, ao longo de muitos séculos. É qualquer coisa que Marx não tomou em consideração. Aqui em Angola não temos uma sociedade industrial: 90 por cento do nosso povo são camponeses agricultores. O próprio Marx falou da dificuldade de aplicação das suas teorias a 'selvagens'. Suponho que ele falava de pessoas como nós.»

Savimbi falou da sua irritação contra os rótulos pró-ocidentais que procuravam colar-lhe as agências de notícias internacionais, tentando sempre encerrar verdades em três palavras onde três mil são necessárias. A UNITA não estava a travar uma guerra civil pelo Ocidente: estava a combater pela maioria do povo de Angola. «Estamos a lutar para travar o domínio dos Russos em Angola, contra a vontade do povo. Não queremos ser uma Hungria ou uma Checoslováquia africanas.»

Se o Ocidente pensasse que servia os seus interesses ajudar a UNITA, então a ajuda seria benvinda, disse Savimbi. Porém, não se lembrava de qualquer grupo de guerrilha, desde 1945, que tivesse tido êxito com a ajuda ocidental. O melhor aliado numa guerra de guerrilhas era a União Soviética, que prestava apoio militar constante aos seus amigos escolhidos. Com a Rússia como aliada, a UNITA não teria problemas.

Ele riu-se e afirmou ter recebido recentemente uma mensagem do seu amigo de muitos anos, o Presidente da Zâmbia: «Kaunda afirmou ainda concordar com a nossa resistência, mas fez-nos um aviso: 'Os Ingleses gostam de partidos. Os Americanos gostam de falar. Porém, os Russos são profissionais. Não gosto dos Russos, mas respeito-os porque eles fazem tudo de acordo com um plano.' Entendi a mensagem como uma indicação de que ele gostaria de nos apoiar, mas que, se nós estivéssemos a contar com o apoio do Ocidente, estávamos a lutar por conta própria. Kaunda estava a dizer que nós éramos corajosos e devíamos seguir em frente, mesmo que não tivéssemos ninguém a apoiar-nos.»

Savimbi afirmou ainda que os liberais ocidentais eram culpados de racismo inconsciente. Muitos deles defendiam a continuação em Angola de um regime de uma espécie que não tolerariam para eles próprios. Acreditavam também que os angolanos negros eram incapazes de organizar uma resistência efectiva por si próprios.

«As pessoas no Ocidente, que comodamente criticam a UNITA, não compreendem o que se está a passar no nosso país», disse também Savimbi. «Não compreendem que na nossa situação não podemos perder esta batalha sem perdermos também o nosso destino. Os Cubanos estão a assassinar o nosso país, por isso temos de defendê-lo, assim como outros povos se têm defendido contra invasões.

Iremos para além do entendimento do Ocidente de como travar este combate, porque para nós esta é a batalha pela nossa sobrevivência física e espiritual.»

MAPAS



CONGO BRAZZAVILLE

Rota da longa marcha

ZAIRE

CABINDA

CONGO R.

AMBRIZ

• CAXITO

• CAFUNFO

• SAURIMO
(Henrique de Carvalho)

LUJANDA

... I. NJE

• QUIBALA

SUMBE
(Novo Redondo)

ALTO CHICAPA

TRIXEIR' DE 'OUSA
(Luau)

CUANZA R.

CANGONGA

CAZOMBO

LOBITO

BENGUELA

DONDI

MUNHANGO

LUSO
(Luau)

• HUAMBO
(Nova Lisboa)

• BIÉ
(Serra Porto)

LUNGUE BUNGU R.

CANGAMBA

LUMBALA
(Gago Coutinho)

OCÁMEDES

LUBANGO
(Sá da Bandeira)

MENONGUE
(Serra Pinto)

CUITO CUANAVALÉ

• LUPIRE

MAVINGA

• LUENGUE

• NGIVA
(Pereira D'Eça)

CUANGAR

• JAMBA

CALAI

MUCUSSO

RUNDU

CAPRIVI STRIP

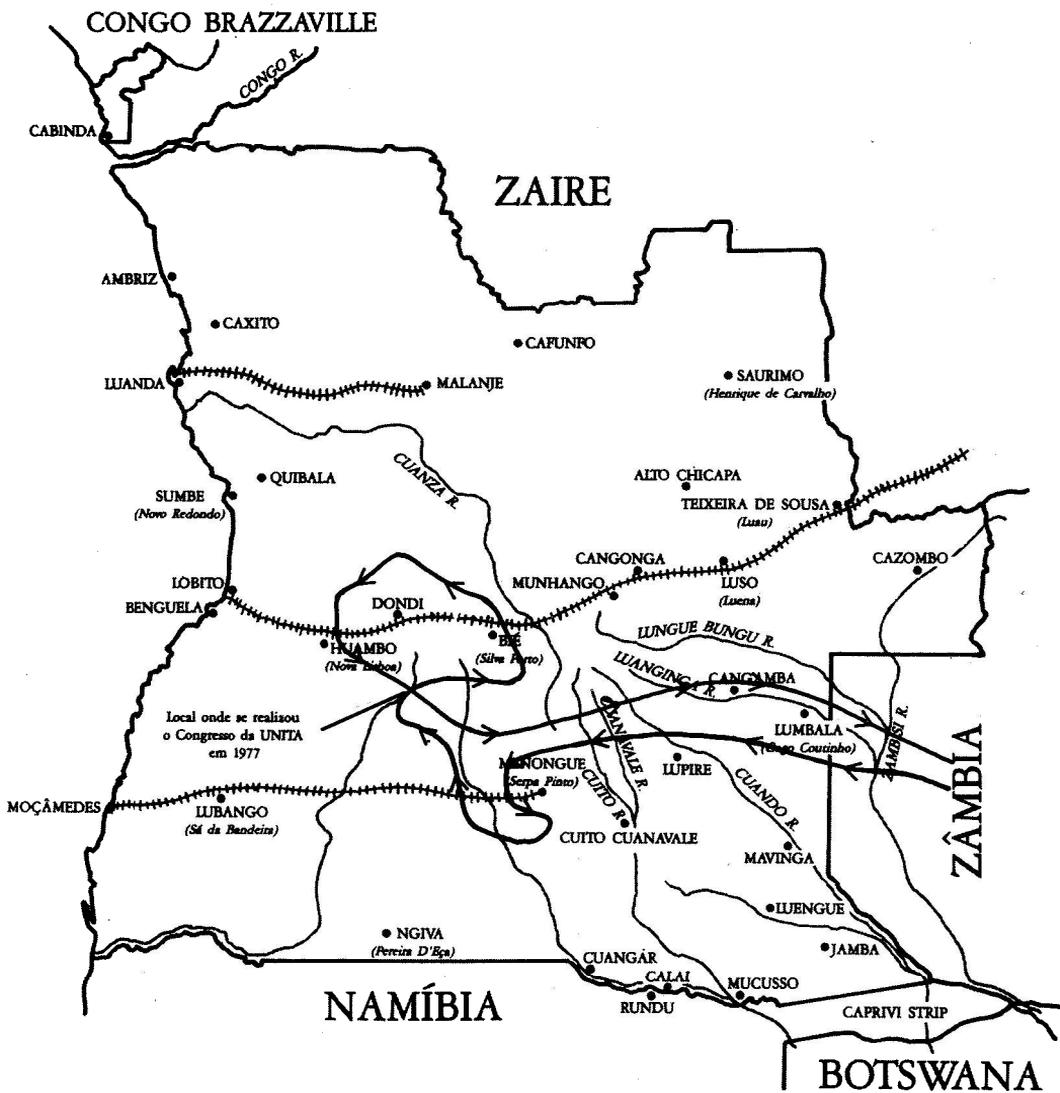
NAMÍBIA

ZÂMBIA

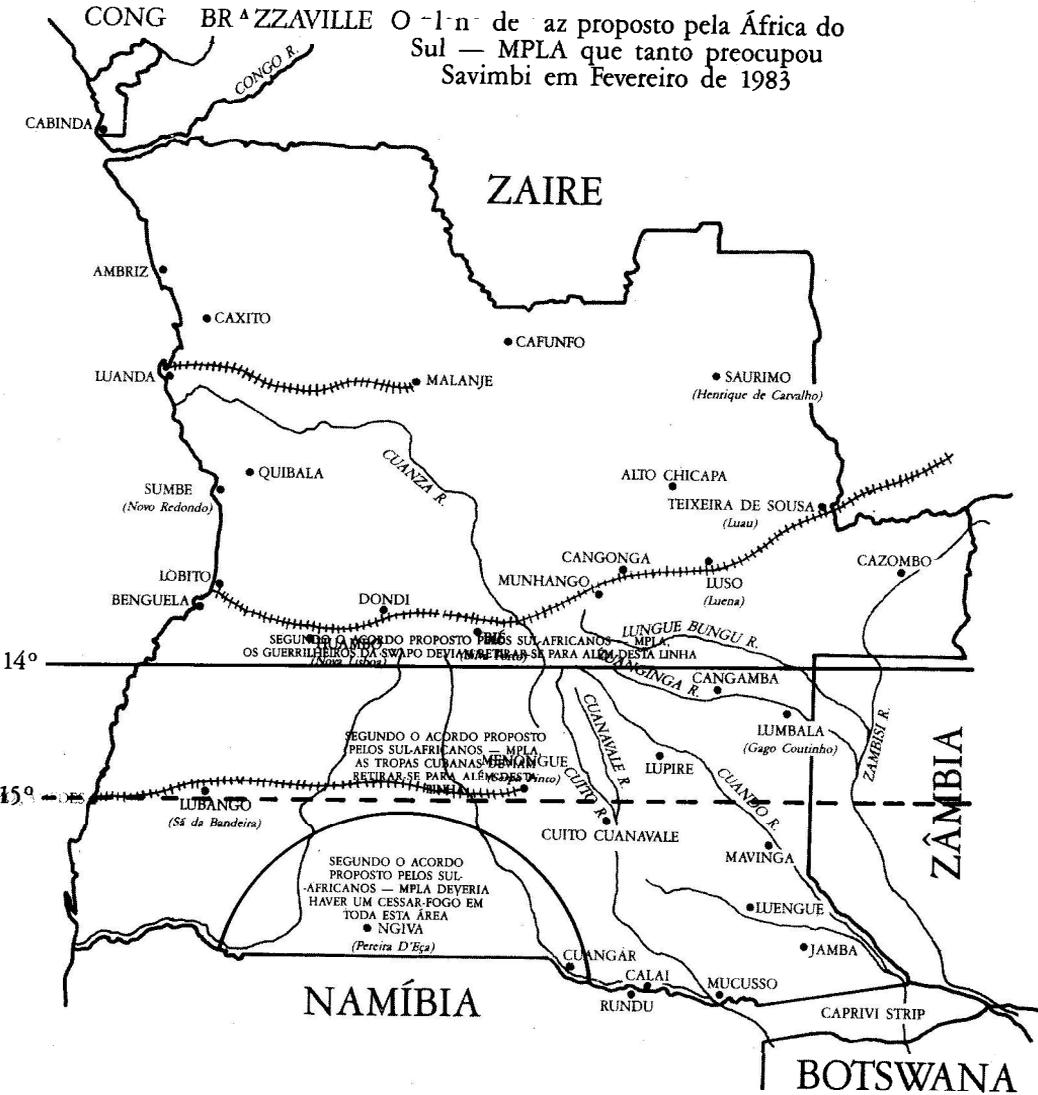
BOTSWANA



Rota seguida por Leon Dash em 1977

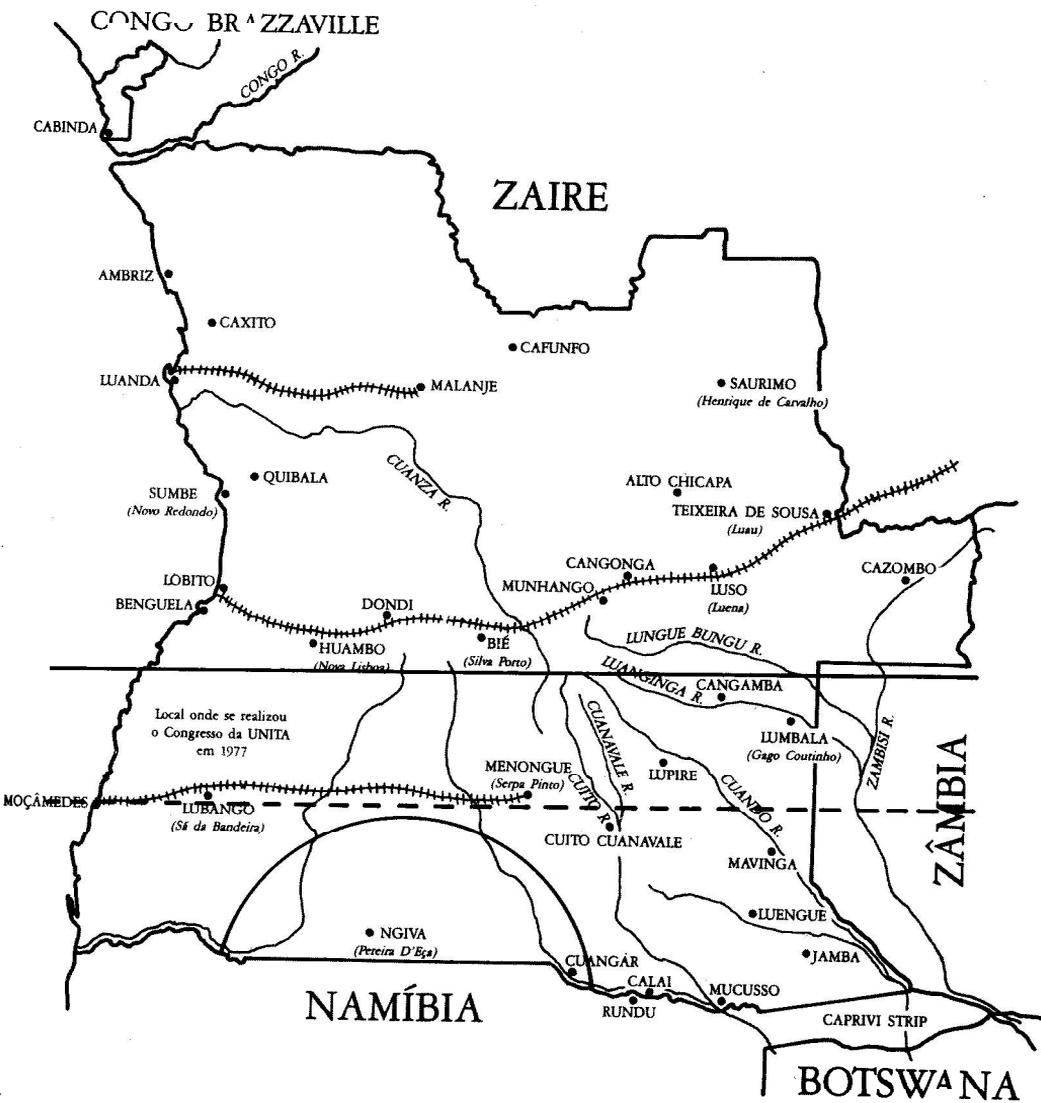


CONG BR^AZZAVILLE O -1-n- de az proposto pela África do Sul — MPLA que tanto preocupou Savimbi em Fevereiro de 1983



M A P A

ANGOLA



CAPÍTULO XIV

BRASILEIROS

1983

AS RELAÇÕES DA UNITA com o Comité Internacional da Cruz Vermelha, que se haviam deteriorado ao longo de 1982, haviam sido restauradas por esta altura, até um ponto em que Savimbi declarou serem «excelentes»¹.

Na terceira semana de Fevereiro, um pouco antes de chegarmos a Jamba, no fim da nossa expedição, uma delegação de oficiais superiores do ICRC manteve aí negociações com Savimbi. Terminaram com ele a assinar a Convenção de Genebra sobre o tratamento dos prisioneiros de guerra e com a delegação do ICRC levando a cabo a primeira de um programa regular de inspecções de campos de prisioneiros de guerra instalados pela UNITA. Para além das evidentes dimensões humanitárias, este facto representava um golpe de propaganda a favor de Savimbi, ao ser reconhecido oficialmente por uma das mais prestigiosas organizações internacionais. Reforçava a sua campanha para conquistar uma legitimidade para a UNITA aos olhos do mundo.

O gesto para melhorar as relações viera do ICRC, pela razão muito simples de que queria voltar a prestar ajuda aos camponeses esfomeados no Planalto Central. Através dos representantes da UNITA no estrangeiro, o ICRC sugerira que as conversações de conciliação fossem realizadas na Namíbia ou no Zaire. «Dissemos-lhes que apenas estávamos preparados para nos encontrarmos com eles em Angola», afirmou Savimbi. «Eles estavam relutantes em vir até às nossas áreas, por causa do ressentimento que o Governo de Luanda poderia sentir. Nós dissemos que não tínhamos pressa; eram eles quem tinham necessidade porque tinham reservas de medicamentos e alimentos no Huambo e Bié que queriam distribuir.»

Quase no fim de 1982, o ICRC cedeu e mandou uma delegação a Jamba para conversar com Savimbi. Esta foi presidida por um dos mais

antigos directores de operações do ICRC, cujas responsabilidades incluíam Angola. Fora companheiro de curso de Savimbi no Departamento de Direito e Política Internacional da Universidade de Lausana. Trouxe consigo cartas para Savimbi do seu antigo professor em Lausana Henri Rieben.

O homem do ICRC possuía algo do carisma de Savimbi. Os dois entenderam-se bem e juntos elaboraram os detalhes de um acordo que permitia ao ICRC recomeçar as operações no Planalto Central². Savimbi concordou em dar instruções aos seus comandantes numa série de medidas que visavam proteger as vidas dos funcionários do ICRC que trabalhavam nas zonas do Planalto Central atingidas pela guerra. Em troca, declarou Savimbi, o ICRC concordou em não enviar gente para as aldeias «para fazer propaganda ao trabalho humanitário que está a ser desenvolvido pelo ICRC, para dizer às pessoas que venham para as cidades, porque estão a sofrer e podem morrer». A UNITA considerava isto como sendo interferência política directa da parte do ICRC, porque envolvia a transferência da população para longe dos locais onde a UNITA exercia a sua influência, para zonas do MPLA fortemente fortificadas. «Dissemos que nada faríamos para impedir que alimentassem o povo que viesse até aos centros do ICRC de sua livre vontade.»

O ICRC tomou conhecimento de uma queixa de Savimbi de que um avião do MPLA com as insígnias da Cruz Vermelha bombardeara uma posição da UNITA perto de Caluquembe, a sudoeste do Huambo, alguns meses antes. Em conjunto, a UNITA e o ICRC delinearam um método secreto que iria permitir aos comandantes da UNITA reconhecer os símbolos da Cruz Vermelha, que genuinamente distinguissem os aviões do ICRC dos que eram utilizados pelo MPLA.

Existia um problema para Savimbi quando o pessoal ao serviço do ICRC e outras pessoas neutras viajassem com as colunas militares do MPLA, consideradas pela UNITA como alvos legítimos para o ataque. O problema foi posto em foco, no fim de Janeiro de 1983, quando Savimbi admitiu a responsabilidade da UNITA na morte de um missionário suíço, um padre católico romano, que morrera no seu carro, quando as forças da UNITA emboscaram uma coluna do MPLA na qual viajava, próximo do Huambo.

«Se as pessoas se deslocam em colunas militares, não podemos distingui-las dos soldados do MPLA, durante um ataque», afirmou Savimbi. «Portanto, acordámos com o ICRC que, no futuro, eles deviam viajar sozinhos, e nunca integrados numa coluna do MPLA. Dei instruções muito severas aos meus comandantes para não atacarem qualquer carro civil que viajasse sozinho, e não apenas os do ICRC.»

* * *

Animada com o êxito do acordo com Savimbi, a delegação do ICRC que visitou o campo dos prisioneiros de guerra* perguntou se poderia

* No original, *POW* (*prisoner of war*). (N. do T.)

trazer de volta para a Europa os últimos reféns estrangeiros em posse da UNITA, dois especialistas agrícolas brasileiros capturados de uma fazenda estatal do MPLA na Província do Cuanza Sul a 30 de Outubro de 1982. Álvaro da Cunha, um agrimensor agrícola, de 33 anos, do Estado de São Paulo, no Brasil, e Alberto Pimenta Filho, de 43 anos, também agrimensor, do Estado de Minas Gerais, haviam chegado a Angola em Setembro de 1980, e estava previsto regressarem ao seu país poucos dias antes da data da sua captura.

Alberto descreveu como eles haviam sido feitos prisioneiros: «Foi um pouco antes das quatro da madrugada que ouvi alguns tiros. Parecia provirem da casa onde estavam os soldados do MPLA: estavam cerca de 30 deles colocados na fazenda. Dirigi-me à casa de Álvaro e disse-lhe que pensava que estávamos a ser atacados. O tiroteio aproximou-se e tornou-se cada vez mais intenso, por isso fechámo-nos na casa de banho e apagámos a luz.

O tiroteio durou cerca de 40 minutos. Em seguida, os guerrilheiros entraram e um deles descobriu-nos. Pedimos-lhes que não disparassem e dissemos-lhes que éramos brasileiros. Eles disseram que não nos fariam mal, mas iríamos ter de caminhar muito. Começámos a andar às 5 horas e 30 minutos da manhã, em companhia de cerca de 500 guerrilheiros da UNITA, e por volta do meio-dia os meus pés sangravam. Ficámos grandemente surpreendidos com o ataque. Fora-nos dito pelo MPLA que se estava a travar uma guerra em Angola, mas apenas no Sul, com a África do Sul. Ouvimos falar de outros ataques na área, mas o MPLA dizia sempre que eram apenas bandidos. Andámos durante 44 dias e viajámos em camiões durante outros 7 até chegar a Jamba. Calculamos ter percorrido durante a viagem cerca de 1650 quilómetros. Parámos em muitas bases da UNITA durante a viagem e encontrámos muita gente. Ficámos surpreendidos porque pensámos que a guerra era contra a África do Sul, mas todos quantos encontrámos eram guerrilheiros angolanos.»

Álvaro e Alberto tinham um contrato com os seus patrões no Brasil, uma gigantesca companhia agrícola chamada Prop. Profex, para desenvolver a fazenda estatal do MPLA em «Fazenda Longa». Tinham vindo com seis colegas para instalar plantações de milho, feijão de soja e mandioca. Os outros seis tinham regressado a casa precisamente antes da captura de Álvaro e de Alberto. Os dois homens reconheceram que levaria pelo menos quatro anos até que a «Fazenda Longa» começasse a mostrar resultados positivos. Haviam tido problemas em fazer com que a força de trabalho angolana trabalhasse a sério. «Não que os Angolanos sejam gente preguiçosa. Pelo contrário, eles são bons trabalhadores», disse Alberto. «Porém, os seus salários eram demasiado baixos, a inflação era elevada e de qualquer forma havia muito pouco para comprar. Como pode alguém trabalhar a sério para obter bons resultados em tais condições?»

Afirmaram estarem a ser bem tratados pela UNITA. O maior problema era o tédio. Tinham apenas alguns livros, não tinham rádio na cubata e passavam a maior parte do tempo a jogar às cartas com o soldado que os guardava, armado com uma submetralhadora. A sua esperança era que fossem libertados em breve para se reunirem às famílias no Brasil. Savimbi tinha outras ideias. Recusou o pedido da delegação do ICRC para levar os brasileiros consigo. Ele desejava que a ditadura militar de direita do Brasil soubesse que a UNITA estava zangada com a sua política em relação a Angola.

«Queremos apenas que o Governo Brasileiro reconheça que existe um conflito em Angola e que pare de mentir ao seu próprio povo», afirmou Savimbi. «Queremos que eles tornem claro que qualquer companhia brasileira que envie empregados para Angola estará a pôr em risco as suas vidas. Queremos pôr fim ao *blackout* que o regime tem imposto às notícias provenientes de Angola.»

O Brasil, que compartilhava com Angola uma língua comum e um passado cultural português, estava entre os primeiros países a reconhecer o governo do MPLA em 1976. Tornara-se desde então um dos mais importantes parceiros comerciais de Angola, exportando locomotivas para os caminhos-de-ferro, autocarros (*maximbombos**), camiões e produtos alimentares. Em Abril de 1983, concedeu a Angola uma linha de crédito no valor de 410 milhões de dólares, para a importação de comida brasileira e artigos manufacturados³.

«Não tenho intenção de libertar os brasileiros enquanto o Governo preferir fazer negócio com o MPLA e esconder do seu próprio público o que aqui se passa», disse Savimbi. «O Brasil acabou de descarregar, no Lobito, doze locomotivas a gásóleo para o Caminho de Ferro de Benguela. Nós já destruímos quase todas as locomotivas a *diesel* em serviço na linha férrea, e agora o Brasil veio em socorro do MPLA para o seu próprio proveito financeiro. Em breve, danificaremos todas as doze locomotivas. E, se os Brasileiros tiverem juízo, não virão a Angola porque serão aprisionados por nós.»

No ano anterior, um brasileiro e sua mulher, missionários protestantes, estiveram entre a incrível série de estrangeiros capturados durante ataques da UNITA e foram obrigados a marchar até a Jamba antes de serem libertados. Savimbi disse que um outro brasileiro fora capturado apenas algumas semanas antes, a 30 de Janeiro de 1983, quando as forças da UNITA invadiram um campo para prisioneiros políticos em Tari, próximo da Quibala, na Província do Cuanza Sul. A Amnistia Internacional, confirmando o ataque e declarando que a UNITA libertara cerca de uma centena dos 300 a 400 ocupantes, disse que o MPLA chamava a Tari um «campo de recuperação e produção», onde os seus ocupantes trabalha-

* Palavra utilizada na gíria angolana para designar autocarro. (N. do T.)

vam nos campos, assistiam a aulas de «reeducação» e eram proibidos de enviar ou receber cartas⁴.

O brasileiro que viera de Tari era anti-MPLA, afirmou Savimbi. Seria libertado assim que chegasse a Jamba, na esperança de que no Brasil fosse transmitir uma imagem diferente do que o MPLA estava a fazer em Angola.

* * *

Álvaro e Alberto foram, na verdade, libertados sem qualquer publicidade, em Junho de 1983, ao mesmo tempo que o brasileiro de Tari. Savimbi aproveitou a presença dos três brasileiros na Jamba como uma oportunidade para se encontrar de novo com o seu velho amigo, padre Armando Cordeiro, o padre brasileiro que construía o campo de voleibol de Silva Porto com Savimbi e, em seguida, oferecera ao jovem africano determinado uma possibilidade para estudar na sua escola, antes de lhe arranjar uma bolsa de estudo católica para estudar Medicina. Armando Cordeiro regressara, desde há muito, ao Brasil: ele e Savimbi não se tinham voltado a ver durante um quarto de século. Foi, portanto, um reencontro emotivo quando Cordeiro voou até à pista de aviação, no Luengue, para levar os três brasileiros para casa. Foi concedido a Cordeiro o estatuto de VIP pela UNITA, enquanto os festejos se prolongaram por vários dias.

Embora a visita de Cordeiro e a libertação dos brasileiros não tivessem nunca sido publicitadas por Savimbi, descobri esses factos por acaso, quando estive em casa de um dos representantes da UNITA no estrangeiro, em 1984. Estava a ver fotografias em cima da mesa do café. Uma mostrava um homem pequeno de cabelo grisalho abraçando Savimbi sob o olhar observador de N'Zau Puna. Perguntei quem era e foi-me dito que era Cordeiro. O resto da história surgiu depois.

CAPÍTULO XLVI

IMPORTANTES PROGRESSOS DA UNITA

1983

ANTES DE PARTIRMOS de Angola, Savimbi disse-nos que iriam acontecer muitas mais operações de envergadura ao longo de 1983. «Sentimos-nos na obrigação moral de o fazer, porque as pessoas estão a ficar um pouco cansadas do combate. Tem sido um fardo para elas e têm sofrido muito. Penso que a UNITA estaria adormecida se não tomasse em consideração o cansaço do povo¹.»

Porém, a penetração seguinte nas linhas de defesa inimigas não se deu no campo de batalha, mas sim na frente diplomática. Na Alemanha Ocidental, no dia 6 de Março de 1983, os democratas-cristãos, liderados por Helmut Kohl, venceram a sua primeira eleição geral desde que os sociais-democratas haviam assumido o poder em 1970. Kohl formou um governo de coligação com o pequeno e liberal Partido Democrático Livre.

Precisamente duas semanas antes, durante a minha conversa com Savimbi em Angola, este dissera-me: «Se os democratas-cristãos ganharem as eleições, pode ser esta a melhor carta que a UNITA tem para jogar no combate internacional. Temos contactos ao mais alto nível com os democratas-cristãos, desde Helmut Kohl e Strauss [Gerhard Strauss, o poderoso líder da secção bávara dos democratas-cristãos] até às primeiras figuras do partido².»

Vários meses antes, enquanto os democratas-cristãos lideravam um governo interino, a seguir à demissão do chanceler social-democrata Helmut Schmidt, os democratas-cristãos tinham demonstrado estarem dispostos a dar apoio à UNITA, afirmou Savimbi.

Não entrou em pormenores sobre a natureza do apoio, que deve ter sido clandestino. Porém, a 29 de Março, tornou-se claro que o vento estava

a soprar na direcção da UNITA, quando o governo de Kohl afirmou tencionar suspender o apoio à SWAPO e reabrir o Consulado da Alemanha Ocidental em Windhoek, a capital da Namíbia, que fora encerrado pelos sociais-democratas³. Assim, estava aberto o caminho para o novo governo canalizar a ajuda para Savimbi, se assim fosse determinado. Em 1985, a UNITA tinha dois representantes permanentes na Alemanha Ocidental, um em Bona e o outro na base do poder de Strauss, Munique. Savimbi designara também outros membros da sua administração no sentido de estudarem alemão.

* * *

No dia 12 de Março, a UNITA concebeu e levou a efeito o mais espectacular rapto de reféns estrangeiros até então conseguido. Às 5 horas e 30 minutos da manhã, a pequena localidade do Alto Catumbela, construída à volta de uma enorme fábrica de pasta de papel, no Caminho de Ferro de Benguela, 150 quilómetros a leste do Lobito, estava ainda adormecida. Assim estavam também a maioria dos 550 homens da guarnição do MPLA. Durante várias horas, 1500 soldados semi-regulares e guerrilheiros da UNITA, sob o comando do tenente-coronel Alberto Kanhali, tinham-se colocado em posição. Os homens de artilharia instalaram os morteiros, cujas rampas de lançamento, chapas de base e bombas tinham transportado às costas. O Sol ainda não tinha nascido quando os primeiros morteiros começaram a fustigar o Alto Catumbela. Os homens de infantaria avançaram com as suas *Kalashnikov*. Cerca das 10 horas da manhã, a cidade rendera-se e os 86 estrangeiros que lá viviam estavam cercados. Sessenta e seis deles eram checoslovacos, incluindo 21 crianças e 17 mulheres, e outros eram portugueses.

Os checoslovacos eram técnicos e administradores na fábrica de pasta de papel. Alguns dos portugueses trabalhavam na fábrica, enquanto outros trabalhavam no caminho-de-ferro. A maior parte das mulheres checoslovacas eram mulheres dos técnicos, mas uma, a doutora Rudeschkova, era médica na fábrica⁴. Alexander Ivan, um tradutor de 53 anos, que estava com os checoslovacos, recorda: «Permanecemos escondidos dentro de nossas casas, mas foi bastante aterrador particularmente para as mulheres e para as crianças. Podíamos calcular pelo tiroteio que estávamos cercados. As nossas casas foram reduzidas a pó e tivemos muita sorte em ter conseguido sair sem um arranhão. Os guerrilheiros foram muito correctos. Aparentamos as mãos, contaram-nos quem eram e disseram-nos que seríamos levados para as montanhas mais próximas. Não houve brutalidade.»

Poucos dos reféns tiveram tempo para agarrarem em roupa para levar. Alguns não tinham sequer sapatos. Por volta do meio-dia haviam sido guiados até às montanhas, que teoricamente eram terreno livre dos resistentes. «A maioria de nós tinha consigo a família», afirmou Alexander Ivan. «Não os teríamos trazido para Angola se tivéssemos pensado que

não era seguro. Éramos apenas civis a desempenhar funções civis. Contudo, vimos que as condições pioravam gradualmente e que aumentavam as restrições em relação à distância de que nos podíamos afastar do Alto Catumbela. O MPLA sempre nos afirmara que o problema era puramente local. Mas nós não somos estúpidos; sabíamos que aconteciam na região violentos confrontos.»

A partir das montanhas, os reféns ouviram os sapadores da UNITA fazerem ir pelos ares a central eléctrica, os reactores de energia, a maquinaria pesada da fábrica, a central ferroviária, troços da linha férrea, uma locomotiva e 36 camiões. Enquanto prosseguia a destruição, os reféns iniciaram o que seria uma longa e apavorante marcha, acompanhados por mais de 1200 soldados e carregadores da UNITA. «Nunca ninguém nos disse que éramos prisioneiros», disse um dos checoslovacos. «Pensámos que em breve regressaríamos a casa.»

Essa esperança não se realizou. Marcharam durante dois meses em condições medonhas. Estava-se na estação das chuvas. Ficaram ensopados por chuvas torrenciais durante o dia e tinham de dormir em terreno encharcado à noite. Apenas as crianças, entre as quais se contava um bebé com 18 meses de idade, tinham direito a lençóis no chão, feitos com pequenos quadrados de plástico. A coluna solitária, com a extensão e largura de vários quilómetros, estava sob ameaças constantes de tentativas de ataque por parte das forças do MPLA, que se sentia profundamente embaraçado por causa do golpe da UNITA contra um dos aliados de Luanda da Europa do Leste. O MPLA empregou uma força de tropas angolanas e cubanas, que se estima ter sido de 6000 homens, numa tentativa para resgatar os checoslovacos. Porém, os Cubanos retiraram as suas forças ao fim de duas semanas, em consequência dos apelos de Praga no sentido de não se iniciarem acções que pudessem pôr em perigo as vidas dos seus cidadãos.

Mais guerrilheiros da UNITA se vieram juntar à coluna para ajudar a desviar os ataques do MPLA. Os reféns foram atingidos pela doença: malária ou paludismo, desintéria, pneumonia e dor de ouvidos. Foram feitas padiolas para transportar os que não podiam caminhar, seis ao princípio e, posteriormente, vinte. O número de carregadores foi duplicado, para poderem revesar-se no transporte dos seis reféns. Com os guerrilheiros e carregadores adicionais, a coluna cresceu para um número de 2000 pessoas. Quando os helicópteros e aviões *MIG* começaram a bombardear a vanguarda da coluna, esta foi dividida em três para tornar mais difíceis os tiros de interdição por parte das tropas governamentais. A coluna foi auxiliada no jogo do gato e do rato pelo centro de comunicações da UNITA no Sudoeste, que estava a interceptar as transmissões governamentais, de forma a poder guiar o seu povo e reféns para além dos bloqueios do MPLA. A comida era só o essencial: papas de milho partilhadas pelos reféns, soldados e carregadores. Ao fim de 24 dias acabou-se o sal e também o açúcar

para o café amargo transportado pelos guerrilheiros. Então, ao fim de 39 dias de marcha, a morte abateu-se sobre os checoslovacos.

«Jeroslav Navratil era uma pessoa atraente, de espírito desportista», disse a doutora Rudeschkova. «Porém, estava a passar pela primeira e única grande aventura da sua vida e, sem quaisquer sinais de alarme de que se encontrava doente, deitou-se e morreu.» Não houve tempo para os seus camaradas assistirem ao enterro de Jeroslav Navratil, que foi sepultado na húmida terra de Angola pela retaguarda dos guerrilheiros. A doutora Rudeschkova acredita que ele fosse um diabético sem o saber; o desaparecimento do açúcar da dieta matara-o. Consciente de que a morte do refém iria prejudicar a sua causa, a UNITA reteve o anúncio da morte de Navratil até todos os reféns terem chegado a Jamba em grupos separados uns dos outros, com dias de intervalo, durante todo o mês de Maio. (Apenas alguns dias antes de Navratil morrer, foi executado mais um partidário da UNITA por um pelotão de fuzilamento do MPLA. Tomás Pedro Vidro foi condenado à morte na cidade costeira de Sumbe, anteriormente Novo Redondo, pelo Tribunal Revolucionário Popular da Província de Luanda, por actividades clandestinas a favor da UNITA⁵.)

O primeiro-ministro checoslovaco, Lobomir Strougal, apelou ao auxílio do presidente da OUA, o presidente queniano, Daniel Arap Moi, e ao secretário-geral das Nações Unidas, general Javier Perez de Cuellar. O papa João Paulo II apelou à libertação dos reféns sobreviventes: Savimbi respondeu convidando o ICRC a providenciar o transporte dos checoslovacos para o seu país. No final do mês de Junho, jornalistas estrangeiros foram convidados a deslocarem-se a Jamba para presenciarem as cerimónias de despedida da UNITA aos reféns. Milhares de pessoas — feridos de guerra, bandas e cantores, a organização das mulheres LIMA, o movimento da juventude, soldados — em parada, com bandeiras e cartazes que lembravam aos checoslovacos de partida a posição da UNITA: «Fora com os Cubanos», «Abaixo o expansionismo soviético em África e no Mundo», «Queremos paz». Na parte de trás do terreno da parada estavam enormes frescos que contavam a história da UNITA e mostravam tanques e helicópteros soviéticos explodindo, fazendo-se em pedaços. Por todo o lado estavam enormes retratos de Savimbi. Uma extensa parada militar mostrava homens de infantaria marchando numa ordem impecável, camiões *Ural* onde estavam montados «Órgãos Staline» e peças de artilharia soviéticas de 120 mm. A doutora Rudeschkova, que se tornara o anjo-da-guarda dos seus companheiros checoslovacos, estava de pé, ao lado de Savimbi. Subitamente, a sua disposição, habitualmente calma, alterou-se quando ela se desfez em lágrimas. Os correspondentes observaram Savimbi apertar-lhe a mão e falar-lhe em particular enquanto ela se recompunha.

O ICRC recusou-se a aceitar os reféns por ocasião da parada militar. Em vez disso, os representantes do ICRC compareceram a uma cerimó-

nia nocturna na arena onde, alguns meses antes, eu observara mulheres a cantar «Avancem com o Jaguar». Pairava no ar uma atmosfera electrizante quando alguns dos reféns foram alinhados no centro da arena profusamente iluminada e a multidão cantou hinos da UNITA. Savimbi caminhou em direcção ao grupo com o director do ICRC para a África, apontou para os estrangeiros e disse: «Eles são vossos.» «Apenas as mulheres e as crianças?», perguntou o homem do ICRC. «Continuaremos a discussão amanhã», disse Savimbi.

Depois de um longo e acalorado debate no Comité Central, Savimbi rejeitara uma proposta feita por uma facção da linha dura, segundo a qual nenhum dos reféns devia ser libertado enquanto existiam prisioneiros da UNITA em poder do MPLA. Savimbi, consciente de que a UNITA viria a ser, em parte, julgada pela medida em que respeitasse os direitos humanos enquanto estivesse a travar-se uma guerra, persuadiu o Comité Central de que todas as 21 crianças, as 17 mulheres e 5 dos homens que estavam doentes deviam ser libertados. Os restantes 20 homens seriam mantidos como reféns, para futuras transacções. No dia seguinte, quando foi anunciado que alguns dos checoslovacos não iriam regressar a casa, houve cenas de grande intensidade emocional. As despedidas foram tão traumatizantes, quando os homens doentes, as mulheres e as crianças foram levados embora para serem conduzidos até à Namíbia, que os oficiais da UNITA tentaram impedir os operadores de câmara da televisão de filmarem a partida.

Da Namíbia, os 43 checoslovacos foram de avião até Joanesburgo e, em seguida, para Kinshasa, onde se lhes foram reunir oficiais checoslovacos. Viajaram a partir daí num jacto *Ilyushin* das Linhas Aéreas Checoslovacas, especialmente fretado, e chegaram a Praga no dia 1 de Julho de 1983.

Em certa medida, a libertação dos 43 reféns foi um triunfo para a diplomacia checoslovaca. Os seus oficiais haviam trabalhado eficazmente e tinham manobrado, conseguindo enorme projecção para a situação em que se encontravam os reféns na comunicação social ocidental, no sentido de pressionarem Moscovo a juntar-se às negociações políticas de bastidores. Contudo, assim que as mulheres e as crianças forem libertadas, o Governo de Praga perdeu o seu jogo político, porque já não existia qualquer ponto de pressão emocional que interessasse realmente à imprensa ocidental. Os restantes 20 reféns foram levados para um acampamento remoto, a várias horas de caminho, através de picadas íngremes, longe de Jamba, enquanto a UNITA começou a formular condições para a sua libertação. A exigência essencial pedia a libertação de um médico francês, Philippe Augoyard, aprisionado em Cabul após ter sido capturado quando trabalhava com uma tribo de rebeldes afegãos; a libertação de 36 prisioneiros políticos da UNITA, presos em Luanda pelo MPLA, e a libertação dos 7 mercenários britânicos aprisionados pelo MPLA desde 1976.

A Grã-Bretanha de há muito procurava libertar os seus sete mercenários e ficou desapontada quando o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge, não fez um gesto para anunciar a sua libertação, durante uma visita oficial à Grã-Bretanha, em Fevereiro de 1983. Contudo, Londres não tinha intenção de apoiar ou cooperar com a exigência da UNITA. Não queria ter nada a ver com o que considerava como fazer chantagem a um governo soberano, e não existia qualquer exigência popular na Grã-Bretanha para se tomar qualquer providência a favor dos mercenários, cujas acções tinham sido encaradas com desagrado geral. Qualquer influência que a UNITA pudesse ter tido a favor de Augoyard desapareceu quando o Governo do Afeganistão libertou o médico francês, no princípio de Junho, sem condições ⁶.

Savimbi continuou a exigir a libertação dos seus 36 partidários aprisionados em Luanda, mas não obteve qualquer resposta por parte do MPLA. Savimbi calculara mal os seus termos de negociação e, consequentemente, os seus reféns permaneciam em cativeiro. Entretanto, no seu acampamento longínquo, os checoslovacos tinham poucos livros e não possuíam material de escrita ou rádio. O calor e a chuva que os tinham atormentado durante a viagem foram substituídos, em Julho e Agosto, pelas gélidas noites de Inverno do Sul da África, quando, para sua surpresa, se formava gelo nas bacias para lavar as mãos.

Baptizaram o dia 14 de Agosto como o «Domingo Negro». Nesse dia, um oficial da UNITA disse-lhes que eles deviam preparar-se para uma estada de pelo menos cinco anos.

* * *

Munhango é uma pequena mas importante povoação no Caminho de Ferro de Benguela. Possuía grandes oficinas de engenharia e reparação ferroviária e era um centro de comércio para as muitas fazendas da área circundante. Quase no centro morto de Angola, era também a terra natal de Jonas Savimbi.

Na escuridão de uma fria manhã do dia 20 de Abril de 1983, as tropas semi-regulares da UNITA espalharam-se pelos campos de milho e entre as bananeiras e mangueiras que rodeavam a localidade de 8000 habitantes, controlada pelo Governo. Juntaram-se a guerrilheiros locais que se haviam colocado em posição um pouco antes para observação. O sinal para atacar surgiu às 5 horas e 30 minutos da madrugada, sob a forma de um tiro de espingarda disparado quando os primeiros alvares da aurora surgiram no horizonte. Uma barragem de fogo de morteiro foi lançada a partir do leste. Um pouco antes das 5 horas e 30 minutos da madrugada surgiram mais de 1000 homens da infantaria da UNITA vindos do norte, protegidos por um fogo de morteiros cuidadosamente controlado, fustigando o terreno à sua frente. A guarnição do MPLA, de mais de 400 homens, praticamente não ofereceu resistência, e por volta das 6 horas

da manhã os soldados do Governo tinham fugido, sido capturados ou estavam mortos. Um avião ligeiro de transporte *Antonov* jazia em destroços na pista de aviação a oeste da povoação, atingido por fogo de morteiros da UNITA quando se preparava para descolar⁷.

O coronel Ben-Ben Arlindo Pena comandou o ataque. Estavam com ele jornalistas estrangeiros quando chegou à estação de Munhango e, absurdamente, o telefone tocou no escritório. Era o chefe de uma estação próxima que queria saber o que significavam as explosões que ele tinha ouvido. «Não se passa nada aqui», respondeu Ben. «Está tudo calmo.» Após ter pousado o telefone, Ben deu ordem para a destruição das infra-estruturas da cidade. Os sapadores começaram pela própria estação e pelas instalações da rádio. Continuaram com as locomotivas a vapor, nos pátios de manobras da oficina, os tanques de água para as locomotivas e os pontos de comutação.

O ataque ao Munhango fazia parte — simultaneamente com o ataque que eu presenciara em Cangonga — de uma ofensiva da UNITA, que durou meses, com o objectivo de fazer avançar milhares de soldados mais para além da área norte do Caminho de Ferro de Benguela. A caminho do Munhango, os jornalistas que acompanhavam a força da UNITA haviam passado pelas ruínas achatadas, disseminadas em crateras feitas por granadas, de Tempue (anteriormente Alto Quito), apenas alguns dias após a localidade no alto do morro, que dominava a rota estratégica para o Planalto Central, ter caído em poder da UNITA, a seguir a um cerco que durara um mês. Um destes jornalistas, Yves Loiseau, foi informado por Savimbi que 3000 soldados da UNITA se encontravam agora na província mineira dos diamantes da Lunda, no Nordeste⁸. Alguns tinham conseguido chegar à fronteira com o Zaire e um grupo efectuara mesmo uma marcha simbólica 50 quilómetros dentro do Zaire. Não que eles tivessem recebido uma recepção hostil, porque tanto Loiseau como um outro jornalista francês, Edward Girardet, foram informados por Savimbi que conselheiros militares franceses, estacionados no Zaire, haviam dado treino especializado em matéria de comunicações e técnicas de guerra antitanque aos oficiais da UNITA. Também me fora dito por oficiais da UNITA, durante a marcha de Cangonga, que as rotas de abastecimento para os resistentes na Lunda haviam sido abertas a partir do Zaire.

A penetração mais para o interior da Lunda, pela UNITA, colocava um difícil problema ao MPLA, já que os diamantes ali extraídos eram a segunda maior fonte de divisas estrangeiras para Angola (a seguir ao petróleo), trazendo mais de 100 milhões de dólares por ano. Contudo, o contrabando de diamantes roubava à DIAMANG, a companhia de diamantes do Estado, mais de 60 a 84 milhões de dólares por ano dos seus lucros potenciais⁹. Para ajudar a contrariar o contrabando, o ministro das Minas e Indústrias, tenente-coronel Bento Ribeiro, contratou alguns antigos oficiais britânicos do SAS (Special Air Service)* para actuarem como

* Serviço Aéreo Especial. (N. do T.)

polícias nas minas. Os ingleses, empregados de uma obscura companhia chamada Defense Systems International*, foram treinados, em conjunto, com os seus congéneres angolanos numa escola de especialistas na Grã-Bretanha¹⁰.

A nomeação dos ingleses enraiveceu tanto o Kremlin como Savimbi. Quando o Presidente Eduardo dos Santos efectuou uma visita oficial a Moscovo, em 16 de Maio de 1983, foi-lhe entregue um relatório que acusava os ingleses de serem espíões. O relatório pedia também a prisão dos investigadores angolanos que tentavam descobrir a extensão total do escândalo do contrabando de diamantes, no qual estavam envolvidos muitos oficiais superiores do MPLA. Porém, o ministro do Planeamento, Lopo do Nascimento, defendeu a nomeação dos ingleses e accitou a opinião externa de que a interferência administrativa e política angolana, simultaneamente com o contrabando feito por oficiais do MPLA, reduzira os lucros¹¹.

Aquí entre as minas de diamantes da Lunda residia mais um paradoxo angolano, uma outra contradição clássica. Embora a África do Sul fosse o inimigo público n.º 1 de Angola, uma companhia sul-africana, a afamada De Beers, parte do grupo da Anglo American Company** e Consolidated Goldfields***, dirigia a DIAMANG e detinha a maior parte das acções na companhia controlada pelo Estado. Um dos directores da De Beers, Sir Philip Oppenheimer, voava regularmente de Joanesburgo até Angola, em companhia de outros executivos, para inspecionar as operações da DIAMANG¹².

Savimbi, não obstante a sua forte dependência do apoio da África do Sul, estava determinado a provocar o caos nas minas, em parte propriedade e dirigidas por sul-africanos¹³. Avisou que as suas forças tinham ordens para atacar os 50 guardas de segurança britânicos à vista e, se alguns fossem capturados, seriam tratados como prisioneiros de guerra. Afirmou que alguns dos ingleses andavam a pilotar helicópteros para descobrir os contrabandistas, incluindo os «agentes económicos» e soldados da UNITA. Se apanhados, os polícias das minas seriam considerados como mercenários, da mesma forma que os ingleses aprisionados pelo MPLA em Luanda desde 1976. «Se depararmos com um técnico francês ou inglês, deixamo-lo partir e dizemos-lhe: 'Por favor, vá-se embora, vamos atacar.'», disse-nos Savimbi. «Porém, um homem empunhando uma arma — isso é diferente¹⁴.»

Savimbi afirmou tencionar provocar uma sublevação na Província da Lunda, de forma que os cerca de 700 técnicos estrangeiros que trabalhavam nas minas partissem. A UNITA estava também envolvida no contra-

* Sistemas de Defesa Internacional. (N. do T.)

** Companhia Anglo-Americana. (N. do T.)

*** Goldfields Empreendimentos. (N. do T.)

bando de diamantes: «Os diamantes na zona de Lunda estão quase em toda a parte e nós estamos numa posição melhor para saber onde eles se encontram», disse-nos Savimbi. «Algumas áreas, nós conhecêmo-las através da população local, outras aprendêmo-las com os técnicos portugueses que regressaram ao seu país, levando os mapas, e já não estão a trabalhar com o MPLA. Eles passaram-nos estas informações¹⁵.»

Savimbi não iria descrever-nos como funcionava a rede de contrabando, porém disse: «Conseguir obter ali diamantes para vender à África do Sul é um caminho muito longo. Contudo, existe um caminho mais curto — e nós fazemos parte desse processo.» Com a fronteira do Zaire tão próxima, Savimbi parecia estar a sugerir que os diamantes estavam a ser canalizados para fora do país através de Kinshasa, e o *Washington Times* informava: «Ao conseguir ter acesso às fronteiras angolanas com a Zâmbia e o Zaire, ele [Savimbi] abriu novas linhas de abastecimento para o caso de o seu comércio com a África do Sul, através da fronteira sul-africana, ser cortado em consequência de um acordo de paz¹⁶.»

Savimbi contou-nos que, embora os oficiais do MPLA tivessem as suas próprias redes de contrabando, os maiores de todos os contrabandistas eram os Cubanos, que «estavam a trabalhar por conta própria». Este facto ajudava a explicar o aparecimento de diamantes cubanos no mercado de Antuérpia, embora não se conhecesse a existência de minas de diamantes em Cuba¹⁷.

* * *

O caos nos campos de diamantes ajudava a explicar a extrema decadência em que haviam caído as cidades angolanas sob o domínio do MPLA. Um relato curioso surgiu no *New York Review of Books*, de Xan Smiley, que conseguiu entrar no país sob o disfarce de um correspondente de basquetebol, em companhia de uma equipa negra americana: «A imundície em Luanda é pungente. Quase todos os edifícios de grande porte têm as janelas partidas, as ruas e os passeios estão esburacados, o lixo amontoa-se em toda a parte. As canalizações de água estão frequentemente avariadas, de tal forma que os blocos de apartamentos, abandonados à pressa pelos portugueses, muitas vezes têm falta de sanitários. Os excrementos nauseabundos amontoam-se nas escadas dos prédios, até mesmo em escritórios relativamente modernos. Quase não existem táxis nem semáforos que funcionem.

A maior queixa dos Luandenses, assim como de todos os angolanos, é a falta de comida. As bichas existem por todo o lado. O mercado negro floresce em praticamente todas as comodidades essenciais e nos combustíveis, enquanto a taxa de câmbio não oficial da moeda — o indicador do jornalista para avaliar a saúde económica de um país — se situa a cerca de quinze vezes a taxa oficial: perto do recorde da África, à frente do Uganda e um pouco atrás do Gana. O preço de uma couve ou de um par de ovos excede por vezes o salário de um dia.

Os trabalhadores do partido do MPLA, a tempo inteiro, podem comprar artigos essenciais em lojas especiais, acrescentando ressentimento à suspeita do trabalhador comum de que o igualitarismo marxista não se aplica à nova classe reinante, que o apregoa com tanta veemência. O absentismo é comum, porque os trabalhadores estão constantemente a faltar para ir em busca de comida. Os trabalhadores esfomeados dormitam nos empregos. A nova classe administrativa de licenciados do partido cita razões surpreendentemente antiquadas para explicar a baixa produtividade, calculada em cerca de 20 por cento dos níveis de antes da independência, sugerindo 'sabotagem' ou 'preguiça dos trabalhadores' ¹⁸.

* * *

Em Junho de 1983, um jornalista estrangeiro entrevistou oito dos antigos ocupantes do campo para prisioneiros políticos do MPLA em Tãri, que fora invadido por forças da UNITA em 30 de Janeiro de 1983. Eles tinham chegado às bases de Savimbi no Sudeste, com mais de 50 outros prisioneiros, incluindo 1 brasileiro, 1 zairense e 6 portugueses, que haviam sido detidos pelo MPLA sob as acusações de «sabotagem económica» ou «atitudes burguesas» ¹⁹.

Entre os antigos ocupantes encontrava-se Juan Francisco Cotingu, um motorista de autocarro oriundo do Huambo, e sua mulher, Margarida. Cotingu foi preso em Abril de 1980 e acusado de ser simpatizante da UNITA. Ao princípio esteve detido na prisão no Huambo, onde afirmou ter sido interrogado pela polícia de segurança do Estado, comumente conhecida como DISA (Direcção de Informação e Segurança de Angola) ²⁰. Cotingu afirmou ter sido espancado com coronhas de espingardas. Os conselheiros cubanos que trabalhavam com a DISA tomavam muitas vezes parte nos interrogatórios. Ocasionalmente, ele viu alemães orientais, alguns fardados e outros com roupas civis, nos corredores. Ao fim de quatro meses, foi condenado a vinte anos de prisão e trabalhos forçados em Tãri, por colaboração com a UNITA.

Alguns dias depois da detenção de Cotingu, a polícia prendeu Margarida e acusou-a de colaboração, por não ter fornecido informações sobre o marido. Na prisão no Huambo, ela afirmou ter sido despojada das suas roupas e espancada. «Eles molharam-me com uma mangueira e acusaram-me de pertencer à JURA (o movimento da juventude da UNITA). Fui forçada a permanecer despida. Não me deram cobertores para me abrigar do frio da noite e obrigaram-me a dormir no chão de cimento. Dois soldados das FAPLA vieram e tentaram violar-me. A princípio, consegui oferecer resistência, mas por causa disso bateram-se muito.» Foram juntar-se-lhe outras mulheres, também suspeitas de serem membros da JURA. Durante três meses foram todas espancadas e violadas, afirmou a senhora Cotingu. Por fim, foi autorizada a ir juntar-se ao marido a Tãri, embora não tivesse sido acusada de nenhum crime.

Armindo Rodrigues, um fazendeiro branco português que decidira ficar em Angola depois da independência, na sua plantação de bananas, perto de Benguela, foi preso pelo MPLA em Novembro de 1980 e acusado de abrigar simpatizantes da UNITA, o que ele não negou. Passou 106 dias de detenção, sem julgamento, antes de ser condenado a 20 anos de prisão e enviado para Tãri. Durante o seu período de detenção, sem julgamento, em Benguela, foi interrogado por cubanos e alemães orientais, assim como por angolanos. «Os cubanos pegavam em cordas e quase estrangulavam os prisioneiros para os obrigar a falar», contou ele. Companheiros da prisão contaram-lhe o que sabiam sobre os pátios de execuções, mas nunca viu nenhum com os seus próprios olhos. A técnica do MPLA consistia em levar a cabo interrogatórios a todas as horas do dia, utilizando técnicas psicologicamente desestabilizadoras, tais como a recusa de bebida durante o tempo quente e comida exageradamente salgada.

Os antigos prisioneiros de Tãri afirmaram que muitas das pessoas que se encontravam no campo estavam detidas sem julgamento, algumas já há seis anos. Outros tinham sido sumariamente condenados pelos tribunais revolucionários do povo sem terem sequer sido apresentadas provas ou sem permitirem ao acusado uma defesa adequada. Contudo, as condições em Tãri, uma antiga plantação de sisal a funcionar como fazenda estatal do MPLA, eram menos desagradáveis do que as dos centros urbanos de segurança por onde a maioria dos prisioneiros haviam passado. Depois do trabalho na fazenda, os prisioneiros cultivavam a maior parte da sua própria comida, em pequenos talhões privados, durante o tempo que tinham livre.

Os comandantes que estavam em Tãri recebiam ordens directamente do ministro angolano de Segurança, para «reeducar» os dissidentes políticos, segundo Mario-Antoine Cortez, o chefe de pessoal em Tãri e membro da polícia de segurança do Estado, que foi capturado pela UNITA. Eram mantidas em Tãri três categorias de prisioneiros, afirmou ele: pessoas condenadas oficialmente, os que aguardavam julgamento e outros detidos sem julgamento e considerados como riscos para a segurança. Existia punição pública para aqueles que tentassem escapar, afirmaram os antigos prisioneiros. Eram espancados com paus ou esmurrados e os outros detidos eram por vezes obrigados a infligir os castigos aos seus companheiros. Às vezes, partiam-se braços e pernas. As pessoas eram obrigadas a beber água misturada com petróleo ou eram castigadas, sendo postas dentro de um carro em destroços ao sol e forçadas a permanecer ali durante muitos dias.

O programa político de reeducação tinha, na verdade, falhado redondamente a partir de 1981, por causa da falta de motivação entre o próprio pessoal do campo. «Muitos dos guardas não recebiam os seus salários há meses, e geralmente existia entre eles uma atitude do tipo 'não te rales'», contou o senhor Barata dos Santos, que estivera a cumprir uma sentença

por contrabando de diamantes, após ter estado inicialmente detido sem julgamento durante quase dois anos. «Também nos recusávamos a cooperar durante as palestras de reeducação. Falávamos sem motivo e fazíamos perguntas irritantes. Portanto, eles acabaram por desistir.»

Os conselheiros cubanos e alemães de Leste não participavam na administração de Tãri, porém alguns «conselheiros agrícolas» soviéticos vinham inspeccionar ocasionalmente o centro. Tropas cubanas estavam estacionadas próximo do campo, mas não fizeram qualquer tentativa para intervir quando a UNITA o invadiu.

* * *

Durante os meses de Julho e Agosto de 1983 intensificou-se a ofensiva militar da UNITA em direcção ao Norte. No dia 1 de Julho, a UNITA assaltou mais uma povoação do Caminho de Ferro de Benguela, num ataque ao amanhecer. Mais uma vez, toda a infra-estrutura económica de Cangumbe, 100 quilómetros a oeste de Luena, foi destruída pelos sapadores da UNITA, antes de estes se retirarem para as suas bases na mata. A UNITA afirmou terem morrido 57 soldados do MPLA na batalha, contra 5 soldados seus²¹. A 3 de Julho, a UNITA levou a efeito o seu mais espectacular assalto até essa data, na metade Norte de Angola. A 9.ª Brigada da UNITA, com uma força de 1000 homens, capturou Mussende, 250 quilómetros a norte da linha férrea. Mussende tinha uma particular importância estratégica, porque era o ponto tampão a sul para Malanje, a segunda maior cidade do Norte, apenas a 100 quilómetros de distância por uma estrada estreita de alcatrão. Consequentemente, foi fortemente defendida e os atacantes, como eles próprios admitiram, não encontraram as mesmas facilidades que se lhes haviam deparado em Cangonga, Munhango e Cangumbe. De acordo com um relato da UNITA (o MPLA manteve silêncio), o combate durou duas horas e meia e foram mortos 248 soldados do MPLA, contra 17 mortos do lado da UNITA. Cerca de 1300 civis foram retirados da localidade e distribuídos por aldeias e acampamentos controlados pela UNITA. A UNITA reivindicou ter feito prisioneiros 37 elementos do MPLA e ter capturado 3000 morteiros e *rockets* e 400 espingardas. Para além disso, afirmou que uma companhia cubana de 130 soldados, estacionada em Mussende com o MPLA, fora evacuada por helicóptero três dias antes da batalha²².

Nove dias depois da batalha do Mussende foi armada uma cilada fora do Mussende, que levou à captura de um comandante superior do MPLA. O incidente foi-me descrito por um oficial superior da UNITA: «Durante a batalha para a posse do Mussende capturámos o operador-chefe da rádio do MPLA. Ele cooperou com as nossas forças e enviou uma mensagem ao MPLA a pedir helicópteros para evacuar os feridos. Dois helicópteros *MI-8* foram enviados para o local indicado e membros de uma das nossas forças especiais estavam lá à espera, vestidos com fardas do MPLA.

Aproximaram-se dos helicópteros quando estes aterraram. Saltou um oficial e fez a continência, tendo sido imediatamente capturado vivo. Os helicópteros tentaram descolar, mas foram abatidos e os pilotos cubanos mortos ²³.»

O oficial capturado era o capitão José Joaquim Gaspar, um angolano branco de ascendência portuguesa, que era o chefe do estado-maior da 7.ª Região Militar do MPLA. Os líderes da UNITA afirmaram ter ele chegado à área do Mussende proveniente de Cabinda, onde participara numa reunião conjunta dos chefes do estado-maior do MPLA para planear ofensivas no Norte contra a UNITA, e estava agora a fornecer «às nossas forças informações militares secretas importantes ²⁴».

A acção do Mussende foi rapidamente seguida de um golpe diplomático. Quatro membros do Parlamento Europeu (belga, britânico, francês e alemão ocidental) ²⁵ fizeram uma visita de quatro dias às zonas libertadas de Savimbi e assinaram com Savimbi um comunicado conjunto que dizia que os parlamentares «partilhavam com o presidente Savimbi a opinião de que a UNITA é capaz de controlar todo o território de Angola e de que a UNITA espera conseguir negociar com o Governo de Luanda, com vista a uma reconciliação nacional. O peso do sucesso militar da UNITA, combinado com o total apoio das populações civis, concede legitimidade aos objectivos do presidente Savimbi para libertar o seu país de todas as forças de ocupação estrangeiras — cubanos, soviéticos e alemães de Leste. Ambas as partes concordaram que o regresso da paz e independência a Angola encerra a solução da transição pacífica para a autodeterminação da Namíbia e o restabelecimento de uma paz e segurança duradouras na África Austral²⁶.»

Este facto provocou um violento clamor por parte do MPLA, que afirmou que os políticos tinham «violado as leis mais elementares» ao terem entrado ilegalmente num país com o qual cada um dos seus Estados mantinha relações diplomáticas. Savimbi tinha-os convidado de forma a poder «cantar vitória sobre os crimes que lhe são mandados cometer por Pretória contra Angola»²⁷. O MPLA acusou-os de entrarem em Angola a partir da Namíbia, com uma escolta militar sul-africana. O senhor Luc Beyer, do Parlamento Europeu, afirmou que eles não podiam revelar a rota através da qual haviam entrado em Angola, mas acrescentou: «Entre os muitos canais que existem não enveredámos pelo do Sul ²⁸.» Na verdade, a rota deles foi provavelmente a ligação aérea regular da UNITA, a partir de Kinshasa.

O senhor Beyer de Rike encontrou-se com os restantes vinte reféns checoslovacos que, disse ele, estavam muito desanimados mas gozando de boa saúde: «Pediram-me para dizer ao seu embaixador [em Bruxelas] que era necessário tentar chegar-se a uma solução rápida, porque eles não conseguiam suportar a terrível tensão psicológica a que estavam submetidos. Eram mantidos em total ignorância do que se estava a passar.

Quando lhes falaram da nossa visita, pensaram ter chegado o dia da sua libertação, porque lhes deram roupas limpas e comida diferente.»

Beyer de Rike concluiu que o movimento de Savimbi constituía «um facto que será difícil de negar em qualquer acordo sobre Angola, assim como sobre a Namíbia, estando os dois problemas indissolivelmente ligados».

* * *

Em fins de Julho, a UNITA demonstrou a importância da captura da cadeia das três povoações na linha férrea, Cangonga, Munhango e Canguembe. Ao longo deste troço central do Caminho de Ferro de Benguela avançavam milhares de soldados, sem qualquer estorvo através da linha, em direcção às províncias do Nordeste. A 23 de Julho, a 12.^a Brigada da UNITA capturou Sautar, uma pequena mas importante localidade que controlava uma encruzilhada de estradas principais, a sul da Província de Malanje. Na batalha para a captura de Sautar, a UNITA reivindicou a morte de 58 inimigos, contra 6 do seu lado²⁹. Uma vez mais o MPLA nada disse acerca da reivindicação da UNITA. (Eu viria a passar pelos arredores de Sautar menos de cinco meses depois, com uma brigada da UNITA.) Porém, o MPLA respondeu quando, a 26 de Julho de 1983, a UNITA afirmou ter atacado um comboio militar, nos arredores leste de Luena, que transportava o 73.^o Batalhão da 21.^a Brigada do MPLA, vários soldados cubanos e também alguns membros da ODP (Organização de Defesa Popular) e suas famílias. A UNITA afirmou terem morrido 78 inimigos e terem ficado 319 feridos durante o ataque³⁰.

O MPLA, em dois comunicados, afirmou que o comboio explodira ao ter encontrado uma mina, matando 50 pessoas e ferindo 210. Dizia ainda que 50 dos mortos e dos feridos eram mulheres e crianças e que os dois únicos soldados que viajavam no infeliz comboio estavam entre os mortos³¹.

Alarmado com a intensidade, frequência e vastidão de área de ofensiva da UNITA, o Presidente Eduardo dos Santos disse ao Comité Central do MPLA que tencionava proclamar uma nova e dura lei de defesa interna, colocando o poder e a responsabilidade nas mãos dos conselhos militares regionais, que teriam poderes de lei marcial. A lei conferiu a Eduardo dos Santos um maior poder pessoal, possibilitando-lhe decidir quais as regiões que precisavam de conselhos militares. No seu discurso, ele afirmou que os conselhos estavam autorizados a requisitar «propriedades ou pessoas» para o esforço de guerra e a «julgar crimes contra a segurança do Estado, sabotagem económica, especulação e desobediência..., assim como todos os crimes que prejudiquem ou ponham em perigo os interesses de defesa e segurança colectivas»³².

A Agência de Notícias Angolana (ANGOP) afirmou que a lei era necessária porque o imperialismo se recusava a reconhecer que fora ven-

cido em Angola: «Todos os dias perpetra actos de agressão, vandalismo e banditismo contra o território e a população civil, espalhando a morte, destruição e sofrimento, enquanto trabalham a favor do regime racista de Pretória, mercenários e outros bandos de assassinos ³³.»

O Presidente Eduardo dos Santos admitiu a penetração plena da UNITA no Norte quando, a poucos meses de ter assumido os seus poderes multiplicados, anunciou estar a instalar conselhos militares nas províncias nortenhas de Malanje e Lunda Norte. Num discurso proferido na cidade de Malanje ³⁴, disse que os conselhos eram necessários para deter as tentativas sul-africanas de destituir o seu governo e pôr a UNITA no poder. Exortava a «sacrifícios, empenhamento total, ardor revolucionário e mobilizações de todas as nossas energias e capacidades, para restabelecer as condições de paz e tranquilidade que nos permitirão construir o bem-estar social e a felicidade».

A resposta de Savimbi à nova lei de Eduardo dos Santos foi infligir ao MPLA a sua maior derrota em mais de vinte anos de guerra. Porém, no seu decurso, os seus homens sofreram perdas terríveis.

CAPÍTULO XIVII

CANGAMBA

1983

NA ÁREA que Savimbi agora controlava existiam apenas dois baluartes do MPLA — o Cuíto-Cuanavale e Cangamba.

Savimbi rejeitou a possibilidade de tomar o Cuíto-Cuanavale. Era abastecido por estrada a partir de Menongue por centenas de camiões de carga e tinha uma boa pista de aviação que possibilitava ao MPLA transportar para lá muitos abastecimentos. «Estão lá Russos e Cubanos», disse Savimbi. «Eles não querem abrir mão do Cuíto-Cuanavale, porque este é a cabeça de ponte para quaisquer ofensivas que eles queiram lançar contra nós no Sudeste. Não dispomos, no presente, de meios para capturar essa povoação: ela está muito fortificada. O que temos de fazer é hostilizá-la a toda a hora¹.»

Cangamba era diferente. Passei a 60 quilómetros de distância de lá, em Fevereiro de 1983, quando regressava de camião pelo «trilho de Savimbi» vindo de Cangonga. Totalmente isolada, tornara-se uma espécie de Dien Bien Phu*, fortemente defendida mais por uma questão moral e de prestígio do que por qualquer boa razão estratégica.

Quinhentos quilómetros a norte da fronteira namibiana, Cangamba estava defendida por duas brigadas do MPLA, a 44.^a e a 32.^a — um total de 2800 homens. A 44.^a era uma brigada de choque, enviada de Luanda para assegurar que o governo mantinha a sua posição em território da UNITA. Também ali estavam duas companhias de tropas cubanas (100 em cada companhia), segundo a UNITA².

* Dien Bien Phu — vila situada no Vietname do Norte onde se deu a batalha em consequência da qual os Franceses decidiram retirar-se da Indochina. Esta derrota foi um rude golpe para o Exército Francês e enfraqueceu o prestígio da IV República. Apenas sobreviveram 3000 dos defensores de Dien Bien Phu. (N. do T.)

A seguir à queda do Tempue nas mãos da UNITA, em Abril, todas as rotas terrestres do MPLA para Cangamba ficaram ameaçadas. O território circundante estava ocupado pela UNITA, que estava a penetrar nos perímetros das povoações com forças especiais. O MPLA estava a abastecer a sua guarnição pelo ar, a partir de bases situadas a 300 quilómetros de distância, numa operação tornada difícil pelas equipas de mísseis SAM-7 da UNITA à volta da povoação. Para evitar os mísseis, o MPLA utilizava aviões ligeiros de transporte *Antonov-2*, que pairavam a grande altura ao chegar à localidade e faziam descidas em espiral até à pista de aterragem.

Enquanto estive em Angola, a UNITA tornou claro que tencionava tomar Cangamba antes do final do ano de 1983. O coronel Ben-Ben disse-nos que o estrangulamento da povoação tinha já começado e a população local estava a partir por causa das carências alimentares. A força que atacasse teria de ser muito superior à guarnição do inimigo. Em Fevereiro, Savimbi afirmou: «Cangamba é vulnerável. Temos à sua volta quatro equipas de mísseis SAM-7, portanto é difícil para eles abastecerem-se. Temos um arrojado plano para ela.»

* * *

Passaram-se mais seis meses antes de o plano ser revelado e ter início o ataque resistente. E este não obedeceu ao padrão clássico de um ataque surpresa da UNITA, de madrugada.

Savimbi reuniu três brigadas de semi-regulares e muitas companhias de guerrilheiros e pelotões de forças especiais à volta de Cangamba, um pouco mais de 6000 atacantes contra a guarnição inimiga com 3000 homens. O cerco começou a 3 de Agosto, com uma forte barragem de fogo de artilharia, em que intervinham algumas das peças de artilharia soviéticas de 75 mm reparadas, que tinham sido capturadas na batalha de Mavinga, três anos antes.

Em seguida, os pobres infelizes homens da infantaria foram mandados avançar para tentarem encontrar uma passagem através das minas colocadas pelos defensores. Mais de 100 dos homens da infantaria da UNITA iriam perder uma ou as duas pernas antes de terminar a batalha de Cangamba. Uma equipa especial da instituição de caridade médica baseada em Paris Médicos sem Fronteiras chegou ao território de Savimbi para trabalhar na reabilitação dos homens mutilados³.

Jactos *MIG-21* e helicópteros *MI-8*, oriundos de Luena, bombardearam as forças de ataque da UNITA. Porém, em 11 de Agosto, haviam sido abertas tantas brechas nos campos minados defensivos do MPLA e nos sistemas de trincheiras, que os mais de 100 cubanos sobreviventes, com o seu tenente-coronel no comando, tiveram de ser evacuados por helicópteros.

Às 10 horas da manhã do dia 14 de Agosto, Cangamba caiu finalmente em poder da UNITA. No fim da maior batalha em mais de duas

décadas de guerra civil em Angola, 829 homens da guarnição de Cangamba jaziam mortos, alguns deles cubanos, e 328 haviam sido capturados. O resto fugiu em direcção ao Norte. Para além disso, alguns dias antes, a UNITA reivindicou ter morto 72 soldados de dois batalhões do MPLA que tentaram recapturar para o Governo a povoação próxima do Tempue.

A UNITA disse terem morrido 63 homens e ficado feridos 200 na batalha de Cangamba. Foram feitas fotografias de um avião *Antonov* estacionado na pista de Cangamba com a retaguarda destruída por fogo de artilharia, e a UNITA reivindicou também que os seus mísseis *SAM-7* e canhões antiaéreos haviam abatido cinco caça-bombardeiros *MIG-21* e quatro helicópteros. Cerca de 2300 armas e 12 veículos de transporte de pessoal *BRDM-2* foram capturados e 6300 civis foram retirados da povoação e espalhados nos arredores, em áreas da UNITA⁴.

Tal era a versão de Savimbi da batalha de Cangamba, que não foi testemunhada por repórteres estrangeiros. A história do MPLA era diferente.

No dia em que a UNITA afirmou ter capturado a povoação, o MPLA anunciou em Luanda ter repellido um assalto de envergadura levado a efeito pelo inimigo, mas que a África do Sul se apressara a prestar ajuda à UNITA, assumindo o comando da ofensiva, colocando 10 000 tropas no Sul de Angola e bombardeando Cangamba até esta ter «cessado de existir». Em defesa da povoação, o MPLA matara 1100 tropas da UNITA, enquanto haviam morrido do seu lado 53. Três dias após o anúncio da UNITA de que Cangamba tombara, o MPLA admitia oficialmente que as suas forças haviam retirado, de forma ostensiva, para salvar vidas civis. Depois da retirada, aterraram lá helicópteros transportando tropas regulares sul-africanas, mercenários e soldados da UNITA, dizia o MPLA⁵.

A UNITA desmentiu a versão da batalha do MPLA, apelidando-a de «campanha de desinformação barata», negou terem estado envolvidos aviões e tropas sul-africanas e convidou a imprensa e os representantes do ICRC a visitarem a povoação e constatar que não fora completamente destruída, como alegava o MPLA⁶. O chefe de Defesa da África do Sul, general Constant Viljoen, rejeitou as acusações de envolvimento militar sul-africano e afirmou que o MPLA estava a tentar ocultar os sucessos da UNITA.

O MPLA acusou a África do Sul de ter bombardeado Cangamba com *napalm*. A UNITA fizera a mesma acusação contra o MPLA durante o assalto de onze dias a Cangamba e mais tarde tirou fotografias de pilhas de bombas de *napalm*, com rótulos soviéticos, que se encontravam na povoação.

A minha própria convicção — embora longe de ser absoluta — é que o relato da UNITA estava mais perto da verdade. Em todas as fases, o MPLA «reagiu» aos relatos da batalha feitos pela UNITA. Se tivesse exis-

tido um forte envolvimento sul-africano, o MPLA teria seguramente alertado a opinião mundial muito antes, durante o combate, porque estaria certo de conseguir a condenação geral das acções militares sul-africanas tão para o interior de Angola. E, dos 1100 inimigos que o MPLA reivindicou ter abatido, afirmou todos eles serem guerrilheiros da UNITA: não havia um único sul-africano.

Qualquer que seja a verdade sobre a batalha de Cangamba, não existem dúvidas acerca das consequências. A UNITA varrera do centro do seu território uma perigosa ameaça; cerca de 6000 elementos das suas forças tinham sido libertadas do cerco para se irem reunir a outras forças de ataque a norte do Caminho de Ferro de Benguela; a moral da UNITA, já elevada após um série de vitórias, em 1983, elevou-se ainda mais, enquanto a do MPLA desceu, aproximando-se do abismo.

Porém, a violência da batalha significava que a guerra dissimulada de Angola entrara agora numa fase nova e mais grave, colocando um sério problema aos aliados cubanos e soviéticos do MPLA. Na altura, escrevi: «Em breve, Havana e Moscovo terão de decidir se devem aconselhar o seu cliente a procurar a paz ou se devem enviar mais tropas cubanas e do bloco de Leste para travar o avanço da UNITA⁷.»

CAPÍTULO XIVIII

A CAMINHO DAS MINAS DE DIAMANTES

1983

A RESPOSTA DE Cuba e da União Soviética à derrota sofrida pelo MPLA, em Cangamba, foi mandar ainda mais tropas e armamentos.

Em finais de Agosto, Lúcio Lara e o ministro da Defesa, Pedro Tonka, foram enviados a Moscovo pelo Presidente Eduardo dos Santos para pedir mais armas e conselheiros. Nas primeiras semanas de Setembro, pelo menos três navios cargueiros soviéticos descarregaram armamento no porto de Luanda, incluindo os últimos tanques de fabrico soviético T-62. Em Outubro chegaram 40 técnicos militares soviéticos para reforçarem as defesas aéreas no Lubango e 5000 cubanos para reforçarem o exército de Havana em Angola, aumentando as suas forças para mais de 25 000 homens¹. A UNITA afirmou que entre outras armas soviéticas desembarcadas estavam 16 mísseis SAM-6 e SAM-8², 24 helicópteros, 4 navios patrulha e 20 pontes móveis³.

A reacção de Savimbi foi lançar o ataque da UNITA mais próximo de Luanda até essa data. As suas forças invadiram a localidade do Calulo, a cerca de 200 quilómetros da capital. As forças da UNITA mataram dois guerrilheiros da SWAPO no Calulo e partiram ao fim de 24 horas. Com elas levaram abastecimentos alimentares e 27 reféns, incluindo brasileiros, espanhóis, portugueses e 14 freiras e noviças da missão católica local⁴.

* * *

A guerra estava a alastrar, cada vez mais sangrenta e complexa. Eu preparava-me para voltar e observá-la com os meus olhos. Fora convidado por Savimbi a tornar-me o primeiro repórter ocidental a avançar para norte

do Caminho de Ferro de Benguela e testemunhar uma batalha na província das minas de diamantes, a Lunda, no início da ofensiva desencadeada pela UNITA durante a estação das chuvas. Decidi também fazer um filme para a televisão e levei comigo um jovem operador de câmara escocês, David Kane⁵.

* * *

Likuwa, a base de recepção da UNITA perto do Luengue, estava modificada. As cubatas eram maiores e mais espaçosas. Existia um refeitório especial, onde nos serviram um jantar que constava de arroz e guisado de antílope, regado por uma cerveja leve oriunda da Namíbia e por um bom vinho branco alemão. Porém, no exterior sentia-se a selva: uma leoa fora recentemente abatida após ter atacado um soldado da UNITA. Quando descemos para tomar banho, na deliciosa e límpida água de um rio, com o leito macio em areia, surgiu do canavial uma grande manada de palancas negras. As chuvas estavam a começar e o pôr do Sol apresentava-se esplendoroso, todavia sereno — numerosas nuvens cor de malva, púrpura, cor-de-rosa intenso e, absurdamente, verde.

Os campos de batalha tornavam-se também um palco de confrontos, cada vez mais violentos. Quando a UNITA invadiu o Calulo e a localidade próxima do Mussende, os meios de comunicação americanos especularam excitadamente acerca de um avanço iminente em direcção a Luanda, que poderia derrubar o MPLA⁶. Porém, o Governo contra-atacou com violência. Numa contra-ofensiva levada a efeito de 5 de Setembro até 24 de Outubro, dez brigadas de infantaria governamentais, apoiadas por pára-quedistas, aviões de combate, helicópteros e mais de 50 tanques, retomaram Calulo e Mussende. O Governo afirmou ter morto 600 resistentes durante a contra-ofensiva. A UNITA admitiu ter sofrido 82 mortos⁷. Quaisquer que tenham sido os números verdadeiros, este era um prelúdio ameaçador para a grande ofensiva da UNITA que Savimbi esperava que conseguisse persuadir a comunidade internacional da sua importância no futuro de Angola e da África Austral. No seu discurso, antes de tomarmos o rumo do Norte, Savimbi enfrentou a ofensiva com coragem, afirmando que assim como o MPLA estava determinado a defender a capital a todo o custo teria de ceder terreno noutros locais, especialmente em áreas onde a UNITA tencionava agora desferir ataques.

A primeira resposta de vulto da UNITA à contra-ofensiva do Governo aconteceu em 8 de Novembro, quando um *Boeing-737* das Linhas Aéreas de Angola, que descolava do Lubango, se espatifou a 1000 metros do fim da pista, matando todas as 126 pessoas que iam a bordo. A UNITA afirmou que o avião, que transportava recrutas do exército e uma companhia de 3.^a Brigada Motorizada do MPLA para Luanda, fora abatido por comandos de uma das suas forças especiais. O MPLA, por seu lado, disse

que o acidente fora motivado por uma falha técnica e que apenas se encontravam a bordo do avião dois oficiais⁸.

* * *

Avançámos para Norte em camiões *Ural*. Ao fim de três dias, estávamos 50 quilómetros a norte de Mavinga, num local chamado Kueyo, onde durante o último ano a UNITA instalara uma fazenda colectiva com 200 hectares, que produzia milho, sorgo, tabaco, feijão e uma variedade de vegetais. Em 12 de Novembro, tínhamos contornado a posição cubana, situada mais a sul, no Cuíto-Cuanavale, 300 quilómetros a norte da fronteira namibiana, e avançámos em direcção ao vale do rio Cuanavale, rumo ao Planalto Central. Cerca de 80 quilómetros a norte do Cuíto-Cuanavale deparámos com uma notável ponte com 40 metros de largura, que os engenheiros da UNITA haviam construído sobre o rio desde que eu lá estivera pela última vez, no princípio do ano. Esta havia permitido à UNITA abrir uma via inteiramente nova do «trilho de Savimbi», a oeste do Cuanavale, em direcção às áreas com mais densidade populacional do Planalto Central. Para permitir aos camiões chegarem à ponte, os engenheiros haviam assentado passadeiras feitas a partir de troncos de árvores firmemente encaixados sobre os pântanos que ladeavam o rio.

Tal como no princípio do ano, fomos escoltados por uma guarda pessoal constituída por aguerridas forças especiais, fortemente armadas e impecavelmente vestidas com fardas azul-marinho. Sempre que avistámos um antílope ou uma esbelta gazela, um dos atiradores abatia-a para o jantar dessa noite.

Nos dez meses desde a altura em que eu testemunhara a batalha de Cangonga, o «trilho de Savimbi» estendera-se 120 quilómetros para norte, de forma a que agora os camiões podiam chegar até mesmo junto do Caminho de Ferro de Benguela. Atingimos a linha férrea a 15 de Novembro, e nessa noite, antes de atravessarmos o caminho-de-ferro no dia seguinte, no início de uma marcha de três semanas, a UNITA anunciou ter invadido uma capital de distrito do MPLA, em Cangonga, na saliência leste de Angola, que sobressai entre a Zâmbia e o Zaire⁹.

A ofensiva de Savimbi começara.

* * *

Caminhámos durante doze dias, atravessando regiões completamente diferentes daquelas que eu antes havia conhecido em Angola. Deparei com morros altos e redondos, cobertos por mato e recortados por penhascos e ravinas, revestidas por cortinas de fetos verdes delicados. Quedas de água precipitavam-se de uma altura de 100 metros, do cimo dos planaltos. Entre os morros estendiam-se amplos vales, dos quais brotava um capim verde-esmeralda, resultante das chuvas que agora nos ensopavam regularmente. Parámos em aldeias, onde o povo nos roçou os ombros

com folhas de palmeira num comprimento tradicional e estendeu carpetes de folhas verdes sob os nossos pés. Um velho amigo, o coronel Smart Chata, um dos líderes da tribo Chokwe e secretário para a justiça da UNITA, encontrou-se connosco numa das aldeias. Smart Chata falava um inglês claro e admirável, proferido com todos os maneirismos discretos e refinados da melhor estirpe de um cavalheiro inglês. Por isso, foi uma surpresa e um prazer vê-lo transformado, ou assumindo a sua verdadeira personalidade, quando falou num comício no seu dialecto nativo, o chokwe — numa exibição genuína de incrível vivacidade e movimentos de corpo, que teriam como consequência a prisão de políticos na Grã-Bretanha, caso ousassem imitá-lo. Presenciámos danças de iniciação para rapazes e raparigas e observámos mulheres a pilar milho, cantando uma melodia tradicional com novas estrofes, embora pouco subtis: «Cubanos, têm de partir. Savimbi assim o diz.» Smart disse: «Nós encorajamos o povo a manter a sua cultura, porque a nossa cultura é o que nos torna africanos. Ao mesmo tempo incorporamos essa cultura nas nossas estruturas políticas.»

Numa das aldeias, Sawanga, o povo contou-nos como, em Agosto de 1982, o MPLA ocupara o seu povoado e outros vinte situados na área. O MPLA ficara durante quinze dias, em cujo período foram executadas 70 pessoas, com vista a desencorajar o tradicional apoio à UNITA. Não tinha voltado desde então. O chefe de Sawanga abraçou-nos amigavelmente e dúzias de pessoas vieram saudar-nos no *django**. Comemos galinha de churrasco e pequenos nabos em fatias e couve picada com sal e azeite, uma mudança bem-vinda, para fugir da dieta de rotina que consistia em arroz cozido e sardinhas enlatadas, que provocavam acessos regulares de diarreia. Mais tarde, os aldeões cantaram para nós, comparando-se na sua luta contra os Cubanos e os Soviéticos, sob o comando de Savimbi, ao povo de Israel ao ser conduzido para fora do Egipto. Em seguida, o velho chefe dançou para nós, com a sua saia tradicional, o chapéu de palha amolgado e sob uma velha sombrinha esfarrapada, imbuído, sobretudo, de autoridade.

* * *

Viajando connosco como intérprete, vinha o novo secretário de informação da UNITA, um homem encantador chamado Jaka Jamba. Jaka era um intelectual cujo grau académico (doutor em Filosofia) se baseava em determinada orientação da vida de Pascal. Ali, no meio da África «mais obscura», tomei conhecimento por intermédio de Jaka de um dos mais notáveis aforismos do filósofo francês do século XVII: *Le coeur a ses raisons que la raison ne connaît point* (o coração tem razões que a razão

* *Django* — recinto onde se reúnem os chefes e os mais idosos nas aldeias. Tradição ancestral africana. (N. do T.)

desconhece). Jaka disse-me que o seu maior desejo era, quando viesse a paz, ser professor de História Angolana. Apanhou laranjas pequenas da vegetação rasteira da mata e espremeu-as para nos mostrar a seiva da borracha em que se baseara o grande surto de borracha angolana no limiar do século. Este desenvolvimento rápido, que durou 30 anos, entrou em decadência por volta de 1910; porém, os benefícios que trouxe consigo foram suficientes para transformar o modo de vida dos Ovimbundu: de uma agricultura rotativa de subsistência eles passaram para um sistema financeiro forte e comércio de permuta.

* * *

Cento e vinte quilómetros a norte da linha férrea, entrámos no acampamento-base do brigadeiro Geraldo Nunda, o comandante, de 31 anos, da frente norte da UNITA. Tal como muitas outras bases da UNITA que eu visitara, esta estendia-se ao longo de muitos quilómetros quadrados. Tinha um campo de futebol, terreno para paradas militares, um teatro ao ar livre, de madeira, com telhado de capim, um centro de comando e comunicações e hospital, assim como as cubatas, em abrigo subterrâneo, para as tropas. Veredas em linha recta, claramente assinaladas por estacas bem polidas, ligavam as diferentes partes do acampamento. A toda a hora, a grande altura sobre as nossas cabeças, zumbiam aviões de transporte de fabrico soviético, *Ilyushin* e *Antonov*, que transportavam abastecimentos de Luanda para Luena, no Leste, onde as tropas cubanas e do MPLA estavam completamente isoladas por estrada e por caminho-de-ferro em resultado das actividades militares da UNITA. Encontravam-se na base três batalhões de tropas semi-regulares. Tinham cruzado o Caminho de Ferro de Benguela depois de a UNITA ter vencido a batalha de Cangonga a 11 de Fevereiro de 1983.. Ao cabo de nove meses, os batalhões haviam expulsado o MPLA de várias pequenas localidades, a surpreendente distância do acampamento-base.

Nas enfermarias do hospital — enormes cubatas feitas de madeira e capim, com camas de verga — falámos com alguns dos homens menos gravemente feridos na maior batalha da frente norte até essa data, pela posse da ponte sobre o rio Cuango.

A ponte, com 200 metros de comprimento, cruzava o Cuango, um grande afluente do imenso rio Congo, na estrada alcatroada que vinha de Luanda, a capital nacional, em direcção a Saurimo (antiga Henrique de Carvalho), capital da importante província das minas de diamantes da Lunda, no Nordeste, e à localidade de Luena (Luso), no extremo leste do Caminho de Ferro de Benguela.

Trezentos quilómetros a norte do Caminho de Ferro de Benguela, e apenas 100 quilómetros a sul da fronteira nortenha de Angola com o Zaire, a ponte do Cuango fora destruída em Setembro, o que explicava a ponte aérea que observámos estar a processar-se a partir de Luanda. Durante

a batalha pela captura da ponte, a UNITA reivindicou ter abatido dois caças *MIG-21* e dois helicópteros *MI-8*. A própria UNITA sofrera pesadas baixas: as várias dúzias de homens que vimos tinham ferimentos de balas e estilhaços nos braços, garganta e maxilares. Esperava-se que todos recuperassem e voltassem para o campo de batalha. Os que estavam mais gravemente feridos haviam sido transportados para hospitais mais sofisticados, a sul do caminho-de-ferro, dirigidos pelos Médicos sem Fronteiras.

* * *

A 23 de Novembro estava planeado um comício no terreno da parada. Convocaram-se as equipas dos mísseis *SAM-7* e estavam no local três canhões antiaéreos chineses de 12,7 mm. A atmosfera na base — bastante mais para norte do que os analistas exteriores interpretavam como sendo território do MPLA/Cubanos — era electrizante. Porém, assim que o comício principiou, rebentou uma espectacular tempestade acompanhada de chuva. A água desabava dos céus em fortes torrentes que fustigaram a terra e a ensoparam durante três horas, acompanhadas de espectaculares trovões e relâmpagos. O comício modificou-se: os batalhões modernamente equipados prosseguiram ainda com os seus exercícios militares, mas os executantes amontoaram-se logo de seguida à volta do pequeno pavilhão de capim, no qual eu estava sentado em companhia do brigadeiro Nunda. Do princípio ao fim da chuvada, desagradavelmente fria, e que nos ensopou por completo, eles cantaram e dançaram sem parar, e rebolaram-se com alegria na lama, como que querendo dizer-nos que nada nem ninguém poderia fazê-los parar.

* * *

A 24 de Novembro, partimos em direcção ao nosso objectivo, com a brigada de 200 homens. Marchámos ao longo dos limites da base, passámos pelos abrigos subterrâneos, onde se espalham caixas de munições vazias — obviamente haviam sido distribuídas há pouco novas munições. Os soldados já não vestiam as fardas bem alinhadas da parada: estavam vestidos com roupas esfarrapadas e sujas, bastante parecidas com o que deve ter sido o exército camponês de Wat Tyler*. Às suas costas e à cabeça levavam tubos e granadas de morteiro, lança-*rockets*, *rockets*, metralhadoras, farinha de milho, panelas para cozinhar e cobertores. Durante muito tempo ainda caminhámos ao longo de uma estrada abandonada, que estava a desaparecer e a ficar coberta de plantas rasteiras. Passámos por um povoado abandonado, que se estendia ao longo da estrada e onde as casas eram feitas de tijolos vermelhos de laterite. Nunda disse-nos ter sido em tempos um posto avançado do MPLA, até ser desocupado durante

* Wat Tyler — rebelde inglês que se opôs ao Governo por causa dos impostos; morreu em 1381. (*N. do T.*)

uma operação de guerrilha da UNITA em 1981. Agora as casas estavam sem telhado e as paredes estavam a desfazer-se pela acção das chuvas. Nessa noite, acampámos no cimo de um grande morro e, quando ouvimos o choro de bebés, demo-nos conta que tínhamos connosco carregadores mulheres que levavam os seus filhos às costas em porta-bebés e transportavam armas e munições à cabeça.

No dia 25 de Novembro, oito horas da luz do dia foram passadas transportando a brigada para o outro lado das cabeceiras do rio Cuango, em dois pequenos botes de borracha insufláveis e em duas pirogas de madeira (canoas indígenas). Nadámos no rio que fluía velozmente e admirámos um enternecedor bebé macaco que a brigada apanhara e adoptara como mascote. Uma enfermeira extraiu-me uma bitacaia do pé e fez-se um negócio de permuta com um pastor, por parte do seu gado: as cabeças de gado foram abatidas e transportadas para o outro lado do rio, em enormes e sangrentos pedaços, para o festim dessa noite.

No dia 26 de Novembro, ouvimos, através do *World Service* da BBC, falar da queda, nesse dia, da vila do Andulo, 100 quilómetros a norte do Bié, nas mãos de uma força da UNITA. Oito portugueses foram mortos em consequência do fogo cruzado e, segundo os números fornecidos mais tarde pela UNITA, foram mortos durante a batalha de três horas 29 militares do MPLA, 3 cubanos e 5 homens da UNITA¹⁰.

No dia 27 de Novembro, o brigadeiro Nunda contou-nos qual o seu alvo — o Alto Chicapa, uma vila com 5000 habitantes, cerca de 150 quilómetros a norte do Luena. Encontrámo-nos com a equipa do serviço secreto que tinha vindo a penetrar na vila com meses de antecedência. No chão da mata estava um modelo de areia, em larga escala, do Alto Chicapa. Os homens do serviço secreto assinalaram uma pista de aterragem para noroeste, duas torres de água e o gerador de energia eléctrica da municipalidade.

Arame farpado, em boas condições, cercava as casernas da polícia política no extremo sul do Alto Chicapa; arame farpado, em menos bom estado, protegia as casernas dos soldados, para norte. Estavam indicadas no modelo trincheiras defensivas, assim como uma série de casas civis para 4000 pessoas que, diziam os homens dos serviços secretos, eram partidários da UNITA. O total da força inimiga calculava-se ser de 700 homens. Tinham dois rádios. A última coluna de camiões de abastecimentos visitara a vila há cerca de sete semanas: os aldeões contaram que a moral do MPLA estava muito em baixo porque a comida era pouca e má e havia falta de roupas. Houvera deserções e alguns dos soldados do MPLA trocavam vestuário e balas por comida com a população local. Não havia lá cubanos. Os oficiais dos serviços secretos indicaram os nomes de todos os oficiais superiores do MPLA, os locais onde dormiam as tropas (nas trincheiras) e as alturas em que faziam paradas e comiam.

Nunda instruiu-nos sobre o seu plano de ataque. Às 10 horas, na noite anterior ao ataque, os soldados da UNITA iriam erguer uma tosca ponte

de madeira sobre um pequeno rio a noroeste do Alto Chicapa. Dois batalhões, cada um com 600 homens, iriam atravessar a ponte e colocar-se em posição, um para atacar a partir do oeste e o outro a partir do norte. O terceiro batalhão ficaria de reserva. Uma unidade de artilharia com 200 homens seria colocada a oeste do rio. Para além disso, 150 guerrilheiros da UNITA ali sediados iriam hostilizar os soldados do MPLA que retirassem em direcção ao sul. Existia uma possibilidade de intervenção aérea a partir de bases aéreas do MPLA em Luena e Saurimo. Para protecção, a brigada levava consigo mísseis SAM-7 e canhões antiaéreos de 12,7 mm. Porém, Nunda pensava que a batalha seria tão curta que não haveria tempo para receber apoio aéreo. «A moral do inimigo está muito em baixo e ao fim de uma hora estará tudo acabado», disse ele.

* * *

A 29 de Novembro, atravessámos o rio em companhia do brigadeiro Nunda, em direcção à parte ocidental do Alto Chicapa, quando principiou o ataque às 5 horas da manhã. Morteiros pesados e canhões esmagaram o fogo de artilharia. Da nossa posição, talvez a três quilómetros de distância, podíamos avistar eucaliptos e a torre principal da vila, no alto do morro, cujos contornos sobressaíam contra os primeiros alvares do sol-nascente. Então, ouvimos o estrépido do tiroteio das armas de infantaria em massa, ecoando por toda a vertente do morro. Cerca das 5 horas e 30 minutos da madrugada foi disparado um sinal luminoso branco, uma ordem para a artilharia suspender o bombardeamento, e por volta das 5 horas e 40 minutos o fogo de infantaria parara também. Atravessámos a ponte de madeira com Nunda e aproximámo-nos da vila a partir do norte, onde os mortos do MPLA juncavam o mato. Passámos por uma aldeia de barro e capim, perto do centro da vila. Duas cubatas ardiavam. Não se avistava viva alma, somente galinhas e cabras. Quando chegámos à rua principal, estavam já a ser interrogados por oficiais dos serviços secretos da UNITA soldados do MPLA, amarrados e com os olhos vendados. A maior parte da guarnição parecia ter fugido em direcção ao sul e ao oeste, antes de os atacantes chegarem ao centro, por que não se encontravam aí quaisquer corpos.

Enquanto David filmava soldados retirando armas e materiais úteis e destruindo as infra-estruturas, caminhei despreocupadamente e sem rumo por todo o Alto Chicapa. Outrora fora, como era óbvio, uma vila prazenteira, com elegantes vivendas no estilo colonial português, um hospital, um grande restaurante, onde, em tempos passados, os viajantes teriam talvez parado para saborear um guisado tradicional português, regado com garrafas de «vinho verde» gelado. Contudo, agora quase não existia mobiliário nestes edifícios. Não havia camas nas enfermarias do hospital e o soalho de uma delas estava coberto por poças de petróleo negro: na clínica, todo o enchimento do colchão do divã de consultas estava

a sair cá para fora e os medicamentos estavam espalhados em pilhas, todos misturados, no chão do aposento.

Ultimamente não havia electricidade no Alto Chicapa. O gerador, que viria a ser desmantelado e levado por técnicos da UNITA, estava em condições de funcionamento, porém não havia combustível que lhe permitisse funcionar. Porque não havia electricidade, também não havia água, que precisava ser bombeada para o cimo do morro: como resultado, todos os lavabos da cidade estavam entupidos, imundos e fétidos. Na rua principal existia um bebedouro municipal e nas proximidades uma piscina ao ar livre: ambos não funcionavam há muito. Nas casas, no hospital e no restaurante tinham feito fogueiras no soalho. Em muitos dos quartos estavam espalhadas latas vazias de carne de porco por entre cascas de mangas e bananas ainda verdes: não encontrámos qualquer indício da existência de cereais na cidade. Havia dois camiões da Alemanha Oriental, mas não tinham rodas. Nenhuma das outras peças de maquinaria que se encontravam à volta da vila, com excepção do gerador, estava em condições de funcionamento. Era um contraste completo com a eficiência dos acampamentos de Savimbi. A escola primária estava bem abastecida de lápis japoneses e checoslovacos e compêndios de aritmética, atractivos mas propagandísticos. («Se são precisas três balas para matar dois contrarrevolucionários, quantas serão precisas para matar quatro?») era uma das perguntas.) Algum trabalho fora feito, como mostravam os livros de exercícios. Porém, a qualidade do trabalho e as notas dadas pelo professor pareciam ser tristemente baixas.

Falámos com um dos prisioneiros. Ao que eles disseram, precisa ser acrescentada toda a cautela necessária quando se ouvem declarações de homens que temem pela sua vida, como eles seguramente temiam. Porém, o seu testemunho parecia corroborar o que os nossos próprios olhos viam.

O sargento André, o líder de 22 anos de idade de um pelotão de logística do MPLA, disse-nos: «Não sabemos por que estamos a combater, e os Cubanos não aceitam ficar connosco. Quando eles estão na vila, nós estamos nas trincheiras. Eles não nos mandam comida para cá porque não estão aqui cubanos nem alemães [de Leste]. Esta é a razão porque os soldados estão a desertar. Já houve três deserções no meu pelotão e cerca de 120 ao todo. Eles vão-se embora por causa da fome e, muitas vezes, sobrevivemos porque roubamos. Quando a população local nos apanhou a roubar, chegou algumas vezes a atacar-nos com arcos e flechas ou com armas.

Quando somos feridos, somos levados para o hospital, onde os médicos são cubanos, e fazem amputações pela ferida mais ligeira. Vi muitos homens com amputações desnecessárias. Os Cubanos geralmente não vão para a frente de combate. Eles tentam combater apenas em zonas onde existem diamantes.»

O tenente Bazuka, o comandante da guarnição do MPLA, dizia: «As relações entre os Cubanos e as FAPLA [o exército do MPLA] são bastante más. Eles não gostam de ir para a frente de combate. Preferem ficar nas povoações a seduzir as nossas mulheres. As FAPLA não conseguem obter diamantes para vender, só os Cubanos.»

* * *

Nunda disse-nos ter havido muito menos resistência do que esperara. Em parte isso acontecera porque apenas estavam 500 militares inimigos na cidade, contra os 700 sugeridos pelas unidades dos serviços secretos. Tinham morrido 25 militares do MPLA e foram capturados 11. Nenhum militar da UNITA foi morto ou sequer ferido. Entre os mortos estavam o comandante da polícia política local e o comissário político do MPLA, um homem chamado Bomba. As cartas encontradas no escritório administrativo do MPLA mostravam que, em 19 de Novembro, o infeliz Bomba escrevera aos seus superiores estacionados em Cucumbi, 80 quilómetros mais para norte, contando que a população local estava a comportar-se de forma muito estranha e com o mínimo de cooperação. Afirmava ter recebido uma carta da UNITA avisando-o de que tanto ele como os batalhões locais eram alvos: estava certo de que isto significava que a UNITA estava a planear qualquer acção.

Comparada com a primeira batalha que eu presenciara em Cangonga, o Alto Chicapa fora uma vitória fácil e completa — um martelo para partir uma noz. Foram capturadas muito poucas armas, — três morteiros de 82 mm, dois canhões *B-10* de 75 mm e 53 *Kalashnikov* — porém, Nunda estava contente por razões estratégicas. Podia agora fazer avançar a sua brigada mais para norte, em direcção à Província da Lunda. A lição mais importante que daqui retirara fora a baixa disposição moral da guarnição do MPLA: a UNITA precisava de intensificar a sua propaganda para tirar vantagem desse facto.

Deixámos o brigadeiro no Alto Chicapa, quando ele já discutia com os seus oficiais o local de uma nova base avançada para a brigada. «As nossas tropas ficaram desapontadas com a batalha», disse ele. «Sentem não terem sido verdadeiramente testadas e querem um alvo novo e mais importante a curto prazo. Vou ter de decidir-me por um.»

* * *

Na marcha de regresso encontrámo-nos com outro batalhão que caminhava rapidamente em direcção ao Norte e vinha reforçar a brigada do brigadeiro Nunda, na frente norte. Demorámos dez dias para cobrir os 200 quilómetros até ao Caminho de Ferro de Benguela, no Munhango, onde fomos guiados através de campos de minas, e observámos com enorme tristeza que depois da batalha que ali se travara, em 20 de Abril de 1983, a UNITA criara um cemitério de locomotivas, ateando fogo a

rockets antitanque colocados em oito antigas e airosas máquinas a vapor inglesas, com duplo tênder. «Beyer, Peacock and Co. Ltd., Manchester, 1930» diziam as palavras em ferro fundido encastoadas numa delas. Confortámo-nos com mangas maduras, apanhadas nos pomares à volta do Munhango.

* * *

Do Munhango, demorámos quatro dias de camião para voltar ao Luen-gue. Chegámos ao mesmo tempo que 36 reféns portugueses e canadiao-nos capturados durante a batalha do Cazombo, em 13 de Novembro. Fernando Moreira, um comerciante que trabalhara no Cazombo durante doze anos, afirmou terem estado estacionados na cidade 1000 militares do MPLA. A UNITA atacou às 7 horas da manhã: «O tiroteio durou cerca de uma hora, porém o MPLA perdeu a iniciativa ao fim de cinco minutos, e a maioria deles começou a fugir em direcção à Zâmbia.» (Na verdade, mais de 300 soldados e oficiais do MPLA, incluindo três governadores de distrito, registaram-se a eles próprios como refugiados no Noroeste da Zâmbia. Foram repatriados de avião, de Ndola para Luena, no decurso de uma operação que o Governo Zambiano tentou esconder da imprensa¹¹.)

Uma coluna de oito camiões governamentais, transportando armas e comida, chegara à cidade na noite anterior ao ataque, disse-nos Moreira. A UNITA capturou-os, assim como vários outros camiões e quatro tractores, grandes quantidades de armas e munições e um armazém atafuhlado de arroz, óleo alimentar, leite em pó, carne e sopas enlatadas.

Dois enfermeiras missionárias canadianas, Nora Draper e Marion Wilson, tinham sido levadas de Cazombo em companhia de 34 portugueses, numa caminhada de 650 quilómetros até às bases principais da UNITA no Sudeste. As missionárias haviam sido capturadas por tropas da UNITA numa clínica nos arredores de Cazombo, onde tratavam até 1000 camponeses pobres todos os dias. As canadianas, libertadas pela UNITA e transportadas de avião para a América do Norte na véspera de Natal de 1983, afirmaram não estarem à espera de ser atacadas, embora tivessem tido conhecimento de emboscadas regulares contra colunas do MPLA, em estradas a norte de Cazombo, e, no princípio do ano, todos os seus artigos pessoais vindos do Canadá se terem perdido numa emboscada da UNITA. Os Portugueses, porém, afirmaram ter conhecimento através da população local de que se encontrava na área uma grande força de UNITA e que estava iminente um ataque. Um deles até havia cavado antecipadamente uma trincheira no jardim.

Para a UNITA, a captura de Cazombo revestiu-se de grande importância. Assegurava o controlo de toda a extensão de 1100 quilómetros da fronteira angolana com a Zâmbia e significava que mais postos fronteiriços poderiam ser abertos, através dos quais os Zambianos teriam de

passar para comercializar com os Angolanos. Para além disso, a gente de Savimbi controlava agora 150 quilómetros de fronteira angolana com o Zaire, precisamente do lado contrário onde os instrutores militares israelitas haviam começado a treinar a divisão *Kamayola* do Exército do Zaire, com base na Província do Shaba. A partir dessa data cresceria a especulação de que o auxílio militar de Israel se dirigia também à UNITA.

* * *

Embora as canadianas tivessem sido rapidamente devolvidas ao seu país, as perspectivas para Rodolfo Esteves Lantegua de ver a sua Cuba natal num futuro próximo eram, como se torna evidente, muito escassas. Fomos encontrá-lo num campo para prisioneiros de guerra, em pleno mato do Sudeste de Angola, e disse-nos querer que nós, de alguma forma, transmitíssemos uma mensagem a Fidel Castro: «Quero afirmar que me encontro aqui capturado pela UNITA, mas continuo fiel aos ideais da revolução e de Che Guevara. Só a morte poderá fazer-me esquecer a revolução.»

O soldado Lantegua, de 34 anos, fora capturado perto do Huambo a 23 de Fevereiro de 1983, quando dois africanos que ele pensou serem soldados do MPLA lhe pediram boleia no camião militar que conduzia. Eram homens da UNITA.

Apesar da corajosa demonstração de desafio por parte de Lantegua, a sua moral estava em baixo. «O meu principal problema é que não houve qualquer palavra por parte do meu país. Isso faz-me pensar. Não compreendo por que razão o meu Estado não revelou o que pensa sobre a minha situação.» Porém, Lantegua acrescentou que preferia ficar prisioneiro durante vinte anos a renunciar aos seus ideais revolucionários. Em 1986 ainda era prisioneiro da UNITA.

* * *

Os 20 reféns checoslovacos em poder da UNITA que haviam ficado para trás quando os seus 43 parentes e companheiros foram repatriados no mês de Junho anterior eram menos revolucionários no seu entusiasmo. O seu porta-voz, Alexander Ivan, um homem tranquilo de maneiras cortesias, que falava inglês e português fluentemente, disse-nos: «Por vezes, sentimos que somos apenas peões num jogo político que nos ultrapassa em dimensão e em que não entram as condições humanitárias. Estamos muito pessimistas em relação ao nosso futuro. Se aqui permanecermos indefinidamente, receamos que nem todos de nós regressem a casa e os que regressarem não sejam de grande valia para as nossas famílias e para a nossa sociedade.»

Os checoslovacos eram mantidos dois em cada cubata, mas não era permitida a comunicação entre as cubatas. Não tinham rádios nem material de escrita e poucos livros: um deles já lera o livro de V. S. Naipaul *Among the Believers* por diversas vezes. A comida era sempre a mesma —

macarrão empapado e carne enlatada, antílope fresco uma vez por semana, sem fruta ou vegetais. Dez deles haviam tido hepatite e alguns paludismo. Um fora operado a uma hérnia dupla por um enfermeiro da UNITA. E um outro queixara-se, ironicamente, como Schweik: «O meu grande problema é se conseguirei sair daqui com os meus três últimos dentes ainda intactos.»

Alexander Ivan dizia: «Eles não estão certamente a tentar torturar-nos. Porém, um oficial disse-me que nós éramos co-responsáveis por todas as coisas que estão a acontecer na guerra civil. Disse-me também que um de nós ameaçara cometer suicídio, mas não sei quem possa ser porque raramente somos autorizados a reunirmo-nos.»

A 16 de Dezembro saímos de Angola pelo Luengue; porém, antes da partida tive um encontro de duas horas com Savimbi e discutimos a situação dos checoslovacos. Ele afirmou-nos que as condições para a sua libertação eram agora apenas a liberdade dos 36 homens da UNITA presos em Luanda e condenados à morte pelo MPLA. Todavia, a sua última tentativa para obter uma troca falhara: «A Cruz Vermelha Internacional foi a Luanda em Outubro passado e pediu para ver os 36 prisioneiros por nós indicados. O MPLA não conseguiu apresentar um único, portanto a conclusão tem de ser que eles estão mortos. Se eles estiverem mortos, nós podemos arranjar mais listas de pessoas que foram presas e continuaremos a arranjar listas até o MPLA concordar numa troca.»

Os reféns pediram-me um papel de carta, de forma a poderem escrever a Savimbi. Entreguei a carta a Savimbi e ele leu-a: «Por favor, faça tudo o que puder porque agora a nossa situação está a tornar-se extremamente difícil e queremos que tome uma iniciativa que obrigue as potências envolvidas a actuarem. As crianças da nossa terra ficar-lhe-ão agradecidas e esse gesto trazer-lhe-á também o respeito e a admiração da comunidade internacional.»

Savimbi franziu o sobrolho ao ler esta pouco provável perspectiva de súbita respeitabilidade internacional e suspirou: «Todos eles assinaram o pedaço de papel. É difícil. Por agora, temos de esperar por uma informação do MPLA sobre o que aconteceu aos 36 prisioneiros da nossa primeira lista. Porém, no fim teremos de pensar numa solução qualquer.»

* * *

Savimbi revelou os objectivos da sua ofensiva. Era um assalto duplo contra a Província de Luanda, no Noroeste, onde se situava a capital, e contra a Província da Lunda, no Nordeste, onde ficavam as minas de diamantes. Adicionalmente, era intenção da UNITA que as suas unidades avançassem o mais possível para Norte, de tal forma que por volta de Março-Abril de 1984 tivessem atingido a fronteira norte de Angola com o Zaire.

O objectivo político continuava a ser o de forçar o MPLA a entrar em negociações. «Porém, temos de avançar militarmente, de modo a persuadir o MPLA a conversar connosco», afirmou Savimbi. «Já identificámos, sem margem para dúvidas, uma facção no seio do MPLA que deseja negociar. Essa facção deseja ver partir os Cubanos. Isso resolveria o problema da Namíbia, porque os Sul-Africanos já disseram que partiriam quando os Cubanos partissem, e, mais especificamente, isso resolverá os problemas dos Angolanos. Essa facção do MPLA está a tornar-se cada vez mais forte. Estão em curso contactos entre nós e eles. A maioria dos nossos contactos são feitos através de Lisboa.»

Savimbi reafirmou que a lógica de uma retirada cubana era que a África do Sul não teria outra escolha senão abandonar a Namíbia. «Que desculpa darão eles depois aos Americanos quando estes tiverem alcançado metade do seu objectivo ao conseguirem uma retirada cubana? Os Sul-Africanos podem estar certos do veto dos Estados Unidos nas Nações Unidas contra sanções obrigatórias enquanto os Cubanos aqui estiverem, mas depois deles partirem os Sul-Africanos não poderão estar certos dele, a não ser que venham a concordar com alguns dos desejos da América.»

Savimbi assegurou que alguns dos Estados negros africanos da linha da frente reconheciam, confidencialmente, que era necessária uma retirada cubana de Angola, em paralelo com uma retirada da África do Sul da Namíbia. «Já não acreditam na afirmação de Andrew Young de que os Cubanos constituem um factor de estabilização na região. Embora a maioria destes Estados queira evitar uma ligação formal, eles querem alcançar uma solução simultânea dos problemas em Angola e na Namíbia.»

No avanço para Norte, Savimbi afirmou ter agora dez batalhões semi-regulares a operar a norte do Caminho de Ferro de Benguela. Porém, acentuou que os movimentos se dariam através de todo o território, tomando pequenas povoações, postos avançados, aldeias, e isolando o MPLA e os Cubanos em cidades maiores.

«Estamos a preparar-nos para o assalto às cidades», afirmou ele. «Há-de chegar a altura em que é politicamente importante começar a tomá-las; contudo, teremos de pagar um preço elevado em vidas humanas.»

CAPÍTULO XLIX

«OPERAÇÃO ASKARI»

1983-1984

A UNITA PROSSEGUIA o seu avanço para Norte quando a África do Sul efectuou mais uma incursão de grande envergadura a Angola. A «operação Askari» teve início a 6 de Dezembro de 1983, quando uma força de 10 000 homens da SADF atravessou a fronteira e começou o ataque a zonas de objectivo, na Província do Cunene, apoiada por vagas de caça-bombardeiros *Mirage* e *Impala*.

A «operação Askari» era ostensivamente uma ofensiva normal, no início da estação das chuvas, com o intuito de atingir a SWAPO nas suas bases dentro de Angola, antes que os seus guerrilheiros pudessem fazer a comum infiltração sazonal, a norte da Namíbia. Os Sul-Africanos penetrando pela fronteira, em grande número, com carros blindados e veículos blindados de transporte de tropas, traziam consigo os novos canhões móveis de artilharia, G-5 e G-6, de 155 mm, de uma precisão mortífera a uma distância de 40 quilómetros e com um raio de acção até 400 quilómetros, que a SADF afirmava ser o mais sofisticado sistema de artilharia de todo o mundo¹.

O general Constand Viljoen, novo chefe da SADF, reivindicou para si o êxito da operação. As suas forças tinham penetrado bastante para o interior de Angola e mantinham o controlo do território tão para norte como os morros de Tchamutete, sobranceiros a Cassinga, a 250 quilómetros da fronteira com a Namíbia; as tropas da SWAPO sofreram um total de 324 mortos; cerca de 100 soldados do MPLA foram mortos; foi capturado um cubano; destruídos 25 tanques soviéticos T-54 e PT-76, e foi também apreendido um sistema móvel de mísseis soviéticos SAM-7².

A própria SADF, porém, forneceu poucos pormenores da «operação Askari», que na realidade parece não ter corrido nada bem em diversas zonas, fazendo com que a África do Sul começasse a encarar sob um prisma

diferente a ameaça militar que representava a qualidade e o incremento reforçado de armas soviéticas em Angola.

O primeiro obstáculo surgira em Novembro de 1983, quando diplomatas soviéticos prepararam um encontro, no Hotel Algonquim, de Nova Iorque, com o embaixador sul-africano nas Nações Unidas, Kurt von Schirnding. Um satélite de reconhecimento soviético controlara as manobras militares sul-africanas que levaram à «operação Askari». Os soviéticos afirmaram a Von Schirnding que Moscovo não iria tolerar o desafio da SADF ao MPLA e aos Cubanos para além de um determinado limite. As regras de combate seriam alteradas, de forma a permitir contactos com a SADF no campo de batalha, e haveria um fornecimento reforçado de armas soviéticas por cada escalada sul-africana: ao MPLA seria dado todo o apoio que fosse preciso para lhe assegurar a permanência no poder.

Pik Botha, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, declarou que a África do Sul não se deixaria intimidar pelas ameaças soviéticas e a «operação Askari» prosseguiu — mas não como anteriormente fora planeada. O chefe dos Serviços Secretos Militares, general Van der Westhuizen, e o ministro da Defesa, Magnus Malan, queriam levar a cabo uma operação que se estendesse até Luanda, mas o chefe da SADF, general Jannie Geldenhuys, e o primeiro-ministro, Pieter Botha, rejeitaram esta pretensão, por a considerarem impossível em termos operacionais³.

A «operação Askari» falhou, até mesmo naqueles objectivos entretanto modificados. Mais de 1000 homens da força de 1400 homens da SWAPO, que procurava aniquilar, conseguiram fugir em direcção ao Norte, onde se sentiram a salvo; falhou também, de algum modo, por não terem conseguido concretizar uma das suas opções operacionais: a ocupação do Lubango, local onde se situava um centro militar provincial de operações; falhou, do mesmo modo, ao não conseguir destruir o que um oficial superior da Força Aérea Sul-Africana descreveu como «alvos verdadeiramente interessantes» — o cordão de mísseis avançados situados entre Moçâmedes e o Cuíto-Cuanavale —, porque os pilotos da África do Sul compreenderam que não tinham meios técnicos para levar a melhor perante os sistemas de mísseis guiados por radar que eram manobrados por técnicos soviéticos⁴.

Para além disso, as tropas blindadas do MPLA combateram com mais tenacidade do que se esperava. Num violento combate pela posse da vila de Cuvelai, 20 quilómetros para o interior de Angola, dois veículos de transporte de tropas foram atingidos por obuses disparados pelos carros de combate e morreram 21 sul-africanos, uma perda enorme, segundo os padrões da África do Sul, e que originou comentários desfavoráveis na imprensa local sobre os filhos «que morriam em campos de batalha distantes», sem que a opinião pública «tivesse meios independentes para avaliar os factos reais que envolviam tais operações»⁵.

Aparentemente desgastado com o grau de resistência, o primeiro-ministro Botha fez uma proposta, em meados de Janeiro, para retirar as suas forças do Sul de Angola a 31 de Janeiro, desde que o MPLA e a SWAPO se comprometessem a não tirar partido dessa retirada. A princípio, o MPLA recusou a proposta, mas, a 16 de Fevereiro de 1984, foi assinado, na capital da Zâmbia, o Acordo de Lusaca, pelos ministros dos Negócios Estrangeiros Pik Botha e ministro angolano do Interior, Alexandre «Kito» Rodrigues, sob o olhar atento de Kenneth Kaunda e Chester Crocker.

A paz, ou uma espécie de paz, surgira. O Acordo de Lusaca, nunca publicado, apontava para uma retirada programada das tropas da SADF da área que estas tinham anteriormente ocupado no Sul de Angola. O MPLA, por seu lado, comprometeu-se a fazer retirar a SWAPO dessa área e a garantir que, no futuro, não penetrariam naquele local tropas cubanas ou da SWAPO. A Comissão Conjunta de Fiscalização (Joint Monitoring Commission — JMC), composta por três companhias da SADF e outras três do MPLA, ficariam ali estacionadas para assegurar o cumprimento do acordo e prevenir quaisquer eventuais violações do mesmo. O seu centro de operações ficaria instalado, em princípio, no Cuvelai e recuaría posteriormente em cinco etapas programadas até à fronteira de Angola com a Namíbia⁶.

* * *

Um mês mais tarde, em 17 de Março de 1984, ao Acordo de Lusaca seguiu-se a assinatura do Acordo de N'Komati, entre a África do Sul e Moçambique; mais um acordo de paz segundo o qual os dois Governos acordaram em cooperar de uma forma mais intensa no âmbito dos interesses económicos, comprometendo-se a deixar de abrigar e treinar movimentos de guerrilha que se opusessem aos respectivos Governos dos dois países.

CAPÍTULO I

SAVIMBI INSISTE

1984

ENQUANTO A PAZ ou, pelo menos, uma promessa de paz se vislumbrava algures na região, a UNITA aumentava o impulso do seu avanço para Norte, que tivera início com as batalhas por Cazombo, Andulo e Alto Chicapa.

No meu caminho de regresso para Sul, vindo do Alto Chicapa, o coronel Ben-Ben Arlindo Pena contou-me ter estado desde há vários meses a concentrar as suas forças à volta da povoação do Cuemba, no Caminho de Ferro de Benguela, bombardeando-a e emboscando colunas, à medida que estas entravam ou saíam. Tencionava atacar a povoação, mas não podia dizer quando. Tinha de tomar em consideração o facto de que o MPLA estava à espera de um ataque e estava a fazer avançar reforços regularmente.

Na verdade, o cerco de Cuemba era uma simulação para um ataque a uma povoação situada a 100 quilómetros para oeste, ao longo da via férrea, Nova Sintra, que os homens dos serviços secretos da UNITA estudaram durante meses, enquanto os homens de combate não a importunaram. Em seguida, dois batalhões, sob o comando de Ben-Ben, avançaram rapidamente numa série de marchas nocturnas e a UNITA invadiu Nova Sintra, num ataque na madrugada do dia 24 de Janeiro de 1984. Estava com a UNITA uma equipa da televisão portuguesa para filmar a acção¹. Foi uma utilização clássica por parte da UNITA da arma da surpresa.

Todavia, um estratagema militar ainda mais audacioso e elaborado do que o de Ben-Ben, em Cuemba, Nova Sintra, estava em curso na frente norte do brigadeiro Geraldo Nunda.

Depois de o ter deixado no Alto Chicapa, Nunda descobrira rapidamente mais um alvo para a sua brigada, ansiosa por combater. Cacolo, na estrada alcatroada através do Norte de Angola, de Luanda para Sauro, situa-se 100 quilómetros a norte do Alto Chicapa. Foi tomada pela

brigada de Nunda a 18 de Dezembro de 1983. Três padres missionários (um polaco, um brasileiro e um filipino) e cinco freiras missionárias (uma japonesa, duas portuguesas, uma espanhola e uma italiana) foram levados da cidade e subsequentemente foram transportados de avião pelo ICRC para os seus países de origem.

Depois de Cacolo, mesmo na orla das áreas das minas de diamantes da Província da Lunda, a lógica era que o próximo ataque de Nunda seria desferido dentro dos limites dos campos diamantíferos da Lunda. Lógico porque Savimbi afirmara abertamente ser esse o seu objectivo, porque os campos se situavam a grande distância de Luanda e porque 75 por cento da produção de diamantes do país estava aí concentrada. Os outros 25 por cento localizavam-se numa única mina, o Cafunfo, 250 quilómetros a noroeste de Cacolo, perto da fronteira com o Zaire.

Cafunfo era um alvo menos provável. Situava-se a 1100 quilómetros do quartel-general de Savimbi em Jamba; os trabalhadores cooperantes ingleses, portugueses e filipinos que lá se encontravam estavam protegidos por antigos membros do excelente Regimento Britânico SAS*, e, precisamente no mês de Setembro anterior, o embaixador britânico em Angola, Marrack Goulding, visitara a mina e assegurara aos seus compatriotas que aí se encontravam que a UNITA era incapaz de a atacar².

A 23 de Fevereiro de 1984, a brigada de 2500 homens de Nunda — os três batalhões com quem eu estivera no Alto Chicapa, mais o que eu vira marchando rapidamente em direcção ao Norte para se reunir à frente norte — invadiu Cafunfo. O combate começou às 5 da madrugada e durou apenas cinquenta minutos. Segundo testemunhas oculares estrangeiras, o MPLA ofereceu pouca resistência e a maioria das tropas fugiu. Foram mortos 20 militares do MPLA e 8 mineiros filipinos. A brigada de Nunda partiu com 106 reféns — 16 ingleses, 4 deles antigos homens do SAS; 40 portugueses, incluindo 5 mulheres e 4 crianças; 50 filipinos, um dos quais foi transportado durante todo o caminho devido a um ferimento de bala num pé³. Durante 32 dias os reféns avançaram lenta e penosamente até ao Caminho de Ferro de Benguela. Mais uns quatro dias de camião pelo «trilho de Savimbi» trouxeram-nos até Jamba, onde foram mantidos sob guarda armada.

Savimbi disse que os portugueses e filipinos seriam incondicionalmente libertados; porém, outras concessões viriam a ser necessárias de algum lado para obter a libertação dos ingleses. Com os 36 homens da UNITA detidos em Luanda que se acreditava estavam mortos, não existia aí qualquer vantagem. O MPLA movimentava-se agora rapidamente no sentido de afastar qualquer outro ponto de influência e também para pôr a Grã-Bretanha em dívida para consigo — poucos dias após o ataque ao Cafunfo

* SAS (Special Air Service) — brigada militar de forças especiais para missões específicas. (N. do T.)

foi anunciada a libertação, pedida 28 vezes pelo Governo de Londres⁴, embora nunca exigida pelo público britânico, dos sete mercenários britânicos aprisionados em Luanda desde 1976.

A UNITA tinha razões de sobra para estar zangada com a Grã-Bretanha. Savimbi avisara Londres, com meses de antecedência, de que os ingleses que trabalhavam a contrato com o MPLA estavam sujeitos a serem mortos ou feitos prisioneiros à medida que a guerra se intensificava. A resposta do ministro dos Negócios Estrangeiros responsável por África, o senhor Malcom Rifkind, devia intencionalmente ignorar a UNITA, a conselho do mal informado embaixador Goulding. Em Novembro de 1983, Rifkind visitou Luanda, falou nas boas perspectivas de comércio bilateral e prometeu ao MPLA que uma delegação comercial britânica de alto nível visitaria Angola no início de 1984. «Ficámos seriamente ofendidos quando o senhor Rifkind foi à rádio e à televisão dizer que a UNITA não era nada», disse Savimbi⁵.

A equipa da Câmara de Comércio Britânica de Além-Mar, liderada por lorde Jellicoe, chegou a Angola em Fevereiro de 1984, para a missão de reconhecimento comercial de Rifkind. O namoro do Foreign Office (Ministério dos Negócios Estrangeiros inglês) a Luanda quase se assemelhava a uma palhaçada. Ao mesmo tempo que a missão de Jellicoe se encontrava em Angola, a UNITA estava a concentrar-se para o ataque ao Cafunfo. Enquanto a Jellicoe e aos seus colegas britânicos era servido um bom vinho ao jantar, na Província de Benguela, onde eles acentuaram a forma como a Grã-Bretanha poderia cooperar com o MPLA num vasto âmbito de actividades, incluindo as telecomunicações, o Governo Angolano estava ocupado, no vizinho Huambo, a executar por um pelotão de fuzilamento um jovem trabalhador das telecomunicações, Isafas Nangolo. Fora condenado por transmitir informações sobre telefonemas governamentais à UNITA. A Amnistia Internacional, cada vez mais preocupada com o facto de que muitos dos réus em julgamentos políticos angolanos teriam sido condenados com base em declarações obtidas sob tortura, enviou uma mensagem ao Presidente Eduardo dos Santos exprimindo a preocupação de que, contrariamente aos direitos instituídos na lei angolana, Nangolo não fora autorizado a apelar para um tribunal de outra instância⁶.

Numa entrevista, pouco depois da chegada dos reféns a Jamba, Savimbi descreveu em linhas gerais a sua política: «Embora nós tenhamos capturado os reféns, a Inglaterra já disse que nunca por nunca conversará com a UNITA. Se é essa a sua atitude, então os reféns ficarão cá. Eles estão em boas mãos, mas se a Inglaterra não conversar connosco eles ficarão cá durante um ano ou dois ou o tempo que for necessário. A situação entre a Grã-Bretanha e nós é crítica. Por que razão a Grã-Bretanha, que é uma democracia antiga, tem mais escrúpulos em falar com a UNITA quando, por outro lado, se apressou a reconhecer os marxistas que estão

em Luanda? É absolutamente irónico... As acções contra os interesses britânicos em Angola prosseguirão, a não ser que eles tomem em consideração este aviso. Estamos em situação de guerra e não podemos continuar a permitir que eles prestem ajuda e assistência ao nosso inimigo, apoiado pelos Soviéticos e pelos Cubanos⁷.»

* * *

Encorajado ainda na sua ousadia pela visita a Jamba, em Fevereiro de 1984, do antigo secretário de Estado dos Estados Unidos, Alexander Haig, que assegurou a Savimbi que Washington procurava uma solução regional de paz que incluísse a UNITA⁸, e pela visita, três semanas antes, de dois funcionários civis do Departamento de Estado e do senador republicano dos Estados Unidos Steve Symms, a UNITA empenhou-se num dos seus mais ambiciosos ataques até então.

A 20 de Março, uma força de 5000 homens da UNITA, composta por duas brigadas, atacou a cidade costeira de Sumbe (antiga Novo Redondo), capital da Província do Cuanza Sul, cerca de 150 quilómetros a norte do Lobito. Segundo a UNITA, perto de 300 defensores foram mortos no ataque, 4 técnicos búlgaros e 10 portugueses foram feitos reféns, diversos edifícios foram destruídos, incluindo a estação provincial de radiodifusão e 1200 simpatizantes da UNITA foram libertados das prisões da cidade⁹.

Os serviços secretos ocidentais concluíram que Sumbe não fora um êxito para a UNITA. Entre as armas que estavam actualmente a ser entregues pela União Soviética ao MPLA encontravam-se os modernos caças-bombardeiros *MIG-23* e os helicópteros blindados com metralhadoras *MI-24*, do tipo que estava a provocar um massacre entre os rebeldes das tribos do Afeganistão e que demonstraram ser quase impossíveis de abater. Formações destes helicópteros estavam agora a entrar na guerra e apanharam as forças da UNITA em campo aberto próximo de Sumbe, infligindo-lhes pesadas baixas, como evidenciado pelos 42 soldados que a UNITA admitiu terem morrido, juntamente com os 103 feridos e 7 desaparecidos. A versão do MPLA desta batalha estava provavelmente perto da verdade, diziam estas fontes dos serviços secretos.

O relato do MPLA contava que a UNITA, após um sucesso inicial em Sumbe, retirou com grandes dificuldades. As equipas de morteiros da UNITA, em posição nos morros arborizados por detrás do porto, haviam desferido o ataque e os homens de infantaria da UNITA penetraram em seguida na cidade. O MPLA confirmou que a UNITA capturara técnicos búlgaros e portugueses e que a prisão da cidade fora atacada, «daí tendo resultado a fuga de 486 criminosos de delito comum que estavam a cumprir penas justamente merecidas». Foi destruído o equipamento existente na escola agrícola local e no armazém do Departamento de Educação e foram mortos três membros superiores da administração local do MPLA.

Porém, por volta do meio-dia, as tropas governamentais haviam forçado as brigadas da UNITA a retirar para uma plantação de cocos fora da cidade. A partir de então, a retirada das colunas da UNITA fez-se sob ataques constantes¹⁰.

* * *

Em Cafunfo e no Sumbe a UNITA alcançou dois pontos altos no seu avanço militar para Norte. A partir de agora, os *MIG-23* e *MI-24* do MPLA, e outro equipamento sofisticado oriundo da União Soviética, iriam gradualmente alterar o curso da guerra. Os homens de Savimbi continuariam a alcançar sucessos militares, especialmente sempre que operavam em formações clássicas de guerrilha; porém, doravante, considerável energia e muitas vidas seriam despendidas na defesa dos baluartes da UNITA no Sul-Sudeste contra um MPLA cuja moral e esperanças se tinham elevado em consequência da melhoria do seu equipamento e do treino militar.

* * *

Depois da assinatura do Acordo de Lusaca, o MPLA, liberto de uma confrontação militar directa com a África do Sul, transferiu três brigadas de infantaria motorizadas da Província do Cunene para Luena, com vista a preparar-se para uma ofensiva de vulto contra a UNITA. Esta teve início em Maio e terminou em Julho. Muito poucas notícias foram divulgadas sobre a ofensiva, por cada um dos lados, não só porque o MPLA não conseguiu alcançar os seus objectivos mas também porque a UNITA sofreu baixas sem precedentes ao resistir ao avanço do MPLA. «Em Julho, ambos os lados tinham combatido entre si até serem obrigados a parar», disse um dos oficiais dos serviços secretos ocidentais. «Morreram muitas centenas de militares da UNITA e do MPLA e também alguns cubanos.»

A UNITA admitiu, confidencialmente, terem morrido 300 dos seus homens e 1100 ficado feridos ao repelirem uma força governamental constituída por 15 000 homens, apoiada por 200 tanques, caças-bombardeiros *MIG-23* e helicópteros equipados com metralhadoras *MI-24*. Num combate em Leua, um pouco a leste de Luena, o MPLA reivindicou ter morto 340 resistentes da UNITA¹¹.

Durante este período, as perspectivas de um acordo político entre o MPLA e a UNITA pareciam cada vez mais remotas. O Presidente Eduardo dos Santos acentuou estar agora a procurar uma solução militar, quando num comício, em Junho, disse: «Não temos outra alternativa senão liquidar a UNITA¹².»

A fuga em massa da infantaria motorizada do MPLA e dos Cubanos, de Luena para Cazombo e Gago Coutinho, teve de confrontar-se com dezasseis batalhões convencionais da UNITA, a operar em posições concentradas. Contudo, quando os seus homens sofreram terríveis baixas provocadas pelos ataques dos *MIG-23* e dos *MI-24*, Savimbi ordenou aos seus

comandantes que dividissem os batalhões em grupos de 200 soldados ou menos, para desferirem ataques constantes de surpresa de tática de golpes de mão contra as colunas do MPLA pouco desembaraçadas e em avanço lento. O MPLA conseguiu chegar a pouca distância do Cazombo, mas, a 27 de Julho, as suas colunas, bastante mal tratadas, começaram a retirar em direcção a Luena.

Uma outra ofensiva do MPLA foi desferida em Agosto, em direcção a Mavinga, a partir do Cuíto-Cuanavale, e em direcção ao Munhango, a partir de Luena. A UNITA admitiu ter sofrido mais 74 mortos e 370 feridos antes de esta ofensiva ter falhado, em Setembro¹³. Num único período, entre 31 de Agosto e 12 de Setembro, o MPLA afirmou ter morto 300 soldados da UNITA¹⁴.

* * *

Ao mesmo tempo que os combates se intensificavam e que novos reféns estrangeiros eram acrescentados à presa da UNITA, os vinte checoslovacos permaneciam encarcerados no seu remoto acampamento nas matas, em território da UNITA. Porém, sem eles o saberem, tinham começado a decorrer negociações para a sua libertação em 25 de Janeiro de 1984, na residência em Bruxelas de um jornalista belga, Jean Wolf, que por acaso conhecia bem tanto a UNITA como a Checoslováquia.

Três oficiais da UNITA e o embaixador da Checoslováquia na Bélgica, o senhor Jaroslav Kvacek, iniciaram uma série de negociações que terminaram com a visita a Praga, de 5 a 8 de Maio, de um membro do Comité Central da UNITA, Wilson dos Santos, para assinar com o adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Checoslováquia, Stanislav Svoboda, um acordo para o repatriamento dos reféns¹⁵. Os jornais em Praga anunciaram as conversações e disseram que a UNITA estava a lutar por um governo de unidade nacional em Angola — a grande distância, observou o *The Times*, de Londres, da comum descrição da UNITA como «fantoches apoiados pela África do Sul»¹⁶.

Os termos do acordo foram mantidos secretos, mas a UNITA, a instâncias da África do Sul e dos Estados Unidos, foi forçada a recusar uma primeira oferta de armas por parte de Praga em troca dos reféns. O acordo incluía um compromisso por parte dos Checoslovacos no sentido de retirarem o seu pessoal de todas as partes de Angola, excepto de Luanda, e uma promessa de enviarem a Jamba um alto oficial do Governo para receber os reféns no dia da sua libertação.

Todavia, antes de Praga se submeter à humilhação em Jamba, coube primeiro à Grã-Bretanha fazer o mesmo. Em vista de um outro acordo, cujos pormenores essenciais foram mantidos em segredo, a Grã-Bretanha enviou Sir John Leahy, chefe do Departamento Africano do Foreign Office, a Jamba, para receber os dezasseis reféns do Cafunfo, numa cerimónia realizada à meia-noite do dia 12 de Maio. Alguns dos oficiais mais pre-

sunçosos do Foreign Office encararam esta excursão como humilhante e de mau gosto. «Ópera-bufa com cenário na selva», observou um deles com desprezo¹⁷.

Sir John assistiu a uma parada militar e manteve conversações durante três horas com Savimbi, no decurso da sua estada de 48 horas, tendo dormido numa das cubatas para convidados da UNITA, com telhado de capim. Savimbi pediu a Sir John que transmitisse um aviso ao Governo Britânico de que outros ingleses a trabalhar com o MPLA estavam em risco, por causa da actividade da UNITA no Norte de Angola. Durante a cerimónia de boas-vindas, disse a Sir John: «Procuramos a paz e a reconciliação em Angola, tal como fizemos em 1974. Vamos continuar com as nossas armas firmemente empunhadas e manter os nossos corações abertos ao diálogo¹⁸.»

O correspondente do *The Times*, de Londres, na África Austral observou que o oficial britânico, lacónico e pouco à-vontade, à sua chegada à «toca» de Savimbi, sucumbiu ao atractivo de Savimbi e no seu discurso de despedida foi fastidioso no seu elogio das «grandes qualidades de liderança e estilo pitoresco de Savimbi». Afirmou ter-lhe sido sugerido antes de partir da Grã-Bretanha que era degradante ter de ir pedir a libertação de cidadãos britânicos. «Não tive de pedir nada hoje e, se isto é humilhação, posso suportar muitas mais ainda», afirmou ele ao som de aplausos, cantares e danças dos Africanos¹⁹.

Um dos reféns britânicos, que partiu para Londres em companhia de Sir John, contou aos repórteres: «Aposto que nós fomos os hóspedes mais bem tratados em parte alguma do mundo.» Um outro, referindo-se às garantias dadas por Marrack Goulding de que o Cafunfo era absolutamente seguro, disse: «Nós só ficamos por causa de todas essas garantias. Sabemos agora, claro, que o conselho era erróneo²⁰.»

* * *

Numa demonstração incrível de apreciação de mérito por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros inglês, Marrock Goulding foi recompensado peio seu fracasso angolano ao ser nomeado como adjunto do secretário-geral das Nações Unidas. O desafortunado Sir John Leahy, que levava a cabo a difícil tarefa que a UNITA pedira, a princípio, que fosse realizada por Malcom Rifkind, foi punido pelas observações entusiásticas que proferiu durante a sua estada em Jamba: foi rapidamente afastado das suas responsabilidades em relação a África, em Londres, e enviado para um exílio distante, como alto-comissário britânico na Austrália.

* * *

Foi o próprio Stanislav Svoboda, cujo apelido significa «liberdade», que veio até a Jamba para apresentar cumprimentos a Savimbi e levar para casa os restantes vinte reféns checoslovacos, a 22 de Junho de 1984,

quinze meses após eles terem entrado em cativeiro. Um dos checoslovacos disse aos repórteres, ao entrar no avião com destino a Praga: «Temos de ser justos. Não fomos torturados ou espancados, nem nos negaram comida, mas mesmo assim foi difícil de suportar²¹.»

Antes de o senhor Svoboda partir em companhia dos reféns, todos assinaram documentos, tal como os ingleses haviam feito antes deles, prometendo não voltar a Angola até a guerra estar terminada²².

* * *

Apesar das ofensivas do MPLA no Sul-Sudeste do país, as forças de Savimbi continuavam a atacar de surpresa em locais inesperados. Entre muitos ataques, os seguintes foram os mais impressionantes: a 19 de Abril de 1984, um membro da UNITA na clandestinidade estacionou um camião, contendo 350 quilogramas de explosivos, à porta de uma hospedaria situada na rua principal do Huambo, ocupada por cubanos e soviéticos. Explodiu ao princípio da tarde, provocando mais de 200 mortos, incluindo 37 oficiais cubanos e 3 tenentes-coronéis soviéticos, segundo fontes da UNITA, que afirmou que a operação fora levada a cabo com a cooperação de oficiais do MPLA «descontentes com a ocupação cubana de Angola». A agência noticiosa soviética Tass informou a partir de Luanda que cerca de 100 pessoas, incluindo mulheres e crianças, tinham morrido no «monstruoso crime» no Huambo: não mencionava vítimas soviéticas ou cubanas. A Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), numa terceira versão do atentado bombista, disse que o camião armadilhado matara 24 pessoas, incluindo «14 internacionalistas cubanos, dos quais todos tinham trabalhado nos sectores de educação, saúde ou construção». A ANGOP acrescentou ainda: «Os criminosos terão de responder pelo seu crime. Sere-mos impiedosos na aplicação da justiça revolucionária.» O jornal diário oficial de Havana, *Granma*, dizia que, para além dos 14 mortos, 66 cubanos ficaram feridos. «Uma vez mais, um grupo de abenegados trabalhadores cubanos da construção ofereceu generosamente as suas vidas no cumprimento do dever de ajudar o desenvolvimento económico e social de outros povos», dizia o periódico²³.

No dia 12 de Junho, a UNITA atacou Quibala, 280 quilómetros a sudeste de Luanda, e capturou mais um punhado de estrangeiros — três missionários protestantes americanos, dois homens de negócios americanos e seis missionários colombianos e portugueses²⁴. Rapidamente, o Departamento de Estado norte-americano chegou a acordo com a UNITA sobre a libertação incondicional de todos os reféns, através do ICRC, assim que estes completassem a marcha de 1200 quilómetros até a Jamba.

No dia 18 de Junho, a UNITA revelou ter atacado um comboio a 180 quilómetros de Luanda, na via férrea Luanda-Malanje, matando 134 pessoas. O MPLA confirmou as perdas em mortos, porém acusou a UNITA de fazer propaganda cínica de um acidente, no qual sete carruagens

descarrilaram e ficaram destruídas, quando o maquinista entrou numa curva a 65 quilómetros por hora em vez de à velocidade limite de 45 quilómetros por hora²⁵.

A 12 de Julho, a UNITA desferiu o seu primeiro ataque ao enclave de Cabinda, produtor de petróleo. A UNITA afirmou ter destruído um oleoduto, ter morto 22 pessoas e ferido 50. O MPLA disse terem morrido 10 pessoas, terem sido destruídos 200 metros de oleoduto, propriedade da Gulf Oil Company dos Estados Unidos e terem-se perdido 42 000 galões (190 927 litros) de petróleo bruto. A UNITA afirmou estar a planear ter um grupo pioneiro de 250 soldados permanentemente estacionado em Cabinda no final de 1984 e surgiram relatórios dizendo que Marrocos, Israel, a África do Sul e os Estados Unidos estavam a fornecer armas e munições à UNITA para a sua tentativa de penetração em Cabinda, a partir da cidade portuária zaireense de Matadi, na foz do rio Congo²⁶.

A 27 de Julho, afirmava a Lloyds de Londres, dois navios, um alemão oriental e outro angolano, tinham ficado seriamente danificados no porto de Luanda. A UNITA reivindicou terem os seus comandos minado os navios e a Lloyds, que fiscalizava todos os movimentos de navios no mundo inteiro, confirmou que a embarcação alemã oriental, de 5650 toneladas, *Arendsee* estava metade submersa depois de duas minas terem destruído a sala das máquinas. O barco angolano, de 9076 toneladas, *Lundoge* estava a ser reparado, após uma mina lhe ter aberto um rombo no casco ao rebenatar. A UNITA afirmou que o *Arendsee* tinha descarregado carros blindados e outro equipamento militar no porto do Lobito antes de se fazer ao mar com destino a Luanda: a Lloyds confirmou que a embarcação tinha descarregado carga no Lobito²⁷.

A 28 de Setembro, uma força especial de comandos da UNITA penetrou na área do porto do Lobito e destruiu sete locomotivas a gásóleo e o mecanismo principal de sinalização de caminho-de-ferro, num ataque admitido apenas 26 meses mais tarde pelo MPLA, no seu II Congresso, realizado em Luanda em Dezembro de 1985²⁸.

* * *

Ao longo de todo o ano de 1984, e não obstante o Acordo de Lusaca entre o MPLA e Pretória, Savimbi teve um abastecimento de armas e outros materiais através e provenientes da África do Sul. Um oficial dos serviços secretos dos Estados Unidos disse-me que, em 1983, o índice de entregas de armas sul-africanas à UNITA triplicara. Em Dezembro de 1983, eu visitara a principal base logística de Savimbi, próximo de Luengue, que recebia os abastecimentos, e verificara que se tornara num local fantástico. Uma avenida em linha recta, com um quilómetro de comprimento, estendia-se atravessando o centro do povoado; a avenida estava marginada, de ambos os lados, por postes de aço, condutores de electricidade e fios

telefônicos; enormes armazéns de madeira, capim e betão orlavam a avenida, de cada lado, e estavam em curso os trabalhos para a construção de um estádio coberto de basquetebol, profusamente iluminado.

O índice de entrega de abastecimentos sul-africanos aumentou provavelmente em 1984 e quaisquer dúvidas remanescentes acerca da existência de relações estreitas entre a UNITA e a África do Sul foram afastadas no dia 14 de Setembro de 1984, quando Savimbi foi o único líder negro africano a assistir à cerimónia da tomada de posse do primeiro-ministro Pieter Botha como novo Presidente da África do Sul. A ascensão de Botha coincidiu com a introdução de uma nova constituição que, pela primeira vez, deu assento aos políticos de cor e indianos no Gabinete Ministerial Sul-Africano.

Até mesmo os amigos de Savimbi pensaram que a sua viagem à Cidade do Cabo fora um erro político. Porém, os seus adjuntos ao mais alto nível afirmaram que a viagem fora cuidadosamente ponderada: Savimbi acreditava que «qualquer» tentativa para reformar o sistema político na África do Sul devia ser encorajada e quando ele, com muita calma, visitou os líderes do Quênia, da Costa do Marfim, Marrocos, Togo e Zaire, estes aconselharam-no, passado o rescaldo dos Acordos de Lusaca e N'Komati, a deslocar-se à Cidade do Cabo para assistir às cerimónias. Esperavam que Moçambique e outros Estados, tais como o Malawi e a Suazilândia, se fizessem representar. Em conclusão, Savimbi deu consigo como sendo a única presença africana, e teve simplesmente de fazer o melhor de um caso perdido.

De qualquer modo, ele havia já estado na Cidade do Cabo em Maio de 1984, para conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros Pik Botha e Chester Crocker. Supõe-se que os três homens discutiram as maneiras de se intensificar a pressão sobre o MPLA de forma a obrigá-lo a vir à mesa de negociações, na base das retiradas cubana/sul-africana de Angola/Namíbia²⁹.

Uma demonstração prática desta pressão surgiu em Julho, quando a África do Sul suspendeu a sua retirada de Angola, alegando que o MPLA estava a infringir o Acordo de Lusaca, porque os combatentes da SWAPO estavam a movimentar-se em direcção a áreas deixadas vagas pela retirada das tropas sul-africanas. Surgiram também as primeiras referências a uma nova exigência sul-africana — de que não só era necessário que as tropas cubanas abandonassem Angola para assegurar a independência da Namíbia como também o MPLA teria de concordar em fazer parte de um governo de coligação com a UNITA. O ministro sul-africano da Justiça e da Lei, Louis Le Grange, aumentou as pressões neste sentido quando afirmou que o seu governo havia identificado em Angola cinco bases de treino separadas do Congresso Nacional Africano (ANC), a oposição política fora da lei ao Governo de Pretória de minoria branca³⁰.

* * *

O Presidente Eduardo dos Santos deu mostras da sua disposição para negociar quando, em Outubro, demitiu o ministro dos Negócios Estrangeiros, da «velhaguarda» e da linha dura pró-Moscovo, Paulo Jorge³¹, e, pela primeira vez, admitiu o princípio do «encadeamento» — retiradas cubanas faseadas em troca de uma retirada sul-africana.

A proposta de Eduardo dos Santos surgiu numa série de artigos de jornais e declarações vindas a público, com início a 15 de Outubro, quando, pela primeira vez desde que assumira o poder, concedeu uma entrevista a um jornalista americano. Eduardo dos Santos disse a Jim Hoagland, correspondente no estrangeiro do *Washington Post* em Luanda, que Angola mostrara flexibilidade e um desejo sincero de alcançar um acordo regional através de propostas secretas que fornecera a enviados dos Estados Unidos. Hoagland comentou: «A entrevista de 90 minutos destinava-se, claramente, a transmitir um sentido de abertura diplomática para com os Estados Unidos, que haviam recusado estabelecer relações diplomáticas formais com Angola. As suas observações retratavam, de forma implícita, que o seu governo revolucionário estava a empenhar-se numa nova fase de pragmatismo diplomático, lançando a sua decisão de abertura ao investimento estrangeiro e ao comércio com o Ocidente. A produção das companhias americanas e francesas aqui proporcionará a Angola mais de 80 por cento dos seus 2 biliões de dólares de rendimentos em divisas estrangeiras, este ano.»

Eduardo dos Santos disse também a Hoagland:

Angola estava preparada para viver «numa atmosfera de tolerância» com a África do Sul, uma vez a Namíbia independente. O governo do *apartheid* e da minoria branca seriam então tratados como problemas internos sul-africanos;

A administração Reagan deveria rapidamente estabelecer relações diplomáticas com Angola e proporcionar as oportunidades para o investimento e comércio dos Estados Unidos;

O MPLA estava preparado para propor uma amnistia aos partidários de Savimbi, mas não ao presidente da UNITA e seus adjuntos de alto nível, que tinham «traído Angola e traído África». Estes enfrentariam uma morte certa se regressassem a Luanda³².

* * *

Eduardo dos Santos precisava de fazer um acordo, observou Hoagland. Longe de se tornar a Hanói africana, que os revolucionários angolanos sonhavam se transformasse em trampolim para desafio revolucionário ao domínio branco na África do Sul e aos regimes moderados com quem tinha fronteiras, Luanda era a capital de uma nação a viver no caos e destrocada pela intervenção internacional. «Os sonhos jazem destruídos nas

ruas desoladas de Luanda, uma cidade presa de contínua agonia, que contradiz a vitória ideológica que os revolucionários e liberais esperavam e que os conservadores em todo o mundo temiam», escreveu o homem do *Washington Post*. «Montanhas de lixo em putrefacção adornam o meio-fio do passeio da marginal sobre a baía com quilómetro e meio de extensão, que os Portugueses delinearão com ladrilhos de mosaico. Por toda a cidade, onde vive um milhão de pessoas, estão abandonados estabelecimentos comerciais e escritórios, com os vidros espelhados das janelas partidos, substituídos por tábuas ou simplesmente por substituir. Numa farmácia, um único frasco de *shampoo* jaz perdido no meio de prateleiras vazias, para nos lembrar do colapso da economia de consumo que aqui outrora aconteceu. Soldados cubanos em camiões e pessoal de segurança da Alemanha Oriental em jipes patrulham regularmente as ruas poeirentas de Luanda... Não existem táxis nesta cidade, tendo o visitante de confiar nos seus pés ou na amabilidade de estranhos — qualquer pessoa com rodas. A única modalidade de transporte público consiste num pequeno número de autocarros (*maximbombos*), que oscilam sob o peso de uma multidão de centenas de angolanos que entram e saem deles³³.»

Hoagland dizia que quaisquer esperanças de fazer reviver a economia após a independência ficaram goradas sob o peso da burocracia centralizada imposta no país pelo MPLA. «Um agricultor descobria que para arranjar uma simples peça sobressalente para um tractor tinha de fazer um requerimento ao Ministério da Agricultura, em Luanda, o qual por sua vez tinha de o passar para o Ministério do Planeamento, que teria de aprovar a cotação em moeda estrangeira para o adquirir. As exportações de café caíram verticalmente para 10 por cento das vendas registadas durante o período colonial. A insegurança e o roubo no sector dos diamantes reduziram as exportações de 2,4 milhões de quilates em 1974 para um quarto dessa cifra actualmente.

Um correspondente do *New York Times*, que visitou a Província do Huambo, avistou do avião em que viajava grande número de aldeias abandonadas, rodeadas por campos não cultivados. O director do Instituto de Pesquisa Agronómica, no Huambo, disse-lhe: «A maioria das zonas rurais está abandonada. Os bandidos roubam ou queimam as colheitas e muitos dos camponeses têm de fugir para a cidade em busca de segurança³⁴.»

* * *

Todavia, quando as propostas de Eduardo dos Santos foram tornadas públicas em fins de Novembro, a África do Sul não se sentiu atraída por elas. Pensava-se numa retirada gradual para os Cubanos em 36 meses; porém, 5000 ficariam permanentemente na área de Luanda e um número ainda por especificar em Cabinda.

A retirada sul-africana não começaria até que a África do Sul tivesse removido todas as suas forças, excepto 1500 da Namíbia, e que as tropas

das Nações Unidas estivessem instaladas no terreno, como um prelúdio para a independência³⁵.

A África do Sul respondeu, ao formalizar a sua exigência previamente implícita, que Savimbi deveria desempenhar um papel chave num governo provisório de coligação angolano, como parte de qualquer acordo regional. Pretória disse também que os Cubanos teriam de abandonar Angola por completo no prazo de três meses, e não no de seis meses, da assinatura de qualquer acordo³⁶.

O próprio Savimbi pediu para participar nas complexas negociações. «Não quero sacudir o barco», disse ele. «Quero fazer parte dele. Queremos que os negociadores reconheçam quais os elementos que estão a fazer com que o MPLA seja mais acessível — somos nós.» E prosseguiu: «A UNITA, enquanto gozar da simpatia dos Estados Unidos da América e da República da África do Sul, não está na disposição de aceitar ser negociada por uma retirada fictícia. A UNITA terá de ser um partido em todas as negociações cujo objectivo seja determinar o futuro da Namíbia e a correspondente retirada dos Cubanos do nosso país³⁷.»

Num congresso extraordinário convocado para Jamba, de 2 a 9 de Novembro, a UNITA mais uma vez reafirmou a sua disposição de lutar pela realização de eleições multipartidárias em Angola, de lançar uma ofensiva de vulto na região de Luanda e de libertar os três últimos reféns estrangeiros que tinha então em seu poder — os búlgaros capturados na batalha do Sumbe. A retirada dos Cubanos tem de ser «total», afirmou a UNITA, e o Acordo do Alvor, assinado em 1975, tem ainda de servir de base sobre a qual um governo angolano deve ser escolhido³⁸. Numa tentativa para desfazer a imagem marxista que algumas pessoas tinham do movimento, a UNITA adoptou também novos nomes para o seu Comité Central e *Bureau* Político. Eles transformaram-se, respectivamente, em comité executivo e comité nacional.

A 25 de Novembro, uma força especial de comandos da UNITA destruiu quinze postes e duas subestações de energia eléctrica, entre Luanda e Cambambe, a barragem hidroeléctrica que abastecia de energia a capital. Partes de Luanda ficaram sem electricidade durante vários dias. No dia 11 de Dezembro, mais sete postes entre Cambambe e Luanda foram pelos ares³⁹.

As perspectivas momentâneas de paz desvaneciam-se gradualmente e, na véspera de Ano Novo de 1985, quatro trabalhadores clandestinos da UNITA foram executados por um pelotão de fuzilamento em Ndalandando, próximo de Luanda, por «crimes contra a segurança do Estado, traição, rebelião armada e sabotagem económica»⁴⁰.

CAPÍTULO LI

O MPLA CONTRA-ATACA

1985

A UNITA PRINCIPIOU o ano de 1985 com uma série de ataques a alvos no Norte do país, particularmente nas províncias situadas no âmbito da zona da cidade de Luanda — a própria Província de Luanda, o Cuanza Norte e Malanje. O MPLA proibiu a livre circulação a mais de 30 quilómetros da capital e dez brigadas do MPLA foram deslocadas do Sul para virem reforçar a defesa da área de Luanda. Os ataques principais foram desferidos contra instalações de electricidade: as 44.^a e 84.^a Brigadas do MPLA foram distribuídas ao longo da estrada, com 160 quilómetros de extensão, de Luanda até à estação de energia hidroeléctrica de Cambambe, para desviar os ataques que regularmente cortavam os fornecimentos de electricidade¹.

A UNITA reivindicou também ter destruído, a 22 de Fevereiro de 1985, mais um comboio na linha Luanda-Malanje, que transportava armas com destino à 81.^a Brigada do MPLA estacionada em Malanje: a UNITA afirmou ter abatido 38 militares inimigos e capturado grandes quantidades de armamento. A 27 de Fevereiro, a UNITA reivindicou ter abatido um *Boeing-737*, pouco depois de este ter descolado do Lubango, levando a bordo vários oficiais superiores do exército do MPLA e polícias da segurança do Estado. A 24 de Março, mais uma bomba da UNITA, que deflagrou no Huambo, vitimou onze cubanos e nove búlgaros que se encontravam no Hotel Almirante².

Estas foram apenas algumas das muitas reivindicações e contra-reivindicações da UNITA e do MPLA, cuja veracidade será quase impossível pesar, excepto se encaradas como uma indicação geral da crescente escalada dos combates numa guerra ainda quase inteiramente escondida aos olhos do mundo exterior.

Dois exemplos de profundas contradições, no início de 1985, relacionam-se com um ataque da UNITA à pequena vila de Calomboloca,

situada apenas a 55 quilómetros a sul-sudeste de Luanda, e a reivindicação por parte do MPLA de ter ferido gravemente Savimbi durante um ataque de helicóptero ao quartel-general da UNITA em Jamba.

A UNITA reivindicou ter morto 170 dos 420 militares do MPLA que guardavam Calomboloca, em 30 de Janeiro, e ter destruído duas subestações de electricidade e a estação local do caminho-de-ferro. O MPLA confirmou o ataque, mas afirmou que as vítimas tinham sido exclusivamente civis, ao que a UNITA contrapôs: «O MPLA denomina qualquer acção militar levada a efeito pela UNITA como um ataque contra os mais idosos, mulheres e crianças, que parecem constituir as suas forças armadas.»

A 9 de Janeiro, a Agência Noticiosa Angolana, informando a partir de Luanda, comunicou que tropas de *élite* do MPLA, em helicópteros, haviam atacado Jamba com forte apoio aéreo. Savimbi ficara gravemente ferido. Dois dias depois, Savimbi avistou-se com correspondentes estrangeiros em Jamba. Ele revelou aos repórteres que o ataque e seus ferimentos constituíam propaganda do MPLA e gracejou: «Vou morrer muitas vezes antes de chegar a Luanda³.»

* * *

Não houve discrepância quanto ao mais espectacular dos preâmbulos do novo ano de 1985 em Angola. À medida que o ano velho se aproximava do fim, a UNITA desferiu mais um ataque de envergadura contra Cafunfo, em 29 de Dezembro. Uma vez mais, tal como no mês de Fevereiro anterior, foram capturados ingleses, e o desafortunado embaixador britânico, Marrack Goulding, foi apanhado de surpresa em Luanda. A violência dos combates foi terrível. Quando o MPLA finalmente a recuperou, a vila estava deserta, excepto no que respeitava a centenas de cadáveres de militares do MPLA e da UNITA, jazendo no campo de batalha. A primeira tarefa para o MPLA, que estava de regresso, foi cavar sepulturas para os mortos.

Três ingleses, dois americanos e dezassete filipinos foram sequestrados como reféns e libertados incondicionalmente, através do ICRC, no dia 14 de Março, após terem completado a costumeira e estafante marcha até à Jamba. Apenas comeram papa de mandioca, que um deles disse parecer «cola velha para papel de parede e saber ainda pior». Dois dos ingleses revelaram ter sido tratados bastante rudemente quando foram capturados, às primeiras horas da madrugada do dia do ataque. Um deles, o senhor John McMichael, um engenheiro de minas, fora alvejado por fogo de metralhadoras quando saía de casa, com as mãos no ar: pensou que o esperava uma morte certa, antes de um oficial da UNITA fazer parar o tiroteio.

Absurdamente, um avião de transportes *Hércules C-130* da companhia Transamerica Airlines of California aterrou na pista de Cafunfo no meio da batalha. Pensando que este trazia reforços de tropas para o MPLA,

as forças da UNITA abriram fogo com *rockets* antitanque, matando o piloto americano. O avião ficou destruído na pista e o co-piloto e o engenheiro americanos e o chefe de carga britânico foram capturados como reféns. Aqui ocorria mais uma daquelas contradições africanas que fazem com que nos interroguemos sobre se devemos rir ou chorar. O *Hércules* fazia parte de uma frota alugada à Transamerica para transportar equipamento, alimentos e combustível entre Luanda e as minas de diamantes, devido à incerteza das ligações por estrada e caminho-de-ferro. O *The Times*, de Londres, afirmava que o facto de se saber que a Transamerica tinha ligações com o CIA não constituía obstáculo para fazerem negócios com o governo pró-soviético de Luanda. Antigos pilotos da guerra do Vietname alinhavam os seus aviões, com bandeiras americanas, na bicha para abastecimento de combustível, no aeroporto de Luanda, ao lado de aviões soviéticos *Antonov* de transporte de tropas⁴.

Apesar dos manifestos avisos no ano anterior de que os ingleses que trabalhavam em Angola enfrentavam perigos, o senhor Rifkind, o mais recente ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, repreendeu Savimbi. «A guerra civil não é justificação para forçar os reféns a suportar provações, tais como uma marcha», disse ele. «A captura de reféns não lhes conquista a adesão de amigos no resto do mundo e, se mais não fora, prejudica gravemente a causa deles⁵.»

Savimbi, consciente de que a captura de reféns estrangeiros e a sua libertação, são e salvos, favorecera o seu perfil internacional, rebateu: «Os cidadãos estrangeiros que ainda estejam em Angola, em zonas de guerra, deviam atender o nosso apelo e deixar Angola.» Ele já antes havia explicado ao *Le Monde* por que razão constituía uma questão de princípio para a UNITA expulsar os trabalhadores estrangeiros a contrato: «Com os lucros da exploração de petróleo e diamantes, efectuada por estes estrangeiros, o MPLA está a pagar a sua guarnição cubana. Não posso permitir que isto continue, e seria bom que as companhias de petróleo estrangeiras, pelo menos, parassem de trabalhar contra os nossos interesses. O que eu estou a dizer não constitui uma ameaça e as pessoas de bom senso deviam tomar isto em consideração⁶.»

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros recusou-se ainda assim a avisar adequadamente os seus cidadãos acerca dos perigos que eles poderiam vir a enfrentar em Angola.

No dia 9 de Maio, o Presidente Eduardo dos Santos visitou Lucapa, local onde se situava uma grande mina de diamantes, na Província da Lunda. Num comício, disse aos residentes: «Viemos para verificar as condições difíceis sob as quais vocês, camaradas, vivem, devido à guerra e às dificuldades no transporte de comida, medicamentos e matérias-primas. A situação continua difícil. A nossa principal preocupação, na Província de Luanda Norte, é resolver os problemas de guerra. Os bandidos da UNITA começaram a infiltrar-se nesta província a partir do fim de 1983.

Eles estão aqui para atacar civis, destruir casas, roubar gado e dificultar a produção de diamantes. Eles andam a sabotar as estradas e as vias férreas, de modo a impedir o transporte de mercadorias a partir dos portos do Lobito e de Luanda. São os racistas sul-africanos que os mandam levar a efeito estas operações. A África do Sul, tal como outras potências imperialistas, não quer que o nosso povo seja totalmente independente.

Temos grandes quantidades de sal em Luanda que estamos a pensar enviar para cá. Temos peixe seco no Namibe que esperamos venha para esta província. Porém, os bandidos da UNITA sabotam as estradas e as pontes e tornam tudo mais difícil para o nosso povo. Por esse motivo, temos de os aniquilar primeiro, de maneira a podermos trazer-vos sal, peixe seco, óleo, sabão e combustível⁷. No dia seguinte, guerrilheiros da UNITA atacaram uma mina de diamantes no Luo, precisamente a sul-sudeste de Lucapa, e levaram com eles um engenheiro britânico de 34 anos, Stephen Bowes. Este foi obrigado a caminhar até Jamba e libertado dois meses depois⁸.

* * *

Em 17 de Abril de 1985, as tropas sul-africanas concluíram a sua retirada de Angola, segundo os termos do Acordo de Lusaca assinado em Fevereiro de 1985. Isto coincidiu com o anúncio por parte de Pretória de que um governo, denominado «Conferência Multipartidária (MPC — Multi-Party Conference)», constituído pelos partidos que se opunham à SWAPO, seria instituído na Namíbia. A MPC, que tomou posse em Windhoek, ao mesmo tempo que uma Assembleia Nacional, não eleita, de 62 lugares, em 17 de Junho, ficaria, em última instância, sujeita à autoridade sul-africana. Desafiando as Nações Unidas, não haveria retirada de tropas sul-africanas da Namíbia. Contudo, o Presidente Botha afirmou considerar a MPC apenas como um acordo temporário para um governo interno de maior autonomia até à altura em que existissem «perspectivas realistas de pôr em execução a retirada propriamente dita das forças cubanas de Angola»⁹. O Presidente Botha e o ministro dos Negócios Estrangeiros Pik Botha acentuaram à primeira-ministra Margaret Thatcher, durante uma visita que efectuaram à Grã-Bretanha, que os líderes ocidentais estariam a calcular muito mal se concluíssem que a África do Sul perdera o propósito de forçar os Cubanos a sair de Angola, como um *quid pro quo** para a independência da Namíbia¹⁰.

A forma aventureirista como a África do Sul estava preparada para actuar em busca desse objectivo tornou-se clara no dia 21 de Maio: o MPLA capturou em Cabinda, 1300 quilómetros a norte da fronteira com a Namíbia, um comando de reconhecimento do Exército Sul-Africano, capitão Wynand Du Toit, e matou dois dos seus companheiros, o sargento Van

* *Quid pro quo*, no original — equívoco; erro de interpretação. (N. do T.)

Breda e o cabo* Lie Benberg. Em interrogatórios posteriores, que Pretória alegou terem envolvido o uso de tortura e drogas, o capitão Du Toit revelou que o alvo da sua equipa, constituída por nove homens, eram as instalações da Gulf Oil, na pequena localidade cabindense de Malongo. Esta fábrica produzia 170 000 barris de petróleo por dia, ou seja, 65 por cento da produção total de Angola. A missão da equipa era colocar dezasseis minas de contacto em tanques de armazenamento de petróleo, oleodutos e equipamentos de combate ao fogo: se a missão tivesse sido bem sucedida, os técnicos calculam que os custos para a vacilante economia angolana teriam atingido perto de meio bilião de dólares. Todavia, o capitão Du Toit, o sargento Breda e o cabo* Benberg foram descobertos por uma patrulha do exército do MPLA quando se escondiam no mato, perto do perímetro do complexo da Gulf Oil. Du Toit foi ferido no pescoço, num ombro e no peito, enquanto o sargento e o cabo morreram. O resto do grupo, armado de pistolas-metralhadoras equipadas com silenciadores, rádios de ondas curtas e bombas incendiárias, assim como minas, fugiram por duas vias — a bordo de pequenos botes insufláveis *Zodia*, para um contratorpedeiro à espera ao largo, ou pelo Zaire, onde a África do Sul previamente fizera preparativos.

Durante uma entrevista de três horas, levada a cabo por jornalistas angolanos e da Europa de Leste, o capitão Du Toit declarou: «O nosso ataque estava para ser reivindicado pela UNITA.» Os panfletos de propaganda da UNITA que levava consigo eram para ser deixados no local do ataque.

Pretória recusou-se a apresentar desculpas pelo ataque. O seu embaixador nas Nações Unidas, Kurt von Schirnding, afirmou que a unidade de comandos andara a tentar obter informações sobre as bases de instrução do ANC e da SWAPO existentes em Cabinda e que Du Toit fora forçado sob coacção a prestar falsas declarações. Embora estivessem a aumentar os protestos nos Estados Unidos acerca do envolvimento da Gulf Oil com o MPLA, foi politicamente embaraçoso para a África do Sul ser apanhada a atacar uma empresa comercial americana. Na altura, o ministro dos Negócios Estrangeiros do MPLA, Alfonso Van-Dunem Mbinda, acentuou que, ao repelir o ataque, as tropas do MPLA tinham salvo propriedade americana e talvez também as vidas de alguns dos 128 técnicos dos Estados Unidos instalados em Malongo.

A confissão do capitão Du Toit de que tinha consigo propaganda da UNITA causou grande mal-estar político a Savimbi. Du Toit revelou ter também tomado parte num ataque levado a cabo por um comando sul-africano em 1982, cujo objectivo era destruir a ponte sobre o rio Giraul, próximo de Moçâmedes. Já que na altura a sua destruição fora reivindi-

* Corporal, no original — graduação que corresponde a terceiro-sargento na nossa graduação. (N. do T.)

cada pela UNITA (ver capítulo XL), este facto levantou questões acerca de que outros «sucessos» da UNITA teriam sido levados a efeito por ou com a cooperação da SADF¹¹.

* * *

À parte o constrangimento, o fracasso da aventura da África do Sul, em Cabinda, trouxe consigo consequências práticas, que acirraram ainda mais os ânimos na África Austral. Dois dias depois de Du Toit ter sido exibido perante a imprensa e o corpo diplomático presentes em Luanda, Fidel Castro anunciou em Havana que estava disposto a enviar mais cubanos para Angola se a África do Sul se recusasse a conceder a independência à Namíbia¹². Uma vez que a África do Sul apenas estava disposta a dar a independência à Namíbia depois de todos os cubanos saírem de Angola, persistia um empate diplomático clássico.

No final de 1985, as agências dos serviços secretos ocidentais calculavam que a presença de tropas cubanas em Angola se elevara para 31 000, em comparação com 25 000 no começo do ano. Os Cubanos eram apoiados por 3250 elementos alemães de Leste e soviéticos, principalmente no que dizia respeito a planeamento operacional, instrução, radar, artilharia antiaérea, engenharia avançada e funções de informação secreta. As afirmações da UNITA de que uma brigada norte-coreana entrara na guerra, ao lado do MPLA, foram desmentidas por serviços secretos ocidentais.

Ao fim de seis semanas de Castro ter anunciado o envio de mais tropas para Angola, o Congresso dos Estados Unidos tomou uma resolução que iria possibilitar a Washington aumentar a sua participação no combate angolano, numa base militar oficial. A 11 de Julho, a Câmara dos Representantes votou, um mês após resolução semelhante por parte do Senado, a revogação da Emenda Clark, pondo assim termo à proibição de uma década de ajuda militar dos Estados Unidos aos movimentos resistentes angolanos¹³. Angola reagiu violentamente e suspendeu as conversações obscuras que vinha conduzindo ao longo de todo o ano com Washington. «A rejeição da Emenda Clark deixará o pulso livre à Administração dos Estados Unidos e ao imperialismo internacional para intervir aberta e directamente em Angola e exercer pressões militares e políticas sobre o Estado Angolano», afirmou o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros¹⁴.

A UNITA, como é natural, rejubilou. A sua estação de rádio, Voz da Resistência do Galo Negro¹⁵, disse acerca da atitude do Congresso: «A situação no nosso país melhorou sensivelmente com as novas evoluções políticas... Agora existe a possibilidade para a nação tecnológica e economicamente mais poderosa no mundo poder prestar ajuda mais aberta ao nosso combate¹⁶.»

Nesta altura, os olhos do mundo estavam muito menos voltados para Angola do que para a África do Sul, onde um ano de tumultos sem

precedentes, entre a maioria negra impotente, resultara num milhar ou mais de mortes em erupções de violência. Porém, Angola agitava-se agora numa série de batalhas ainda mais violentas e com maior perda de vidas do que até então o seu povo havia conhecido. Para coincidir com uma reunião ministerial, em Luanda, do Movimento dos Países não-Alinhados, a realizar de 2 a 7 de Setembro, o MPLA lançou a sua maior ofensiva de sempre contra as áreas libertadas da UNITA, no Leste e Sul-Sudeste de Angola. Dezoito brigadas do MPLA concentraram-se em Luena, Cuíto-Cuanavale e Menongue para atacar os bastiões resistentes em Cazombo e Mavinga.

Quatro brigadas de infantaria motorizadas partiram de Luena no princípio do mês de Agosto, para cobrir 350 quilómetros de mato, em direcção a Cazombo. Em 15 de Agosto, mais cinco brigadas de infantaria motorizadas avançavam a partir de Menongue para o Cuíto-Cuanavale, de onde partiram para conquistar 120 quilómetros de mato arenoso a caminho de Mavinga.

As brigadas foram apoiadas pela Força Aérea Angolana, modernizada e reequipada ao longo dos dois anos anteriores, sob a égide de um programa supervisionado por Iko Carreira, o comandante da Força Aérea. Em Setembro de 1985, os serviços secretos ocidentais concordaram, de um modo geral, com os Serviços Secretos Militares da África do Sul, ao calcularem o novo potencial aéreo do MPLA: 30 modernos caças-bombardeiros *MIG-23*; 8 modernos caças-bombardeiros *Sukhoi-22*; 50 caças-bombardeiros *MIG-21*; 33 helicópteros equipados com metralhadoras *MI-24*; 27 helicópteros de assalto franceses *Alouette*; 69 helicópteros de transporte *MI-8* e *MI-17*. Cada vez mais os aviões eram pilotados por jovens angolanos treinados na União Soviética, com apoio de oficiais cubanos e soviéticos. Calculava-se que, em 1985, 80 por cento dos pilotos de combate do país eram angolanos, contra 40 por cento em 1982.

Ao todo, Angola recebera mais de um bilião de dólares em armamento soviético entre Janeiro de 1984 e Agosto de 1985, de acordo com estimativas dos serviços secretos ocidentais. O exército de tanques do MPLA tinha quase 500 unidades, por altura das ofensivas de Cazombo-Mavinga. Consistia de 30 modernos carros de combate *T-62*; 260 *T-55*, 150 antiquados *T-35* e 50 anfíbios *PT-76*.

A qualidade do treino do MPLA também melhorara sensivelmente. Brigadas especiais de comandos, com uma força de 500 homens, treinados ao longo de 1984-1985 por antigos peritos portugueses no combate contra a guerrilha, haviam entrado em combate no Leste de Angola: a qualidade da comida, facilidades e fardas para estas novas unidades militares de *craques* evidenciavam uma melhoria acentuada no que esperávamos viesse a encontrar-se num soldado de nível médio do MPLA.

A força aérea de Carreira fora de tal maneira reestruturada que as colunas atacantes de infantaria poderiam esperar apoio logístico aperfeiçoado

quando os aviões de transporte *Antonov-12* e *Antonov-26* transportassem abastecimentos para remotas pistas de aviação no mato, pois eram protegidos pelas colunas avançadas.

Em 7 de Setembro, o MPLA alcançara as defesas exteriores, tanto de Cazombo como de Mavinga. Ambas pareciam ir cair dentro de dias, visto que a UNITA se mostrava incapaz de enfrentar com eficácia os constantes ataques dos aviões *MIG-23*, *MIG-21*, *SV-22* e *MI-24*. A 18 de Setembro, Savimbi decidiu que uma destas duas localidades teria de ser sacrificada, de forma a ele poder concentrar tropas numa tentativa para salvar a outra.

Cazombo foi abandonada. A UNITA iria tentar defender Mavinga, cuja queda proporcionaria ao MPLA uma pista de aviação razoável, através da qual a aviação poderia transportar materiais para um assalto à própria Jamba, descrita por um correspondente do *Guardian* como o «símbolo da incapacidade de Luanda para manter o controlo em todo o território»¹⁷. Em 19 de Setembro, o ministro angolano da Defesa anunciou que as suas forças tinham reentrado em Cazombo, 22 meses após a UNITA ter capturado a localidade e levado como reféns as missionárias canadianas, com quem eu me encontrara em Dezembro de 1983.

Entretanto, em meados de Setembro, a África do Sul empreendeu mais uma invasão a Angola. Doze equipas de comandos, cada uma com 40 homens, atravessaram a fronteira em perseguição de guerrilheiros da SWAPO preparados para se infiltrarem na Namíbia, revelou o general Constand Viljoen, o chefe da SADF. O MPLA, contudo, afirmou que as forças sul-africanas estavam envolvidas em acções directas contra as colunas que avançavam sobre os baluartes da UNITA, no Leste. Em breve apresentaram o corpo de um militar sul-africano de 22 anos, o soldado Hans Fidler, um enfermeiro que fora morto quando tratava soldados da UNITA feridos nos campos de batalha à volta de Cazombo, cujo corpo fora levado para Luanda. Savimbi havia já acentuado que a seguir aos acontecimentos de 1975-1976 nunca mais seria capturado nenhum soldado sul-africano combatendo ao lado das suas tropas. O soldado Fidler não era, estritamente falando, um homem de combate; porém, ele pertencia à SADF e a captura do seu corpo pelo MPLA começou a expor o grau de cooperação entre a UNITA e a SADF. As consequências políticas tanto para a UNITA como para a África do Sul seriam com certeza importantes.

Em breve, o MPLA acusava a Força Aérea Sul-Africana de bombardear as suas colunas próximo de Mavinga, com caças-bombardeiros *Mirage* e bombardeiros *Camberra*. Em 13 de Setembro, por exemplo, o ministro angolano da Defesa revelou que 8 aviões sul-africanos tinham abatido 6 helicópteros do MPLA, perto de Mavinga, e morto mais de 50 dos seus soldados. Entre 1 e 3 de Outubro, disse o ministro da Defesa, houve dez ataques aéreos sul-africanos de envergadura, «dúzias de mortos e feridos», e foi abatido um avião *MIG-21*.

Apesar do aviso por parte de Iko Carreira de que a UNITA estaria a cometer um erro estratégico que poderia custar-lhe caro se opusesse qualquer resistência em termos militares convencionais, Savimbi reivindicou em 7 de Outubro ter aguentado firme em Mavinga e ter repellido a ofensiva do MPLA. As cinco brigadas estavam a retirar em desordem, em direcção ao Cuíto-Cuanavale, e a ser atacadas ao longo de todo o caminho de regresso. Os oficiais soviéticos e cubanos que estavam com a força derrotada tinham sido evacuados por helicóptero, como medida de segurança.

Os jornalistas visitaram um dos campos de batalha, um pouco a sul do rio Lomba, a cerca de 25 quilómetros de Mavinga. O correspondente do *Financial Times* pôde «verificar a extensão das perdas de material, apontadas pelo Dr. Savimbi, como 79 veículos destruídos e 52 capturados»¹⁸. O correspondente do *The Times*, de Londres, escreveu: «Podemos ver pelo menos 50 camiões seriamente danificados e as estruturas carbonizadas de mais de uma dúzia de veículos soviéticos blindados para transporte de pessoal. Numa pequena área jaziam destruídos cerca de 20 camiões *Zil* de fabrico russo, um deles equipado com lança-*rockets* múltiplo, conhecido como 'Órgão Staline'. Perto do rio Lomba estavam os destroços retorcidos de um helicóptero *MI-25*. Os oficiais da UNITA contaram que este fora abatido por fogo de morteiros de 120 mm, quando tentava pousar para evacuar os soldados governamentais.

Muitas das unidades do Governo pareciam ter sido apanhadas de surpresa, sugerindo possivelmente a subitaneidade de um ataque aéreo. Num dos locais, tinham sido atingidos um camião e um veículo blindado de transporte de tropas. Um soldado, com a cabeça metade decepada, estava ainda sentado na parte de trás do camião. Três outros cadáveres em decomposição jaziam entrelaçados por baixo de uma nuvem de moscas, na areia próxima, e os corpos de dois outros soldados jaziam um pouco mais adiante, como se tivessem sido abatidos quando corriam em busca de protecção.

Com ou sem intervenção sul-africana directa, é justo afirmar que quanto mais as compactas colunas blindadas de Luanda avançavam através da areia obstrutiva do mato, mais expostas ficavam no termo de uma frágil linha de abastecimentos, enquanto a infantaria da UNITA mais ligeiramente equipada estava a combater no seu próprio terreno¹⁹.

Savimbi negou ter tido qualquer apoio sul-africano aéreo ou terrestre para aniquilar a força de ataque a Mavinga do MPLA. Apresentou perante correspondentes ocidentais um piloto do MPLA com 22 anos, cujo avião *MIG-21* fora abatido por fogo do solo, perto de Mavinga, em 5 de Outubro. Francisco Matamba, que recebera instrução durante três anos na União Soviética, revelou ter voado em 45 missões durante a campanha de Mavinga: nem uma só vez deparara com aviões de guerra sul-africanos, embora os operadores de radar lhe dissessem ter localizado nos seus visores aviões sul-africanos.

Nas campanhas de Cazombo e Mavinga, o MPLA reivindicou ter morto mais de 1300 militares da UNITA, enquanto a UNITA, por seu turno, admitiu ter sofrido mais de 450 mortos e 2000 feridos. A UNITA reivindicou mais de 2300 mortos do MPLA nas campanhas; o MPLA nunca publicou os números totais das suas perdas.

* * *

Embora Savimbi negasse o envolvimento sul-africano, este constituía um segredo de Polichinelo entre as comunidades jornalística e diplomática em Pretória de que a Força Aérea Sul-Africana entrara em acção em defesa da UNITA em Mavinga e que o Batalhão 32 da SADF se encontrava no terreno, com artilharia G-5 e G-6, guiada por radar. A incursão, através da fronteira, contra a SWAPO foi considerada mais como uma tentativa para desviar a atenção do MPLA do seu ataque a Mavinga do que como uma tentativa para varrer os guerrilheiros namibianos.

As ofensivas de Cazombo e Mavinga haviam exposto Savimbi a um perigo extremo. Se Mavinga tivesse caído, a possibilidade de um ataque com êxito a Jamba teria sido elevada. Tal como acontecera, a própria África do Sul decidira expor de forma mais aberta as suas relações com a UNITA. Em 20 de Setembro, o ministro da Defesa, Magnus Malan, afirmou publicamente, pela primeira vez, que a África do Sul estava a prestar ajuda à UNITA «de natureza moral, humanitária e material. Através das nossas ligações com a UNITA, nós mantemos os interesses do mundo livre no nosso subcontinente. Romperemos os nossos laços com a UNITA na condição de que todas as forças estrangeiras sejam retiradas de Angola.»

A 2 de Outubro, o próprio Presidente Botha admitiu tacitamente que as suas forças militares estavam a apoiar a UNITA, no interior de Angola. «Mais russos e mais armamento russo têm sido empregados para destruir a resistência do povo angolano, tal como acontece no Afeganistão», declarou ele no Congresso da Província do Cabo do Partido Nacional no Governo, em Port Elizabeth. «À luz de tudo isto, dificilmente o Governo pode sentar-se e cruzar os braços.» Apelou aos países vizinhos da África do Sul e aos países africanos, em geral, para congregarem as suas forças no sentido de expulsarem todas as tropas estrangeiras da África Austral. Disse: «Digam aos Cubanos: 'Vão-se embora', e digam aos Russos: 'Vão-se embora', e no minuto em que isso aconteça eu estarei disposto para instalar e fixar todas as nossas forças militares dentro das fronteiras da África do Sul²⁰.»

* * *

Enquanto a UNITA combatia desesperadamente contra o MPLA em Cazombo e Mavinga, Savimbi mantinha activas unidades de guerrilheiros no Centro e no Norte, para manter pressão sobre o Governo. A 11 de Novembro, o 10.º aniversário da independência de Angola, as suas

actividades atingiram um ponto culminante e dramático na Província de Benguela, quando virtualmente todo o governo provincial foi aniquilado num ataque a um comboio de onze veículos protegidos por soldados do MPLA. Foram mortos quatro ministros provinciais e foram capturados quatro oficiais superiores, incluindo o director do Comércio Interno, que no ano anterior havia sido anfitrião de lorde Jellicoe e encorajara os homens de negócios britânicos a aplicarem o seu dinheiro em Benguela.

Quinze dias depois, a UNITA revelou ter abatido um avião *Antonov-2* que voava de Menongue para o Cuíto-Cuanavale, daí tendo resultado a morte de dez oficiais militares soviéticos e onze oficiais superiores do MPLA. O ministro angolano da Defesa confirmou a perda do avião e a lista de mortos; porém, disse que o mesmo havia sido abatido pela Força Aérea Sul-Africana²¹.

* * *

As pesadas baixas sofridas pela UNITA em Cazombo e Mavinga fizeram com que Pretória e Washington começassem a pensar mais seriamente numa forma de resolver o problema. Em 24 de Setembro, a África do Sul enviou a Washington o senhor David Steward, especialista sobre assuntos de Angola e antigo embaixador nas Nações Unidas, para reclamar o apoio americano a Savimbi. A revogação do Verão da Emenda Clark tornou-se lei em 1 de Outubro²².

Em breve, Claude Pepper, membro da Câmara dos Representantes* dos Estados Unidos, um democrata da Flórida, e o representante Jack Kemp, um republicano de Nova Iorque com fortes aspirações presidenciais, propunham conjuntamente um projecto-lei que iria conceder 27 milhões de dólares de ajuda «não militar» à UNITA. Os comentadores previam que esta conseguiria uma maioria na Câmara dos Representantes, quase dez anos depois de o Congresso ter aprovado a Emenda Clark, retirando a ajuda a Savimbi. O Presidente Reagan garantiu pessoalmente que apoiava a iniciativa Pepper-Kemp; porém, numa declaração pública surpreendente afirmou preferir que a ajuda fosse secretamente canalizada, em vez de através do Congresso²³.

Nas semanas finais de 1985, a imprensa dos Estados Unidos estava repleta de intensos debates sobre os prós e os contras do reatar da ajuda à UNITA. As previsões eram que a ajuda estaria a caminho, através da CIA, em Fevereiro de 1986. Durante as semanas que durou o debate, oficiais de alto nível, tanto da UNITA como da África do Sul, estiveram em Washington e algumas informações diziam que a ajuda dos Estados Unidos — incluindo mísseis *Stinger*, que podem ser disparados do ombro, capazes de atingir helicópteros e jactos de voo rasteiro, e mísseis antitanque *Tow* — tinha começado a afluir, antes de o mundo se despedir do ano de 1985, durante as festividades do Natal e do Ano Novo²⁴.

* Membro da Câmara dos Representantes: corresponde ao nosso deputado (House of Representatives). (N. do T.)

EPÍLOGO

*Desde quando temos de concordar com o povo
para o defender da injustiça?*

Lillian Hellman, dramaturga americana

ESCREVER ESTA CONCLUSÃO PROVISÓRIA da história de Savimbi, em 1986, tem sido uma aventura solene. Quando, há cerca de dez anos, decidi que a sua história tinha de ser contada, fora porque, tendo testemunhado e relatado a guerra da independência de Angola, senti que ele fora traído, enganado e não devidamente representado por uma ampla gama de pessoas e por circunstâncias históricas. Acreditava então — e, desde esse tempo, nenhuma prova me foi apresentada que me persuadesse a mudar de opinião — que ele teria surgido como o líder angolano com apoio maioritário se as eleições prometidas por Portugal alguma vez se tivessem realizado. Para além dessa convicção, sempre apreciei a sua companhia: ele é possuidor de uma inteligência notável e exuberante, de uma curiosidade sem limites, encerra uma abundância de narrativas fascinantes e um encanto acessível, sendo lamentável ter de acabar uma conversa. Acima de tudo, admirei a sua coragem quando decidiu, depois de todos os seus aliados o terem abandonado, nos primeiros meses de 1976, conduzir o seu povo para o interior de Angola e encontrar alguma forma de continuar a combater. Ninguém lhe proporcionou qualquer possibilidade de sobrevivência física, sem levar em conta o eventual êxito em eleições que poderiam levá-lo ao poder, e que ele tentou assegurar. A lição da história, quanto a esse ponto, era que qualquer movimento totalitário que chegasse ao poder com apoio soviético ilimitado aí permanecia em perpetuidade — tal como na Checoslováquia, Polónia e Hungria, por exemplo. O Vietname, o Cambodja e o Laos tinham há pouco sucumbido a governos marxistas-leninistas de variados matizes e pareciam determinados a permanecer assim durante gerações. A invasão soviética do Afeganistão estava ainda para vir, assim como a resistência por ela provocada que fez com que a implacabilidade soviética parecesse menos invencível.

Savimbi escolhera o que parecia ser uma morte certa e a ignomínia nos livros de história do mundo mais do que render-se a uma tomada de poder totalitário do seu país por políticos que até hoje nunca testaram a sua aceitabilidade por meios democráticos. E a história de como este destino o surpreendeu era demasiado complexa para poder ser narrada num ou dois artigos de jornal, rapidamente disponíveis e muito simplificados. Daí a razão deste livro.

Pois bem, Savimbi sobreviveu. Não apenas isso, como também formou um exército para combater o MPLA, que tem nas suas fileiras talvez 60 000 homens, e esse facto constitui, sem dúvida, um feito notável. Em 1986, a roda da história deu uma volta completa e a América reatou uma ajuda mais ou menos aberta ao seu movimento. O que estou convencido estar correcto. Todavia, este apoio é moderado, porque o preço da guerra angolana, já elevado, tornar-se-á infinitamente mais alto.

O preço mais óbvio tem sido a perda de incontáveis milhares de vidas, de almas arrancadas aos corpos por balas com marcas de fábricas de mais de uma dúzia de países mais avançados — tecnologicamente — do que Angola. Quase parece banal lamentar tal perda. Ela acontece sempre que há uma guerra num canto do Globo que parece remoto e exótico aos povos «civilizados» da Europa e da América do Norte. Porém, a tragédia e as mortes são, não obstante, reais.

Tem havido um preço elevado em corpos vivos, mas mutilados. Visite qualquer dos lados da guerra angolana e constatará que o crescente número de pessoas sem membros é assustador. Outros abundam com partes mais vitais decepadas e que ficaram horrivelmente desfigurados.

Existe o pesado e incomensurável preço da inocência perdida. O MPLA detém o poder que não foi nunca legitimado por escolha popular. Este facto devia suscitar, pelo menos, tantas perguntas quantas as que o apoio da África do Sul a Savimbi lhe ocasionam. Até que outras profundidades se sentirá o MPLA justificado em mergulhar, quando o seu poder tem de ser mantido através de helicópteros equipados com metralhadoras que dizimam os angolanos negros que discordam, quer consciente quer inadvertidamente? O que será justo ou legítimo acerca de um governo que nos últimos dez anos tem vindo a executar — judicialmente ou à margem da justiça — muitas centenas dos seus opositores e dissidentes negros? Os anos que se seguiram à falhada tentativa de golpe por Nito Alves, em 1977, foram os piores; porém, em 1985, pelo menos 20 pessoas foram condenadas à morte por tribunais militares e populares e, em 1984, pelo menos 31. O número exacto de pessoas executadas é particularmente difícil de determinar em Angola, porque desde o princípio de 1980 até Abril de 1985 o MPLA não as anunciou em público, sempre que as execuções eram levadas a cabo¹.

Naturalmente, a perda da inocência aplica-se também à UNITA. A verdade acerca do alcance do envolvimento de Savimbi com a África do

Sul tem surgido mas de forma muito lenta. Os desmentidos de envolvimento têm cedido perante a admissão de abastecimentos limitados de bens essenciais, tais como petróleo e gásóleo e, finalmente, armamento e ampla cooperação. Esta dissimulação era necessária, compreendo, porque Savimbi teria recebido poucos aplausos e muitas calúnias por parte da comunidade mundial por ter admitido abertamente o seu envolvimento com a África do Sul. A sua filosofia parece ter sido admitir apenas se e quando necessário, e ainda assim manter a admissão dentro dos mais estritos limites possíveis.

Contudo, como qualquer pessoa que alguma vez mentiu sabe, esta é uma forma de comportamento tentadora. Ajuda a evitar confrontações embaraçosas: conquista vantagens. A mentira, tal como a intimidação e a crueldade, funciona. Vejo isso na minha presente missão como correspondente para a Europa do meu jornal: os oficiais e políticos ofuscam e iludem através da autoridade e da omissão. Savimbi tem recebido ajuda de muitas nações ocidentais e africanas negras que exigem como preço para essa ajuda a sua negação de que existe.

Tenho observado o processo. Quando ao princípio estabeleci de novo contactos com Savimbi em 1980, ele foi claro acerca de algumas fontes do seu apoio. Perto do final de 1983, quando lhe perguntei de onde provinha a sua ajuda, disse-me que fora sua política ser franco acerca destes assuntos; porém, essa atitude metera-o em sarilhos com os países envolvidos, e agora lamentava ter de ser mais circunspecto. Eu voara para o seu território a partir da capital de um país africano negro X, que lhe dava bastante apoio mas que eu prometera não nomear. Perguntei-lhe qual o alcance do apoio que ele estava agora a receber do país X. Ele replicou: «Não temos qualquer apoio de X.» Estava ele «certo» de que não recebia qualquer ajuda de X? «Não temos qualquer apoio de X.» Porém, nós havíamos viajado até aqui no seu [de Savimbi] avião a partir do país X ou não? «'Não posso' dizer que tenho qualquer apoio do país X.»

«Nós não somos santos. Estamos a fazer uma guerra», disse-me ele noutra ocasião.

Tendo tudo isso sido dito, considereei que a UNITA fora razoavelmente honesta comigo na sua maneira de tratar, e eu havia confiado o suficiente neles para viajar 1000 quilómetros em sua companhia rumo a território hostil. Os adjuntos de alto nível de Savimbi têm sido suficientemente francos em relação a mim para dizerem que existem aspectos no seu combate que não podem ser revelados, até um futuro ainda distante (tal como a Grã-Bretanha, por exemplo, mantém sob sigilo determinados factos respeitantes a decisões e discussões do Governo durante 30 anos), e riem-se quando dizem que eu terei feito um bom trabalho em obter 70 por cento da história, em vista das grandes quantidades de desinformação despejada por ambos os lados.

Alongo-me sobre este ponto porque no final as grandes falsidades têm sido dirigidas para Savimbi. E talvez fosse apropriado que Gabriel Garcia Marquez, que afinal conquistara o Prémio Nobel da Ficção, tivesse perpetrado quiçá a mais clamorosa e prejudicial destas imposturas.

Marquez fora recrutado para redigir o relatório semioficial da expedição cubana a Angola. Esta é obra extraordinariamente presumida e sensacionalista, condescendente e quase racista no tom, quando relata a aventura africana às gentes cubanas na metrópole, utilizando um estilo que tem reminiscências com as histórias de Tarzan, de Edgar Rice Burroughs.

Numa passagem, Marquez lamenta-se do «atraso cultural» dos africanos do MPLA, com quem os Cubanos tinham de trabalhar, e prossegue:

As velhas superstições [africanas] não só complicavam a vida diária mas também estorvavam o esforço de guerra. Os Angolanos tinham sido convencidos de que as balas não penetravam na pele branca, temiam o feitiço dos aviões e recusavam-se a entrar nas trincheiras, porque as tumbas eram só para os mortos... Era uma guerra sórdida, em que [os Cubanos] tinham de tomar cuidado tanto com as cobras como com os mercenários, com os canibais como com os tiros de canhão. Um comandante cubano, no meio de uma batalha, caiu dentro de uma armadilha para elefantes. Muitas vezes, especialmente em Cabinda, os batedores cubanos sentiam-se traídos pelo telégrafo primitivo que eram os tambores da selva, cujo batuque podia ser escutado a quase 30 quilómetros de distância².

Isto constitui um espantoso chorrilho de asneiras, dominado por chavões. A linha acerca dos canibais é rememorativa de caricaturas que costumavam ser vulgares na Europa, de homens negros nus com ossinhos enfiados no nariz, em pé à volta de fogueiras, enquanto missionários brancos, todos vestidos a preceito e até com um chapéu colonial, ferviam a fogo lento em panelões gigantes.

A narrativa de Marquez pode ter sido meramente burlesca em diversas partes, mas algumas das suas afirmações, embora a sua exactidão fosse questionável, têm sido repetidas suficientes vezes de forma a tornarem-se verdades incontestáveis em muitas cabeças.

A sua mais importante afirmação foi apresentar como realidade a declaração de Fidel Castro de que «a 5 de Novembro [1975] o Governo Revolucionário de Cuba decidiu enviar para Angola as primeiras unidades militares para apoiar o MPLA»³. Esta asserção revestia-se de importância histórica fundamental, já que sugeria que os Cubanos apenas tinham chegado em resposta à invasão sul-africana de Angola. Desde então, muitas pessoas assimilaram este facto e estão de acordo com ele. Durante o debate efectuado, em finais de 1985 e princípios de 1986, sobre se os Estados

Unidos deviam recomeçar a prestar ajuda à UNITA, muitos comentadores de influência utilizaram este «facto» fundamental, apresentado por Marquez/Castro, como premissa para os seus argumentos. Jonathan Power, do *International Herald Tribune*, por exemplo, insistindo numa recusa de ajuda a Savimbi, escreveu: «Os Cubanos nunca puseram os pés em Angola até os Sul-Africanos terem invadido Angola durante a guerra civil⁴.»

Isto é absoluta e simplesmente falso. E embora John Marcum tenha escrito, com alguma prudência, «a intervenção estrangeira e os combates faccionários que se seguiram revelaram-se tão caóticos e oportunistas que a sua exacta sequência pode permanecer para sempre discutível⁵», ou seja, os factos que nos dão a certeza e demonstram, sem margem para dúvidas, que estavam soldados cubanos em Angola, ao lado do MPLA, em 1975, antes de ter acontecido qualquer intervenção sul-africana. Ficamos com essa certeza através das palavras do adjunto do primeiro-ministro de Cuba, Carlos Rafael Rodriguez, com pormenores completados por Wilfred Burchett, o jornalista comunista australiano que escreveu com indulgência acerca dos Chineses e Norte-Vietnamitas e, posteriormente, se tornou íntimo do MPLA.

Rodriguez admitiu a um grupo de correspondentes, em Janeiro de 1976, que Cuba enviara 230 conselheiros militares para Angola, em Maio de 1975, com o objectivo de treinarem as forças do MPLA em Benguela, Cabinda, Henrique de Carvalho (Saurimo) e Salazar (Dalatando), próximo de Luanda⁶. Segundo Burchett: «238 era o número preciso⁷.» John Stockwell afirma que estes conselheiros chegaram a Angola logo em Março, mas, mesmo que tivesse sido em Maio de 1975, foi três ou quatro meses antes de os primeiros instrutores sul-africanos terem começado a treinar soldados da UNITA, em Capolo, uma cadeia portuguesa fora de uso, próximo de Silva Porto (Bié)⁸. Todas as análises sugerem que estes instrutores sul-africanos começaram a chegar em Setembro de 1975. O relato mais fidedigno é provavelmente o de Stockwell, que o escreveu após se ter demitido das funções de chefe da Task Force da CIA, em Angola, e se ter tornado um defensor da causa cubana/MPLA: «Em Setembro, os Sul-Africanos começaram a fornecer armas e instrução... Primeiro 2, mais tarde 12 e, depois, 40 conselheiros apareceram ao lado das forças da UNITA, próximo de Silva Porto⁹.»

Os instrutores cubanos também apareceram ao lado do MPLA, mais de dois meses antes das primeiras armas americanas serem entregues a Savimbi, de acordo com o relato de Stockwell¹⁰. Por outras palavras, o apoio cubano ao MPLA começou durante o período em que o Governo de Transição Angolano estava ainda em funções e meses antes de a UNITA ter começado a receber os seus primeiros apoios, «quer» da África do Sul «quer» dos Estados Unidos.

O reforço militar cubano ao MPLA não terminou com os 238 homens enviados em Maio. De acordo com John Marcum, 200 instrutores de infan-

taria cubanos chegaram a Luanda em Agosto, uma vez mais «antes» de quaisquer instrutores sul-africanos terem entrado em Angola para treinar a UNITA. (Porém, mais ou menos na mesma altura, Marcum observa também que ao mesmo tempo um pequeno grupo de tropas sul-africanas assumiu posições no local onde se situava o projecto hidroeléctrico do rio Cunene, financiado pelos Sul-Africanos, poucos quilómetros para o interior de Angola. Segundo os termos de um acordo para a construção de uma série de barragens ao longo do Cunene, os Sul-Africanos tinham sido previamente autorizados pelos Portugueses a colocarem uma pequena força no local da primeira barragem, com um investimento de 63 milhões de dólares¹¹.)

Uma decisão para incrementar ainda mais o envolvimento de Cuba foi tomada em Agosto. Tropas cubanas e armamento começaram a ser embarcados em barcos com destino a Angola, a partir de 7 de Setembro de 1975¹². O primeiro navio deve ter chegado a África tão cedo como 25 de Setembro de 1975¹³; porém, daqueles que foram identificados positivamente, o *Vietnam Heróico* estava entre os primeiros a desembarcar em Porto Amboim, a sul de Luanda, em 4 de Outubro. Dois outros barcos, o *Coral Island* e o *La Playa de Habana*, desembarcaram a 5 e 12 de Outubro¹⁴. Vinham a bordo destes barcos cerca de 1000 soldados cubanos, acompanhados de carros blindados e camiões militares. Entre os soldados, que chegaram no *Vietnam Heróico*, estava o tenente Selso Caldez, posteriormente capturado pela UNITA, em princípios de Novembro, e executado em Março de 1976 (ver capítulos XVI e XIX).

Estes navios chegaram «antes» que as forças da África do Sul cruzassem a fronteira de Angola, vindas da Namíbia, entre 14 e 23 de Outubro. A primeira é a data referida no relatório semioficial elaborado por Robert Moss da invasão sul-africana de 1975: a última é a fornecida por Sean Macbride, o antigo comissário das Nações Unidas para a Namíbia, ferozmente anti-sul-africano, num relatório secreto para a sede das Nações Unidas, em Nova Iorque¹⁵.

Existem várias estimativas do número de soldados cubanos que chegaram a Angola antes do Dia da Independência, a 11 de Novembro de 1975. Estas variam entre 1100 e 4000. O número de John Stockwell, referindo 2800, parece ser o mais exacto, tendo em consideração as suas simpatias pró-cubanas/MPLA¹⁶. O que é evidente é que este número de homens não poderia ter sido mobilizado e transportado para Angola nessa data se, como refere Gabriel Garcia Marquez, e do mesmo modo tanto o têm repetido, «o Governo Revolucionário de Cuba decidiu enviar para Angola as suas primeiras unidades militares para apoiar o MPLA» apenas a 5 de Novembro de 1975.

Colin Legun, o escritor sobre África, baseado em Londres, que tem uma longa folha de serviços de oposição persistente ao regime branco em vigor no seu país natal, a África do Sul, escreveu: «A mobilização e trans-

porte destes números consideráveis exigiria, pelo menos, seis semanas, a partir da altura em que a decisão foi tomada. A afirmação russa e cubana de que a sua intervenção militar foi a consequência da intervenção sul-africana é claramente uma justificação *post facto*, uma vez que eles já estavam bastante envolvidos antes de Março de 1975 e haviam já posto o seu programa de ajuda numa segunda fase, no princípio de Outubro — seguramente três semanas antes de o Exército Sul-Africano ter cruzado a fronteira.

Um cubano, feito prisioneiro pela FNLA, forneceu pormenores sobre a chegada da sua unidade proveniente de Brazzaville, em Agosto de 1975, quase dois meses antes da chegada do Exército Sul-Africano¹⁷.

Para além disso, a União Soviética dera início ao seu programa de entregas de armas ao MPLA em finais de Agosto de 1974, «onze meses» antes de os Estados Unidos encetarem uma muito mais limitada entrega de armas à UNITA (ver capítulos I e XI).

* * *

No contexto do combate incessante entre a UNITA e o MPLA, o saber «quais» os exércitos e armamentos estrangeiros que primeiro chegaram a Angola reveste-se de importância fundamental. Podem muito bem existir boas razões pelas quais a comunidade internacional — incluindo os democratas liberais e sociais ocidentais, que ficariam aterrorizados se um semelhante destino lhes batesse à porta — devesse abandonar Savimbi e os seus partidários da UNITA, entregues à sua sorte em Angola. Porém, isto não deveria acontecer com base numa mentira altaneira. Não deveria ser com base numa premissa forjada, destinada a tranquilizar as consciências daqueles que são responsáveis pelo abandono.

O meu argumento, com a guerra civil de Angola estando agora a ser travada em muito maior escala do que nunca antes fora, é perfeitamente simples. As provas são evidentes de que, enquanto o MPLA participava na escalada da guerra em 1974-1975, Savimbi concentrava todos os seus esforços na tentativa de assegurar a realização de eleições, com as quais concordavam todas as partes envolvidas no conflito, e que a Organização da Unidade Africana afirmou que a UNITA venceria (ver o capítulo XI). É facto elucidativo de falta de justiça natural na lei internacional que o MPLA seja agora reconhecido como o Governo legítimo de Angola, enquanto os membros da UNITA são considerados resistentes, fora do alcance da protecção de qualquer lei, salvo a da própria sobrevivência.

* * *

Na época em que o autor escreveu o epílogo não tinham ainda sido divulgadas as informações que adiante se incluem nesta edição portuguesa. Considerando que as mesmas se revelaram pertinentes e vêm enriquecer o conjunto da obra, constituindo dados importantíssimos que lançam nova

luz sobre toda a conjuntura que envolve a guerra de Angola, suas causas e consequências e seus intervenientes próximos e longínquos, decidiu o autor incluí-las neste epílogo, embora apenas tenham vindo a público em Setembro de 1987.

Contudo, o leitor poderá agora apreciar, de modo sensivelmente diverso, creio, toda a problemática que envolveu a intervenção estrangeira em Angola e eventualmente chegar a conclusões mais concretas e definidas quanto a tempos e personagens mais directamente envolvidas em todo o processo.

* * *

Estando de há muito disponíveis provas testemunhais de que a versão Marquez/Power da história de Cuba/Angola está falseada, vieram recentemente à tona novos e mais autênticos relatos do comprometimento cubano antecipado neste conflito. Dois dos mais importantes, que aconteceram em 1987, chegam-nos através do almirante Rosa Coutinho, que revelou, em entrevista concedida à televisão canadiana, a sua conspiração com os Cubanos, com o objectivo determinado de minar o processo eleitoral em Angola, e também da parte do general Rafael Del Pino Diaz, chefe da Força Aérea Cubana, um dos autores da estratégia militar do seu país em Angola, durante cerca de doze anos. Em Maio de 1987, o general Del Pino fugiu de Havana, num avião particular, com destino à Flórida, transformando-se assim num dos mais famosos desertores de alto nível do seu país.

Avistei-me com o general Del Pino, perto de Washington D.C., em Dezembro de 1987, e ele descreveu-me como, em Janeiro de 1975, fora instruído por Fidel Castro no sentido de dar início aos preparativos que visavam o envolvimento da Força Aérea Cubana na luta interna de Angola.

«Foi-me pedido pelo Estado-Maior, em finais de Janeiro de 1975, que visitasse a África à procura de campos de aviação», revelou o general Del Pino. «Respondi que a África é muito vasta e eu iria precisar de dados mais precisos. Então, responderam-se que se tratava da África Austral, e em seu devido tempo disseram-me tratar-se de Angola.

Castro presumia que o Acordo do Alvor não iria ser respeitado por nenhuma das partes e queria antecipar-se no terreno aos que considerava como seus adversários — sabia que os Chineses e Norte-Coreanos estavam a prestar ajuda à FNLA. O acordo previa que a União Soviética enviasse as armas para Angola e Cuba o pessoal militar.

Em Março de 1975, já estava preparado para enviar dois oficiais para Angola, com o objectivo de elaborarem planos para o nosso envolvimento [da Força Aérea Cubana].

No final do referido mês, o tenente-coronel Angel Botello Avila [chefe de Logística na Força Aérea Cubana] e o coronel Jaime Archer Silva [um piloto dos quadros superiores] chegaram a Luanda, vestindo roupas civis,

e ficaram alojados numa casa que fora providenciada pelo MPLA. Em Maio, voaram com destino a Henrique de Carvalho, onde lhes foi entregue a base aérea por oficiais militares portugueses que, penso, eram leais a Rosa Coutinho.»

Henrique de Carvalho, rebaptizada como Saurimo após a independência, fica a cerca de 600 quilómetros de Luanda, para o interior. As ordens dadas ao tenente-coronel Botello e ao coronel Archer eram que estes deveriam preparar a base no sentido de esta se transformar no principal ponto de entrada para o interior de Angola de armas cubanas e pessoal militar. Era um local remoto e, conseqüentemente, os serviços secretos ocidentais iriam, por conseguinte, demorar muito mais tempo a descobrir o que se estava a passar do que se a operação fosse conduzida de algum local próximo de Luanda. Botello e Archer mandaram vir rapidamente de Cuba mais treze oficiais especializados em engenharia electro-técnica e comunicações e geradores de energia e combustível. Em breve, quando Cuba compreendeu que não acontecera qualquer reacção concertada, ou de relevo, por parte das potências ocidentais às suas actividades em Angola, o general Del Pino mandou as suas forças expedicionárias da Força Aérea para Luanda e Cabinda, um enclave a norte do rio Congo, através do qual era muito mais fácil organizar a ponte aérea de armamento a partir de um ponto de transbordo em Brazzaville (mais especificamente, Ponta Negra). «Chegámos à conclusão de que era muito melhor sermos um pouco mais abertos e menos complicados», revelou o general.

Suspeitava-se de há já muito tempo do papel desempenhado pelo almirante Rosa Coutinho no processo de entrada de armas em Angola e, mais tarde, no desembarque de tropas cubanas que ajudassem a subverter o processo eleitoral em curso. Porém, ele nada admitiu até ser entrevistado para o programa *Angola*, um documentário realizado pela televisão canadiana e exibido, pela primeira vez, em 27 de Setembro de 1987, no Public Broadcasting Service TV, nos Estados Unidos.

Rosa Coutinho afirmou que, embora tivesse preparado as conversações realizadas no Alvor e delas tivesse até participado, no desempenho de uma das suas últimas tarefas como alto-comissário com plenos poderes em Angola, simultaneamente conspirava também com o objectivo de assegurar que o MPLA iria chegar ao poder sem que se realizassem as prometidas eleições.

«Penso ter determinado o processo de descolonização de forma irreversível», afirmou Rosa Coutinho aos Canadianos. «Eu sabia muito bem que não se poderiam realizar eleições no território durante o período de tempo que se aproximava, porque Angola vivia tempos conturbados. Se se realizassem as eleições, ela seriam pura fantasia.

Afirmei, na altura, que a única solução seria reconhecer o MPLA como a única força capaz de governar Angola e que Portugal deveria fazer um

acordo separado com o MPLA para transferência de poderes no dia 11 de Novembro.»

Ao mesmo tempo que o Acordo do Alvor estava a ser assinado, os militares portugueses, sob o comando do almirante Rosa Coutinho, permitiam que soldados cubanos (assim como armas soviéticas) entrassem clandestinamente em Angola para apoiar o MPLA. Juan Benemelis, chefe do Departamento para África do Ministério dos Negócios Estrangeiros cubano de 1965 a 1975, afirmou que os primeiros cubanos chegaram a Angola em princípios de 1975: «No momento preciso [da assinatura] do Acordo do Alvor, já se encontravam cubanos a cerca de 100 quilómetros a sul de Luanda, num forte de nome Massangano. Ora, a personagem-chave no comando de toda a operação era precisamente Rosa Coutinho.»

Benemelis, que desertou para os Estados Unidos em 1980 e escreveu um livro intitulado *Castro — Subversão e Terrorismo em África*, afirmou terem chegado, em Março de 1975, mais instrutores militares cubanos às províncias angolanas de Cabinda, Benguela e Lobito, provenientes de bases já estabelecidas em países da África Ocidental, mais especificamente na Guiné-Bissau e no Congo-Brazzaville.

À medida que a crise angolana se avolumava, tomando proporções incontroláveis, Rosa Coutinho, agora de volta a Portugal, apoiou a crescente intervenção cubana, com o objectivo de assegurar uma vitória fácil ao MPLA. Benemelis dizia: «Em Junho de 1975, houve uma reunião em Havana. O general Carlos Fabião, o coronel Varela Gomes e Rosa Coutinho [todos eles oficiais portugueses] deslocaram-se a Havana, com o fim de se avistarem com Senen Casas Requero, comandante-chefe do Exército Cubano, Julio Casas Requero, chefe de Logística do Exército, Vecino Algret, mais tarde um dos generais cubanos presentes em Angola, e o contra-almirante Emidio Baez, da Marinha Cubana... Foi uma reunião presidida por Rosa Coutinho, com a presença de altos militares cubanos, tendo como objectivo incrementar o apoio militar que os Soviéticos e Cubanos estavam a prestar, de forma a facilitar o processo que, a 11 de Novembro de 1975, permitisse que o poder fosse efectivamente parar às mãos do MPLA.»

O alto-comissário António Silva Cardoso reconheceu o que essas facções das forças portuguesas, como é óbvio leis a Rosa Coutinho, estavam a preparar em Angola. Cardoso tentou, por todos os meios ao seu alcance, fazer parar o fluxo de armas soviéticas com destino ao MPLA, no sentido de evitar uma guerra civil que adivinhava estar iminente e desta forma permitir que se realizassem as eleições prometidas por Portugal no Acordo do Alvor.

Em Abril de 1975, ordenou às forças militares portuguesas que apressassem um avião *Bristol Britannia* que chegara ao Luso, transportando 32 toneladas de armas para o MPLA, declaradas como sendo medicamentos. No mesmo mês, o cargueiro jugoslavo *Postoyna*, que transportava

armamento para o MPLA, não foi autorizado pelo general Silva Cardoso a descarregar em Luanda. O *Postoya* fez-se ao largo, dirigindo-se ao porto de Ponta Negra, no Congo-Brazzaville: aí descarregou e as armas foram posteriormente transportadas para Angola em barcos mais pequenos.

Em Maio de 1975, o general Silva Cardoso afirmou a Jonas Savimbi estar na disposição de atacar a base do MPLA em Massangano e expulsar os militares cubanos do forte. Savimbi contou: «Ele [Cardoso] disse-nos que queria bombardear esse forte, por isso respondemos-lhe: 'O.K., faça-o.' Porém, havia elementos pró-soviéticos no Conselho Militar [das Forças Armadas Portuguesas presentes em Angola]. Estes avisaram Cardoso que, se o fizesse, eles imediatamente comunicariam para Lisboa e ele seria exonerado do cargo de alto-comissário.

No dia seguinte, fomos encontrá-lo muito desmoralizado. Não podia fazer nada, mesmo que o quisesse. Portugal estava dividido e a sua vontade e dos seus soldados, estacionados em Angola, não tinham virtualmente qualquer valor.»

Assim se traça o destino de uma nação, condenando-a a uma guerra fratricida.

* * *

Naturalmente, o cenário torna-se ainda mais complicado quando se acrescenta a FNLA ao quadro. Os instrutores militares chineses enviados à FNLA em Junho de 1974 e o começo de um fluxo de pequenas entregas de dinheiro pela CIA ao mesmo movimento no mês seguinte precederam o reinício de entregas de armas soviéticas em larga escala ao MPLA em Agosto de 1974. Se procurarmos o momento exacto no qual se iniciou a terrível escalada geral de entregas de armamentos e combates em Angola, logo a seguir ao derrube da ditadura portuguesa, em 25 de Abril de 1974, é aqui que temos de começar. Foi o que permitiu ao MPLA legitimar a sua tomada do poder, ao mesmo tempo que recebia armamentos enviados pelo bloco de Leste e apoio de tropas cubanas e da Alemanha Oriental, numa escala que a FNLA e a UNITA subsequentemente não viriam nunca a beneficiar.

São os acontecimentos passados durante este período, de meados do ano de 1974, que, suponho, permitiram ao Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, afirmar estritamente, numa entrevista à BBC, quase dois anos depois: «A luta interna [em Angola] teve muito a ver com os Americanos. Os Americanos estavam lá muito antes do 11 de Novembro [1975]. Os Cubanos não estavam lá. A primeira intervenção externa que existiu foi americana e sul-africana¹⁸.»

Ouvir este tipo de afirmação tendenciosa da parte de um homem de Estado africano, que outrora granjeara respeito em termos internacionais, fez-me compreender que a análise da tragédia angolana era menos uma questão de encaixar um difícil e gigante quebra-cabeças do que examinar

uma série variada de borrões de lama numa parede, sem qualquer padrão definido. Afinal, não era este o Nyerere que servira de interlocutor para persuadir os Chineses a ajudar a FNLA em 1974, que num sentido poderia ser acusado de ter feito disparar todo o ciclo e que ficara, entretanto, numa posição difícil para condenar os Americanos por terem seguido o seu exemplo um mês depois? Não fora este mesmo Nyerere que, em Abril de 1975, decidira treinar as tropas de Savimbi e que, em Agosto de 1975, desviara o seu apoio para o MPLA?

* * *

No princípio de 1986, Angola e a guerra civil que ali se travava tornaram-se a trave mestra do conflito que se desenrolava na África Central e Austral. Os republicanos americanos da ala direita, ansiosos por «combater o comunismo», estavam a preparar-se para restabelecer o auxílio a Savimbi, quer aberta quer secretamente, para o ajudar na sua luta contra o MPLA, os Cubanos, os Soviéticos e os Alemães de Leste. Os democratas liberais e alguns republicanos insurgiram-se contra tal ajuda, argumentando que a América poderia ficar envolvida numa guerra sempre em escalada e que viria a encontrar-se indelevelmente apontada como um aliado da África do Sul. Os republicanos pró-Savimbi retorquiram que nada fazer para auxiliar a UNITA revelaria a América como um cobarde embusteiro impreparado para ajudar movimentos democráticos contra regimes totalitários, com medo de ser mal compreendida.

Nenhum dos lados era muito convincente. Savimbi precisava do apoio dos «anticomunistas» americanos, de modo que pouca escolha teria senão aceitar o auxílio da África do Sul. «Ninguém pode dizer-nos com sinceridade que seria melhor sermos massacrados pelos Cubanos do que aceitar a ajuda da África do Sul», afirmou ele uma vez à imprensa francesa. «Queremos viver e queremos a nossa independência. Não estamos interessados em que nos prometam o título de revolucionários póstumos¹⁹.» E, numa outra entrevista, após o MPLA ter assinado o Acordo de Lusaca com a África do Sul, ele afirmou: «Lenine assinou o Tratado Brest-Litovsk [que entregava a Ucrânia, a Finlândia, as províncias bálticas, o Cáucaso, a Rússia Branca e a Polónia aos Alemães]; Estaline assinou o Pacto Soviético-Nazi [em que a Alemanha e a União Soviética dividiam entre si a Europa Central]; Samora Machel, o Acordo de N'Komati, e Eduardo dos Santos, o Acordo de Lusaca. Hoje, os homens de Luanda jantam com os Sul-Africanos e, juntos, perseguem a SWAPO no Cunene. Quem, por conseguinte, pode esperar vir dar-nos lições?²⁰»

Contudo, embora por razões táticas Savimbi se apresentasse nos Estados Unidos, em 1986, como o homem do Ocidente em África, nas minhas conversas com ele rejeitou sempre o rótulo simplista «pró-ocidental» que lhe haviam colado os Americanos da ala direita e as agências noticiosas —

o seu era um combate «pró-Angola», um combate pelo direito do povo de escolher o seu próprio governo.

Ao mesmo tempo que os conservadores ocidentais exageravam os sentimentos pró-ocidentais de Savimbi, para os ajustarem aos seus preconceitos e opiniões preconcebidos sobre a região, os liberais e progressistas acentuavam as supostas virtudes dos conservadores do MPLA para apoiarem «a sua» causa a favor do Governo de Luanda. Num dos exemplos mais bizarros, o colunista do *New York Times* Anthony Lewis citou um esteio invulgar a favor do seu argumento de que os Estados Unidos deviam conceder reconhecimento diplomático ao governo marxista em Angola. Durante uma visita de cinco dias a Luanda, Lewis avistou-se com T. J. Fahey, um executivo da General Tire and Rubber Company, de Akron, Ohio, que tem uma participação de 10 por cento numa companhia de pneus angolana, propriedade do Estado. Fahey revelou a Lewis: «Estamos muito satisfeitos por aqui estarmos. Eles pagam-nos meticulosamente os nossos honorários e os ordenados da nossa gente. Eu sou apenas um velho mascate, mas penso que é um erro trágico que não reconheçamos Angola. Aqui está um país com um incrível poder de compra e uma necessidade premente de todos os produtos da terra. Estou a falar dos próprios interesses comerciais da América²¹.» O argumento de Fahey era um argumento algo estranho para Lewis ter empolado tanto, pois estava a apresentar o caso-padrão de um caixeiro-viajante capitalista. Ele teria apresentado os mesmos argumentos se estivesse a vender pneus à África do Sul, Chile, China, Vietname do Norte ou Império Centro-Africano. Comerciantes desta natureza admiravam a senhora Indira Gandhi, durante a sua suspensão da democracia na Índia, e Mussolini, por ter feito com que os comboios do seu país cumprissem horários, e também possivelmente o tenente dos Estados Unidos Milo Mindbender, o traficante no *Catch-22*, que defendia os Alemães com quem negociava clandestinamente ao afirmar: «Talvez eles tenham desencadeado a guerra, e pode ser que estejam a chacinar milhões de pessoas, mas pagam as suas contas muito mais prontamente do que alguns dos nossos aliados que eu posso nomear²².»

O anterior relatório de Lewis demonstrara uma preocupação notável pela opressão e a recusa dos direitos democráticos existentes numa variedade de regimes desprezíveis. Se ele tivesse ouvido Fahey, expressando pontos de vista semelhantes em Pretória ou Varsóvia, o «velho mascate» teria sido o alvo da fúria de Lewis.

Era estranho que Lewis, ao exortar o seu governo a abraçar a MPLA, nada tivesse a dizer acerca do facto das eleições multipartidárias prometidas para Angola nunca se tivessem realizado, que não tivesse acentuado que toda a oposição ao MPLA fora proscrita e que se esquecesse de registar que durante os seis meses da sua visita pelo menos 43 angolanos foram executados nas três principais cidades do país por causa da sua oposição a uma autocracia que não tinham escolhido²³.

Tão curiosa quanto a adopção por Lewis, e de um número de outros comentadores de esquerda, dos motivos de lucro do capitalismo da ala direita para ilustrar a respeitabilidade do MPLA, foi a sua veemência em demonstrar as perigosas tendências de esquerda de Savimbi. Assim, Gerald Bender, um professor de relações internacionais, pró-MPLA, na Universidade da Califórnia, citou o responsável executivo americano da Gulf Oil of Texas como afirmando: «Savimbi seria o pior de todos os socialistas e seria muito mais difícil negociar com ele do que com o MPLA²⁴.» Os executivos da Gulf Oil, agora parte do império Chevron, têm continuado a sublinhar que os pagamentos do MPLA são pontuais e que os direitos de exploração estão entre os mais generosos no mundo inteiro. Um considerável número de liberais, incluindo o representante Ted Weiss (democrata de Nova Iorque), afirmou que a autodescrição de Savimbi como sendo «maoísta» demonstrava que ele era um homem a não apoiar²⁵ — na verdade, Savimbi tinha dito que admirava as teorias das técnicas de guerrilha de Mao, porque as pusera em prática e verificara que funcionavam, mas rejeitara as teorias económicas de Mao, porque o tempo lhe mostrara que estas não funcionavam.

Os democratas ocidentais vão em socorro de povos sitiados muito raramente; porém, ao abandonarem Savimbi, existe a gratificação de um *frisson** de integridade moral. Na região austral africana, a determinação implacável com que os Sul-Africanos procuram aplicar o *apartheid* é frequentemente comparável ao fanatismo cego com que muitos veteranos anti-*apartheid* estão dispostos a sacrificar outros, com o objectivo de ver o *apartheid* aniquilado: este último transforma-se numa espécie de racismo muito seu, tão cruel no efeito, que não na intenção, como o sistema que procura destruir. O seu próprio absolutismo deslustra o princípio pelo qual está a combater.

A necessidade de um homem — um voto de eleições multipartidárias em Angola — é tão raramente ouvida dos lábios dos veteranos anti-*apartheid* como o é a exigência para a realização de eleições semelhantes na África do Sul por parte dos elementos da direita americana, que se intitulam a eles próprios patronos de Savimbi.

É, naturalmente, muito mais difícil para democratas liberais defender a causa da liberdade em Angola do que o é na África do Sul: as probabilidades de serem mal compreendidos são infinitamente superiores. A verdade é que existem poucos aplausos fáceis e palmadas nas costas a serem conquistados ao pugnar pela liberdade em Angola. Contudo, é uma pena que tantos democratas do centro se abstenham de analisar com cuidado o que tem acontecido em Angola, simplesmente porque receiam que as suas razões sejam mal interpretadas e vituperadas.

* No original, *frisson* — estremeamento. (N. do T.)

Tenho algumas vezes considerado que a intolerância dos liberais brancos na Grã-Bretanha, em relação a alguns dos meus conhecidos amigos negros da UNITA, é quase assustadora. Um professor meu conhecido, do Departamento de Estudos Africanos da Universidade de Edimburgo, era um homem de notável inteligência, que se viera embora da Rodésia porque se opunha à discriminação racial ali praticada: ele era inflexível com os brancos da África Austral, mas também fazia críticas severas às deficiências dos Estados negros recentemente independentes. Pensei que ele gostaria de conhecer um líder da UNITA que viera visitar-me. «Não», foi a resposta, «Nunca falarei com essa gente». N-U-N-C-A. Foi uma resposta que me chocou porque o jovem angolano já suportara mais adversidades durante os 24 anos da sua vida do que este professor branco, apesar de todos os seus princípios, alguma vez experimentaria durante a sua existência universitária acomodada. O meu visitante negro fora encarcerado com a idade de 15 anos pelos Portugueses, simplesmente porque alguns dos seus irmãos faziam parte da resistência da UNITA: durante seis meses da sua pena de prisão de dois anos ele fora mantido na cela solitária, em total escuridão, vivendo com os próprios excrementos. Quando finalmente foi libertado, após a revolução portuguesa de Abril de 1974, ele estava cego e não recuperou a visão durante muitos dias; quando recuperou a visão de novo, ficou aterrorizado ao descobrir que a sua pele, outrora negra, ficara cinzenta. Dois dos seus irmãos morreram em combate contra os Portugueses. Um outro morreu em combate contra os Cubanos e a sua irmã fora executada pelo MPLA porque os irmãos se opunham ao regime. O meu visitante enfrentava a execução se alguma vez fosse apanhado em Angola, onde estivera na frente de combate contra os Cubanos e era um intérprete intelegível da história complexa e difícil da UNITA. No mínimo, ele conquistara o direito de se fazer ouvir.

Na África Austral, os democratas liberais ocidentais têm, por demasiado tempo já, aplicado a lógica moral com antolhos. Eles argumentam, com justiça, a favor da liberdade e realização de eleições livres na Namíbia e da retirada das forças estrangeiras, isto é, os Sul-Africanos. Contudo, ignoram a embaraçosa lógica concomitante que estes sentimentos suscitam, porque se nada menos que isso é suficientemente bom para o povo da Namíbia — e nada menos que isso «é» suficientemente bom — por que razão qualquer coisa menos que isso seria suficiente para o povo de Angola?

Aqui, o meu objectivo aponta para o centro do espectro democrático do Ocidente: a polarização reflexo patelar da direita e esquerda modernas tem-se apresentado como argumento racional a esses pólos quase redundantes. Se a extrema-direita apoia a UNITA por razões estratégicas mais do que em defesa dos interesses do povo de Angola, a extrema-esquerda ignora igualmente o povo e auxilia o MPLA por razões de intolerância ideológica e ódio. Na ausência de uma análise verdadeira destes

extremos, surge a necessidade do centro a proporcionar. Os liberais ocidentais têm incansavelmente argumentado que os guerrilheiros da SWAPO, da Namíbia (e os guerrilheiros do ANC, da África do Sul), não podem ser condenados por aceitarem o apoio de Cuba e da União Soviética, porque, durante demasiado tempo, a maioria negra da Namíbia foi incapaz de obter apoio suficiente da parte de um ocidente indiferente. Eles, com muita prudência, não inferem que a SWAPO irá inevitavelmente impor uma ditadura marxista, por causa das fontes do seu auxílio. Por que, então, não estender a lógica e condenar a UNITA quando, na sua campanha de tanto tempo para conseguir eleições livres e a expulsão das tropas estrangeiras, aceita a ajuda da única fonte de que está disponível? Na ausência de apoio por parte de uma potência que seja aceitável às suas sensibilidades, é obrigação dos liberais sugerir quaisquer outras linhas de acção realistas, em vez de adoptar uma atitude de submissão servil, ao que o periódico liberal *Guardian* uma vez, de forma admirável, descreveu como o objectivo declarado do MPLA da criação de uma «ditadura democrática revolucionária»²⁶, completamente orientada pelo marxismo-leninismo.

O jornal, aparentemente, esqueceu-se de reconhecer a ironia aterradora contida na autodescrição do MPLA. Ela ajuda a compor o que então constituía a minha perplexidade crescente, perante o entusiasmo casual com que alguns liberais do Ocidente sancionam, como adequados para Africanos, sistemas políticos contra os quais vituperariam se impostos nas suas próprias sociedades. Ou como um colonista de um jornal americano uma vez colocou a questão: «Um liberal é uma pessoa cujos interesses não estão em jogo de momento»²⁷.

Alguns analistas acreditam que a guerra angolana pode prolongar-se por mais 30 anos, com a UNITA a controlar as zonas rurais e o MPLA as cidades, enquanto à sua volta os modelos económicos continuam a cair e a lista de mortos a aumentar. Para um país de beleza invulgar e potencialmente muito rico, cujo povo é grandemente admirado pela sua vivacidade, tal perspectiva é de uma futilidade monumental.

Toda a lógica exige que os principais protagonistas, o MPLA e a UNITA, cheguem a uma conciliação que permita alguma espécie de partilha do poder, a paz e a repatriação dos soldados estrangeiros. Isso naturalmente é mais fácil de dizer do que de fazer. Savimbi propôs ao MPLA cinco anos de governo de coligação com a UNITA antes da realização das primeiras eleições livres em Angola. Porém, a sua condição é que todas as tropas cubanas devem primeiro regressar à sua pátria — sem isso não existiria qualquer garantia de segurança para a UNITA quando esta entrasse nas principais cidades.

Se a África do Sul se retirar da Namíbia e retirar o apoio à UNITA, o MPLA propôs reter apenas 10 000 a 12 000 dos 31 000 soldados cubanos que os serviços secretos ocidentais calculavam estar em Angola no

final de 1985. Haveria uma retirada total dos Cubanos do Sul, e aqueles que permanecessem no país ficariam localizados apenas na Província de Luanda e em Cabinda²⁸. Aparentemente, eles iriam garantir protecção à capital e aos poços de petróleo contra os Sul-Africanos; porém, é evidente que o seu verdadeiro papel seria o de proteger as duas aéreas mais importantes do país de uma investida da UNITA, e assim que a África do Sul tivesse concedido a independência à Namíbia e retirasse do território não haveria nada que impedisse o MPLA de reforçar a sua guarnição cubana, logo que parecesse provável a UNITA querer abrir caminho até à capital.

Este parece ser um círculo que é impossível de romper. Porém, já quase no final do ano de 1985, no V Congresso Anual do MPLA, o Presidente Eduardo dos Santos conseguiu destituir Lúcio Lara do Bureau Político, constituído por 13 homens, e Henrique «Iko» Carreira do Comité Central, composto por 75 membros. Ambos eram firmemente pró-soviéticos e lideravam a facção que se opunha a qualquer forma de conversações de conciliação com a UNITA. A demissão de Lúcio Lara constituiu uma surpresa. Durante quase 30 anos, Lúcio Lara, o filho «mestiço» de um abastado português, proprietário de uma plantação de cana-de-açúcar, fora o especialista ideológico do movimento: a sua presença permanente na liderança do topo do MPLA parecia estar de pedra e cal. A decadência de Carreira fora ainda mais surpreendente porque, como chefe da Força Aérea, ele supervisionara a reconstrução do poder ofensivo aéreo do MPLA, que causara grandes problemas à UNITA em 1984 e 1985. Tanto Lara como Carreira, assim como vários outros destituídos de posições cimeiras, haviam sido frequentemente referidos por oficiais dos Estados Unidos como «obstáculos» aos planos regionais de paz concebidos pelo doutor Crocker²⁹.

Apesar da suspensão, pelo MPLA, das conversações com a Administração dos EUA, a seguir à rejeição da Emenda Clark, no Verão de 1985, o Presidente Eduardo dos Santos demonstrou nova disposição para alcançar um acordo negociado ao reencetar negociações com Washington no Outono. O doutor Crocker avistou-se com os ministros angolanos mais antigos, presentes em Lusaca, nos finais de Novembro de 1985, e ainda em 8 e 9 de Janeiro de 1986 manteve dois dias de conversações com o Presidente Eduardo dos Santos em Luanda. Não foram revelados quaisquer pormenores acerca das propostas por eles trocadas, mas a Agência Noticiosa Angolana (ANGOP) informou que o Presidente Eduardo dos Santos havia dito a Chester Crocker: «Na eventualidade de novas agressões, Angola solicitará mais ajuda à comunidade internacional e particularmente aos seus amigos tradicionais na União Soviética, Cuba e outros países socialistas³⁰.»

Eduardo dos Santos mostrara a sua determinação para negociar numa posição de poderio militar crescente. O objectivo de Savimbi era similar, como se verificou quando se deslocou a Washington, em fins de Janeiro

de 1986, com o fim de obter ajuda para comprar armas defensivas, que lhe permitissem opor-se à sofisticação crescente e número de armas entregues ao MPLA.

O nível presente da guerra já é suficientemente mau. Calcula-se ter custado ao país pelo menos 20 bilhões de dólares em destruição e em pagamentos para aquisição de armas e às tropas estrangeiras³¹. O projecto soviético-brasileiro de uma barragem no rio Cuanza, cujos custos ascendem a 900 milhões de dólares, não pode avançar enquanto uma unidade de segurança especial, com uma força de 600 homens, não for treinada para proteger a força de trabalho. A unidade de moeda, o kwanza, vende-se a 1500 para 1 dólar no mercado negro, contra a taxa oficial de 30. Em Dezembro de 1985, um jovem oficial militar do MPLA afirmou ao Congresso do MPLA: «A guerra transformou-se em rotina para nós — todos os dias há combates, todos os dias se morre, todos os dias fazemos prisioneiros, todos os dias se entregam rapazes da UNITA, todos os dias há camponeses que perdem os seus membros³².»

O escritor e antigo ministro da Educação do MPLA, Artur Pestana Pepetela, tem-se lamentado: «Fomos arrastados para o conflito Leste-Oeste e agora nem sequer sabemos quem somos. Cada aspecto da nossa vida está imbuído de alienação e contradição — mercado negro *versus* planeamento oficial, ideologia proletária numa sociedade rural [apenas 12 dos 600 delegados ao último Congresso do MPLA eram camponeses], retórica pró-soviética enquanto se negocia com o Ocidente. Unicamente a paz nos permitirá, por fim, compreendermos quem somos e para onde queremos ir³³.»

Se todos os partidos ofendidos pudessem ser trazidos à mesa de negociações, talvez esta agonia pudesse ter um fim. Se os Cubanos tivessem de sair de Angola, os Sul-Africanos não teriam mais qualquer desculpa para permanecerem na Namíbia: no verdadeiro sentido da palavra, o envolvimento cubano tem atrasado a independência namibiana. Se os Cubanos e Sul-Africanos tivessem de fazer retiradas simultâneas e totais, estaria criada a situação não só para a independência da Namíbia e a realização de eleições em Angola, mas também se criaria uma atmosfera geral de tensão reduzida e poderiam acontecer outras mudanças importantes em toda a região. A África do Sul, livre de qualquer possível ameaça militar por parte de Angola, poderia vir a perder parte da sua mentalidade de cerco e sentir-se mais encorajada a prosseguir reformas raciais. Liberta da ameaça de alastramento da guerra de Angola, poderia existir um maior progresso e cooperação regional. O Zaire, um gigante adormecido que constitui um problema, poderia, por fim, iniciar um programa maciço de reformas e desenvolvimento que o seu povo ignorante merece; a desintegração da economia da Zâmbia poderia finalmente recuperar de novo com a reabertura do Caminho de Ferro de Benguela e, na atmosfera geral de maior tranquilidade, Robert Mugabe, do Zimbabwe, poderia sentir-

-se disposto a mostrar mais magnanimidade em relação à minoria Ndbele do seu país.

Esta é a visão optimista, contudo uma mais realista poderia ser a expressa por Stephen Glover, um especialista em assuntos de África, a trabalhar para o *Daily Telegraph*, após ter visitado a fronteira Namíbia-Angola: «A minha opinião é que, salvo algum milagre [e quem o desejaria?], os Cubanos não sairão de Angola. Os Sul-Africanos não sairão da Namíbia, mesmo que preencham esse espaço com os seus substitutos. A guerra prolongar-se-á e provavelmente tornar-se-á ainda mais violenta. Poderá até vir a transformar-se numa guerra gigantesca e bastante famosa³⁴.»

Se a guerra se intensificar, a política internacional que a rodeia e os interesses estrangeiros nela infiltrados tornar-se-ão ainda mais complexos. Porém, apesar disso, a questão central da guerra de Savimbi permanecerá sendo simples e clara — que todo o derramamento de sangue e destruição foram desencadeados por aqueles que destruíram o processo eleitoral prometido a Angola em 1975. Tanto como a sobrevivência à tentativa cubano/soviético/MPLA para o aniquilar, o feito notável de Savimbi, desde sempre confrontado com grandes vicissitudes, tem sido manter este truísmo básico na vanguarda do debate. A sua vontade inflexível de ser bem sucedido não tem surpreendido o seu velho professor, Henri Rieben, na Universidade de Lausana, que ele visitou no Centro de Estudos Europeus, nas margens do lago Lemán, no Verão de 1984. Quando lhe perguntei se estava surpreendido com o facto de o seu antigo aluno, vindo de Angola, se ter transformado numa tão importante figura em política africana, Rieben respondeu: «Não, de maneira nenhuma. Penso que de tempos a tempos o mundo vê alguém que está destinado a ser um homem da sua época. Reconheci essa qualidade especial e rara em Jonas Savimbi, até mesmo quando ele era apenas um estudante entre tantos.»

Decidi que a última palavra sobre Savimbi fosse pronunciada por um tranquilo escocês que passou a maior parte da sua vida de trabalho como oftalmologista na Índia, dando a vista a incontáveis milhares de pessoas num hospital-missão em Bihar. Desde que regressou à Escócia, o Dr. Alastair King tem sido o líder da Amnistia Internacional e tem estado ligado a campanhas que têm garantido a libertação das prisões de dissidentes indianos na África do Sul, de opositores negros ao regime do Malawi e dos que protestam contra o abuso da psiquiatria na União Soviética.

Numa carta publicada num jornal, o doutor King afirmou, em tempos, algo que eu nunca teria ousado dizer publicamente. A carta, na qual ele comentava relatórios que referiam que batalhões do ANC sul-africano (Congresso Nacional Africano) estavam a lutar ao lado do MPLA, em Angola, contra a UNITA, dizia assim:

É um triunfo para os obreiros da política externa soviética que dois homens, cuja influência eles provavelmente mais receariam

por se oporem ao avanço do comunismo na África Austral, estejam agora comprometidos, em campos opostos, numa guerra civil adulterada e aparentemente sem fim.

Jonas Savimbi, da UNITA, e Nelson Mandela, do ANC, personificam as duas mais poderosas forças a favor da democracia na África Austral de hoje. O primeiro, que devia agora fazer parte, por direito, se não como chefe, de um governo livremente eleito em Angola, tem vindo a travar a sua guerra crua e solitária contra uma ditadura marxista ao longo dos últimos dez anos.

Nelson Mandela, que devia estar a conduzir as negociações com o Governo Sul-Africano, com vista ao desmantelamento pacífico do *apartheid*, tem estado preso desde há mais de vinte anos.

As democracias ocidentais podem baixar as suas cabeças sob o peso da vergonha de que tal situação [o envolvimento militar do ANC com o MPLA contra a UNITA] tivesse alguma vez podido acontecer. Abandonaram Savimbi no combate pela liberdade do seu país, para manter cordiais as suas relações com o resto da África negra. Têm-se mantido calados acerca de Mandela e de tudo o que ele representa e defendeu, de forma a manterem boas relações comerciais com a África do Sul branca.

O seu contínuo fracasso em reconhecer a importância destes dois homens e empreender acções efectivas em seu apoio poderá eventualmente ocasionar ver cumprido o seu aparente desejo de morte para a democracia na África Austral³⁵.

Bruxelas, 21 de Janeiro de 1986

Post scriptum

JANEIRO DE 1986 A SETEMBRO DE 1987

Eles não parecem importar-se com os angolanos negros que matam outros angolanos negros com a ajuda da Rússia. Será que a vida de um negro tem menos significado se tirada por um angolano negro ou por um cubano do que se o for por um sul-africano branco? Será que a cor da pele do assassino determina o grau de protesto?

Jonas Savimbi, a jornalistas americanos negros, em Washington D.C., Fevereiro de 1986.

O calor quente e húmido do Verão austral africano invadira o quartel-general de Savimbi, em Jamba, quando este partiu, em Janeiro de 1986, para voar até Washington, acompanhado de dezassete membros do seu comité central e da sua nova esposa, Ana Isabel Paulino. Casara com Ana, sua secretária durante dez anos, dois meses antes, numa cerimónia protestante, realizada na mata. Sob o frio do meio-Inverno da capital americana, ele foi recebido como um chefe de Estado. Houve um encontro na Sala Oval (Oval Office) com Ronald Reagan, numa altura em que o Presidente estava a cancelar todos os outros compromissos por causa do desastre com o vaivém espacial *Challenger*. Em seguida, houve a entrevista habitual com os meios de comunicação social para todos os convidados de honra presidenciais, com a Casa Branca como pano de fundo. George Schultz recebeu-o no Departamento de Estado e Caspar Weinberger cumprimentou-o no Pentágono. Programas de televisão com grande audiência, como a *Mac-Neil/Lehrer News-Hour* da Public Television, os *Sessenta Minutos* da CBS e *Nightline* e *Good Morning America* da ABC, concederam tempo de antena a Savimbi para advogar a causa da UNITA contra os Soviéticos, Cubanos e o MPLA. A Reuter publicou um fastidioso perfil e uma entrevista, na qual Savimbi dizia que o seu sonho era negociar com Eduardo dos Santos os termos de um governo angolano de

unidade nacional que conduzisse a eleições livres. Declarou à agência noticiosa que estava empenhado na criação de uma sociedade pluralista, orientada para os valores ocidentais, e acrescentou: «Considero-me um socialista democrático.»

Savimbi chegara a Washington em finais de Janeiro, com a plena consciência de que já não se tratava de saber se a assistência viria directamente dos Americanos, mas simplesmente uma questão de saber quando e sob que forma viria. A 12 de Novembro de 1985, o Presidente Reagan aprovou um programa inicial de ajuda secreta à UNITA, incluindo armamento, no valor de pelo menos 15 milhões de dólares. O papel de Savimbi agora era o de reforçar os apoiantes dessa ajuda e conquistar os críticos para a sua causa.

Na altura em que partiu dos Estados Unidos, a 6 de Fevereiro, o *Washington Post* informou que Savimbi tinha um apoio da administração Reagan que «parecia quase monolítico e a garantia confidencial de que a inevitável ajuda militar estaria rapidamente a caminho dentro de poucas semanas».

Dois meses mais tarde, começaram a aparecer os primeiros relatórios informando que estavam a ser entregues à UNITA, através do Zaire, mísseis *Stinger*. Os *Stinger*, mísseis de terra-ar portáteis, para utilização contra ataques de aviação a baixa altitude, nunca anteriormente tinham sido entregues a grupos resistentes. Estavam, pelo menos, uma geração à frente dos últimos mísseis soviéticos *SAM-7* e proporcionaram à UNITA a capacidade de atacar os helicópteros *MI-24* e os aviões *MIG-23*, que tantas mortes haviam causado entre os partidários de Savimbi durante os combates do último ano.

Tendo escolhido meios «secretos» para apoiar Savimbi, o Presidente Reagan não precisava da aprovação do Congresso para levar a efeito qualquer programa, através da CIA. Porém, ele queria evitar o tipo de rebelião do Congresso que conduziu à aprovação da Emenda Clark em 1976. Chester Crocker e George Schultz, considerados por alguns analistas como sendo os principais opositores da Administração a que se enviasse equipamento militar dos Estados Unidos para Savimbi, foram persuadidos, entretanto, a mudar de ideias e apareceram perante comités do Senado comprometendo-se a dar o seu apoio. Crocker, apenas cinco dias depois de ter mantido conversações com o Presidente do MPLA, Eduardo dos Santos, em Luanda, declarou ao Subcomité de Relações Exteriores do Senado: «Tencionamos prestar apoio à UNITA de uma forma efectiva e apropriada. Neste ano que passou, pudemos observar o governo do MPLA, fortemente apoiado por Moscovo e Havana, prosseguir uma escalada [da guerra]. Falharam. Do nosso ponto de vista, é importante que continuem a falhar.» Schultz disse também aos republicanos do Senado que apoiara o auxílio a Savimbi, mas preferiria que este fosse canalizado «secretamente», em vez de através de um decreto do Senado, que viria causar compli-

cações quando surgisse a altura de abastecer Savimbi passando pelos Estados africanos negros vizinhos. Durante a sua visita, Savimbi salientara que mais importante que o auxílio sul-africano era o facto de que «doze países africanos negros apoiam-nos». Recusou-se a nomeá-los, embora estes incluíssem com certeza o Gabão, a Costa do Marfim, o Malawi, o Quênia, o Togo, os Camarões e o Zaire.

Robert Dole, o líder da maioria republicana no Senado, orquestrou o apoio do Congresso, com vista a dar ao Presidente a protecção de retaguarda política que este precisava para o programa «secreto». «Será apenas uma questão de avalizar a empilhadora em qualquer armazém, pôr as armas num avião e transportá-las de camião até Savimbi», declarou ao *Washington Post*.

Era um momento agradável para Savimbi. Durante os tempos em que o esquecimento constituía uma possibilidade diária, ele trocava ideias com os seus partidários, dizendo-lhes que se conseguissem ao menos sobreviver a dinâmica da política internacional mudaria à sua volta. Agora, a mais poderosa nação da Terra estava comprometida com eles, através de apoio político manifesto e armamento. Tal como David Ottaway do *Washington Post* observou: «Chegara a vez de Savimbi.»

* * *

Uma das mais bizarras consequências da guerra em escalada em Angola fora a propagação do conflito para as luxuosas câmaras das companhias de relações públicas em Washington. Tanto o MPLA como a UNITA tinham contratado prestigiadas firmas politigueiras para apresentarem o seu caso aos intermediários do poder na capital. A UNITA contratou, por 650 000 dólares anuais, a Balck, Manafort, Stone and Kelly. A decisão foi tomada ao fim de vários anos de insistência, por parte de um dos principais financiadores de Savimbi, os Sauditas. A companhia mantinha boas relações com o director da CIA, William Casey. Também Christopher J. Lehman, de 37 anos, um especialista adjunto do Presidente Reagan, irmão mais novo do secretário da Marinha, John F. Lehman, abandonou o elenco do pessoal da Casa Branca para orquestrar a campanha de Savimbi para a Black, Manafort.

O MPLA pagou uma quantia semelhante à Gray and Co., uma outra firma de relações públicas com ligações estreitas com a Casa Branca. Robert Gray, o fundador da firma, fora presidente do primeiro grupo que elaborou o discurso de posse de Reagan. Irados elementos da ala direita acusaram Gray de se ter tornado «simpatizante do comunismo», quando este nomeou Daniel Murphy, um reformado almirante de quatro estrelas, que exercera funções como adjunto do director da CIA e como adjunto do vice-presidente George Bush, para se encarregar do caso do MPLA. Ao fim de vários anos passados a espiar comunistas, o almirante Murphy aconselhava agora os representantes do MPLA, de visita aos Estados Unidos,

no sentido de estes vestirem fatos conservadores e gravatas «para contrastar com os fatos de estilo maoísta e fardas tipo Che Guevara, preferidos por Savimbi». Murphy contratou um antigo empregado da Gulf Corporation, que explora as reservas petrolíferas de Angola e paga os direitos que mantêm a guerra do MPLA contra a UNITA. O novo homem oriundo da Gulf apressou-se a contar aos repórteres que Savimbi mentira acerca das suas credenciais académicas, embora a sua tese de doutoramento, intitulada *As Implicações de Yalta para o Terceiro Mundo* possa ser consultada na biblioteca da Universidade de Lausana. Ao *Wall Street Journal*, o almirante Murphy explicou o seu novo trabalho para o governo angolano do MPLA desta maneira: «O problema de imagem deles é que são um bando de comunistas que têm lá um bando de cubanos.»

* * *

Ao mesmo tempo que as firmas competiam nos campos de batalha das relações públicas em Washington, homens mais corajosos tombavam vítimas de mortes reais, à medida que a guerra alastrava em Angola. Os comunicados de ambos os lados falavam de pesadas baixas em inumeráveis confrontos. Na véspera de Ano Novo, a UNITA revelou ter atacado uma coluna militar do MPLA, na Província da Huíla. Foram capturadas duas freiras brasileiras, que viajavam com a coluna e estavam neste momento a marchar a caminho de Jamba, para serem posteriormente libertadas. O MPLA, tendo confirmado a emboscada e a captura das freiras, alegou terem sido mortos cinco missionários. Os elementos clandestinos da UNITA continuavam a atacar, até mesmo em Luanda. O MPLA anunciou que, a 8 de Janeiro, explodira um carro armadilhado em frente aos escritórios da companhia aérea cubana, na capital, não tendo contudo causado vítimas. A 18 de Janeiro, a UNITA reivindicou ter detonado uma bomba num edifício de Luanda que alojava soviéticos e cubanos, matando «dúzias» deles e ferindo outros.

As batalhas com o MPLA estavam agora a travar-se num e noutra local, em Angola, diariamente, inobservadas e às quais era concedida pouca ou nenhuma atenção por parte da imprensa mundial. A UNITA continuava a tentar dirigir algumas operações contra estrangeiros — tanto do Leste como do Ocidente — que trabalhavam para o MPLA. Os trabalhadores cooperantes búlgaros, em Benguela, e uma caserna militar cubana, em Waco-Kungo, na província do Cuanza Sul, estavam entre os alvos que a UNITA reivindicou terem sido destruídos em ataques desferidos pelas suas forças especiais. Uma bomba colocada num hotel do Huambo matou vários cubanos e romenos.

Posteriormente, a 1 de Março, aconteceu a maior captura em massa de estrangeiros pela UNITA até essa data, quando uma força resistente cercou Andrada, a principal povoação mineira de diamantes do MPLA, na Província da Lunda, 1000 quilómetros a norte de Jamba. Entre os perto

de 200 técnicos mineiros capturados estavam 100 filipinos, 70 portugueses, 4 ingleses, 2 alemães ocidentais, 2 romenos e 1 canadiano. Os cativos, que incluíam 11 crianças e 25 mulheres, duas delas grávidas, foram obrigados a marchar durante quinze dias até à Província do Shaba, no Zaire. Aí foram deixados numa remota missão metodista, perto de uma aldeia fronteiriça chamada Kapanga. Os missionários entregaram-nos ao ICRC, que, por sua vez, conseguiu que um avião *C-130* da Força Aérea Belga os transportasse para Kinshasa, de onde embarcaram em voos comerciais com destino aos seus diferentes países de origem.

Ao descrever o ataque da UNITA, o senhor John Sutherland, um escocês que era director de projectos em Andrada, ao serviço da International Tractor Company (INTRACO), propriedade de ingleses, contou terem sido todos acordados, cerca das 4 horas e 30 minutos da madrugada do dia 1 de Março, por bombas de morteiro e fogo intenso de metralhadoras. Após duas horas de combates, os 800 militares do MPLA que protegiam as minas tinham já fugido. «Toda a povoação de Andrada foi capturada e foi-nos dito que iríamos para o quartel-general da UNITA em Jamba», contou o senhor Sutherland aos repórteres, à sua chegada à Grã-Bretanha. «Deram-nos dez minutos para empacotar as nossas coisas.» A maior parte das tropas da UNITA partiu imediatamente em companhia dos prisioneiros. Porém, a senhora Anand Inamdar, canadiana, ficara ligeiramente ferida durante o ataque e ficou em Andrada, com 60 soldados da UNITA. Numa entrevista para a televisão, contou ter passado a noite seguinte em sua companhia: «E ali estávamos nós, todos a comer, a beber e divertindo-nos ao som de muita música.»

Um outro dos ingleses capturados, um engenheiro de minas galês, Keith Dyton, contou que os soldados da UNITA tinham levado com eles a produção de diamantes do mês anterior, no valor de mais de 6 milhões de dólares. Os soldados trouxeram da mina tudo o que era portátil e destruíram todos os edifícios e restante equipamento. Os ingleses capturados ajudaram os soldados a carregar enormes camiões da mina com comida enlatada, arroz e armas capturadas e conduziram-nos para fora de Andrada, para serem armazenados em depósitos subterrâneos na mata. Os soldados levaram também cerca de 1000 cabeças de gado pertencentes à DIAMANG, a companhia de diamantes do Estado. Os prisioneiros ouviram o som de caças *MIG*, da Força Aérea Angolana, que os procuravam, porém não foram interceptados por forças do MPLA. Atravessaram posteriormente o rio Cassai, que faz fronteira com o Zaire, em dois botes de borracha que levavam nove pessoas de cada vez. Após terem deixado os seus protegidos em Kapanga, os soldados da UNITA regressaram rapidamente a Angola.

Em Londres, Keith Dyton contou: «Esta gente é muito dedicada à sua causa e nós ficámos a sentir uma certa simpatia por eles. Não foi muito agradável ter sido feito prisioneiro, mas posso tentar compreender o seu

ponto de vista.» John Sutherland comentou: «No que diz respeito à UNITA, eles trataram-nos da melhor forma possível.» As necessidades dos reféns eram consideradas em primeiro lugar, sempre que se distribuía comida e bebida, disse ele.

A UNITA revelou que o saldo da batalha de Andrada fora de 60 militares do MPLA mortos e vários feridos, contra 19 soldados da UNITA mortos e 30 feridos.

O ataque inspirou um interessante artigo assinado por Jill Jolliffe do *Guardian*, de visita a Luanda, sobre o papel desempenhado por várias centenas de filipinos na guerra angolana. «Eles representam o último modelo dos mercenários de Angola, os últimos civis a querer conduzir colunas de mantimentos, através dos campos de batalha», escreveu ela. As suas tarefas, em contratos de apenas 1000 dólares por mês, incluíam a condução dos veículos civis de transporte ainda existentes no território do MPLA, na tentativa de reduzir as imensas reservas de contentores de maquinaria, alimentos e medicamentos amontoados nos cais de Luanda. (De Luanda, Lee Lescaze do *Wall Street Journal* informava a 19 de Fevereiro de 1987: «As tripulações dos navios todas as noites observam a forma como soldados e civis roubam grandes percentagens de carga recentemente desembarcada.»)

Os Filipinos conduziam em comboios que se estendiam por mais de 5 quilómetros. A jornada até às minas de diamantes, na Província da Lunda, 1200 quilómetros a leste de Luanda, demorava cerca de 30 dias. Cada imensa coluna incluía os próprios reboques enormes dos Filipinos, veículos de transporte de tropas do MPLA e outros veículos militares, repletos de armas e equipamento antiaéreo. A escolta militar incluía comandos do MPLA, no estilo «Boinas Verdes», sob o comando de antigos oficiais portugueses leais ao «Almirante Vermelho» Rosa Coutinho, que tinham regressado a Angola para cumprir contratos como mercenários.

Surpreendentemente, os Filipinos tinham sofrido muito poucas baixas no decurso das suas «jornadas de morte» através de Angola. Um deles contou a Jolliffe que a sua vida fascinante provavelmente tinha muito a ver com um acordo informal, de se manterem à distância, que tinham com a UNITA. «Quando a UNITA ataca, nós atiramo-nos para o chão», contou um homem de Manila que conduzia em Angola há já quinze meses e fora atacado sete vezes. «Todavia, eles só perseguem os Angolanos. Eles sabem que nós apenas estamos a trabalhar para viver.»

Apesar da prazenteira bravura dos Filipinos, apenas três jornadas de abastecimentos terrestres tinham conseguido chegar às minas de diamantes durante todo o ano de 1985. As minas continuavam a estar dependentes de abastecimentos aéreos por aviões de transporte e, tal como em anos anteriores, eles continuavam, em 1986, a correr o risco de serem atacados. Um avião de transporte gigante *Hércules* da Lockheed, alugado ao MPLA por uma companhia irlandesa, a IAS Guemsey, foi atingido por

mísseis SAM-7 pouco depois de ter descolado, a 10 de Fevereiro, do complexo mineiro do Dundo, perto de Andrada. Os pilotos canadianos e americanos conseguiram fazer aterrar o avião, mas dois dos seus motores gigantes ficaram destruídos.

O cerco, cada vez mais apertado, da UNITA à Província da Lunda estava a destruir a indústria de diamantes, como fonte de receita para o MPLA. Após o ataque a Andrada, a INTRACO e uma outra companhia europeia, a ITM, com sede no Luxemburgo, retiraram-se das minas, assim como a companhia subsidiária de De Beers, a *Minning and Technical Services*, com sede em Londres, se retirara no ano anterior. As exportações de diamantes do MPLA ascenderam a 234 milhões de dólares/ano em 1980, constituindo a maior fonte de divisas estrangeiras para o Governo, depois do petróleo. Quando a UNITA intensificou os seus ataques na Província, a produção baixou subitamente para os 56 milhões de dólares, em 1984, e 32 milhões, em 1985. No 1.º trimestre de 1986, não foram comercializados quaisquer diamantes, ficando a DIAMANG, a companhia de diamantes do Estado, sem receitas e arcando com as despesas, no valor de 4 milhões de dólares/mês, para pagar os ordenados dos 17 000 trabalhadores e financiar a ligação aérea de vaivém com a costa.

Em simultâneo, a própria quota da UNITA na produção de diamantes subia constantemente. Os diamantes eram roubados no decurso de ataques a centros mineiros diamantíferos do MPLA; eram retirados às ocultas das minas por membros clandestinos da UNITA, e também peneirados em galerias de minas conhecidas da UNITA através de velhos mapas mineralógicos portugueses. Em 1986, a equipa mineira da UNITA comprou três fatos de homens-rãs, na Europa, de modo a que os diamantes pudessem ser recuperados do cascalho no leito dos rios mais profundos da Província da Lunda. Garrafas de oxigénio eram regularmente transportadas para a Lunda, às costas dos carregadores. O treino do pessoal da UNITA, que começara em 1983, em todos os campos do tráfico de diamantes, está agora a dar generosamente os seus frutos. Os oficiais da UNITA admitem ter tido lucros que oscilam, incoerentemente, entre 50 000 e 4 milhões de dólares por mês. No comando da operação está o antigo comandante de guerrilha tenente-coronel Dias Vasconcelos, que começou a treinar-se no negócio dos diamantes, na Europa Ocidental, em 1983. Savimbi decidiu proceder assim após a UNITA ter sido defraudada e enganada por traficantes de diamantes e intermediários em numerosas ocasiões. Agora, Vasconcelos certifica-se segundo a taxa real em vigor no mercado. Ele viaja regularmente entre o seu quartel-general em Jamba e a Província da Lunda e centros de venda europeus, tais como Genebra. Em Jamba, ele possui lâmpadas para classificar diamantes, peneiras, balanças electrónicas, pequenas pinças para diamantes, lupas e cartas de tabelas com o preço dos diamantes. A sua equipa, de vinte pessoas, em diferentes estágios de competência no manuseamento de diamantes, está

empenhada num constante processo de especialização e está a crescer todos os dias. O próprio Vasconcelos faz os pacotes de diamantes, de acordo com o regulamento das práticas deste comércio tão reservado, e leva-os pessoalmente a Genebra para receber as licitações de clientes da Índia, Nova Iorque, Bélgica e Israel.

* * *

Em Abril, os jornais antecipavam já uma outra grande ofensiva da estação seca do MPLA contra a UNITA. No princípio do mês, o MPLA reivindicou ter abatido um avião de transporte *Hércules C-130* da Força de Defesa Sul-Africana, quando este largava abastecimentos destinados às tropas da UNITA, próximo do Andulo, na Província do Bié. Contudo, investigações levadas a cabo pela Associação de Transportes Aéreos Internacionais (IATA)*, com sede em Genebra, descobriu que o avião que fora abatido não era da SADF mas sim um dos próprios *Hércules* do MPLA, com as marcas da Trans Meridien, uma companhia britânica de transporte de mercadorias que se retirara dos circuitos comerciais há sete anos. O *Observer* e a revista *Afrique-Asia* confirmaram que os mísseis *Stinger* tinham começado a aparecer com a UNITA, provenientes dos Estados Unidos. Os *Stinger* têm um alcance de 8 quilómetros contra o alcance de 3 quilómetros das presentes existências da UNITA em mísseis *SAM-7*. São também mais precisos e destrutivos. Em Julho, oficiais da UNITA calcularam estar a ter um índice de previsão de ataque de oito em dez com os *Stinger*, contra um em dez com os *SAM-7*. Os *Stinger* tinham como equipamento suplementar mísseis terra-ar *Redeye* e mísseis antitanque de longo alcance com grande potência.

Na preparação para a ofensiva, a União Soviética tinha passado os seis meses anteriores a introduzir novas armas para o MPLA, por mar e por ar. A escala da operação de reabastecimento foi formidável. Os Soviéticos chegaram a comprometer aviões que faziam parte das suas vantagens estratégicas para qualquer conflito de envergadura na Europa. Estes incluíam diversos *Ilyushin-76* de transporte e 5 do seu total dos 50 gigantes *Antonov-22 Cock* de longo alcance, aviões de transporte turbo-jacto de sustentação pesada. Entre cinco a dez aviões de transporte soviéticos aterravam todos os dias em Menongue, Cuíto-Cuanavale e Luena. Com cargas de combustível aligeiradas, para a curta travessia aérea desde portos como Luanda, Lobito e Namibe, eles transportavam por via aérea, na sua maior parte, tanques de combate *T-62* e *T-55*, tanques anfíbios *PT-76* e veículos blindados de transporte de pessoal *BTR-60* e *BRDM-2*. As novas baterias de mísseis de defesa aérea *SA-6*, *SA-8* e *SA-13* e sistemas de radar antiaéreos foram também transportados por via aérea, numa escala de longe superior a algo que a Força Aérea Sul-Africana poderia esperar

* IATA — International Air Transport Association. (N. do T.)

sobrepôr-se. Os novos helicópteros, equipados com metralhadoras *Hind*, *MI-24* e caças-bombardeiros *Flogger MIG-23* foram entregues em quantidades superiores às de substituição dos perdidos na ofensiva de 1985. No começo de 1986, as agências de serviços secretos ocidentais calculavam existirem, em Angola, 27 *MI-24*, 23 *MIG-23*, 70 *MIG-21* e 10 *Sukhoi-22*. Enquanto os *MIG-21* eram utilizados em ataques terrestres, os *MIG-23*, pilotados por soviéticos, proporcionavam cobertura aérea contra os aviões da SADF. Os caças-bombardeiros *Sukhoi-22* tinham capacidade para disparar mísseis ar-terra. Para apoiar todo este e outro armamento — tais como helicópteros de assalto *22 MI-8* — a União Soviética instalara também um sistema formidável de manutenção e apoio logístico. Na edição de 12 de Maio da revista *West Africa*, o chefe do estado-maior do exército do MPLA, Roberto Monteiro Ngongo, admitiu existirem militares soviéticos tanto a nível do Estado-Maior-General do quartel-general do MPLA como dos estados-maiores de todas as regiões militares*. Os serviços secretos ocidentais calcularam o número de pessoal militar soviético envolvido na instrução e nos postos de comando em cerca de 1500 homens. Para além disso, cerca de 3000 militares da Alemanha Oriental estavam desdobrados, particularmente, entre os serviços secretos do MPLA e os serviços de comunicações.

No princípio de Abril, foram reunidos no Cuíto-Cuanavale e em Luena tanques e artilharia pesada, a postos para a ofensiva. Brigadas mecanizadas e milhares de homens de infantaria estavam a ser preparados para a investida. A importância desta, tanto para a União Soviética como para o MPLA, era considerável. Após o fracasso do grande esforço em 1985, um outro ataque abortado, em 1986, teria grandes custos em termos de propaganda e também na moral, assim como em perdas de homens e materiais.

Nos princípios de Maio, o Presidente Eduardo dos Santos chegou a Moscovo para uma segunda visita oficial, em três meses. Entretanto, Savimbi deslocara-se à Cidade do Cabo em busca de garantias para duas

* Ngongo estava a dizer apenas uma parte da verdade no que dizia respeito à importância do envolvimento soviético. Os serviços secretos ocidentais tinham observado a chegada a Angola, em Dezembro de 1985, do general soviético Konstantin Shagnovitch, com o objectivo de assumir o comando de todas as forças que operavam no país em apoio do MPLA, incluindo as próprias tropas governamentais. Para Savimbi e para a África do Sul este era um indício ameaçador da séria intenção de Moscovo, já que Shagnovitch era o oficial soviético de mais elevada patente a ser colocado em funções efectivas fora da Europa ou Afeganistão. O general, um contra-revolucionário com técnicas desenvolvidas no combate contra os guerrilheiros afegãos, foi encarregado da tarefa específica de assegurar que futuras ofensivas contra os bastiões de Savimbi não falhassem.

Calcula-se que Shagnovitch teria consigo cerca de 950 camaradas soviéticos, empenhados em lugares de comando e funções de instrução: estes incluíam o general Mikhail Petrov, que em finais de 1986 fora nomeado primeiro delegado do Politburo da União Soviética, encarregado da contra-ofensiva política.

frentes: primeiro, para o apoio constante dos Sul-Africanos ao combate da UNITA, e segundo, para se assegurar que a África do Sul não tinha intenções de se retirar da Namíbia antes que todas as tropas cubanas retirassem de Angola. Savimbi fora posto de sobreaviso por uma proposta apresentada, em Março, pelo Presidente Pieter Botha ao Parlamento Sul-Africano, no sentido de começarem a sair da Namíbia a partir de 1 de Agosto de 1986, «desde que um acordo estável e satisfatório possa ser alcançado antes dessa data no que diz respeito à retirada dos Cubanos». Botha assegurou a Savimbi que a condição estava definida em concreto e Savimbi regressou para intensificar uma contra-ofensiva que fora desferida no princípio do ano, com vista a hostilizar as linhas de abastecimento do MPLA. Para pôr em destaque a confiança em si próprio e nas suas forças, Savimbi fez uma visita, largamente publicitada, ao Munhango, situado no centro morto do país, acompanhado por uma equipa de televisão da República Federal da Alemanha e por James F. Smith, um correspondente da agência Associated Press. Smith teve um choque quando descobriu que o todo-poderoso dólar não podia comprar tudo. No Munhango, ele propôs-se comprar uma boina militar própria da UNITA, e teve como resposta: «Para que me serve o dinheiro?»

Eduardo dos Santos regressou de Moscovo com garantias de constante envolvimento soviético para a ofensiva. Em meados de Junho, um navio soviético de 10 000 toneladas atracou em Luanda, trazendo a bordo 100 mísseis pesados terra-ar, que, em seguida, foram transportados por via aérea para Luena em aviões *Antonov-22*.

* * *

A 27 de Maio, a ofensiva do MPLA foi lançada em três frentes. Brigadas de infantaria e blindados começaram a movimentar-se, com apoio aéreo conjugado, em direcção a posições-chave do inimigo. Duas colunas partiram de Luena, uma rumo a oeste para o Munhango e a outra para sul em direcção a Lumbala (Gago Coutinho). A terceira coluna partiu do Cuíto-Cuanavale em direcção a Mavinga e a Jamba, com o objectivo de cortar a linha vital de comunicações e logística da UNITA. Cerca de 20 000 militares estavam envolvidos no total, incluindo batalhões de homens de infantaria cubanos e soviéticos ao nível de comando. O avanço começara mais tarde do que no ano anterior e foi visivelmente mais cauteloso, com grandes esforços sendo desenvolvidos no sentido de assegurar as bases da retaguarda e as linhas de abastecimento. A UNITA empregou números consideráveis de pequenas unidades de guerrilha para desbaratar a logística do MPLA. A UNITA concentrou as suas mais poderosas defesas à volta de pontos-chave de abastecimento de água, com o objectivo de forçar o MPLA a trazer água por helicóptero, tal como no ano anterior.

Em fins de Julho, o MPLA tinha feito progressos muito limitados. As suas 1.^a, 42.^a e 54.^a Brigadas foram cercadas em Lucusse, cerca de

80 quilómetros a sul de Luena. A investida para oeste, desde Luena, impossibilitara o MPLA de tomar Cangombe, a cerca de 60 quilómetros de distância, mas que mudara de mãos diversas vezes no decurso da guerra e estava completamente em ruínas.

O avanço mais importante, desde o Cuíto-Cuanavale, cobrira apenas 15 quilómetros. Fora dificultado por dois factores importantes. Primeiro, as unidades da UNITA estavam fortemente concentradas nas estradas do Bié até Menongue e do Menongue até ao Cuíto-Cuanavale, forçando o MPLA a enviar abastecimentos por via aérea. Segundo, a UNITA estendera uma outra ampla frente militar no extremo noroeste do país, nas províncias do Zaire, Uíge, Luanda e Cuanza Norte. O MPLA viu-se obrigado a transferir para noroeste 3 das 22 brigadas envolvidas na ofensiva a sudoeste, onde os Soviéticos tinham principiado a construção de uma nova base aérea militar em Soyo, no estuário do rio Congo.

O orientador da operação a noroeste fora o coronel António Dembo, o secretário para a mobilização militar da UNITA, recentemente nomeado, um kimbundu que desde os finais de 1985 se estabeleceu com carácter permanente nas matas dos Dembos, a nordeste de Luanda.

Com raízes junto da população local, Dembo dependia agora das acções empreendidas por emissários anteriores e trabalho de sequência desenvolvido pelas estruturas militares e políticas da UNITA nos morros cobertos de mato, que outrora tinham sido a mais bem sucedida área de base do MPLA, durante a luta contra os Portugueses.

Mais longe para norte, Dembo e os seus grupos fizeram grandes progressos ao conquistarem aldeias que tradicionalmente tinham sido fiéis à FNLA. Esta população Kikongo tinha, sob as mais diversas formas, suportado tremendas vicissitudes, mais do que quaisquer outros angolanos. Sofreram a corrupção, ineficácia e visão limitada do seu líder, Holden Roberto, e, quando o MPLA assumiu o poder, os Kikongo foram tratados como cidadãos de segunda classe pelos vitoriosos Kimbundu e «mestiços» do MPLA, baseados em Luanda, tal como Robert Mugabe continuou a cumular de indignidades e morte os «vencidos» Ndbele, no conflito do Zimbabwe. Na ausência de qualquer organização sobrevivente da FNLA, a UNITA conseguiu canalizar o ressentimento dos Kimbundu para o apoio da sua própria resistência e, em Julho de 1986, batalhões semi-regulares da UNITA e companhias de guerrilheiros estavam a operar nas províncias situadas mais a oeste, o Uíge e o Zaire. Recrutadas estavam a empreender a jornada de 1200 quilómetros, através do país, em direcção a Jamba, onde teriam instrução. Oficiais superiores da UNITA faziam frequentes viagens ao Noroeste, para ajudarem Dembo a incrementar campanhas militares e políticas. Instalar a UNITA na terra natal dos Kikongo envolvia estudos cuidadosos das tradições locais: eram feitas gravações nas aldeias e enviadas de volta para a unidade cultural em Jamba, que está a recolher relatos de tradições e história angolanas, que, na sua maioria, têm

passado de geração em geração, oralmente. Apesar disso, o brigadeiro «Ben-Ben» Arlindo Pena teve uma surpresa quando penetrou no território kikongo, numa incursão para «mentalização», e descobriu que muitos dos chefes locais e seus conselheiros eram mulheres. «Depressa aprendi a tirar o chapéu em sua presença e falar-lhes como se elas fossem a minha mãe», contou ele.

A mais espectacular operação da UNITA no Noroeste aconteceu na madrugada do dia 8 de Fevereiro, quando uma força atacou a localidade de Camabatela, 200 quilómetros a nordeste de Luanda. A UNITA reivindicou terem morrido mais de 200 homens do MPLA, ter abatido dois helicópteros *MI-24* e ter destruído uma central eléctrica e 50 camiões. O MPLA admitiu o ataque, porém descreveu-o como um «massacre» de 107 homens, mulheres e crianças. A ANGOP, a agência noticiosa do MPLA, revelou que a UNITA atacara um autocarro nas proximidades dois dias depois e matara 12 passageiros.

Ao longo do ano de 1986, os comunicados da UNITA referiram confrontos regulares no Noroeste e os oficiais revelaram entusiasticamente como a selva mais impenetrável e os morros mais elevados da região tornavam a aplicação das técnicas de guerrilha ainda mais fácil do que no Centro de Angola. Os oficiais da UNITA depararam com diversos antigos grupos da FNLA, que tinham sobrevivido sem a coordenação de qualquer comando central e que se juntaram à UNITA. Os comunicados do MPLA referiam ocasionalmente a escalada das actividades nortenhas da UNITA, tal como a 29 de Março quando a ANGOP afirmou que onze «contra-revolucionários da UNITA» foram capturados perto da localidade de Mbanze Congo, na Província do Zaire, e exibidos perante a população local.

Nove dias após ter principiado a ofensiva do MPLA, a ANGOP anunciou que um navio patrulha sul-africano, equipado com mísseis *Scorpion*, de fabrico israelita, atacara o Namibe e danificara seriamente dois barcos soviéticos e um cubano. As embarcações soviéticas eram as *Kapitan Vislobokov* e *Kapitan Chirkov*. Dois tanques de armazenamento de combustível foram também destruídos durante o ataque. Os militares sul-africanos conservaram silêncio nos seus relatórios, porém oficiais dos serviços de informações, em Joanesburgo, revelaram a Antony Robinson, do *Financial Times*, que o ataque ao porto de Namibe fazia justamente parte de uma operação militar clandestina sul-africana, com o objectivo de romper as rotas de abastecimento do MPLA, em direcção às principais áreas de batalha angolanas. A ANGOP afirmou que os barcos transportavam comida, mas, visto que o Namibe era um porto vital de abastecimento para as unidades do MPLA que atacavam a UNITA, é mais provável que transportassem equipamento militar.

Em fins de Julho, os líderes da UNITA confiavam uma vez mais que conseguiriam repelir a ofensiva do MPLA. Apesar do armamento fornecido pelos Soviéticos, o MPLA avançava cautelosamente, sugerindo que os comandantes estavam conscientes dos próprios sistemas de armamento de melhor qualidade e eficácia da UNITA. Havia também indícios de desgaste moral nas fileiras do MPLA. A repórter Jill Jolliffe, do *Guardian*, informava que grande número de trapaceiros recrutados pelo MPLA estavam a atravessar a fronteira para o Zaire e para a Zâmbia e que mandatos para a captura de desertores estavam a surgir em jornais diários de Luanda.

Contudo, mais significativo ainda foi o início de conversações preliminares de paz, em Londres, entre o oficial que ocupava o terceiro posto na hierarquia da UNITA, Tito Chingunji, secretário permanente do Comité Central, e o ministro dos Negócios Estrangeiros do MPLA, Afonso Van Dunem. Diversos membros das duas delegações tinham sido companheiros de escola, em Luanda, antes da independência, o que emprestou às conversações uma pungência especial. A UNITA detectara uma disposição real entre a delegação do MPLA para traçar uma base para negociações. A depuração de elementos da linha dura do MPLA, no anterior Congresso de Dezembro, pusera pragmatistas no poder de Luanda. Porém, tornava-se evidente não se vislumbrar qualquer fórmula que tornasse possível a retirada do pessoal cubano e soviético, sem a consequente perda de prestígio, antes que a ofensiva da estação seca adquirisse ímpeto e estivesse terminada antes da chegada das chuvas, em Outubro.

Em meados de Julho, as forças da UNITA reivindicaram ter abatido vários aviões *MIG-23* e *MIG-21* e helicópteros *MI-8* e *MI-24*. Muitos tanques, veículos blindados e camiões tinham sido destruídos. Centenas de homens, de ambos os lados, tinham morrido e mais umas centenas ficaram feridos. Então, em meados de Agosto, foi desferido um ataque preventivo por 4000 soldados da UNITA ao Cuíto-Cuanavale, durante o qual doze instalações de radar foram destruídas e dois caças *MIG-23* abatidos. (No *Guardian*, 23 de Agosto de 1986.) Pouquíssimos pormenores sobre este ataque vieram a público. Porém, ele teve como consequência ter suscitado a ofensiva de Shagnovitch em 1986. Alguns relatórios referem que forças aéreas e terrestres sul-africanas tinham estado envolvidas no ataque de seis dias contra o Cuíto-Cuanavale, uma ideia reforçada pela admissão por parte de Savimbi, pela primeira vez, a um repórter do *Washington Post*, de que a África do Sul estivera implicada nas operações com vista a repelir a ofensiva de 1985 do MPLA. Ele revelou a Patrick Tyler (*Washington Post*, 1 de Agosto de 1986): «Na minha mente não subsistem dúvidas de que os sul-africanos estão cientes de que se a UNITA for manietada — ou, admitamos o pior, aniquilada — este facto terá um impacte extremamente negativo na África Austral.»

* * *

Tão importante para a UNITA como o seu êxito em conter a ofensiva do MPLA era o estado deplorável em que se encontrava a economia angolana. «A nossa estratégia é fazer subir os custos de ocupação estrangeira de Angola até os Cubanos e Soviéticos não poderem mais suportar o fardo», escreveu Savimbi. «Uma combinação de aumento dos custos políticos, financeiros e militares irá finalmente conduzir para fora das nossas praias as forças imperialistas.» Os preços mundiais do petróleo caíram subitamente de um índice de 25 dólares/barril, em meados de 1975, para menos de 10 dólares/barril, em meados de 1986, e, a 19 de Fevereiro de 1986, o Presidente Eduardo dos Santos anunciou que devido à queda dos preços do petróleo estava a reduzir o Orçamento de Angola para 1986 de 3 biliões para 2,4 biliões de dólares: mais cortes seriam necessários se houvesse posteriores descidas no preço do petróleo, que, em 1985, proporcionara 90 por cento dos lucros de exportação de Angola. Em Junho de 1986, a Arábia Saudita, o maior exportador mundial de petróleo e ao mesmo tempo um dos principais financiadores internacionais de Savimbi, exerceu ainda mais pressão sobre o MPLA ao elevar a sua produção diária de petróleo para seis milhões de barris — três vezes a produção de dezoito meses antes —, reforçando assim a tendência de descida dos preços mundiais do petróleo. O Presidente Eduardo dos Santos afirmou que pelo menos um terço dos programas de desenvolvimento planeados pelo MPLA teriam de ser abandonados. Um controlo mais apurado teria de ser exercido sobre os gastos em divisas estrangeiras. Contratos com companhias de além-mar teriam de ser cancelados ou renegociados. As viagens aéreas internacionais, que no ano anterior tinham custado ao país 120 milhões de dólares, seriam reduzidas, especialmente no que dizia respeito a membros do partido que fossem de férias ou em busca de tratamento médico. Os telefonemas internacionais e mensagens por *telex* seriam drasticamente reduzidos.

A diplomacia internacional da UNITA conheceu vários êxitos, mas também o fracasso ocasional. Em Bruxelas, oficiais superiores da UNITA mantiveram conversações com o ministro belga dos Negócios Estrangeiros, Leo Tindemans. Porém, de igual modo, ao longo de todo o processo, foram postos de lado pela Comissão Europeia. Lorenzo Natali, o comissário para ajuda ao Terceiro Mundo, que surgira do mundo tenebroso da política democrata cristã italiana, ordenou aos seus funcionários que não se avistassem com delegados da UNITA, embora ele próprio regularmente se encontrasse com movimentos de oposição oriundos de outras partes do mundo em desenvolvimento. O comissário Natali parecia relutante em perguntar a si próprio por que razão o MPLA estava tão ou mais assustado em conceder o direito de voto aos cidadãos negros de Angola do que o Partido Nacional estava na disposição de conceder o direito de voto aos cidadãos negros da África do Sul.

Flora Lewis, do *New York Times*, podia escrever, em tom jovial, que a UNITA estava a combater, «em primeiro lugar, por razões essencialmente tribais e, em segundo lugar, por razões políticas». Nada existia que demonstrasse, argumentava a senhora Lewis, que a UNITA constituía a desejada «alternativa democrática». De igual modo, a senhora Lewis podia ter escrito que a UNITA não tivera oportunidade para demonstrar se constituía ou não uma «alternativa democrática» porque as prometidas eleições em Angola tinham sido negadas ao povo — porém, ela escolheu fechar os olhos a esse direito fundamental. Era esta a espécie de verborreia de carro de propaganda mal informado que levou Norman Podhoretz ao desespero, num artigo publicado no *Washington Post*, devido à «satisfação vingativa» com que os comentadores ocidentais, desfrutando dos plenos benefícios da democracia, faziam previsões funestas quanto ao futuro da UNITA. Ele suspeitava que a razão porque as pessoas escolhiam depreciar o tipo de resistência da UNITA era porque a «inquietação inspirada pela opinião das pessoas que rejeitam a ideia de que a paz não é um valor para espezinhar e que, como diz o ditado, preferem morrer de pé a deixar-se subjugar». Desacreditar tais pessoas pode muito bem ser uma forma de evasão das questões que elas implicitamente levantam.

A diferença de atitudes entre Tindemans e Natali reflectia o tipo de cisões europeias que Savimbi enfrentara ao chegar ao continente, em fins de Outubro, para uma visita ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo. Fora recebido publicamente, na capital francesa, pelo presidente da Assembleia Nacional, Jacques Chaban-Delmas, e por François Léotard, ministro da Cultura e secretário-geral do Partido Republicano, o partido minoritário na coligação centro-direita francesa. Dois promissores candidatos à eleição presidencial de 1988, o da ala direita Raymond Barre e o socialista Michel Rocard, visitaram Savimbi em privado. Circularam rumores de que o primeiro-ministro Jacques Chirac se teria também avistado com Savimbi; contudo, o líder da UNITA escusou-se a comentar este facto — «Cabe-lhe a ele [Chirac] dizê-lo», afirmou Savimbi ao *Le Monde* (28 de Outubro de 1986). «Posso assegurar-vos que tem havido contactos com os seus representantes e que prometeram ajudar-nos.»

Savimbi recebeu inúmeros enviados de governos europeus, partidos políticos e empresários, no seu hotel na Avenue Kléber. Quaisquer que tenham sido as vantagens obtidas, estas foram-no com base no segredo absoluto. Porém, no geral, ele aprendeu que as fortalezas de poder da Europa Ocidental eram muito mais difíceis de penetrar do que a Sala Oval da Casa Branca. A diplomacia exercida pelos enviados de Savimbi fora complacente, inábil e mal conduzida, tendo resultado no cancelamento das planeadas visitas a Londres, Bona, Bruxelas e Haia. Os diplomatas da UNITA apostaram alto de mais em cada uma destas capitais, insistindo em que Savimbi fosse recebido ao mais alto nível, por estes governos, o que as nações anfitriãs consideraram como politicamente

inaceitável. Savimbi, apesar disso, causou suficiente impacto com o seu apelo aos Europeus Ocidentais, no sentido de ajudarem a implementar as prometidas eleições de 1975, para levar Eduardo dos Santos a uma resposta de linha dura.

Em 11 de Novembro de 1986, num comício que assinalava o 11.º aniversário da independência, o Presidente angolano afirmava: «Recentemente, foram feitas referências ao chamado Acordo do Alvor. Todos os angolanos sabem que este documento perdeu a sua validade há muito tempo. Tornou-se obsoleto e deve repousar em paz no nosso museu... Toda a gente sabe que não existe verdadeira luta de libertação nacional no mundo que não tenha o apoio directo ou indirecto da União Soviética ou de Cuba.»

Poucos jornais ocidentais registaram este discurso, nos ritos funerários pela liberdade de Angola. Na verdade, alguns críticos da UNITA, no Ocidente — eles próprios apaixonadamente comprometidos e desfrutando das vantagens da liberdade — argumentaram que a democracia representava fraca desculpa para a UNITA se empenhar numa guerra civil. O editor para o estrangeiro do *The Independent*, o novo diário que viera enriquecer a democracia britânica, escrevera, brutalmente: «Um compromisso declarado para com o pluralismo democrático em busca da ajuda ocidental está rapidamente a tornar-se no derradeiro refúgio do canalha.»

* * *

Muito longe das salas de notícias computadorizadas e das manobras diplomáticas do Ocidente, intensificava-se a guerra de guerrilhas nas matas angolanas, até que, em meados de Setembro de 1987, o MPLA admitia oficialmente, pela primeira vez, que as forças da UNITA estavam activas na maior parte das dezoito províncias do país. Em Luanda, o ministro da Defesa, Pedro Maria Tonha, disse ao correspondente da Reuter para a África Central, Pascal Fletcher, que os guerrilheiros da UNITA estavam activos desde as províncias de Cabinda e do Zaire, no extremo norte, até ao Cunene e Cuando-Cubango, no extremo sul. Para combater a maré da UNITA estavam a ser recrutadas novas forças de defesa regionais, oriundas destas províncias, para ajudar o exército regular, revelou Tonha.

Na disposição de melhorar a franqueza do MPLA, Eduardo dos Santos revelou que a guerra já custara 60 000 vidas angolanas e transformara em refugiadas 750 000 pessoas de uma população de 7,5 milhões.

O ministro da Defesa, Tonha, disse a Pascal Fletcher que muitos dos ataques da UNITA eram desferidos a partir da fronteira com o Zaire. Oficiais superiores da UNITA têm-se mostrado sempre altamente sensíveis às alegações sobre as suas ligações com o Zaire; porém, tornaram-se mais susceptíveis que nunca quando o *New York Times* informou que os Estados Unidos tinham começado a criar melhores condições numa base aérea zairense, perto da fronteira angolana, para a utilizarem como trampolim

para uma ponte aérea de armamento com destino à UNITA. James Brooke, o repórter do *New York Times* que lançou a história, foi avisado antes de sair do Zaire, em fins de Janeiro de 1987, que se ventilasse uma relação de amizade entre o Zaire e a UNITA não mais lhe seria concedido um visto de entrada zairense. A insistência com que oficiais superiores da UNITA, em Londres, Lisboa, Washington e Paris procuravam negar a ligação de Washington com a UNITA, via Kamina, sugeria que esta seria ou totalmente falsa ou, na realidade, muito verdadeira.

No Zaire, Brooke foi o primeiro repórter ocidental a visitar os acampamentos administrados pelas Nações Unidas para pessoas que fugiam da guerra angolana. Ele observou que os refugiados pareciam importar-se pouco com as divisões ideológicas que estavam por detrás da guerra. Num dos acampamentos, Kisenge, amigos do exilado angolano Simão Segundo acenavam com a cabeça quando este dizia: «O MPLA é a cabeça e a UNITA o corpo — um não pode viver sem o outro.»

* * *

Em Março de 1987, Savimbi, sob pressão de George Schultz, sempre à procura de uma maneira de assegurar uma retirada cubana de Angola relativamente livre de problemas, propôs-se permitir a reabertura do Caminho de Ferro de Benguela. Nesta altura, a linha férrea, outrora a melhor linha em África, encontrava-se na maior confusão de sempre, segundo o que fora descrito por um correspondente para o *The Independent*, que informava do Lobito: «Cerca de um comboio, duas vezes por mês, de um total de 9 locomotivas e 65 vagões, 40 por cento deles transportando equipamento de manutenção, partem para o Huambo [275 quilómetros para o interior]. Este leva sempre uma forte escolta militar e à frente segue um vagão aberto com areia, para detectar minas nos carris. Para além do Huambo, explodiram várias pontes e a linha férrea está inoperacional.»

Os Estados Unidos estavam ansiosos por proporcionar uma rota alternativa para o mar que servisse os Estados sem costa marítima do Zaire, Zâmbia e Zimbábue, passando por cima da África do Sul. Savimbi afirmou estar preparado para permitir que o caminho-de-ferro começasse de novo a operar, desde que o MPLA não o utilizasse para fins militares e na condição de que fosse constituída uma comissão internacional para supervisionar a sua utilização.

Em 30 de Abril de 1987, poucos dias após Savimbi ter feito a sua oferta, Eduardo dos Santos, Kenneth Kaunda e Mobutu Sese Seko encontraram-se em Lusaca e assinaram uma declaração de intenções com o objectivo de reactivar o Caminho de Ferro de Benguela. À cimeira dos líderes angolano, zambiano e zairense assistiu também o visconde Etienne Davignon, da Société Générale, a companhia belga que detinha 90 por cento das acções da linha férrea, outrora propriedade dos Ingleses. A proposta de Davignon era que as participações/quotas do caminho-de-ferro

deviam ser reestruturadas, em conjunto, com a Société Générale e os governos de Angola, Zaire, Zâmbia e Zimbabwe, detendo cada uma das partes 20 por cento das ac es.

Kaunda calculava que custaria 280 milhões de dólares reabilitar a linha e Davignon pensava que esta poderia ficar de novo operacional dentro de dois anos. Ambas as previsões pareciam altamente fantasistas, porém o plano continha a espécie de desafio e originalidade que são apanágio de Davignon quando granjeou reputa o como o mais dinâmico dos delegados europeus na reestrutura o das indústrias de aço, em crise, da Comunidade Europeia, no final da década de 70 e no início dos anos oitenta. Davignon e outros acreditavam que a coopera o no domínio do caminho-de-ferro poderia vir a reunir o MPLA e a UNITA num único propósito pragmático e talvez conduzir a uma eventual reconcilia o política. O plano de Davignon foi buscar inspira o   pr -CEE, Comunidade Europeia do Carvão e do A o, idealizada por Jean Monnet, que ostensivamente tinha como objectivo criar a coopera o nestes domínios entre a França e a Alemanha, mas que se destinava na verdade a emaranhar de tal modo as economias destes dois inimigos tradicionais que doravante a guerra entre eles se tornaria impensável.

Infelizmente, o plano de Davignon para Angola não conseguiu ir avante. O MPLA insistia em ficar com 51 por cento das ac es, o que deitava por terra o conceito de Davignon que propunha uma internacionaliza o da linha. A UNITA insistia em que tinha de ter um representante na comissão supervisora: isto era inaceitável para o MPLA, já que *de facto* implicaria o reconhecimento da UNITA, o começo de um pendor ambíguo com vista ao seu reconhecimento *de jure*.

A frágil barreira que poderia conduzir   paz não foi transposta. Ambos os lados, em vez disso, prepararam-se para mais um esforço de guerra.

* * *

Entre meados de 1986 e meados de 1987, as agências dos serviços secretos ocidentais calculam que Moscovo enviou para Angola armamento no valor de um bilião de dólares, como prepara o para a ofensiva de maior envergadura do Governo, até então, contra os bastiões da UNITA, no Sudeste — este quantitativo elevou para 4 biliões o total da ajuda militar soviética ao MPLA desde 1977. O general Shagnovitch planeou um incremento meticuloso e um avanço cauteloso em direc o às pistas de avia o de Savimbi, em Mavinga, Luengue e Jamba, a partir de Junho de 1987. Combustíveis, sobressalentes, muni es e alimentos foram de forma constante transportados da retaguarda para depósitos logísticos na frente. Como adjunto, esteve ao seu lado o general Mikahil Petrov, primeiro delegado do Politburo Soviético, encarregado da contra-ofensiva política, e o general Ochoa, um especialista cubano de transportes aéreos.

William Clairborne do *Washington Post*, de visita ao Sul de Angola, acompanhado por uma escolta do MPLA, informava (9 de Julho de 1987): «Durante um período de quatro horas, na semana passada, no aeroporto do Lubango, aterrou um fluxo constante de aviões soviéticos da Aeroflot, sendo que as suas cargas, que incluíam mísseis ar-ar, rapidamente descarregadas por tropas cubanas e angolanas... O cenário no aeroporto de Luanda era semelhante, com longas filas de aviões da Aeroflot à espera, na pista, da sua vez para descolar, com intervalos de apenas alguns minutos.»

Um pouco antes, na Cahama, perto da fronteira com a Namíbia, Clairborne dizia ter sido sujeito a uma prelecção por parte de um jovem oficial do MPLA, o capitão Carlos dos Santos, sobre como as suas tropas iriam precisar de ajuda cubana ou russa para expulsar de Angola o Exército Sul-Africano quando este ousasse lá entrar. Eduardo dos Santos perguntou ao homem do *Washington Post* se conseguia avistar quaisquer rostos estrangeiros nas redondezas.

A narrativa de Clairborne prosseguia: «Quando ele [o capitão] saiu cá para fora, numa messe de oficiais situada numa pequena cidade do Sul de Angola, cidade essa já muito fustigada por bombardeamentos, derrapou um carro no pó, ao parar, e um oficial soviético, com o rosto vermelho de raiva, vociferou uma ordem a Eduardo dos Santos para que este alimentasse imediatamente os seus soldados. Em seguida, olhando com ar desconfiado na direcção dos vários jornalistas americanos que se encontravam no local, o russo afastou-se a resmungar, numa nuvem de pó, levando a seu lado um Eduardo dos Santos completamente subservente. O breve episódio ilustrou a relação, cheia de susceptibilidades, existente entre o Exército Angolano, em combate, e os 950 conselheiros soviéticos e 37 000 soldados cubanos que se calcula estarem no país...»

Sobre os preparativos para a ofensiva, o *The Times*, de Londres, informava (4 de Julho de 1987): «O reabastecimento aéreo de povoações, como o Cuíto-Cuanavale e Menongue, fazem-nos recordar, de forma surpreendente, o Afeganistão, com aviões de transporte *Antonov*, de fabrico soviético, descendo em espiral de grandes alturas para as pistas de aviação, vomitando simultaneamente foguetes luminosos, numa tentativa para iludir os mísseis antiaéreos americanos, que provaram, desde há pouco tempo, ser tão efectivos nas mãos da UNITA.»

Simultaneamente, Savimbi assumiu posições que garantissem a situação da UNITA. Aconteceu uma contra-ofensiva em grande escala da UNITA no Norte. A 13 de Maio de 1987, a Reuter informava que tropas do MPLA tinham repellido um ataque da UNITA a Maquela do Zombo, no extremo norte, próximo da fronteira com o Zaire, durante a visita à localidade do Presidente Eduardo dos Santos. A UNITA disse ter invadido um quartel e morto 29 soldados governamentais. O relato oficial do MPLA não fornecia quaisquer pormenores sobre as baixas, contudo

dizia que o ataque «suicida e desesperado» tinha sido prontamente repellido.

Em Setembro de 1987, três técnicos hidroeléctricos suecos foram capturados pela UNITA, no decurso de um ataque a uma coluna do MPLA, apenas a 60 quilómetros de Luanda. A UNITA ficou particularmente satisfeita com a captura dos suecos, cujo país era o líder dos apoiantes ocidentais do MPLA, e que nas suas declarações públicas de solidariedade com o governo de Luanda, descrevia os soldados da UNITA como «terroristas». A Suécia, que todos anos dava como ajuda ao MPLA a quantia de 22 milhões de dólares, teve de enfrentar duras negociações com a UNITA para conseguir a libertação dos seus cidadãos, que ainda estão em cativeiro na altura em que escrevo esta página.

Para assegurar apoio sul-africano continuado, como complemento à ajuda militar por parte dos Estados Unidos, Savimbi empreendeu uma visita pública à África do Sul. O líder da UNITA, em Joanesburgo, fez um discurso dirigido aos homens de negócios e empresários, que alguns dos seus apoiantes na Europa e América do Norte consideraram pouco acertado e prejudicial, mas que constituía o *quid pro quo* exigido pelos Sul-Africanos em relação a qualquer compromisso militar potencial e domesticamente impopular que pudesse ser feito contra as colunas de Shagnovitch. Segundo o *New York Times*, Savimbi censurou os líderes negros da África do Sul que se recusavam a negociar com o Presidente Pieter Botha. «Por que é que eles não conversam?», perguntou Savimbi. «Quem se escusa a entabular conversações é porque tem alguma coisa a esconder.»

Em Washington, os seis homens do escritório da UNITA empreenderam uma intensiva acção diplomática. Esta resultou numa vitória crucial de 8-6 no Intelligence Committee da Câmara dos Representantes, que tinha como objectivo prosseguir a ajuda militar dos Estados Unidos à UNITA até 30 de Setembro de 1988, embora de forma secreta. Se a votação tivesse sido inversa, a questão teria vindo parar à própria bancada da Câmara dos Representantes, onde os apoiantes da UNITA receavam a derrota, devido ao efeito de frustração provocado pelo desalento perante a divulgação dos fornecimentos ilegais e secretos de armas dos Estados Unidos aos rebeldes «Contras» da Nicarágua.

O senador Dennis De Concini, um democrata do Arizona, transformou-se num convicto prosélito aos argumentos da UNITA, quanto à necessidade de eleições para Angola. Por 94-0, ele fez aprovar uma resolução no Senado que apelava à paz e reconciliação em Angola. A UNITA conquistou a simpatia de vários outros congressistas democratas-chave, numa campanha destinada a captar o apoio tanto dos liberais como dos democratas da ala direita. Os representantes Dante Fascell e Claude Pepper e o senador Lawton Chiles tornaram-se proponentes democráticos-chave da UNITA em parte pela pressão do considerável número de cubanos

americanos que vivem nos seus distritos eleitorais da Flórida e que apoiam fortemente a causa de Savimbi em resultado do seu combate contra Fidel Castro. Com o apoio de tais congressistas, o estatuto de Angola como «nação mais favorecida» (*most favoured nation* — *MFN*) foi rejeitado nos Estados Unidos. Este facto colocou o Governo Angolano em situação semelhante, no que diz respeito a direitos de importação, à dos outros Estados comunistas que negociam com os Estados Unidos. Deste modo, os direitos de importação a incidir no petróleo angolano importado pelos Estados Unidos ficaram mais do que triplicados, em resultado da rejeição da *MFN* (*most favoured nation*).

Porém, foi derrotada no Senado uma outra iniciativa que visava impedir todo o comércio entre os Estados Unidos e Angola, o que viria criar gravíssimos obstáculos às operações Chevron de petróleo em Angola. Neste caso particular, um número de apoiantes republicanos da UNITA votou contra o embargo, pois eram oriundos de Estados onde as companhias de equipamentos para produção de petróleo detinham importantes interesses em Angola. Não obstante, o debate público incomodou bastante Chevron, de tal forma que, em 1987, a companhia vendeu 20 por cento dos seus interesses nos campos petrolíferos de Angola à companhia italiana AGIP, numa iniciativa que fazia prever uma venda gradual do resto dos seus interesses em Angola.

O petróleo de Angola transformara-se numa espécie de padecimento. Ao mesmo tempo que o petróleo proporcionava ao MPLA 90 por cento das suas divisas estrangeiras pagava também as armas soviéticas e soldados cubanos, que por sua vez permitiam ao MPLA continuar a procurar a vitória nos campos de batalha de Angola, em vez de negociar a paz à volta da mesa de conversações.

Paul Betts, o correspondente em Paris do *Financial Times*, visitou Luanda em Setembro de 1987 e foi-lhe dito por um empresário ocidental que estava no mesmo hotel: «Apesar das altas receitas provenientes do petróleo, ou talvez porque o petróleo tem, de muitas maneiras, sido uma maldição para o país, já que tem camuflado a realidade e possibilitado ao Governo financiar a guerra prolongada, o país chegou, sem sombra de dúvidas, ao fim da linha.»

Betts contou que Luanda, outrora conhecida como o Rio de Janeiro da África, caiu em decadência total, transformando-se numa cidade semeada de depósitos de lixo nos quais crianças seminuas vasculham em busca de algo comestível. Betts foi instruído quanto à localização da residência do embaixador francês, sendo-lhe dito que virasse à direita quando deparasse com uma pilha de lixo particularmente grande. Alguns meses antes, ficou Betts a saber, tinham morrido 4000 pessoas de cólera em Luanda, em consequência da total decadência dos serviços sanitários.

O relato de Betts em relação à desintegração económica foi corroborado por todos os correspondentes ocidentais que conseguiram penetrar

em Angola em 1987. Richard Dowden, do *The Independent*, escreveu (28 de Maio de 1987): «A economia interna de Angola é praticamente inexistente. Os estabelecimentos comerciais estão vazios e os campos e as fábricas não produzem quase nada.»

A revista *Africa Confidential* observou (Maio de 1987): «As taxas oficiais de câmbios e remunerações utilizadas pelo Governo estão desfasadas da realidade numa proporção de 5000 por cento, o que produz um efeito de perturbação em todos os aspectos do planeamento estatal e na própria vida privada... Na Huíla, no Planalto Sul, os salários das fazendas estão dezassete meses atrasados e, conseqüentemente, estas estão a ser devolvidas a proprietários privados... No Centro de Angola, a Província do Huambo transformou-se na Beirute de África. O Governo constrói de dia e os guerrilheiros da UNITA destroem à noite.»

Enquanto a cidade de Luanda se debatia com carências de energia e electricidade e muitas lojas encerravam as suas portas definitivamente, Blaine Hardem, do *Washington Post*, escrevia (30 de Agosto de 1987) que a moeda corrente de Angola se transformara numa lata de cerveja: «O mais comum modo de vida é maquinar 'esquemas', com o objectivo de arranjar latas de cerveja para trocar por água, combustível, vestuário e comida. Quase toda a gente, segundo parece, vive à base de esquemas. Estas pessoas negociam nos mercados negros. Três dos maiores mercados deste tipo em Luanda são alcunhados: 'Mantém a Boca Calada', 'Desculpe, Senhor dos Santos' e 'Os Preços São tão Altos Que Tens de Negociar até as Cuecas'.»

Contra este estado de coisas, o MPLA tentou afastar-se destas políticas de apertado controlo estatal e dar maior abertura a uma economia mais à base de mercado — num sentido, adoptando os argumentos que a UNITA vinha utilizando desde há anos. As empresas estatais com grandes prejuízos deviam ser extintas e a iniciativa privada encorajada nos domínios do comércio, agricultura, transportes e outros serviços. Angola iria pedir para ser admitida como membro do Fundo Monetário Internacional e pediria também um adiamento para pagar as dívidas aos seus credores ocidentais. Ao mesmo tempo, Angola, que antes da independência era auto-suficiente no sector alimentar, apelou ao Ocidente no sentido de lhe ser concedida ajuda de emergência para alimentar quase dois milhões da sua população em risco de morrer de fome. Uma edição da revista *Time* informava ter-lhe sido dito por um diplomata soviético em Luanda: «Este país necessita do investimento do Ocidente. Existem limites ao que podemos fazer.»

Apesar de todos estes problemas, o MPLA empreendeu mais uma tentativa para aniquilar as bases da UNITA, no Sudeste. Seis brigadas de soldados, totalizando cerca de 20 000 homens e constituídas na sua maioria por tropas do MPLA, incluindo também soviéticos e cubanos, começaram a deslocar-se em direcção a Mavinga, a partir do Cuíto-Cuanavale,

em finais de Setembro de 1987, sob o comando do general Shagnovitch. As colunas estavam equipadas com centenas de tanques, carros blindados e camiões e eram apoiadas por helicópteros armados e jactos caças-bombardeiros. Em princípios de Outubro, estava a travar-se a mais violenta batalha terrestre na história da África a sul do Sara, ao longo das margens do rio Lomba, um pouco a norte de Mavinga. A África do Sul comprometeu um número desconhecido de batalhões no combate e enviou, em vagas sucessivas, caças-bombardeiros *Mirage*. Um pouco antes de este livro entrar para o prelo morreram muitos milhares de homens numa batalha sangrenta e horripilante. Arderam tanques, camiões e jovens soldados, despenharam-se aviões e helicópteros nos impiedosos campos de batalha do rio Lomba, sob o olhar de aldeões para quem tudo isto estava fora do entendimento, visto ainda venerarem os espíritos que reduzem a pedaços pedras e árvores, de uma vida selvagem outrora quase imperturbada.

Os custos para o MPLA das perdas do rio Lomba, em finais de 1987, são incalculáveis e levantam questões impossíveis de responder na altura em que redijo este *post scriptum*. Será que as terríveis perdas no campo de batalha, em conjunto com a derrocada da economia, trarão o MPLA à mesa de conversações com os seus adversários internos? Ou será que o governo de Luanda, talvez ainda com mais apoio de Cuba e da Rússia, para além das receitas provenientes do petróleo explorado pela Chevron, conseguirá preparar-se para mais ofensivas que arruinem a sua economia e tragam mais morte ao seu povo, já tão martirizado?

Receio que o MPLA se sinta encorajado pela assustadora ignorância de alguns «respeitáveis» comentadores ocidentais sobre os assuntos de Angola. Enquanto as batalhas de 1987, mais violentas do que quaisquer outras no continente africano, se aproximavam do *dénouement** da estação chuvosa, Savimbi apelava ainda ao mundo ocidental no sentido de este compreender a natureza do combate no interior de Angola. «A causa moral é evidente», escreveu ele. «A UNITA está a lutar por uma Angola livre, democrática e independente. Estamos a lutar contra os Cubanos e Soviéticos que nos negam a nossa nação.

Sim, a UNITA recebe auxílio da República da África do Sul, mas é uma atitude hipócrita por parte dos Soviéticos afirmar que isto significa que nós, de alguma forma, apoiamos o Governo de Pretória. Nós opomos-nos ao *apartheid*. Felizmente, esta é uma ideologia que está morta. Não pode ser exportada. O Senhor não pediu a nossa permissão quando pôs Angola na costa sudoeste de África. Precisamos de ajuda externa, mesmo se ela tem de vir da fronteira namibiana. Recordo aos comunistas que a aceitação por Staline de material de guerra proveniente da América e Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial não constituiu uma aprovação da democracia liberal por parte de Staline.

* *Dénouement*, no original — desfecho. (N. do T.)

Nós apelamos para o vosso [ocidental] apoio diplomático e político. Precisamos que insistam junto das Nações Unidas e outras instâncias internacionais para que os Cubanos e Soviéticos saiam de Angola e para que se realizem as prometidas eleições.

Não menosprezem a importância da vossa decisão, porque Angola representa a Munique de África. Não imaginem que o Zaire, a Zâmbia, o Botswana e a Namíbia ficarão do lado do Ocidente se confrontados com uma base [soviética] sem oposição em Angola. Serão forçados a fazer as suas concessões políticas aos Soviéticos, tal como a Europa Oriental caiu sob o domínio político nazi em 1938 sem que tivesse sido disparado um único tiro.

Esta é a razão porque eu afirmo que a UNITA representa a chave para Angola, Angola representa a chave para África e África a chave para o Ocidente.

Não sou o único a fazer este juízo. Os Soviéticos concordam.»

NOTAS

Notas sobre o prólogo

- 1 — Basil Davidson, *In the Eye of the Storm: Angola's People*, p. 290, Penguin.
- 2 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 38, Andre Deutsch.
- 3 — Por exemplo, David Ottaway no *Washington Post* de 27 de Dezembro de 1972.
- 4 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 129, Andre Deutsch.
- 5 — Idem, *ibidem*, p. 139.
- 6 — Idem, *ibidem*, p. 140.
- 7 — Tshaka Zulu foi um líder das tribos Zulu da Província do Natal, África do Sul, que viveu no princípio do século XIX e uniu os seus seguidores em torno de uma grande potência militar; Msiri estabeleceu um poderoso reino tribal nos finais do século XIX no que é actualmente a Província do Shaba, no Zaire; Jomo Kenyatta comandou uma rebelião contra os Ingleses e foi, ao princípio, primeiro-ministro e mais tarde Presidente do Quênia, desde 1964 até à sua morte, em 1978.
- 8 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 155, Andre Deutsch.
- 9 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 10 — Fora fornecido a Savimbi um jacto executivo *Hawker Siddeley 125*, pela companhia britânica Lonrho, assim como dois pilotos da companhia. Enquanto este estava a ser reparado, a Lonrho alugou o jacto dinamarquês *Lear* para o substituir.
- 11 — Reuter, em 22 de Setembro de 1975.
- 12 — Idem.
- 13 — Douglas Anglin e Timothy Saw, *Zambia's Foreign Policy: Studies in Diplomacy and Dependence*, p. 331, Westview Press, Boulder, Colorado.
- 14 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 162, Andre Deutsch.
- 15 — Idem, *ibidem*, p. 140.
- 16 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.

Notas sobre o capítulo 1

- 1 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. 1: *The Anatomy of an Explosion (1950-1962)*, The M.I.T. Press, Cambridge, Massachusetts, p. 5.
- 2 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 94, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 3 — John Tucker, *Angola: Land of the Blacksmith Prince*, p. 16, World Dominion Press, London, 1933.
- 4 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, pp. 96-97, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 5 — H. Mark Roth e outros, *Angola: A Country Study*, pp. 36-37, The American University, Washington D. C.
- 6 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. 1, p. 104.

- 7 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 120, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 8 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. 1, p. 20.
- 9 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 125, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 10 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. 1, p. 5
- 11 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 151, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 12 — Idem, *ibidem*, p. 108.
- 13 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 14 — Dr. Henry Curtis MacDowell, *Christian Patriot — Senhor Loth Malheiro Savimbi*, escrito em 1973 para uma publicação missionária, depois da morte de Loth Savimbi.
- 15 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 16 — Dr. Henry Curtis MacDowell, *Christian Patriot — Senhor Loth Malheiro Savimbi*.
- 17 — A lista completa de escolas e igrejas fundadas por Loth Savimbi era a seguinte: Munhango, Cubal, Ambandi, Sapessi, Chipeio, Jilinga, Belmonte, Katele-Kalucinga, Salvador-Mussende, Gumba, Chivinga, Lonhoha, Vila Alegre-Mungo, Vila Estrela, Mue-Cariango, Samaria, Bela Vista, Ekosa, Etumbulukko, Boa Esperança, Florence e Lukata. Esta lista foi fornecida ao autor, em Abril de 1985, pelo comitê executivo de ideologia política da UNITA. Inclui muitas escolas fundadas depois de Loth Savimbi ter abandonado as funções que desempenhava no Caminho de Ferro de Benguela.
- 18 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 19 — Idem.
- 20 — Idem.
- 21 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, pp. 25 e 51, Cornell University Press, Ítaca e Londres.
- 22 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 23 — Idem.
- 24 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 25 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 26 — Idem.
- 27 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 28 — As irmãs com quem Savimbi dançava eram Judite e Vitória. Em 1986, Judite, então com 53 anos de idade, estava com o irmão nas bases da mata em Angola. Vitória morreu com 16 anos. Uma outra das irmãs, Isabel, morreu com 3 meses de idade. Dos dois irmãos, Vasco morreu com 3 anos e Abel, com 59 anos, está, em 1986, em companhia de Jonas Savimbi nas áreas de Angola controladas pela UNITA.
- 29 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 30 — Em 1957, o Gana tornara-se a primeira nação negra africana a alcançar a independência de um patrão colonial europeu. O seu primeiro Presidente, Kwame Nkrumah, sonhava em libertar e unificar a África e, em 1985, organizou o Congresso dos Líderes dos Movimentos de Libertação de Todos os Povos Africanos, em Accra, a capital do Gana. A ele assistiu Holden Roberto, futuro líder da Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA), e a imprensa ganesa publicou artigos que falavam em «escravatura maciça em Angola» e da resistência africana ao regime dos Portugueses: na verdade, nesta época não havia qualquer resistência.

Notas sobre o capítulo II

- 1 — Margery Perham, *Colonial Sequence: 1949 to 1969*, pp. 175-176, Methuen, Londres.
- 2 — Margery Perham, carta ao *The Times*, de Londres, 10 de Maio de 1961.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.

- 4 — V. Xavier Pintado, *Structure and Growth of the Portuguese Economy*, pp. 12-13, EFTA, Genebra, 1964.
- 5 — Agostinho Neto, *Esperança Sagrada (Sacred Hope)*, p. 1, traduzido do português por Marga Holners, Tanzania Publishing House, Dar-es-Salaam, 1974.
- 6 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 7 — A onda de greves organizadas pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) arrastou-se durante todo o ano de 1958 até 3 de Agosto de 1959, quando os soldados portugueses abriram fogo, em Pidiguiti, na Guiné-Bissau, contra trabalhadores das docas, em greve, matando 50. Outros 21 grevistas foram presos. Estes acontecimentos levaram a que o secretário-geral do PAIGC, Amílcar Cabral, tomasse a decisão de fazer uma viragem acentuada no recrutamento, deixando este de ser feito nas zonas urbanas clandestinas para passar a fazer-se nas zonas rurais, com o objectivo de se iniciar uma guerra de guerrilhas, com base nas zonas rurais. Cabral, que era agrónomo, exercera anteriormente funções na «Administração Portuguesa», em Angola, e estava perfeitamente consciente da importância de transposição do inevitável fosso entre o intelectual e o camponês, entre o modernista urbano e o tradicionalista rural. Até certo ponto, a filosofia de Cabral pode comparar-se à desenvolvida pela UNITA de Savimbi, embora o PAIGC continuasse a expressar a sua solidariedade com o MPLA, sediado nas zonas urbanas.
- 8 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 9 — Em Angola, os casais que casavam em igrejas protestantes eram registados pelas autoridades coloniais como «solteiros» e os seus filhos como «ilegítimos».
- 10 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. 1, pp. 111-112, 154, 155; Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980; nota do comité executivo da UNITA para o autor, Abril de 1985.
- 11 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 12 — Idem.
- 13 — Idem.
- 14 — Idem.
- 15 — Ismael Toure, chefe da delegação da recentemente independente República da Guiné, argumentou em 30 de Novembro de 1959, perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, que os territórios africanos de Portugal eram, evidentemente, não autónomos e que Portugal estava obrigado pelo artigo 73.º da Carta das Nações Unidas a relatar e responder perante as Nações Unidas sobre o índice de progresso levado a efeito, no sentido de os preparar para o governo autónomo. Holden Roberto, a trabalhar incógnito, era membro do grupo guineense.
- 16 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 17 — O médico era membro de um grupo holandês de activistas, com orientação moscovita, que tinha instituído um comité de acção para apoiar o MPLA com dinheiro, publicidade e propaganda. Com base em Amsterdão, fora normalmente constituído em 1961, tal como o Comité de Acção Angolano.
- 18 — Basil Davidson, *Africa in History*, p. 321, Paladin Books, Londres.
- 19 — A bolsa de estudos era proveniente de um fundo instituído por missionários protestantes dos Estados Unidos.
- 20 — Isto teria garantido aos territórios africanos da França autodomínio interno, enquanto por outro lado continuavam ligados a Paris, numa espécie de sistema federal livre. A Guiné optou pela independência em 1958, fora da comunidade francesa. A ideia da comunidade francesa foi subsequentemente abandonada; porém, a próxima série de territórios franceses a tornarem-se independentes em 1960 — catorze ao todo, excluindo apenas a Argélia (1962) e o Djibouti (1977) — conservaram substanciais ligações militares e financeiras com Paris.
- 21 — Após a independência, os Belgas saíram do Congo (mais tarde chamado Zaire),

deixando apenas um único funcionário público superior africano treinado. O Congo rapidamente evoluiu para uma terrível guerra civil, que durou anos, e que, ao apoiar a rebelião secessionista de Moisés Tshombé, no Catanga, os Portugueses ajudaram a atizar a partir de Angola.

- 22 — Em nota confidencial para o autor (Junho de 1985), o Professor John Marcum comentava: «Existiram de facto algumas finas brochuras com um 'programa', feitas no Gana em 1959-1960. Porém, Holden Roberto pode muito bem nada ter tido a ver com ele. O 'programa' era rudimentar.»
- 23 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 24 — Alguns escritores, referindo-se a este período da vida de Savimbi, afirmaram ter ele sido em tempos um membro do MPLA. Porém, ele nunca aderiu, nem, embora tivesse pensado fazê-lo, aderiu à UGEAN.
- 25 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 26 — Após a independência, Kenyatta tornou-se um dos líderes de África mais violentamente anticomunistas, dizendo frequentemente ao seu povo: «Não se deixem persuadir a procurar os comunistas para lhes pedir comida.»
- 27 — Jomo Kenyatta, *Facing Mount Kenya*, Seker and Warburg, London, 1938; *Vintage*, New York, 1962.
- 28 — Ver capítulo I.
- 29 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 30 — Margery Perham, *Colonial Sequence: 1949 do 1969*, p. 331.
- 31 — Odinga e Mboya eram ambos membros da tribo minoritária Luo. Em 1969, Kenyatta, líder da maioria kikuyu, aprisionou Odinga, e Mboya, considerado como o mais provável sucessor de Kenyatta como Presidente do Quênia, foi assassinado em Nairobi por um atirador kikuyu.
- 32 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 33 — Jonh Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, pp. 236-237, Andre Deutsch.

Notas sobre o capítulo III

- 1 — René Pelissier, *Resistance et Revoltes en Angola (1845-1961)*, vol. 3 (manuscrito não publicado), pp. 1, 225.
- 2 — Relatórios pormenorizados e bem pesquisados do levantamento de 4 de Fevereiro aparecem no livro de John Marcum *The Angolan Revolution*, vol. 1, capítulo IV; em *Angola: Five Centuries of Conflict*, capítulo XI, de Lawrence Henderson; em *African Liberation Movements*, 5.ª parte, de Richard Gibson, Oxford University Press, 1972, e do reverendo E. Edwin Le Master em «I Saw the Horror in Angola», publicado pelo *Saturday Evening Post* em 12 de Maio de 1962.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 4 — A revolta da UPA foi infinitamente mais complexa do que pode ser aqui explicado. De longe o mais rigoroso e importante relato é o de John Marcum, no capítulo IV, pp. 130-158, em *The Angolan Revolution*, vol. 1.
- 5 — Frantz Fanon, *Black Skins, White Masks*, Grove Press, New York, 1967; *The Wretched of the Earth*, Mac Gibbon and Kee, Londres, 1965. Roberto viu pela primeira vez Fanon em Outubro de 1958, quando assistiam à I Conferência de Todos os Povos Africanos em Accra, posteriormente, tornaram-se amigos.
- 6 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 7 — Conversa entre o autor e o Professor Henri Rieben no Centro de Pesquisa Europeu, na Universidade de Lausana, Maio de 1984.

Notas sobre o capítulo IV

- 1 — A UGEAN incluía também movimentos de libertação de outros territórios coloniais portugueses, mas o movimento era dominado pelo MPLA.

- 2 — Entre os que conseguiram bolsas de estudo encontravam-se Tony Fernandes e José N'Dele, que foram para a Suíça estudar História e Política; Miguel N'Zau Puna, que estudou Agronomia na Tunísia, e Ernesto Mulato, que estudou Engenharia Eléctrica em Londres. Todos se tornaram íntimos lugares-tenentes de Savimbi quando este fundou o seu próprio movimento de libertação, a UNITA, em 1966.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 4 — A JUPA (Juventude UPA) e a LGTA (Liga Geral dos Trabalhadores Angolanos).
- 5 — A PDA foi buscar o seu apoio aos Bazombo, uma subtribo regional dos Bakongo.
- 6 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 7 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. I, p. 254.
- 8 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II; *Exile Politics and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, p. 87. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1978.
- 9 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. I, pp. 213-214.
- 10 — Basil Davidson, «Unity in Angola?», in *West African Magazine*, p. 1399, London, 14 de Dezembro de 1963.
- 11 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II; *Exile Politics and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, pp. 39 e 119.
- 12 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980. (A FLN treinou, de facto, alguns oficiais da FNLA, porém na Tunísia antes da independência da Argélia, em Julho de 1962.)
- 13 — Robert Davezies, *Les Angolais*, p. 211, Éditions de Minuit, Paris, 1965.
- 14 — Idem, *ibidem*, pp. 211-213, Éditions de Minuit, Paris, 1965.
- 15 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 16 — O Professor John Marcum argumenta que Savimbi criticou Roberto por este ter permitido que os Chineses tivessem influência dentro da FNLA/GRAE nesta época. Isto parece ir contra a oposição largamente difundida de Savimbi à entrada no movimento do deserto do MPLA Viriato da Cruz. Viriato da Cruz era um marxista da linha dura da escola maoísta. A admiração que Savimbi tinha por Mao baseava-se nas teorias do líder chinês em conquistas práticas e técnicas de guerrilha, não nas suas teorias políticas. A sua oposição a Viriato da Cruz era provavelmente política e pessoal e não significava decerto que se opunha a uma colaboração prática com Pequim.
- 17 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 18 — FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique); SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano); ZAPU (União dos Povos Africanos do Zimbabwe); ANC (Congresso Nacional Africano); PAC (Congresso Pan-Africano).
- 19 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 133.
- 20 — Savimbi fez este relato do seu encontro com Guevara durante as suas conversas com o autor em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 21 — Se era esta a opinião que Guevara tinha do MPLA, era um pouco severa. A seguir à sua expulsão de Léopoldville, Agostinho Neto apenas estivera em Brazzaville durante dois meses — verdadeiramente pouco tempo para ter organizado e lançado um esforço de guerra de guerrilha.
- 22 — Boumedienne proporcionara instrução militar a cerca de vinte oficiais da FNLA, na Tunísia, em 1961. Teria ele observado qualquer coisa nessa altura que viria a ter como consequência o apoio da Argélia ao MPLA, após o derrube de Ben Bella?
- 23 — Guevara morreu a 11 de Outubro de 1967. A sua morte foi profundamente dolorosa. Ele acreditava poder instigar à revolta os mineiros das minas de estanho da Bolívia, que viviam em condições de extrema pobreza, mas, de facto, muito poucos o apoiaram.
- 24 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 133.
- 25 — Idem, *ibidem*, idem, p. 134.

- 26 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 27 — *Declaration de Monsieur Jonas Savimbi, Ministre des Affaires Etrangères de GRAE* (Cairo, 16 de Julho de 1964, mimeógrafo). Amplamente reproduzido noutros locais, incluindo pelo MPLA (documento n.º 44 164, Brazzaville, 17 de Agosto de 1964), e pelo *Le Monde*, em 22 de Julho de 1964.
- 28 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 135-136.

Notas sobre o capítulo V

- 1 — Segundo Savimbi, Agostinho Neto queria que ele substituísse o existente secretário das relações exteriores do MPLA, Luís de Azevedo, que Neto descreveu como pouco eficiente e com falta de compreensão para os assuntos internacionais. Azevedo tornara-se secretário das relações exteriores após Mário de Andrade se ter retirado temporariamente da vida política, em Dezembro de 1962.
- 2 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980; John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II; *Exile Politics and Guerrilla Warfare (1963-76)*, pp. 161-162, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1978; Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 96, Cornell University Press, Ítaca e Londres, 1979.
- 3 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 172.
- 4 — Em Junho de 1964, o MPLA revelou que 150 dos seus adeptos tinham sido mortos quando atravessavam o território do Congo (Léopoldville), entre Angola e o Congo-Brazzaville. Em Maio de 1966, o MPLA informou que 32 dos seus militantes tinham sido mortos num único confronto, enquanto atravessavam o território do Congo (Léopoldville).
- 5 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 6 — Idem.
- 7 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 174.
- 8 — *Courrier d'Afrique*, 21 de Abril de 1966.
- 9 — Michael Wolfers e Jane Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 163, Zad Books, London, 1983.
- 10 — Entrevista com o jornalista britânico Mike Marshment, no jornal da UNITA *Kwacha Angola* (edição especial, Londres, 1972), p. 15. Existe alguma confusão entre alguns escritores quanto aos quatro países da Europa Oriental que Savimbi visitou. A lista aqui presente baseia-se em informações fornecidas ao autor pelo comité executivo da UNITA em Abril de 1985. No Vietname do Norte, Savimbi teve um breve encontro com um dos seus heróis revolucionários, general Vo Nguyen Giap, que sucessivamente e com sucesso comandou exércitos que desafiaram os exércitos Americanos, Franceses e Japoneses. A maior vitória de Giap aconteceu em Dien Bien Phu em 1954, que precipitou a queda do domínio francês por toda a Indochina.
- 11 — De acordo com o *New York Times* de 25 de Setembro de 1975, Washington deu auxílio secreto a Holden Roberto de 1962 a 1969, como uma «opção de retaguarda», em caso de derrota dos Portugueses: utilizando os Congolese e outros canais, este consistiu provavelmente de um modesto abastecimento de armas e dinheiro. Com o advento, em 1969, da administração Nixon, a CIA «desactivou» Roberto, embora lhe tivesse deixado um fundo de 1000 dólares, por um ano, para «recolha de informações».
- 12 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 13 — Detalhes fornecidos ao autor em Abril de 1985 pelo comité executivo da UNITA.
- 14 — David Martin e Phyllis Johnson, *The Struggle for Zimbabwe: The Chimurenge War*, p. 11, Faber, Londres e Boston, 1981.
- 15 — Carta de 21 de Setembro de 1965, de Savimbi para os missionários do Secretariado da Igreja Unida para os Ministros Mundiais, New York.

- 16 — Richard Gibson, *African Liberation Movements: Contemporary Struggles Against Minority Rule*, p. 238, Oxford University Press, 1972.
- 17 — O campo-prisão fazia parte do complexo militar da FNLA/GRAE, em Kinkuzu, no Congo. Um homem de negócios bakongo, Emmanuel Lamvu, descreveu o campo-prisão como um «Buchenwald africano», após dele ter escapado. Em Março de 1977, André Kassinda, um líder dissidente do movimento trabalhador da FNLA/GRAE, foi executado no campo.
- 18 — Anfbal de Malo.
- 19 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 191.
- 20 — A CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas), que ao princípio agrupava os movimentos pró-soviéticos nas colónias portuguesas, mas mais tarde incluiu outros movimentos da África Austral.
- 21 — Carta de 21 de Setembro de 1965, de Savimbi para os missionários do Secretariado da Igreja Unida para os Ministros Mundiais, New York.
- 22 — Foram para Cuba em Outubro de 1966 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 225.
- 23 — *Le Monde*, 6-7 de Fevereiro de 1966. Este foi um golpe mortal para Viriato da Cruz, que por esta altura aderira à FNLA/GRAE. Partiu para o exílio na China e dedicou-se à sua arte favorita, a poesia. A 13 de Junho de 1973, morreu num hospital em Pequim, após prolongada doença e vários anos de obscuridade política.
- 24 — *Notícias* (Lourenço Marques), 14 de Maio de 1966.
- 25 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 26 — Idem.
- 27 — Idem.
- 28 — *O Comércio*, um jornal de Luanda, afirmava na sua edição de 29 de Dezembro de 1966 que os seus números, fornecidos no dia anterior, de 494 atacantes de Teixeira de Sousa, mortos e capturados, tinham sido «derivados de uma ambiguidade». Muitos dos que faziam parte da lista como capturados eram simplesmente camponeses que tinham procurado refúgio na vila a seguir aos tiroteios.
- 29 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 30 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 191-192; *Le Monde*, 28 de Dezembro de 1966; *A Província de Angola* (Luanda), 28 e 30 de Dezembro de 1966.
- 31 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 32 — Comité executivo da UNITA, Abril de 1985.
- 33 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.

Notas sobre o capítulo VI

- 1 — Savimbi, numa entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 2 — Moss, *Sunday Telegraph*, 1977.
- 3 — Como vem mencionado em *China's African Revolution*, de Alan Hutchison, pp. 247-248, Hutchison, Londres, 1975.
- 4 — *Guerrilla Warfare*, de Mao Tsé-tung, p. 93, traduzido para inglês pelo brigadeiro-general de brigada Samuel B. Griffith, Anchor Press/Doubleday, New York, 1978.
- 5 — *Kwacha Angola*, vol. I, n.º 3, Dezembro de 1967.
- 6 — Major Hoji Ia Henda e doutor Américo Boavida.
- 7 — Richard Gibson, *African Liberation Movements*, p. 223.

Notas sobre o capítulo VII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 2 — Savimbi numa entrevista, realizada em Agosto de 1969, com o jornalista britânico Mike Marshment, publicada no *Kwacha Angola* (edição especial), 1972.
- 3 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 182-183.

- 4 — Comunicado militar da UNITA, datado de 10 de Setembro de 1968, publicado na edição de Novembro de 1968 do *Kwacha Angola*.
- 5 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 212 e 409.
- 6 — Idem, *ibidem*, idem, p. 266.
- 7 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 8 — Idem.
- 9 — Marcello Caetano, *Discurso às Províncias Ultramarinas*, 28 de Novembro de 1968 (Secretaria de Estado de Informação e Turismo, Lisboa, 1970).
- 10 — Marcello Caetano, declarações prestadas em Luanda, Angola, em 15 de Abril de 1969.
- 11 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 12 — Idem.
- 13 — Idem.
- 14 — Nota fornecida ao autor pelo comité executivo da UNITA em Abril de 1985.
- 15 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 16 — Nota fornecida ao autor pelo comité executivo da UNITA em Abril de 1985.
- 17 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 18 — Idem.
- 19 — Comunicado da UNITA sobre o II Congresso.
- 20 — Carta de 22 de Dezembro de 1969, de Mike Marshment para o presidente do Comité de Libertação da OUA, em Dar-es-Salaam. Cópia nos arquivos do autor.
- 21 — Steve Valentine, no *Times*, da Zâmbia, 11 e 12 de Setembro de 1969.

Notas sobre o capítulo VIII

- 1 — «Relatório Estudo 39» sobre segurança nacional dos Estados Unidos.
- 2 — Douglas L. Wheeler e René Pelissier, *Angola*, p. 231, Pall Mall Press, Londres, 1971.
- 3 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 231.
- 4 — John Marcum, *Lessons of Angola*, Relações Exteriores, vol. 54, n.º 3, Abril de 1976, p. 411.
- 5 — *Der Spiegel*, 15 de Junho de 1970.
- 6 — W. G. Clarence Smith, «Class Structure and Class Struggles in Angola in the 1970's», in *Journal of South African Studies*, 7, 1980, p. 117.
- 7 — A UNITA alegou também que os chefes eram obrigados a ceder as suas jovens esposas aos comandantes do MPLA.
- 8 — Agostinho Neto, «Angola: Povo em Revolução», in *Tricontinental*, n.º 12, Maio-Junho de 1969, p. 68.
- 9 — Richard Gibson, *African Liberation Movements: Contemporary Struggles Against White Minority Rule*, Oxford University Press, 1972, p. 224.
- 10 — Nota fornecida ao autor pelo comité executivo da UNITA em Abril de 1985.
- 11 — Declaração feita à imprensa pela UNITA em Londres, em 7 de Dezembro de 1970, e comunicado de guerra da UNITA para Julho, Agosto e Setembro de 1970.
- 12 — *The Guardian*, em 24 de Dezembro de 1970.
- 13 — *The Times*, de Londres, em 3 de Outubro de 1970. (Entre 1970 e 1974 a UNITA recebeu 37 500 dólares do WCC, o MPLA 78 000 dólares e a FNLA 60 500 dólares.)
- 14 — Carta de Sietse Bosgra, de 18 de Março de 1971, aos apoiantes do «Comité de Angola» em toda a Europa.
- 15 — O relato de Sitte da sua viagem surgiu no *The Observer*, de Londres, em 9 de Abril de 1972; no *Daily Mail*, da Zâmbia, e no *Tages Anzeiger*, 5 de Outubro de 1971.
- 16 — O general prussiano do século XIX que foi um brilhante estratega.
- 17 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 201.
- 18 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, Julho de 1980.
- 19 — *The Times*, da Zâmbia, 4 de Maio de 1971.

- 20 — *Daily Mail*, da Zâmbia, 25 de Maio de 1972; *Le Soir*, Bruxelas, 21 de Março de 1972.
 21 — Caetano Pagano, *Visit to the MPLA and their Liberated Areas*, p. 15, International Exchange Fund, Genebra, Fevereiro de 1975; Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 226.
 22 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 187-188.
 23 — Idem, *ibidem*, idem, p. 229.
 24 — Discurso de Savimbi no III Congresso da UNITA, 13-19 de Agosto de 1973.
 25 — Leon Dash, «The War in Angola», in *Washington Post*, 23-26 de Dezembro de 1973.

Notas sobre o capítulo IX

- 1 — António de Spínola, *Portugal e o Futuro*, Arcádia, Lisboa, 1974.
 2 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 224.
 3 — Dinis de Almeida, *Origens e Evolução do Movimento de Capitães, Subsídios para Uma Melhor Compreensão*, Edições Sociais, Lisboa, 1977, p. 206.
 4 — *Província*, Luanda, 18 e 20 de Janeiro de 1984; *Report from Portuguese Africa*, Michael Chapman, editor, 4 de Janeiro, 5 de Abril e 11 de Maio de 1974.
 5 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 241.
 6 — *Report from Portuguese Africa*, 5 de Maio e 7 de Junho de 1974.
 7 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol II, p. 247.
 8 — Reuter, Lusaca, 28 de Maio de 1974.
 9 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 248.
 10 — *Afrique-Asie*, Paris, n.º 61, 8 de Julho de 1974.
 11 — *O Século*, Lisboa, 9 de Agosto de 1974.
 12 — *Kwacha Angola*, Junho-Agosto de 1974.
 13 — Carta, datada de 20 de Novembro de 1984, dirigida ao autor por Michael Chapman (editor de *Report from Portuguese Africa*).
 14 — *Kwacha Angola*, Junho-Agosto de 1974.
 15 — «Carta aberta aos militantes», assinada por Daniel Chipenda, Lusaca, Julho de 1973; *Notícia*, Luanda, 14 de Setembro de 1974.
 16 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 211.
 17 — Nota fornecida ao autor pelo comité executivo da UNITA em Abril de 1985.
 18 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, no Sudoeste de Angola, em 25 de Agosto de 1985.
 19 — Comunicado militar da UNITA em 27 de Janeiro de 1974.
 20 — *Kwacha Angola*, Junho-Agosto de 1974.
 21 — Declaração prestada à imprensa em Bruxelas pelo secretário das relações exteriores da UNITA, Jorge Sangumba, em 29 de Agosto de 1974.
 22 — Comunicado final da Conferência Anual da UNITA, 20 de Julho de 1974.
 23 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 245-246.
 24 — Idem, *ibidem*, idem, p. 246.
 25 — John Marcum, *Lessons of Angola*, Foreign Affairs, vol. 54, n.º 3, Abril de 1976, p. 413.
 26 — Henry Kamm, informando a partir de Lusaca para o *New York Times*, em 8 de Junho de 1974, na altura de uma visita aí efectuada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Mário Soares.
 27 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 248.
 28 — Idem, *ibidem*, idem, p. 252.
 29 — Savimbi, numa entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980. (O Professor John Marcum observa que, já que Chipenda tinha origem no mesmo grupo tribal dos Ovimbundu, tal como Savimbi, o líder da UNITA pode tê-lo considerado mais como um rival directo no seu próprio território «constituído» do que Agostinho Neto.)

- 30 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 252.
 31 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
 32 — Tal como foi narrado ao autor e ao encarregado para a África da Reuter, Shahe Guebenlian, num encontro com Sikota Wine, membro do comité central do partido da Zâmbia no poder, UNIP, em Lusaca, em Dezembro de 1975. A história de Wine foi posteriormente confirmada ao autor por funcionários superiores dos serviços secretos zambianos, que afirmaram ter mostrado a Kaunda fotografias das vítimas do MPLA.
 33 — Bruno Crimi, «Trois Monologues», in *Jeune Afrique*, 14 de Setembro de 1974, p. 61.

Notas sobre o capítulo X

- 1 — Comunicado final da Conferência Anual da UNITA, em 20 de Julho de 1974.
 2 — *Diário de Notícias e O Século*, 29 de Outubro de 1974.
 3 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 244.
 4 — *Report from Portuguese Africa*, Michael Chapman, editor, 26 de Julho e 14 e 23 de Agosto de 1974; John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 244.
 5 — *Zambia Daily Mail*, 16 de Novembro de 1974.
 6 — *Report from Portuguese Africa*, 15 de Novembro de 1974; *Zambia Daily Mail*, 16 de Novembro de 1974; *Times of Zambia*, 16 de Novembro de 1974.
 7 — *Zambia Daily Mail*, 18 de Novembro de 1974.
 8 — *Diário de Luanda*, 27 de Novembro de 1974; *Fraternité Matin*, Abidjan, 2 de Dezembro de 1974.
 9 — *Sunday News*, Dar-es-Salaam, 10 de Dezembro de 1974.
 10 — *Daily News*, Dar-es-Salaam, 10 de Dezembro de 1974.
 11 — *The Times*, de Londres, 19 e 20 de Dezembro de 1974; *Zambia Daily Mail e Times of Zambia*, 20 de Dezembro de 1974; *Sunday Times*, de Londres, 22 de Dezembro de 1974; *Trust Magazine*, Lusaca, Maio de 1975.
 12 — James Mac Marnes, *The Guardian*, 30 de Dezembro de 1974.
 13 — Reuter, Lusaca, 29 de Dezembro de 1974.
 14 — Colin Legum, *Africa Contemporary Record, Annual Survey and Documents, 1975-1976*, African Publishing, New York.
 15 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Likera, Angola, 21 de Junho de 1981.
 16 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 255-256.

Notas sobre o capítulo XI

- 1 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 246.
 2 — Idem, *ibidem*, idem, p. 246.
 3 — David Martin, *The Observer*, 24 de Agosto de 1975; Martin Meredith, *The First Dance of Freedom-Black Africa in the Postwar Era*, Hamish Hamilton, Londres, 1984, p. 292.
 4 — Fontes dos serviços secretos ingleses; também John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 432, e Douglas G. Anglin e Timothy M. Shaw, *Zambia's Foreign Policy Studies in Diplomacy and Dependence*, Westview Press, 1979, p. 312.
 5 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 253.
 6 — Idem, *ibidem*, idem, p. 252; Robert Moss, *Sunday Telegraph*, Londres, 30 de Janeiro de 1977.
 7 — John Bortel, *The Observer*, 7 de Dezembro de 1974.
 8 — *Report from Portuguese Africa*, Michael Chapman, editor, 13 de Dezembro de 1974.
 9 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 253.
 10 — *Hearings Before the US Senate Sub-Comitee on Foreign Affairs*, 11 de Fevereiro de 1976.
 11 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 67.

- 12 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 257.
- 13 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 14 — Idem.
- 15 — Idem.
- 16 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 68.
- 17 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 258.
- 18 — *Report from Portuguese Africa*, 14 e 28 de Fevereiro de 1975.
- 19 — Jane Bergerol, *Financial Times*, 14 de Junho de 1975.
- 20 — *Report from Portuguese Africa*, 25 de Abril de 1975.
- 21 — David Martin, *The Observer*, 24 de Agosto de 1975.
- 22 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 25 de Fevereiro de 1983.
- 23 — Anglin and Shaw, *Zambia's Foreign Policy*, p. 329; Arthur Jay Klinghoffer, *The Angolan War: A Study in Soviet Policy in the Third World*, Westview Press, 1980, p. 89; *The Times*, de Londres, 7 de Janeiro de 1976, referiu-se ao apelo de Kaunda, em Abril de 1975, a Ford «para fazer inverter o que ele considerava uma maré a favor da vitória do MPLA».
- 24 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 259.
- 25 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 26 — Doutor Bridgman, actualmente missionário no Zaire, em carta dirigida ao autor.
- 27 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 28 — Contido na carta do doutor Bridgman.
- 29 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 30 — Doutor Bridgman, em carta dirigida ao autor.
- 31 — Tony Hodges, *How the MPLA Won in Angola*, Colin Legum e Tony Hodges, editores, *After Angola: The War Over southern Africa*, London, Rex Collings, 1976, p. 50; *Report from Portuguese Africa*, 9 de Maio de 1975.
- 32 — *Africa Development*, Maio de 1975.
- 33 — Barry Baxter, Gemini News Agency, no *Times of Zambia*, 7 de Junho de 1975.
- 34 — *Africa Development*, Maio de 1975.
- 35 — Idem.
- 36 — Idem.
- 37 — *Report from Portuguese Africa*, 9 de Maio de 1975.
- 38 — *Financial Times*, 14 de Junho de 1975.
- 39 — *Angola Report*, Michael Chapman, editor, 13 de Junho de 1975, e Fola So-remekun, *Angola — The Road to Independence*, University of Ife Press, 1983, p. 137.
- 40 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 260.
- 41 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 42 — *Times of Zambia*, 7 de Junho de 1975.
- 43 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 44 — *Angola Report*, 25 de Julho e 1 e 8 de Agosto de 1975.
- 45 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 46 — Idem.
- 47 — Idem.
- 48 — Idem.
- 49 — Tony Hodges, *How the MPLA Won in Angola*, p. 53.
- 50 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 262; Kinghoffer, *The Angolan War: A Study in Soviet Policy in the Third World*, p. 65.
- 51 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 52 — *Times of Zambia*, 3 de Agosto de 1975.
- 53 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 54 — *Zambia Daily Mail* e Reuter, Lusaca, 19 de Agosto de 1975.

Notas sobre o capítulo XII

- 1 — Tal como referido por Douglas L. Wheeler e René Pelissier, Pall Mall Press, Ltd., Londres, 1971, p. 42.
- 2 — Douglas Anglin e Timothy Shaw, *Zambia's Foreign Policy: Studies in Diplomacy and Dependence*, Westview Press, Boulder, Colorado, p. 320.
- 3 — Reuter, Lusaca, 20 de Agosto de 1975.
- 4 — Reuter, 24 de Setembro de 1975.
- 5 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, pp. 38 e 164.
- 6 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, Londres, 30 de Outubro de 1977.
- 7 — Reuter, 26 de Outubro de 1975.
- 8 — Reuter, 29 de Outubro de 1975.
- 9 — Idem.
- 10 — Reuter, 5 de Novembro de 1975.
- 11 — Idem.
- 12 — Lawrence W. Henderson, *Angola: Five Centuries of Conflict*, p. 154.
- 13 — *Africa*, n.º 52, Dezembro de 1975, p. 89.
- 14 — *Angola Report*, Michael Chapman, editor, 3 de Outubro de 1975.

Notas sobre o capítulo XIV

- 1 — Jean Ziegler, *Les Rebelles — Contre l'Ordre du Monde*, Éditions du Seuil, Março de 1983, p. 259.
- 2 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 202.

Notas sobre o capítulo XV

- 1 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 6 de Fevereiro de 1977.
- 2 — Idem.
- 3 — Idem.
- 4 — Oficiais dos serviços secretos ocidentais ao autor.
- 5 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977; Dirk e Johanna de Villiers, *PW — A Biography of South African President P. W. Botha (1985)*.
- 6 — Savimbi, em entrevista com o autor, 4-5 de Julho de 1980.
- 7 — Michael Wolfers e Jane Bergerol, *Angola in the Front Line*, Zed Books, Londres, 1983, p. 23.
- 8 — Professor Arthur Jay Klinghoffer, *The Angolan War: A Study in Soviet Policy in the Third World*, Westview Press, 1980, pp. 82 e 95.
- 9 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 10 — Descrição do ataque da FNLA, baseada em relatos feitos por Robert Moss no *Sunday Telegraph*; John Stockwell, em *In Search of Enemies: A CIA Story*, e Wolfers e Bergerol, em *Angola in the Front Line*.
- 11 — Nota fornecida ao autor por John Marcum, autor de *The Angolan Revolution*, vols. I e II.
- 12 — Dirk e Johanna de Villiers, *PW — A Biography of South African President P. W. Botha (1985)*.
- 13 — Gabriel Garcia Marquez, no *Washington Post* de 10 de Janeiro de 1977. Marquez, o colombiano a quem foi atribuído o Prémio Nobel da Literatura, foi encarregado de elaborar o relatório oficial do envolvimento de Havana na guerra.
- 14 — *The Times*, de Londres, 24 de Outubro de 1975 e 23 de Junho de 1976, dá um número de 1100 a 1500; John Stockwell dá um número de 2800, em *In Search of Enemies: A CIA Story*, e Robert Moss dá um número de 4000, na sua série de artigos publicados no *Daily Telegraph* em 1977.
- 15 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 274, e John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 232.

- 16 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 30 de Janeiro de 1977.
- 17 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 18 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Janeiro de 1977.
- 19 — Oficiais dos serviços secretos ocidentais ao autor.
- 20 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 232.
- 21 — Argélia, Congo-Brazzaville, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, República do Malgaxe, Mali, Moçambique, São Tomé e Somália.
- 22 — Oficiais dos serviços secretos ocidentais ao autor.
- 23 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 24 — Wolfers e Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 42.
- 25 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 215; Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 30 de Janeiro de 1977.
- 26 — Wolfers e Bergerol, *Angola in the Front Line*, pp. 27 e 39.
- 27 — Serviço Externo da Rádio de Lagos, 8 de Novembro de 1975.
- 28 — Savimbi numa conferência de imprensa em Lusaca, em 9 de Dezembro de 1975.
- 29 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 227.
- 30 — Idem, *ibidem*, p. 229.
- 31 — Idem, *ibidem*, p. 230.
- 32 — Idem, *ibidem*, p. 177.
- 33 — Discurso de Kaunda em 2 de Dezembro de 1975 num Seminário das Forças Armadas Zambianas, em Lusaca.
- 34 — Discurso de Fidel Castro no Congresso Anual do Partido Comunista Cubano, como informado pela Reuter, de Havana, em 21 de Dezembro de 1975.
- 35 — Esta citação e as que se seguem directamente foram conseguidas em entrevistas com o autor e outros repórteres estrangeiros em Lusaca, em 9 e 11 de Dezembro de 1975.
- 36 — A Biblioteca de Martin Luther King fazia parte do Serviço de Informações dos Estados Unidos, em Lusaca. Mais tarde, quando se tornou evidente que o MPLA ia ganhar, Young inverteu a sua posição e apelou para o reconhecimento dos Estados Unidos e para a reconciliação com a administração de Agostinho Neto.
- 37 — Conferência de imprensa em Londres, 19 de Novembro de 1975.
- 38 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 215.
- 39 — *Washington Star*, 26 de Dezembro de 1975.
- 40 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 41 — *New York Times*, 7 de Fevereiro de 1976.

Notas sobre o capítulo XVI

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 2 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 3 — Funcionários do Ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros, ao autor, Agosto de 1985.
- 4 — *Tanzanian Daily News*, 18 de Dezembro de 1975.
- 5 — *Zambia Daily Mail*, 7 de Janeiro de 1976.
- 6 — Reuter, Joanesburgo, 21 de Dezembro de 1975.
- 7 — Serviço de Informações dos Estados Unidos, 23 de Dezembro de 1975.
- 8 — Reuter, Lusaca, 14 de Dezembro de 1975.
- 9 — *Washington Star*, 20 de Dezembro de 1975.
- 10 — *Christian Science Monitor*, 23 de Dezembro de 1975.
- 11 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 233.
- 12 — Reuter, Havana, 21 de Dezembro de 1975.
- 13 — Brand Fourie, ao autor, em Joanesburgo, em 28 de Agosto de 1975.
- 14 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.

- 15 — Douglas Anglin e Timothy Shaw, *Zambia's Foreign Policy: Studies in Diplomacy and Dependence*, Westview Press, Boulder, Colorado, pp. 332-333; *Rapport*, 15 de Fevereiro de 1976.
- 16 — Reuter, Lusaca, 28 de Janeiro de 1976.
- 17 — Reuter, Lusaca, 31 de Dezembro de 1975.
- 18 — *Zambia Daily Mail*, 8 de Janeiro de 1976.
- 19 — Boletim dos Serviços de Informação Zambianos n.º 1/76, 13 de Janeiro de 1976, texto integral do discurso de Kaunda.
- 20 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.

Notas sobre o capítulo XVII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 2 — Idem.
- 3 — Luís Rodrigues, um antigo jornalista e correspondente da BBC em Luanda.
- 4 — Max Hastings, *London Evening Standard*, 19 de Janeiro de 1976.
- 5 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980; John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, pp. 177 e 185; Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 6 de Fevereiro de 1977.
- 6 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 6 de Fevereiro de 1977.
- 7 — Reuter, Lusaca, 20 de Janeiro de 1976.
- 8 — Lawrence W. Henderson, *Angola — Five Centuries of Conflict*, p. 257.
- 9 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, pp. 193 e 234; John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 439; *A Província de Angola*, 15 e 17 de Junho de 1975; *De Volksrant* (Amsterdão), 27 de Agosto de 1975; Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 25 de Agosto de 1985.
- 10 — Este parágrafo e os seguintes têm por base conversas do autor com oficiais dos serviços secretos britânicos em África. Muitos dos pormenores estavam incluídos nas informações da Reuter, de 23 de Janeiro em diante.
- 11 — Reuter, Cidade do Cabo, 24 de Janeiro de 1976.
- 12 — *Washington Post*, 3 de Fevereiro de 1976.
- 13 — *Newsweek*, 17 de Maio de 1976.
- 14 — Michael Wolfers e Jane Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 8.
- 15 — John Kane-Berman, *The Guardian*, 21 de Abril de 1978.
- 16 — *New York Times*, 7 de Fevereiro de 1976.
- 17 — Bernard Nossiter, *Washington Post*, 3 de Fevereiro de 1976.
- 18 — *International Herald Tribune*, 27 de Janeiro de 1976.
- 19 — O Presidente Ford assinou o Act a 9 de Fevereiro de 1976 e fez o comentário num pequeno-almoço com os repórteres na Casa Branca. (*Philadelphia Inquirer*, 12 de Fevereiro de 1976; Colin Legum e Tony Hodges, *After Angola: The War Over Southern Africa*, p. 27.) Não que o Presidente estivesse, por seu lado, imbuído de muita coragem — precisamente alguns meses antes recusara-se a receber o dissidente soviético Alexander Solzhenitsyn na Casa Branca, porque se planeavam vendas de cereais proveitosas à União Soviética e Kissinger estava prestes a fazer uma visita a Moscovo, em busca de um acordo sobre armas SALT.
- 20 — *Washington Post*, 7 de Fevereiro de 1976.
- 21 — Savimbi, em entrevista com o autor, no Luengue, Angola, em 20 de Junho de 1981.
- 22 — Reuter, Lusaca, 28 de Janeiro de 1976.
- 23 — *Times of Zambia*, 30 de Janeiro de 1976; Reuter, Lusaca, 27 e 28 de Janeiro de 1976.
- 24 — Stewart Dalby, *Financial Times*, 29 de Janeiro de 1976.
- 25 — Legum e Hodges, *After Angola: The War Over Southern Africa*, p. 27.
- 26 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 233.
- 27 — A maior parte dos comentários de Savimbi, nesta parte, vinham incluídos nas mensagens que eu enviei para a Reuter a 8 e 9 de Fevereiro de 1976.

- 28 — Wolfers e Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 56.
- 29 — Reuter, Lusaca, 13 de Fevereiro de 1976.
- 30 — Jorge Sangumba, a correspondentes em Lusaca, 13 de Fevereiro de 1976.
- 31 — *London Evening Standard*, 10 de Fevereiro de 1976.
- 32 — Transcrição de uma radiodifusão da Rádio Kwacha, 13 de Fevereiro de 1976.
- 33 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, pp. 216, 218 e 234.
- 34 — Bruce London, *Daily Telegraph*, 10 de Fevereiro de 1976.
- 35 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 235.
- 36 — Savimbi, em entrevista com o autor, no Luengue, Angola, em 25 de Fevereiro de 1983.
- 37 — *Christian Science Monitor*, mensagem de Kinshasa, 4 de Fevereiro de 1976.
- 38 — *New York Times*, mensagem de Kinshasa, 6 de Fevereiro de 1976.
- 39 — *Baltimore Sun*, 3 de Fevereiro de 1976; *New York Times*, de Londres, 3 de Fevereiro de 1976; John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 224.
- 40 — *Christian Science Monitor*, 4 de Fevereiro de 1976.
- 41 — A história surgiu primeiro a 8 de Fevereiro de 1976, difundida pela cadeia americana de televisão NBC, pelo seu correspondente/operador de câmara Neil Davis, em Kinshasa, que mais tarde viria a ser morto, em 1985, enquanto filmava uma tentativa falhada de golpe militar na Tailândia.
- 42 — Um relato horrível e moralmente revoltante, e provavelmente muito exagerado, do envolvimento mercenário com a FNLA é fornecido por dois dos antigos mercenários britânicos Chris Dempster e Dave Tomkins, em *Fire Power*, Corgi Books, Londres.
- 43 — Robin Wright, *Christian Science Monitor*, 9 de Fevereiro de 1976.
- 44 — *The Times*, de Londres, 7 de Janeiro de 1976.
- 45 — Discurso ao Parlamento Zambiano, 20 de Janeiro de 1976.
- 46 — Boletim dos Serviços de Informação da Zâmbia n.º 1/76, 13 de Janeiro de 1976, p. 6.
- 47 — União de Estudantes da Universidade da Zâmbia: «Statement on Angola issued on the occasion of a demonstration held by Students of the University of Zambia in support of the MPLA on 15 January 1976.» (Declarações sobre Angola, proferidas por ocasião de uma demonstração feita por estudantes na Universidade da Zâmbia, em apoio do MPLA, a 15 de Janeiro de 1976.)
- 48 — Como informado no *Zambian Daily Mail*, 26 de Janeiro de 1976.
- 49 — Reuter, Lusaca, 26 de Janeiro de 1976.
- 50 — O número mais baixo de prisões de estudantes provém de um relato do *Zambia Daily Mail*, em 17 de Março de 1976. O número mais elevado foi fornecido ao autor por estudantes da Universidade da Zâmbia.
- 51 — Reuter, Lusaca, 6 de Fevereiro de 1976.
- 52 — Reuter, Lusaca, 14 de Fevereiro de 1976.
- 53 — *Interavia*, ABC, 1977, p. 708; John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 209.
- 54 — Professor Arthur Jay Klinghoffer, *The Angolan War: A Study in Soviet Policy in the Third World*, Westview Press, Boulder, Colorado, 1980.
- 55 — Das próprias notas do autor, mas largamente noticiado em todos os jornais da época.
- 56 — *New York Times*, 25 de Fevereiro de 1976.
- 57 — *Times of Zambia*, 24 e 25 de Fevereiro de 1976.
- 58 — *The Times*, de Londres, 17 de Fevereiro de 1976; *Rapport*, 16 de Fevereiro de 1976.
- 59 — Reuter, Lusaca, 25 de Fevereiro de 1976.
- 60 — *Zambia Daily Mail*, 18 de Março de 1976. O avião da Pearl Airways foi autorizado a partir após a visita de Eduardo dos Santos.
- 61 — Reuter, Lusaca, 16 de Março de 1976.
- 62 — Reuter, Lusaca, 18 de Março de 1976.

Notas sobre o capítulo XVIII

- 1 — Reuter, Lusaca, 4 de Fevereiro de 1976. Sangumba estava a falar com um grupo de correspondentes estrangeiros.
- 2 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 218.
- 3 — Durante a crise universitária os estudantes fizeram inúmeros telefonemas para o escritório da Reuter em Lusaca e enviaram cartas. Parentes dos assistentes estrangeiros detidos fizeram também visitas diárias para publicitar a sua situação.
- 4 — Michael Wolfers e Jane Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 58.
- 5 — Douglas Anglin e Timothy Shaw, *Zambia's Foreign Policy: Studies in Diplomacy and Dependence*, p. 332, Westview Press, Boulder, Colorado, 1979.

Notas sobre o capítulo XIX

- 1 — *Daily Telegraph*, 10 de Fevereiro de 1976.
- 2 — Comunicado da UNITA, 5 de Março de 1976.
- 3 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, publicado em Março de 1984, pp. 4 e 24.
- 4 — *Christian Science Monitor*, 2 de Março de 1976; *Zambia Daily Mail*, 18 de Março de 1976.
- 5 — Comunicado de guerra da UNITA, 3 de Março de 1976.
- 6 — Michael Wolfers e Jane Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 57.
- 7 — Martin Bell, *Newsnight*, BBC-2, 24 de Fevereiro de 1976.
- 8 — Oficiais da UNITA ao autor.
- 9 — *Le Monde*, 18 de Fevereiro de 1976.
- 10 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, p. 24.
- 11 — Carta de Maria Gonçalves de Freitas Christ ao autor, em 18 de Outubro de 1981.
- 12 — *The Toledo Blade*, 11 de Março de 1976.
- 13 — Direitos reservados, Kathryn Kane.

Notas sobre o capítulo XX

- 1 — Alan Palmer, *The Penguin Dictionary of Twentieth Century History*, Penguin Books, Londres, 1979.
- 2 — A maioria dos pormenores deste relato da longa marcha provém de longas entrevistas do autor com Chingunji e Savimbi.
- 3 — Anglin e Shaw, *Zambia's Foreign Policy*, p. 338.
- 4 — Anthony Mockler, *The New Mercenaries*, Sidgwick and Jackson, Londres, 1985, pp. 167-168 e 237.

Notas sobre o capítulo XXI

- 1 — Transcrição da entrevista de Março de 1976 com Kaunda.
- 2 — Douglas Anglin e Timothy Shaw, *Zambia's Foreign Policy: Studies in Diplomacy and Dependence*, p. 338.
- 3 — Joseph C. Harsh, no *Christian Science Monitor*, 29 de Abril de 1976.
- 4 — Uma situação que se alterara já por altura da invasão de Granada, em 1984, pelos Estados Unidos.
- 5 — *New York Times*, 27 de Abril de 1976.
- 6 — Em Junho de 1976, Kissinger manteve conversações sobre o futuro da África Austral, na Baviera, Alemanha Ocidental, com o ministro sul-africano John Vorster.
- 7 — *New York Times*, 21 de Maio de 1976.
- 8 — *New York Times*, 28 de Abril de 1976.
- 9 — *Le Point*, 24 de Abril de 1976.

- 10 — *Le Monde*, 22 de Abril; Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 137; Reuter, Lisboa, 26 de Abril de 1976; *Zambia Daily Mail*, 27 de Abril de 1976; John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 279.
- 11 — Boletim da UNITA distribuído em Lusaca, em Abril de 1976, sob o título «Pinto d' Andrade Jailed and Tortured».
- 12 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, Março de 1984, pp. 1 e 20.
- 13 — *New York Times*, 22 de Maio de 1976.
- 14 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, p. 24.
- 15 — Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 137.
- 16 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 137.
- 17 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 13 de Fevereiro de 1977.
- 18 — Rádio Moscovo, 1 de Junho de 1976; *Christian Science Monitor*, 2 de Junho de 1976; *Observer*, «Serviço Noticioso Estrangeiro», 9 de Junho de 1976.
- 19 — *Baltimore Sun*, 5 de Junho de 1976.
- 20 — Jonathan Randall, *Washington Post*, Kinshasa, 14 de Julho de 1976.
- 21 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 22 — Uma descrição chocante do comportamento dos mercenários e do comandante do MPLA contra quem combateram na guerra, major Victor Correia Fernandes, é dada pelos dois mercenários que escaparam à morte e à tortura, Chris Dempster e Dave Tomkins, no seu livro acerca da debandada dos mercenários de Angola. Intitulado *Fire Power* (Corgi, Londres, 1978), proporciona uma leitura perturbante mas salutar.
- 23 — David Martin, correspondente em África do *Observer*, escrevendo no *Zambia Daily Mail* do dia 10 de Junho de 1976.
- 24 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, p. 16.
- 25 — Quando foi capturado pelo MPLA, Gearhart estava em Angola há pouco mais de uma semana e não tinha disparado ainda um único tiro.
- 26 — *The Guardian*, 10 de Julho de 1976; Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 137; Reuter, Luanda, 29 de Julho de 1976.
- 27 — *Sunday Telegraph*, 20 de Fevereiro de 1977.
- 28 — Dial Torgerson, do *Los Angeles Times*, escrevendo de Luanda, em 20 de Julho de 1976. Torgerson morreu num acidente de helicóptero quando fazia uma reportagem nas Honduras, oito anos depois.

Notas sobre o capítulo xxii

- 1 — Como citado por K. S. Karol em *Guerrillas in Power — The Course of the Cuban Revolution*, Jonathan Cape, Londres, 1971, p. 173.
- 2 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 3 — Do diário pessoal de Luís Rodrigues, um jornalista português que fez uma viagem de nove meses a pé ao território de Savimbi, em 1976.
- 4 — Entrevistas do autor com Chilingutula e Pena, em Fevereiro e Dezembro de 1983.
- 5 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Likua, Angola, 20 de Junho de 1981.
- 6 — Vakulukutu trouxe os Cuanhamas para o seio da UNITA no início dos anos setenta, após se ter licenciado na Universidade de Grenoble, em França. Porém, com certeza, antes disso existiam já estreitos laços entre a UNITA e a SWAPO.
- 7 — Em nota pessoal para o autor, o Professor Marcum escreveu que a União Soviética vinha desde há muito pressionando a SWAPO para cortar os laços com a UNITA. A SWAPO esteve presente numa iniciativa soviética em Cartum, em Janeiro de 1969, que reuniu seis movimentos de libertação africanos, incluído o MPLA, mas excluindo os então «pró-chineses» da UNITA, numa associação formal. Embora o

MPLA e a SWAPO alinhassem juntos como parte do «grupo de Cartum» em conferências internacionais e reuniões de organizações internacionais, a SWAPO manteve os seus laços íntimos bilaterais com a UNITA.

- 8 — *New York Times*, 9 de Novembro de 1976.
- 9 — *Los Angeles Times*, Luanda, 18 de Junho de 1976.
- 10 — Acrónimo para as Forças Armadas Populares para a Libertação de Angola (FAPLA), o exército do MPLA. O exército da UNITA chama-se Forças Armadas para a Libertação de Angola (FALA). Quando possível, este livro tenta evitar a confusão e complicação, utilizando simplesmente os termos «exército do MPLA» e «exército da UNITA».
- 11 — Declaração oficial da UNITA, em 31 de Outubro de 1976.
- 12 — Diário pessoal de Luís Rodrigues.
- 13 — Informação da Reuter com origem em Oshakati, Namíbia, em 11 de Novembro de 1976.
- 14 — *New York Times*, 9 de Novembro de 1976.
- 15 — Reuter, Oshakati, 11 de Novembro de 1976.
- 16 — *The Times*, de Londres, 9 de Novembro de 1976.
- 17 — *New York Times*, Huambo, 3 de Junho de 1976.
- 18 — Diário pessoal de Luís Rodrigues.

Notas sobre o capítulo XXIII

- 1 — Savimbi, como vem citado por Leon Dash no *Washington Post* de 13 de Agosto de 1977.
- 2 — A menos que referido de modo diferente, as fontes de todo o material contido neste capítulo são os relatos de Leon Dash, da sua viagem a Angola, entre 4 de Outubro de 1976 e 22 de Maio de 1977, que surgiu como uma série em sete partes no *Washington Post*, de 7 a 13 de Agosto de 1977.
- 3 — Boletim da UNITA distribuído em Nova Iorque, de 18 de Outubro de 1976, intitulado «As tropas de Fidel Castro continuam a matar e a mutilar o povo de Angola».
- 4 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 5 — Nesta altura, a maioria dos administradores do MPLA eram «mestiços» ou portugueses brancos que optaram pela cidadania angolana.

Notas sobre o capítulo XXV

- 1 — Palavra portuguesa para «espião». (No texto original aparece a palavra «espião», daí a razão desta nota, que para a tradução portuguesa não é necessária.)
- 2 — Tito Chingunji, em entrevista com o autor, em Edimburgo, Outubro de 1980.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 4 — Ver o capítulo XXI.

Notas sobre o capítulo XXVI

- 1 — Irving Kaplan, *Angola A Country Study*, pp. 137-138; Martin Meredith, *The First Dance of Freedom*, pp. 345-346.
- 2 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 4 — Idem.
- 5 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 6 — Conversas do autor com Savimbi, em 1980 e 1981, e com outros oficiais da UNITA.
- 7 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981.
- 8 — Gerard Chailland, *The Struggle for Africa — Conflict of the Great Powers*, Macmillan Press, Londres, 1982, pp. 104-109.

- 9 — *Los Angeles Times*, 30 de Janeiro de 1967.
- 10 — Chailland, *The Struggle for Africa*, p. 107.
- 11 — Chailland, *The Struggle for Africa*, p. 109; David Dansoko, «Angola: The Secret War», in *Jeune Afrique* de 27 de Janeiro de 1985.
- 12 — *Jeune Afrique*, 27 de Janeiro de 1985.
- 13 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 14 — Irving Kaplan, *Angola: A Country Study*, p. 140.
- 15 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 227.
- 16 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981.
- 17 — Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 140.
- 18 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Likua, Angola, 20 de Junho de 1981.
- 19 — Idem.
- 20 — *Angola Church News*, vol. 1, n.º 7, Verão de 1983, p. 3.
- 21 — De um memorando pessoal para o autor, enviado pelo Professor John Marcum.
- 22 — Entrevista com Savimbi e também uma carta confidencial do doutor Burgess para o autor.
- 23 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Likua, Angola, 20 de Junho de 1981.
- 24 — Carta dirigida ao autor pelo doutor Burgess.
- 25 — Idem.
- 26 — Savimbi, em entrevistas com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980, e em Likua, Angola, 20 de Junho de 1981.
- 27 — Carta dirigida ao autor pelo doutor Burgess.
- 28 — Em visitas a Angola, de 1981 em diante, o autor conheceu e entrevistou Catata e muitos dos enfermeiros, técnicos, professores e administradores que desertaram do território do MPLA para a UNITA.
- 29 — Esta parte sobre o golpe de Alves baseia-se em relatos de John Marcum, em *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 445; Kaplan, *Angola — A Country Study*, pp. 138-140; *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, da Amnistia Internacional, de Março de 1984, e *Angola in the Front Line*, de Michael Wolfers e Jane Bergerol, pp. 85 a 99. O relato oficial feito pelas facções sobreviventes do MPLA da tentativa de golpe está bem documentado no trabalho de Wolfers e Bergerol e também num relatório oficial de 12 de Julho de 1977, elaborado pelo Bureau Político do MPLA intitulado «Informação do Bureau Político sobre a Tentativa de Golpe de Estado de 27 de Maio».
- 30 — De um memorando pessoal dirigido ao autor pelo Professor John Marcum.
- 31 — Wilfred Burchett, *Southern Africa Stands Up*, Urizen Books, Nova Iorque, 1978, p. 121.
- 32 — Wolfers e Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 98.
- 33 — Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 142.

Notas sobre o capítulo XXVII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981.
- 2 — Idem.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981. (Holden Roberto apareceu no Conselho dos Assuntos Mundiais, em São Francisco, em Setembro de 1984, onde disse ao Professor John Marcum que tanto a África do Sul como a França estavam agora coligadas contra ele e estavam a apoiar a UNITA.)
- 4 — Colin Legum, *The Western Crisis Over Southern Africa*, Africana Publishing Company, Nova Iorque e Londres, pp. 181-185.
- 5 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 6 — De um memorando pessoal dirigido ao autor pelo Professor John Marcum.
- 7 — Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 141; Colin Legum, *The Western Crisis Over Southern Africa*, pp. 183-184.

- 8 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 9 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 10 — Idem.
- 11 — No *Sunday Times*, de Londres, 10 de Setembro de 1978.
- 12 — *Africa Confidential*, 14 de Fevereiro de 1979.
- 13 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 14 — Colin Legum, *The Western Crisis Over Southern Africa*, pp. 183-184; Irving Kaplan, *Angola — A Country Study*, p. 141.
- 15 — Martin Meredith, *The First Dance of Freedom*, pp. 345-346.
- 16 — Young fez esta observação no programa da rede de televisão CBS *Who's Who*, a 25 de Janeiro de 1977.
- 17 — Wolfers e Bergerol, *Angola in the Front Line*, p. 221.
- 18 — Paulo Tuba, director do «gabinete» de Roberto, e Pedro Vaal Hendrick Neto, chefe de diplomacia da FNLA, instalado em Boston, Massachusetts.
- 19 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 20 — *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, Amnistia Internacional, Março de 1984, p. 26; Boletim da UNITA, Dezembro de 1978.
- 21 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.

Notas sobre o capítulo XXVIII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 2 — Edward Girardet, escrevendo no *Christian Science Monitor*, 31 de Maio de 1983.
- 3 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 4 — *Christian Science Monitor*, 31 de Maio de 1983.
- 5 — Como informado no *Guardian*, 11 de Maio de 1978.
- 6 — No *Guardian*, 22 de Dezembro de 1978.
- 7 — *African Confidential*, 13 de Fevereiro de 1980, vol. 21, n.º 4.
- 8 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 9 — Dirk e Johanna de Villiers, *P.W. — A Biography of South African President P. W. Botha (1985)*.
- 10 — A «unidade negra», que a senhora Lewis refere, podia ser um batalhão de bosquímanes, que segundo homens de negócios da Europa Ocidental proporcionam fundos à UNITA e trabalham frequentemente em colaboração com as forças desta organização. Ou poderia ser o 32.º Batalhão, constituído a partir de antigos membros do Esquadrão Chipenda da FNLA. As bases de ambos os batalhões situam-se em Caprivi Strip, na Namíbia, próximo da fronteira angolana.
- 11 — Segundo um relatório elaborado pela Amnistia Internacional [*Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, 1984 («Prisão Política na República Popular de Angola»)], dezasseis membros da UNITA foram executados na capital em Agosto de 1980, por causa dos atentados bombistas de 1979. A UNITA retaliou ao executar 15 soldados governamentais feitos prisioneiros, que esta afirmou terem sido condenados à morte por um «tribunal de resistência do povo angolano».
- 12 — Fontes do Comité Internacional da Cruz Vermelha e as observações feitas pelo próprio autor, no decurso de viagens ao norte do Caminho de Ferro de Benguela com forças da UNITA, em finais de 1983.
- 13 — Tito Chingunji, que, em 1986, era brigadeiro e ocupava o terceiro lugar na hierarquia da UNITA, como secretário permanente junto do comité executivo (como passou a chamar-se o comité central em Novembro de 1984).
- 14 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 15 — Tito Chingunji foi a fonte para esta informação.
- 16 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 17 — Idem.

- 18 — Os batalhões do MPLA são mais pequenos que os batalhões da UNITA, que consistem em 500 a 800 homens, dependendo do nível e número de tropas especiais de apoio adstritas a um batalhão para uma acção específica.
- 19 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.

Notas sobre o capítulo XXIX

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 2 — Nyerere é popularmente conhecido pelo seu título *swahili* de «Mwalimu», que significa «professor».
- 3 — *New York Times*, 8 de Novembro de 1979, que acrescentou pormenores fornecidos por Savimbi numa entrevista em Jamba, Angola, em 25 de Agosto de 1975.
- 4 — No *The Times*, de Londres, 7 de Julho de 1980.
- 5 — *Daily Telegraph*, 17 de Dezembro de 1979.
- 6 — Não vi quaisquer provas de que os resultados do inquérito, se alguma vez existiram, tivessem sido publicados.
- 7 — Memorando para o autor do Professor John Marcum.

Notas sobre o capítulo XXXI

- 1 — *Newsweek*, 12 de Novembro de 1979.
- 2 — *New York Times*, 8 de Novembro de 1979; *Newsweek*, 12 de Novembro de 1979.
- 3 — *Newsweek*, 12 de Novembro de 1979.
- 4 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 5 — *Chicago Tribune*, 7 de Novembro de 1979; *News World*, 6 de Novembro de 1979.
- 6 — *New York Times*, 8 de Novembro de 1979.
- 7 — Uma semana antes, um jornal holandês publicara cenas de parentes em pranto, em Brazzaville, capital do Congo-Brazzaville, quando 1200 crianças de idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos se preparavam para voar para fora do país, sem autorização paternal, para um treino como futura *élite* civil e militar.
- 8 — *New York Times*, 22 de Novembro de 1979.
- 9 — *National Catholic Register*, Dezembro de 1979.
- 10 — Savimbi, em Rabat, 19-21 de Janeiro de 1980.
- 11 — Idem.

Notas sobre o capítulo XXXII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 1 de Julho de 1981.
- 2 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 3 — Colin Legum, em *Diplomacy of Power Soviet Armed Forces as a Political Instrument*, cap. 13, intitulado «Angola e o Corno de África», p. 605 (publicado em 1981 pelo Brookings Institute, Stephen Kaplan, editor).
- 4 — *The Economist Foreign Report*, 12 de Dezembro de 1979.
- 5 — *The Times*, de Londres, 18 de Janeiro de 1980.
- 6 — Amnistia Internacional, *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, Março de 1984, p. 26.
- 7 — Comunicado da UNITA, «A Voz da Resistência Angolana», n.º 3/80, 28 de Março de 1980.
- 8 — Comunicados da UNITA n.ºs 3/80, de 28 de Março de 1980, e 4/80, de 8 de Abril de 1980.
- 9 — *Daily Telegraph*, 17 de Abril de 1980.
- 10 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981; comunicado da UNITA n.º 5/80, de 17 de Abril de 1980.
- 11 — *Los Angeles Times*, 29 de Maio de 1980.

- 12 — Decisão do Comité Central da UNITA, em encontro de sessão extraordinária, de 29 de Fevereiro a 2 de Março de 1980.
- 13 — Savimbi, em Londres, 4-5 de Julho de 1980.
- 14 — *Anti-Apartheid News*, Novembro de 1980.
- 15 — Instituto dos Estudos Estratégicos, 7 de Julho de 1980.
- 16 — *Sunday Times*, 13 de Julho de 1980.
- 17 — *The Times*, 7 de Julho de 1980.
- 18 — *New African*, Setembro de 1980.
- 19 — David Coetzee, *Serviço Noticioso Gemini*, «Os Verdadeiros Objectivos dos Ataques Sul-Africanos a Angola», 12 de Agosto de 1980.
- 20 — «Agony on Angola's Central Plateau» («Agonia no Planalto Central de Angola»), por Paul Fauvet, em *Africa*, n.º 109, Setembro de 1980.
- 21 — Ginette Cot, escrevendo em território do MPLA para *Afrique-Asie*, 1 de Setembro de 1980.
- 22 — David Coetzee, «Angola — The Longest War» («Angola — A Guerra mais Longa»), *New African*, Setembro de 1980.
- 23 — *Bulletin of the International Committee of the Red Cross*, n.º 53, 4 de Junho de 1980.
- 24 — *Africa*, n.º 109, Setembro de 1980.
- 25 — Coetzee apanhara o âmago da verdade; porém, na sua totalidade esta era mais complicada do que parecia. Com a partida dos Portugueses, as vendas da produção agrícola no sector comercial caíram subitamente. Os transportes tornaram-se escassos quando os Portugueses partiram levando os seus camiões ou as chaves dos veículos; a maioria dos mecânicos especializados, que eram portugueses, partiram também. A UNITA e também o MPLA acrescentaram a este quadro um factor de insegurança. Finalmente, a supercentralização e políticas dogmáticas do MPLA aumentaram os problemas.
- 26 — *Guardian*, 1 de Agosto de 1980.
- 27 — *Afrique-Asie*, 1 de Setembro de 1980.
- 28 — Comunicado da UNITA n.º 11/80, 29 de Julho de 1980.
- 29 — Comunicado da UNITA n.º 12/80, 4 de Agosto de 1980.
- 30 — *Idem*.
- 31 — Comunicado da UNITA n.º 13/80, 7 de Agosto de 1980.
- 32 — Comunicado da UNITA n.º 14/80, 11 de Agosto de 1980.
- 33 — *Afrique-Asie*, 1 de Setembro de 1980.
- 34 — *Le Monde*, 26 de Agosto de 1980; *Daily Telegraph*, 26 de Agosto de 1980.
- 35 — Comunicado da UNITA n.º 15/80, 25 de Agosto de 1980. Os quinze mortos do MPLA chamavam-se subtenente José Maria, sargento Kisua Jacinto, subtenente Pedro Tiragem, subtenente Chico João Belo, sargento Augusto Daniel Seco Seco, comissário político João Sahinga, oficial de segurança Mário Pinto Jaime, subtenente Necas, sargento Zenza Dipombo, tenente Domingos Pedro, sargento António N'Jila, sargento José Ngongo, sargento Estêvão Eduardo.
- 36 — *Guardian*, 15 de Julho de 1980; *New African*, Setembro de 1980.
- 37 — Comunicado da UNITA n.º 15/80, 25 de Agosto de 1980.
- 38 — Comunicado da UNITA n.º 19/80, 2 de Dezembro de 1980.

Notas sobre o capítulo XXXIII

- 1 — *L'Express*, Paris, 16 de Janeiro de 1981.
- 2 — Quentin Peel, no *Financial Times*, 12 de Fevereiro de 1981.
- 3 — Arnaud de Borchgrave e Michael Ledeen, na edição de Fevereiro de 1981 do *The New Republic*.
- 4 — *International Herald Tribune*, 24 de Janeiro de 1981.

- 5 — *The Times*, de Londres, 26 de Março de 1981; *Washington Post*, 29 de Março de 1981; Reuter, Washington, 6 de Abril de 1981.
- 6 — Um comunicado da SWAPO emitido em Londres em 7 de Março de 1981.
- 7 — *Financial Mail*, Joanesburgo, 20 de Março de 1981.
- 8 — *New York Times*, 1 de Junho de 1981.
- 9 — «Southern Africa — A US Policy for the 80s» («África Austral — Política dos Estados Unidos para os Anos Oitenta»), por Chester Crocker, com Mario Greznes e Robert Henderson, em *Africa Report*, Janeiro-Fevereiro de 1981.
- 10 — *Guardian*, 11 de Março de 1981.
- 11 — Declaração feita pelo soldado José Ricardo Belmundo a uma «Comissão Internacional de Inquéritos aos Crimes dos Regimes Racista e de *Apartheid* da África Austral», em Luanda, de 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1981.
- 12 — *Daily Telegraph*, 10 de Março de 1981.
- 13 — *Guardian*, 29 de Janeiro de 1981.
- 14 — *Afrique-Asie*, 1 de Setembro de 1980; transcrições da «Comissão Internacional de Inquérito» de Luanda, 30 de Janeiro-2 de Fevereiro de 1981.
- 15 — Savimbi, entrevista em com o autor, em Jamba, Angola, 1 de Julho de 1981.

Notas sobre o capítulo XXXV

- 1 — Mojena e Edade ainda estavam com a UNITA em 1986, no seu quartel-general em Jamba. Desempenhavam aí funções guiando camiões entre as diferentes partes da base patriótica.

Notas sobre o capítulo XXXVII

- 1 — Richard Harwood, no *Washington Post*, 21 de Julho de 1981. Esta fazia parte de uma série em sete partes, abundantemente descritiva, que apareceu no *Washington Post* de 19 a 25 de Julho de 1981, sob o título geral «Angola — A Distant War».

Notas sobre o capítulo XXXVIII

- 1 — *The Times*, de Londres, 16 de Junho de 1981.
- 2 — *Guardian*, 29 de Julho de 1981.
- 3 — Christopher Munnion, no *Daily Telegraph*, 16 de Setembro de 1981; *The Times*, de Londres, 4 de Setembro de 1981.
- 4 — Senhor Don Brunette, o procurador-geral da Namíbia, ao autor, em Agosto de 1985.
- 5 — *Daily Telegraph*, 16 de Setembro de 1981.
- 6 — Comunicado especial da UNITA, 27 de Agosto de 1981.
- 7 — Comunicado da UNITA n.º 6/81, 22 de Julho de 1981.
- 8 — Savimbi, em entrevista com o autor, em Rabat, 18 de Janeiro de 1982.
- 9 — Robert Weller, da Associated Press, informando a partir de Joanesburgo, 1 de Setembro de 1981.
- 10 — *The Times*, de Londres, 7 de Setembro de 1981; Reuter e Associated Press, 4 de Setembro de 1981.
- 11 — *Financial Times*, 1 de Setembro de 1981.
- 12 — *New Statesman*, 4 de Setembro de 1981.
- 13 — Mensagem da Reuter enviada a partir de Luanda, 17 de Dezembro de 1981.
- 14 — *O Dia*, Lisboa, 28 de Setembro de 1981.
- 15 — *Financial Times*, 14 de Setembro de 1981.
- 16 — *Washington Post*, 3 de Dezembro de 1981.
- 17 — Richard Wallis, despacho da Reuter enviado a partir de Luanda, 18 de Dezembro de 1981.
- 18 — *New York Times*, 4 de Dezembro de 1981.
- 19 — *The Scotsman*, citando despachos de outras agências, 2 de Dezembro de 1981.

Notas sobre o capítulo XXXIX

- 1 — *Observer*, 24 de Janeiro de 1982.
- 2 — *The Scotsman*, 20 de Janeiro de 1982.
- 3 — A Companhia de Comércio de Diamantes, parte do império anglo-americano De Beers da África do Sul, tinha três directores na administração da DIAMANG, a companhia de produção de diamantes de Angola, com 77 por cento de participação do Estado — *Financial Times*, 14 de Setembro de 1981.
- 4 — Em Washington, em Dezembro de 1981.
- 5 — *Financial Times*, 14 de Setembro de 1981; *New York Times*, 23 de Julho de 1982; *The Times*, de Londres, 17 de Agosto de 1982; Boletim do Comité Internacional da Cruz Vermelha, Setembro de 1982.
- 6 — *International Herald Tribune*, 8 de Fevereiro de 1982; Alan Cowell do *New York Times*, informando a partir de Luanda em Julho de 1982. (Um programa prévio para a retirada cubana foi anunciado em Abril de 1976, mas nunca foi implementado.)
- 7 — *The Scotsman*, 20 de Janeiro de 1982; *The Times*, de Londres, 20 de Janeiro de 1982; *Spectator*, 13 de Março de 1982; Richard Wallis, da Reuter, informando a partir de Luanda, 17 de Dezembro de 1981; *Africa Confidential*, 14 de Abril de 1982; *Economist Foreign Report*, 25 de Dezembro de 1981 e 28 de Janeiro e 29 de Abril de 1982; Marc Delteil, da Reuter, informando de Rabat, 27 de Janeiro de 1982.
- 8 — O MI, sob as ordens de Pieter Botha, conquistara a primazia em tempos desfrutada no estabelecimento dos serviços secretos sul-africanos pelo Departamento de Segurança do Estado (BOSS — Bureau of State Security), que fora desclassificado e rebaptizado como Serviços Secretos Nacionais (NIS — National Intelligence Service).
- 9 — *International Herald Tribune*, 14 de Dezembro de 1981; *New York Times*, 18 de Julho de 1982.
- 10 — *The Times*, de Londres, 30 de Outubro de 1981.
- 11 — Entre os exemplos do caso para o MPLA estão os apresentados por Jonathan Steele no *Guardian*, 2 de Março de 1981; Paul Fauvet, *Africa*, Setembro de 1980, e David Coetzee, *New African*, Setembro de 1980.

Notas sobre o capítulo XI

- 1 — *Newsweek*, 29 de Março de 1982.
- 2 — *Guardian* e *The Times*, de Londres, 18 de Junho de 1982.
- 3 — *The Economist*, 2 de Outubro de 1982.
- 4 — *The Times*, de Londres, *Rheinische Post* e *East London Daily Dispatch*, 12 de Agosto de 1982; *Newsweek*, 23 de Agosto de 1982; *International Herald Tribune*, 27 de Agosto de 1982; *Economist*, 11 de Setembro de 1982.
- 5 — *International Herald Tribune* e *The Times*, de Londres, 15 de Setembro de 1982; *South Africa Digest*, 17 de Setembro de 1982.
- 6 — *Observer*, 17 de Outubro de 1982; *Economist Foreign Report*, 14 de Outubro de 1982.
- 7 — *International Herald Tribune*, 6 de Setembro de 1982.
- 8 — *Newsweek*, 23 de Agosto de 1982; *Daily Telegraph*, 24 de Novembro de 1982.
- 9 — George Gedda, Associated Press, 9 de Dezembro de 1982; *Guardian*, 13 de Dezembro de 1982.
- 10 — Carta noticiosa da Amnistia Internacional, vol. XII, n.º 8, Agosto de 1982; comunicado da UNITA, 29 de Maio de 1982.
- 11 — Carta confidencial do Secretariado da Amnistia Internacional, 15 de Julho de 1982.
- 12 — A Declaração de Mavinga, 31 de Julho de 1982.

- 13 — Idem.
- 14 — *New York Times*, 5 de Dezembro de 1982.
- 15 — Muic, 150 quilómetros a norte de Mavinga, caíra em poder da UNITA em 9 de Abril de 1982, segundo o comunicado da UNITA n.º 2/82, de 18 de Abril de 1982.
- 16 — Comunicados da UNITA de 1 e 5 de Outubro de 1982.
- 17 — *Daily Telegraph*, 20 de Setembro de 1982.
- 18 — Christopher Munnion, *Daily Telegraph*, 20 de Setembro de 1982.
- 19 — *International Review of the Red Cross*, n.º 230, Setembro-Outubro de 1982.
- 20 — Boletim especial do ICRC para 1982.
- 21 — *International Review of the Red Cross*, n.º 230, Setembro-Outubro de 1982; Reuter, Lisboa, 11 de Outubro de 1982.
- 22 — Comunicado especial do *bureau* político e Comité Central da UNITA, 26 de Outubro de 1982.
- 23 — Boletim especial do ICRC para 1982.
- 24 — Joseph Lelyveld, *New York Times*, 11 de Novembro de 1982.
- 25 — *Washington Post*, 17 de Novembro de 1982.
- 26 — *Times of Zambia*, 6 de Março de 1982.
- 27 — Reuter, Lisboa, 10 de Novembro de 1982; comunicado da UNITA n.º 12/82, 9 de Novembro de 1982; Associated Press, 11 de Novembro de 1982.
- 28 — Idem.
- 29 — Comunicado especial da UNITA, 15 de Novembro de 1982; Associated Press, de Joanesburgo, 15 de Novembro de 1982.
- 30 — Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), 13 de Novembro de 1982.
- 31 — Comunicados da UNITA de 11 de Novembro e 28 de Dezembro de 1982.
- 32 — *New York Times*, 30 de Dezembro de 1982; comunicado da UNITA, 28 de Dezembro de 1982.
- 33 — Cot, um delicado socialista francês, que dedica cuidados especiais ao corte dos seus fatos, sugerira a possibilidade de tropas francesas poderam «garantir a integridade territorial de Angola» se as tropas cubanas partissem. Savimbi replicou: «Talvez Cot esteja preparado para que as tropas francesas sofram as mesmas consequências que os Portugueses e os Cubanos?»
- 34 — *The Times*, de Londres, 3 de Dezembro de 1982; *O Jornal de Notícias*, 2 de Dezembro de 1982.

Notas sobre o capítulo XLI

- 1 — Os Jovens Pioneiros do MPLA constituem a brigada jovem política de *élite* do MPLA. Inspirada em organizações semelhantes na União Soviética, desfilam de fardas limpas com lenços vermelhos ao pescoço.

Notas sobre o capítulo XLIII

- 1 — Relatório da Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), 6 de Janeiro de 1983.

Notas sobre o capítulo XLIV

- 1 — Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), Luanda, 26 de Fevereiro de 1983.
- 2 — Entrevista do autor com Savimbi num acampamento na mata no Sudeste de Angola, em 25 de Fevereiro de 1983, é a origem de todas as citações de Savimbi contidas neste capítulo.
- 3 — Savimbi afirmou que os meios de comunicação ocidentais argumentaram existirem 18 000 a 25 000 militares cubanos em Angola. Ele contrapôs que a UNITA tinha provas «seguras» de que estavam 30 000 militares cubanos no país e 10 000 outros elementos de pessoal cubano.
- 4 — *Africa Confidential*, vol. 24, n.º 6, 16 de Março de 1983.
- 5 — Provavelmente através do Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses.

Notas sobre o capítulo XLV

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, no Sudeste de Angola, em 25 de Fevereiro de 1983.
- 2 — O autor conversou com o oficial em questão. A sua identidade não é revelada para evitar pôr em perigo a sua capacidade para desempenhar as suas tarefas humanitárias no ICRC.
- 3 — ANGOP (Agência Noticiosa Angolana), 19 de Abril de 1983. O crédito foi anunciado no final de uma visita de duas semanas ao Brasil do ministro angolano do Planeamento, Lopo do Nascimento.
- 4 — *Political Imprisonment in the People's Republic of Angola*, Amnistia Internacional Março de 1984, p. 21.

Notas sobre o capítulo XLVI

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, no Sudeste de Angola, em 25 de Fevereiro de 1983.
- 2 — Idem.
- 3 — *Guardian*, 30 de Março de 1983.
- 4 — O relato da captura e caminhada dos reféns checoslovacos baseia-se em diversas fontes: a própria entrevista do autor com vinte dos reféns em Dezembro de 1983; a narrativa pitoresca de Yves Loiseau no *Le Matin*, 2 de Julho de 1983, e no *Observer* de 17 de Abril e 8 de Maio de 1983.
- 5 — *Jornal de Angola*, 10 de Abril de 1983.
- 6 — No *The Scotsman*, 4 de Junho de 1983.
- 7 — Baseado em relatos do ataque ao Munhango por Yves Loiseau no *Le Matin*, 2 de Julho de 1983, e por Edward Girardet no *Christian Science Monitor*, 31 de Maio de 1983, e no *Economist*, 30 de Julho de 1983.
- 8 — A 10 de Maio de 1985, o Presidente Eduardo dos Santos confirmou a reivindicação de Savimbi de ter feito avançar as forças da UNITA até ao norte da Província da Lunda em 1983, quando discursou numa transmissão radiofónica: «Caros camaradas, a nossa principal preocupação na Província da Lunda é resolver os seus problemas de guerra. Os bandidos da UNITA são treinados na África do Sul. Elementos armados começaram a infiltrar-se nesta província a partir do final de 1983. Eles estão aqui para atacar a população civil, destruir as casas, roubar o gado e dificultar a produção de diamantes.» Transmissão feita pela BBC de um discurso em português de Eduardo dos Santos, no serviço radiofónico local de Luanda.
- 9 — *Observer*, 24 de Julho de 1983.
- 10 — *The Times*, de Londres, 6 de Junho e 14 de Outubro de 1983.
- 11 — *The Times*, de Londres, 6 de Junho de 1983.
- 12 — *The Times*, de Londres, 14 de Outubro de 1983.
- 13 — Para além de dirigirem em grande parte a DIAMANG, De Beers comercializavam também os diamantes da companhia através das companhias subsidiárias De Beers sediadas em Londres, Serviços Mineiros e Técnicos, a Companhia de Comércio de Diamantes e a Organização Central de Vendas.
- 14 — Gwynne Roberts, *The Scotsman*, 1 de Julho de 1983.
- 15 — *The Scotsman*, 1 de Julho de 1983.
- 16 — *Washington Times*, 10 de Junho de 1983.
- 17 — Negociantes de diamantes da Antuérpia ao autor.
- 18 — *New York Review of Books*, 17 de Fevereiro de 1983.
- 19 — Edward Girardet, *Christian Science Monitor*, 3 de Junho de 1983.
- 20 — A DISA foi na verdade dissolvida em 1979, após alegações de abusos e corrupção terem sido feitos contra ela por Agostinho Neto. Porém, as duas organizações que a ela sucederam, sob a alçada dos Ministérios de Segurança do Estado e do Interior, continuaram a ser conhecidas coloquialmente pelo nome anterior.

- 21 — Comunicado da UNITA n.º 33/83, 2 de Julho de 1983.
- 22 — Comunicado da UNITA n.º 34/83, 5 de Julho de 1983.
- 23 — Tito Chingunji, na altura representante da UNITA em Londres.
- 24 — Comunicado da UNITA n.º 35/83, 13 de Julho de 1983.
- 25 — Luc Beyer de Rike, Partido Liberal, Bélgica; Elmer Brock, democrata-cristão, Alemanha Ocidental; Sir James Scott Hopkins, Partido Conservador, Reino Unido; Olivier D'Ornusson, democrata-cristão, França.
- 26 — Comunicado conjunto, 16 de Julho de 1983.
- 27 — Comentário da Agência Noticiosa Angolana (ANGOP) em 5 de Agosto de 1983.
- 28 — *Le Monde*, 22 de Julho de 1983.
- 29 — Comunicado da UNITA n.º 37/83, 25 de Julho de 1983.
- 30 — Comunicado da UNITA n.º 39/83, 31 de Julho de 1983.
- 31 — Despachos da ANGOP provenientes de Luanda, 28 de Julho e 5 de Agosto de 1983.
- 32 — *The Times*, de Londres, 1 de Agosto de 1983, e *Washington Post*, 6 de Outubro de 1983.
- 33 — Despacho da ANGOP proveniente de Luanda, 31 de Julho de 1983.
- 34 — Despacho da ANGOP proveniente de Luanda, 5 de Setembro de 1983.

Notas sobre o capítulo XLVII

- 1 — Savimbi, em entrevista com o autor, no Sudeste de Angola, em 25 de Fevereiro de 1983.
- 2 — Conversas do autor com o coronel Ben-Ben Arlindo Pena em Fevereiro de 1983.
- 3 — Conversas do autor com o doutor Rony Brannan, presidente dos Médicos sem Fronteiras, 16 de Dezembro de 1983.
- 4 — *Guardian e Daily Telegraph*, 16 de Agosto de 1983; comunicado da UNITA assinado por Jonas Savimbi, 14 de Agosto de 1983; comunicado da UNITA n.º 42/83, 18 de Agosto de 1983; Glen Frankel, *Washington Post*, 6 de Outubro de 1983.
- 5 — *The Scotsman*, 16 de Agosto de 1983; *The Times*, de Londres, 1 de Setembro de 1983; notícia da Reuter enviada por David Reid, em Lisboa, 17 de Agosto de 1983.
- 6 — Comunicado da UNITA n.º 42/83, de 18 de Agosto de 1983; *The Times*, de Londres, 18 de Agosto de 1983. (Os primeiros jornalistas estrangeiros a descrever e fotografar Cangamba faziam parte de uma equipa de televisão portuguesa, em Fevereiro de 1983.)
- 7 — *The Scotsman*, 18 de Agosto de 1983.

Notas sobre o capítulo XLVIII

- 1 — *Washington Post*, 6 de Outubro de 1983; Godwin Matatu, informando de Luanda, na edição 147 da revista *Africa*, de Novembro de 1983; *Newsweek*, 10 de Outubro de 1983.
- 2 — O SAM-7 tem um alcance de cerca de 55 quilómetros e é utilizado contra a aviação a grandes altitudes. O SAM-8 destina-se a ser utilizado em ataques a aviões de baixa altitude.
- 3 — Comunicado da UNITA n.º 50/83, 6 de Novembro de 1983.
- 4 — *Washington Post*, 6 de Outubro de 1983; *Newsweek*, 19 de Setembro de 1983.
- 5 — O filme foi exibido no programa *Newsnight* da BBC, em princípios de Janeiro de 1984, e também na cadeia de televisão CBS nos Estados Unidos, assim como na Alemanha Ocidental, Suécia e Japão.
- 6 — *Newsweek*, 19 de Setembro de 1983; *Washington Post*, 6 de Outubro de 1983.
- 7 — *The Scotsman*, 4 de Janeiro de 1984.
- 8 — *Guardian*, 9 e 11 de Novembro de 1983.
- 9 — Comunicado da UNITA n.º 53/83, 15 de Novembro de 1983.
- 10 — *Focus on Africa*, BBC World Service, 26 de Novembro de 1983; comunicado especial da UNITA, 28 de Novembro de 1983.
- 11 — *Times of Zambia*, Dezembro de 1983; *Afrique-Asie*, n.º 362, 2-15 de Dezembro de 1985; Savimbi, em entrevista com o autor, em Likua, Angola, 16 de Dezembro de 1983.

Notas sobre o capítulo XLIX

- 1 — *Economist*, 31 de Março de 1985; *Guardian*, 13 de Janeiro de 1984; James Adams, *Israel and South Africa: The Unnatural Alliance*, Quarter Books, Londres; *The Times*, de Londres, 10 de Janeiro de 1984.
- 2 — *Daily Telegraph*, 30 de Janeiro de 1984; *Financial Times*, 9 de Janeiro de 1984; *Sunday Times*, Joanesburgo, 8 e 15 de Janeiro de 1984; *Rapport*, 15 de Janeiro de 1984; *Pretoria News*, 13 de Janeiro de 1984; brigadeiro G.L. Meiring, oficial comandante da força do território do Sudoeste Africano, escrevendo na edição de Julho da *Strategic Review*, publicada pelo Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade de Pretória.
- 3 — *Economist*, 30 de Março de 1985; *Financial Times*, 5 de Janeiro de 1984; *Washington Post*, 5 de Janeiro de 1984.
- 4 — *Economist*, 30 de Março de 1985; *The Times*, de Londres, 10 de Janeiro de 1984; *Guardian*, 9 de Janeiro de 1984.
- 5 — *Star*, Joanesburgo, 9 de Janeiro de 1984; *Economist*, 30 de Março de 1985.
- 6 — Associated Press em relatório enviado de Pretória, 23 de Janeiro de 1984; brigadeiro Meiring, na edição de Julho da *Strategic Review*; *Economist*, 30 de Março de 1984.

Notas sobre o capítulo I

- 1 — Dirigida pelo repórter José Manuel Barata-Feyo da Radiotelevisão Portuguesa (RTP) na série documental *Grande Reportagem*.
- 2 — *Daily Telegraph*, 2 de Abril de 1984.
- 3 — Idem.
- 4 — *The Scotsman*, 29 de Fevereiro de 1984.
- 5 — *Spectator*, 14 de Abril de 1984; *Daily Telegraph*, 2 de Abril de 1984.
- 6 — Serviço actualizado semanalmente na Amnistia Internacional 09/84, 1 de Março de 1984; notícia difundida pela Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), a partir de Benguela, 22 de Fevereiro de 1984; notícia da ANGOP, a partir do Huambo, 22 de Fevereiro de 1984.
- 7 — *Daily Telegraph*, 2 de Abril de 1984.
- 8 — *Notícias de Portugal*, 13 de Março de 1985.
- 9 — Comunicado da UNITA n.º 2/84, de 26 de Março de 1984.
- 10 — *Jornal de Angola*, 10 de Abril de 1984.
- 11 — ANGOP, Luanda, 25 de Maio de 1984.
- 12 — Presidente Eduardo dos Santos, em discurso num comício político no Namibe, 15 de Junho de 1984.
- 13 — Declaração do Congresso Extraordinário da UNITA, 9 de Novembro de 1985.
- 14 — ANGOP, Luanda, 27 de Setembro de 1985. (A UNITA reivindica ter morto mais de 2000 militares inimigos nas ofensivas de Maio-Julho e Agosto-Setembro. Já que ninguém de fora viu os combatentes, estes números só servem para mostrar que aconteceram combates violentos.)
- 15 — O acordo foi assinado em Praga a 8 de Maio de 1984.
- 16 — *The Times*, de Londres, 23 de Junho de 1984.
- 17 — *The Times*, de Londres, 17 de Maio de 1984.
- 18 — *The Times*, de Londres, 14 e 17 de Maio de 1984.
- 19 — *The Times*, de Londres, 17 de Maio de 1984.
- 20 — *The Times*, de Londres, 14 de Maio de 1984; *Daily Telegraph*, 2 de Abril de 1984.
- 21 — Reuter, Joanesburgo, 22 de Junho de 1984.
- 22 — *The Times*, de Londres, 23 de Junho de 1984.
- 23 — Tass, Luanda, 21 de Abril de 1984; ANGOP, Huambo, 23 de Abril de 1984; Granma, Havana, 25 de Abril de 1984; comunicado da UNITA n.º 10/84, 20 de Abril de 1984.

- 24 — Comunicado da UNITA n.º 15/84, 14 de Junho de 1984.
- 25 — ANGOP Luanda 21 de Janeiro de 1984; ANGOP, Ndalatando, 25 de Junho de 1984; comunicado da UNITA n.º 19/84, 20 de Junho de 1984.
- 26 — Comunicado da UNITA n.º 24/84, 15 de Julho de 1984; ANGOP, Luanda, 14 de Julho de 1984; ANGOP, Cabinda, 16 de Julho de 1984; *Africa Confidential*, vol. 25, n.º 15, 18 de Julho de 1985; *Africa Confidential*, vol. 25, n.º 23, 14 de Novembro de 1985.
- 27 — Comunicado especial da UNITA, 29 de Julho de 1984; conversa do autor, em 1 de Agosto de 1984, com o Departamento Informativo da Lloyds, Colchester, Inglaterra.
- 28 — Comunicado especial da UNITA, 1 de Outubro de 1984; II Congresso Ordinário do MPLA — Partido dos Trabalhadores, Luanda, 2-9 de Dezembro de 1985, relatório do Comité Central sobre a situação político-militar.
- 29 — *Observer*, 5 de Agosto de 1984.
- 30 — *Guardian*, 3 e 27 de Julho de 1984; *Le Monde*, 3 de Agosto de 1984.
- 31 — *Guardian*, 23 de Outubro de 1984; *Le Monde*, 24 de Outubro de 1984.
- 32 — *Washington Post*, 15 de Outubro de 1984.
- 33 — *International Herald Tribune*, 14 de Novembro de 1984.
- 34 — James Brooke, informando do Huambo para o *New York Times*, 31 de Dezembro de 1984.
- 35 — As propostas do Presidente Eduardo dos Santos estavam contidas na mensagem entregue ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Peres de Cuellar, em Nova Iorque a 20 de Novembro de 1984, por Elísio de Figueiredo, embaixador de Angola nas Nações Unidas.
- 36 — *Daily Telegraph*, 26 de Novembro de 1984.
- 37 — *New York Times*, 12 de Novembro de 1984.
- 38 — Declaração do Congresso Extraordinário da UNITA, em Jamba, 9 de Novembro de 1984.
- 39 — Comunicado da UNITA n.º 44/84, 26 de Novembro de 1984; comunicado da UNITA n.º 48/84, 18 de Dezembro de 1984.
- 40 — *Guardian*, 31 de Dezembro de 1984.

Notas sobre o capítulo II

- 1 — *Diário de Lisboa*, 2 de Abril de 1985; comunicados da UNITA n.ºs 2/85, 18 de Janeiro de 1985, 3/85, 23 de Janeiro de 1985, 4/85, 30 de Janeiro de 1985, 11/85, 25 de Março de 1985, e 12/85, 28 de Março de 1985; *Africa Confidential*, vol. 26 n.º 4, 13 de Fevereiro de 1985.
- 2 — Comunicados da UNITA n.ºs 6/85, 26 de Fevereiro de 1985, 7/85, 4 de Março de 1985, e 10/85, 24 de Março de 1985.
- 3 — ANGOP, Luanda, 9 de Janeiro de 1985; Reuter, Jamba, Angola, 13 de Janeiro de 1985; comunicado da UNITA n.º 4/85, 30 de Janeiro de 1985.
- 4 — *The Times*, de Londres, 2 de Janeiro e 15 de Março de 1984; *The Times*, de Londres, 14 de Outubro de 1983; Reuter e Associated Press, Jamba, 14 de Março de 1985; *Daily Telegraph*, 3 de Janeiro de 1985.
- 5 — *Guardian*, 2 de Janeiro de 1985.
- 6 — *The Scotsman*, 15 de Março de 1985; *Le Monde*, 20 de Março de 1984.
- 7 — Rádio Nacional de Luanda, 10 de Maio de 1985.
- 8 — *Sunday Times*, Londres, 12 de Maio de 1985; *The Times*, de Londres, 13 de Maio de 1985.
- 9 — Associação da Imprensa Sul-Africana, 18 de Abril de 1985; *Johannesburg Star*, 17 de Abril de 1985; *Guardian*, 17 de Junho de 1985; *The Scotsman*, 18 de Junho de 1985; *The Times*, de Londres, 23 de Junho de 1985.

- 10 — *Africa Confidential*, vol. 25, n.º 12, 6 de Junho de 1984.
- 11 — *The Scotsman*, 24, 25 e 30 de Maio e 22 de Junho de 1985; *The Times*, de Londres, 24 de Maio de 1985; *Observer*, 26 de Maio de 1985; *Sunday Times*, Londres, 26 de Maio de 1985; *Afrique-Asie*, Julho de 1985.
- 12 — *Financial Times*, 31 de Maio de 1985.
- 13 — *Observer*, 14 de Julho de 1985.
- 14 — *New York Times*, 15 de Julho de 1985.
- 15 — Localizada na África do Sul, de acordo com o Serviço de Escutas da BBC, que ouviu as estações de rádio rebeldes em todo o mundo.
- 16 — Voz da Resistência do Galo Negro, 28 de Julho de 1985.
- 17 — Victoria Brittain, *Guardian*, 19 de Setembro de 1985.
- 18 — Anthony Robinson, *Financial Times*, 9 de Outubro de 1985.
- 19 — Michael Hornsby, *The Times*, de Londres, 9 de Outubro de 1985.
- 20 — O relato das campanhas de Cazombo-Mavinga e suas consequências foi recolhido de muitas fontes. Estas incluem a minha própria entrevista com Savimbi, em Jamba, em 25 de Agosto de 1985, quando as colunas do MPLA se aproximavam de Cazombo e Mavinga; diversos comunicados do MPLA e da UNITA; *Sunday Times*, Londres, 15 e 29 de Setembro de 1985; *Guardian*, 18, 19 e 20 de Setembro e 2 e 9 de Outubro de 1985; *Daily Telegraph*, 20 de Setembro e 2 e 9 de Outubro de 1985; *The Scotsman*, 21 de Setembro, 1 e 2 de Outubro de 1985; *Washington Post*, 10 de Outubro de 1985; *Newsweek*, 21 de Outubro de 1985; *Washington Times*, 13 de Novembro de 1985.
- 21 — Comunicados da UNITA n.ºs 14/85, 20 de Novembro de 1985, e 63/85, 26 de Novembro de 1985; ANGOP, Luanda, 25 de Novembro de 1985.
- 22 — *Daily Telegraph*, 25 e 28 de Setembro de 1985; *Guardian* e *The Times*, de Londres, 24 de Setembro de 1985.
- 23 — *Washington Post*, 2 e 11 de Novembro de 1985; *New York Times*, 25 de Novembro de 1985.
- 24 — *Economist Foreign Report*, 15 de Dezembro de 1985.

Notas sobre o epílogo

- 1 — Amnistia Internacional, Secretariado Internacional, Janeiro de 1986.
- 2 — O relatório de 8000 palavras de Marquez foi, em primeiro lugar, editado numa publicação oficial cubana, *Proceso*, em Janeiro de 1977. Foi publicado em série em três edições do *Washington Post*, 10-12 de Janeiro de 1977, sob o título «Cuba in Africa: Sud Che Planted». Esta afirmação encerrava uma certa ironia, em vista do encorajamento que Guevara dera a Savimbi no sentido de este combater a partir de bases de guerrilha permanentes em Angola.
- 3 — Feita num discurso de Castro em Conacri, Guiné, e publicada na *Granma Weekly Review*, 28 de Março de 1976.
- 4 — *International Herald Tribune*, 4 de Dezembro de 1985.
- 5 — John Marcum, *Africa Notes* (Centro de Estratégia e Estudos Internacionais da Universidade de Georgetown), n.º 52, 20 de Dezembro de 1985.
- 6 — *Granma Weekly Review*, 2 de Maio de 1976; Barry A. Sklan, *Cuba: Normalization of Relations*, Issue Brief n.º IB75030, Serviço de Pesquisa do Congresso, Biblioteca do Congresso 3 de Março de 1976, 23.
- 7 — Wilfred Burchett, *Southern Africa Stands*, Urigen Books, New York, 1978, p. 34.
- 8 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, p. 269; John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 258.
- 9 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 185.
- 10 — Idem, *ibidem*, p. 58.
- 11 — John Marcum, *The Angolan Revolution*, vol. II, pp. 268-273.

- 12 — Arthur Jay Klinghoffer, *The Angolan War: A Study in Soviet Policy in the Third World*, p. 112.
- 13 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 30 de Janeiro de 1977.
- 14 — Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 30 de Janeiro de 1977; Jorge Dominguez, *Cuba: Order and Revolution*, Belknap Press of Harvard University Press, 1978, pp. 354-355; John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 170.
- 15 — Documento secreto, de 2 de Novembro de 1975, de Sean Macbride para o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim; Robert Moss, *Sunday Telegraph*, 6 de Fevereiro de 1977.
- 16 — John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, p. 231.
- 17 — «O Papel das Potências Ocidentais na África Austral», por Colin Legum, em *After Angola: The War Over Southern Africa*, London, Rex Collings, 1976, pp. 21 e 40.
- 18 — Nyerere fez essa declaração numa entrevista concedida ao *World Service* da BBC, em Abril de 1976. Em resposta, no dia 27 de Abril, durante uma visita à Zâmbia, Henry Kissinger disse: «Sei que nada fizemos em escala substancial em Angola até ter existido intervenção maciça soviética e cubana.»
- 19 — *Tribune*, Paris, 11 de Setembro de 1982.
- 20 — *Jeune Afrique*, 29 de Agosto de 1984. Surgiram notícias na imprensa, após o Acordo de Lusaca, segundo as quais o MPLA e as forças sul-africanas mataram dissidentes da SWAPO no Cunene.
- 21 — *New York Times*, 23 de Janeiro de 1981.
- 22 — *Catch 22*, por Joseph Keller, Jonathan Cape, Londres, 1962.
- 23 — *Amnistia Internacional, Prisão Política na República Popular de Angola*, Londres, Março de 1984.
- 24 — Gerald Bender, «Angola: Left Right and Wrong», in *Foreign Policy*, n.º 43, Verão de 1981, Carnegie Endowment for International Peace, New York.
- 25 — Congressista Ted Weiss, *Newsletter*, 6 de Novembro de 1985.
- 26 — *Guardian*, 2 de Março de 1981.
- 27 — Willis Player, do *San Diego Tribune*.
- 28 — Presidente Eduardo dos Santos numa entrevista com Jim Hoagland, redactor estrangeiro do *Washington Post*, 29 de Outubro de 1985.
- 29 — *Guardian*, 14 de Dezembro de 1985. Os dois outros líderes da linha dura retirados do Politburo eram Ludi Kissassunda, um antigo chefe da Segurança, sob as ordens de Agostinho Neto, e Henrique Santos Unambwe, ministro da Indústria e antigo oficial da Segurança.
- 30 — *International Herald Tribune*, 10 de Junho de 1986.
- 31 — Presidente Eduardo dos Santos, citado no *Christian Science Monitor*, 3 de Fevereiro de 1984.
- 32 — *Guardian*, 20 de Dezembro de 1985.
- 33 — *Christian Science Monitor*, 11 de Fevereiro de 1984.
- 34 — Stephen Glover, *Daily Telegraph*, 18 de Novembro de 1982.
- 35 — 19 de Setembro de 1985.